

LUIZ CARAMASCHI

SERÕES TEOLÓGICOS

E

SERÕES FILOSÓFICOS

**Os gênios, assim como as águias,
hão de ver primeiro o Sol; elas, o Sol dos
dias; eles, o das idades. São
quais auroras de luz, as madrugadas
de idéias, que, banhando primeiro os
montes, atingem primeiro as águias.**

Luiz Caramaschi

Sociedade Filosófica "Luiz Caramaschi"

Praça Arruda, 54 - Caixa Postal 44 - Fone 0xx-14-3351.1900

18800-000 - PIRAJU - SP

2003

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ÍNDICE

SERÕES TEOLÓGICOS

Prefácio.....
I - Primeira Jornada Filosófica.....
II - Segunda Jornada Filosófica (de Descartes a Leibniz).....
III - Segunda Jornada Filosófica (Kant).....
IV - Segunda Jornada Filosófica (Hegel, Schelling e Fichte).....
V - Segunda Jornada Filosófica (Crítica a Kant).....
VI - Idéia de Deus formada pela visão da vida.....
VII - O triângulo - Kant, Platão e Aristóteles.....
VIII - Debate sobre a filosofia dos Espíritos.....
IX - Incoerência da Doutrina Espírita.....

SERÕES FILOSÓFICOS

I - Estudo do movimento vorticoso.....
II - Gênese do Universo.....
III - Axiologia e arte do futuro.....
IV - Economia.....

PREFÁCIO

O último labor filosófico é o Mito

"Desde que o selvagem percebe que não existe por si mesmo, interroga a Natureza e faz render um tosco, mas sincero culto a um Ente Supremo, que é o Criador do Mundo"

(1.º Grau do Rito Escocês da Maçonaria)

Nenhum agrupamento humano atingiu a condição de civilização sem o concurso de uma religião.

O homem sempre filosofou, sempre auscultou a natureza, dentro e fora de si mesmo. Sentiu, em suas lucubrações, que o Mundo o interpenetra e ele o integra. Sabe-se objeto de um Sujeito-Mor, juntamente com o Mundo que o rodeia.

Tal Sujeito-Mor, já na consciência do primeiro pensador (o selvagem), que o descobre, por necessidade filosófica, é indefinível. Sente-O na quietude do lago, em cujo espelho refletem-se as árvores de suas bordas, e nos pássaros cujo canto o eleva e que, em pleno vôo, confirmam o Seu existir. Não O inventa, mas descobre-O, como mais tarde descobrirá, ou não, o Π (Pi), que é a relação entre o comprimento da circunferência e seu diâmetro, que o será, independentemente de sua descoberta ou não.

Entretanto, observando um pássaro, entre todos, no seu pleno vôo, o vê mergulhar nas águas do lago e de lá trazer em seu bico indefeso peixe, que servirá de repasto a si e seus filhotes. Deus de força? Indaga o selvagem.

Ao lado de um Deus bondadoso, há um anti-deus que premia os astutos, ou fortes e violentos. E como Deus não poderia tê-lo criado, deve ser resultado de um colapso que ocorreu após a criação. A idéia da queda está na raiz das concepções místicas. Assim o conceberam os primeiros primitivos filósofos, e nisso se cifra o Mito da Queda dos Anjos, presente em todas as religiões superiores.

Coube a Luiz Caramaschi, na obra da sua vida, buscar a conexão entre os conhecimentos científicos e a sabedoria embutida nas religiões superiores e na filosofia, estabelecendo um elo de união entre as duas formas de saber.

As ciências todas, colocadas como deusas, mostraram-se insuficientes na busca da felicidade, mas propiciaram, entretanto, grande desenvolvimento tecnológico jamais sonhado. E como as ciências buscam o conhecimento através do estudo das partes, e dentro delas as partes ainda menores, analisando-as, e caminhando no rumo do conhecimento do menor cada vez menor, do insignificante, ou seja, até às raízes da matéria, da energia pura, transformaram o Trono de Deus em uma poltrona vazia. As religiões e as filosofias todas caíram em ridículo. Como resultado disso, a família mostra sinais de rompimento de seus vínculos e seus membros caminham para o embrutecimento.

Ao lado disso tudo, a Teoria da Evolução, capitaneada por Charles Darwin, com o livro "Da Origem das Espécies por Via da Seleção Natural", editado em 1.859, colocou a última pá de cal por sobre o que restava da Doutrina da Criação totalmente esquecida pelas ciências.

Porém, do próprio veneno saiu o remédio. Das discussões dos filósofos e dos religiosos, a respeito da substância de Deus, estéreis até então, tornou-se claro na mente

do autor ser o Amor a substância de Deus e que, entendendo-o como energia, estava o Amor submetido por via de consequência, às condições de transformabilidade. Mostrou-se possível, assim, a degradação da substância AMOR até o mais profundo nível de concentração, no caos primeiro, do Colosso Primitivo, do qual surge o nosso universo material, a partir do Big Bang. Isso, em decorrência da Queda das Almas referida em todos os Mitos superiores.

Dessa forma, uma velha idéia, em roupagens inteiramente novas, admissível via razão, explica o mal no Mundo, como o primeiro filósofo-selvagem o percebeu, nos primeiros raios que o deslumbraram e o forçaram a dizer aos seus contemporâneos de um Deus todo bondade que premia o bem. Tal idéia, mãe da civilização, tirou o homem de sua animalidade e o pôs no caminho do santo e do sábio.

E toda vez que o homem se afasta da idéia de Deus a civilização entra em colapso e rui como o atesta a história. A ciência não traz sabedoria e sim conhecimento que torna mais eficiente a prática do mal, que corrompe os costumes e desintegra a família.

Só o binário Sabedoria (como forma) e Amor (como substância) torna possível a felicidade sonhada em todas as utopias.

Alcançado o Mito, o último labor filosófico, coube a Luiz Caramaschi sintetizar todo o conhecimento científico, desentranhando a sabedoria embutida nos mitos e nas filosofias todas, porque os estudos científicos, visto serem discursivos, através de análises, buscam as partes, cada vez menores, em seres, cada vez mais rudimentares e simples, que não levam a Deus. Ao contrário, a filosofia, através das sínteses dos opostos que buscam novos pares, na construção de seres cada vez mais complexos e, de união em união, busca a plenitude de Deus que não possui contrário e, por via de consequência, é Geral, Imutável, Intemporal, Inespacial, Incausal, com atributos oriundos do AMOR, tais como Bondade, Benignidade, Luminosidade, Inefabilidade, Perdoabilidade, etc... etc...

Através dessa obra entender-se-á porque escreveu São João em seu Apocalipse, Capítulo 12, Versículos 7 a 9, onde se lê:

"Aconteceu então uma batalha no céu; Miguel e seus Anjos guerrearam contra o Dragão. O Dragão batalhou juntamente com seus Anjos, mas foi derrotado, e no céu não houve mais lugar para eles. Esse Dragão é a antiga Serpente, é chamado Diabo ou Satanás. É ele que seduz todos os habitantes da terra. O Dragão foi expulso para a terra, e os Anjos do Dragão foram expulsos com ele."

Tal verdade, tida por fé, nunca teve uma explicação racional e lógica que agora se encontra neste e noutros livros do mesmo autor e constitui-se no fundamento da Terceira Jornada Filosófica.

Bragança Paulista, 19 de Fevereiro de 2.003

Seth Caramaschi

Serões Teológicos

Capítulo I

Primeira Jornada Filosófica

Árago Pandagis reside na cidade de Cananéia, desde que se aposentou no serviço público. Ali vive ele na sua contemplação metafísica, na sua visão racional, buscando o meio que tudo integra e a tudo dá sentido, sobretudo faz isto através das forças da inteligência.

Estava ele, certo dia, a retecer sua rede, sentado no terreiro de um barraco que tem na foz do rio Mandira, quando lhe surgiu Chilon Aquilano, que o tirou para a discussão, para o conflito. Desde esse dia começaram as reuniões em sua casa de Cananéia, que fica próximo ao Mar de Cubatão. Gosta o mestre de recitar, de cor, o soneto de Mário Pederneira, e, ao tempo em que o faz, vai mostrando nas vizinhanças da casa suas realizações. Parece tomar o mestre o canto poético por esquema do que executou. E declama:

*“Vem conhecer amigo esta locanda,
Toda aromada de jardins e horta.
Um jasmineiro em flor sobre a varanda,
E cantigas do mar chorando à porta.*

*O mar fica fronteiro
À nossa honesta e plácida vivenda.
Um mar de lenda
Apertado em eterna calmaria,
Na mais linda baía,
Na mais linda, talvez, do mundo inteiro”.*

(Afrânio Coutinho, A Literatura no Brasil, vol. III, T. 1, pág. 323)

Tanto que cai a noite, dona Cornélia, esposa de Árago, abre de par em par as janelas da biblioteca para refrescar. Os estudiosos que pouco a pouco se vão ajuntando, ao chegarem à casa, entram familiarmente, para a sala da biblioteca, e aí aguardam a entrada de Árago para os “serões” costumeiros.

Essas tertúlias principiaram a ter mais freqüentadores do que no tempo dos “Serões Bíblicos”. Chilon Aquilano foi o primeiro a procurar o mestre; depois, acercou-se o materialista Benedito Bruco; pouco mais, e veio Hierão Orsoni, espírita confesso e pescador de profissão. Finalmente, passaram a ser freqüentadores Basílio Desiró, Bernardo Jasão, Alcino Licas, Bento Caturi, Frederico Hêning, além de outros visitantes fortuitos, tais como, Antonio Varrão, Arlindo Helisiano, Virgílio Hurão, Romão Sileno, João Iguano, e outros.

Muitos destes estavam presentes na sala da biblioteca conversando sobre variados temas, quando, à entrada de Árago, todos ficaram silentes. Depois dos cumprimentos habituais, dirigiu-se Árago a Chilon interrogando-o.

– Hoje terão início os nossos “Serões Teológicos”?

– Sim, foi o que o senhor nos prometeu.

– Todavia esse assunto não me é muito agradável, observou Benedito Bruco.

– Por que? - tornou o mestre.
 – Porque pressinto que iremos arrazoar sobre coisas da fé... tomando-as como premissas dos raciocínios. Os mistérios revelados são o ponto de partida para a teologia. Ora, se me põem o cabresto logo de início, vou dar onde me levam. Diz Garcia Morente: “Visto que entre a fé do teólogo e a razão do filósofo não pode haver discrepância, a filosofia deverá ter por axioma certo que toda suposta demonstração racional da falsidade de um artigo de fé, há de ser necessariamente falsa e sofisticada”.¹

Eis aí uma canoa em que não entro! “A verdade racional e a verdade da fé não podem contradizer-se”, diz Garcia Morente. E prossegue: “ambos saberes são verdades e não podem contradizer-se, por que os princípios do raciocínio foram postos em nós por Deus, que é o mesmo autor da revelação recebida pela fé”.² Ora, essa! Se o autor dos princípios do raciocínio é o mesmo autor da revelação, e por isso, ambos não podem contradizer-se, se a razão se opõe à fé, tanto pode estar errada a razão, como pode estar errada a fé. E de tantas as fés antigas e modernas qual será a verdadeira? Não é certo que todos os povos de todos os tempos e de todos os lugares dizem ter recebido suas revelações de Deus?

Muito bem prezado Bruco, tornou o pensador; essa teologia sobrenatural não será o objeto de nossos estudos; só de passagem a ela nos referiremos; a nossa será a teologia natural, alcançada pelas vias da razão, a qual Leibniz denomina *teodicéia*, e que, etimologicamente, significa *justiça de Deus*. É a esta *teologia natural* que São Tomás chama de *filosofia*. Portanto, nossos serões serão filosóficos, com referências indispensáveis à teologia.

E, depois de pensar um pouco, exclamou o mestre:

– Coerente com o que acabo de dizer, analisemos a frase: “Primum vivere, deinde philosophari”! Acaso sabe você o que quer dizer isto, Chilon?

– Sei. Quer dizer que primeiro precisamos ganhar a vida, para depois entregar-nos a especulações filosóficas.

– É e não é, acudiu o mestre. É esse o sentido que sempre se deu a essa frase latina. Mas essa é a filosofia dos não filósofos. Quem passa a vida cuidando de amontoar riquezas para depois filosofar, fica também a amontoar haveres depois. E o filósofo que o é, por natureza, não liga a ganhar dinheiro, a amontoar bens, para filosofar depois. Uns buscam riquezas e outros, sabedoria; no fim da vida cada um fica com o que procurou adquirir... Mas ainda não é esse o sentido que quero dar à frase; quero dizer que primeiro precisamos viver boa parte da vida, para ter experiência, para só depois poder filosofar. É por isso que o filósofo necessariamente terá de ser homem maduro, não tanto no sentido cronológico, mas, no psíquico e mental. É preciso madureza intelectual e espiritual. Vocês todos já ouviram sobre gênios precoces das matemáticas como Gauss, e da música, como Mozart. Ninguém, todavia, ouviu falar de filósofos precoces. Conquanto Leibniz fosse chamado “o velho” pelos seus colegas de estudos, só produziu coisas grandes na maturidade dos seus anos e na velhice. Por que? Porque “primum vivere, deinde philosophari”! É preciso “vivência”, como diz Garcia Morente. Ninguém fará filosofia sem primeiro ter vivido em profundidade e extensão. Esta experiência vital enriquece a mente de intuições e conceitos sem os quais impossível será o pensar filosófico.

A estas últimas palavras de Árago interveio de novo Benedito Bruco:

– Acho que as lidas, tribulações e experiências da vida endurecem o homem, dando-lhe constância e firmeza. Logo, o homem vivido, enrijado pela experiência, deixa de ser plástico e moldável. “Ninguém gosta de reformar suas idéias depois dos quarenta” como diz Fritz Kahn. Sua visão da verdade, portanto, fica deformada pela vivência que teve. Schopenhauer, porque tinha mãe inteligente, que até era escritora, acabou cuidando que herdamos da mãe a inteligência, e do pai, a força e o caráter. Como foi desprezado desde a infância, ficou pessimista, e só pôde achar consolo no budismo nihilista. Eis no que foram dar as suas vivências.

– Está certo, atalhou o mestre. E com isto você me força a declarar outra qualidade primacial do homem filósofo. É preciso vivência e juntamente infantilidade.

– Absurdo! acudiu Bruco; como pode ser infantil e experiente, ao mesmo tempo?

– Pois a criança é curiosa, interessa-se por tudo, e conservando sempre a alma aberta, não

1 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 126

2 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 127

se enrijece na opinião irredutível. É viva, perscrutadora, admira-se de tudo, não se fanatiza, conquanto seja sugestionável. Este estado de plasticidade mental, esta capacidade de problematizar tudo, esta admiração que o homem feito, enrijecido, encanecido não possui mais, é próprio da criança. Cristo chamava aos homens definidos, aos que têm opinião formada sobre tudo, de odres velhos nos quais não se podia pôr vinho novo. “Quem não se tornar como as crianças, sentencia Cristo, não entrará no reino dos céus”. Aquele igualmente que não puder manter-se pueril, não será filósofo. “Aquele para quem tudo resulta muito natural, para quem tudo resulta muito fácil de entender, para quem tudo resulta muito óbvio, nunca poderá ser filósofo”³. Esta é a causa por que “Platão preferia tratar com jovens a tratar com velhos. Sócrates, o mestre de Platão, andava entre a mocidade de Atenas, entre as crianças e as mulheres”⁴.

E voltando-se o mestre para Bruco, interrogou:

– Está satisfeita sua crítica com estas considerações?

– Não está. Porque os jovens e as mulheres são sugestionáveis, enquanto acho que os filósofos devem ser persuasíveis. E aí está uma qualidade de velhos que não se rendem a não ser às persuasões. A idade confere ao homem o senso crítico, a exigência de rigor. Ninguém jamais viu nos palcos os hipnotizadores operarem com velhos, visto que são resistentes à hipnose por causa da auto-análise. As massas humanas são sugestionáveis, porque pueris, e por isso é bem estulta a chamada “sabedoria popular” que ouvimos por aí, condensada em ditados, tradições e usos.

– Falou você com acerto, meu caro Bruco, tornou Árago. Aí estão as três qualidades do filósofo: novidade e rigorismo; interesse, entusiasmo, penetração lógica e espírito crítico. Ser como as crianças, por uma parte, e como os velhos, por outra. Persuasíveis como os velhos e ao mesmo tempo sugestionáveis e entusiastas como as crianças. A coruja de Minerva é o símbolo da filosofia, por ser a ave de olhar sempre deslumbrado.

– Agora estou contente, replicou Benedito Bruco.

– É assim que, atalhou Árago, todo pensador deve ter presente a distinção entre opinião e conhecimento. Platão chamava *doxa* a opinião, donde vem que *para doxa*, ou *paradoxo*, é o que se opõe à opinião frontalmente, dizendo o oposto do que diz. Esta oposição à opinião é o que Platão chamava de *epistême*, que é a ciência; e a dialética é a arte de jogar com as *epistêmes* que são conceitos e juízos. Por isto todos os filósofos da segunda jornada filosófica, que são os da Renascença, a começar por Descartes, iniciam seus estudos pela epistemologia que é a teoria do conhecimento.

– Não seria bom também começássemos por aqui? Acudiu Chilon Aquilano.

– Terá de ser, tornou Árago; todavia, há uma coisa mais importante a ser estudada antes da epistemologia.

– Qual? Inquiriu Chilon.

– É a historicidade da filosofia. Todo filósofo tem de refazer o caminho da filosofia desde o início, visto que nenhum saber é tão necessariamente histórico como a filosofia. Filosofia é problematização no tempo; história da filosofia, pois, é a história dessa problematização. Ontologia e metafísica através dos tempos, eis o que é a filosofia. Mas não é só isso; a filosofia é diálogo, polêmica e crítica; por isso o filósofo tem necessidade de discutir suas verdades para que seu pensamento interior se complemente pela participação. O repto que recebe daqueles a quem fala é o estímulo necessário a fazer sua mente trabalhar. A análise, a dialética e o diálogo são necessários ao desenvolvimento da filosofia. Assim foi na escola de Sócrates, assim na de Platão, assim na de Aristóteles. A filosofia de Platão foi dada nesta forma - a de diálogo.

Depois de esticar as pernas por baixo da mesa, espreguiçando-se também com os braços, prosseguiu o mestre:

– A história da filosofia é a de uma grande polêmica no tempo, e no espaço, em que os homens inteligentes da Terra vieram expor seus pontos de vista. E nós também iremos ver, de modo rápido, perfunctório, o que já se fez neste sentido, depois do que exporemos nossas conclusões.

E depois de meditar um pouco, tocou por diante o mestre:

3 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filodofia, 35

4 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 35

– A filosofia nasceu, certo dia, na Grécia, em virtude de os gregos haverem perdido a fé nos deuses. Decadente a religião, os gregos entraram numa época de liberdade, visto que esta só existe no começo das ações; desencadeadas estas, livremente, o homem se vê preso às cadeias de conseqüências, criando destarte um determinismo do qual impossível será fugir. Ora bem: os gregos viveram condicionados aos princípios religiosos que eram a sua verdade. Duvidosos depois da verdade que os animava, entraram numa fase caótica em que cada um se pôs a procurar sua verdade. A isto é que chamo época da liberdade. Exatamente como aconteceu na Grécia, aconteceu no fim da Idade Média, na época do Renascimento. Aqui também se duvidou do estabelecido, entrando o homem em liberdade, e, com esta, principiou uma nova era na história da filosofia. O chamado Realismo grego cedeu lugar à nova forma mental iniciada com Descartes a que se deu o nome de Idealismo ou filosofia moderna.

Encarando o mestre os presentes, como a lhes chamar a atenção, prosseguiu: e a hora presente é a de nova liberdade, impondo-se, como tem de ser, uma nova jornada filosófica, igual à primeira grega, nascida da polêmica entre Parmênides e Heráclito, igual à segunda, nascida de Descartes e continuada até sua exaustão pelos filósofos pós-kantianos Fichte, Schelling e Hegel. Com Augusto Comte a filosofia deixou de ser filosofia, e com Herbert Spencer esbarrou ela com os fatos da evolução, colocando-se aqui o problema ainda não solucionado do nosso tempo: se a evolução veio do caos, Deus criou o caos; e como o caos é a negação do Ser, ou Deus criou a sua negação, ou afirmou-se no que é: como negação também. Depois disto, não houve mais filosofia... sistemática, isto é, que nos mostrasse tudo em globo unitário. Como o refere Ortega Y Gasset, “desde 1880 acontece que o homem ocidental não tem uma filosofia vigente. A última foi o positivismo. Desde então só este ou aquele homem, este ou aquele mínimo grupo social tem filosofia. O certo é que desde 1800 a filosofia vai deixando progressivamente de ser um componente da cultura geral e, portanto, um fator histórico *presente*. Ora, isto jamais aconteceu desde que a Europa existe”⁵.

– Protesto! Exclamou Benedito Bruco, – como pode Ortega, sem mais nem menos, subestimar o esforço de todos os que estão elaborando a chamada filosofia nova? Acaso o próprio Ortega não é filósofo? E, pois, como assim sem mais aquela se o elimina?

Voltando-se o pensador para Bruco, retrucou-lhe:

– Ora, prezado Bruco! Ortega se refere a filosofias sistemáticas. É certo que o pensamento novo, em filosofia, é muito agudo, muito claro, muito convincente, mas não forma sistema sobre o qual se apoie o moral e o social. “Sobre isso devia meditar incansavelmente Dilthey quando baralhava sem descanso as filosofias e concluía, melancolicamente, que não pode haver outras senão as que foram”⁶. Ora, “imobilizar-se no passado é o mesmo que morrer”⁷ (op. cit. 153).

– Logo, estamos morrendo? – interrogou Bruco.

– Estamos. Filosoficamente estamos. E esta morte vai invadindo os outros setores do corpo social.

– Como o senhor prova isso?, tornou Bruco.

– Provo-o com os fatos do nosso contorno. Os velhos tabus se desmantelaram, com tornar-se a sociedade mais transigente. Os moços se rebelam e cantam na televisão e no rádio suas músicas de protesto. Sob a rubrica de realismo, o que se lê nas revistas e nos livros é obscenidade crua. A censura cinematográfica e televisionada afrouxou-se, permitindo-se a exploração do que outrora era considerado pornografia. Os costumes e a moda tornaram-se livres, ousados, tornando possível todas as extravagâncias próprias duma sociedade do vale-tudo. “Estamos vivendo numa sociedade babilônica”, diz o historiador e jornalista Max Lerner. “Dá-se ênfase aos sentidos e à liberação da sensualidade. Os velhos códigos foram todos revogados” (Seleções do Reader's Digest- maio/68, pág. 124). Os moços de hoje, em suas atitudes psicodélicas, tacham os homens da velha geração de “quadrados”; afirmam que a velha geração fracassou, visto que legaram a eles um mundo antes pior que melhor. No entanto, eles não se preocupam em criar padrões novos nem morais nem sociais. A missão vandálica dos modernos

5 Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 165, 166

6 Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 136

7 Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 153

moços é pôr abaixo todos os valores. A mediocridade e a extravagância de puros homens-massa é ovacionada nos palcos da televisão, onde os valores nulos, menos que nulos, negativos, fazem as vezes de gênios da música, e do teatro; acontecendo o mesmo com a literatura e a pintura. Estamos vivendo o Apocalipse!

Dito isto, passou o pensador a remexer numa pasta, uns recortes de jornais, depois do que continuou:

– Para vocês terem uma idéia de para onde caminha o mundo, leiam o jornal “Folha de São Paulo”, n.º 14207, de 9 de maio de 1968, página 10, 1.º caderno; aqui está o recorte: trata-se do relato do casamento do pintor Waldomiro de Deus que se casou de mini-saia, comendo banana, com Mimimaria – Maria Aparecida -, ao som da música de Caetano Veloso. O casamento foi celebrado por um outro pintor – Piero Luisi. E concluiu o filósofo: mas tudo está certo; para que se possa construir o novo, alguém deve impor-se o trabalho de destruir o velho. O terreno tem que ser preparado para novo plantio: eis a função social da mocidade moderna; por isto, neste sentido, quanto pior, melhor...

E após meditar um momento, exclamou o pensador:

– Mas vamos ao nosso assunto:

– A grande polêmica iniciou-se com Heráclito que via no seu “panta-rei” o eterno fluir das coisas que nunca se repetem, voltando a ser o que dantes eram. A realidade para ele era um devir constante, um constante vir-a-ser. As coisas não são, porque, no ponto que são, já estão indo para o que irão ser. O ser para Heráclito é um vir-a-ser, um tornar-se incessante, donde vem que nunca tomamos banho no mesmo rio. Se as coisas são, no mesmo ponto que deixam de o ser, não são. Por isso o que existe é o *não-ser*, porque o que é já não é, e o que vai ser, ainda não é.

Este repto de Heráclito, prossegue o filósofo, forçou a réplica de Parmênides. Eis aqui o processo histórico da tese, antítese e síntese de Hegel. Parmênides, cognominado “o grande” por Platão, contraditou Heráclito dizendo: *o ser é*, em lugar de: *existe o não-ser*. Impossível, diz ele, que o não ser seja. O ser, logo, não é o fluir das coisas, mas aquilo que está por debaixo desse fluir, comandando esse deslizar. Então o ser não pode ser as coisas, porque estas se transformam, para ser a essência que subjaz a elas, imutável, constante, fora do tempo. As coisas estão no tempo, e o ser está fora do tempo. Este ser intemporal não pode ser dois nem três, porque, se são iguais, se fundem num só; se são diferentes não se conhecem, não se interatuam, e cada um fica como se fora um. Se houver muitos seres, cada um consistirá num mundo à parte, sem participação, e por isso não podemos saber se existem seres além do ser do nosso mundo do qual somos partícipes. Por isso, para Parmênides, o *ser* tem que ser uno, total, imóvel, eterno e infinito. Daqui podemos já tirar duas conseqüências: a primeira é que este ser metafísico é indefinível, porque definir uma coisa é limitá-la dentro de um todo maior, é enquadrá-la dentro desse todo. Definir é traçar “fines”, limites, e o ser não tem limites por ser infinito, não tem começo nem fim, por ser eterno. Logo o ser é indefinível. Ora, o ser é o objeto da metafísica; e não podendo a metafísica delimitar o seu objeto, não pode ser ciência. Então a filosofia não é ciência, como acertadamente o afirma Kant, não passando ela duma disciplina do pensamento como a chama Garcia Morente (Fundamentos de Filosofia, 36). A segunda conseqüência é que este ser indefinível é Deus. Este ser que constitui a essência das coisas, a lei ou princípio delas, é sua parte inteligível; nós as entendemos, nós as temos no pensamento, porque nelas há o pensamento – a forma, como lhe chama Aristóteles, ou essência, conforme o dizer de Platão. O real, por conseguinte, é esse pensamento que está nas coisas, que nós entendemos, e por isso passa a estar também na nossa inteligência. O realismo para Parmênides e para Platão, é o ideal, mas feito desse pensamento que, em primeira instância, está fora de nós. Platão não é idealista, e sim realista, porque ele situava essa realidade fora de si. Devemos reagir contra alguns filósofos modernos, e estar com Garcia Morente que diz: “querer converter Platão em um idealista é falsear por completo a posição e a solução do problema metafísico tal como o propunham os gregos”⁸.

Zenão de Eléa propôs o problema de Aquiles e a tartaruga. Segundo a doutrina da escola eleática, cujo chefe é Parmênides, Aquiles não poderia nunca alcançar a tartaruga, desde que, ao começar a corrida, Aquiles saísse um pouco atrasado. Na prática Aquiles alcançaria a tartaruga

em três pulos; mas na teoria, isto é, no cálculo, quando Aquiles alcançasse a tartaruga, ela ter-se-ia deslocado mais um pouco; e vencido, Aquiles, esse pouco, ela se adiantaria outro pouco, se bem que menor, e assim por diante. Desde que o espaço pode ser dividido infinitesimalmente, o cálculo dá uma divisão infinita. Com isto Zenão provava a ausência de movimento, mas aonde? Claro que no plano das idéias que não no mundo da realidade objetiva. Proposto o problema a Diógenes, a resposta deste para provar o movimento, consistiu em levantar-se e andar. Mas isto é responder num plano de existência a uma proposição feita e válida em outro. É no cálculo, e não na realidade física, que Aquiles não alcança a tartaruga. De igual modo, quando Descartes sustentava que o movimento é relativo ou recíproco, donde vem que tanto vale dizer que o móvel dirige-se para o seu alvo, como o alvo é que se move para o seu objeto, quando Descartes afirmava isto, o filósofo inglês Henry More replicou: “quando um homem corre para um fim, estafando-se e cansando-se, sabe muito bem se é o móvel ou o fim que está realmente em movimento”⁹ (Jacques Maritain, *Introdução Geral à Filosofia*, 88). Eis aí, de novo, o mesmo método de refutação a Zenão: Descartes falava de um modo teórico daquilo que sucede no plano do pensamento, e Henry More, tanto como Diógenes, respondem com um sucesso prático, com um ato físico. E é exatamente nisto que se resume a sofística: fundar a premissa num plano, e tirar as conclusões em outro. Não adianta clamar, como faz o padre Orlando Vilela ao dizer: “infelizmente, a raça dos sofistas é imortal!...” (*Iniciação Filosófica*, 29). É preciso fazer a diagnose dessa enfermidade do espírito que é a sofística, e ela consiste nada mais nada menos do que fundar a premissa num plano, para depois concluir em outro. Sofistas, logo, foram Diógenes e More, e não Zenão e Descartes.

– Nada disso! bradou Alcino Licas. Negar o movimento é coisa que nem um asno o faz! Sofistas hão de ser, por certo, Zenão e Descartes!

– Acha você, então, que Diógenes e More tinham razão?

– Que dúvida! – Logo a realidade está no tornar-se, no vir-a-ser, pelo que as coisas sempre estão deixando de ser o que são, para serem outras?

– Exato.

– Então Heráclito estava certo ao afirmar que o ser não é, ou que o não-ser é?

– Estava.

– E dizer que o não-ser é, não implica absurdo ou contradição? Acaso não consiste isso em fazer a afirmação de uma coisa que já vem negada em si mesma? Como pode consistir o ser no que não é? Tem que ser como o enuncia Parmênides: o não-ser não é, e o ser é.

– Se o ser é, ou se o não-ser não é, eu não sei, tornou Licas. O que sei é que há o movimento, e as coisas a mover-se e a transformar-se; esta que é a minha vivência, a minha experiência sensível. Distingo no mundo duas realidades: as coisas em mudança e transformação, e as coisas em movimento no espaço.

– E as coisas, sejam em mudança e transformação, sejam em movimento no espaço, de que são feitas, de que se constituem, ou de que consistem?

– De matéria, ora essa.

– E a matéria que é, segundo os últimos resultados da ciência?

– Movimento. Em sua íntima estrutura a matéria é puro movimento.

– Mas é possível haver movimento sem móvel?

– Não.

– Então porque você disse “puro movimento”, quando o movimento não pode ser puro, visto não prescindir do móvel?

– Retifico então: a matéria é movimento de algo...

– E que é esse “algo”, esse primeiro móvel a mover-se para que a matéria exista?

– Ah! Isso não sei.

– Pois esse primeiro móvel é o “não-sei-que” de Locke; esse seu “algo”, esse “não-sei-que” se move, e desse movimento surge a matéria. De maneira que no fundo mesmo da matéria está o “não-sei-que”, o “algo” ignorado em que você tanto confia, chegando ao cúmulo de afirmar que nem um asno duvidaria disso. Seria que o asno afirma a matéria como ser, precisamente por ser asno? Nenhum filósofo até hoje declarou isso, isto é, que a matéria é o ser.

⁹ Jacques Maritain, *Introdução Geral à Filosofia*, 88

Pouco há, você tinha por certo e indiscutível que havia o movimento; agora também já não sabe o que venha a ser o movimento, visto que este implica na existência de um móvel, e o móvel também se reduz a movimento até o seu último limite que é aquela espécie de “nada” a mover-se para o que todo material surja! Eis como estava certo Parmênides ao afirmar que o não-ser não é; e a máxima aproximação do não-ser é o elétron cujo movimento de rotação, porque é quase infinito, tem seu tempo reduzido a quase zero. A distância mínima possível existente na natureza sensível é o raio de um elétron; e o tempo elementar é essa distância (o raio do elétron) percorrida pela velocidade da luz. A distância mínima, portanto, é 10^{-13} cm., e o tempo elementar 10^{-24} segundos (H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 61). Acaso dir-me-ia você, meu caro Licas, que o ser é essa partícula elementar, talvez o grão de éter de Mendeleiev, ao qual deu o nome de “newtônio” em honra de Isaac Newton? Seria o *neutrino* a partícula elementar visto que esta se aproxima do newtônio? Seria este quase nada o ser? Seria este não-ser o ser?

Depois desta saraivada com que Árago moeu Alcino Licas, continuou:

– Este não-ser, de que se compõe toda a matéria do Universo físico, está no pólo oposto ao do Ser. O Ser necessariamente terá de ser único, eterno, imutável, infinito, imóvel. Ora, o neutrino é infinitamente múltiplice, possui tempo mínimo, é infinitamente mutável, possui espaço punctiforme ou nulo, e move-se com velocidade máxima. Portanto, se num pólo está o Ser que é Deus, no outro estará o não-ser que é o neutrino, e quem sabe, a ser verdade mesmo, o newtônio é o grão de éter de Mendeleiev. Ora, se o Ser não pode ser achado na direção da matéria, visto que esta vai dar no não-ser, teremos de buscá-lo no pólo oposto, na direção do universal, do pensamento, da idéia, do espírito.

Depois de o mestre passar pela testa a manga da camisa de xadrez vermelho, já meio puída e descorada pelo uso, prosseguiu:

– Platão pega o problema do uno e total das mãos de Parmênides, e intui o seu *topos uranos* que é o lugar celeste onde vivem as almas em perpétua contemplação das verdades eternas e das belezas imperecíveis. Aí nenhum esforço existe, discursivo, para se alcançar a verdade, visto que todos a têm pela visão direta ou intuição. Aí não há morte nem dor, e tudo transcorre no seio do Absoluto e do Eterno. As almas estavam aí, de início, onde foram criadas; porém caíram para o nosso mundo de sombras irreais, de ilusão, e, em caindo, esqueceram como é o *topos uranos*, ou lugar celestial. Encarnadas neste mundo num corpo de matéria, as almas se desnorteiam, tomando as sombras materiais por realidade. Todavia, como elas tiveram antes o conhecimento da verdade, e depois o perderam com a queda na matéria, basta o esforço para irem recordando o que dantes sabiam. O aprendizado, logo, é uma recordação. O mundo da matéria não é um não-ser total. Possui realidade, porém, em menos grau que a realidade do espírito. O *topos uranos* é onde estão as idéias arquétipos, eternas, imóveis, perfeitas e belas, das quais as coisas do nosso mundo são cópias grosseiras. Aquelas idéias universais são a realidade, ao passo que as idéias contidas nas coisas, a essência delas, aquilo que delas apreendemos pela inteligência, são menos reais, chegando a ser meras sombras ilusórias. O real é o universal e ideal, e não o material e individual. Assim o entendia Platão.

E, após ponderosas reflexões, continuou o mestre:

– Isto é Platão, o realista das idéias e não idealista, visto que situa a realidade fora de si, no *topos uranos*. Este realismo platônico ficou perdido no passado, sem continuadores, pois Aristóteles que se lhe segue, opõe-lhe idéia diametralmente oposta. E os pensadores de após Renascença são idealistas, por isso que situam a realidade em suas idéias subjetivas, e não nas idéias universais exteriores a si. Escreve Huberto Rohden : “A filosofia platônica e neo-platônica, repetimos, não é para uma humanidade em baixo estágio de evolução; supõe extraordinária maturidade espiritual. É antes uma filosofia para a humanidade de amanhã do que para a humanidade de hoje”¹⁰. Logo, Platão é o filósofo do futuro, e com ele terá início a terceira jornada filosófica que iremos ver, após a primeira e a segunda. Tudo no mundo tem sua lógica; não podia surgir a terceira jornada filosófica sem a primeira e a segunda. “Com efeito (diz Rohden), as idéias neo-platônicas não são, a bem dizer, organizáveis ou burocratizáveis, como não são suscetíveis de organização a luz, a vida, o espírito, porque são realidades cósmicas, que o homem pode experimentar em si, mas que não podem ser capturadas em recipientes legais,

¹⁰ Huberto Rohden, Filosofia Universal, I, 146

fórmulas jurídicas ou parágrafos burocráticos”¹¹. Esta é a razão por que o platonismo adormeceu no passado para ressuscitar no futuro que começa hoje. “Se a igreja cristã aceitou, quase integralmente, essa teoria (agostiniana) da *criatio ex nihilo* (criação do nada), não o fez por razões metafísicas ou lógicas, mas por motivos psicológicos e pedagógicos; pois, lidando com uma humanidade predominantemente materialista, era mais prudente incutir aos homens um profundo ódio à matéria do que apresentar o mundo material como emanção da divindade (...)”¹². Contudo, deixemos Platão ainda neste promontório em que permaneceu quase que isolado por mais de dois mil anos, e desçamos, com Aristóteles e Cia., pelas encostas, planícies e vales do saber filosófico.

– Com que sustenta o mestre, então, seja Platão maior do que Aristóteles, redargüiu, interrogando, Alcino Licas.

– Para mim, retrucou o filósofo, está com a razão Huberto Rohden: “Aristóteles é, na história da filosofia ocidental, o rei dos acróbatas”¹³.

– Isso foi o que disse Huberto Rohden, tornou Licas; mas o Pe. Orlando Vilela escreveu que “Aristóteles é, não só o ponto mais alto da filosofia grega, mas também o maior gênio da filosofia de todos os tempos”¹⁴. E Jacques Maritain acrescenta que “podemos (...) afirmar, sem nenhum receio, que Aristóteles é absolutamente único, entre os filósofos: único pelo gênio, único pelos dotes, único por sua obra”¹⁵.

A isto, redargüiu o mestre com ar sobranceiro:

– A Huberto Rohden posso ainda juntar outro que dizia: “Platão é a filosofia e a filosofia é Platão” diz Emerson; e aplica à *A República* a frase de Omar sobre o Alcorão: “Queimem-se as bibliotecas, pois o que elas têm de valioso encontra-se neste livro”¹⁶. E quanto a Aristóteles, Lutero disse “que não passava de *um asno*”¹⁷. E porque uns exageram por uma parte, e outros, por outra, acabo concordando com Friedrich Schlegel que disse: “Cada homem nasce platônico ou aristotélico”¹⁸.

E em dizendo isto, fechou um livro que tinha nas mãos, depois do que prosseguiu, noutra tom de voz:

– Aristóteles, discípulo de Platão, faz sua doutrina em posição antípoda, antitética, em relação à do seu mestre. Afirma ele que a realidade está nas coisas individuais, e não fora delas, donde vem que as universais de Platão são pura abstração ou fantasia. Para ele as coisas são constituídas de forma e matéria. Matéria é aquilo de que a coisa é feita. Matéria vem de madeira (Ortega). A forma é aquilo que a coisa é. “Quer um fundidor (diz Vieira) formar uma imagem. Suponhamos que é de S. Bartolomeu com o seu diabo aos pés. Que faz para isto? Faz duas fôrmas de barro, uma do santo e outra do diabo, e deixa aberto um ouvido em cada uma. Depois disto derrete o seu metal em um forno, e, tanto que está derretido e preparado, abre a boca ao forno, corre o metal, entra por seus canais no ouvido de cada fôrma, e em uma sai uma imagem de S. Bartolomeu muito formosa, noutra uma figura do diabo, tão feia como ele”¹⁹. Que coisas são estas? Estas são as formas, as imagens, de S. Bartolomeu e do diabo. De que coisa estas formas, estas imagens, são feitas? De metal. Eis para Aristóteles que as coisas são constituídas de forma e de matéria; forma ou essência é aquilo que a coisa é; matéria é aquilo de que a coisa é formada. A matéria é aquilo de que se pode formar qualquer coisa; por isso que do metal que era um, se pôde formar duas imagens ou essências, sendo uma do santo, e outra do demônio. A matéria é a coisa em potência, e a forma é a coisa em ato. Aristóteles diz que Deus é *ato puro*, porque é só forma sem matéria alguma. Ele não se pode transformar em nada, porque já é, tudo, plenamente realizado. Se ele fosse matéria, seria potência pronta a transformar-se em ato; mas sendo ato puro não possui nada em potência à espera de transformação na forma. É perfeito por

11 Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, I, 132, 133

12 Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, I, 146

13 Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, I, 135

14 Pe. Orlando Vilela, *Iniciação Filosófica*, 48

15 Jacques Maritain, *Introdução Geral à Filosofia*, 61

16 Will Durant, *História da Filosofia*, 36

17 H. Wendt, *À Procura de Adão*, 109

18 Will Durant, *História da Filosofia*, 79

19 Vieira, *Sermões*, Ed. das Américas, 7, 30

não poder tornar-se noutra coisa diferente do que é, e pela mesma razão é imutável. É eterno, por que sempre foi e será o que é como forma pura, como ato puro. Mas desçamos às coisas.

– As árvores, os cavalos, os objetos domésticos são formas e por estas os definimos nós. Definir é dizer o que a coisa é, é mostrar a essência das coisas, não a matéria, mas a essência, ou seja, o que a coisa é em si, como pensava Aristóteles. São essas formas ou essências que a nossa inteligência apreende das imagens que nos vieram pelos sentidos. Em nosso espírito se formam imagens mentais daquelas realidades exteriores (casa, árvore, cavalo, mesa). E nossa inteligência generaliza todas as imagens de casas, de árvores, de cavalos, de mesas, nos seus respectivos conceitos. O conceito é a coisa definida, generalizada, abstraída das imagens, mas não é imagem, e sim, idéia. De onde vem que as idéias nascem das coisas, como o afirma Aristóteles, ao invés de as coisas surgirem das idéias como o entende Platão. É nisto que se resume a luta milenária entre os realistas e universalistas platônicos contra os nominalistas individualistas aristotélicos.

E depois de uma pausa meditativa, continuou Árago:

– Esta batalha prosseguiu por toda a Idade Média. Em certo ponto da luta, surge o problema seguinte: onde estão as idéias? Dizer que estão em mim não pode ser, visto que elas já existiam nas coisas, antes de mim, e foi de lá, das coisas, que as apreendi. Conhecer uma coisa é apreender a sua idéia, a sua essência, é conceituá-la. Onde, pois, estão as idéias? Ou estão nas próprias coisas, como queria Aristóteles, ou estão alhures (topos uranos), como realidades fora das coisas mas das quais as coisas participam, como o entendia Platão. Santo Agostinho, que é platônico, pelo menos até antes da sua conversão ao cristianismo, aperfeiçoava esta solução platônica com dizer: as idéias estão na mente de Deus. Não, retrucavam os aristotélicos; as idéias estão nas coisas. Estava acesa a luta entre os aristotélicos e platônicos-agostinianos – quando surgiu no cenário filosófico o maior filósofo da Idade Média, que foi São Tomás de Aquino. Juntou este pensador a tese e a antítese na síntese, dizendo: as idéias estão nas coisas, como quer Aristóteles, e juntamente estão na mente divina, como sustenta Santo Agostinho, pela mesma razão por que a idéia numa estátua está na estátua, onde a pôs o artista, e juntamente na mente do artista onde a idéia nasceu antes de atualizar-se dando forma à matéria na estátua. Ora, esta solução tomista é platônica, pois Platão situava as idéias num mundo exterior às coisas, que ele chamava “*topos uranos*” que pode ser a mente divina, e ao mesmo tempo estava nas coisas, pois estas, como ele dizia, participavam das idéias reais existentes no “topos uranos” ou seja na mente divina. E tem que ser assim, porque na mente de Deus a idéia ou forma pura é perfeita, enquanto que a idéia ou forma realizada ou atualizada neste mundo de matéria é imperfeita. E é por causa da feiura e do mal existente no mundo que Santo Agostinho se recusava a admitir que a idéia existente nas coisas, juntamente estivesse na mente de Deus. Para este filósofo, o mundo foi criado do nada, “*creatio ex nihilo*”, sendo a matéria coisa externa a Deus, e não emanada dele. Todavia se São Tomás acha que Deus foi o que plasmou a matéria e o mundo, segundo sua idéia, disto decorre esta consequência: o mal, a dor, a feiura, a deformidade, a desarmonia, a treva, a ignorância, o inferno, o caos existente no universo procedem da mente de Deus. Deus então pensou todas as misérias ao lado das coisas boas; logo, umas e outras surgiram, brotaram da mente de Deus. Neste caso melhor andou Platão que São Tomás, pois aquele não dá inteira realidade às coisas considerando-as como sombras em relação à realidade inteira existente no “*topos uranos*”. As coisas participam da realidade total e são, nesta medida, realidades. Por isto as coisas não são nada, porque nascidas do nada, como quer Santo Agostinho. Para Platão existe uma gradação de realidade nas coisas, pelo que umas são mais reais que outras. Deste modo, há uma degradação que vai do Ser, por excelência, que é Deus, ao não-ser que é a negação total de Deus. E as coisas tanto mais são, quanto mais se acercam de Deus, e tanto menos são, quanto mais se afastam dele, indo no rumo do caos, da pulverização, do relativo, do individual, onde a mutabilidade contínua torna indiscutível a existência do “*panta-rei*” de Heráclito. Há, pois, dois mundos: o do vir-a-ser heraclíteano, puramente fenomênico e ilusório, porque coisa nenhuma nele é o que é, e há o mundo real das idéias causais de Parmênides-Platão. Ao longo do eixo entre esses dois pólos tem girado todas as metafísicas da primeira jornada filosófica.

Feita uma pausa prolongada, em que o mestre ficou a olhar para uma águia de bronze sobre a mesa, continuou:

– Platão fala no “*topos uranos*” ou lugar celeste onde moram as almas e as idéias puras,

mas não fala de Deus. Já Aristóteles chega à idéia de Deus, conquanto seja esse o Deus da razão, alto, frio, distante, que é o *Actus Purus*. “Imóvel em sua atividade pura, este ser não está submetido a nenhuma espécie de mudança... Eis o princípio de que dependem o céu e a natureza. Sua felicidade assemelha-se às alegrias supremas que só poderemos gozar um instante; ele, entretanto, a possui eternamente. Sua felicidade é o seu ato... é o ato da soberana inteligência, o pensamento puro que se pensa a si mesmo. É admirável que Deus possua sempre a alegria que desfrutamos algumas vezes; mas ainda é mais admirável que a possua muito maior; ora, é assim que a possui. E ele tem a vida. Porque o ato da inteligência é uma vida. Ora, Deus é este ato em estado puro. É, pois, sua própria vida: este ato subsistente em si, eis sua vida eterna e soberana. Por isso dizemos que é um ser vivo, eterno e perfeito; porque a vida que dura eternamente existe em Deus, porque ele é a própria vida” (Aristóteles, Metafísica, citado por Jacques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 60). E vai Will Durant e escreve esta sua crítica a Aristóteles: “A Divina Providência coincide perfeitamente para Aristóteles com a ação das causas naturais (Ética, 1, 10). Mesmo assim há um Deus, embora não seja o deus humano e simples, concebido pelo perdoável antropomorfismo do espírito adolescente. Aristóteles associa este problema ao velho quebra-cabeça sobre o movimento. Como começou o movimento? pergunta. Ele não admite a possibilidade de não ter tido princípio, apesar de conceber a matéria sem princípio; a matéria pode ser eterna, porque é meramente a perene possibilidade de futuras formas; mas quando e como principiou esse vasto processo de movimentação e formação, que afinal encheu o universo de uma infinidade de formas? O movimento teve sem dúvida uma origem, diz Aristóteles; e se não quisermos, mergulhando no passado, retroceder infinitamente, fazendo, passo a passo, recuar sem fim o nosso problema, deveremos admitir um primeiro motor imóvel (*primum mobile immotum*), um ser incorpóreo, indivisível, sem tamanho, sem sexo, sem sentimentos, imutável, perfeito e eterno. Deus não criou, mas move o mundo; e move-o, não como força mecânica e sim como motivo único de todas as espécies de atividade do mundo; “Deus move o mundo assim como o objeto amado move aquele que o ama” (Metafísica, IX, 7). Ele é a causa final da natureza, o impulso e a finalidade das coisas, a forma do mundo, o princípio da vida do mundo, o total de seus processos e poderes vitais, o escopo inerente de seu desenvolvimento, a estimulante enteléquia do todo. Deus é pura energia; é o escolástico *Actus Purus* – a atividade *per se*; e porventura a “Energia” mística da física e filosofia modernas. É menos uma pessoa do que um poder magnético. “Mesmo assim, com sua habitual incoerência, Aristóteles representa Deus como espírito consciente de si mesmo. Um espírito verdadeiramente misterioso, pois o Deus de Aristóteles nada faz; não tem desejos, nem vontade, nem fins; é uma atividade tão pura, que nunca age. Absolutamente perfeito; por isso nada pode desejar; por isso, inerte. Sua única ocupação é contemplar a essência das coisas; e como ele próprio é a essência de todas as coisas, a forma de todas as formas, sua só ocupação é a contemplação de si mesmo (Metafísica, XII, 8). Infeliz Deus de Aristóteles! pois é um *roi-fainéant*, um rei que nada faz; “o rei reina, mas não governa”. Não é de admirar que os ingleses amem Aristóteles; o Deus de Aristóteles é claramente uma cópia do rei inglês”²⁰.

E fechando o livro em que lera o texto, prosseguiu Árago:

– Um tal Deus intelectual, cuja única alegria consiste na contemplação de si mesmo, que pediria aos seus fiéis adoradores? Chilon!

– Que outra coisa poderia exigir senão que seus beatos o contemplassem? Na contemplação de Deus consiste toda a beatitude dos eleitos; e como Deus é pensamento puro, é a verdade, toda a contemplação dos eleitos se resume a uma contemplação metafísica.

– Isso mesmo Chilon! Os eleitos hão que ser todos filósofos, senão sábios; e a única forma de gozo que possuem resulta desta contemplação metafísica, ou seja, uma espécie de visão super-racional alcançada só com as forças da inteligência. Por isso para São Tomás, o maior teólogo da Igreja, a bem-aventurança dos santos, como também para Aristóteles, consiste em contemplar a verdade, porque contemplam a Deus. Sendo Deus pensamento puro, vivem de contemplar o pensamento eterno, e todo seu gozo consiste no puro pensar. Que distância está isto dos reis-filósofos de Platão, diz Will Durant, que se preocupam com seus irmãos, em vez de se isolarem na torre de cristal fora do conflito e da contaminação! Que distância do Deus de amor

20 Will Durant, História da Filosofia, 90, 91

cristão, da sua solícita e mansa paternidade!

E depois de quedar pensativo por algum tempo, prosseguiu o mestre refutando as refutações de Aristóteles a Platão, começando, com isto, a solidificar as bases da terceira jornada filosófica que, como entende, teve início em Platão.

– Para Platão, as essências das coisas, as idéias, antes de serem abstrações imperfeitas da nossa mente, são realidades perfeitas que jazem num lugar celeste a que dá o nome de “*topos uranos*”. Relativamente às coisas deste mundo, “Platão não lhes nega a existência, mas as considera como imagens enfraquecidas e enganadoras da Realidade, objeto de opinião, e não de ciência ou de conhecimento etc.”²¹. “Mas esta essência (comenta Maritain) só existe sob esse *estado* universal em uma inteligência - em nosso espírito, que a tira ou *abstrai* das coisas nas quais ela existe em *estado* de individualidade – (...) Neste caso, as essências das coisas percíveis não existem separadas das coisas ou em estado puro e todo o mundo platônico das Idéias-Arquétipos é simples ficção”²². Contudo o próprio São Tomás, que era aristotélico, declarou que “as idéias estão nas coisas como diz Aristóteles. Mas também estão na mente de Deus, como diz Santo Agostinho”²³. E está certo isto. Se as Idéias-Arquétipos são ficções, vale perguntar: como foi possível existir o Universo, e dentro dele, o mundo e as coisas, sem que primeiramente, Alguém os tivesse pensado? Antes de fazermos uma coisa precisamos pensá-la; Deus não precisou pensar o Universo para que este pudesse surgir, depois, como coisa concreta? O pensamento ou forma não está, antes da coisa, tanto em nossa mente, como na de Deus? Deus pensou-as para que elas depois pudessem ter existência material; e se Deus as pensou, sem o que não existiriam, segue-se, logo, que as Idéias-Arquétipos, eternas, imutáveis, perfeitas, são os pensamentos de Deus. Estas idéias são imutáveis, porque perfeitas, e não porque não se movam no seu espaço próprio conceptual ou formal. Quando pensamos no mundo, imaginamo-lo movendo-se. Logo, há o movimento imagético. Na mente de Deus também o mundo não só se move como se transforma; mas isto não são Idéias-Arquétipos do movimento e da transformação. São imagens. As imagens movem-se seja na mente do homem, seja na de Deus. Ou isto, ou Deus não pode, como nós, ter imagem do Universo, do mundo e das coisas. Contudo, as Idéias-Arquétipos do movimento e da transformação são *as leis dos fenômenos* que não se mudam, mas determinam o mudar. E na mente de Deus não cabe imperfeições, Chilon?

– Temo dar qualquer resposta... não sei.

– Claro que não, bradou Alcino Licas, Deus é eternamente imutável, imóvel, imaterial, e por isso, perfeito. Ele é pensamento puro; e se neste alguma coisa se move, Deus é móvel; se alguma coisa se transforma, ele é mutável; se é mutável, não tem constância e não é. Se em sua mente alguma coisa se transforma, ou há de ser para melhor, ou para pior; se é para melhor, então, pode aperfeiçoar-se e é imperfeito; se é para pior, então Deus é suscetível de queda, como o homem, sendo, também, por isto, imperfeito.

– E Deus pode enxergar mentalmente este universo de matéria em que vivemos? Meu Licas, interrogou o mestre.

– Pode, pois claro!

– E esse universo que habitamos é visto pela mente de Deus cheio de imperfeições, tais como materialidade, fealdade, ignorância, vitória da força e da astúcia, fracasso e morte do pacífico e bom, doença, desarmonia, loucura, guerra, etc.? O universo que Deus vê com sua mente, tem destas coisas, ou não tem?

– É... agora o senhor me encostou à parede... porque se digo que Deus não vê essas imperfeições de fato existentes no universo e encham a vida, tenho de concluir que Deus é ignorante; se digo que Deus não ignora estas imperfeições, então elas são presentes no seu pensamento; sendo ele pensamento puro, em que consiste então esta pureza, se pode haver nele não só o ser que é o que é, mas também, juntamente, o não-ser que não é ?

– E como é, então, prezado Árago, interveio Chilon; como se soluciona esse problema?

– Nesse, meus caros, se resume todos os problemas metafísicos; solucionando-o, nada mais fica por resolver. Esta solução, contudo, não deve nem pode ser antecipada, porque o

21 Jacques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 53

22 Jacques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 57, 58

23 Manoel Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 122

caminho que nos leva a ela constitui a terceira jornada filosófica. E a nós nos cumpre não só terminar com a primeira jornada, como ainda vencer a segunda, para só então cuidarmos da terceira.

– Tornando atrás, no ponto em que partimos para esta digressão, continua o mestre, temos de concordar que Aristóteles tinha sua parcela de razão. É certo que nós, mortais, relativos, sujeitos à relatividade das nossas medidas, só podemos ter acesso às idéias através dos objetos sensíveis. Todavia, Platão, vencendo rápido esta fase, põe-se no Empíreo, junto dos Serafins, e olha como eles o universo e vê nele a imperfeição que vai crescendo na proporção em que se afasta de Deus no rumo do orco até o caos do não-ser. Lá no ponto em que se acha a Terra vê o quase não-ser da matéria que cada vez mais se enrijece na bruteza das formas toscas. De mármore pôde Fídias esculpir sua Vênus; não o faria se só dispusesse de areia... Enquanto Platão se põe a si no empíreo, no “*topos uranos*”, para de lá olhar o mundo, Aristóteles tem os pés firmes na matéria, e olha, e vê, e enxerga através dela umas nesgas do empíreo que são a realidade essencial, a forma, indo no rumo em que está Platão. Este, o decantado realismo moderado, como se o moderado fosse mais perfeito que o máximo só achado na mente de Deus. Aristóteles, criticando acerbamente a teoria das Idéias de Platão sai-se com este malabarismo: “Quanto ao movimento, desde que as Idéias são imóveis, não há Movimento-Arquétipo no mundo das Idéias; neste caso, de onde procede o movimento”, segundo o sistema platônico? Ora, tirando-se o movimento, suprime-se, *ipso facto*, qualquer investigação da natureza”²⁴. Além desta adições que Maritain faz a Aristóteles, acrescenta, referindo-se a ele: “Com poder incomparável submeteu a mobilidade à luz imutável da inteligência, demonstrando que *há nas coisas que mudam LEIS QUE NÃO MUDAM*, legando-nos a *NATUREZA* do próprio movimento”²⁵. Os grifos e os versais são meus, e os fiz, ao datilografar este trecho para os nossos estudos, adverte Arago. E prossegue:

– Então, se a *essência ou NATUREZA* do movimento não está no movimento sensível, mas nas *LEIS IMÓVEIS* que o determinam, como falar em *Movimento-Arquétipo* ? Não há Movimento-Arquétipo, mas Idéia-Arquétipo do movimento que são os mesmos *princípios e LEIS* descobertos pelo próprio Aristóteles, e que compõem a sua Física. Falar em Movimento-Arquétipo é o mesmo que falar em *Matéria-Arquétipo*, em *Efeito-Arquétipo*, em *Potência-Arquétipo*, em *Não-Ser-Arquétipo*. Empregando o mesmo argumento aristotélico, podemos perguntar: se no mundo das Idéias, da Forma, do Pensamento de Deus, não há Matéria, nenhuma matéria, de onde procedeu a *Matéria*? Aristóteles diz que “Deus não criou, mas move o mundo.”²⁶. E, pois, como o move sem o ter criado? Quem logo o criou? Ninguém? Ter-se-ia, então, o mundo criado a si mesmo... por acaso? E podemos dizer, usando a mesma frase de Aristóteles: “Ora, tirando-se a matéria, suprime-se, *ipso facto*, qualquer investigação da natureza”.

– Dizem os aristotélicos, prosseguiu o mestre, que “a essência de uma coisa é o que esta coisa é necessariamente e primeiramente a título de princípio primeiro de inteligibilidade”²⁷. “Portanto, se nossa inteligência fosse incapaz de atingir realmente às essências das coisas, ela seria mentirosa”²⁸. Atinge, digo, mas não a esgota, visto que as essências se retraem para uma generalização cada vez maior. Por exemplo, qual é a essência da matéria?

– Mas a matéria não tem essência, atalhou Alcino Licas, pois a essência dos platônicos é a mesma forma dos aristotélicos. Ora, segundo o mesmo Aristóteles, “a matéria, no seu sentido mais amplo, é a possibilidade da forma; a forma é a realidade final da matéria. A matéria obstrui; a forma constrói”²⁹. Isto posto, temos de concluir que a “matéria sem forma seria uma não-coisa, pois todas as coisas tem forma”³⁰.

– E Aristóteles não diz que das coisas a nossa inteligência apenas apreende a essência ou forma?

24 Jacques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 59

25 Jacques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 58

26 Will Durant, História da Filosofia, 90

27 Jacques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 131

28 Jacques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 132

29 Will Durant, História da Filosofia, 89

30 Will Durant, História da Filosofia, 89

- Exatamente, tornou Licas.
- Logo, nossa inteligência não pode saber que venha a ser u’a matéria sem forma?
- Isso mesmo!... não pode!
- Então que forma têm os líquidos e os gases?
- A dos recipientes que os contêm.
- Logo, para eu saber o que vem a ser a água e o ar, preciso metê-los em recipientes? Que vem ser então a parte da física que trata dos líquidos, a hidrostática, ou dos gases, a pneumática? Que forma tem a luz? Que forma, a eletricidade? Que forma, o calor? Visto que estas coisas não têm forma, não têm ser para a nossa inteligência? Em que consiste o ser, a essência da matéria que é o objeto da química e da física, sobretudo a nuclear?
- Respondo então com os dados da ciência, replicou Licas: a matéria é, na sua constituição ou essência, puro movimento.
- Puro movimento não pode ser; alguma coisa se move, e não há de ser puro movimento de nada.
- Bem... a matéria é formada pelo movimento dos elétrons em torno do núcleo atômico. E qual é a essência do elétron? Qual a do próton? Qual a do neutron?
- É o movimento outra vez.
- Movimento de que?
- Sei lá eu?! Por ventura esse interrogatório teria fim?
- E por aí vai, concluiu Árago, e não podemos conhecer as essências, porque umas se reduzem a outras, e esgotá-las seria remontar à Matéria prima, absolutamente informal, da qual tudo se formou. Vejamos, porém, mais coisas do aristotelismo:
- Diz Maritain: “Considerada em si mesma, a essência não é, pois, universal, nem tampouco é individual: a essência como tal, a essência de Pedro considerada em si mesma faz abstração de todos os caracteres que distinguem Pedro de Paulo ou de João”³¹.
- Vejamos:
- Feita a abstração dos caracteres diversificativos que tornam Pedro diferente de Paulo e ambos diferentes de João, tirando deles as diferenças, eles ficam iguais pela essência. Esta operação abstrata de eliminar as diferenças pode ser levada a efeito em todos os homens. Todos, logo, ficariam iguais pela essência. Como, então, afirmar que a essência não é universal? Quando um artista pensa sua obra, acaso não a pensa primeiro como universal, como esquema geral, para depois acrescentar-lhe os caracteres diversificativos que a individualizam? Deus ao criar o homem tê-lo-ia pensado como Pedro, como Paulo, como João? Isto é, como individual em primeira instância? Eis como os aristotélicos, a exemplo do próprio Aristóteles, são confusos e incoerentes. Porém, vamos por diante:
- “As essências das coisas são universais no espírito e consideradas em si mesmas não são nem universais nem individuais”³². Eis outra incoerência gritante; se as essências das coisas, consideradas em si mesmas, não são nem universais nem individuais, que são? A idéia de universal eu a posso ter, e a de individual também; mas que vem a ser o termo médio de nem universal nem individual? E como podemos conceber alguma coisa que não no espírito? Como conceber alguma coisa em si mesma, isto é, fora do espírito que a concebe? Qualquer coisa é concebida no espírito, e fora dele não há jeito de conceber coisa nenhuma. Se as essências das coisas, consideradas em si mesmas, não são universais, para sê-lo só no espírito, de onde o espírito que abstrai foi tirar esse universalismo que só está nele e não na coisa? Melhor diria se afirmasse: as essências das coisas são universais e individuais ao mesmo tempo, quando consideradas em si mesmas; são universais porque as essências são as coisas menos seus caracteres diversificativos; são individuais porque estas essências se acham nas coisas sob as vestes que diversificam e individualizam, pois o que individualiza são os caracteres particulares e únicos, e o que universaliza são os caracteres gerais comuns a todos. Assim uma fração da essência se reveste de tais acidentes, e outra fração se reveste de outros. Suponhamos que u’a máquina está prensando massa plástica numa fábrica de bonecas. As bonecas saem todas iguais da prensa, porém, são pintadas e vestidas depois. Deste modo, umas bonecas saem louras, outras

31 Jacques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 134

32 Jacques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 134

morenas, outras pretas; umas se vestem de um jeito, e outras de outro. A umas se dão caracteres masculinos e ficam bonecos trajados à masculina. Todas ficam, por este modo, individuadas e inconfundíveis por causa dos acidentes que as diversificam do universal que é a forma primeira e igual de quando as expeliu a máquina. Assim também a essência de Pedro é a mesma da de João; porém, Pedro não é João por causa dos acidentes que a ambos diversificam, individuam, personificam. A essência é universal e surge primeiro de tudo como Idéia na mente de Deus (causalidade primeira). Mas, se na mente divina primeiro surge o individual para depois vir a Idéia que é universal ou geral, como acontece na mente humana, então Deus também abstrai a Idéia, em vez de aplicá-la nas formas individuais. Se Deus pensa formas individuais antes da Idéia universal, então Deus Imagina primeiro para ter idéias depois (como o homem), em vez de ter Idéias primeiro, para depois Imaginar as formas individuais, como há de ser no seu nível. Desde que Deus pensou teve início o ato criacional; e o pensamento é anterior à imagem para todo aquele que cria, seja ele o homem, seja Deus. O pensamento só está a cavaleiro das imagens que tiramos das coisas, quando abstraímos, quando aprendemos. Mas Deus não aprende; logo não abstrai das imagens, e antes as imagens é que são individuadas dos pensamentos. No caso dos bonecos da fábrica aludida há pouco, primeiro o homem teve a idéia que aplicou criando imagens e formas. Quando o mesmo homem vê o mundo que o cerca, colhe as imagens das coisas no seu espírito, e depois as sintetiza nas idéias. São dois momentos da inteligência: um de criar imagens partindo duma idéia; outro, de abstrair idéias, partindo das imagens que são o reflexo do mundo em nosso espírito. Mas este segundo momento propriamente não existe na mente divina, por ser ato de conhecer, de aprender, que pressupõe ignorância anterior. Ora, Deus sabe desde o início; logo, não abstrai a Idéia das imagens, mas aplica o Princípio, a Idéia, criando as imagens plasmadoras do mundo e das coisas. Estas Idéias da mente de Deus são os Arquétipos eternos que Platão supunha estar no *“topos uranos”*; são as imagens individuais, espirituais e perfeitas que aquelas Idéias-Arquétipos da mente divina criou. Por isso diz Platão que o *“topos uranos”* é o reino das almas eleitas, o empíreo, que corresponde ao nosso céu-de-Deus. Aquelas formas espirituais do *“topos uranos”*, quando realizadas em nosso mundo, tornam-se imperfeitas, feias, desarmônicas, e é por isso que Platão as considera cópias imperfeitas “imagens enfraquecidas e enganadoras da Realidade, objeto de opinião, e não de ciência ou de conhecimento etc.”³³.

Feita uma pausa, em que o filósofo respirou fundo, continuou:

– Conta a lenda de Pigmalião que diz ter-se ele apaixonado por uma estátua que fez de Galatéia, na qual a deusa Vênus insuflou vida. Pigmalião desposou-se, então, com a estátua. Esta é a primeira vez que a idéia e a imagem do criador correspondem à forma criada, materializada. Assim mesmo foi necessária a intervenção duma deusa para que a imaginação de Pigmalião ficasse satisfeita plenamente. É que na mente do artista as imagens são vivas, coloridas e móveis, postas estas imagens no barro ou no mármore, por muito que se trabalhe ou pinte não resta, finalmente, mais que um cadáver. Mesmo assim, vejamos que força tem esses cadáveres de barro ou pedra: “Freud, pesquisador frio, diante da estátua de Moisés em Roma, obra de Miguel Angelo, ao contemplá-la, sentiu calafrios e ímpetos de fugir”³⁴. Contudo se perguntássemos ao mesmo Miguel Ângelo se a sua pétrea imagem de Moisés correspondia à forma existente em sua mente, ele diria que não; e por que? Pois porque, diria o grande escultor, o meu Moisés de pedra é um cadáver comparado ao Moisés colorido, móvel, vivo, terrível, poderoso e atuante que tenho em minha mente. Para o mestre do escopro, como para Deus, as coisas criadas na matéria são cópias “enfraquecidas e enganadoras da Realidade, objeto de opinião, e não de ciência ou de conhecimento” (Maritain). Se perguntássemos a Freud como teve a idéia do Moisés terrível, responder-nos-ia ele: - vendo a estátua; desta visão me saiu a imagem de Moisés ameaçador, de tal modo vivo, que, apavorado, tive ímpetos de fugir. Se perguntássemos a Miguel Ângelo como teve a idéia do seu Moisés terrivelmente ameaçador, dir-nos-ia ele: – da idéia que tenho de Moisés criei-lhe a imagem na mente e a transporte para a pedra bruta; mas a imagem de pedra, conquanto corresponda, não é igual à imagem mental que tenho de Moisés!

Depois de tomar um fôlego, numa pausa, tocou por diante o mestre:

33 Jacques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 53

34 Jefferson Gonçalves Gonzaga, Hipnose Médica, 39

– Por quanto hemos visto, a essência é universal, e existia antes de serem plasmadas as coisas individuais. E posso argumentar ainda assim: aquilo que está no meu espírito, também está na coisa, nessa mesma forma universal ou não está? Se está na coisa, meu espírito apenas reflete em si, como em espelho, esse universal da coisa. Porém, se não está na coisa, como então está no meu espírito? De onde este foi tirar sua idéia universal? De si mesmo? Se de si mesmo, então a idéia é fantasia que não existe, e não realidade que existe; se tirou a idéia da coisa, então a idéia está também na coisa...sendo aí também universal. Todavia, vamos supor que a realidade seja só individual, e que o universal seja abstração, de maneira que o mundo dos universais seja pura fantasia. Mas este mundo dos universais é o reino do pensamento, visto que este generaliza, universaliza as coisas; logo, o reino do pensamento é da pura fantasia, visto que ele corresponde ao universal, e não ao individual, e o universal é fantasia. Por aqui agora: segundo os aristotélicos, Deus é pensamento puro, pura essência, pura forma vazia, sem matéria alguma. O que está na mente de Deus, portanto, com ser ideal é universal; porém o universal é fantasia; logo o pensamento de Deus é fantasia; mas Deus é puro pensamento; por conseguinte, Deus é pura fantasia.

Mais: aqui na página 105 (Fundamentos de Filosofia), diz M. Garcia Morente, falando da doutrina de Aristóteles, “que a forma sem matéria “não é”. Ora, na página 98 está que em Deus não há matéria, conquanto haja forma. Logo, Deus não é. Se não pode haver “forma sem matéria”, segue-se que o “actus purus” não é, visto ser este a forma sem matéria alguma. Mas Deus é o Ser, por excelência, consistindo na forma sem matéria. Por conseguinte a forma sem matéria é o ser por excelência. Ora, a forma sem matéria é a do pensamento puro. Logo, o pensamento puro é o ser, a realidade. Mas o pensamento puro é o universal, e está a cavaleiro das imagens individuais. Conseqüentemente, o universal é o real. Quanto mais as coisas participarem das essências imutáveis da mente de Deus, tanto mais reais elas são. No mundo, as essências se misturam às matérias, e por isso são menos reais que as formas puras existentes no “*topos uranos*” ou mente de Deus. Por isso as coisas de nosso mundo são sombras comparadas às idéias arquetipos do “*topos uranos*”.

– Raciocínio perfeito, acudiu Licas, bem concatenado: Deus é pensamento puro, pura essência ou forma vazia, ou seja, sem matéria alguma. O puro pensamento, a pura essência ou forma sem matéria (actus purus) é universal. O universal é pura abstração, só existindo em nossa mente, e não na realidade objetiva, donde vem que o universal é fantasia para Aristóteles; portanto, Deus é fantasia. A forma sem matéria não é ser; ora, Deus é forma sem matéria; logo, Deus não é. Mas Deus é, conquanto seja forma sem matéria; portanto a forma sem matéria é; ora, a forma sem matéria é o puro pensamento, por conseguinte o puro pensamento é o ser.

– Está contente agora, Licas?

– Estou.

– Quer vejamos o edifício inteiro, partindo da sua base real, da única base possível?

– Quero.

– Deus é a suma realidade, da qual todas as demais decorrem como conseqüências desta única premissa. Esta suprema realidade, que é Deus, é pura essência, pura forma sem matéria alguma, puro espírito, puro pensamento, como querem os aristotélicos. O puro pensamento, a pura essência, a pura forma sem matéria alguma é, por conseguinte, a supina realidade. Esta realidade acima de todas é universal, visto que é essencial ou formal no mais subido grau, e toda essência ou forma é, por definição, universal. Por conseguinte, o real é universal, e tanto mais real quanto mais universal, culminando com a suprema universalidade que é a que está na mente de Deus, e é Deus. Pela recíproca, quanto menor for a universalidade, tanto menor será a realidade, culminando com a matéria primordial que sendo toda potência é nada ato ou nada forma. Nas coisas individuais, o universal se reduz só à forma, à essência delas. Se tirarmos às coisas todas as essências que lhes dão ser, fica só a matéria informal rica de potência, mas pobre de ato. Conseqüentemente as essências das coisas individuais são reais, e estas coisas são o que são, graças às essências que lhes dão ser. Todavia, estas essências são abstraídas das coisas pelo nosso espírito; logo, essas abstrações do nosso espírito são mais reais que as coisas, quando despojadas de suas essências. A máxima realidade está em Deus que é o Ser por excelência. A mínima realidade está no pólo oposto a Deus, que é o mundo fenomênico das coisas individuais

sujeitas ao devir constante e à contínua mutação. Por isso este mundo das coisas perecíveis, fugazes, inconstantes e ilusórias é o do não-ser que se contrapõe ao do Ser de máxima universalidade que é o de Deus. Este mundo das coisas movediças e transformáveis é o da física; aquele outro das coisas perenes, estáveis, eternas, essenciais é o da metafísica; por isso “a metafísica é mais real que a física”³⁵. Parmênides, logo, e a seguir, Platão, esteve certo com seu realismo pleno das idéias; menos certo esteve Aristóteles com seu realismo moderado, e completamente errado andou Heráclito com o seu “*panta-rei*” ou vir-a-ser perpétuo.

E pedindo licença Árago para se ausentar por um pouco, todos aproveitaram o intervalo para discutirem entre si, propondo as dúvidas que tinham. Alcino Licas falou da sua, e se dispôs a propô-la ao mestre quando ele tornasse à sala. E assim aconteceu. Voltando o pensador do que fora fazer, disse-lhe Licas:

– Desde que o senhor principiou a falar, uma coisa me ficou roendo, e desejaria ouvi-lo sobre ela.

– Que é?

– O senhor deu nome a estas tertúlias de “Serões Teológicos”, justificando, logo a seguir não se tratar de *teologia sobrenatural*, mas de *teologia natural*, ou *teodicéia*, conforme denominou Leibniz. Ora, segundo o pensar de Jacques Maritain, *teodicéia*, etimologicamente, significa “justificação de Deus”. E acrescenta: “Entretanto, este nome é duplamente mal escolhido: primeiramente, porque a Providência de Deus não tem necessidade de ser “justificada” pelos filósofos; em seguida, porque as questões que tratam da Providência e do problema do mal não são as únicas nem as mais importantes do que a teologia natural tenha de se ocupar”³⁶.

– Esta “justificação de Deus”, esclareceu o mestre, não é feita para atender à necessidade de Deus, o qual, de fato não precisa dela; é feita para atender à necessidade do homem, para que este não se rebelde ante a dor inevitável. E as questões que tratam da Providência relacionada com o problema do mal e da dor, não são de fato as únicas, porém são as mais importantes tratadas pela teologia natural. Se é que Deus é conhecido pela razão natural que vê no espelho das coisas criadas as perfeições divinas, esta mesma razão natural também enxerga imperfeições divinas tais como: vitória incondicional do mais forte e do mais astuto sobre o humilde e justo; a tragédia e a morte invariável do mais fraco ainda que bom; a existência da feiura, da maldade, da ignorância, do egoísmo, da dor, do ódio, da guerra, do caos, do não-ser. Se é que Deus pode ser conhecido por um conhecimento analógico que nos permite ver no espelho das coisas criadas, como estas imperfeições de fato existem, então podemos intuir um Deus negativo, um Demônio criador, da espécie de um Moloch, como o entendia Schopenhauer. É certo que “*natura non contristatur*” (a natureza não se contrista), como o diz Schopenhauer, e nós precisamos saber por que a natureza não conhece a piedade, se ela foi feita por Deus! Para que vocês não me acusem de arrimar minhas razões nalgum ponto de fé, faço falar um pensador:

– “As dores e as misérias são, pelo contrário, outras tantas provas em apoio, quando *consideramos o mundo como obra da nossa própria culpa*, e portanto como uma coisa que não podia ser melhor. Ao passo que na primeira hipótese, a miséria do mundo se torna uma acusação amarga contra o criador e dá margem aos sarcasmos; no segundo caso aparece como uma acusação contra o nosso ser e nossa vontade, bem própria para nos humilhar”³⁷ (Schopenhauer, *Dores do Mundo*, 12). Os grifos vermelhos foram postos aqui no livro por mim, para destacar que este mundo de males não foi criado por Deus, mas é o resultado da nossa própria culpa. E prossegue Schopenhauer: “De um modo geral não há nada mais certo: *é a pesada culpa do mundo que nos causa os grandes e inúmeros sofrimentos a que somos votados*; e entendemos esta relação no sentido metafísico e não no físico e empírico. Assim a história do *pecado original* reconcilia-me com o antigo testamento; é mesmo a meus olhos a *única verdade* metafísica do livro, embora aí se apresente sob o véu da alegoria. Porque a nossa existência assemelha-se perfeitamente *à consequência de uma falta e de um desejo culpado...*”³⁸.

35 Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, I, 18

36 Jacques Maritain, *Introdução Geral à Filosofia*, 59

37 Schopenhauer, *Dores do Mundo*, 12

38 Schopenhauer, *Dores do Mundo*, 12

Ao tempo em que lia o trecho, ia Árago mostrando as partes grifadas em vermelho para destaque, e fechando o livro, prosseguiu:

– Eis o problema do mal e da dor atenuando a mente de um filósofo. Como é então que nos vem Jacques Maritain dizer que as questões relativas ao problema do mal e da dor no mundo não são as mais importantes de quantas se tenha de ocupar a teologia natural? Que problema pode haver maior e mais crucial que o da culpa que pesa sobre o mundo, a qual, se não for do homem, é de Deus? Ou se desculpa Deus pela existência do mal e da dor no mundo, ou não se carece mais estudar teologia nem filosofia, que tudo, por qualquer caminho, vai dar no caos. Sentindo esta necessidade imperiosa, ocupou-se deste tema Milton no seu “Paraíso Perdido”, que é a mais poderosa e bela obra que ainda surgiu sobre a Terra. Escreve assim, em certo trecho, o gênio inglês:

“E tu mais que ela, Espírito inefável,
Que aos templos mais magníficos preferes
Morar num coração singelo e justo,
Instruí-me porque nada se te encobre.
Desde o princípio a tudo estás presente:
Qual pomba, abrindo as asas poderosas,
Pairaste sobre a vastidão do Abismo
E com almo portento o fecundaste:
Da minha mente a escuridão dissipa,
Minha fraqueza eleva, ampara, esteia,
Para eu poder, de tal assunto ao nível,
Justificar o proceder do Eterno
E demonstrar a Providência aos homens”.

(Canto I, linhas 20 a 32).

Fechando o mestre o livro, rematou:

– Eis aí que Milton fala em “justificar o proceder do Eterno, e demonstrar a Providência aos homens”. Dito isto fez uma pausa, depois do que concluiu:

– Fez-se a primeira jornada filosófica encetada por Parmênides, culminada por Platão, estendida por Aristóteles como uma planície exaustiva entre dois picos, e, finalmente, concluída por São Tomás e escolásticos até os fins da Idade Média. Fez-se depois a segunda jornada que teve por pioneiro Descartes, na Renascença, e se continuou por todos os filósofos até Kant, e depois pelos pós Kantianos. Falta agora fazermos a terceira jornada; mas antes dela, recapitulemos a segunda como fizemos com a primeira; este será o assunto de nosso novo serão.

A estas palavras de Árago, passaram todos a tratar doutros assuntos, e, enquanto isto, preparavam-se para ir embora.

Capítulo II

de Descartes a Leibniz

No dia seguinte todos os estudiosos do dia anterior estavam presentes, ansiosos por ouvirem a dissertação de Árago Pandagis, sobre o que ele chama segunda jornada filosófica. Segundo o mestre de Cananéia, todo o filósofo tem de refazer a caminhada da filosofia desde o início. Nenhuma disciplina é tão necessariamente histórica como a filosofia. Mas esta historicidade não deve seguir o método cronológico e sim, construir-se pelo método de conexão de assuntos ou idéias. A história da filosofia segundo ele, é a história de uma grande polêmica inacabada, porque a filosofia é essencialmente, crítica. Ora, se a filosofia não passa de uma grande polêmica no tempo, o diálogo é o seu melhor processo de realização. E só Platão o empregou, porque, como diz Will Durant, “Platão tinha saber, e também arte; por uma vez ao menos, um filósofo e um poeta fundiram-se em uma só alma; e criou para si um meio de expressão em que a beleza e a verdade se davam as mãos – o diálogo”³⁹.

Todos estavam na sala, quando entrou Árago sorridente, apresentando os cumprimentos habituais. Depois que o vozerio se acalmou, fez-se ouvir a voz de Árago nestas palavras:

– Hoje iremos todos ver como foi a segunda jornada da filosofia, iniciada, na Renascença, por Descartes. Estabelecendo uma proporção, podemos afirmar que Parmênides está para a primeira jornada, assim como Descartes está para a segunda. Até a Renascença as filosofias eram realistas a começar por Parmênides-Platão, se bem que estes filósofos pusessem a realidade nas Idéias. O realismo foi a tese, e o idealismo, a antítese; falta agora a síntese que iniciaremos com a terceira jornada.

– Por que iniciaremos? Interrogou Licas. Acaso o senhor não irá fazê-la por inteiro?

– Cada filósofo cuidou que a sua era a filosofia inteira, definitiva; e, na verdade o era apenas parte. Ora, a história é a mestra da vida! Por que, pois, me hei de me iludir, julgando-me único, se nunca houve únicos? Nem pegureiro da terceira jornada me julgo, pois essa glória é de Platão; a ele pertence o futuro. “Dia virá em que a humanidade chegará a concretizar as grandiosas visões dos avançados discípulos de Sócrates, Platão, Plotino, Orígenes e outros videntes e profetas da humanidade”⁴⁰. Mais: “A filosofia platônica e neo-Platônica, repetimos, não é para uma humanidade em baixo estágio de evolução; supõe extraordinária maturidade espiritual. É antes uma filosofia para a humanidade de amanhã do que para a humanidade de hoje. Enquanto o homem deva ser compelido a ser bom com o azorrague do castigo, ou com o engodo do prêmio, Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino serão mais necessários que Platão, Plotino ou Orígenes”⁴¹. E feita uma pausa prosseguiu o mestre:

– O idealismo surgiu como necessidade histórica para corrigir o desvio do realismo iniciado por Platão e desvirtuado por Aristóteles e pelos aristotélicos que dominaram até o fim da Idade Média. O idealismo veio para corrigir esse desvio, mas não corrigiu nada, porque isto será impossível sem voltar às teses de Platão. Como escreve Morente, “Agora queremos uma metafísica que se apoie, não nos fragmentos de um edifício, mas na plenitude de sua base: na vida mesma. Por isso digo que agora começa a terceira navegação da filosofia, de rumos apontados já pela proa dos navios, que, como diz Ortega, caminha para um continente em cujos horizontes se desenha o alto promontório da Divindade”⁴². Esse promontório da divindade é o “topos uranos” conforme o viu Platão; é o continente das almas antes da queda na matéria em que perderam a visão da verdade, e agora, pela evolução, a reconquistam.

– Desde Aristóteles, prosseguiu o mestre, a atenção do filósofo se fixou sobre o objeto.

39Will Durant, História da Filosofia, 35

40Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 137

41Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 146 e 147

42M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 312

Até a Renascença ninguém se ocupou do sujeito que observa, e sim, só do objeto observado. No entanto, na visão do mundo há o sujeito que observa, e o objeto observado. Pois se o acento, a ênfase recair sobre o objeto, temos o realismo do tipo aristotélico; se, pelo contrário, recair sobre o sujeito, temos o idealismo. Estes dois momentos da filosofia correspondem, analogicamente, a uma balança de braços iguais. No realismo aristotélico o peso é o objeto e tudo tem de ser ponderado, aferido, avaliado em função do objeto. O sujeito olha e vê o objeto, ocupa-se dele, esquecendo-se de si. E quando se vai analisar a si mesmo considera-se também como apenas um objeto a mais a ser observado. Já no idealismo, a medida das coisas, o peso, para efeito de avaliação é o sujeito. No sistema idealista o sujeito é a premissa, donde hão de brotar todas as conseqüências, no passo que no sistema realista, o objeto é que é a premissa. Sujeito e objeto: eis os dois pratos da balança; se os padrões de aferição forem o objeto, tudo mais, até o sujeito estará no outro prato para ser aferido. Mas se o peso padrão for o sujeito, o mais será ponderado em função do sujeito. O centro gravítico do realismo é o objeto, e o sujeito, como tudo mais, é mero planeta a girar em torno do seu sol. Se o sujeito se fizer centro, este será o sol do sistema em cujo redor girarão todos os objetos. Estes dois sistemas estão superados, porque relativos, e pretenderam alcançar o Absoluto à força de operar com relativos.

E ponderando o que tinha a dizer, prosseguiu:

– Se não me engano já hei dito que a metafísica não é ciência, por não poder delimitar o seu objeto. Por isso a pergunta metafísica, o que é o ser?, não tem resposta. Se não se pode definir o objeto, como haver a ciência desse objeto?

– Protesto! Exclamou Bento Caturí. Ninguém sabe o que seja a matéria, contudo existe a química e a mecânica; ninguém sabe o que seja a luz e a eletricidade; no entanto existem a ótica e a eletrônica que se ocupam desses objetos. Igualmente não é preciso seja limitado por uma definição para que ele seja o objeto duma ciência que seria a metafísica.

– Cada ciência, Caturí, delimita o seu objeto próprio que é o seu fim. A química estuda a matéria do ponto de vista da combinação entre as moléculas e átomos, com o fim de formar compostos; ou analisa e decompõe os compostos químicos, até os seus elementos moleculares e atômicos, e pára aí. Já a física nuclear, ocupando-se da mesma matéria, penetra-lhe a estrutura atômica, decompondo o mesmo átomo em seus elementos constituintes. A física estuda a coesão entre as moléculas da matéria, o estado físico dos corpos, a hidrostática, pneumática, e energias e ondas, tais como luz, eletricidade e som. Assim, prezado Caturí, temos três ciências, cada uma com seu objeto próprio, e todas estudando a matéria. De maneira que ela não tem que saber o que é a matéria, mas **o que é o seu objeto**. Mas a pergunta **o que é a matéria?** só pode ser feita pela ontologia. E todas as ciências que estudam a matéria concorrem a dar essa resposta. Se a matéria é energia, o que é a energia? Qual é a estrutura ôntica da energia, que pode tornar-se matéria? A matéria não é o ser, pois não possui as características necessárias ao ser; contudo a ciência ainda não sabe o que é a matéria, visto não conhecer aquilo de que a matéria proveio. Conquanto não possamos saber o que é a matéria, podemos delimitá-la, fracioná-la, olhá-la pelo telescópio e pelo microscópio, bombardeá-la com o ciclotron, explodi-la na bomba atômica. Diga-me agora: poderíamos fazer o mesmo com o ser?

– Não, resmungou Caturí, contrafeito.

– Então a metafísica não é ciência, para ser uma disciplina do espírito... Se não podemos responder **o que é o ser?**, podemos, contudo, responder a pergunta: **quem existe?** Descartes respondia à pergunta **quem existe?**, dizendo: existo eu pensando; eu sou uma coisa que pensa. Este é o célebre **cogito** de Descartes, base de toda a sua filosofia. Penso, logo, existo; meu existir se subordina ao meu pensar; se não pensasse, não existiria. A única realidade que existe para mim é meu pensamento. Posso estar enganado sobre tudo; mas não me engano quanto a que estou pensando. Meus pensamentos podem não corresponder às experiências do mundo; mas que meus pensamentos existem realmente isso é inegável. Algum gênio maligno poderá falar no meu ouvido, inspirando-me uma porção de coisas erradas; mas quando penso nelas, elas existem para mim. De maneira que a única coisa que tenho certeza de existir são meus pensamentos. Por que penso, por isso existo.

– Quando pensamos, prossegue o filósofo, um objeto, temos que considerar três coisas: o eu que pensa, o pensamento, e o objeto pensado. O objeto só é atingido pelo pensamento que põe

o eu em contato com o objeto. O objeto é mediato pois está depois do pensamento elaborado pelo eu; mas o pensamento mesmo é imediato, porque está jungido, ligado, inextricavelmente, ao eu; podemos dizer que o pensamento e o eu são uma e a mesma coisa. A única coisa certa e indubitável é o eu que pensa; o resto tudo é duvidoso que exista. Por isso a dúvida é método para por à prova, e ver se a coisa que nos é dada existe. Mas quando Descartes afirma ser uma coisa que pensa – *je suis une chose qui pense* – introduz no seu sistema o velho conceito de *coisa* dos realistas, fazendo, com isto que o pensamento seja uma coisa. Quando diz que é uma “*coisa que pensa*”, ou uma “*substância pensante*”, mostra, por esses dois conceitos “*coisa*” e “*substância*”, que ainda está preso pelo cordão umbilical ao velho realismo grego. Só que, no realismo a coisa era inteligível apenas por sua essência ou forma; ao passo que no idealismo, esta coisa de Descartes é inteligente, porque pensa. Se, para os realistas, aquilo que há de inteligível nas coisas constitui o ser delas, para Descartes, o ser é o pensamento mesmo que está no sujeito. Em vez de objeto inteligível, como no realismo, é o sujeito inteligente ou pensante no idealismo. Por isso, como eu dizia, foram trocados os valores nos dois pratos da balança. Antes os padrões ou pesos eram as coisas pelas quais se aferia o próprio sujeito; agora, pelo contrário, os padrões e pesos são os próprios pensamentos, e só por ele se pode aferir tudo o mais. Como consequência desta mudança, aquilo que para o realismo *não era problema*, passa a ser, agora, problema para o idealismo. A realidade das coisas no mundo não era problema para o realismo, porque esta realidade era a premissa donde se partia; já agora, como a realidade é só o pensamento, quando se pensa algo, este algo existe ou não existe? Não seria este pensamento só uma criação mental, sem existência exterior fora do pensamento? Eis aqui está um problema inexistente para o realismo. O realismo das coisas, para o realista, é uma intuição sensível, dada, como um axioma; para os idealistas, visto que duvidam desta realidade, é preciso ser demonstrada, deduzida ou inferida.

– O mundo, pois, prossegue o filósofo, para os idealistas cartesianos precisa ser demonstrado. Como fazê-lo? O método há de consistir em separar o que há de claro e evidente, do que há de obscuro e confuso no pensamento. Por exemplo, a idéia de extensão é clara e evidente por si mesma, sendo, por isso indubitável. Essa idéia é o “*eu pensando*”, e por isto, real. Porém, existe a extensão, fora de mim, exteriormente, ou não há? Como saber isto, se me acho preso em mim mesmo, nos meus pensamentos, sem porta para o exterior? Como sair deste solipsismo? Pois Descartes se sai assim. Eu existo, mas não existo por mim mesmo, pois não fui eu quem me fiz a mim; logo minha existência é contingente e não necessária. Portanto, para existir, careço de um fundamento, porquanto nesse ou sobre esse, existo. Essa existência sobre que se assenta a minha, é Deus. Portanto Deus, não só está como realidade em meus pensamentos, como tem existência fora de mim, e se ele não existisse não estaria eu aqui pensando. Porém, este argumento é o mesmo de Aristóteles quando infere sua própria existência da de Deus. O célebre argumento ontológico é o de que tem de existir, necessariamente, um ser perfeito fora de meu pensamento, porque, sendo a existência uma perfeição, tem que fazer parte da minha idéia do ser perfeito. Ou isto, ou minha idéia de perfeição fica incompleta. Mas minha idéia de perfeição é completa; logo nela se contém a excelência que é uma perfeição. Por conseguinte Deus existe. Eis já duas realidades descobertas por Descartes: a dele própria, e a de Deus.

Depois de breve descanso numa pausa, continuou o mestre:

– Sendo Deus absolutamente perfeito, nele não há erros nem enganos, nem pode ele mentir ou enganar. Apesar disso eu posso errar e enganar-me se não tomar cuidado em afastar para longe de mim as idéias obscuras e confusas. Só andarei em segurança, se operar com idéias claras e distintas. Poderei, deste modo, não saber muitas coisas; porém, o que souber, terá de ser verdadeiro. Não importa ao homem saber muito; importa-lhe saber o certo. Mas o mundo é complexo e confuso, pois nele todas as coisas estão misturadas, e a visão que temos dele é como a do calidoscópio. Para entendê-lo, preciso é reduzi-lo ao que é claro e simples. Tirando-se a um corpo tudo o que ele tem de accidental, sobra só a sua forma geométrica. A idéia mais simples que temos do Sol, é a de que ele é uma esfera. Um cavalo é um corpo com três dimensões, um volume, portanto, uma extensão. Deste modo o sistema cartesiano possui três fundamentos: o eu pensando ou pensamento, Deus e a extensão. Construindo o mundo sobre esses três

fundamentos, sai um mundo abstrato de puras formas geométricas, de pesos, e medidas, e relações, e fórmulas físico-matemáticas. Descartes descobre a geometria analítica, Leibniz, mais tarde, o cálculo diferencial e integral, Newton, os cálculos de vetores, e toda a físico-matemática se arrima e se eleva num mundo que Aristóteles desconhecia. Quem quiser saber como é o mundo de Descartes, que pegue um tratado de física moderna, e veja como ela se compõe de integrais, de diferenciais, de prótons, de elétrons, de “quantas”, de distância mínima que é o raio de um elétron (10^{-13} cm), de tempo elementar que é a distância do raio eletrônico percorrido pela velocidade da luz (10^{-24} segundos), de prótons negativos ou anti-prótons, de elétrons positivos ou anti-elétrons que são os positrons, de anti-matéria de anti-universo. E assim ouvimos estas incríveis conversas entre os cientistas: “Podemos hoje, aliás com emprego enorme de aparelhos: ciclotrões, campos magnéticos e instrumentos análogos, produzir partículas isoladas de anti-matéria”⁴³. “O Prêmio Nobel Emilio G. Segré resumiu a situação nestas frases incisivas: “Se Deus criou o universo – se os senhores crêem que Ele o criou - haverá alguma razão para supor que tenha preferido a matéria à anti-matéria?”⁴⁴. Como se comportaria a intuição sensível de Aristóteles se visse gelo-quente? Pois “se submetermos gelo à pressão de 45.000 atmosferas, ele continua a ser gelo, embora com a temperatura de 220° C. Aquilo é gelo? Parece uma contradição. Entretanto a ciência confirma”⁴⁵. Onde nos levará a ciência cujas bases se apoiam naquelas bases lançadas por Descartes?!

E depois de uma pausa para coordenar novas idéias, prosseguiu:

– Como vêm, este mundo saído do pensamento abstrato, repleto de princípios, fórmulas, gráficos, aparelhos, máquinas, cérebros eletrônicos etc., nada se parece com o nosso mundo à mão. E como Descartes esbarrasse com o problema da vida, simplificou-a, reduzindo-a à máquina. Os animais, para ele, eram máquinas, autômatos, que se moviam sob o impulso de energias. Todavia antes de Darwin e Wallace, Gassendi e Montaigne afirmavam que o homem é um animal. Então La Mettrie “tomou de Montaigne e Gassendi a tese de que o homem pertencia ao Reino Animal, aceitou a de Descartes de que os animais eram máquinas animadas e concluiu: “O homem também é uma máquina”⁴⁶. Eis pelos caminhos de Descartes, onde viemos dar. É que os problemas da vida estavam além das possibilidades dos métodos cartesianos.

– Depois de Descartes vem Locke, prossegue Árago, com o seu psicologismo. Descartes começou o idealismo com o seu “cogito”. Para ele era certo que o pensamento consistia na realidade primeira, ao alcance do homem. Quem existe? Existo eu pensando. Como era de esperar-se, não tardou em que os idealistas quisessem saber como pensamos. Por isso o idealismo deve começar por uma teoria do conhecimento, e isto se chama epistemologia. Lembremos de que Platão chamava *epistème* ao conhecimento em contraposição à *doxa*, opinião: logia é estudo, donde vem que epistemologia é o estudo do conhecimento, da sua genética em nossa mente. Ao atentarmos para o fenômeno do conhecimento, reparamos que ele tem três fundamentos: apoia-se na psicologia que trata das nossas vivências, na lógica, visto que há leis do correto pensar, e na ontologia, porque as vivências e os enunciados sempre recaem sobre algum objeto ou coisa. Isto posto, fica fácil de entender-se que na filosofia moderna uns filósofos se preocupem mais com um destes três fundamentos, passando esquecidos os outros dois. Há sempre o perigo de uma destas esferas absorver as outras. Um exemplo típico disto temos em Locke e no empirismo inglês, em que a psicologia fica sendo o tudo, e as outras partes, nada. John Locke fixa sua atenção nos princípios cartesianos e estabelece que Descartes dissera haver três ordens de pensamentos, de idéias, assim as chama Locke, sendo isto uma particularidade sua; há as idéias fictícias que apenas imaginamos, há as adventícias que nos vem das vivências, das experiências, e há as idéias inatas que constituem nosso substrato psíquico, as quais não aprendemos nem imaginamos, mas que existem em nós. Primeiro que tudo, Locke nega seja possível haver idéias inatas; ou elas são produzidas pela nossa imaginação, ou resultam das nossas vivências. Ao nascer, somos uma tábua rasa na qual se vão gravando aquilo que serão, depois, as nossas idéias.

43F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 95

44F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 97

45F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 117

46Herbert Wendt, À Procura de Adão, 53

E depois de consultar um esquema que tinha sobre a mesa, prosseguiu, nestas palavras:

– Leibniz, mais tarde iria esclarecer que as idéias podem formar-se em nós por dois caminhos que são o psicológico e o lógico. Por exemplo, tanto podemos ter a idéia do cone vendo sua forma num vulcão, isto é, tendo dele uma vivência, como podemos concebê-lo pela revolução de um triângulo retângulo em torno do eixo de um de seus catetos. No segundo caso a idéia nos nasceu por derivação lógica, visto que já conhecíamos o triângulo. As vivências nos dão as **verdades de fato**, enquanto que a derivação lógica nos dão as **verdades de razão**, segundo Leibniz. Por aqui já se vê que Descartes seguira pelo caminho das **verdades de razão**, no passo que Locke vai pelo das **verdades de fato**, donde vem que o sistema seu é psicologismo. Rompendo por este caminho, desde logo, acha duas origens para as nossas idéias: a sensação e a reflexão. Mas reflexão não é raciocínio para Locke; é como que uma experiência interna; é a mente percebendo o que se passa consigo mesma. A sensação, por sua vez, representa experiência externa. Contudo, esta sensação não é simples, e antes nos chega em feixes ao cérebro pelos nervos aferentes. O simples toque num copo nos dá a sensação de temperatura, rugosidade, solidez, consistência; se a vista é também empregada no fenômeno, então a sensação se associa com a idéia de coloração, luminosidade, forma etc. Tudo vai ao cérebro, e aí se combina com as experiências internas, recordação, reconhecimento do objeto, de modo que as idéias nunca são simples, mas amassilhos de idéias simples que têm sua gênese nas sensações. A esta síntese de idéias simples, Locke dá o nome de substância, e a designa sob o nome característico de “não sei que”. A metafísica de Descartes é válida, inteira, para Locke; e que este fez a mais, foi analisar como se formam as idéias que são a base de todo conhecimento. A doutrina de Locke, pois, está a cavaleiro da metafísica cartesiana que se resume no pensamento, em Deus e na extensão. No complexo das idéias, Locke distingue ainda as idéias que ele chama primárias, (como a extensão, forma, movimento, impenetrabilidade), das secundárias, que são acidentais, portanto, de menor ou nulo valor ontológico; é evidente que a cor, o cheiro, a temperatura, a rugosidade, etc., não são coisas, mas **qualidades** que não acrescentam nem diminuem o ser das coisas com as quais se acham associadas. Estas são, em resumo, as idéias de Locke.

E fez depois, o mestre, uma pausa longa, para consultar o esquema que tinha sobre a mesa; depois continuou:

– O filósofo seguinte na história do pensamento filosófico é Berkeley. O sistema cartesiano, que fora respeitado por Locke, sofre seriamente, já, nas mãos de Berkeley. Respeitara Locke as três substâncias metafísicas cartesianas que eram pensamento, extensão e Deus. Primeiramente Berkeley move o seu aríete contra a substância extensa da matéria. Como Locke fizesse distinção entre qualidades primárias e secundárias, sendo, para ele, reais as primárias, e apenas vivências as secundárias, Berkeley nega realidade a ambas, visto que ambas não passam de vivências. Não entendo, diz Berkeley, por que cor, temperatura, cheiro, sabor, possam apenas ser vivências minhas, e extensão, forma, movimento tenham realidade fora de mim, sendo algo mais que vivências. Como posso comprovar a existências dessas coisas fora de mim, transcendendo das minhas vivências? Como afirmar a existência metafísica em si, e por si, dessas qualidades primárias, que são tão vivências como as secundárias? A verdade, diz Berkeley, é que todas as idéias têm o mesmo caráter vivencial, nenhuma me permitindo sair de mim mesmo para alguma região metafísica, onde as coisas existam em si e por si, fora de mim.

Mudando para outro ponto na seqüência do desenvolvimento histórico-filosófico, prosseguiu o mestre cananeano:

– E de novo, na história do pensamento filosófico, Berkeley levanta o velho tema ontológico e metafísico de ser e de existir. Que é ser?, pergunta, e que é existir? Como ele se achava prisioneiro de seu psicologismo, sem porta para o exterior, já se vê que sua resposta não poderia ser outra que não a psicológica. Chamo ser as qualidades: ser branco, ser preto, ser extenso, ser vermelho, ser duro, ser flexível, ser redondo, ser triangular, ser dois, ser três, ser cinco, tudo **é ser**. Por isso, ser, são qualidades que distingo. Eu percebo, e minha percepção é o ser das coisas; as minhas **vivências são o ser**. Só posso conhecer aquilo de que possa ter vivência ou percepção. Ainda que uma realidade exista, se não é percebida por mim, não existe, não podendo eu falar dela. Este é o idealismo subjetivo mais inteiro e completo, porque Berkeley

responde à pergunta quem existe?, dizendo: “existo eu com minhas vivências, e fora disto nada mais existe”. Este é o chamado imaterialismo de Berkeley, o qual ele cuida seja o ponto de vista de todo o mundo, embora poucos o saibam expressar. Se a um roceiro se perguntar: que é isso aí? Ora, isto é meu carro puxado a bois! Quererá dizer, contudo que vê o carro, que o toca, que o ouve, que, quando bate nele com a cabeça, doi-lhe a cabeça. O carro existe, sim senhor, dirá o lavrador. Mas se repararmos bem, o carro foi conhecido através dos sentidos da vista, do tato, do ouvido e da dor... de cabeça. O nosso homem da roça teria de concordar com Berkeley, e dizer: – É verdade... não tinha pensado nisso! De fato só existo eu com minhas vivências... Como este é o pensar de todo mundo, não será ele o idealismo, e sim, o imaterialismo.

– Que resíduo sobrou do cartesianismo? Interrogou Árago, e ele próprio responde: Restou o eu que tem vivências. O eu existe, porque tenho dele uma intuição direta. Por isso o “*cogito*” cartesiano ainda perdura em Berkeley. Eu sou uma coisa que pensa; eu sou um espírito que tem vivências. Todavia, eu e as minhas vivências não podemos existir por si mesmas; Alguém as pôs em mim ao me criar; esse Alguém, espírito puro tanto como o “eu”, é Deus. Logo, eu vivo; eu vivo e tenho vivências por mercê de Deus. Este é o outro resíduo cartesiano-Deus. O eu existe por intuição direta, e Deus por necessidade da minha existência; mas a extensão é pura vivência, e não posso saber se existe fora de mim.

– Este resíduo metafísico cartesiano, o espírito que tem vivências, e Deus, caem por completo com David Hume. E usa este o mesmo método psicológico de Berkeley. O método de Hume consiste em reduzir cada coisa à sua expressão mais simples. Decompõe ele cada coisa nos seus elementos, e depois toca a decompor os elementos obtidos, e assim prossegue até que cada coisa se reduza a zero. Hume chama “impressões” às vivências e, representações, às idéias. Eu tenho, agora, a impressão de verde; ato contínuo, posso fechar os olhos, e imaginar o verde: essa é a representação de verde. E como a memória guarda todas as impressões, sob a forma de representações, segue-se que temos muito mais representações que impressões. Essas imagens representativas, já, de si, mais numerosas que as impressões, combinam-se, associam-se, dando-nos novas imagens e também idéias que não tiveram raiz diretamente nas impressões. Eu que vi um pássaro verde e outro azul, posso imaginá-los vermelhos, amarelos, brancos, sem que essas aves me tivessem causado essas impressões. Ainda que associadas, as geratrizes das representações são as impressões. Então, é só decompor as representações complexas nas simples, que tudo se reduzirá a impressões. E se porventura alguma representação não tiver raiz nas impressões, que sucederá? Pois sucederá, muito simplesmente que se trata duma ficção. Só as representações que, decompostas, mostrarem proceder de impressões são válidas. E assim começa Hume a sua espantosa demolição. A que impressão ou impressões corresponde o conceito de substância? Ora, substância é aquilo que Locke chama “não sei que” a qual se acha por baixo dos caracteres, dos acidentes, das particularidades. E se tomo uma lâmpada nas mãos, e me pergunto: qual a substância desta lâmpada? Qual seria a resposta? Sua cor vermelha ou azul não é a substância, visto que esta é mais que sua cor; não pode ser tampouco sua haste ou suporte, uma vez que ela é mais que seu suporte. Seria sua mecha ou torcida em que se põe fogo? Eu sei o que é a lâmpada, o braço, a torcida, o combustível, o fogo, a luz, mas o que é a substância não sei. Seria a reunião de tudo, a substância? Não, porque Locke a especifica com a palavra “não sei que”, e diz que é o sustentáculo em que as impressões se apoiam. As impressões, acho-as todas; porém não o esteio que as suporta, por mais que apalpe não o sinto. O conceito de substância não pode, por conseguinte, ser decomposto nas suas impressões genéticas; então não existe, senão como criação fictícia na imaginativa; fora com ele, portanto.

– E a representação de existência, continuou Árago, teria seu fundamento nas impressões? Peguemos de novo a lâmpada nas mãos, agora para procurar nela o fundamento do conceito de existência. Não é nenhuma parte da lâmpada, nem todos reunidos, nem sua matéria, nem sua forma. Então, que é existência, senão um conceito abstrato, sem alicerce nas impressões, pura criação imaginativa? Fora com ela, também.

– E o eu? Prossegue Árago: o eu acaso se alicerça nas impressões? Vejamos: Descartes, Locke, Berkeley não puseram em dúvida a realidade do eu. Por conseguinte, o eu pode ser achado nas impressões que o formam. Descartes diz que o eu é uma intuição que tenho de mim. Que intuição? Intuição sensível? Eu tenho intuições do verde, do azul, do medo, de vivência, de

dor, etc. porque tudo isto eu sinto como impressões. Todavia, onde achar a vivência do eu? Observo-me, perscruto-me introspectivamente, e acho uma série de vivências, sem que nenhuma delas seja o eu. No exame profundo e compenetrado que faço de mim, não me encontro a mim mesmo, e sim somente, vivências que são minhas. Somente acho *o meu* e não, nunca, *o eu*. Só tenho vivências e mais nada. Um homem ao qual todos os sentidos faltassem, como ocorre com o que sofreu anestesia química geral e profunda, não teria vivências nenhuma, e para ele nada existiria, nem ele próprio! Não sentiria fome, nem sede, nem dores; se lhe tapassem a boca e o nariz, morreria sem sentir falta de ar. Esse homem não poderia ter consciência de si, e dizer: eu existo. Isso porque, estando fora de si, faltar-lhe-ia quaisquer vivências. Logo, só existem vivências. Nós tomamos todas as nossas vivências, fazendo delas um amassilho, e depois concluímos: isto é o eu! Contudo o conceito de eu é um acréscimo indébito que fazemos sem base na realidade das impressões.

E tendo o pensador cananeano parado um pouco para se descansar, todos passaram a trocar entre si impressões. Finda a pausa, prosseguiu Árago:

– Também a idéia de causalidade é um mito da imaginação. O calor dilata os corpos. Eu tenho a impressão do calor e a tenho de corpos. E observo o fenômeno da dilatação. Porém, a idéia de causa, sobre que impressão se apoia? A causa é o calor? Mas o calor se originou da combustão. Logo esta reação química produtora do calor é que é a causa? Porém a reação química provém da afinidade que o oxigênio tem pelo carbono, pelo hidrogênio e pelos metais. Por conseguinte a causa é a afinidade química? Quem é que não vê que não há causa nenhuma nesta cadeia de antecedentes e conseqüentes? Trata-se apenas de associação de impressões por contigüidade. A causalidade não tem apoio nas vivências, e não passam de associação de idéias (Hume chamava idéias às impressões) por sucessão no tempo.

– De maneira, prosseguiu o mestre de Cananéia, que tudo são impressões além das quais nada mais existe. Nada existe que seja exterior a mim; e se existo, não tenho meios de sabê-lo, visto que só tenho impressões e nada mais que isto. Posso crer que o mundo externo existe, mas não posso ter ciência disto, visto que não tenho passagem para o exterior. Ora, a metafísica cogita do problema do ser que não posso saber se existe; logo, a metafísica é impossível. À pergunta *quem existe?* Descartes responde: existo eu, a extensão e Deus; Locke responde o mesmo que Descartes: todavia, Berkeley já nega a existência da extensão, conquanto afirme a existência do eu e de Deus; Hume responde à pergunta dizendo: não há eu, nem extensão, nem Deus. Só há vivências. O mundo físico poderá somente, ser objeto de crença. Ora, se a física é objeto de fé, que será, então, a metafísica que se oculta por detrás da física? Uma fé que se oculta por detrás de outra fé? O que há é um *credo* no qual todos os homens rezam: creio na existência externa do mundo, na minha própria, na física, na química e na biologia; creio no que vejo das estrelas, dos planetas e do universo; e crer, depois, que haja qualquer coisa, a mais, por detrás de tudo isso que apenas creio, é crer demais, é fé sobre fé!...

– Eis, meus caros, concluiu o mestre, as últimas conseqüências do idealismo. Este é o ponto de máxima descida do ciclo histórico da filosofia. Depois disto não há mais descer. O psicologismo aqui, enfunando-se de todo, invadiu e dominou tudo, matando a lógica, a ontologia e a metafísica. Não há mais razão nem lógica de as coisas serem assim; elas são assim, porque o creio, porque me habituei, por associação de representações. De igual forma, ruíram todos os conceitos ontológicos de substância e de existência. Todavia, sendo o homem um ser ativo, ele atua e sente necessidade de viver; para viver precisa contar com certas regularidades e fazer previsões baseado nelas. Estas regularidades observadas pelo homem, vividas por ele são suas ciências, suas verdades. Esta é a causa de se dizer que David Hume é o predecessor do positivismo, assim como, também, o do pragmatismo.

E tendo, o mestre, feito uma pausa para concatenar novas idéias, dona Cornélia, que já esperava à porta, entrou com a bandeja de xícaras e o bule de café.

– Bravo! Exclamou Árago voltando-se para a esposa. Estava vai não vai para pedir nos trouxesse o café.

E enquanto tomavam o café, iam todos expondo suas impressões relativas ao estudo. Árago se mantinha em silêncio, com os olhos postos no vazio, pois tinha a mente fervente de idéias, e se dispunha a expô-las. Findo o café, e enquanto dona Cornélia se retirava, sorridente,

Árago reiniciou o fio da palestra dizendo:

– Como vimos antes, o conhecimento é uma correlação entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido; este binômio sujeito e objeto, como eu dizia, são como que os dois pratos numa balança. O pensamento é o fulcro, o ponto de apoio, o eixo de rotação sobre que se move o sistema. Se o sujeito se fizer peso, ou padrão de medida, tudo o mais terá de aferir-se, de medir-se, de ajustar-se por ele; isto se chama idealismo. Se, pelo contrário, os objetos conhecidos se fizerem padrões, até o mesmo sujeito será avaliado em função deles. Esta trilogia, sujeito, pensamento, objeto, é indecomponível na sua função de conhecer. Os argumentos de Hume, pois, soam como os de um homem que armasse assim seu argumento: sei o que são os pratos da balança, o que é o travessão, o cutelo, o fiel, o fulcro, os pesos e a coisa pesada. Mas quando me pergunto: quais destas coisas é a balança, fico sem resposta, porque nenhuma por si só é a balança. Como a balança não é achada nos seus elementos isolados, segue-se que ela não existe; a balança não passa de um termo criado pela imaginação sem correspondência no mundo das peças que a compõem. No entanto todos sabemos que a balança é o conjunto funcional de todas as peças organizadas. Assim também com o conhecimento: é ele um acontecimento em que tomam parte o sujeito, o objeto e o pensamento. De cada reunião deste tipo aparece um “quid” do conjunto que não pode ser achado nas partes. É preciso não perder de vista a lei universal que diz: toda a reunião de indivíduos, não é uma soma, mas, um produto. O todo é sempre, por toda parte, mais que simples soma dos elementos que o compõem. A água, por exemplo, possui propriedades específicas próprias não encontráveis nos elementos que a integram. Acaso o hidrogênio e o oxigênio são líquidos? Não. E, pois, donde proveio o ser líquido da água? Assim também com os conceitos de ser, de existir, de extensão, de eu, os quais, se forem decompostos nos seus elementos constitutivos, perdem suas propriedades e características. Se tais conceitos inexistem, porque não podem ser achados nas partes, segue-se que, pela mesma razão, não existem as propriedades do ácido nítrico ou sulfúrico, porque tais propriedades não se acham no azoto, nem no oxigênio, nem no hidrogênio, nem no enxofre. Como as propriedades dos ácidos não são encontradas nas partes componentes, não podem existir no todo, no composto, donde vem que é absurdo afirmar que os ácidos azótico e sulfúrico são corrosivos e tóxicos. Igualmente o ácido cianídrico se compõe de carbono, azoto e hidrogênio, e estes dois gases podem ser respirados à vontade, sem perigo nenhum. Porém, combinados todos, dão o ácido cianídrico que é um líquido volátil, pouco estável, de cheiro característico, semelhante ao das amêndoas amargas que o contém. E é um veneno violentíssimo. Mas, que é isso?! Acaso são venenosos os gases azoto e hidrogênio? Não! É, então, venenoso o carvão, o grafite e o diamante que tudo é carbono? Não! E, pois, se estes corpos químicos simples, isolados, não são venenosos, donde vem o ser venenoso do composto? Pela lógica de Hume podemos ingerir ácido cianídrico sem nenhum perigo, porque, segundo ele, nada pode existir no todo que já não se contenha nas partes; Ora, o veneno não se encontra nas partes; logo, isso de ser venenoso o ácido cianídrico é puro produto da imaginação humana. Mas é verdade de fato que tal veneno fulmina quem o ingere, não sendo ficção nenhuma o ser venenoso do ácido cianídrico; por conseguinte, pode estar no todo o que não se contém nas partes, e esse “quid” donde proveio? Simplesmente veio do estarem os corpos reunidos em combinação.

– Toda a química da vida se apoia sobre os cinco corpos cujos símbolos dão a palavra CHONS, muito fácil de ser guardada de memória, e que significam: carbono, hidrogênio, oxigênio, azoto e enxofre. Olhemos agora, e tornemos a olhar o calidoscópio da vida refervendo em todo o lugar. Valha-me Deus! Que é isto? Acaso tudo o que está no todo não está nas partes? E, pois, porque não encontramos em CHONS, nenhuma das propriedades variadas e maravilhosas que se acham, por toda parte, a cavaleiro destes cinco elementos? Não encontramos em CHONS as maravilhas da vida, porque estas resultam do arranjo e da proporção. E a técnica moderna, imitando a vida, criou com o CHONS o mundo dos plásticos, e encompridando a cadeia do carbono, tornou ilimitada a criação de substâncias artificiais. E toda esta maravilha já do mundo humano, já do mundo natural, se deve a este princípio da terceira jornada filosófica: o todo é sempre, por toda parte, mais que a soma dos elementos componentes; ou, de outro modo: a combinação de elementos simples nunca é uma soma, mas, um produto. E a combinação de dois ou mais produtos entre si dá um terceiro produto mais complexo, e assim, até as formações

mais altas da vida, do instinto e da consciência. Se decompuermos tudo, mais radicalmente do que o fez Hume, iremos chegar ao elétron, cujo raio foi considerado como sendo a distância mínima possível. Daí para baixo, o espaço passa a ter, “para empregarmos a expressão do Prof. March, “estrutura granulosa”⁴⁷. Nessa poeira etérea do caos primevo, de “estrutura granulosa” formaram-se os turbilhões eletrônicos positivos e negativos sob o embate das todo-poderosas energias cósmicas. Estes turbilhões se entrosaram depois e se complicaram na formação dos núcleos atômicos do pré-hidrogênio. A matéria e a anti-matéria travaram, aí, a mais terrível batalha pela primazia de formar-se. Finalmente, no seio desse caos mais inteiro venceu a matéria do tipo da do nosso universo físico, forjando-se de partículas subatômicas muito simples. Todo o calidoscópio da vida, portanto, que ferve lá em cima, tem seu fundamento remoto no embate de forças deste inferno subespacial. Se Hume tivesse razão, nada existiria no universo que já não fosse encontrado no próton, no nêutron e no elétron da nossa matéria. Mas não. A complexidade da vida está a cavaleiro de miríades de formações que lhe ficam abaixo e a sustentam, e estes sustentáculos se apoiam noutras partes que por sua vez se fundamentam noutras, até os alicerces mais profundos situados no subespaço, onde atuam as partículas mais elementares e simples desde o começo dos tempos. Que abismo sem fundo é esse que podemos contemplar cá de cima, do nível da consciência! E se olharmos para cima, outro infinito se ergue tão imperscrutável, quanto é o infinito negativo, abaixo de nós, que ruma para o não-ser do não-espaço e do não-tempo!

Terminada esta frase, perdeu-se Árago em cismas profundas. A vertigem da altura e do profundo também mantinha em suspensão todos os presentes. Depois, tornando a si o pensador, pôs termo ao enlevo de todos com estas palavras:

– Como viram, meus caros, o empirismo eliminou do pensamento aquilo que ele tem de lógico, de enunciativo, de tético, de afirmação ou de negação de alguma coisa. Mesmo que se diga, à moda de Hume, que todo pensamento é uma vivência, ainda não poderíamos olvidar que este pensamento põe, afirma ou nega algo do objeto. O pensamento é sempre a enunciação de uma tese a respeito do objeto, e isto faz o pensamento ter valor objetivo e referir-se a um ser que existe, necessariamente, fora do sujeito. Os próprios ingleses criaram uma figura de pensamento para expressar esta realidade; dizem eles que todo pensamento é bifrontal, como Jano; um de seus rostos olha para dentro do sujeito e outro, para fora. O rosto que olha para dentro se ocupa de vivências puras, de acontecimentos psicológicos ocorridos no recesso da consciência, consistindo em puro subjetivismo. O rosto voltado para fora cuida do objeto, sendo, por isso, a parte enunciativa que afirma ou nega algo do objeto. Todavia, Hume descurou-se desta face exterior, fazendo seu psicologismo olhar somente para dentro, para as impressões, como se estas pudessem formar-se sem os objetos exteriores, aos quais os próprios pensamentos, as próprias vivências se referem.

E consultando seu esquema, continuou o mestre:

– Até os fins da Idade Média, o pensamento conservou-se monofrontal, visto olhar somente para o objeto do conhecimento, e não para dentro da consciência. Depois da Renascença, a começar com Descartes, o pensamento tornou-se bifrontal, pois não somente olha o objeto, senão que se examina a si mesmo como vivência. Mas o psicologismo inglês só se ocupou da genética do pensamento, somente curou da visão introspectiva, deixando de parte o objeto que põe em movimento a introspecção, porquanto, o mundo circunjacente é o estímulo possibilitador das sensações, das vivências, das representações, das idéias. É assunto pacífico que se o homem não possuir sentidos nenhuns, não terá vivências; porém, se lhe faltar por completo o ambiente exterior, tampouco as terá. Por isso, não se pode desprezar o objeto que é um dos termos do trinômio sujeito-pensamento-objeto, no qual o pensamento figura como equador entre pólos opostos, ou termo médio e de passagem entre os extremos.

E tornando o pensador a consultar o esquema, prosseguiu:

– É interessante vermos agora como Berkeley fez sua crítica, considerada hoje clássica, ao conceito de universal, de geral. Diz ele, fazendo lembrar Aristóteles, que é impossível a idéia geral de triângulo, porque quando pensamos em triângulo vem-nos à mente uma forma individual. Ninguém, jamais, pensou num triângulo universal, e sim, somente em triângulos individuais que levam o nome de isósceles, escaleno, retângulo, etc. Ora, se não podemos pensar

47H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 61

a não ser numa dada forma de triângulo, segue-se, necessariamente, que não há a idéia geral de triângulo, sendo este apenas um nome. Isto soa como os argumentos dos nominalistas medievais, ressuscitados pelos idealistas modernos. Onde, porém, se encontra a falha? A falha consiste em que as imagens formadas em nossa mente não são pensamentos, mas figuras tão individuais quanto as dos objetos que elas refletem ou espelham. Na imaginação temos o retrato do mundo que nos cerca, aí chegado através dos sentidos; aí está refletido tudo sob a forma de imagens, e como retratam as coisas individuais, são individuais também. Porém, o pensamento não é isso, e sim, é a abstração que generaliza as imagens individuais da mesma espécie, tirando delas um conceito. Qual, pois, é a idéia de triângulo? É a idéia do que tem três lados ou três ângulos, e só. Esta é a enunciação lógica ou racional do triângulo, não sendo, portanto, imagem nenhuma, conquanto esteja este conceito a cavaleiro das imagens. É absurdo mandar, como fazia Berkeley: – pense um triângulo; e depois inquirir: – que triângulo você pensou? Isto é tomar imagem por conceito. O que ele queria propor era: - imagine um triângulo. Porém, pensar um triângulo, um determinado triângulo, é impossível, porque o conceito de triângulo é geral, donde vem que só se pode mandar pensar o triângulo; e se depois mandarmos: – desenhe o triângulo pensado na lousa, se o sujeito ao qual falamos for lógico, há de replicar-nos: – isso é impossível, pois conceitos, com serem gerais, não são desenháveis. Para desenhar o triângulo, preciso é imaginá-lo, e então, será o isósceles, o escaleno, o retângulo, o curvilíneo, etc., e já, aí, aparecem todos individuados.

– Além desta crítica de Berkeley ao universal, prosseguiu Árago, outro ponto que merece estudo é o conceito de ser em si, no que também conservam um fundo do realismo aristotélico. Ora, os nominalistas pretendiam que as coisas existem em si mesmas, independente de que haja ou não quem as conheça. Este ser que está nas coisas, que pode ou não ser conhecido por mim, é o ser em si. Mas há nas coisas dois seres, sendo um este ser em si, e outro ser-para-conhecimento. O ser do conhecimento não é o ser em si; contudo não é um não-ser. Todavia os idealistas não podendo achar nas coisas o ser em si, negam-no, de todo, na coisa, e o transferem para o sujeito. Porém Hume, em fazendo sua análise, não encontra nenhuma impressão que corresponda ao eu, logo, não há o eu em si. Contudo este *em si* que não há para o sujeito, nem para as coisas, existe nas vivências. Para Hume, pois, as vivências são coisas em si. Isto de chamar as vivências *coisas em si* é resíduo do aristotelismo. E assim vai acesa a luta, até que Kant nos venha demonstrar haver além do ser em si das coisas, um outro ser para conhecimento, sendo este ser do conhecimento o objeto para o sujeito. Aquilo que apreendemos das coisas, não é o ser em si, mas o ser objeto do conhecimento. E o pensamento é a correlação do sujeito e do objeto, sendo este objeto o ser para conhecimento, e não o ser em si. O ser em si é o ser natural, objetivo, exterior, que constitui um problema insolúvel para a filosofia; já o ser para conhecimento é o ser lógico, posto para ser conhecido, um ser proposto como problema. Não vale dizer como Berkeley que o ser do conhecimento é o ser percebido; conhecer é mais que o simples perceber, pois qualquer animal inferior percebe, mas não conhece. Mas isto é problema para Kant resolver. Cumpre-nos agora ver o que Leibniz andou fazendo.

E dizendo isto, pôs-se o mestre em pé, para desentorpecer as pernas do muito estar sentado. E permanecendo assim, prosseguiu:

– Como já hemos visto, Hume destruiu tudo, caindo, por isso no mais radical pessimismo. A Kant cabe a missão de reconstruir o mundo idealista, pois ele é o ponto alto desta outra onda histórica. Todavia, antes dele, que fale seu precursor Leibniz.

– Este, continuou o mestre, foi um dos grandes espíritos surgidos neste mundo, e quanto a seu saber enciclopédico, faz parêntese com Aristóteles e Descartes. Espírito argutíssimo viu claro onde se ocultava o calcanhar de Aquiles do empirismo inglês, e esta falha consistia em reduzir, como fizera Locke e Cia, o racional ao fático, considerando a razão, como se fora ela fato. Refutando os “Ensaio Sobre o Entendimento Humano” de Locke, Leibniz escreve os seus “Novos Ensaio Sobre o Entendimento Humano”, publicados após a morte de Locke. De início, Leibniz distingue duas formas de verdade que são as *verdades de razão* e as *verdades de fato*. As verdades de razão são aquelas que enunciam alguma coisa, de tal modo que não poderia deixar de ser desse modo. As verdades de fato são aquelas que declaram que uma coisa é de certo modo, mas que poderia ser de outro. Quer dizer que as verdades de razão são necessárias, no passo que as de fato são contingentes. O conceito de triângulo nos declara ser triângulo tudo o

que tenha três ângulos, e não poderia ser de outro jeito. Todos os pontos duma circunferência são equidistantes do centro, e não pode ser de outro modo. Porém, se declaramos que o calor dilata os corpos, temos de supor que poderia não ser assim, e de fato, não o é, com respeito à água, que se dilata com o frio, ao se fazer gelo, e por esta causa, blocos de gelo bóiam sobre as águas. Por isso todas as verdades matemáticas são verdades de razão, são lógica pura, são necessárias, ao passo que as verdades das ciências experimentais, como a física, a química, a biologia, a história, são verdades de fato, porque contingentes, e são de um modo, mas não há razão nenhuma para que não pudessem ser de outro. Isto posto, temos: se a razão se reduz a fato, deixa por isso mesmo, de ser razão, passando ela da qualidade de necessária, à condição de contingente. Daí por diante as verdades de razão poderiam ser de um modo e também de outro. Neste caso as verdades matemáticas tinham de ser experimentais como as das ciências empíricas, e 2x2 podiam não ser quatro. Na física nuclear é assim, donde ser possível a bomba atômica de urânio e de hidrogênio. Ao cindir-se o átomo de urânio em dois outros, sendo um de bário, e outro de criptônio, há uma sobra de massa que se transforma em energia segundo a bem conhecida fórmula de Einstein. Quer dizer que postos num prato da balança os dois átomos resultantes da cisão (criptônio e bário), e no outro prato o átomo inteiro de urânio, pesa mais este que aqueles dois reunidos. Iguamente quatro átomos de hidrogênio pesado, submetidos a altíssima temperatura, fundem-se um no outro, formando dois átomos de hélio. Pois estes quatro átomos de hidrogênio pesam mais que os dois de hélio resultantes, donde vem que uma sobra de massa se transforma em energia, seja na bomba H, seja na fornalha solar. O hidrogênio, por este modo, é o combustível que mantém aceso o Sol. Por isso “na física nuclear 2+2 não são 4, mas sim 3,9 ou 4,1”⁴⁸. Eis uma verdade contingente ou fática que só pode ser alcançada pela experiência. E se reduzirmos as verdades de razão às verdades de fato, aquelas também passam a ser contingentes, e não mais necessárias. O fato, portanto, é como é, sem nenhuma razão de ser; no passo que o racional é como é, porque não poderia ser de outra maneira.

– E este é o pecado original do psicologismo, continuou Árago, e foi isto que Leibniz enxergou com olhar de lince. O psicologismo reduz o pensamento a vivência pura com o que faz dele puro fato; cessa portanto de existir o racional que é necessário, para só existir o fático que é contingente. Há, pois, que distinguir no pensamento duas coisas: as vivências e o racional; as vivências que criam as imagens, possibilitam a imaginação, que é o mundo exterior refletido em nosso espírito. E como o mundo exterior se compõe de fatos, a imaginação, a imagética é, por sua natureza, fática, e, por isso é como é, podendo, contudo, ser de outro modo. Neste plano, o da imaginação, tudo pode ser mudado livremente, e é por isso que o romancista, o ficcionista cria o que não existe, mas que poderia existir alhures. Por que não fazer os animais verdes, as árvores vermelhas, o céu amarelo, a água e as nuvens lilases? Então se imagina a vida em outro planeta, e tudo pode ser então, como se quiser que seja. E por que? Simplesmente porque, sendo a imaginação reflexo do mundo em nosso espírito, como aquele, ela é fática, e, por isso, contingente, fortuita. Aqui está no que dão as vivências, de que se compõe uma parte de todo pensamento. Há, porém, a outra parte que é a racional, a necessária, visto como não pode variar como ocorre com a imaginação. O racional generaliza as imagens, abstraindo delas o conceito que é a parte inteligível das coisas, a essência delas, o universal que, por isso mesmo, é unitário, imutável, constante, eterno, necessário, ideal. Se retirarmos ao pensamento o que ele tem de racional, de formal, tudo se reduz à irracionalidade fática, contingente, fortuita, mutável, calidoscópica, ilusória, que é o reino do vir-a-ser heracliteano refletido em nosso espírito, ou seja, o mundo do não-ser parmenídico-platônico. Não é sem razão que David Hume se perdeu neste labirinto, caindo no mais radical pessimismo. E se a verdade não está nesta parte do pensamento, terá de ser procurada na outra; se não está no reino fantasioso da imaginação e das vivências puras, só pode estar no mundo da realidade racional, donde vem que ser real é ser racional. Daí o ter dito Hegel que “todo o racional é real e todo o real é racional”⁴⁹.

– A pedra é real, argumentou Alcino Licas; logo é racional? Mas a pedra não é racional, porque não raciocina; então não é real?

– A pedra, tornou o mestre, é e não é real, visto que nela há as duas coisas: o fático ou

48Fritz Kahn, O Átomo, 93

49M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 25

contingente, e o real ou racional. Olhando uma rocha e muitas rochas de cores e espécies diferentes, tenho em minha imaginação, a vivência, a imagem delas. Dessas imagens abstraio o que há de comum em todas as rochas, o universal delas, que é a essência, o conceito de rocha. Esse conceito é o real ou racional, para falar que nem Hegel. E como tirei o conceito das rochas, através das imagens que elas produziram no meu espírito, segue-se que esse conceito, esse racional, essa essência está nas rochas, sem o que eu não poderia entendê-las. Então o pensamento que tenho da pedra está em mim, porque antes estava nela; na pedra, pois, há pensamento, há racionalidade, e ela é real por ser racional (Hegel). Não é que a pedra seja racional porque ela raciocine; é racional por ser inteligível, por conter em si um pensamento que não é seu, mas daquele que a criou, do mesmo modo pelo qual a estátua contém o pensamento do artista que a plasmou. E é por este pensamento, por esta essência que a pedra se torna racionalmente real. Fora disto que posso apreender da pedra, ela me é incompreensível, irracional. Este irracional da pedra constitui o que ela tem de fático, de contingente, que poderia ser assim ou de outro modo. Por este lado a pedra possui um conteúdo, uma substância, e esta pode ser variável, pode deixar de ser pedra para ser fragedos, pó, moléculas de puro composto químico. Por esta parte a pedra está sujeita aos processos do vir-a-ser heracliteano, e sendo que ela é isto, e já não é isto para ser aquilo, então não é, e se reduz ao vir-a-ser heracliteano que é o não-ser de Parmênides. Por isso, meu Licas, a pedra é real por ser racional, não porque raciocine, mas porque possui em si a racionalidade, e isto é o que Hegel chamava de real. E se você me puder mostrar uma coisa que não possua em si esse “quid” de racional, essa coisa não seria entendida, não possuiria conceito ou essência e você não a conceberia, quer dizer: essa “coisa” não teria lugar no seu espírito nem na sua imaginação, nem na sua razão. Entendeu, agora, o que disse Hegel, ao afirmar que “todo o racional é real e todo o real é racional”?

– Entendi.

– Toquemos por diante, então, com nosso estudo, tornou o pensador. Este assunto que vimos há pouco, referente às *verdades de fato* e às *verdades de razão* é exatamente igual a divisão que fazem os lógicos a respeito dos juízos apodícticos e dos juízos assertórios. Os juízos apodícticos são aqueles em que o predicado repete aquilo que já se acha implícito no sujeito. Dizer que o triângulo tem três lados, e o quadrado, quatro, é uma redundância, uma tautologia, pois é impossível que o triângulo não tenha três lados, e que o quadrado não possua quatro. Por isso, verdades de razão e juízos apodícticos são uma e a mesma coisa. Igualmente acontece com as verdades de fato e os juízos assertórios; neste caso o predicado diz uma coisa do sujeito que não se acha implícito no seu conceito. Dizer que o Sol é luminoso, que o calor dilata os corpos, que a lanterna é vermelha, são juízos assertórios ou verdades de fato, porque o Sol podia ser escuro, visto haver de fato estrelas escuras; o calor poderia não dilatar os corpos, e a lanterna poderia ser azul. Então, os juízos apodícticos são as verdades de razão, e constitui todas as das matemáticas; os juízos assertórios são as verdades de fato, próprias das ciências experimentais. O ter quatro lados é qualidade que pertence ao quadrado, não de fato, mas de razão. Já o ser luminoso é qualidade que pertence, de fato, ao Sol, mas não lhe pertence de razão, porque o Sol, como muitas estrelas mortas, poderia não ter luz. Eis o que significam as expressões *de razão* e *de fato*. Isto posto, pergunto, aqui, ao Licas: as verdades de razão ou os juízos apodícticos podem originar-se da experiência?

– Claro está que não. Se as verdades de razão se originassem da experiência, seriam originados de fatos, e então seriam verdades de fato. Igualmente, as verdades de fato não se podem originar da razão, e sim só das experiências.

– Exato! Exclamou o mestre. Foi isto, precisamente que arruinou a física de Aristóteles. Há nela erros de fato, conquanto possa tudo estar bem deduzido pela razão. Errou, Aristóteles, quando afirmou que duas massas diferentes, mas da mesma forma e da mesma matéria, têm velocidades diferentes quando abandonadas no espaço, em queda livre. Galileu, aproveitando-se da inclinação da Torre de Pisa, fez a experiência, e verificou que tais massas caem com igual velocidade, observando-se um só baque no chão. Errou ele quando disse que o cérebro servia para refrigerar o sangue, que a mulher é um homem inacabado, e outras mais tolices que foram refutadas na Renascença. Em vez de fazer experiência, foi tirando tudo da sua cabeça, e aí está o que vem a ser os erros de fato.

E após uma pausa, prosseguiu o filósofo:

– O que vem agora aqui no meu esquema, é a parte referente à gênese das idéias, segundo Leibniz. Para ele as idéias são inatas. São inatas as verdades de razão. Não é que Leibniz quisesse sustentar que as crianças nascem sabendo; nem que o saber fosse um simples recordar das coisas já sabidas quando almas, habitavam o “topos uranos”, como queria Platão. São inatas porque fazem parte do mecanismo da mente; essas idéias são a fisiologia do espírito; o cérebro já foi construído pela natureza para operar desse modo, e por isso, com ou sem professor ele aprende a fazer aquilo para o que ele foi construído. Assim como cada órgão sabe executar sua função, sem aprendizado, também o cérebro, o espírito, sabe pensar, e pensa primeiro com as verdades de razão. Os pais ficam, às vezes, boquiabertos diante das deduções que filhos muito pequenos sabem tirar. Gênios? Não! Apenas o mecanismo natural da razão. Naturalmente os mais bem dotados fazem isso melhor que os mal dotados, pela mesma razão por que corre mais o cervo que o cágado. Gênio, em parte, é isso: harmonia, complexidade e riqueza da tecitura cerebral. Mais que o peso, mais que as circunvoluções, o “mais importante é, como num tapete, a finura do tecido, o desenho, o número e a capacidade de realizar, a ramificação e o entrelaçamento das células pelas fibras de ligação”⁵⁰. Mais isto: “Não há relação direta entre tamanho do encéfalo e capacidade mental; a maioria das pessoas bem dotadas têm um encéfalo de tamanho médio, enquanto são relativamente poucos os que têm encéfalos grandes ou pequenos. Mas com uma exceção: três dos maiores gênios em três terrenos diversos – Rafael, Dante e Bach – possuíam cabeça pequena, abaixo da média; mas o maior encéfalo sadio, até hoje medido (2.222gr.), era o de um operário insignificante”⁵¹. A razão, e por isso se chama razão, é por sua natureza dedutiva, isto é, própria a operar, antes de tudo, com as verdades de razão. “Disse o grande Tertuliano, no segundo século, que “a alma humana é cristã por natureza” – com a mesma razão poderíamos dizer que “a inteligência humana é filósofa por natureza”⁵². Se a inteligência humana é filósofa por natureza, e por natureza dedutiva, segue-se que a filosofia é dedutiva, no passo que a ciência é indutiva. A filosofia trabalha com as verdades de razão mais do que com as de fato, no passo que, vice-versa, a ciência experimental opera com as verdades de fato, mais do que com as de razão. Esta tendência é tão acentuada, que até os juízos científicos são, ao mesmo tempo, sintéticos e *a priori*, como ainda iremos ver em Kant. Basta só uma experiência bem feita para se lhe induzir a lei geral, e desta, deduzir tudo o mais.

E tendo feito uma pausa, continuou o filósofo:

– Existe, pois, em nosso espírito, potencialmente, virtualmente, germinativamente aquilo que, com o correr dos anos, se vai explicitando, desenvolvendo. A matemática surge, nasce, aparece, porque o mecanismo dela é já o do próprio espírito, e o seu aprendizado é a sua explicitação. Eis um caso, para exemplo: o pai de Blaise Pascal, desejando que o filho aprendesse primeiro latim e grego, antes que as ciências para as quais manifestava acentuado pendor, trancafiou numa estante todas as obras científicas. Mas o menino, então com doze anos, tendo ouvido falar em geometria, quis saber o que era. O próprio pai lhe deu uma idéia do que tratava essa ciência. “Não foi preciso mais para que o pequeno começasse a descobrir por si mesmo o que outros se haviam recusado a mostrar-lhe. Nas horas de lazer, concentrava sua mente no assunto e não tardou que as paredes do quarto onde brincava se cobrissem de círculos, triângulos, axiomas e teoremas. Deste modo, sem o menor auxílio, instrução ou guia, batalhou só, conseguindo chegar até à trigésima segunda proposição do primeiro livro de Euclides. Ignorando os termos científicos, empregava palavras da linguagem comum, chamando ao círculo, anel; à linha, risco e assim por diante. De fato a criança descobrira as matemáticas”⁵³. Outro caso: “*Ampère*, antes de aprender a ler ou a escrever os algarismos, não conhecia maior prazer do que efetuar operações aritméticas com pequenos seixos ou feijões. Durante uma moléstia grave, quando sua mãe, por mera solicitude, o privou de seus meios de cálculos, ele substituiu-os por pedaços dum biscoito que o médico lhe permitira comer depois do jejum de muitos dias que lhe prescrevera. Calcular era para ele uma necessidade mais imperiosa do que os

50Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 437

51Fritz Kahn, O Corpo Humano, II, 274 - 275

52Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1,21

53Serge Voronoff, Do Cretino ao Gênio, 44

alimentos, mesmo quando tinha fome. Na idade de quatro anos, não conhecendo nem o alfabeto nem os algarismos, sabia fazer impressionantes cálculos mentais”⁵⁴. Há mais casos, mas estes bastam.

Disse o mestre estas últimas palavras, ao tempo em que fechava o livro de Serge Voronoff, depondo-o sobre a mesa. E como estivesse em pé, voltando a sentar-se à sua mesa, prosseguiu:

– Eis, meus caros, a razão por que Leibniz em seus *Novos Ensaíos* relembra a teoria das reminiscências de Platão, quando, no diálogo, Sócrates faz vir à sua presença o jovem escravo Menon para demonstrar a seus ouvintes que o moço conhecia as matemáticas sem nunca as ter aprendido, visto como as matemáticas nascem, surgem, aparecem por evocação do próprio espírito que é criado segundo um plano lógico para ser, naturalmente, racional. Esta é a versão leibniziana para a teoria platônica das reminiscências. E fundamentado nestas evidências propõe, Leibniz, a reformulação do princípio basilar dos empiristas, já milenário, enunciado por Aristóteles, e que diz: “Nada há na inteligência que não tenha estado antes nos sentidos”; a isto acrescenta-se: “exceto a própria inteligência com o seus princípios e leis, com seus germes, com todas as suas possibilidades de ulterior desenvolvimento, não precisando, para desenvolver-se, mais do que o estímulo das vivências”. Esta teoria de Leibniz, sobre as verdades de razão, é que vamos estudar ainda em Kant, com o nome de verdades *a priori*, isto é, que são independentes da experiência. As verdades de razão se opõem às verdades de fato que, em Kant, se dizem *a posteriori*, ou seja, vindas depois da experiência. Este segundo conhecimento é inferior ao primeiro, por ser contingente, no passo que o primeiro é superior, por ser necessário. Se um homem nascer desparelhado para os conhecimentos *a priori*, podemos dizer que é idiota; e porque lhe falta a aparelhagem do *a priori*, por isso mesmo também não poderá desenvolver os conhecimentos *a posteriori*, visto que estes se entrelaçam e dependem dos primeiros. Por isso o ideal da sabedoria consiste em desenvolver as verdades de razão, os conhecimentos *à priori*; depois disto, cumpre não desprezar as verdades de fato, os conhecimentos *a posteriori*, visto que eles também se sustentam em princípios de razão. É claro: a Suma Sabedoria que criou o homem racional, fez o mundo e as coisas segundo o mesmo princípio lógico, donde vem que tudo se torna inteligível e possui em si razão. Por isso é que existe objetividade nas coisas, e é esta que apreendemos com nossa inteligência, donde vem que as verdades de fato, *a posteriori*, também se fundam no princípio de razão suficiente. Por conseguinte, quando um cientista está estudando um fenômeno, não quer outra coisa além de descobrir a lei do fenômeno, a constância com que as coisas se dão, a razão suficiente do acontecimento, a sua inteligibilidade, a sua racionalidade, a sua causa, a verdade de razão que se oculta sob as aparências da verdade de fato. As verdades de fato são aparentiais, ou verdades segundas, porque se buscam debaixo delas, as verdades primeiras, as verdades de razão que aquelas ocultam. Por este motivo há de existir um plano de vida espiritual, onde todas as verdades são de razão, por estarem despidas do fático, do contingente, do transitório, do fenomênico, do vir-a-ser constante. Esse plano é o “*topos uranos*” de Platão, ou lugar das *Idéias Arquétipos*, onde as almas vivem felizes, livres da dor e da morte. Deus é dessa natureza, e por isso nele, ou para ele, não há verdades de fato, *a posteriori*, visto que não precisa da experiência para estar ciente, sendo suas verdades todas de razão ou *a priori*. De um lança de olhos Deus contempla as essências puras, as verdades primeiras, as verdades de razão através do calidoscópio fenomênico, da ilusão contínua que nos cerca e nos aturde. Esta ilusão nossa constitui as sombras da caverna, consideradas em relação às realidades puras das essências que moram em “*topos uranos*”, como refere Platão. Em Deus tudo é atualidade fixada por um tempo eterno que não passa, visto como, quanto mais a velocidade diminui, mais o tempo aumenta, e onde o movimento cessa, o tempo fica eterno. Em Deus não há mover, por isso o tempo é eterno. Esta é a causa de Deus ser atualidade, e, nesta, ele conhece, como numa intuição que só ele pode ter, todas as razões suficientes que fizeram que cada coisa seja aquilo que é; e se a coisa se muda, também há uma razão suficiente para esse mudar que objetiva a perfeição, chegada à qual, cessam as mudanças. Pela mesma razão exposta há pouco, em Deus não há juízos assertórios e todos eles são apodícticos e necessários. Os males e as dores do mundo, a vitória da força e da astúcia, a derrota do fraco, do justo, do humilde e do bom, as misérias do

54Serge Voronoff, Do Cretino ao Gênio, 44

mundo, todas, sem faltar nenhuma, existem de fato, e, como tudo o que é fático, se apóiam sobre razões suficientes que a nós nos cumpre descobrir e desenvolver na terceira jornada filosófica, da qual, estes estudos, são meros exórdios. Quando Leibniz declarou estar este mundo da melhor forma possível, não quis dizer que o mundo é perfeito, mas sim que, por sua razão suficiente, não poderia ser coisa melhor nem pior do que é. Não é este nem o melhor, nem o pior dos mundos; apenas é como é; é como não podia deixar de ser; é como o impõe a sua razão suficiente, e isto ainda iremos ver na terceira jornada, querendo Deus. Ainda iremos ver como se pode ser resignadamente otimista, apesar de estar metido neste bem arrematado vale de lágrimas; por isso ao filósofo da terceira jornada caberá batalhar por duas coisas fundamentais: a primeira é lutar pela melhoria do homem, e, por conseguinte, pela do mundo; a segunda consiste em elevar-se sobre si mesmo o quanto mais puder, tendo em vista evadir-se deste inferno terrestre para planos mais felizes.

Erguendo-se depois de sua cadeira, foi até à porta, e pediu para dona Cornélia lhe trazer um copo d'água. Bebeu a água de uma assentada, e, tornando ao seu lugar prosseguiu:

– O ideal do conhecimento, para Leibniz, consiste no da pura racionalidade que tem sua plenitude na matemática e na lógica. A física, a química, a biologia, etc., são conhecimentos um pouco inferiores, visto se constituírem de verdades de fato com base na experiência. Porém, como já temos dito, não há abismo intransponível entre as verdades de razão e as verdades de fato, donde vem que é necessário transformar as verdades de fato em verdades de razão, e isto se faz com retirar do fático o que ele tem de racional. Como já dissemos, todas as verdades de fato se fundamentam sobre uma base de razão suficiente. Quando buscamos a razão de alguma coisa, verificamos que esta razão se assenta sobre outra anterior, e esta, sobre a antecedente, e cada vez mais se vai alargando o círculo, abarcando razões suficientes cada vez maiores e gerais, até remontarmos à razão primeira que não pode ter antecedente por se ter tornado de âmbito infinito. A razão primeira não tem mais antecedentes, porque, se o tivesse, esses haviam que ser mais que infinitos. Nada, porém, pode ser maior que o infinito; logo, a razão que se situa aí, há de ser a primeira da cadeia para o que desce, e a última para quem sobe. Kant afirma que a cadeia de razões suficientes se interrompe na Causa Primeira sem necessidade. Pois é necessário que nada possa superar o infinito, e, por este motivo, que a Causa Primeira não tenha causa. Das coisas miúdas se compõem as grandes, e, pela recíproca, as grandes se compõem das pequenas. Dos ciclos mínimos depende o desenvolvimento dos máximos, donde vem que os máximos se compõem dos mínimos. Ora, se cada coisa possui a sua razão suficiente, tanto possui razão suficiente as coisas mínimas, como as máximas. Assim há razão suficiente para que exista o universo total de círculo materialmente máximo, como a há para o elétron que é o círculo mínimo. E deste mínimo se compõe o máximo por integração; e pela desintegração, aquele máximo pode chegar a esta partícula infinitesimal, que é o elétron, de cuja reunião, por entrelaçamento de campos, se forma o oceano eletrônico que enche o espaço físico, objetivo. Assim também com o tempo: o elétron é um vórtice de velocidade rotacional máxima; e quando a velocidade raia pelo infinito, o seu tempo se aproxima de zero. Deste modo o tempo mínimo é o do raio do elétron percorrido pela luz. Este tempo é tão curto, que se aproxima de zero ou não-tempo; e o não-tempo, o tempo zero, coexiste com o não-ser completo, que é o não existir, situado no extremo da escala descendente, abaixo do elétron. Daí para cima, começa a gradação dos seres que cada vez mais são, quanto mais crescem, até o ser físico total que é o universo. Mas o universo físico é curvo e finito; logo não é ele a circunferência máxima de raio infinito que coexiste com Deus no puro plano moral. Se abaixo do elétron o tempo não existe, começando a surgir com este, acima do universo total o tempo tende para a eternidade que é quando o movimento cessa. A velocidade e o tempo são inversamente proporcionais; por isso, quando a velocidade aumenta, o tempo encurta, e quando a velocidade diminui, o tempo aumenta. Assim a eternidade não pode ser outra coisa senão um tempo tornado infinito pela ausência total do movimento. O elétron se move rápido para ter existência por meio da velocidade; ele é um quase nada oriundo do movimento que gira sobre si mesmo em turbilhão velocíssimo, e com isto se torna ser; depois gira ele em torno do núcleo atômico com tal rapidez, que se torna como que onipresente em todos os pontos de sua trajetória. Eis outro ser formado pela velocidade. Se descêssemos abaixo do elétron, portanto, onde a velocidade se tivesse feito

infinita, o tempo ficaria zero e não haveria mais ser, tendo ele cessado de existir. Pela recíproca, subindo-se acima do universo, a velocidade ir-se-á cada vez mais reduzindo, o ser aí cada vez mais se define como ser, até que, quando o movimento cessasse de todo, o Ser seria pleno, e o tempo eterno. Esse Ser pleno, senhor do tempo eterno é Deus; lá no pólo oposto, abaixo do elétron, onde o ser não tem tempo, está o não-ser que é um não-Deus. E tudo o que Deus é, o não-Deus não é; conhecendo-se as propriedades do não-Deus, poder-se-á inferir às de Deus pela recíproca, pela contraditória.

E depois duma pausa para um fôlego, continuou o pensador:

– Destas conclusões metafísicas, pois, Leibniz criou, por aplicação, o seu cálculo integral e diferencial. Estava ele certo, por conseguinte, ao afirmar ser preciso interpretar as ciências experimentais segundo as leis do pensamento que se acham codificadas nas matemáticas e na lógica. Assim, tanto a física clássica, como a física nuclear e a química, podem ser descritivas ou matemáticas; são descritivas se só descrevem os fenômenos; serão matemáticas, se forem dimensionadas, matematicamente, por meio de símbolos e fórmulas. A físico-matemática moderna preenche o ideal de Leibniz, e existe, em parte, graças aos seus esforços. Em criando ele o cálculo infinitesimal, obrigou o conhecimento humano a dar um salto formidando para frente. Problemas de física que gênios não puderam solucionar, no passado, tornaram-se hoje, corriqueiros, para todos os que se dedicam às matemáticas. Assim como se pode passar do elétron ao átomo, à molécula, ao cristal protéico, aos seres vivos inferiores, aos médios, aos superiores, ao homem, ao gênio, ao santo, ao anjo, ao querubim, ao serafim, etc., numa integração constante, também se pode partir do fático e construir uma integral em que a razão suficiente duma coisa é englobada por outra mais alta, num processo de continuidade ascendente e constante até Deus. A relação existente entre as verdades de fato, com todos os seus antecedentes de razão suficiente que as sustentam, e a última verdade de razão – Deus, é exatamente a mesma que há entre a reta e a curva, visto como a reta não é mais do que uma curvatura de raio infinito. E se o raio é infinito, qual será o comprimento da circunferência? E considerando que o Absoluto supera todas as dimensões, pois nenhuma existe que não tenha saído dele, qual seria o volume da esfera de raio infinito? Pois aí está uma das muitas idéias de Deus: uma esfera de raio infinito, que se pode expressar por uma fórmula, se bem que esta só tenha a função de sintetizar:

4/3 Π ∞

– Deus, continuou o mestre, é infinitamente mais que uma simples esfera ainda que de raio infinito, assim como também o Sol é mais que uma esfera. Porém, assim como a verdade de razão mais simples de todas é a de ser o Sol uma esfera, igualmente a idéia mais simples de Deus é a intuída como sendo ele uma esfera de raio infinito, e que, por isso, abarca tudo, nada lhe ficando fora. O Ser absoluto, pois, se pode representar por uma esfera de raio infinito e tempo eterno. Em oposição polar a este Ser, podemos intuir o não-ser completo, que se representa por um zero absoluto, ou infinito negativo, porquanto o não-ser decorre do ser criado, o qual se negou infinitamente, chegando, por isso, a nada. Buscando compensar a quase inexistência, pela velocidade, quanto menos é o ser, mais corre ele, até que, raiando sua velocidade pelo infinito, tem seu tempo reduzido a zero. Se Deus não foi quem criou o não-ser, segue-se que este surgiu do ser criado que se negou até este extremo desfazimento. Deste não-ser, de curvatura máxima, ao Ser por exelência, de curvatura mínima, escalonam-se todos os demais seres que tanto mais são, quanto menos correm, e tanto menos precisam correr, quanto mais forem senhores das verdades de razão mais altas. Lá no topo da escada está Deus, que possuindo a verdade de razão suprema, por isso mesmo não se move, e fixo se acha, como único senhor do tempo eterno. Lá no extremo oposto do não-ser está o elétron com sua verdade de fato, e para existir precisa turbilhonar com velocidade máxima, donde vem que quase não tem tempo, visto que este, quanto mais desce na escala, tanto mais tende para zero. Temos então, que se pode representar a Deus por uma reta, os seres todos por curvaturas maiores e menores, e o não-ser total pelo ponto geométrico, carente de dimensões.

E depois de divagar, mentalmente, certo tempo, por estas acrologias, como que

despertando dum sonho, retornou à dissertação:

– Há, como vêem, relação entre a reta e a curva, porque ambas são curvas, apenas com raios diferentes. Igualmente o ponto é uma curvatura de raio infinitamente pequeno. Logo, ponto, curva e reta são correlatos, não havendo abismo nenhum intransponível entre eles, e antes há, trânsito contínuo com que se passa do ponto à curva, e desta à reta. Esse trânsito pode ser escrito numa função matemática, que Leibniz deu o nome de cálculo diferencial e integral. Então, se passarmos por uma circunferência uma tangente, o ponto de tangência pertencerá à circunferência e à tangente ao mesmo tempo, com que vem ele a ter definição geométrica diferente, conforme o consideremos como fazendo parte da curva, ou como fazendo parte da tangente. E agora? Agora falta só encontrar a fórmula matemática que defina cada ponto em função do todo. E a descoberta dessa fórmula consiste no cálculo diferencial e integral, que possibilitou grande parte da física tornar-se verdade de razão, quando era antes apenas verdade de fato. Prova Leibniz ser possível, pela matemática, aquilo que ele pensara primeiro de modo filosófico.

E fez silêncio o mestre, enquanto procurava no esquema o assunto seguinte. E tendo-o achado, continuou:

– Até aqui tivemos a teoria do conhecimento de Leibniz sobre a qual se ergue, lentamente, através dos anos, a sua metafísica. Só após sua morte foi publicada sua obra conclusiva sobre este tema. Esta metafísica corre, a princípio, dos mananciais cartesianos, e só mais tarde se engrossa com a teoria do conhecimento, com a matemática, e com a física, cavando o álveo próprio sobre que havia de correr. Como todos vocês aí hão de se lembrar, Descartes estabelecia a existência de idéias confusas e idéias claras. O Sol é uma esfera; eis uma idéia clara. O Sol é quente, luminoso, formado de gases e matéria ígnea; eis uma idéia obscura. E assim como há trânsito contínuo entre as verdades de fato e as verdades de razão, igualmente as idéias confusas podem tornar-se verdades claras. Mas, se a idéia confusa, uma vez depurada pela razão, pode tornar-se clara, só pode ser por que esta idéia confusa tem em si, de modo implícito, a idéia clara. Das idéias confusas não podem sair as claras, se aquelas não contiverem, implicitamente, estas. Ora, as idéias confusas, para os idealistas cartesianos, equívalem as sensações, as percepções sensíveis, as experiências dos sentidos. Logo, nestas coisas, consideradas idéias confusas, havia de estar os germes das idéias claras. Todavia Leibniz se rebela contra Descartes no que diz respeito ao geometrismo. Para Descartes a substância material, extensa, é um simples correlativo de nossas idéias geométricas, donde vem que a matéria se reduz a pura extensão. Contra este conceito cartesiano é que Leibniz põe a trabalhar o seu aríete. Como pode a matéria ser pura e simplesmente extensão? Mas a extensão não tem realidade objetiva, consistindo em puro espaço abstrato da geometria totalmente subjetivo. As coisas materiais hão que ser mais que a pura extensão, que a pura espacialidade geométrica, abstrata, vazia de conteúdo.

– Desde o início, prosseguiu o mestre, as lucubrações de Leibniz se dirigiam para o problema do movimento e da matéria, e é por este caminho que ele chega à sua metafísica. Não é tanto a trajetória do móvel que o interessava; mais o preocupava é a origem do movimento; depois, então, é que vem a trajetória. Mas que coisa faz mover-se o corpo? A força, a energia. Ora, a energia não é espacial, não é extensiva, porém dinâmica e temporal. Eis, então, como, ao conceito cartesiano de extensão pura, se acresce de outro mais fundamental, não-espacial, não-extenso, porém dinâmico e temporal. Por sua vez Descartes bem que observara ser todo o movimento oriundo dum esforço; todavia, esse conceito de força e esforço está classificado entre as idéias confusas. Então, Leibniz criou o instrumento matemático, para tornar essa idéia confusa em idéia clara; o instrumento capaz de transformar essa verdade de fato, em verdade de razão é o cálculo infinitesimal, diferencial e integral já referidos. Estes cálculos permitem conhecer, de antemão, a direção que um móvel tomaria ao ser submetido a um esforço, qual a sua trajetória, reta, ou curva, ou elíptica, ou parabólica, ou hiperbólica, quando impulsionado por variáveis que são força. E os corpos mesmos por si sós são concebidos como forças inerciais; os corpos não são puras figuras geométricas como queria Descartes, mas coisas com formas geométricas; os corpos não são pura extensão, porém algo substancial com extensão. O geometrismo cartesiano tinha calculado a energia dum sistema fechado, como sendo a massa pela velocidade. Leibniz

refazendo os cálculos com os instrumentos que criara, achou que a energia, ou “*força viva*” como a nomeia, é a massa pelo quadrado da velocidade. A própria inércia é já, por si só, uma força viva, visto que reage ao impulso, e dado este, a inércia o mantém em movimento, reagindo, outra vez, contra novo impulso. Logo, a força viva de um ponto material em movimento é a síntese do seu passado, representado na trajetória percorrida, e prenúncio do seu futuro, que está na trajetória por percorrer.

– Quer dizer que já temos um conceito novo – o da força viva – agregado ao da pura extensão, concluiu o mestre. Esta força viva como caráter definido de matéria, em vez de pura extensão, aliado ao infinitamente pequeno do cálculo infinitesimal, formam os fundamentos sobre que repousa a metafísica leibniziana – as mônadas.

– Mônada, prosseguiu o pensador, vem do grego e significa unidade. Mônada, segundo Plotino, é a unidade indivisível mais simples. Mônada seria o átomo, no sentido em que o entendia Demócrito, isto é, de indivisível e simples. Este termo foi ressuscitado e posto de novo em circulação na Europa por Giordano Bruno. Depois Leibniz o toma, e dá outra ascepção. Para este filósofo as mônadas são infinitas em quantidade, todas independentes entre si, e representam seres individuais capazes de movimentos espontâneos. São elas a realidade substancial, não como pensamento, mas como conteúdo da forma, como coisa *em si* que se move *por si*. As mônadas são, em primeira instância, a substância; e esta não é extensa, conquanto a extensão possa constituir ordem da substância, assim como o tempo é ordem de sucessão dos acontecimentos. Não sendo extensas, as mônadas não são divisíveis. Logo, as mônadas não são materiais, pois se o fossem, teriam extensão, e seriam divisíveis. Que são, pois as mônadas? Não outra coisa que força viva, que energia, que *vis* ou vigor, do latim. Não é a mônada a força viva da física leibniziana, mas a da sua metafísica; não é a capacidade de um corpo atuar fisicamente sobre outro, fazendo-o mover-se, porém a capacidade intrínseca da auto-determinação, com que um corpo se move a si mesmo, e por si mesmo, sem o concurso de ajudas exteriores que não tivessem sido buscadas pela própria mônada. É a capacidade de agir, de atuar por si, de ser o agente da ação, de ser o sujeito do objeto. Falando do Sujeito por excelência, Absoluto ou Primeiro, diz Huberto Rohden: “*Sujeito*, do latim subjectum, derivado de sub-jacere (jazer debaixo), que como base, substrato e sustentáculo de todas as coisas; aquilo que causa efeito, mas não é causado. *Objeto*, do latim objectum, derivado de ob-jacere (jazer contra), é aquilo que está contra ou de frente, algo que é oposto ao sujeito, algo que foi emitido ou individualizado pelo sujeito subjacente”⁵⁵. Portanto nós mesmos somos mônadas, donde vem que ela é o “eu”. E como os “eus” são infinitos em número, segue-se que não há no universo sequer duas mônadas iguais. E está certo, porque duas coisas que fossem iguais, seriam duas no número, mas uma na essência e substância. A finalidade de cada mônada é a mesma que a do eu humano. “O fim do homem é revelar em sua existência individual – aqui ou alhures – aquele aspecto peculiar e único da divindade que só ele pode revelar plenamente. Pois, como todos os seres da natureza, e sobretudo todos os seres humanos, são originais, únicos e inéditos na sua existência, seres que nunca existiram nem jamais existirão iguais; indivíduos que não são cópias de outros anteriores, e dos quais não serão feitas cópias posteriores - segue-se que cada indivíduo e cada personalidade tem a missão peculiar de concretizar um determinado aspecto da divindade”⁵⁶. E “tanto mais divino é o homem quanto mais ativo. Atividade não é idêntica a movimento mecânico; pelo contrário, o zênite da atividade coincide com o nadir do movimento – assim como uma roda em movimento rotativo acusa tanto maior movimento quanto maior a distância entre a circunferência e o centro, ao mesmo tempo que sua força aumenta na razão direta da aproximação do centro e na razão inversa da periferia. O homem divinizado é silenciosamente ativo, calmamente dinâmico, imperceptivelmente poderoso”⁵⁷. Por isso, “*Ser* quer dizer *agir*. *Ser é viver* – e todo o viver é dinâmico, a essência da vida é a energia”⁵⁸. “De maneira que poderíamos definir a Absoluta Realidade (Deus) como sendo a *Pura Atividade*, ou *Atualidade* –

55Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 164

56Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 75

57Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 209

58Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 33

o “actus purus” de Aristóteles, ou “Forma” sem “Matéria” alguma⁵⁹. E este mesmo é o pensamento de Aristóteles para afirmar: “A finalidade do homem no mundo é clara: é realizar sua natureza; e o que constitui sua natureza, aquilo que distingue o homem de qualquer outro ser, é o pensamento. Por conseguinte, o homem deve pensar”⁶⁰. E “São Tomás, quando tenta imaginar ou ver ou intuir em que deva consistir a bem-aventurança dos santos, não encontra outra atividade senão a mesma de Aristóteles: os santos são bem-aventurados porque contemplam a verdade, porque contemplam a Deus. Como Deus é pensamento puro, contemplam o pensamento puro e vivem eternamente nas zonas do puro pensar”⁶¹.

– Esta é a causa, prossegue Árago, de Leibniz afirmar que a melhor intuição de atividade, de ação, de dinamismo é a que temos de nós mesmos. Isto equivale a dizer que não há para nós intuição de mônada, senão a que temos de nós. Eis de novo o *cogito* cartesiano, agora servindo de base às mônadas de Leibniz! Nosso mundo subjetivo de energias psíquicas, de trânsito e movimento interno de idéias, em que os feixes de percepções e de vivências formam a integral dos pensamentos, o complexo do eu que é a mônada, de substância espiritual. A realidade metafísica da mônada, portanto, é a que identificamos como sendo o “eu”. Esta mônada verificamos que é una, individual, indivisível, simples por não ter partes, sendo simplesmente o princípio de integração da variedade de nossos estados interiores. Possui ela percepção e apetição. Percepção é a atividade de reunir a multiplicidade na unidade. Se vejo este livro e o pego nas mãos, recebo no cérebro feixes de sensações: aí vão ter a cor e a forma, pela vista, a consistência, o peso, temperatura, rugosidade, pelo tato. Então toda esta variedade de sensações se reúne na integral, ou síntese que é a imagem ou percepção do livro; e sobre as imagens todas trabalha a integral ou síntese mais alta ainda dos pensamentos. Fora esta percepção temos a apetição que é a tendência de passar de uma percepção a outra; o foco da atenção é a apetição que agora está nisto, e não naquilo, e de aqui a pouco estará noutra coisa. As percepções sucedem-se na mônada, mas este suceder não é ao acaso, porém orientado pela apetição que ora quer isto, e ora aquilo.

E feita uma pausa, prosseguiu o filósofo de Cananéia:

– Esta sucessão constante de estados internos, onde as percepções ou imagens do mundo desfilam sem parar nunca, constitui a mônada. Por aqui verificamos que a mônada é o reflexo do mundo circunjacente; reflete o presente, recorda o passado e prevê o futuro, como “força viva” metafísica que é, fazendo paralelo, em nível mais alto à “força viva” da sua física, isto é, da física leibniziana. A inércia de um corpo, corresponde ao misoneísmo da sua mônada; o movimento de um corpo, corresponde à evolução de sua mônada no tempo e no espaço; a trajetória de um corpo em movimento corresponde à lei pela qual sua mônada contém em si o seu passado que determina o presente do qual, por sua vez, decorre o seu futuro. Assim como se pode prever a trajetória de um corpo no espaço, pode-se conhecer a evolução da mônada, desde que sejam conhecidas as suas impulsões internas, e as resistências do meio em que ela vive e atua. Assim como a trajetória de um móvel se compõe de todos os pontos por onde o móvel passou e irá passar, a evolução de uma mônada se determina pelo passado vivido, pelo que ela é, no presente, e pelo que ela se propõe ser no futuro. O que ela foi gera a inércia do movimento evolutivo que dá o presente; o que ela se propõe ser representa o quanto de impulsões novas que a si se imprime, as quais tendem desviar a trajetória do passado. Conhecendo-se como um homem é no presente, podemos saber como foi o seu passado, e, sabendo quais as suas aspirações, poder-se-á prever como será o seu futuro. Todos nós aqui de Cananéia conhecemos nosso concidadão Nazário, o cabeludo. Sabemos que ele é avarento, fechado em si mesmo com toda a sua miséria e haveres. Quem é que vai cuidar que ele foi algum filantropo no passado? Quem cuidaria que ele será um Mecenas num futuro próximo, sabido, como é, que a evolução é muito lenta? Assim como uma circunferência é o caminho de um ponto que sucessivamente mudou de lugar, a vida presente do avarento é apenas um ponto da sua trajetória de avareza. A sua vida pretérita mais as impulsões presentes irão gerar o seu destino futuro que não é difícil de prever. Conquanto o momento presente seja apenas um ponto infinitesimal, considerado em

59Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 1, 33

60M. Garcia Morente, *Fundamentos de Filosofia*, 110

61M. Garcia Morente, *Fundamentos de Filosofia*, 110

função da trajetória evolutiva da mônada, ela, em qualquer momento, representa a integral das percepções e apetições. Logo, estas percepções e apetições são como pontos infinitesimais que constituem a integral da mônada. Em qualquer tempo, por conseguinte, da vida da mônada, ela tem em si refletido o mundo do seu ponto de vista, da sua perspectiva. E como a mônada vive no tempo e se desloca no espaço, esse reflexo do mundo em seu interior é vário, como passado extratificado, e com o futuro previsível. O passado está vertido no presente que, por sua vez, é o prelúdio do futuro determinado, já, pela atividade presente da mônada. Isto posto, podemos concluir que as mônadas refletem o universo do seu ponto de vista, da sua colocação no espaço, da sua história no tempo. É a perspectiva da mônada, só para ela existente. E o número infinito das mônadas todas, como se vê, individuais, reflete as possibilidades de perspectivas infinitas do todo. De cada ponto está u'a mônada contemplando o universo, que, por este modo, se fita a si mesmo.

E depois de pensar um pouco, enquanto coçava a testa, continuou:

– Temos, então, que as mônadas são todas diferenciadas, graças à história individual que cada uma escreve no tempo e no espaço; elas são diferentes também quanto ao grau, segundo Leibniz, havendo hierarquia de valor entre elas. Assim há as que possuem só percepções, e estas são representadas pelos animais muito inferiores da escala zoológica que, percebendo os estímulos, reagem. Desde os tropismos, e até as reações instintivas, incluindo os reflexos incondicionados, tudo é percepção inconsciente, e grande é o número de mônadas que integram esta classe. Depois vem as mônadas que possuem, além de percepções, apercepções. Apercepção é percepção consciente. As percepções subliminares que passam despercebidas pela consciência, são só percepções. Há até a possibilidade de se explorar comercialmente esta verdade de fato da psicologia e hipnose. Se numa fita cinematográfica houver quadros intercalados a intervalos dizendo: “coma pipoca!”, dentro de algum tempo começamos a ter desejo de comer pipocas. Estas experiências, hoje, só são permitidas em caráter científico, experimental, e teme-se que os ditadores intercalem entre os quadros, por exemplo: “Hitler, o maior!”. Não temos consciência de nada do que nos é sugerido, por este modo, porque eles são impressões e percepções subliminares, quer dizer: que passam por baixo do limiar da consciência. Nós possuímos sentidos internos que nos dão contas do funcionamento das glândulas e órgãos involuntários; não temos consciência dessas percepções internas. Estamos cercados de ruídos, e não nos damos conta deles, porque temos a atenção fixada em nosso trabalho; no entanto, quando levantamos a cabeça para descansar, podemos notar esses ruídos, apercebendo-os, quer dizer, fixando neles a nossa atenção. E grande é o número de animais que possuem apercepção, pois, do meio de tanto rumor do seu mundo, sabem distinguir aqueles que indicam a iminência de perigos. Se não houvesse apercepção, os animais não se colocariam em atitude de alerta, e, logo depois, em fuga, se pressentissem algum perigo. E como esses animais sabem perceber e distinguir os perigos, segue-se que têm memória, seja instintiva, seja adquirida. As mônadas, que além de percepções, possuem apercepções e memória, diz, Leibniz, que se chamam almas. Os animais, pois, têm alma, e não são meras máquinas reflexas, como pretendia Descartes. Até aqui temos visto as mônadas portadoras de idéias confusas ou obscuras. Vem a seguir as mônadas capazes de idéias claras que são os espíritos. Estes são todas as mônadas que além de almas possuem capacidades racionais, e podem conhecer as verdades de razão que se acham amalgamadas às verdades de fato. Estas mônadas podem intuir as verdades de razão, podem ter percepções aperceptivas. Eis o nosso lugar na escala das mônadas! Acima de nós, todavia, está Deus que é a Mônada perfeita, na qual todas as percepções são apercebidas, não havendo zonas de inconsciência; nela todas as idéias são claras, nenhuma confusa, visto que todas as verdades aí são de razão, onde os juízos são todos apodícticos e necessários e nenhum assertório. Nessa Mônada o Universo, com “U” maiúsculo ou total, está refletido sob todos os pontos de vista, não só como presente, senão como passado e como futuro. Todas as perspectivas e pontos de vista, infinitos como os das mônadas, são, por Deus, abarcados com um só lançaço de olhar, pois Deus é infinito sob qualquer aspecto, e por isso, somente ele pode ter tal visão de si. Aquilo que o sábio poderia ver numa sucessão infinita do espaço e do tempo, Deus o vê contemporaneamente; o Universo, nessa perspectiva volumétrico-temporal, somente Deus pode ter. Embaixo, pois, lá no pé da escala das mônadas, estão os corpos materiais que são os pontos de “força viva” da física, conglomerado de energias

que se fixaram na rigidez e na massa. Pouco mais acima vêm as mônadas que já começam ter percepções; depois vêm as que se chamam almas e possuem, além de percepção, apercepção e memória. Um grau acima, e aí estamos nós, os espíritos, possuidores de todos os graus inferiores, e ainda, por cima as faculdades racionais, e o domínio sobre as verdades de razão. No topo da escada está Deus como mônada perfeita, único possuidor de todas as idéias claras, de todas as verdades de razão, de todas as apercepções, de tudo o que infinitamente, pulsa no Universo.

E fez uma grande pausa o mestre. Levantou-se, foi até a janela, respirou o ar fresco da noite, descansando o olhar nas luzes distantes. Depois voltou à mesa, sentando-se de novo. Decorrido ainda algum tempo, exclamou:

– Deus criou as mônadas, segundo Leibniz, todas individuais e estanques, todas com suas substâncias e leis próprias, todas com seus destinos a realizar-se no espaço-tempo. Mas se cada substância é única em si mesma, não havendo duas iguais no universo, como haver comunicação entre elas? Como se explica a interação existente, de fato, entre todas? Descartes já dissera haver três substâncias que são: Deus, o eu e a extensão. Ora, sendo o eu e a extensão de substâncias diferentes, como se explicam as comunicações do espírito sobre o corpo e as ingerências deste sobre o espírito? Só é possível a comunicação entre semelhantes; logo, para que o espírito possa comunicar-se com o corpo, preciso é haja um denominador comum, um elemento de passagem entre a matéria e o pensamento. Entre o espírito e a matéria há interligação; então, é inevitável a existência do equador entre esses dois pólos opostos. Todavia, se as substâncias são estanques, separadas, únicas em si mesmas, como explicar as interferências e interatuações? Eis o grande problema metafísico de Leibniz, que estava para o idealismo resolver.

– Para resolver este problema, prosseguiu o mestre, os pensadores do século 17 aventaram a hipótese dos dois relógios. Duas substâncias diferentes são como dois relógios independentes, mas que trabalham no mesmo compasso, no mesmo sincronismo. A primeira hipótese foi a do próprio Descartes que julgava estar a alma sediada na glândula pineal que fica na base do cérebro, e tem a forma de um pinhão ou badalo de sino. Os movimentos da alma fazem o badalo oscilar, e estas oscilações se fazem refletir no corpo; igualmente, os movimentos e alterações ocorridos no corpo, como que puxam pelos cordéis do badalo fazendo-o vibrar, e a alma a ele ligada se inteira da ocorrência. Mas como ligada? O badalo é matéria, e a alma não. E aí está a dificuldade da intercomunicação. A segunda hipótese supõe que um prudente e hábil artesão construiu dois relógios que funcionam sincrônicos; mas o artesão está sempre presente, e a qualquer adianto ou atraso de um dos relógios, ele toca nos mecanismos acertando-os. Esta é a hipótese proposta por Malebranche, filósofo francês, discípulo de Descartes. Deus seria o artesão atento aos dois relógios que fabricara. A interação entre as substâncias se dá através desse terceiro elemento, e esta hipótese é conhecida com o nome de “teoria das causa ocasionais”. A outra hipótese é a de Leibniz, segundo a qual cada mônada constitui uma substância à parte, estanque, sem comunicação com nenhuma outra; porém, as substâncias são como os relógios construídos por habilíssimo artesão, e por isso, entre eles não há a mínima possibilidade de adiantos ou atrasos. Assim, quando acontece alguma coisa na alma, sincronicamente, acontece a sua correspondente no corpo. Quer dizer que se um homem escorrega, e cai, e quebra a perna, ficando um mês no hospital, todas as sua dores, insônias e experiências que tira do fato, iam já aparecer no seu espírito; e se acontecesse de falhar o relógio do corpo ou da substância material, apareceria toda a contraparte espiritual sem a correspondência física. Neste caso o homem sofreria a alucinação de quebradura, de dor, de hospitalização, sem, que nada houvesse acontecido na parte física. Seria esta a causa da loucura e das alucinações? Chilon! Seria um desacerto entre os dois relógios, o da substância espiritual, e o da física?

– Nessa canoa não entro, prezado Árago.

– Nem eu, tornou o mestre. Mas há ainda a hipótese de Espinosa. Para este filósofo só há uma substância única no universo, e todas as coisas são diferenciações desta. Seria como se muitos fossem os mostradores dos relógios, porém um só, o mecanismo motor. Como a máquina é uma só, qualquer ocorrência num dos ponteiros se reflete, de pronto, em todo o mecanismo. Esta é a doutrina a que dão o nome de panteísmo, porém que H. Rohden dá como sendo panenteísmo; não que tudo seja Deus, senão que Deus está em tudo, como substância, como o

Sujeito que subjaz nas profundezas das coisas. Todavia, Leibniz acha que não há uma só máquina para muitos mostradores, para ele, há tantas máquinas quantos são os mostradores, e se há harmonia entre eles, essa é preestabelecida, e tudo anda certo por puro sincronismo. Logo, concluía ele, tudo está da melhor forma possível, sendo este mundo o melhor dos mundos.

– É..., comentou Licas, mas essa assertiva de Leibniz valeu-lhe a réplica de Voltaire que, para o motejar, escreveu seu “Cândido”.

– Isso mesmo, caro Licas, tornou o mestre. Esse otimismo de Leibniz esbarra com a existência da dor e do mal deste mundo. Que mundo melhor possível é este? E num livro de quinhentas páginas, chamado “Teodicéia”, Leibniz tenta demonstrar que a existência do mal no mundo é necessária, visto que o melhor dos mundos também deve conter algum mal. Qualquer outro mundo possível teria, forçosamente, mais males que o nosso; logo, este é o melhor dos mundos possíveis. E vem, logo a seguir, as três razões por que é impossível mundo sem males: a primeira declara que é porque o mundo é limitado, finito, necessariamente; a segunda, porque, sendo material o mundo fenomênico, nele não pode deixar de haver males físicos; a terceira é porque o mal moral é condição para a existência do bem moral. O mal metafísico decorre da limitação; o físico, da materialidade e fenomenismo do mundo; o moral procede da necessidade de se contrapor ao bem moral. O bem moral resulta da vontade robusta, sobre as tentações e pecados. Como poderia haver essa vitória se não houvesse a luta? E como haver luta se não houvesse o que vencer? Segue, por conseguinte, que o mal é razão necessária para a existência do bem; é o fundo tenebroso, absolutamente indispensável para que, sobre ele, o bem se destaque, tome força, e encha o primeiro plano do quadro apoteótico. Então o mal existe como condição de um bem maior; e como o mal está criteriosamente dosado, este é o melhor dos mundos possíveis.

– E com estes argumentos falazes, meus caros, prosseguiu Árago, Leibniz também não resolve o problema metafísico mais que cruciante, da existência do mal e da dor no universo. Este será tema fundamental a ser atacado em nossa terceira jornada filosófica. Até Leibniz, inúmeros problemas de física permaneciam insolúveis, simplesmente, porque não se tinha ainda criado o instrumento matemático para os resolver. Tal e qual com a filosofia: não se descobriu ainda o método filosófico para atacar e resolver o problema da existência do mal e da dor no universo. Essa será a minha tarefa, querendo Deus. Todavia, antes que eu diga as minhas verdades, cumpre-nos ouvir, primeiro, as dos outros. Mas isso não será hoje, que estou deveras cansado.

E com estas palavras, deu o mestre por encerrado os estudos do dia. A estas palavras de Árago, todos se puseram a falar, sobre tudo, por longo tempo, tratando-se de tudo, até de pescaria e de caçada. Pouco a pouco cada um se foi retirando, ficando apenas Árago na sala para fechar as janelas, e apagar as luzes.

Capítulo III

Segunda Jornada Filosófica

Kant

Quando Árago entrou para a sala, no dia seguinte, todos os estudiosos já estavam presentes. O mestre passara a tarde ocupado em repintar um barco seu, e quando deu acordo de si, o tempo correrá, indo ele, com atraso, para o seu banho e jantar. Enquanto fazia estas coisas, deixou no prato do toca-discos algumas músicas lindas de Vivaldi e Corelli. E mesmo depois de ter vindo à sala, não interrompeu as músicas. Findo o último disco, Árago tomou a palavra, dizendo:

– Vimos todos na noite passada, que Leibniz representa o pináculo do racionalismo, e que, depois dele, tem início o império da razão em toda a Europa. De fato foi Leibniz que demonstrara haver verdades de fato e verdades de razão, assentando que o ideal do conhecimento científico é construir-se somente com verdades de razão. Isto significa que as comprovações de fato obtidas pela experiência, devem ser vertidas em verdades de razão, que são juízos fundados em outras verdades de razão mais gerais e mais profundas. Quer dizer que o ideal científico consiste na interpretação matemática dos fenômenos. Por isso, a física moderna é um amontoado de fórmulas, de gráficos, de vetores. A mesma coisa ocorre com a física nuclear e com a química. Pudesse o homem resumir toda a interpretação da natureza na brevidade duma fórmula, então seu ideal supremo estaria realizado para sempre. E Leibniz pensa tudo poder resolver com sua teoria das mônadas, pois assim como as verdades de fato, com serem problemas, se tornam pouco a pouco verdades de razão, também o desenvolvimento interno da mônada, levando-a de percepção em percepção, acaba refletindo em si todo o Universo. A hierarquia das mônadas atinge seu termo em Deus que é a mônada perfeita, para quem toda percepção é apercepção, toda idéia é idéia clara, e todo fático é pura razão. Deste modo, como já o vimos, Leibniz formula uma metafísica espiritualista, na qual todo o Universo se representa como pontilhado de substância espiritual que são as mônadas. Paralelamente às mônadas, há os objetos materiais com seus movimentos, combinações e princípios desses movimentos e dessas combinações; este é o universo fenomênico do vir-a-ser heracliteano; este é o mundo como o vemos, como o sentimos, como o percebemos. Todavia, esta é apenas uma face, visto que a outra, a mais profunda, a das mônadas que é a das verdadeiras realidades, realidades em si mesmas. Isto significa que todo esse mundo fenomênico que nos rodeia, do vir-a-ser, do tornar-se, forma o corpo das idéias confusas (Descartes), ou verdades de fato (Leibniz) que não passam de expressão exterior das realidades profundas das mônadas, de natureza espiritual.

E ao tempo em que tomava o mestre melhor cômodo na cadeira exclamou:

– Eis a ressurgência do tema parmenídico-platônico da existência dos dois mundos, sendo um o das aparências, do fenomenalismo, do vir-a-ser heracliteano, da ilusão platônica, e outro o mundo das coisas reais, das coisas ideais, das coisas em si, imutáveis e eternas. Estas coisas em si para Leibniz são as mônadas. O que existe não é o espaço de Descartes, nem as vivências dos pensadores ingleses, mas sim unidades espirituais simples no seu ser metafísico, e que, no entanto, nos dá uma variedade de percepções. Reparem, vocês, como o movimento idealista iniciado por Descartes traz um resquício do aristotelismo: eu sou uma *coisa que pensa*; esta *coisa* é resíduo aristotélico. Disto derivou Descartes as suas três substâncias, com o que manteve o resíduo. Vêm os pensadores ingleses e fazem a transposição do conceito aristotélico do “*em si*”, e em vez de aplicá-lo à substância e às coisas, transferem-no para as vivências mesmas. Agora, Leibniz dá as mônadas como coisas em si. Sendo elas coisas em si, não o são em nós, não podendo ser conhecidas por nós. Logo, a existência metafísica das mônadas transcende do objeto do conhecimento. Esta existência metafísica transcendental das mônadas, essa coisidade em si mesma, é resíduo do realismo aristotélico-tomista.

E feita uma pausa, pega o livro de Garcia Morente, para tê-lo à mão, continuando:

– A tarefa de Kant foi dar remate ao idealismo, expungindo dele qualquer vestígio do realismo aristotélico. Como já hemos visto, a atitude idealista se opõe à realista; nesta, a ênfase recai sobre o objeto, e naquela, sobre o sujeito. Mas, aqueles resíduos de realismo de que falei há

pouco, tinham de ser expungidos totalmente, para que o modo de raciocinar idealista tivesse o seu inteiro acabamento. As coisas em si como espaço, Deus, alma; ou então vivências como coisas ou fatos; ou então as mônadas, tudo isto que constitui realidades independentes do sujeito, devia cair. O movimento filosófico iniciado por Descartes, por meio de uma dialética histórica, precisava chegar ao seu fim. E Kant deu remate a tudo, acabando com a idéia de *coisa em si*, e, em lugar dela, põe a *coisa para conhecimento*, uma coisa posta pelo sujeito cognoscente como objeto do conhecimento, não havendo o *em si*, nem *para si* como realidades transcendentais. Encerrando o período iniciado por Descartes, Kant dá formulação cabal e completa ao idealismo transcendental. Todavia, Kant representa o início de um novo período na história do pensamento filosófico. Estabelecendo um novo sentido de ser, que não é mais o *em si*, mas *para conhecimento* ou *ser no conhecimento*, Kant abre o período que chegou até nossos dias, quando tem fim a segunda jornada da filosofia.

E continuou o mestre:

– Diz Cervantes, no seu Quixote, que “as grandes façanhas para os grandes homens estão guardadas”⁶². Estava guardada para Kant uma grande obra filosófica, pois surgiu na Terra ao tempo em que se cruzavam três grandes correntes ideológicas. Nos meados do século XVIII estavam vigentes a filosofia de Leibniz, o empirismo de David Hume, e as ciências positivas, sobretudo a físico-matemática de Newton que se firmava. Kant representa a convergência em si dessas três correntes, e delas tira suas conclusões estabelecendo, primeiro, a teoria do conhecimento, e, depois, a do problema da metafísica. A madurez filosófica de Kant foi muito tardia, a julgar pela sua obra maior, mais estudada, mais comentada, mais discutida de toda a literatura filosófica, que é sua “Crítica da Razão Pura”. Até então fora apenas um excelente professor de filosofia das universidades alemãs, nas quais se ensinava a filosofia de Leibniz. Os ensinamentos de Kant não iam além da leitura e comento das obras dos discípulos de Leibniz, e por cima dava ainda aulas de matemática e de lógica. Só muito tarde o seu sistema se delinea, tendo ele publicado sua “Crítica da Razão Pura” quando tinha já cinquenta e sete anos. Esse foi o primeiro de uma série de livros que publicou desde então.

– Tanto como Descartes, como Leibniz, prosseguiu o mestre, Kant começa sua filosofia por uma prévia teoria do conhecimento, a qual se acha num livro com o título de “Prolegômenos a Toda Metafísica Futura”. Neste livro Kant estuda tudo o que é necessário saber, com respeito à teoria do conhecimento, antes de atacar a metafísica. Todavia, quando Kant fala em conhecimento, refere-se a uma coisa em grande parte feita por Galileu, Pascal, Newton, e não como seus predecessores, que se referiam à ciência ainda toda por fazer. Ao tempo de Kant, a ciência físico-matemática não era um conhecimento possível ou desejável, mas uma realização acabada. Reduzir as leis da natureza a fórmulas matemáticas e a leis expressas, foi o que Newton conseguiu, e portanto esta teoria do conhecimento é um corpo de verdades de razão. De modo que a matemática pura de uma parte, e a físico-matemática de outra, constituem o que Kant chama sua teoria do conhecimento.

E consultando o mestre seu livro de Morente, prosseguiu:

– O conhecimento físico-matemático é constituído de juízos que são proposições ou teses nas quais se afirma algo resumidamente; a estes resumos a gente dá o nome de princípios ou leis. Por aqui começa Kant a construir sua teoria do conhecimento, tendo ele sempre presente, como o devemos ter nós, que estes juízos não são vivências psicológicas, não são fatos subjetivos da consciência, mas sim, enunciações objetivas acerca de algo exterior; são teses de caráter lógico as quais, por isso mesmo, podem ser verdade ou erro. Atentando para esses juízos lógicos descobre Kant que eles podem ser classificados em duas ordens a que dá os nomes de *juízos analíticos* e *juízos sintéticos*. Ora, os juízos são proposições ou orações que se compõem de sujeito e predicado, e podemos reduzi-los às siglas S e P. Nos juízos analíticos o predicado está implicitamente contido no sujeito; no próprio termo do sujeito está contida a declaração que vai no predicado. Juízos analíticos são o mesmo que juízos apodíticos dos lógicos, ou operações dedutivas do pensamento pelas quais, de um enunciado mais geral, se tiram as conseqüências implícitas no enunciado. Nesta espécie de juízos o predicado decorre mediata ou imediatamente do sujeito. Dizer, por exemplo, que o triângulo possui três ângulos é uma redundância, pela qual

62 D. Quixote, Clássicos Jackson, IX, 150

o predicado apenas é um modo diferente de expressar o que o termo do sujeito declara, pois triângulo já quer dizer três ângulos. Nos juízos analíticos, como o predicado está contido no sujeito, dizemos que o sujeito é igual ou maior que o predicado ($S=P$ ou $S>P$), não passando a afirmação predicativa de pura tautologia (do grego: *tauto*, o mesmo; e *logia*, dizer) que significa dizer o mesmo; por isso se diz que, nestes juízos, o predicado é repetição e variação do sujeito, e por isso, tais juízos em nada aumentam os nossos conhecimentos. Por esta causa os juízos analíticos são verdadeiros, peremptórios, necessários, universais, sendo impossível que eles deixem de ser verdadeiros nalgum tempo, ou em algum ponto ignoto do Universo. E como não se fundam na experiência, são também chamados *a priori*.

– Já com os juízos sintéticos, prosseguiu o filósofo de Cananéia, nossos conhecimentos crescem, visto que o predicado não se acha contido no sujeito. Dizer, por exemplo, que o calor dilata os corpos, verificamos que no conceito de calor não se acha implícito o conceito de dilatação de corpos. Como vêem vocês, nos juízos sintéticos o predicado acrescenta alguma coisa ao sujeito, e por isso dizemos que o predicado está fora do sujeito; não pode ser extraído ou deduzido do sujeito, por ser diferente do sujeito ($S\neq P$). O predicado diz mais que o sujeito; é maior que o sujeito ($S<P$). Como o predicado representa um acréscimo, para ter validade, preciso é ser comprovado pela experiência. Quando digo: a lanterna é verde; no conceito de lanterna não se contém a idéia de verde, e tanto que podia ser amarela ou vermelha. Logo, para fazer esta afirmação foi necessária a experiência, isto é, a verificação de que a lanterna é, de fato, verde. Por isso, os juízos sintéticos são como os juízos assertórios dos lógicos, e são afins com as operações mentais indutivas pelas quais, de verdades particulares, formulamos enunciados mais gerais. Como estes juízos têm sua raiz na experiência, também se chamam empíricos ou a posteriori. São empíricos, porque se baseiam na experiência; são a posteriori, porque vêm depois da experiência; e só são verdadeiros, quando a experiência os avaliza. E como a experiência é percepção sensível, e se realiza num lugar: aqui; e num tempo: agora; por isso, os juízos sintéticos são verdadeiros somente em relação ao aqui, ao agora e às condições tais ou quais. É abusivo, por conseguinte, concluir que o que ocorre aqui, agora e nestas condições, tenha ocorrido num tempo passado, venha ocorrer no futuro, e ocorra em qualquer lugar do Universo. Os juízos sintéticos são, por conseguinte, particulares, contingentes, empíricos, desnecessários, a posteriori.

E fazendo o mestre uma pausa para consultar Morente, continuou:

– Depois deste estudo da teoria do conhecimento vale perguntar: em que classe de juízos devemos incluir os conhecimentos científicos físico-matemáticos? Estariam os conhecimentos científicos baseados em juízos analíticos? Mas então não seriam conhecimentos, porque os juízos analíticos são tautológicos e redundantes, não conferindo saber nenhum a quem os usa. Explicitar no predicado o que se contém no sujeito, não é ampliar em nada os conhecimentos. Esta é a causa por que Descartes enunciava que o silogismo serve para expor verdades conhecidas, e não, para descobrir verdades novas. Logo, o saber científico não se pode compor de juízos analíticos. Está certo isto, Licas?

– Está. E não podendo a ciência constituir-se de juízos analíticos, terá ela de formar-se de juízos sintéticos.

– Tampouco, meu Licas, a ciência se compõe de juízos sintéticos, porque, então, não seria ela conhecimento, visto estar presa ao aqui e ao agora que sempre mudam. Ora, as verdades científicas, conquanto sejam empíricas, gozam da propriedade dos juízos analíticos, isto é, são verdadeiros, universais, necessários. Portanto, as ciências físico-matemáticas não são constituídas de juízos sintéticos.

– Se, pois, tornou Licas, não são uma coisa nem outra, que seriam?

– São uma e outra coisa juntamente. Se a ciência fosse constituída só por juízos analíticos, só por verdades de razão, como queria Leibniz, seria vã, não passando de tautologia, de logomaquia, de repetição constante de u'a mesma coisa. Por outro lado, se a ciência se constituísse só de juízos sintéticos, por relação de fatos, como pretendia Hume, ela seria puro empirismo local, não indo além de pragmatismo, de costume, de meros hábitos de pensar, constituídos à força de conexão de idéias. Sendo a ciência costume e hábito de pensar forjado pela repetição, não passaria de reflexos condicionados, ou de inferências fisiológicas conforme o

dizer de Bertrand Russell. Tal ciência não teria validade universal, nem seria peremptória, necessária. Mas não. As ciências físico-matemáticas estão aí reduzidas a fórmulas de aplicação universal; aí estão os enunciados de Newton, de Kepler, de Galileu, de Arquimedes, de Gauss, de Faraday e de outros, todos de validade universal, sendo puras verdades de razão. Quer dizer que existem, nas ciências, uns juízos que não são analíticos nem sintéticos, para serem ambas coisas ao mesmo tempo. Hão de ser sintéticos e a priori ao mesmo tempo. E não há nada de novo nisto; todos os físicos do mundo sabem, perfeitamente, que uma experiência bem conduzida, bem feita, pode servir de fundamento a uma lei que vale para além dessa experiência concreta e particular, e não é crível que essa lei não fosse verdadeira no passado nem que o não seja no futuro. Tais juízos são empíricos porque derivam da experiência, e ao mesmo tempo a priori, porque uma vez descoberta a lei, esta cobre uma imensidade de fenômenos da mesma natureza. Até a descoberta da lei e a construção da fórmula geral, tais juízos são empíricos; depois da descoberta da lei e da construção da fórmula, para efeito de aplicação a outros fenômenos afins, são a priori.

Finda esta parte do discurso, consultou o mestre seu roteiro, depois do que prosseguiu:

– As matemáticas sempre foram tidas por protótipos de verdade de razão, pelo que, nelas, havia de ser impossível encontrar juízos sintéticos. Todas as verdades matemáticas haviam de ser apodíticas, analíticas, extraídas duma verdade maior. No entanto, se dissermos: a reta é a distância mais curta entre dois pontos; acaso será este um juízo analítico? Qual o sujeito? É linha reta. Qual o predicado? É a distância mais curta entre dois pontos. Que coisa do predicado está contido no sujeito? Está contido somente o conceito de ponto, pois a linha é formada de pontos; porém, o conceito de distância e de mais curta não se acham implícitos no conceito de linha. Logo, este juízo é sintético. Todavia, não é preciso fazer a experiência e medir as distâncias, porque este juízo, conquanto sintético, é axiomático, isto é, trata-se de uma verdade evidente por si mesma. Agora, se dissermos que a linha é uma sucessão de pontos, então teremos enunciado um juízo analítico, porque, de fato, linha e sucessão de pontos são a mesma coisa. O primeiro caso é um juízo sintético a priori; é sintético, porque o predicado não está contido no sujeito; mas é a priori, por não ser necessária a experiência para aceitarmos a verdade, visto tratar-se de um axioma, ou duma intuição a priori.

– Na física, mais do que nas matemáticas, continuou o mestre, abundam exemplos de juízos sintéticos a priori. Quando Galileu concebeu e formulou as leis de inércia e as do movimento, como o fez? Pois ele mesmo explica que empregou somente a *mente concipio*; fechou os olhos à realidade objetiva, e no seu espaço subjetivo viu o móvel deslocar-se, acelerar-se, retardar-se; viu as forças atuarem nele representando-as por vetores, e de tudo isso foi tirando as leis do movimento e as da inércia, sem outro recurso que não essa intuição empírica intelectual. Todavia, como estas verdades são universalmente reconhecidas, valendo para todos os fenômenos de inércia e de movimento, por isso são, também, a priori.

– E na metafísica? Interrogou o pensador cananeano; acaso há nela juízos sintéticos a priori? Pois como é que Aristóteles chegou à idéia de Deus imóvel, imutável, eterno, senão observando o movimento? Acaso não foi da observação do vir-a-ser contínuo que Parmênides intuiu a idéia do ser necessário, uno, eterno, infinito, imutável, imóvel? Ou Descartes? Como chegou ele à idéia de Deus? Acaso ele teve de Deus alguma experiência mística? Não. A intuição de Deus, do ser, é a priori; mas, todos os juízos que levam a Deus são sintéticos por se fundamentarem na experiência, na idéia de causa, na noção de fenômeno. Por conseguinte, na metafísica também possuímos juízos sintéticos a priori.

– Tenhamos presente, todavia, continuou o mestre, que nas matemáticas todos reconhecemos haver juízos sintéticos a priori. As matemáticas existem, estão aí produzindo seus frutos irrecusáveis, indiscutíveis. De igual modo a física está aí fazendo movimentar-se o mundo; ninguém duvida das suas verdades materializadas nas rodas, nas asas, nas engrenagens que promovem o progresso indiscutível. Porém, a metafísica é ciência discutida, ou nem é ciência, visto não poder definir o seu objeto que é o ser. Cada novo filósofo surgido sobre a Terra, tem de refazer-la desde os fundamentos. É uma disciplina que não tem nenhuma verdade estabelecida como ocorre nas matemáticas e na física. É uma ciência (que ciência?) que pode ser posta em dúvida, como o fez Hume. Ainda é preciso estudar se os juízos metafísicos são legítimos; e se o forem, como o são; e se o não forem, uma de duas: ou não haverá metafísica, ou ela terá outra

base que não a que sempre se procurou para ela. E toda a filosofia de Kant se ocupa em resolver estas três questões: como são possíveis os juízos sintéticos a priori nas matemáticas, nas ciências e na metafísica.

Neste ponto da palestra, dona Cornélia entrou na sala, com a bandeja de xícaras de café e o bule; e foi servido a todos, ao tempo em que perguntava pelos familiares de cada conhecido. E um falava do sarampo que lhe grassava em casa; outro dava contas de sua esposa, dizendo ter ido ela a Pariquera visitar a mãe; outro contava a última peraltice do seu pequerrucho. E assim, enquanto tomavam o café, tratavam de tudo, menos de filosofia. Finda esta pausa, Árago reiniciou o seu discurso, dizendo:

– O espaço e o tempo, segundo Kant, não são realidades metafísicas nem físicas, não tendo, por isso, existência em si ou por si; o espaço e o tempo são formas de nossa capacidade de perceber; são formas de intuição que fazem como substrato de todas as demais intuições que desta base surgem. A intuição de espaço e a de tempo são puras, que é o mesmo que *a priori*, significando que não dependem da experiência. Espaço e tempo não são conceitos de coisas reais, porém, intuições *a priori*. E sendo o espaço e o tempo intuições puras, *a priori*, fundamentam toda a possibilidade de juízos sintéticos a priori nas matemáticas. Estas são as três questões fundamentais que Kant desenvolve em sua obra “A Crítica da Razão Pura”. A primeira diz que o espaço e o tempo são intuições puras; a segunda, que eles não são conceitos; a terceira, que eles fundamentam as matemáticas. A primeira e a segunda trata-as juntas, dando-lhes o nome de “exposição metafísica”. A última é tratada à parte com o título de “exposição transcendental”.

E, depois de um gesto de hesitação, concluiu:

– Todavia, antes de entrarmos neste assunto, tenhamos presente que Kant era criacionista, como, aliás, o foram todos os filósofos antes dele. O próprio “Kant fala da possibilidade de os macacos virarem homens”⁶³; porém, não insistiu nessa linha de pensamento, porque, se o tivesse feito, teria de falar também na possibilidade de o tarsus virar macaco; de o lêmur virar tarsus; de o réptil virar mamífero, e assim por diante. De sorte que, teria Kant de aceitar toda a evolução de Darwin-Spencer, já suspeitada pelo gênio de Aristóteles que encontrou parentesco entre as aves e os répteis. Por este caminho se vai às origens da vida, ao mundo pré-vital, à matéria inorgânica dos compostos químicos, à matéria bruta toda feita de corpos simples, à matéria constituída de núcleos nus que turbilhonaram no caos do pré-universo onde as energias se concentravam, e a matéria nascia. Ora, o caos é a negação da Lei, da Ordem, da Harmonia, da Beleza, do Bem, de Deus, enfim; e sendo que no começo era o caos, segue-se, muito naturalmente, que o ato primeiro do Criador foi produzir a sua negação. Como o autor se se conhece pela obra, um Deus que criou a negação de si, revela-se, por aquilo que criou, como um anti-Deus, ou Demônio Criador. É em razão disto que a sua criação mais alta, a vida, se funda na força e na astúcia, de uma parte, e na dor, na tragédia e na morte, da outra. No evangelho da natureza está escrito: bem-aventurados os astutos e os fortes, porque eles herdarão a Terra! Têm, logo, razão, Trasímaco, Machiavel e Nietzsche. Spencer foi o maior filósofo da evolução; contudo “a filosofia ética de Spencer não constituía o corolário mais natural da teoria da evolução. Se a vida é luta na qual os mais aptos sobrevivem, então a força é a virtude suprema e a fraqueza o defeito básico. *Bom* é o que sobrevive, o que vence; *mau*, o que falha. Unicamente a covardia vitoriana dos darwinistas ingleses e a respeitabilidade burguesa dos positivistas franceses e dos socialistas alemães podiam iludir o inevitável desta conclusão. Aqueles homens eram bastante bravos para rejeitar o cristianismo e a teologia cristã, mas não ousaram ser lógicos e rejeitar também as idéias morais, a adoção da fraqueza, da suavidade, do altruísmo que haviam brotado dessa teologia. Cessavam de ser anglicanos, católicos ou luteranos, mas não cessavam de ser cristãos. Assim argüia Nietzsche”⁶⁴. “Inconscientemente Darwin completara a obra dos enciclopedistas: haviam eles removido a base teológica da moral, mas deixaram a moralidade em si intacta e inviolada, suspensa misteriosamente no ar”⁶⁵.

– Eis, meus caros, prossegue o pensador, como existe uma tortura para os mais

63 Will Durant, História da Filosofia, 344

64 Will Durant, História da Filosofia, 384

65 Will Durant, História da Filosofia, 384

inteligentes: é a tortura metafísica; sofreram-na os homens mais eminentes desde Aristóteles, e os biólogos Lineu e Cuvier preferiram trabalhar sobre os esquemas de Aristóteles, de uma criação ordenada em planos paralelos superpostos, em vez de aceitarem a evidência da evolução. Para não admitirem um Deus negativo, um anti-Deus, negaram-se todos sempre a olhar para as coisas que Darwin mais tarde apontaria. E enquanto não for feita a terceira jornada filosófica, cristianismo e evolucionismo serão coisas que se excluem, só podendo caber no bestunção dos ilógicos.

Hierão Orsoni, sentindo-se ofendido, exclamou apoplético:

– Mas então os espíritas todos, sem exceção, são ilógicos, visto que todos aceitam a evolução, e, juntamente, o cristianismo!

– Pois então, atalhou o sábio, vale, para todos os espíritas, o que declarei há pouco.

Hierão, a estas palavras de Árago, bufou, fungou indignado, mas não respondeu nada. Depois de o mestre esperar pela resposta que não vinha, prosseguiu, com o tema de antes, dizendo:

– Quando Spencer, aos trinta anos, leu Kant, deu com o passo em que Kant “considerava o espaço e tempo como percepções dos sentidos e não coisas objetivas, decidiu que o filósofo alemão era um idiota e jogou o livro para um canto”⁶⁶. Pois idiota é Spencer visto não ter enxergado, como o viu Kant, que se a evolução teve seu começo no caos, Deus tem de ser entendido às avessas de como sempre foi, e com sua inversão, todos os demais valores também se invertem. A criação vinda do caos justifica o fato incontestável de a natureza ser amoral e anti-cristã. E como pode ser cristão e moral um Deus que fez a natureza anti-cristã e amoral? Só um Demônio-Criador poderia apresentar tal obra! Por isso Cuvier dizia ser preciso “concluir que existem planos de criação eternos e imutáveis! (...). Evolução equivale ao capricho de uma natureza desordenada tomando o lugar dum gênio construtor trabalhando segundo plano consciente e ordenado. E isso é evidentemente absurdo!”⁶⁷. Assim também o entendia Kant, e agora podemos compreender claramente o porquê de seus enunciados. Para ele, pois, o bom Deus criou o homem; e ao cinzelar-lhe o cérebro dentro da caixa craniana, deixou gravado nele as intuições puras de espaço e tempo, que haviam de servir de fundamento a todas as demais intuições e conceitos posteriores, como os das matemáticas e da lógica primeiro, e os das ciências depois, como juízos, que são, ao mesmo tempo, sintéticos e a priori.

E enquanto proferia o mestre as últimas palavras, ia, já, pondo os olhos no livro de texto, a fim de ver o que vinha a seguir. E prosseguiu:

– O espaço, para Kant, é *a priori*, ou seja, absolutamente independente da experiência; não procede da experiência, e antes é suposto dela, uma vez que não poderá existir experiência nenhuma que não se realize no espaço. Nossas experiências, nossas percepções, nossas intuições sensíveis subpõe o espaço, e subpor ou sub-pôr significa pôr de baixo como base ou sustentáculo. E como seria possível a intuição sensível, a percepção de alguma coisa, se essa não se opusesse a mim? E como poderia a coisa estar de frente a mim, se não no espaço? Que é que me rodeia, senão o espaço? Por isso o espaço é o subposto de qualquer percepção, de qualquer intuição sensível, de qualquer experiência. Qualquer sensação, ou é puramente subjetiva e interna, e, neste caso, não tem objetividade, ou é objetiva e exterior, referindo-se a algo fora de nós, e por isso supõe o espaço. Eis, pois, que qualquer sensação exterior, qualquer intuição sensível, visto que é objetiva, supõe já o espaço. Por esta razão o espaço é intuição pura, a priori, independente de qualquer experiência, e qualquer que seja ela, já o supõe, ou subpõe.

– E há mais isto, continuou o mestre: nós podemos pensar o espaço sem coisas; mas pensar as coisas sem o espaço é impossível. Daqui vem que o só pensamento das coisas já supõe o espaço; todavia, o puro pensamento do espaço não supõe as coisas, e tanto que podemos pensar o espaço vazio e imaterial. É perfeitamente possível pensar um espaço subjetivo, puro, de três dimensões que se alongam para todos os lados indo para o infinito, e completamente vazio. Por isso a intuição de espaço é pura ou a priori, que puro e a priori, para Kant, possuem o mesmo sentido de independente da experiência. O espaço faz parte do mecanismo do pensamento, e sua intuição já existe pré formada na razão, pronta para subpor-se a todos os fenômenos e

66 Will Durant, História da Filosofia, 346

67 Herbert Wendt, 'A Procura de Adão, 118

experiências que surgirão de futuro. O espaço é uma intuição pura, e não um conceito.

– O conceito, esclareceu o sábio, é uma coisa definida, quer dizer: da qual se traçou os limites, ou “fines”. É uma unidade mental que engloba um número indeterminado de seres ou coisas. Quando eu digo praia, todos vocês sabem que a praia se compõe de umas tantas coisas essenciais, sem as quais a praia deixa de o ser. Praia é a faixa que separa o mar da terra; se não for isto não será praia. Agora digo cavalo: e já se formou na mente de vocês uma unidade mental que possui o comum a todos os cavalos. O conceito é uma unidade mental, uma síntese que engloba os caracteres indispensáveis à definição ou delimitação de qualquer coisa. O conceito é uma unidade sintética que cobre uma multidão de coisas; por isso o conceito se refere a um plural; é a singularização de uma pluralidade. Pois a intuição pura é exatamente o oposto disto, porque se refere sempre a uma unidade indecomponível. Não se pode, como no exemplo dos cavalos, pensar muitos espaços individuais para depois generalizar o espaço como um conceito. O espaço se nos apresenta, de pronto, como único. Trata-se duma operação subjetiva pela qual o espírito toma ciência de uma individualidade. Se tenho intuição sensível (e intuição quer dizer visão) desta mesa, vejo-a, em particular, como uma só; todavia, da mesa em geral, não posso ter intuição sensível ou visão, conquanto possa formar um conceito que engloba na unidade todas as mesas possíveis. Já se vê, que as intuições sensíveis são a raiz dos conceitos. Por isso um e outro são conhecimentos. Como a intuição nos dá o conhecimento de um objeto individual, particular e único, o espaço só pode ser uma intuição pura, não sensível, pois, como observam vocês, não podemos sintetizar as idéias de muitos espaços num conceito de espaço em geral. Pela mesma razão não pode haver conceito do Ser nem de Deus, porque são únicos, donde vem que deles só podemos ter intuições puras. Não há muitos espaços, senão um só e único, dentro do qual podemos conceber cubículos de espaço que são frações ou partes do único espaço possível. E como há pouco afirmamos que o espaço é *a priori*, quer dizer, independente de qualquer experiência, podemos agora concluir, com pleno conhecimento, que o espaço é uma intuição *pura*. Até aqui temos visto que o que Kant chama “exposição metafísica” do espaço, que ele estuda junto com a do tempo, porém, que nós vamos ver em separado, para maior clareza. Vejamos, em seqüência lógica, o que Kant chama “exposição transcendental” do espaço.

– Transcendental, prosseguiu Árago, deriva-se de transcendente; e transcendente é aquilo que está além de nós, que existe em si e por si, independente de nós. Transcendental é tudo o que pertence à razão pura, anterior a toda experiência. Esta razão pura já existe em nós, pré formada, não sendo nós partícipes de sua gênese. Algo que nos transcende criou em nós o que, por isso, é também transcendental. Assim Aristóteles se liga a Kant; aquilo está para além de nós, que existe em si e por si (Aristóteles), nos forjou a razão pura, que, por isso mesmo, também é transcendental (Kant) e anterior a toda experiência. Deste modo a geometria é transcendental, e se acha estruturada na razão pura. Ao pensarmos, construímo-la em nossa mente por meio duma intuição puramente ideal, não sensível. A intuição de qualquer figura geométrica decorre das construções que fazemos dela em nossa mente, e que depois a projetamos no papel, e não de algo sensível que nos venha do mundo objetivo. E a geometria subpõe o espaço, e não somente no ponto de partida, senão também a todo o instante que construímos figuras geométricas no pensamento. Por isso todas as intuições de figuras supõem, subpõem, põem por debaixo, constantemente, uma intuição a priori que é o mesmo que pura. Segue-se, logo, que a intuição pura de espaço não somente é o subposto primeiro da geometria, senão que a geometria constantemente a supõe. Então o espaço puro é imanente em toda a geometria, e as intuições geométricas não se definem, mas se constróem. Todavia, quando nós passamos desta geometria pura, subjetiva, à aplicada, objetiva, verificamos que as experiências feitas no mundo objetivo coincidem, perfeitamente, com aquela geometria pura que temos na mente, nascida da intuição a priori de espaço, sem a participação de experiência alguma. Há equivalência perfeita entre esta geometria pura que estudamos de olhos fechados, e essa outra empírica, que nos entra pelos olhos, do mundo sensível, do mundo objetivo, do mundo à mão.

E depois de uma pausa meditativa em que Árago procurava tornar claro um dos pontos mais escuros e difíceis de Kant, prosseguiu:

– Aristóteles diria que a geometria existente em nosso espírito nos veio do mundo objetivo, visto que este possui, em si, geometria. Para Kant, o mundo objetivo não tem em si

geometria, a não ser aquela que lhe damos, e isto porque a geometria não passa de forma de conhecer, própria da nossa inteligência. Eis como a filosofia realista de Aristóteles subpõe o mundo objetivo ao sujeito, e o que está neste, procedeu daquele. Já a atitude idealista subpõe o sujeito ao mundo objetivo, e o que há neste, projetou-se do sujeito. O idealista diz que só podemos entender do mundo aquilo que nós lhe demos, que é a forma de conhecer, própria e puramente nossa, e não dele. O idealista só pode entender do mundo aquilo que ele projeta de si para o mundo. O realista, ao contrário, entende só aquilo, do mundo, que se refletiu em si; em seu espírito há geometria, porque o mundo foi geometrizado por Deus, donde vem que a geometria tem ser real no mundo, e não, mera forma de conhecer, como querem os idealistas. Não nos esqueçamos de que, para Kant, o espaço e o tempo não são realidades metafísicas nem físicas, e que, por isso, tenham existência em si e por si; para ele, Kant, espaço e tempo são formas puras de nossa faculdade ou capacidade de conhecer. Então, pôr os objetos, é injetarmos neles nossa intuição pura de espaço e de tempo, como se estas intuições puras fossem realidades existentes neles; como se fossem, não significa que são. Conferimos aos objetos reais os caracteres puros, ideais, de espaço e de tempo, e depois vamos encontrando, continuamente, na experiência, esses caracteres que nós próprios lhes conferimos. Daí o dizerem os idealistas que o ato de conhecer possui duas fases: a primeira consiste em pôr os objetos que se vão conhecer; este pôr os objetos significa subpor a eles aquele conhecimento puro, que é próprio da nossa inteligência; imprimimos nos objetos, conferimos a eles o nosso subjetivismo; esta primeira fase é a da *hipótese*. Usando o material que temos dentro de nós, com lápis e papel, chegamos a uma conclusão, e dizemos: é isto. Esta é a primeira fase que denominamos por objetos ou hipótese. Depois vem a segunda fase que é a demonstrativa ou experimental: por meio desta vamos devagar, e discursivamente, procurando nos objetos reais o conhecimento que, previamente, lhes imprimimos. Deste modo toda a dedução, transcendental deve consistir em que as condições deste conhecimento puro, possam imprimir-se nos objetos reais correspondentes àqueles mesmos conhecimentos que, de antemão, já tínhamos. Primeiro descobrimos tudo no mundo subjetivo do pensamento; é a hipótese. Depois vamos conferir este saber antecipado, com a realidade do mundo: é a demonstração.

E vendo, pelo livro de Garcia Morente, qual o ponto que devia suceder ao precedente, continuou:

– Do mesmo modo como Kant procedeu em relação ao espaço, deduzindo dele a geometria, seguindo a mesma ordem de argumentos, faz o estudo do tempo, extraíndo dele a aritmética. Kant agora procura demonstrar como é possível uma aritmética pura; mostra como podemos nós construir de olhos fechados, de um modo inteiramente a priori, fazendo omissão completa da experiência, toda uma ciência que é a aritmética, e que, depois, esta ciência pura que criamos na mente, coincide em todos os pontos com os fatos reais da natureza exterior. Assim como o espaço, diz Kant que o tempo também é *a priori*; quer dizer, independente de toda experiência; não tem realidade objetiva, não passando de pura forma de conhecer. O tempo, diz ele, é uma intuição pura, independente da experiência, porque qualquer percepção sensível é uma vivência, um acontecimento percebido pelo eu; e tudo o que acontece implica, já, tempo, porque todo o acontecer é um tornar-se, um vir-a-ser, um devir, um deixar de ser o que foi para ser o que será; tudo o que acontece é um suceder no tempo. Portanto, o tempo está subposto a todo o desenvolvimento, e marca o ritmo do tornar-se. Acontecer significa que, no decurso do tempo, algo vem a ser o que será, e deixa de ser o que foi. Conseqüentemente, toda percepção sensível, toda a vivência é algo que nos acontece no tempo. Podemos intuir um tempo vazio de acontecimentos, não porém um acontecimento que se realize fora do tempo, ou sem tempo. Antes, durante e depois do acontecer, o tempo subjaz, como fundamento, a priori.

– Depois de demonstrado que o tempo é a priori, continuou o mestre, Kant passa a demonstrar que o tempo é uma intuição e não um conceito. Porque o conceito é uma unidade mental que engloba uma multiplicidade de coisas, como já o disse, ao tratar do espaço. O conceito de homem implica num juízo sintético que reúne tudo o que é essencial no homem; o que for acidental, como cor da pele, dos cabelos e dos olhos, altura, peso, não entra no conceito. Isto posto, temos que não há u'a multiplicidade de tempos com partes essenciais e partes acidentais, de sorte que se possa reunir as essencialidades num conceito único. O tempo é, já, por

si mesmo, uma unidade, e por isso não pode ser um conceito, e sim, uma intuição pura. Nós podemos intuir o tempo como uma unidade, e nunca pensá-lo como conceito resultante duma generalização de muitos tempos num único. E nisto se resume o que Kant denomina “exposição metafísica do tempo”. Após isto, vem a “exposição transcendental do tempo”. E assim como a “exposição transcendental do espaço” implicou na construção pura, a priori, da geometria, igualmente a “exposição transcendental do tempo” torna possível a construção pura da aritmética. A intuitividade e o apriorismo do tempo são condições de possibilidade dos juízos sintéticos na aritmética. Para formularmos nossos juízos em aritmética não precisamos da experiência, visto que partimos da intuição. Para somar, subtrair, multiplicar, dividir, potenciar e extrair raízes, necessitamos do tempo, e as mesmas operações implicam tempo, e as fazemos a priori, isto é, independente de qualquer experiência objetiva. É somente subpondo o tempo como intuição pura, que podemos, de um modo a priori, construir a aritmética, sem pedir o concurso da experiência. E isto ocorre, precisamente, porque o tempo é uma forma da nossa capacidade mental em relacionar as vivências. O tempo é como o fio que liga as contas-vivências no colar da nossa vida, que também é uma conta maior dum colar maior, e assim, até o tempo uno e eterno. É assim que o tempo, conquanto não passe de forma de conhecer, se aplica à realidade onde se dão os fenômenos dos quais temos percepções sensíveis que são as vivências. As nossas vivências se ordenam em sucessão no tempo, e lá, fora de nós, no mundo objetivo, tudo acontece conforme a previsão da aritmética pura que construímos de olhos fechados.

Fez silêncio o mestre por um pouco, não só para tomar um fôlego, senão, também, para procurar no livro o ponto seguinte. E tendo-o achado, continuou:

– Como temos visto, o espaço e o tempo são formas de sensibilidade que não coisas objetivas da realidade exterior; e sensibilidade para Kant é o mesmo que percepção. As percepções externas ou experiências das coisas se fundam no espaço; as vivências ou percepções internas se lastreiam no tempo. Todavia, toda percepção externa possui, também, duas fases: a presentânea, imediata, que é o momento mesmo da percepção, e a interna, mediata, em que a percepção se funda em duas: porque, ao mesmo tempo em que percebo as coisas sensíveis, também me dou conta de que as estou percebendo; ao tempo em que percebo, me apercebo; não só tenho percepção, senão que também tenho apercepção que é perceber que estou percebendo. Assim o tempo é forma da sensibilidade externa e interna ao mesmo tempo, enquanto que o espaço é somente sensibilidade externa. Deste modo o tempo, por sua posição privilegiada, abarca em si todas as vivências, referindo-se tanto aos objetos exteriores quanto às vivências interiores, servindo de base comum, de denominador comum entre a aritmética e a geometria. Eis, então, que a aritmética e a geometria se interpenetram, se acasalam, se correspondem. Por causa disto é que foi possível a Descartes estabelecer contatos e pontes entre as duas ciências paralelas: geometria e álgebra, e fica entendido que a álgebra é a generalização da aritmética. Descartes inventou a geometria analítica, e por ela se reduzem figuras geométricas a equações algébricas, e vice-versa. Pouco depois vem Leibniz, e estende mais ainda essa possibilidade de redução da geometria à álgebra, pela criação do cálculo infinitesimal. Primeiro Descartes, e depois, Leibniz possibilitou a passagem das equações às figuras, e destas às equações, conseguindo, deste modo, que ambas tivessem um denominador comum que são as leis unívocas. Mas Leibniz descobre ainda a lei do desenvolvimento de um ponto em quaisquer direções do espaço; esta verdade se acha concretizada nas fórmulas diferenciais e integrais que registram as diferentes e sucessivas posições de um móvel no espaço, isto é, prevê, pelo cálculo, a sua trajetória. Com isto completou-se a harmonia e coerência entre geometria e álgebra que representam, respectivamente, espaço e tempo.

– De sorte, continuou o mestre, que toda a matemática representa um sistema de leis a priori, absolutamente independente da experiência, que, todavia, torna inteligível e coerente toda percepção sensível. Por isso, toda a percepção sensível que tivemos no passado e teremos no futuro, está subordinada às leis da matemática, e estas leis, em vez de serem induzidas da experiência, foram deduzidas das intuições puras do espaço e do tempo, e para deduzi-las não se precisou mais do que de pena e de papel. O *ser para conhecimento*, portanto, existente no objeto, não é próprio do objeto, e sim, do sujeito. As formas de sensibilidade, espaço e tempo, não existem nos objetos, até enquanto o sujeito não as pôr neles; postas nos objetos, estes as

possuem, e são estas formas de sensibilidade possuídas pelos objetos que, depois, o sujeito encontra neles. Nada existe no objeto que não tivesse sido posto nele pelo sujeito. A *coisa em si* de que não se puderam libertar os filósofos idealistas, desde Descartes, recebe de Kant a sentença definitiva de exclusão. As coisas em si não existem, ou se existem, não têm trânsito nenhum para o eu, de sorte que este possa vir a conhecer que existam. Só podemos falar de objetos para conhecimento, de objetos postos pelo sujeito para serem conhecidos, e não, de coisas em si, das quais nada podemos dizer, visto que esta expressão é um absurdo radical, como dizia Berkeley. As coisas que conheço são em mim, estão na minha inteligência, e por isso sei o que são; porém, as coisas em si estão fora de mim, do meu entendimento e alcance, não podendo, absolutamente, ser objeto de pensamento. As coisas em si são inconcebíveis, inconceituáveis e inintuíveis; logo, não existem para a razão; e se existem, de algum modo, para a razão, são como se não existissem. Só podemos falar de coisas extensas no espaço e de fenômenos sucessivos no tempo; mas como espaço e tempo não são “coisas”, nem propriedades das coisas, mas sim, formas da sensibilidade, condições de cognoscibilidade, de perceptibilidade que o sujeito põe nas coisas, vale dizer que as coisas são no sujeito, e nunca, em si mesmas. Estas coisas partícipes das propriedades do espaço e do tempo, por intervenção exclusiva do sujeito, recebem de Kant a denominação de fenômenos. Fenômenos, portanto, são as coisas amalgamadas pelo espaço e pelo tempo, providas de espaço e de tempo por empréstimo que o sujeito fez a elas.

– Toda esta parte da “Crítica da Razão Pura” que expus, rematou o mestre, recebe de Kant o nome de “estética transcendental”. A palavra estética deriva-se de “estesis” que, no grego, significa percepção. Logo, estética transcendental significa teoria da percepção. Transcendental se refere à razão pura. Estética transcendental quer dizer teoria pura das percepções sensíveis. Esta é a acepção que Kant dá às palavras “estética” e “transcendental”. Não se trata de “teoria do belo”, nem “teoria da beleza”, nem “teoria da arte”, como, de repente, vocês iriam supor.

E novamente consultando o livro de Morente, exclamou, Árago, após ter limpado o pigarro da garganta:

– Agora vem o passo da exposição kantiana que tem o nome de “analítica transcendental”. Depois da “teoria pura das percepções sensíveis”, isto é, da “estética transcendental”, vem a “analítica transcendental” que é a teoria do conhecimento das leis dos fenômenos. Aqui se estuda como são possíveis os juízos a priori dos fenômenos. Pois claro: se o espaço e o tempo não são coisas, nem propriedades das coisas, porém, formas das sensibilidade, condições de cognoscibilidade, de perceptibilidade, que o sujeito põe nas coisas, donde as coisas serem no sujeito, mas não, em si mesmas; se o *ser para conhecimento* existente no objeto não é próprio do objeto, e sim, do sujeito; se as formas de sensibilidade, espaço e tempo, não existem no objeto até o momento em que o sujeito não os pôs nele, para conhecê-lo; se as coisas que conhecemos não são em si, mas em nós, na nossa inteligência; se as coisas em si estão fora de nós, do nosso entendimento e alcance, não podendo, absolutamente, ser objeto de conhecimento; se nada existe no objeto que antes não tivesse sido posto nele pelo sujeito, porque a ponte de trânsito entre o sujeito e o objeto, pertence ao sujeito, e não ao objeto; se tudo é assim, como venho expondo, coerentemente, tudo o que sabemos da física tem de ser a priori. Como não o ser? Se as coisas mesmas nos houvessem ensinado, então havia trânsito das coisas para o sujeito, conforme o afirma o realismo; mas não, diz Kant: o trânsito somente existe do sujeito para os objetos; logo, tudo o que sabemos, sabemos-lo a priori. As coisas nos enviam impressões, e nada mais que impressões como diria Hume. Contudo cada coisa possui sua essência, é efeito duma causa, possui sua lei de transformação. Como sabemos disto? Sabemo-lo a priori, visto que nada disto é impressão. As leis universais não são impressões; nenhuma coisa nos pode comunicar o conceito de causalidade; nenhuma, o conceito de essência. Ora, se tudo isto apreendemos das coisas, só pode ser porque antes lhes demos, lhes pusemos. Logo, existe um conhecimento a priori das coisas da natureza. Qualquer livro de física começa pela “mecânica racional” que é um conjunto de leis, de teoremas, de proposições a cerca dos objetos reais; estão as leis do movimento, as da inércia, que não nasceram da experiência, nem estão impressas nas coisas onde as lemos com a nossa inteligência. Inteligência deriva-se de “inter legere” que significa ler entre, como definira o realismo aristotélico. Não há este *ler entre* para Kant, senão que as leis e princípios do movimento e da inércia extraímos integralmente do nosso pensamento puro. Lemos

entre as coisas (*inter legere*) somente aquilo que pusemos, de antemão, nelas; daí vem que se pusemos muito, lemos muito, e se pusemos pouco, lemos pouco. A diferença está, portanto, no quanto pomos. Os inteligentes põem mais, e os ignorantes, menos; mas cada um só pode ler nas coisas, o quanto pode pôr nelas. A palavra inteligência, que vem de *inter-legere*, devia proceder de *inter-pôr* – conhecimentos ou ciência. Inteligência devia ser, segundo Kant, *interporciência*. Uma vez que Kant sentenciou que não há trânsito possível das coisas para o sujeito, e, sim, somente, do sujeito para as coisas, não há alternativa: tudo do conhecimento das coisas, tem de sair do próprio sujeito, tal como a aranha que tira de si o material com que tece a sua teia, no dizer de Francis Bacon.

E prosseguiu o filósofo, após ter consultado seu livro de texto.

– Ao ter início a segunda jornada filosófica, lembremo-nos de que Descartes estabeleceu a dúvida por método de pesquisa. Todavia, o vasto campo sobre que a dúvida pode exercitar-se pode ser dividido em duas partes. Uma é aquela em que se situam as nossas intuições sensíveis; este setor é o da realidade objetiva das coisas que vemos, tocamos e ouvimos. A outra parte é aquela dos nossos pensamentos. E Descartes conclui que a dúvida só persiste na parte relativa aos objetos do pensamento, e não aos pensamentos mesmos. Assim, diz Descartes, eu penso no centauro, que pode ser que não exista; entretanto meu pensamento dele existe. Eu posso, diz ele, sonhar que me acho voando; pode suceder que, em vez de voando, esteja dormindo; contudo, não pode ser que não esteja sonhando estar voando. Pelo que se vê, os puros pensamentos não podem ser objeto de dúvida, porém, a realidade objetiva, relacionada a esses pensamentos, sim, pode. Então se a realidade pode ser duvidosa, não é realidade. A realidade tem de ser aquilo que não padece dúvida. Logo, para Descartes, que vem a ser realidade? Pois realidade é um pensamento que corresponde exatamente a um objeto além de si. O pensamento pode não ter correspondência com seu objeto; o pensamento do centauro existe, mas não existe o centauro; logo, o centauro não é uma realidade. E se acontecer que exista o centauro, nalgum lugar do universo? Neste caso o centauro se torna uma realidade. Então, somente não incorrerá em erro, aquele que nunca afirma ou nega o objeto dum pensamento. Aquele que se bastar só com o puro pensamento, sem afirmar, nem negar... que o pensamento corresponde ao seu objeto, esse não erra. Basta não julgar da realidade exterior, limitando-se a pensar somente, para não incorrer em erro. E poderá estar em erro todo aquele que afirme ou negue que aquilo que pensa existe.

– Todavia, continuou o mestre, como podemos pensar, sem que o pensamento afirme ou negue alguma coisa? Como é possível a um homem ficar só consigo em seus pensamentos? Pois se os pensamentos se compõem de juízos, que juízos há que não afirme nem negue algo do sujeito? A realidade, já o disse Descartes, é “algo” ao qual o pensamento se refere. Mas essa realidade só terá validade se for posta, afirmada; e se não afirmamos, se não formulamos um juízo que declare que esse pensamento se refere a essa realidade, esta não será válida, nem se poderá formular o juízo dela. Então para que uma realidade exista é preciso que ela apareça como sujeito de um juízo; e um juízo não pode compor-se só do sujeito, senão que também é exigido nele o predicado; e o predicado é aquilo que se afirma ou nega do sujeito. Se digo: esta mesa é larga, a mesa, pelo menos é real, porque lhe juntei a partícula afirmativa é. A mesa é, porque se ela não fosse, impossível seria afirmar dela qualquer coisa; fosse ela uma não-ser, não se lhe poderia juntar propriedades ou qualidades. Por conseguinte, para afirmar a realidade de qualquer coisa, basta pô-la por sujeito de um ou mais juízos que afirmem ou neguem dela alguma coisa. Não se pode afirmar ou negar nada de nada, e sim, somente, afirmar ou negar alguma coisa de algo; por isso quando afirmamos ou negamos do sujeito, este já está, por isso mesmo, posto como realidade. Logo, a função primacial do juízo é pôr a realidade. A função intelectual do juízo, como a função ontológica, consiste em estabelecer uma realidade. E quando temos dúvidas sobre se uma coisa é ou não real, perguntamos: que é isso? Se a resposta vem: isso é nada; então, não se trata de realidade. Se a resposta for isso é algo; então se trata duma realidade. O simples fato de perguntar: que é isso? já constitui uma colocação ou posição duma realidade. E esta identidade da função lógica do juízo, com a função ontológica de pôr a realidade, é o fundamento sobre que Kant assenta o seu método de deduzir todas as variedades possíveis de toda a realidade. Colocando sempre a realidade por diferentes formas de juízos, a própria realidade vai variando, sem, contudo, deixar de ser o que é. E as diferentes formas de

juízo estão perfeitamente estudadas desde Aristóteles que criou a lógica formal ou pura, válida, e sem mudança, até nossos dias.

Dito isto, o mestre fez uma pausa; e pegando dum giz, foi à lousa a fim de anotar nela as formas clássicas de juízos na lógica formal, que são: de *quantidade*, de *qualidade*, de *relação*, de *modalidade*. E tendo, depois, retornado à sua cadeira, continuou:

– Essas, que estão ali na lousa, são as formas do juízo na lógica formal, com suas correspondentes categorias kantianas. A primeira forma de juízo que aparece ali, é a de quantidade; quanto a esta forma de juízo, os sujeitos podem ser individuais, como por exemplo, Frederico é alemão, ou A é B; particulares, como em, alguns homens são filósofos, ou seja: alguns A são B; universais, como em todo o homem é mortal, isto é, todo A é B. Depois vem a segunda forma de juízo, que se refere à qualidade. Quanto à qualidade os juízos podem dividir-se em afirmativos, negativos e infinitos. São afirmativos aqueles juízos que fazem afirmações do sujeito como em Frederico é alemão, ou A é B; são negativos, quando negam do sujeito uma qualidade, como, por exemplo, o universo não é simples, ou A não é B; infinitos quando uma qualidade somente do sujeito é negada no predicado, como em os sapos não são mamíferos, ou os A não são B. Não se afirma o que são os sapos, mas apenas se lhes nega uma qualidade, deixando aberta a possibilidade de eles serem tudo o mais. Segundo a relação, os juízos podem dividir-se em categóricos, hipotéticos e disjuntivos. São categóricos aqueles juízos que afirmam de modo incondicional, como, por exemplo, o ar é transparente ou A é B; no juízo hipotético se afirma sob condição, assim por exemplo: se hipnose é sugestão, e sugestão, fé, então hipnose é fé, ou se A é B, e B é C, então A é C. Juízo disjuntivo é aquele em que a afirmação aparece debaixo de alternativas, como em: Alcino é russo, ou francês, ou brasileiro, ou seja: A é B ou C, ou D. No que concerne à modalidade os juízos dividem-se em problemáticos, assertórios e apodíticos. Problemáticos são os juízos que somente evidenciam possibilidade, como em Antonio pode ser baiano, ou A pode ser B; juízos assertórios são aqueles em que, no predicado, se afirma do sujeito; exemplo: átomo é tomo; ou A é B; nos juízos apodíticos os predicados afirmam de modo diferente aquilo que o próprio nome do sujeito expressa, como, por exemplo, o quadrado tem quatro lados; ou A é necessariamente B; ou não há como A não seja B; ou A tem que ser B.

– Temos visto, prosseguiu o pensador, a classificação aristotélica dos juízos na lógica formal, que anotei resumidamente, ali na lousa. Ora, se o ato de julgar consiste em pôr, em colocar a realidade, então, todas as diferentes formas do ato de julgar, correspondem aos vários modos com que se apresenta a realidade. As diferentes formas do juízo correspondem aos variados modos de ser da realidade. A tabela de categorias, pois, deve sair da tabela de juízos. E Kant extraiu de cada uma destas formas de juízos a forma correspondente da realidade. Quer dizer que as categorias da realidade são pura e simplesmente deduzidas do ato de julgar, do ato de formular juízos. As categorias *unidade*, *pluralidade* e *totalidade* correspondem, respectivamente, às formas de juízo *individuais*, *particulares* e *universais*. Estas formas de juízos dizem respeito à *quantidade*, como ali na lousa se vê. Os juízos quanto à *qualidade* são *afirmativos*, *negativos* e *infinitos*. As respectivas categorias são: *essência* (no sentido de consistência), *negação* e *limitação*. Dos juízos de *relação* que são os *categóricos*, *hipotéticos* e *disjuntivos*, saem as categorias *substância*, *causalidade* e *ação recíproca*. Da quarta e última forma de juízo lógico, que é o de *modalidade*, subdivididos em *problemáticos*, *assertórios* e *apodíticos*, extrai Kant as categorias de *possibilidade*, de *existência* e de *necessidade*. Eis aí as doze categorias kantianas extraídas das doze formas clássicas de juízos da lógica formal.

Feita uma pausa para um breve descanso, prosseguiu:

– Logo após expor as suas categorias, Kant passa a tratar delas, por miúdo, na sua “*dedução transcendental*”, que também pode chamar-se “*analítica transcendental*”. Esta parte da “Crítica da Razão Pura” é a mais importante, mais famosa, mais fundamental. A ela, pois:

– Estas categorias, como já vimos, são deduzidas dos juízos formais da lógica pura. Ora, a lógica, com ser pura, não procede da experiência; logo as categorias são a priori, uma vez que também não procedem da experiência. Então podemos formular, agora, um pensamento que caracteriza todas as filosofias existentes, ou que venham a existir de futuro; é este: as categorias, ou estão nas coisas, e estas no-las enviam, como quer o realismo, ou estão em nós, e as enviamos

às coisas, como o entende o idealismo. Se as categorias estão nas coisas, e estas no-las enviam, então, até as doze formas de juízos da lógica menor ou pura são a posteriori, visto que elas derivam das categorias que emanam das coisas. Se, pelo contrário, como querem os idealistas, as categorias se deduzem das formas de juízo da lógica pura, e depois são postas nas coisas, então, tudo, de fato, é a priori. Aristóteles é da primeira opinião, e Kant, da segunda. Para Kant as formas categóricas são a priori, porque não se derivam da experiência. Para os realistas as categorias nos vêm das coisas. Mas isso é absolutamente impossível, dizem os idealistas, porque as coisas não enviam mais que impressões; ora, as categorias de unidade, de pluralidade, de totalidade, de causa, etc., não são impressões, mas relações. Se as condições de conhecimento estivessem fundadas só nas impressões que as coisas nos enviam, então estaria com a verdade Hume. Neste caso as coisas nos enviariam impressões sensíveis, que se agrupavam em nossa mente como vivências puras, associadas por semelhança, por contiguidade, por contraste. A ciência seria mero costume local, contingente, e ninguém poderia garantir a constância de nada, pois não haveria causalidade nem lei, visto que estas categorias não são impressões sensíveis nem vivências. Mas não: a ciência existe; está aí; suas previsões se cumprem. O homem formulou sistemas, subpôs teses, fez afirmações científicas redutíveis a fórmulas matemáticas, e tudo isto expressa o que as coisas são como realidade, como movimento, como são encadeadas umas às outras por princípio de causalidade. Desde Galileu, desde Newton, temos uma física que funciona, que é inteligível, que é matematicamente exata. Indubitavelmente temos um conhecimento racional, exato. Cumpre-nos descobrir como esse conhecimento é possível. Pois é possível debaixo das seguintes e necessárias condições: é preciso haver objetos, que sem eles não há conhecimento deles. É preciso que esses objetos possuam uma essência, no sentido de consistência, de substância, porque se os objetos não se consistirem de alguma matéria, não existem, e não existindo eles, ipso-facto, não existe o conhecimento deles. É preciso, em terceiro lugar, que os objetos existentes e possuidores de um ser, estejam relacionados entre si por causa e efeito, porque se não houvesse cadeia de causalidade, se surgissem e desaparecessem os objetos sem ordem nem lei que os enlaçasse, não se poderia conhecer nada. Em síntese, sem tudo aquilo que as categorias nos declaram que os objetos são, não há conhecimento possível. Por conseguinte, as condições de conhecimento são a mesma coisa que condições de objetividade. As duas condições, as de conhecimento e as de objetividade, se equivalem. Mas as condições de conhecimento são a priori visto que se derivam da lógica formal ou pura; logo, as condições de objetividade são a priori também. Eis como Kant conduz a sua dedução transcendental. Não há mais que estas duas possibilidades exploradas pelos idealistas e pelos realistas: as categorias, ou procedem de nós, e são *a priori*, ou procedem dos objetos, e são *a posteriori*. Procedem de nós? então não procedem das coisas. Procedem das coisas? então não procedem de nós. Daqui não há fugir! Qual dos dois filósofos está com a verdade? Seria Aristóteles, ou seria Kant? A resolução deste problema se reserva para a terceira jornada filosófica, porque depende de como se deu a gênese do homem. Se Deus fez o homem, diretamente, e de um golpe, pondo-o no cenário da vida como produto acabado, então, ao construir-lhe o aparelho do pensamento, pôs nele, como ocorreu com as demais peças anatômicas, os juízos puros da lógica formal, e desta se deduziram, depois, as categorias todas, que dão inteligibilidade às coisas do mundo objetivo. Se, todavia, o homem for um dos muitos produtos da evolução, tendo, como tudo, procedido do caos primordial, então, não só ele, como tudo o que há no mundo, surgiu pelo embate das vivências dolorosas, das experiências amargas, não havendo nada *a priori*, e antes, sendo tudo *a posteriori*. Mas este é o tema da terceira jornada filosófica que nos cumpre não antecipar.

E refestelando-se na cadeira, o pensador, tendo no semblante o ar de quem se gloria por sua clareza e precisão de raciocínios, continuou:

– E Kant tem tanta convicção de que a sua é a doutrina incontestavelmente verdadeira, que aplicou ao seu sistema a inversão copernicana, que consiste nisto: até Copérnico, se tinha por certo que a Terra era o centro do Universo, girando em torno dela o Sol com todos os demais planetas e satélites. Todavia Copérnico descobriu ser completamente impossível a interpretação do que se observava em astronomia se o Sol desse voltas ao redor da Terra, sendo esta o centro do Universo. É então que Copérnico propõe a inversão das posições, pondo ele o Sol por centro do sistema planetário. Bastou isto, que tudo se resolveu. Pois esta é a inversão copernicana, que

Kant aplica ao seu sistema filosófico. Até Descartes sempre se teve por indiscutível, pois Aristóteles o dissera, que as coisas nos enviam sua essência; essência, no sentido *de ser, de aquilo que é*. Aquilo que recebemos das coisas, que no-las torna inteligíveis, compreensíveis, antes de estarem em nós, na nossa inteligência, estão, primeiro, nas coisas. Por isso, as condições de objetividade que são as categorias, vêm-nos das coisas. Mas isto é impossível, ininteligível por completo, bradam os idealistas, porque as coisas não nos enviam mais que impressões. Ora, as categorias ônticas não são impressões, mas conceitos. Então Kant propõe, como o fizera Copérnico, para inverter as posições dos juízos e dizer: os nossos conceitos não nascem do conhecimento das coisas, senão que o conhecimento das coisas nascem dos nossos conceitos. Os nossos conceitos não se ajustam às coisas, senão que estas se ajustam aos nossos conceitos. As categorias, por conseguinte, são conceitos puros ou *a priori*, que, por isso, não são derivados das coisas, mas que pomos ou subpomos a elas. Com esta operação Kant acaba de expungir o idealismo de qualquer resquício de realismo aristotélico, além de fixar, para sempre, a correlação basilar do sujeito e objeto no conhecimento. Além disto, o objeto do conhecimento só é objeto do conhecimento quando possui as condições para ser conhecido; e essas condições do conhecimento são postas no objeto pelo sujeito, de modo que as coisas em si não são mais do que *coisas para o conhecimento*. Se, depois destas coisas que são para o conhecimento, houver ainda alguma *coisa em si*, como ela é *em si*, e não *no sujeito*, não pode ser conhecida por este, e, por isso, não existe; e se existe, o sujeito não dispõe de meios para o saber. Eis como tanto o sujeito como o objeto são termos relativos que aparecem no plano do pensamento, a partir do momento em que o ser se dispõe a não querer mais submeter-se ao determinismo instintivo, próprio do animal, e por isso procura conhecer. Quando, um dia, o eu biológico se propõe a ser o sujeito do conhecimento, ou seja, quando a curiosidade natural do homem o leva a formular perguntas a respeito do mundo e das coisas; quando o sujeito interroga: que é isto?, nesse ponto o mero eu biológico animal se torna no sujeito do conhecimento, no sujeito cognoscente, no eu humano que, por sua própria natureza, é filosófico. Desde então o sujeito começa a pôr os problemas, e a os resolver. Por isso, enquanto um problema não é posto, ele não existe. Problemas inexistentes para Aristóteles surgiram na mente de Descartes, e tiveram sua cabal resolução em Kant. Problemas com os quais Kant não atinou, serão atacados e resolvidos na terceira jornada filosófica. E assim, de problema em problema, de solução em solução, o pensamento avança, sendo a filosofia, problematicidade contínua, e a história da filosofia a história dessa problematicidade.

E concatenando novas idéias, continua o mestre:

– O homem ignorante, assim como o animal, caminham pelo mundo sem perguntar, visto que para um e outro só existe o ritmo da vida física a transcorrer sem necessidades superiores; filosoficamente bisonho, cada um aceita suas múltiplas impressões e vivências, como se elas fossem a realidade mesma, sem precisão nenhuma de perguntar: que é isso? Todavia, quando essa pergunta se formula, o eu biológico que é mera unidade vital, se torna no sujeito cognoscente, e, simultaneamente, as impressões e vivências se transformam em objetos para conhecer. Porém, esta mudança de atitude psicológica, pela qual as impressões se tornam objeto para conhecer, significa que o sujeito passa a considerar as impressões–objetos sob o aspecto das categorias de essência, de substância, de unidade, de causa, etc. Portanto, o eu está para o sujeito na mesma relação que as impressões e vivências estão para o objeto do conhecimento. Por isso, o objeto para conhecer não é a *coisa em si*, para ser a coisa em relação com o sujeito cognoscente. Por conseguinte, nem o sujeito cognoscente é *em si*, como também não é *em si* o objeto; o sujeito está para o objeto, na função de conhecer, como o objeto está para o sujeito na função de ser conhecido. O que há é esta reciprocidade sujeito-objeto, e não coisa nenhuma em si. Sujeito e objeto formam um sistema paralelamente semelhante a inúmeros sistemas duplos de estrelas, em que ambas giram em torno de um centro de gravidade comum. O pensamento é esse centro de gravidade comum ao sujeito e ao objeto, e que dá sentido a ambos como coisas ou fenômenos. Foi mera pretensão a dos filósofos realistas considerarem que, além do sujeito cognoscente, havia o *em si*, e além dos objetos para conhecimento havia a *coisa em si*. Eles examinavam as coisas, e cuidavam que a objetividade, a essencialidade, a causalidade, a unidade, a pluralidade, a ação recíproca, a totalidade, enfim, todas as categorias eram propriedades das coisas em si

mesmas, em vez de propriedades das coisas no sujeito, ou postas pelo sujeito. Pois as propriedades das coisas não o são delas, mas, só o são em relação ao sujeito cognoscente. Dizer, com Descartes, eu existo... porque penso, significa que o pensamento é o que dá existência ao eu; o eu então, como qualquer coisa, recebe existência do pensamento, isto é, mediante as categorias puras do pensamento. Eu existo, porque, como todas as coisas, meu “eu” também pode receber as categorias de unidade, de causa, de substância, e as demais do conhecimento. Logo, nem o sujeito cognoscente, nem o objeto para conhecimento são *coisas em si*, visto que ambos não passam de fenômenos no dizer de Kant. Por esta causa, “em nenhuma outra coisa se baseia a dignidade humana, senão nela própria; e as atividades do homem precisam valer por si mesmas e pelos seus fins, se tiverem que ter qualquer valor”⁶⁸.

E trocando o livro de que fizera a citação, pelo de Morente, prosseguiu o mestre:

– Surge agora um problema que existe desde Parmênides, e que foi mantido por Platão, Aristóteles e São Tomás, pelos escolásticos, por Descartes, por Leibniz e pelos filósofos ingleses modernos. É o problema da metafísica, pois esta disciplina tem em vista conhecer as coisas em si mesmas, e não, em relação de puro conhecimento, como sujeito cognoscente e objeto por conhecer. A pretensão da metafísica consiste em conhecer as coisas em si mesmas, e não debaixo da relação sujeito-objeto. Com esta pretensão a metafísica lança suas vistas para as coisas, para a alma humana, para o mundo, para Deus. Mas então, visto que Kant afirma que o homem se acha preso no seu sistema sujeito-pensamento-objeto, sem possibilidade de evasão, vale perguntar, como o faz Kant: como é possível a metafísica se ela pretende situar o seu objeto na *coisa em si*, fora da constelação sujeito-objeto? E toca Kant, através do que ele chama “dialética transcendental”, a demonstrar a impossibilidade da metafísica na razão pura. Como se hão de lembrar vocês, Aristóteles já dissera haver nas coisas a forma e a matéria. A forma é o que diz respeito à razão, ao pensamento; e a matéria, o que concerne à consistência, ao conteúdo da forma. Assim Kant começa por classificar os conhecimentos em formais e materiais. Ora, o grupo de conhecimentos formais, visto que são de razão pura, são determinados pelas condições *a priori* de espaço, de tempo e das categorias. Porém, o espaço, o tempo e as categorias são puras formas, são condições ontológicas que se sobrepõem àquilo que, sendo material, proporciona percepção sensível. Quer dizer que a percepção sensível, uma vez chegada à mente pelas vias aferentes dos sentidos, aí se coordena, aí se subordina às formas de espaço, de tempo e de categorias, tornando-se, por isso, inteligíveis, e esta inteligibilidade das coisas recebe o nome de objetividade, de realidade do objeto conhecido. Por isso o conhecimento possui forma e matéria: a forma diz respeito ao espaço, ao tempo e às categorias; a matéria se refere às impressões sensíveis que nos vêm dos objetos postos para conhecer. Ora, a metafísica pretende que a razão humana possui condições para conhecer as coisas em si mesmas, e não os fenômenos, não os objetos postos para conhecer, e por isso, sujeitos ao espaço, ao tempo e às categorias. Trata-se, ao ver de Kant, de um atentado contra a definição do que seja conhecimento. Daqui por diante, na “Crítica da Razão Pura”, Kant se propõe a esclarecer em que consiste este atentado praticado pela metafísica.

E depois duma pausa meditativa prosseguiu Árago:

– O primeiro objeto ou coisa em si contra a qual se aplica o aríete kantiano, é a alma. Nem no espaço, nem no tempo, nem nas categorias achamos qualquer coisa que corresponda à alma, porque quando nos inspecionamos, introspectivamente, quando atentamos para nossa vida psíquica a fim de descobrirmos a alma, o que só descobrimos são séries de vivências cada uma representando qualquer coisa do mundo exterior. Todavia, nenhuma dessas imagens introspectivas, nenhum desses reflexos do mundo é o eu. O eu mesmo, a alma, não se acha em parte alguma. Nenhuma percepção sensível existe que pudesse corresponder ao conhecimento da alma, e isto é requisito fundamental para a validade de quaisquer conhecimentos. Tal como a alma, também o universo, é um conceito forjado, sem correspondência com as intuições sensíveis, com a experiência praticável. Percebemos as coisas, as árvores, o mar, o céu, as estrelas; mas a totalidade a que damos o nome de universo, disso não temos percepção sensível. Nossa vista, embora armada do mais potente telescópio, não alcança senão parcela mínima do universo. Logo, não posso saber se corresponde à realidade, o que minha mente cuida saber do

universo. E de Deus? qual é a experiência sensível que temos de Deus? e então, se nenhuma dessas coisas pode ser objeto do conhecimento, como a razão chegou a formá-los. Formou-os, porque a razão, por sua própria natureza, é sintetizadora; ela coordena as impressões em sínteses. Os juízos são sínteses, e o ato de julgar relacionando o sujeito com o predicado, diz, por exemplo, A é B. Todavia esses julgamentos da razão só têm validade quando se referem às coisas encontráveis pela experiência. É preciso que a formalidade corresponda à sua matéria; o pensamento tem de encontrar solidez e apoio no objeto, e este se forma de vivências. Porém, a razão estende sua capacidade de síntese para além do limite do real, tirando conclusões que excedem os dados da experiência. Não se contentando a razão com as sínteses a que damos o nome de substância, magnetismo, luz, eletricidade, corpos, etc., continua seu processo de sintetizar, fazendo sínteses de sínteses. E não bastando estas últimas, com elas opera novas sintetizações, somente parando ao chegar à barreira da unidade, da absoluta totalidade. Ora, essas sínteses e uniões totais são os objetos da metafísica. Alma é a síntese das vivências, e universo, a síntese que engloba todas as coisas sensíveis, do nosso mundo, e de todos os mundos possíveis. Tudo quanto possa contrapor-se ao sujeito, tudo quanto faça frente ao eu pensante, tudo isso unificado na totalidade, forma o universo que leva o que é no próprio nome, pois universo significa a unidade mais o seu verso, o seu oposto, a pluralidade, quer dizer um + verso.

– A estas sínteses supremas, continuou o mestre, Kant dá o nome de idéias. No afã de sintetizar, a razão passa de condição a condição num esforço contínuo de chegar ao incondicionado. Embora o incondicionado nunca seja achado em nossas experiências, a razão o pede, a razão o exige, a razão o necessita. Então, em vez de se ir passo a passo de uma condição a outra, num processo exaustivo, infinito, a razão extrapola, salta sobre a série infinita, intuindo a totalidade numa síntese que é a idéia; assim com a alma, assim com o universo, assim com Deus. É precisamente este salto do condicionado para o incondicionado total, absoluto, que a metafísica realiza.

E procurando no livro a seqüência a seguir da dissertação, a que se tinha proposto, continuou:

– A respeito da alma, diz Kant, nós não podemos predicar absolutamente nada, visto que ela não pode ser objeto de conhecimento, nem o puro, da razão, nem o dado na experiência sob a forma de fenômeno. A experiência se processa no tempo, e os fenômenos anímicos que implicam tempo são as vivências que se sucedem umas às outras num fluir constante, numa corrente da consciência. Mas se bem considerarmos, essas vivências trazem consigo um sinal duplo: de uma parte é vivência de um eu, e do outro, vivência de uma coisa. Todavia não encontramos, nem interna nem externamente, algo que corresponda a uma vivência-síntese que seja a alma. Logo, sem transgressão às leis do pensamento, não podemos considerar a alma como uma coisa a conhecer. Teríamos que sair do tempo e do espaço que são o par de trilhos por onde trafegam os fenômenos, as vivências, e situar fora do espaço-tempo a alma como substância simples, indivisível e imortal, como pretende a psicologia racional. Contudo, nós estamos jungidos ao espaço-tempo que são as primeiras condições de todo conhecimento possível. Essa totalização chamada alma é completamente indevida, não passando essa idéia de transgressão aos princípios que regem o pensamento. Tal como o capítulo “Erro da Psicologia Racional” está o outro a que Kant dá o nome de “Antinomias da Razão Pura”. Antinomias quer dizer contradição entre dois princípios ou leis. E dá Kant este nome às inevitáveis contradições contra as quais se coloca a razão, quando se arrisca a encetar investigações sobre si mesma, sobre suas faculdades. E por meio de raciocínios paralelos, podemos chegar à compreensão clara de que de fato, as coisas se passam do modo como Kant o diz. Eis um exemplo: para encurvar uma linha, precisamos fazê-lo sobre um plano; para encurvamos o plano, uma folha de papel, por exemplo, precisamos trabalhá-lo no espaço. Quer dizer que só de um plano superior podemos operar sobre o imediatamente inferior. O espaço, por isso, só pode ser movimentado no tempo. Para compreendermos o espaço e o tempo, precisamos estar numa dimensão superior que é a consciência. De igual modo, precisamos estar situados no nível da hiperconsciência, da consciência volumétrica, para operarmos sobre a razão ou consciência. Querem, por conseguinte, investigar as bases da razão, sem nos sairmos dela, equivale a pretender encurvar uma folha de papel, sem tirá-la do plano para o espaço. Existe, todavia, a hiperconsciência, e é somente nela

que se podem atacar e resolver os problemas metafísicos. Estando, pois, no nível racional, não podemos atacar problemas que servem de fundamento à mesma razão. Se o tentarmos, achar-nos-emos envolvidos por afirmações e juízos contraditórios, igualmente válidos... para a razão.

– Assim, prosseguiu Árago, do universo podemos afirmar ou fazer predicacões contraditórias, as quais, apesar de contraditórias, são igualmente demonstráveis, e por esta causa, com igual força probatória. Descobre Kant haver quatro dessas oposições de tese e antítese, acerca do universo. A primeira delas é a seguinte: Tese – o universo tem uma origem no tempo, assim como um limite no espaço. Antítese – o universo é eterno no tempo e infinito no espaço. A segunda antinomia diz: Tese – tudo quanto há, no universo, se compõe de elementos simples indivisíveis. Antítese – tudo o que há no universo não se compõe de elementos simples, indivisíveis, mas, pelo contrário, de elementos que se subdividem infinitamente. A terceira antinomia declara: Tese – o universo deve ter tido uma causa incausada. Antítese – a causa que o universo deve ter, pode ser que seja também causada. A quarta e última antinomia é variação da terceira, e diz: Tese – no universo ou fora dele deve haver um ser necessário. Antítese – nem no universo, nem fora dele, deve haver um ser necessário.

– Estas são, prosseguiu o mestre, as quatro antinomias apresentadas por Kant. Como vocês podem ver, é possível emitir-se teses contraditórias, igualmente válidas para a razão pura, o que é absurdo. Algum erro ou falha deve existir, e Kant o denuncia como sendo o seguinte: na primeira e na segunda antinomias, o erro é matemático, visto como nelas o espaço e o tempo foram tomados como coisas em si mesmas, em vez de tomá-los como formas da nossa capacidade ou faculdade de conhecer, aplicadas aos fenômenos. Pois é claro que se tomarmos o espaço e o tempo como coisas em si mesmas, havemos de concluir que o espaço e o tempo, ou têm ou não têm um começo e um fim. Logo, qualquer das soluções dadas às duas primeiras antinomias são falsas uma vez que tese e antítese partem dum sofisma, ou seja, de um pressuposto contrário às leis e condições do conhecimento. Já com a terceira e quarta antinomias se dá o contrário do ocorrido com as duas primeiras, porquanto ambas podem ser consideradas verdadeiras. Nestas duas últimas antinomias, tanto a tese como a antítese se ajusta às leis e condições do conhecimento, por isso que nelas se pede, como é de razão pedir, que todo o ser, toda a realidade proceda duma causa determinante, e que esta causa provenha de outra, e assim por diante. A falha, no entanto, está em que a tese e a antítese desta antinomia, ultrapassam o limite de todo o conhecimento possível, visto referir-se à coisa em si mesma. Contudo, suponhamos que exista outra via para o conhecimento, que não a racional ou científica, e por ela se possa chegar às verdades metafísicas que são as coisas em si. Aventemos a hipótese de que existe no campo vário e fecundo da consciência um outro modo de conhecer que nos leve às verdades noumenais; neste caso, tanto as teses como as antíteses são compatíveis, porque, enquanto as teses são válidas no mundo dos fenômenos, as antíteses o são no mundo dos nôménos.

– Mas, o senhor nos poderia esclarecer o que seja nôménos? interrogou Licas.

– Nôménos se opõe, em princípio, a fenómeno. Ora, o fenómeno está jungido ao tempo que mede o tornar-se, o devir heracliteano; o fenómeno é transformismo no tempo. Já o nôménos é a *coisa em si*, o *ser* dos realistas, a *idéia* de Platão, com suas características de perfeição, imutabilidade, unidade, eternidade. Portanto, o nôménos de Kant equivale ao *ser* parmenídico, a *coisa em si* dos realistas, à *idéia* platônica, que é o objeto da metafísica. Seriam os nôménos essências absolutamente incognoscíveis que hão de situar-se para além dos fenômenos, consistindo, portanto, no limite do conhecimento racional. A ruptura entre o fenómeno e o noumenal, entre a *coisa para o conhecimento* e a *coisa em si*, entre o *ser* e o *vir-a-ser*, é ponto fundamental da doutrina de Kant. O evolucionismo dialético que iremos ver na terceira jornada filosófica, nega possa haver coisas em si separadas das coisas para nós, pois a história o demonstra que a zona do mistério noumenal (coisa em si) pouco a pouco se vai transformando no conhecimento, ou coisa para nós. Quer dizer, meu prezado Licas, que se for achada a via supra-racional que nos conduza às verdades metafísicas, as teses das duas últimas antinomias ficam válidas em relação a essa nova atividade cognoscitiva, a supra-racional, enquanto que as antíteses serão válidas em relação aos conhecimentos formais físico-matemáticos. E como é impossível duas verdades em contradição, igualmente válidas, ou estará certa a asserção partindo

das ciências físico-matemáticas, ou estará certa a outra conclusão, a da super-razão que dá apoio à metafísica. É isto que Kant quis dizer no seu jargão, na sua linguagem obstrusa.

E depois de o mestre quedar pensativo, por algum tempo, prosseguiu, com os olhos postos no livro de texto de Morente:

– Outro ponto atacado por Kant em sua “Crítica da Razão Pura”, é o que se refere à existência de Deus. Nas provas tradicionais que se têm dado da existência de Deus, Kant acha também erros de raciocínio que iludem a razão e as condições de toda objetividade e de todo conhecimento possível. Os argumentos tradicionais, pró existência de Deus se podem agrupar triplicemente, assim: argumento ontológico, argumento cosmológico e argumento físico-teleológico. O argumento teológico é o mesmo que Descartes formula em suas “Meditações Metafísicas”, provavelmente tirados de Santo Anselmo. Eu tenho, diz Descartes, a idéia de um ser, de um ente perfeito, que deve existir, porque, se não existira, não seria perfeito, pois a perfeição faz parte da existência, e negada a existência, cessa a perfeição. A perfeição não pode ser atributo do nada; tem que ser de algo; logo, esse algo existe. E Kant começa por discutir este argumento, demonstrando que existência é uma categoria das do conhecimento possível. Existir ou existência é uma das categorias formais, tal como espaço, tempo, causalidade, substância que nós aplicamos às percepções sensíveis, e só a elas. Se nossas percepções sensíveis não proviessem de coisas que existem, então teria razão Hume ao dizer que nossas percepções sensíveis são nossas somente, não correspondendo a nada fora de nós. Mas justamente o ato de aplicarmos as categorias às percepções sensíveis, significa colocação ou posição dos objetos a conhecer. Aqui está em que sentido devemos tomar a categoria de existência. De maneira que para afirmar que algo existe, não basta ter idéia desse algo, mas é preciso que esse algo se nos apresente à percepção sensível. Ora, a idéia de Deus não acha correspondência com nossas percepções sensíveis, donde vem que não podemos fundamentar a existência de alguma coisa só na sua idéia. O que podemos afirmar é isto: tenho a idéia de que um ser perfeito existe; esta existência do ente perfeito fica só na minha idéia, sem passo para a existência real. A existência autêntica, diz Kant, é aquela que “diferencia cem táleres realmente existentes de cem “táleres ideais” que não podem ser achados no meu bolso”. Deus é como os cem “táleres ideais”, que não se pode dizer que existe, somente com base na idéia. E mais isto, como muito bem o expõe Huberto Rohden: “Existir, como a própria palavra diz (ex-sistere = estar por fora) é próprio dos fenômenos concretos e individuais, que foram “postos para fora” e “estão por fora” (existem) do grande sujeito universal, isto é, nasceram dele como outras tantas manifestações, que, mesmo depois de manifestos, continuam a inerir nesse mesmo sujeito produtor e sustentador”⁶⁹. Ora, se existir é ser criado, é ter sido posto fora, é ser algo situado no tempo e no espaço, Deus não existe, visto não poder criar-se a si mesmo, pôr-se a si mesmo fora de si, ser temporal e espacial, enfim, ter origem e, conseqüentemente, fim no tempo. Logo, dizer que Deus existe é considerá-lo como coisa, como fenômeno, sujeito às contingências do espaço-tempo. Deus não existe, mas, é; possui essência, porém, não existência, não sendo, por conseguinte, objeto das experiências sensíveis. Deus é um objeto ideal, como os tais cem “táleres ideais” de que fala Kant.

– O argumento cosmológico, continuou o pensador, consiste em ir encadeando as séries de causas até chegar à causa incausada que é Deus. Acontece que a categoria de causalidade admite uma cadeia infinita de causa e efeito, mas não admite interrupção. Uma causa incausada não é causa; e se é causa, não pode ser, pela razão pura, incausada. Como é que se pode, sem se sair da razão, justificar a interrupção da cadeia?

– O terceiro argumento, o físico-teleológico, é o surradíssimo da finalidade. Este arraçoado funda-se na harmonia e entrosamento das coisas naturais, no maravilhoso enlaçamento com que tudo funciona, cada coisa alcançando seu fim, às vezes, pelo esforço alheio, o qual, também, não quer outra coisa além de realizar-se. Cada órgão, cada peça anatômica, cada coisa é adequada a seu fim. E assim como é impossível existir uma máquina sem o seu construtor, também não se pode explicar como se engrenam as coisas no mundo, senão supondo-se uma inteligência criadora que tenha pretraçado a essas formas seus comportamentos tão maravilhosamente entrosados para a consecução de seus fins. Kant contra-argumenta declarando que nada se pode afirmar, a esse respeito, além de que as coisas, de fato, são adequadas a seus

69 Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 1, 192

fins. Sem ultrapassarmos os limites da experiência não podemos inferir que haja alhures um ser Criador, só porque as coisas, na natureza, se adequam a seus fins. E contra todos os místicos de todos os tempos e de todos os lugares que sempre afirmaram não ser possível haver obra sem autor, podemos retrucar, em sã razão, que também não pode haver autor que não seja obra de outro autor. Se, pois, a cadeia racional se estabelece com dizer que o relógio foi feito pelo artífice, este, pela natureza, esta, por Deus, a razão exige, imediatamente, um autor para o próprio Deus, e um autor para o autor, e assim por diante indefinidamente. Por isso, quando dizemos que "Deus fez o mundo" surge a pergunta irrespondível da criança: "E quem fez Deus?"⁷⁰. É assim, e não de outro modo, que funciona a razão... até a das crianças, e é por isso que elas, quando ainda não viciadas no ilogismo, costumam desconcertar os adultos com tais perguntas perfeitamente racionais.

– E há mais isto, sentenciou o mestre: a ciência tem avançado muito nestes últimos tempos pondo em xeque a idéia de finalidade. Tenho, aqui à mão, "O Livro da Natureza" de Fritz Kahn, onde se lê, na parte referente ao mimetismo, que, ao observarmos a natureza, deparamos com uma porção de disparates praticados por ela; todavia, só vou citar um deles, que é o dos insetos-folhas. É evidente, aqui, a finalidade de iludir, evitando, por este modo, os inimigos naturais. Seria o caso até de se escrever uma ode à sabedoria do Criador, por realizar tal feito. "Um belo dia, porém, a ciência fez explodir a bomba, na casa aprazível do "saber admitido"; a folha animada é mais antiga do que a folha imitada"⁷¹. Naturalmente a infinidade de formas das folhas não tem nenhuma finalidade; seria absurdo procurá-la"⁷². A evolução, por exemplo, se faz por meio das mutações, sobre as quais, depois, se opera a seleção darwiniana. No entanto, "as mutações não têm sentido; elas são produtos do acaso"⁷³. E aqui na pág. 238, apresentando uma ilustração do mundo calidoscópico dos insetos, exclama Fritz Kahn: "Que desorganização inextricável! Eis exatamente o que essa ilustração visa pôr diante dos olhos, em contraste deliberado com a sistematização dos compêndios e as vitrinas dos colecionadores: não há sistematização. O mundo dos insetos é a concretização da desorganização grandiosa, característica da natureza, o desprezo objetivado de todo o pedantismo do colecionador e selecionador"⁷⁴. "Os homens do século passado consideravam a natureza uma técnica, o que ela não é absolutamente. Se havemos de fazer comparação, digamos: a natureza é uma artista. Não é uma técnica que visa uma finalidade, à construção de mecanismos, tanto quanto possível eficientes; é uma artista que cria pelo mero prazer de criar: a arte pela arte. A natureza compõe como Mozart, porque nela há música."⁷⁵. Portanto, "libertemo-nos dos conceitos errôneos do século XIX; dizia-se então que a natureza é metódica e trabalha com objetivos. Diante de toda descoberta de fenômeno natural, desistamos de lhe investigarmos o sentido; etc."⁷⁶. "Elevemo-nos da mentalidade mesquinha e indigna de querer explicar tudo, de achar atrás de tudo uma finalidade, como pretendemos na qualidade de filhos e netos do prático e prosaico século XIX"⁷⁷.

E fechando, com estrépito, o livro que tinha nas mãos, prosseguiu o filósofo:

– Estas, meus caros, são as observações que podemos fazer da natureza, e sem ultrapassar estes limites, não podemos concluir que haja um criador destas formas. Assim Kant procura demonstrar que o pecado original da metafísica consiste em ultrapassar os limites da experiência, em aplicar as categorias àquilo que não é objeto de percepção sensível, em tomarmos como objetos para conhecimento aquilo que não são objetos de conhecimento como sejam as *coisas em si*. A metafísica é pretensiosa em querer conhecer o noumenal que, por sua própria condição, é incognoscível; por isso a metafísica é uma disciplina impossível.

E meditando algum tempo sobre que mais havia de dizer, prosseguiu:

– Eis aí, meus amigos, exposta a "Crítica da Razão Pura" de Kant, pela qual este pensador se propõe a demonstrar a impossibilidade da metafísica, e a de se chegar à idéia de Deus pela

70 Will Durant, História da Filosofia, 352

71 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 272

72 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 86

73 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 353

74 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 238

75 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 55 e 56

76 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 41

77 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 274

razão pura. Insurge-se ele contra o nômeneo, a *coisa em si*, a *idéia*, porque transcende da experiência. Todavia, “quandoque bonus dormitat Homerus”; quer dizer: até o bom Homero, às vezes, toscaneja; assim: mesmo nas obras de gênios há cochilos. É assim que o próprio Kant parte de uma idéia oculta, e não manifesta, para erigir sobre ela o seu sistema. Para ele o homem surgiu no cenário da vida como produto acabado, e assim como ocorre com todos os demais órgãos, a razão esteve pronta para funcionar desde o início, com suas intuições a priori de espaço, de tempo e dos juízos da lógica formal, da qual se derivam as categorias que, por isto, são conceitos puros. Se bem que Kant fale “da possibilidade de os macacos virarem homens”⁷⁸, não persistiu nessa idéia, porque ela o faria remontar, inevitavelmente, ao caos primevo, à fase acósmica do pré-universo. Para não vir dar consigo por aqui, preferiu Kant admitir a idéia teológica de que Deus fizera o homem perfeito. E daí? Daí o mecanismo da razão esteve pronto para funcionar desde o início, e por isso nela o Criador gravou as intuições e conceitos puros para posteriores aplicações às coisas, tornando-as, deste modo, inteligíveis. E ele despreza a idéia, porque não tem base na experiência; no entanto, parte de uma idéia não demonstrada para a elaboração do seu sistema, e por isso, todo ele respira e vive dessa idéia, donde vem que toda fala de Kant supõe ou subpõe a idéia do homem criado como coisa acabada e perfeita. Ocorre com ele o mesmo que com Espinoza que afirmou: “Nós sentimos e experimentamos que somos eternos”. Quer dizer que por baixo daquela mole de teoremas que formam a sua ética geométrica, estava viva e palpitante a idéia da eternidade do espírito humano. Kant, todavia, (em sua “Crítica da Razão Pura”), não se trai, como Espinoza, porque tinha em mente revelar-se todo, inteiro, na sua “Crítica da Razão Prática”.

E feita uma pausa, prosseguiu o mestre:

– Hume dizia: nada existe na inteligência que não tenha passado pelos sentidos; a isto Leibniz acrescenta: *exceto a própria inteligência*. E Kant aceita isto. E no que Kant se baseou para o aceitar? Baseou-se ele simplesmente na *idéia* não demonstrada, de que o homem foi criado tal como se apresenta, e não, evoluído das etapas anteriores. A verdade, porém, é que o homem não surgiu para a vida como coisa acabada, e antes, pelo contrário, ele é produto da evolução. Isto sim é que é fato incontestado, e não pura idéia. Ora, tendo o homem surgido por evolução, tudo o que nele há, teve sua gênese nas etapas anteriores, inclusive as intuições de espaço e de tempo, e os conceitos categóricos. Logo, nada existe na inteligência que não se origine da experiência, visto como ela própria se formou aos embates da vida que trabalha ainda em formá-la desde há milhões de anos. E quando falo de experiências não me refiro somente às dos sentidos exteriores, nem às dos interiores, senão que também me refiro às experiências paranormais nas quais se incluem as intuições intelecto-emotivas mais altas que são as idéias, os nômeneos. É por aqui que Kant é refutável. Partiu ele duma idéia para suas intuições e conceitos a priori, terminando pela comprovação experimental. Nós, pela recíproca, seguindo o caminho normal da evolução, podemos partir da experiência, induzir as categorias e intuições a posteriori, culminando, finalmente, com a idéia. Se as experiências são o ponto de chegada para Kant, e elas dão validade aos conceitos puros e às intuições a priori, por que não partir dos fatos da ciência e da evolução, e chegar aos conceitos, intuições e idéias a posteriori? Assim, tanto o idealismo kantiano, como o realismo aristotélico estão certos. Kant nos dá conta de como seria o mundo anterior à queda, onde as coisas e seres saíram perfeitos das mãos do Criador; depois da queda até o caos mais extremo, teve início a evolução que traz tudo de novo de volta para Deus, sendo tudo, da mente humana, construído a posteriori. Quem pôde abarcar com um lança de olhar estas duas posições foi Platão, e por isso é ele o filósofo do futuro a ser desenvolvido na terceira jornada filosófica. Se, pois, o realismo aristotélico foi a tese, e o idealismo kantiano foi a antítese, Platão será a síntese. Historicamente ocorreu isto de extraordinário: a síntese de Platão cindiu-se na sua tese e na sua antítese. Eu disse “extraordinário”, porque o ordinário, para nós, em fase evolutiva, é construir a síntese da tese e da antítese. Mas na fase involutiva ou de análise, em que o todo se decompõe nas partes, primeiro vem a síntese, que se decompõe na sua tese e na sua antítese. Pois Platão é a síntese, Aristóteles, a tese, e Kant, a antítese. Nisto se resumiu a grande obra de Kant; ele deu remate à antítese começada por Descartes. “Até o grande materialista Helvecio escreveu, paradoxalmente: “os homens, se me atrevo a dizer assim, são os

criadores da matéria”. A filosofia não mais será tão ingênua como em tempos mais antigos e simples; será sempre diversa e mais profunda – porque Kant existiu⁷⁹. “Foi nesses fagueiros dias da metafísica alemã que Jean Paul Richte escreveu “Deus deu aos franceses o domínio da terra; aos ingleses, o do mar; aos alemães, o do ar”⁸⁰. E “Schopenhauer declara ser a *Crítica* “a obra mais importante da literatura alemã” e considera criança o homem que ainda não compreende Kant⁸¹. Todavia Kant é apenas a antítese da síntese achada por Platão que, por isto, é o filósofo do futuro.

– Acho, concluiu o mestre, que podemos parar por aqui, por hoje. E dizendo isto, começou a pôr em ordem os papéis e livros de sua mesa, ao tempo em que, na sala, se fez ouvir o vozerio de todos.

Capítulo IV

Segunda Jornada Filosófica

Hegel, Schelling e Fichte

No outro dia, tão logo caiu a noite, os estudiosos começaram a aparecer. Árago passara a tarde estudando um assunto em sua biblioteca. Quando todos estavam reunidos, o mestre pôs de lado o que estava lendo e principiou a falar:

– Ainda seguiremos, neste estudo, o texto de M. Garcia Morente, como já o fizemos ontem, por ser desnecessário refazer um trabalho executado com talento e mestria superiores ao que faríamos, se nos propuséssemos a o tentar.

– Vimos, então, através do estudo da “Crítica da Razão Pura”, ser impossível considerar a metafísica como ciência, visto que ela, pretendendo conhecer *as coisas em si*, se põe além de todo o conhecimento científico. O problema metafísico posto pelos gregos de *o que existe*, recebeu duas respostas diametralmente opostas, no decorrer da história: a resposta realista e a idealista. Os filósofos gregos, tentando responder essa pergunta, conduziram o pensamento à mais perfeita forma de realismo que culminou com Aristóteles. Depois Descartes coloca o problema em nova forma, e dá uma resposta totalmente diversa e que culmina em Kant com a máxima explicitação. A resposta realista à pergunta de *o que existe*, é a mais pronta, natural e ingênua que há. O que existe? As coisas existem, e eu, entre elas. Mas esta resposta está assentada sobre os dados fornecidos pela polêmica entre Heráclito e Parmênides. Para

79 Will Durant, História da Filosofia, 292 e 293

80 Will Durant, História da Filosofia, 292

81 Will Durant, História da Filosofia, 255

Aristóteles, porém, as coisas e o mundo que as circunda tem existência real. A essas existências reais constituídas pelo mundo e pelas coisas dele, Aristóteles chamou substância. A substância é aquilo de que as coisas consistem, e este consistir tem existência temporal, isto é, existe no tempo. Além de as coisas terem substância, terem existência, possuem também essência. A essência é aquilo que as coisas são em si mesmas. Esta carne é de boi, esta, de peixe, esta de frango. A substância é carne para os três; as essências porém, diferenciam a substância em boi, peixe e frango. As essências fazem das coisas aquilo que elas são. Fora estas categorias ainda há os acidentes que restringem as essências, individualizando-as dentro do quadro geral. A par destas coisas Aristóteles faz o estudo do conhecimento.

– O conhecimento, para Aristóteles, prosseguiu o mestre, deriva das coisas. As coisas se nos oferecem aos sentidos pelas suas formas, pelas suas imagens, pelas suas essências. Estas essências, que são individuais, se organizam em nossa mente em conceitos gerais. Uma coisa é o conceito geral e abstrato de cavalo; outra é o alazão, aí, do Bento Caturí, que arrastou a rede na praia, faz... oito dias. Saber o que é uma coisa, significa procurar o conceito dela em nossos arquivos mentais. Entre todas as coisas que enchem o mundo está o *eu que conhece*, só que este eu possui uma substância que Aristóteles chama racional. Um dos caracteres essenciais desta substância racional, ou *eu que conhece*, está a faculdade de generalização, ou seja, da formação de conceitos partindo das imagens das coisas refletidas em nosso espírito. Então, conhecer é generalizar os conceitos, partindo das imagens. Tal é a atitude dos realistas que têm o expoente máximo em Aristóteles.

E depois duma pausa para a consulta do livro de texto de Morente, continuou o mestre:

– Já para os idealistas o que existem são os pensamentos, e não as coisas, pois é só do pensamento que podemos ter uma intuição imediata. Ora, o pensamento é como o equador entre dois pólos que se defrontam, participando a um tempo do sujeito que pensa, e do objeto que é pensado pelo sujeito. E assim, o pensamento é uma correlação entre o sujeito e o objeto. Sendo o pensamento essencialmente uma correlação, um laço, que prende um ao outro sujeito e objeto, fica fora dele a coisa em si mesma. Não há, pois, o objeto em si mesmo, mas somente o objeto para nós. Não há o ser em si, porém, somente, o ser para conhecimento. Não há no pensamento coisa nenhuma que possa ser tida como o em si mesma, porque todo ele não passa de correlação entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido. A partir de Descartes, dois séculos foram precisos para que esta posição se delineasse com clareza. Somente em Kant se viu que esta definição se fez claramente. Em Descartes, nos filósofos ingleses, em Leibniz, durante o século XVII e parte do XVIII, mantém-se ainda vivo um resquício de realismo, ou seja a idéia da coisa em si, realmente existente fora de todo pensamento, independente de qualquer relação. Nisto se cifra a dificuldade que todos sentimos ao ler Kant, principalmente se estamos imbuídos de idéias realistas. Kant acha que o pensamento é uma correlação entre o sujeito pensante e o objeto pensado, de sorte que o objeto só é objeto enquanto pensado; primeiro, logo, está o pensamento do objeto, para depois ser considerado o objeto do pensamento. Entretanto a atitude realista é oposta, polarmente, a essa do idealismo, e para o realista o objeto pensado, primeiro é objeto e só depois pensado. E como nos primeiros leitores de Kant havia, pelo menos, um resto de realismo, difícil se tornava a sua compreensão. “Entender uma teoria é habituar-se a ela”, disse o famoso físico nuclear Niels Bohr. Precisamos nos habituar a este modo inusitado de pensar qual seja o de admitir que a atividade de pensar é que cria o objeto pensado. Não é como querem os realistas, que o objeto seja, exista, e por isto seja pensado; pelo contrário, o objeto é precisamente por ser pensado, e se não fosse pensado não era nem existiria. Pensá-lo, pois, é objetivá-lo, é pô-lo para o conhecimento, e conhecê-lo. Esta mesma relação entre o pensamento e o objeto existe também entre o pensamento e o sujeito; a primazia não está no sujeito, mas, no pensamento. Deste modo o sujeito pensante não é em primeiro lugar sujeito, para depois ser pensante; ele é pensante para depois ser o sujeito, e se não pensasse não seria o sujeito, donde vem que só é sujeito quando pensa e porque pensa. Deste modo, não é que o sujeito seja uma *coisa em si*, como o entendia Descartes, e que desta *coisa que pensa* emanassem os pensamentos como meros atributos; o próprio sujeito, para Kant, é produto do pensamento. E com isto fica totalmente eliminado o último resíduo de realismo que existia nos filósofos pré-kantianos.

E dando, o mestre, por concluída esta parte, procurou no livro o que vinha a seguir.

Manteve depois, por certo tempo, o polegar esquerdo sob o queixo e o indicador sobre o lábio inferior, que esta era a costumeira postura sua de meditação. Por fim, mudando de atitude, prosseguiu:

– Mas, ao dar remate ao pensamento idealista, Kant deixa aberta a porta a ulteriores desenvolvimentos. Introduce ele, no sistema os germes que irão desenvolver-se nas filosofias que o sucedem. Depois de eliminar a coisa em si, no sentido em que os realistas a punham, Kant dá novo sentido ao *em si*, dizendo que ele é um anseio de absoluto, de incondicionalidade. A razão aspira superar-se a si mesma, a sair dos seus limites, e atingir a incondicionalidade. É por isso que ela não se contenta com um ser para conhecimento, mas quer atingir o ser em si, absoluto, incondicionado. Mas sendo o ato de conhecer uma correlação entre o pensamento e o sujeito, e o pensamento e o objeto, todo o conhecimento racional está irremediavelmente jungido a esse relativismo. O ato de conhecer se faz pelo estabelecimento de uma relação; porém esta relação decorre de uma relação antecedente, e suscita uma conseqüente. Quer dizer que uma relação, por causa de ser relação, levanta novos problemas que se resolvem mediante outras relações. As relações se enlaçam umas às outras como causas e efeitos, sendo que estes efeitos são causas de outros efeitos formando uma linha de continuidade indefinida, cujo começo e fim se perdem no incondicionado. A razão se acha suspensa e mantida numa cadeia de determinações, afligindo o homem que traz no seu peito a ânsia do absoluto; neste afã de conhecer, o homem não descansa, e está sempre no encaço de um objeto pensado, mas que seja um objeto que, logo após conhecido, não lhe traga novos problemas, e antes tenha em si e consigo a razão total do seu próprio ser; que sua essência seja definitiva, um “actus purus” incondicionado, perfeito, não sujeito a nada e que sujeite tudo. Este é o maior anseio da razão que se não sente saciada com a ciência positiva e relativa, que apenas nos proporciona respostas fragmentárias e parciais. Queremos o absoluto, a *coisa em si*, que os realistas ingenuamente supuseram apreender por meio de conceitos aplicados à substância.

– Todavia, prosseguiu o filósofo, essa ânsia de absoluto, conquanto não possa ser satisfeita pelo conhecimento racional, dado que este é relativo, constitui, apesar disso, uma necessidade imperiosa do pensamento. Então, como o pensamento aspira o absoluto, o incondicionado, este se torna o ideal do conhecimento, o motivo dele, a bússola que o norteia, o motor que o move, as esporas que o forçam a ir sempre para adiante. Todavia, esse ideal não pode ser atingido pelo conhecimento, porque, girando o pensamento sobre si mesmo, cada vez que o homem o amplia, e cuida por isso, que agora vai atingir o absoluto, novos problemas surgem, exigindo novas soluções. Contudo, a estrela do ideal está lá adiante, suspensa no espaço, atraindo e guiando o viajor do saber. Esta concepção é sumamente alvissareira, pois dá rumo à filosofia e finalidade às ciências; já, agora, as ciências não são um caos de fatos isolados e descosidos, mas, pelo contrário, todas se tornam num todo orgânico, onde os fatos se coordenam, completando-se uns aos outros. Então a razão busca uma coisa que não pode alcançar, e sabe não poder alcançá-la, tem plena consciência disto..., mas continua querendo o seu fim último que não está nela, e sim fora dela – o incondicionado, o absoluto. Eis que a razão se torna plenamente consciente de si, conhecendo integralmente as suas possibilidades e limitações.

E tendo o pensador meditado um pouco, continuou:

– Vamos por outro caminho: há um certo número de condições que regem a atividade do conhecer as coisas e os fenômenos; ora, as *coisas em si*, com serem absolutas, incondicionadas, não se acham debaixo destas condições que tornam possível o conhecimento; logo, as coisas em si não podem ser conhecidas. Porém, a metafísica pretende conhecer as coisas em si; então a metafísica é impossível como ciência, como conhecimento teórico, especulativo. Contudo, o ideal de todo conhecimento é a metafísica, visto que ela promete a posse das coisas em si, do incondicionado, do absoluto. Pela razão pura não se pode chegar a ela, como já vimos. Então é que surge esta pergunta aturdidora: haverá outras vias para a metafísica, que não a do conhecimento?

E depois de o filósofo espriar seu percuciente olhar pelos presentes que se mantiveram em silêncio, prosseguiu:

– Se existirem esses caminhos, uma coisa fica assentada de modo definitivo e inexpugnável: a razão pura, a razão teórica, uma vez que se mostrou impotente para construir a

metafísica, pela mesma razão não poderá destruí-la, se ela for armada por outros meios e condições que não as da razão. E Kant acha que existem caminhos que nos conduzem aos objetivos metafísicos. O homem não é apenas u'a máquina de pensar e conhecer; ele não é apenas uma atividade de situar-se frente às coisas para conhecê-las, ele como sujeito, e elas, como objetos. O homem vive, trabalha, diverte-se, ama, busca prazeres e alegrias, fugindo sempre da tristeza e da dor; ele possui interesses, sentimentos, possui fé, cria instituições morais, políticas, religiosas, extasia-se diante do belo, em suma, o homem não é apenas uma criatura racional. Antes do homem está a vida, e esta agiu antes de conhecer; é mais provável que nos fundamentos da vida esteja o sentimento que não a inteligência. Os seres inferioríssimos da escala da vida não têm pensamento, e, contudo, sentem. Foi por isto que ao “princípio diretor de Descartes – Penso, logo, existo! – Gassendi replicou com esta frase de experiência do naturalista: O pensamento é mentiroso; só os sentimentos não mentem!”⁸². O sentir, portanto, é mais antigo que o pensar, sendo até que o pensamento nasceu do sentir, e ainda, agora, o pensar se subordina ao sentir, e não, vice-versa. Esta é a causa por que arranjamos razões para provar o que sentimos ser verdade, como ocorreu com Espinosa que fez sua ética geométrica para demonstrar um sentimento vivo e palpitante de imortalidade da alma. Disse ele: “Nós sentimos e experimentamos que somos eternos”. Também Kant “sentia” que Deus criara o homem como criatura acabada, perfeita, desde o início, donde lhe vinha esta decorrência imediata: o mecanismo do conhecimento, necessariamente, tinha de existir a priori. Quer dizer que as intuições puras de espaço e de tempo, assim como os juízos da lógica formal, donde se deduziram as categorias que, por isto, são conceitos puros, tudo isso supõe uma idéia: Deus criou o homem perfeito. Esta é a idéia basilar de Kant, não demonstrada nem referida por ele. Quaisquer que sejam os sistemas supõem uma idéia que surge como um sentimento secreto intuitivo, consistindo isto naquelas “razões do coração” que Pascal dizia que “a razão não alcança”. Pensamos, pois, porque sentimos, e não é que sentimos porque pensamos. É deste jeito que o sentimento se acha imanente em todo pensamento, está suposto nele como um fundo sobre que ele se desenha, e isto desde a origem mais remota, até o telefinalismo mais alto e distante. Não é, pois, a razão que governa o mundo, mas o sentimento. De modo mais geral e mais amplo possível, “para a maioria das criaturas, há só os dois estímulos mencionados por Schiller: “fome e amor”⁸³. E agora isto: “o amor não é privilégio dos “superiores”. É tão antigo como a vida. Quando emergiram das trevas do algonquiano os primeiros seres – vírus e fogócitos – o amor também já estava presente”⁸⁴. No começo, durante e no fim da evolução está o sentimento acionando e norteando tudo, como único motor da vida. O sentimento é super-racional; “o amor é a mais alta racionalidade”⁸⁵.

E após uma pausa, prosseguiu:

– Esse sentimento que temos da verdade, essa idéia incondicionada sobre que assentamos nosso edifício ideológico, é o que Bergson chama postulado primário, ou “dado imediato da consciência”; é aquilo “que a consciência interna atinge diretamente, sem nenhum intermediário externo. O “dado imediato da consciência” não é derivado de algo anterior, não é veiculado por outra faculdade; é meridianamente claro e evidente em si mesmo; é o alicerce original, virgem, não lançado pelo cognoscente, e sobre o qual o cognoscente ergue o seu edifício cognoscitivo”⁸⁶. Este “dado imediato da consciência” não é pensamento, é idéia; e nos vem como uma certeza axiomática que não entendemos mas sentimos. Por isso nos fundamentos dos próprios pensamentos está a idéia-sentida em vez de idéia-cógnita. Por tudo isto, podemos dizer à moda de Descartes: **Sinto, logo, existo.**

E descansando o olhar nas luzes distantes que entravam pela janela, continuou o mestre a discorrer:

– Assentado que o sentimento é anterior à razão e raiz desta, estando, por esta causa, presente, tanto na sub como na super-consciência, isto é, na pré como na pós razão, é aqui, e não

82Herbert Wendt, À Procura de Adão, 52

83Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 274

84Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 15 e 16

85Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 177

86Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 49

em qualquer outra parte, que se há de colocar os alicerces da metafísica, como muito bem o entendeu Kant; e ele a assenta no que ele chama “consciência moral”. Tendo Deus feito o homem (eis, de novo a idéia incondicionada, base do sistema kantiano); tendo Deus feito o homem, pôs nele, a par da razão pura, a consciência moral, que se constitui de um certo número de princípios pelos quais os homens regem suas vidas. Não só estes princípios norteiam a conduta, como possibilitam ainda a formulação de juízos morais. E acha Kant que esta consciência moral é um fato indiscutível, tão real, tão certo, como os fatos do conhecimento. Para ele os princípios da consciência moral são tão claros e evidentes como os são os princípios do conhecimento, os princípios da lógica formal. Os juízos morais são tão firmes e sólidos, como os juízos lógicos ou formais puros. Pois é sobre esta consciência moral, no entender de Kant, que pode ser construída a metafísica. E tal como fez Aristóteles, Kant dá o nome de “razão prática” ao conjunto de princípios da consciência moral. Ao dar este nome de razão ao que não é de razão, Kant põe em evidência esse algo que, não sendo a razão, se assemelha a ela. Esses princípios também são racionais e evidentes, podendo nós, partindo deles, fazer julgamentos legitimamente válidos para a razão. Ora, se são legitimamente válidos para a razão, podemos chamá-los de razão..., não teórica, mas, prática. Não se trata, vê-se claramente, de razão aplicada a descobrir a essência das coisas, de razão especulativa, porém, de razão aplicada a guiar a conduta, a prática dos preceitos morais. E “Deus, que é a eterna **Razão** (o Logos), é também o **Amor** infinito – e o homem que atingiu o ápice da racionalidade culminou no vértice do amor”⁸⁷. Por isso “o amor é a mais alta racionalidade”⁸⁸. E assim como Kant, em sua “Crítica da Razão Pura”, parte do fato do conhecimento para a realidade histórica, objetiva, do conhecimento, igualmente, começa ele seu estudo da razão prática pelo fato da consciência moral.

E interrompendo o mestre o seu discurso para consultar o livro, pôs-se de pé e a andar para desentorpecer as pernas. E ao tempo em que andava, continuou falando:

– Considerando que podemos chegar à metafísica, ao incondicionado, partindo da consciência moral, ou do sentimento, segue-se, naturalmente, que a moral tem primazia sobre a razão. Já vimos que a posse do absoluto é a suprema aspiração da razão; é o seu motivo, o seu alento. A razão aspira o incondicionado, porque este cessaria de levantar-lhe novos problemas, e, com isto, ela entraria em repouso, em descanso, para sempre. Todavia, conquanto esta aspiração seja inatingível para a razão, e ela o sabe, mesmo assim este ideal constitui sua senda do progresso. Mas isto que move a razão, que a força a progredir, que a conduz para o seu fim, é a base natural sobre que se assenta a consciência moral. A consciência moral é um fato; porém, não o seria, se não postulasse o absoluto, se não postulasse a liberdade, a imortalidade da alma, a essência de Deus que é a absoluta Verdade. Esta primazia da razão prática sobre a pura é a segunda característica do sistema kantiano, e que torna Kant diferente de seus predecessores, sendo, precisamente, dessas características que partem seus continuadores. As filosofias sucessoras da de Kant partem desse absoluto que, para Kant, representa o ponto de chegada, ou seja: o ideal do conhecimento, de uma parte, e a consciência moral existente, a priori, da outra. E como são dois os pontos de chegada para Kant, dois serão os pontos de partida para os filósofos que o sucedem. As duas filosofias sucessoras da de Kant, conquanto partam do absoluto, seguem por dois ramos diferentes. Portanto, é esse absoluto e incondicionado que dá sentido e validade à progressão do conhecimento, que tem por alvo uma metafísica ideal, em contraposição à antiga ou real. E não só isto, senão que esse mesmo absoluto fundamenta a validade dos juízos morais. Cumpre-nos, agora, ver o que há de comum entre os três grandes filósofos pós-kantianos que são: Fichte, Schelling e Hegel.

– Todos estes três filósofos, continuou Árago, partem do ser absoluto. Respondem eles à pergunta metafísica fundamental de **o que existe?**, afirmando, categoricamente: o absoluto, o incondicionado é o que existe; este é o ponto de partida. Este ser absoluto que é de natureza espiritual, manifesta-se na criação, expressa-se no tempo, abjetiviza-se no espaço, cria o movimento, o vir-a-ser, o devir. Então, esse ser absoluto que é fora do tempo, na eternidade, se dá a si mesmo nas coisas que existem no tempo, e tomam lugar no espaço. Daqui vem que o ser

87Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 2, 177

88Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 2, 177

absoluto que está fora do tempo e do espaço como algo espiritual, explicita-se nas limitações do espaço-tempo, constituindo-lhes a essência, que, por isso mesmo, é única para todas as coisas. E isto já parece que sabe a Espinosa. O ser absoluto e eterno se relativiza nas coisas e se finitiza no tempo. E tudo isto fica sendo no seio do absoluto, visto que, sendo este infinito e eterno, nada lhe pode estar por fora. Por conseguinte a essência do absoluto é a mesma da das coisas, não sendo elas feitas do nada, o que é absurdo. E aqui percebemos a coincidência das filosofias pós kantianas com a intuição dos pensadores orientais. E assim que “Brahman não *existe*, mas *é*; ele é a única realidade que de fato é. Existir, como a própria palavra diz (ex-sistere = estar por fora), é próprio dos fenômenos concretos e individuais, que foram “postos para fora” e “estão por fora” (existem) do grande sujeito universal, isto é, nasceram dele como outras tantas manifestações, que, mesmo depois de manifestas, continuam a inerir nesse mesmo sujeito produtor e sustentador”⁸⁹. Segue-se, logo, que Deus, o ser absoluto, “é um no *ser*, e muitos no *agir*”⁹⁰. E “*Maya*, o mundo dos fenômenos, serve ao mesmo tempo, dizem eles os orientais, para revelar e velar Brahman – assim como a teia revela (manifesta) e vela (oculta) a aranha”⁹¹. Por isso, “no princípio era o Logo (a eterna Razão pensante), e o Logo estava com Deus, e o Logo era Deus. Tudo foi feito pelo Logo, e nada do que entrou na existência foi sem ele. E o Logo se fez carne”...⁹². Vê-se, por conseguinte, que “Deus, essencialmente infinito, é existencialmente finito. Essencialmente uno, é ele existencialmente múltiplo. Um no ser, e muitos no agir. Em nenhum dos seus efeitos pode Deus revelar-se total e exaustivamente, o que equivaleria a criar um novo Deus e esgotar assim suas potencialidades criadoras em um único ato criador”⁹³. “Deus criou o mundo do *nada fenomenal* – e do *Todo numenal*”. “Desde toda a eternidade, o mundo era Brahman, mas no tempo se tornou *Maya*”⁹⁴. “Perante a transcendência de Deus, o homem se extasia num como sagrado terror e assombro, que a tremenda majestade do Eterno e Infinito inspira. Perante a imanência de Deus, o homem sente-se como que envolto numa suave aura de amor e delícia, inspirada pela inefável intimidade que a fusão dos dois seres provoca. Não há religião genuína sem esses dois sentimentos, o do *assombro* e o do *amor*. Há quem tema a Deus como algo longínquo, assombroso e terrífico – mas não o ama como alguém que seja propinquo, terno e delicioso. Há também quem trate a Deus como de igual a igual, com insípida camaradagem e democrática familiaridade – mas falta-lhe o senso de reverência e sacralidade, e por isto a sua religião é banal como um mundo sem mistério e tenebrosos abismos. Para que se possa amar alguém com deliciosa tortura e acerba delícia é necessário que haja distância e proximidade, transcendência e imanência, mistério e conhecimento, o ilimitado *além* de ignotos horizontes e o terno *aquém* de afetiva intimidade. A transcendência sem a imanência congela a alma numa frialdade polar. A imanência sem a transcendência enoja a alma no tédio de uma trivialidade insípida. A transcendência do Senhor do universo e a imanência do Pai celeste, quando unidas na mesma alma, enchem o homem de tamanho fascínio e entusiasmo que ele vive cada instante eternidades de inefável beatitude. Deus é como o sol - esse sol que, na estupenda potência da sua força arremessa pelos espaços sidérios gigantescas esferas de inconcebível velocidade – ao mesmo tempo que, na suavidade da sua bem-querença, beija silenciosamente as assetinadas pétalas das flores e acaricia as faces duma criança dormente sem a acordar...”⁹⁵.

E depondo o mestre sobre a mesa o caderno em que anotara estes pontos da obra de Huberto Rohden, prosseguiu:

– Viram, vocês, que beleza nos dá esse insigne mestre do espírito, que é Huberto Rohden? Não se pode saber que mais admirar nele: se o estupendo criador de coisas belas, ou se o oráculo da verdade; ouvi-lo, é como ouvir Platão! É ele ainda o que nos diz: “o que há e tem havido sempre são “panteístas” (tudo-em-Deus, ou Deus-em-tudo), mas nunca houve um “panteísta” (tudo-é-Deus, Deus-é-tudo). Panteísmo é idêntico a politeísmo, e politeísmo equívale a ateísmo; pois se há tantos deuses quantos os fenômenos individuais da natureza, é claro que

89Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 1, 192

90 Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 1, 213

91Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 1, 213

92Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 1, 215

93Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 2, 63

94Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 1, 145

95Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 1, 203 e 204

nenhum desses é Deus, porque todos são finitos; por onde se vê que logicamente, panteísmo equívale a ateísmo”⁹⁶.

E depois de um interregno, continuou:

– O método desses três filósofos continuadores de Kant, consiste em partir duma intuição intelectual que declara, primeiro: o absoluto é o ser; segundo: esse ser é de natureza espiritual; terceiro: esse absoluto se relativiza na criação, tomando existência no tempo, e corpo, e forma no espaço; quarto: toda filosofia parte duma idéia indemonstrável, duma premissa, e essa operação filosófica chama-se intuição intelectual, consistindo ela em apreender diretamente a essência desse incondicionado que se acha fora do tempo, isto é, do existir, e fora do espaço, porque ser espacial é ter corpo, é ser fenômeno, é existir. O nômemo, o sujeito absoluto, que se objetivizou em toda a criação possível, em todo o universo, não está jungido ao tempo, ao existir, porque, existir, conforme a etimologia da própria palavra (ex-sistere), é ser posto na espacialidade e na temporalidade pelo ser supremo, unicamente ao qual todas as coisas devem, não só o seu nascimento, senão também a sua manutenção. Depois dessa apreensão da essência do absoluto, feita pela intuição intelectual, segue-se uma operação dedutiva, analítica, para demonstrar como esse absoluto eterno e sem tempo, se manifesta no relativo do universo, da natureza e da história.

Depois de uma pausa, o mestre consultou o seu livro de textos e rematou:

– Como vêm, esses filósofos são sistematicamente construtivos. Uma vez obtida a intuição intelectual que é a premissa do sistema, as deduções seguem-se, naturalmente, como pura explicitação do que se contém implícito na premissa. A esta operação dão estes filósofos o nome de dedução transcendental, e ela nos mostra toda a série de trâmites e conexões com que a idéia primeira, o absoluto e incondicionado se explicita no tempo e no espaço. Estes caracteres são comuns aos três filósofos em estudo, os quais seguem a transformação que Kant deu à metafísica. Ora, a metafísica, desde seu início, se ocupa daquilo que se chama o *em si* ou incondicionado. Pois pelos caminhos da ciência, da razão pura este *em si* é inatingível; todavia, eis a transformação kantiana: este *em si*, conquanto inatingível, é a idéia reguladora de todo conhecimento discursivo constituído de todas as ciências empíricas. Essa idéia reguladora está situada no pólo oposto ao dos objetos do conhecimento positivo ou concreto. Assim, se estes conhecimentos representam o relativo, aquela idéia que os regula e os norteia é o absoluto, o incondicionado, o total, o que se acha além de qualquer dependência ou condição. Sendo que é para este absoluto que as ciências e metafísicas antigas se dirigiam, numa operação indutiva ou de síntese, é de aqui que os filósofos modernos partem, numa operação inversa de análise, de dedução. Por isso os filósofos realistas, exceção feita a Platão, são sintéticos ou indutivos; já os filósofos idealistas pós kantianos são dedutivos como Platão, e partem duma idéia para a construção do mundo. Até aqui temos visto o que é comum entre os três filósofos; cumpre-nos ver, agora, em que eles eram diferentes.

E tendo dito isto, o mestre se pôs a procurar no livro por qual dos três filósofos começar. E prosseguiu:

– O maior destes três filósofos é Hegel; e dizêmo-lo o maior, porque ele parte do postulado da razão como ser absoluto. Então, porque Hegel é protótipo do intelectual puro, por isso o pusemos em primeiro lugar; ele é o protótipo do pensador lógico, racional, inexorável, exato. Era cognominado de “o velho” pelos seus colegas adolescentes dos tempos de escola; e o era de fato, e o foi durante toda sua vida. Para Hegel o absoluto é o ponto de partida, e o absoluto é a razão. À pergunta metafísica de o que existe, ele respondia: existe a razão da qual decorrem todos os demais fenômenos. Esta razão hegeliana não é inerte ou estática, senão dinâmica, cheia de possibilidades que se vão desenvolvendo no tempo. Assim a razão fica concebida como um movimento, um devir, não sendo só razão estática ou de possibilidade potencial, senão que também é raciocínio ou razão cinética. A razão estática é como um sino em que dormem as ondas sonoras sob a forma de possibilidade; mas a razão cinética como Hegel a concebe, é o sino vibrando e lançando de si, ao longo, no espaço e no tempo, suas ondas, sua energia cinética ou de movimento.

– Mas que é raciocinar? Interrogou o mestre.

– E não vindo respostas por parte de ninguém, ele próprio respondeu:

⁹⁶Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 79

– Pois raciocinar não é outra coisa que propor uma explicação, cogitar um conceito, formular mentalmente uma tese. Todavia, achada a resposta para o que se procura, começa-se a perceber as falhas do conceito, e defeitos da afirmação; começamos então opor objeções à tese mediante outra afirmação igualmente racional. Este é o princípio de contradição existente em todo pensamento. Quer dizer que à tese opomos a antítese, a adversativa da primeira proposição. A razão se debate entre a afirmação e sua contraditória, procurando um meio de conciliar os dois extremos numa síntese que seja, ao mesmo tempo, pertinente à tese e à antítese. Eis que um enunciado racional cria seu adversário, o seu oponente, que é outro enunciado racional, e, ato contínuo, ambos se juntam, como duas metades, para formar um novo todo mais perfeito. Contudo este todo mais perfeito, esta nova unidade sintética é a tese de outra antítese para a formação de outra síntese que será tese doutra antítese, e assim por diante, infinitamente. O raciocínio é isto; os prós geram os contras que se ligam noutros prós de outros contras, e assim sucessivamente. Estas são as duas pernas com as quais a razão caminha, o que significa dizer que ela vai tirando de si, da sua potencialidade o seu dinamismo, o seu tornar-se, a sua explicitação. A razão, pois, é a realidade primeira e última; real e racional são, portanto, uma e a mesma coisa. O racional é real e vice-versa, porque é impossível existir uma posição real que não possua sua justificativa racional; pela recíproca, não há posição racional que não tenha sua objetivização na realidade passada, presente, ou futura. Se é lógica, se é racional uma posição, então ela corresponderá a uma realidade existente, ou que existiu ou que existirá. “Conceito. Fórmula. Experiência. Aparelho – são as fases que levam da ciência à técnica”⁹⁷. E assim como a técnica humana se concretiza de uma razão que trabalha, primeiro, no plano abstrato da teoria, também a natureza é explicitação de uma razão universal que primeiro pesa, e depois constrói. Por isso “no reino animal e na técnica, surgiram automaticamente os mesmos modelos, porque as criaturas nesses dois domínios se movem num mundo de forças idênticas e tendem para o mesmo fim: o máximo de eficiência, com o mínimo de esforço e nas melhores condições”⁹⁸. Assim, “o iate semelhante ao peixe; o peixe como o iate - ambos substância convertida em idéia, como tudo o que existe é idéia convertida em evidência, vontade substancializada, realização que se tornou carne”⁹⁹. A ave e o avião são construídos segundo um mesmo plano básico, porque ambos têm que ser lógicos. Como a razão é uma só para tudo, por isso aparecem os paralelismos dentro da natureza, e entre esta e a técnica humana. Por esta causa, “a pata, que evoluiu da do miriápode, chegou a uma estrutura análoga à pata que se originou mais tarde das barbatanas dos peixes”¹⁰⁰. A técnica criou o olho mecânico, que é a câmara fotográfica em paralelismo com a câmara fotográfica animal que é o olho biológico; e assim como há a tele-objetiva e a grande angular da técnica, igualmente há o tele-olho da águia e o olho-grande-angular da siba. E “se, nos outros planetas, vivem seres dotados de visão, essas criaturas devem ter olhos de estrutura análoga à dos olhos do animal vertebrado e da siba; saudarão o recém-chegado e este terá a impressão de haver desembarcado entre “irmãos”¹⁰¹. A lei de correlação descoberta por Cuvier, é a lei da lógica que a natureza aplica em suas criações. Por isso de partes mínimas, como a cova de um dente, se podem construir todos completos. “É incrível a quantidade de coisas que um técnico pode deduzir dessas minúsculas coroas de dentes: o tamanho do animal, a forma dos seus maxilares e daí o feitio da cabeça; a dentadura dá a conhecer o gênero de alimentação e desta podem-se tirar amplas conclusões sobre o modo de vida do animal e o ambiente em que ele se move”¹⁰². A mesma coisa ocorre comigo, quando alguém me faz uma afirmação fruto de suas convicções profundas. Por isso, ninguém consegue dizer-me só uma coisa, senão todas as do seu sistema. Feita uma afirmação, num relâmpago de idéia, vejo toda filosofia em que, logicamente, essa afirmação se encaixa. E assim como o paleontologista pode dizer: “pelos teus dentes te reconhecerei”¹⁰³, também afirmo: dá-me uma sentença, e dir-lhe-ei como pensas!

Neste ponto interveio Chilon, argumentando:

97Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 41

98Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 333

99Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 332 e 334

100Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 233

101Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 223

102Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 409

103Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 410

– De fato, pela emissão de um simples juízo, o filósofo pode fazer o levantamento de todo o sistema a que pertence esse juízo. Mas isso é quando o sujeito emissor do juízo é lógico. Contudo a maioria não sabe pensar logicamente. O espiritismo, por exemplo, se fundamenta em duas premissas que se excluem, cada uma pertencente a sistemas opostos. Uma diz: “**Fora da caridade não há salvação**”¹⁰⁴, e a outra: “No começo era o caos; os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os seres vivos apropriados ao estado do globo”¹⁰⁵. Se fora da caridade não há salvação, então, no começo era a caridade, e pela perda dela houve o caos. Se a caridade era no começo, então o será no fim; mas se no começo era o caos, como será a caridade no fim? O caos é a ausência total da lei, da ordem, da harmonia, da beleza, da sabedoria, da razão, do bem, da caridade. Como então foi surgir a caridade no meio do caos e impor-se como lei suprema do não-caos, ou seja, da salvação? No entanto os espíritas estão aí muito contentes da sua verdade, sem se darem conta deste absurdo que está na base mesma da sua doutrina.

– Está certo Chilon, anuiu o pensador, e por isso o espiritismo, ou terá de corrigir-se, ou não subsistirá, porque nada pode contra a razão. Contudo o espiritismo está certo em emitir esses dois juízos contraditórios, porque um deles é a tese, e o outro, a antítese, faltando agora a construção da síntese. No princípio era a caridade que é igual a amor; ela estava no princípio com Deus e ela era Deus. Depois esfriou-se o amor ou caridade numa parte dos espíritos do bem, e eles se tornaram em espíritos do mal. Então teve início a grande queda cujo fim foi o caos. O caos começou a reorganizar-se em novas unidades harmônicas, surgindo, então, a caridade, depois de haver aparecido a ordem, a harmonia, a beleza, a razão. O amor será o último elo da cadeia que fecha o ciclo em Deus, porque foi o primeiro a romper-se no seio de Deus. Representa ele a última conquista do espírito, porque foi sua primeira perda. O espiritismo terá de aceitar esta idéia, ou desaparecerá, como ocorreu e ocorre com todos os sistemas que deram e dão guarida a idéias absurdas. A síntese impõe-se; o espiritismo terá de aceitá-la..., ou será posto de lado por uma reforma... à qual pertence o futuro!...

Meditando um pouco, tomou o pensador de um livro que tinha à mão, e prosseguiu, falando da queda de Satã:

- “Lança em roda ele então os tristes olhos
Que imensa dor e desalento atestam,
Soberba empedernida, ódio constante:
Eis quando de improviso vê, contempla,
Tão longe como os anjos ver costumam,
A terrível mansão, tórva, espantosa,
Prisão de horror que imensa se arredonda
Ardendo como amplíssima fornalha”¹⁰⁶.

– Aqui no caos, nesta bolsa imensa de pré-matéria, que se arredonda, fechada sobre si mesma, suspensa no seio do absoluto e do infinito, aqui no caos, em que se desfez no nada nôminal o anjo mau, é que começou o movimento inverso da reconstrução. Então “o átomo exclama: “completa minha órbita e eu me unirei a ti. Transforma meu dorso crivado de lacunas em um “gás nobre” e me juntarei a ti”¹⁰⁷. “Esse impulso dos átomos de encher sua camada externa de elétrons e alcançar o estado ideal de gases nobres constitui a razão da intranquilidade dos átomos, e esta intranquilidade dos átomos, o impulso inerente para se integrarem, enchendo a camada eletrônica, é, em última análise, a tendência para a ordem que observamos no universo”¹⁰⁸. “Como os átomos obedecem a uma lei, resulta a “ordem”. Percebemos a ordem como harmonia e a harmonia como beleza”¹⁰⁹. Assim “a beleza surge na natureza independente

104A. Kardec, Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XV, 8

105A. Kardec, Livro dos Espíritos, Resp. 43

106Milton, Paraíso Perdido, Canto I

107Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 56

108Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 287

109Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 291

de sentido e exibição como ordem objetivada das coisas no espaço e no tempo, segundo o princípio de menor resistência. A inquietação reina até o ponto em que se cria a ordem, e o caos reina até que se cria o cosmo”¹¹⁰. Eis, pois, que “o belo aparece em obediência a leis (...). A natureza produz sem contar, caoticamente; só fica, porém, o que obedece às leis”¹¹¹. “O sistema solar é belo, porque nele reina a harmonia. Sem harmonia, não existe sistema solar (...). Se o mundo não fosse o cosmos, nós não estaríamos aqui para admirar; o caos não tem admiradores”¹¹². Aqui está por que “o universo é a matemática tornada substância”¹¹³. Assim sendo, “para o mundo orgânico também soará a hora em que, tal como na física e na astronomia, procuraremos na natureza a confirmação do que o cálculo exige no papel”¹¹⁴. Por tudo quanto nos deixa ver esta rapsódia de citações, no começo era o caos; depois houve, a lei, a ordem e a razão. E a razão descobriu que o universo também é racional, donde Hegel ter afirmado que todo o racional é real, e todo real é racional. Ou de outro modo: o absoluto é razão, ou a razão é absoluta.

E depois de uma pausa, prosseguiu Árago:

– Tanta confiança tinha Hegel na razão, que o procurou “certo dia um colega da faculdade de ciências naturais: “Sr. Professor Hegel” – disse-lhe – “os fatos que encontramos por meio de experiências contradizem completamente suas idéias filosóficas!”. Que respondeu Hegel? “Tanto pior para os fatos”¹¹⁵. Por isso, “quando aparecem desacordos entre o cálculo e Sírius, o culpado só pode ser Sírius. Bessel explicou: Sírius se movimenta “erradamente”, porque possui um satélite que o rodeia e conforme a sua posição, puxa-o ora para frente, ora para trás ou para o lado”¹¹⁶. E isto ficou comprovado, pelo que Hegel estava certo com sua “razão”, e não seu colega, com seus “fatos”. É na razão que está a realidade, que pode ou não, ser encontrada na natureza. É assim que “os químicos produzem assombrosas combinações dos 92 elementos – não raro, substâncias inexistentes na criação”¹¹⁷. “Podemos hoje, aliás com emprego enorme de aparelhos: ciclotrões, campos magnéticos e instrumentos análogos, produzir partículas isoladas de anti-matéria”¹¹⁸. E “no Sistema Periódico das partículas elementares, há ainda espaços vagos, tal como faltava uma série de elementos químicos na composição do primeiro sistema periódico”¹¹⁹. “De fato a física experimental encontrou nos últimos anos para cada partícula elementar a correspondente anti-partícula. Por conseguinte, se existem elétrons positivos – a que se deu o nome de “positrons” – e prótons negativos – denominados “anti-prótons” – por que não existem então anti-átomos?”¹²⁰. Todos os corpos transurânicos, exceto o califórnio, não existem na natureza, e contudo são produzidos nos laboratórios de física nuclear; quanto ao califórnio, como se reduz à metade em 55 dias, supõe-se seja ele o que se desintegra nas estrelas “Novas”. Quando se construiu a escala dos corpos simples, apresentou ela várias lacunas que foram preenchidas, exceto a do elemento 43 a que se deu o nome de *tecnécio*. Porém, este corpo, ao lado do *estalino*, só pôde ser criado pelos reatores atômicos. E, todavia, o tecnécio é encontrável fora da Terra, conforme observação espectroscópica. Os elementos transurânicos cujos números atômicos vou declarando após o nome, são todos produzidos artificialmente, e são estes:

Netúnio-----	93
Plutônio-----	94
Americio-----	95
Cúrio-----	96
Berquélio-----	97

110Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 292

111Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 54

112Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 54

113Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 106

114Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 55

115H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 134

116Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 88 e 89

117F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 88

118F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 95

119F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 102

120H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 75

Califórnio-----	98
Einstênio-----	99
Férmio-----	100
Mendelévio-----	101
Nobélio-----	102
Laurêncio-----	103

– Aqui está, concluiu Árago, que a razão, de fato, é absoluta, superando até a própria natureza, visto que nesta existe ilogismos, e na razão, nunca..., pelo menos perduráveis, como subsistem os ilogismos naturais. Podemos, portanto, afirmar que “absoluta e igual em todo o universo é a matemática”¹²¹. O que o homem criar com sua inteligência, e construir com suas mãos isso é o real, exista na natureza ou não. O cientista americano, por exemplo, L. Coes quis saber o que acontece aos minerais quando expostos a pressões e temperaturas máximas. E produziu com o quartzo, um mineral desconhecido até então na natureza, o qual recebeu o nome de *coesita*, em honra do sábio. Mas, onde deveria ser procurado esse mineral? Pois havia de ser procurado nos lugares onde se verificaram pressões e calores altíssimos; e onde cai um meteorito, aí se verificam essas condições; logo, nas crateras produzidas pela queda de meteoritos deve haver coesita. E há. E por isso a coesita é hoje, um indicador de meteoritos. Eis, pois, que o homem supera a natureza, criando coisas e condições inexistentes na natureza que o cerca.

Neste ponto interveio Alcino Licas, exclamando:

– Como pode o senhor afirmar que o homem supera a natureza, se o homem é produto da natureza? Se o homem é fruto dela, e a supera, segue-se que é a natureza que se superou a si mesma no homem. Não disse bem: a natureza busca realizar-se, e encontra sua plenitude de realização na razão humana.

– Hegel não pensa assim, meu caro Licas, tornou o mestre. Para ele, tanto o homem quanto a natureza da qual ele emerge, são produtos da Razão Absoluta. Em relação à Terra, é no homem que esta Razão Absoluta mais altamente se manifesta. Conquanto a Razão seja Absoluta, não é no homem que ela se manifesta em toda a sua plenitude; pode sê-lo em relação à Terra; não o será, todavia, em relação ao universo. Apesar da maravilha que é a razão humana, como o demonstrou, em parte, minha rapsódia, o homem não é a medida das coisas. Por conseguinte devemos considerar que há Razão e razão: Razão Absoluta e razão humana; não há entre as duas razões diversidade de essência, porém, há diferença de grau. Deste modo não há posição real possível que não tenha sua justificativa racional, e, pela recíproca, não há posição racional que não haja estado, esteja, ou venha a ser explicitada numa forma exterior, objetiva. De maneira que dessa Razão, que é Absoluta, mediante trâmites internos, vai explicitando-se, tornando substancialidade a idéia, ou plasmando a substância segundo a idéia. Esse trâmite com que se passa da tese à antítese, à síntese, que por sua vez é a tese da trilogia seguinte, Hegel chama movimento dialético da lógica. E assim como ocorre na razão humana, a natureza executa este movimento dialético em suas formas criacionais. Quer dizer que a natureza raciocina devagar, e o homem, depressa; ambos, porém, vão explicitando um pensamento interno por meio de ensaios-e-erros, somente perdurando o que for lógico. A razão, ao desenvolver-se, vai realizando suas razões, vai explicitando suas teses, depois as antíteses, depois as sínteses que são as teses em relação ao movimento seguinte, e assim vai criando seu próprio fenômeno segundo as leis da matemática e da lógica. E tudo quanto foi no passado, é no presente e será no futuro, não passa de manifestação, de fenomenalização, de explicitação sucessiva do que se contém na Razão Absoluta sob a forma de potência. Eis que Hegel parte da Razão Absoluta intuída intelectualmente, e depois, através da dedução transcendental, cria seu sistema divergente de um ponto central, como se fôra o centro de explosão de um fogo de artifício, que nos deslumbra e encanta.

E dito isto, passou o mestre a procurar no livro de Morente o ponto seguinte, e tendo-o achado, exclamou:

– Até aqui, de modo rápido, vimos Hegel; vamos estudar agora Schelling. Se Hegel é o

121H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 149

protótipo do homem lógico, Schelling o é do esteta, do artista contemplativo. Tal como Hegel, Schelling parte do Absoluto; porém, se para Hegel o Absoluto é a Razão, para Schelling o Absoluto é a Harmonia, a identidade, a unidade sintética dos contrários, a unidade na variedade, possibilitando a que o mundo esteja, como diz Vieira, “fundado em uma concórdia discorde” não havendo “coisa nele que não tenha o seu contrário”¹²². Tudo o que vemos se nos apresenta como unidade, porém, ao atentarmos para a coisa, que temos sob as vistas, verificamos que é formada de partes. A primeira divisão é feita pela linha de simetria e depois cada parte também é simetricamente dissociável em duas metades. Fora isto, existe a simetria de funções, pelo que cada peça se engrena na outra, e cada órgão se coordena a outro, de modo que a harmonia e o sincronismo torne o múltiplo em unidade seja mecânica, n’ua máquina, seja orgânica num ser vivo, seja cósmica no átomo, na molécula, no cristal, na rocha, no planeta e em todos os sistemas solares galácticos, até o Universo total. Eis por que “*universo*, composto de *unus* (um) e *versus* (radical de diverso, vário) indica maravilhosamente a unidade e a diversidade do mundo. A palavra grega *Kosmos* (ordem) e o termo chinês *Tao* (caminho) têm fundamentalmente o mesmo sentido, simbolizando a unidade central latente na pluralidade periférica do mundo”¹²³. Assim “a falta de individualização resultaria em *monotonia*, como a individualização sem integração acabaria em *caos*, ao passo que a individualização aliada à integração produz harmonia. O Cosmos é essencialmente um Uni-verso, quer dizer *uno* e *diverso*, um composto de *unidade* e *diversidade*. Sendo que o homem é um microcosmo, maravilhosa síntese do *macrocosmo* ao redor dele, deve ele ser um perfeito uni-verso, isto é, uma perfeita harmonia entre a *unidade* e a *diversidade*, reflexo da divindade, una em sua essência e múltipla em suas manifestações”¹²⁴. Eis, pois, que para Schelling, o Absoluto é uma unidade vivente, de natureza espiritual, possuidora de todas as unidades diversificadas existentes no universo. Deste modo, o fim dos seres, “o fim do homem é revelar em sua existência individual – aqui ou alhures – aquele aspecto peculiar e único da divindade que só ele pode revelar plenamente. Pois, como todos os seres da natureza, e sobretudo todos os seres humanos, são originais, únicos e inéditos na sua existência, seres que nunca existiram nem jamais existirão iguais; indivíduos que não são cópias de outros anteriores, e dos quais não serão feitas cópias posteriores – segue-se que cada indivíduo e cada personalidade tem a missão peculiar de concretizar um determinado aspecto da divindade”¹²⁵. As obras da natureza, como não são feitas a máquina, podem ser semelhantes, porém, não, iguais. Aqui está por que a simples técnica não pode nunca substituir a arte, e a tela feita com a câmara fotográfica, conquanto fiel, carece de inspiração, como também ocorre com as músicas compostas por “robots”. Por isso as criações da natureza, são como as de um artista. “O universo é, como pretendiam os místicos, um ser vivo. Ele respira”¹²⁶. O universo é belo como uma obra de arte, porque nele há inspiração, há o espírito de Deus. Já “os produtos artificiais são mudos. Eles não viveram e por isso não são imortais, enquanto os outros viveram e por isso são providos de alma pela beleza dolente das coisas transitórias”¹²⁷. Quando o padre Vieira se pôs a procurar o estilo para o perfeito sermão, concluiu que “o mais antigo pregador que houve no mundo foi o céu”¹²⁸. “E quais são estes sermões e estas palavras do céu? As palavras são as estrelas, e os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas”¹²⁹. E “não fez Deus o céu em xadrez de estrela, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, da outra há de estar negro; se de uma parte está dia, da outra há de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão de dizer subiu”¹³⁰. Assim, pois, pensa o padre, Deus prega os seus sermões, fazendo se harmonizem na unidade dele, todas as posições polarmente contraditórias. Todavia todas as contrariedades provêm da diferenciação de uma substância única. Assim o Absoluto não só é

122Vieira Sermões, 19, 312, Ed. das Américas

123Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 16

124Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 76

125Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 75

126Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 114

127Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 301

128Vieira Sermões, 1, 60 - Ed. das Américas

129Vieira Sermões, 1, 61 - Ed. das Américas

130Vieira Sermões, 1, 61 - Ed. das Américas

unidade substancial espiritual, como é também unidade essencial, visto que na essência do todo se congregam, univocamente, todas as essencialidades existentes ou potenciais. Quanto a isto, eis o que diz a ciência: “No cálculo de todas as possibilidades chegou-se a $10^{1.000}$, um número que deixa muito longe a cifra dos elétrons no espaço universal, 10^{80} . É inútil dizer que essas combinações nunca se concretizarão, mas dão uma idéia das possibilidades ilimitadas da vida, de produzir sempre novas substâncias, cores, formas, de originar sempre novas e fantásticas criaturas no nosso planeta ou em outros mundos”¹³¹.

E feita uma pausa, prosseguiu o mestre:

– Temos então, que uma unidade vivente se põe, firmando-se em sua identidade; logo começa a mudar-se, variar-se, tornar-se noutra que é a recíproca e oposição de si. A unidade identifica-se como tese, logo antítese, para usar a linguagem de Hegel. E tanto que de tese se foi à antítese, une-se a outra unidade tética para formar a síntese de um novo ser. E assim as unidades se juntam, se combinam, se harmonizam em unidades e todas cada vez maiores. A lei é a da diferenciação, e diferenciação para a união. “A falta de individualização resulta em **monotonia**, como a individualização sem integração acabaria em **caos**, ao passo que a individualização aliada à integração produz harmonia”¹³². O universo é harmoniosamente belo, porque tudo nele é diferente, e nada igual, e ao mesmo tempo tudo unido e coordenado organicamente.

E fazendo o pensador uma pausa, para um fôlego, prosseguiu:

– Eis que o movimento e o tornar-se, podem criar perpetuamente novas formas de ser, e através destas se explicita o Absoluto. Do simples sai o complexo que, depois, se reduz ao simples de ordem superior, o qual se complica de novo, para nova simplificação. Tudo procede como o modelo do sermão de Vieira. “Aprendamos do céu o estilo da disposição e também o das palavras. Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação; muito distinto, e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo: as estrelas são muito distintas e muito claras e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender nele os que sabem. O rústico acha documentos nas estrelas para a sua lavoura, e o mareante para a sua navegação, e o matemático para as suas observações e para os seus juízos. De maneira que o rústico e o mareante, que não sabem ler, nem escrever, entendem as estrelas; e o matemático, que tem lido quantos escreveram, não alcança a entender quanto nelas há. Tal pode ser o sermão: estrelas, que todos as vêem, e muito poucos as medem”¹³³. Assim, “antes se pode esperar que uma formiga escreva a história da pintura no chão do Museu do Louvre do que um homem estar em condições de conhecer o céu que o cobre. “Lasciate ogni speranza”¹³⁴.

E depois de ponderar um pouco, em silêncio, continuou o mestre:

– Se soltarmos um foguete em posição vertical, suba até onde subir, voltará ele em queda sobre o local de onde partiu. Todavia se ele subir muito alto na estratosfera, e em vez de cair sobre si, começa a fazer uma curva, desse momento em diante começará a cair ao redor da Terra. Então, também a Lua anda caindo ao redor da Terra, como ocorre com os satélites artificiais. “A essência de todos os movimentos de translação é a queda; o Sol “cai” para o centro da Via-Láctea, a Terra para o Sol, a Lua para o da Terra; mas não atingem o seu objetivo, pois não somente caem como simultaneamente acompanham o vôo da totalidade do sistema”¹³⁵. O universo, por conseguinte, está caindo, e contudo, invés de fechar a espiral da queda, reunindo tudo outra vez no Colosso primitivo de Alpher, Bethe e Gamow, em vez disto, está fugindo para a periferia, com movimento semelhante ao duma explosão. E vem Newton, depois Kepler, e estabelecem as leis deste cair universal; depois Einstein, corrige tudo, estabelecendo não só a sua lei da relatividade, senão, também, criando o conceito de energia-substância em sua famosa fórmula de equivalência entre energia e massa. Mas os elétrons caem, também, ao redor de seus

131Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 310 e 311

132Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 76

133Vieira, Sermões, I, 61 e 62 - Ed. das Américas

134Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 130

135Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 183

núcleos, e com tanta velocidade caem, que a matéria fica rígida. E combinam-se depois uns com os outros, entrelaçando as trajetórias do perpétuo cair, em moléculas simples, logo em moléculas gigantes, engrenadas, como máquinas, pelos dentes atômicos, formando todos tão complexos, que “por isso não se deve falar em cadeias e sim em padrões de tapeçaria”, para, então, se ter “a idéia de um modelo que se aproxima da verdade”¹³⁶. E que os átomos, depois, se arranjam, harmonicamente, formando estrelas-do-mar, corais, cristais protéicos, células, neurônios, cérebros? alguém pode entender como da queda eletrônica possa ter surgido a Nona Sinfonia de Beethoven? E, todavia, quem não entendeu a teoria da queda do foguete sobre si mesmo, e a do satélite artificial ao redor da Terra? Eis, pois que de uma verdade simples tiramos conclusões tão complexas, que nos põe aturdidos. “Quem entenderá? Uma dada flor, um determinado inseto; o impulso do inseto para saborear o néctar; a atividade da planta em lhe preparar e apresentar a beberagem capitosa; a adaptação recíproca de duas criaturas tão completamente diversas, como a moeda e o autômato. E depois, o milagre da fecundação, o cruzamento de duas espécies de plasma, o complemento dos gens partidos ao meio e tudo isso nascido de átomos de carbono, de hidrogênio, de oxigênio, de azoto, de enxofre, de fósforo, de magnésio – gerado na superfície duma esfera que paira no espaço, um globo chamado Terra, em mares de asfalto e nuvens de ácido carbônico... Quem dirá que entende? Ainda que Platão, Goethe e Shakespeare aparecessem, de braços dados, bradando: “Nós entendemos!”, eu não acreditaria”¹³⁷.

Interrompendo, por um pouco a dissertação para dar tempo a que os presentes pudessem tornar a si do pasmo, prosseguiu:

– Um princípio único está presente, regendo tudo, fazendo se associem para um mesmo fim seres completamente diferentes. Quer dizer que há uma indentidade fundamental, pelo que tudo é u’a mesma coisa diferenciada, e todas as coisas são vazadas da fôrma única do Absoluto.

E consultando seu livro de Morente, prosseguiu:

– No primeiro momento, o Absoluto se diversifica em natureza e espírito, segundo pensa Schelling. Nessa primeira diversificação vamos achar de um lado as coisas da natureza como matéria, energia, vida, e do outro, as coisas do espírito como princípios, leis, pensamentos, almas. Todavia esta distinção não abole a indentidade, pelo que a natureza está cumulada de espíritos, como estes estão jungidos à natureza. Quem puser os olhos nos fenômenos da vida, verificará que animais e plantas, em vez de serem reinos divorciados, estão, pelo contrário, maridados, casados, numa mútua dependência, de sorte que o desaparecimento de um dos reinos implicaria na extinção de outros. Se é certo que as plantas purificam o ar do gás carbônico, pondo nele oxigênio respirável, por outra parte, os animais viciam o ar de gás carbônico, tornando-o vital para as plantas. Vegetais e animais possuem funcionamentos invertidos, pelo que se dependem mutuamente. E de permeio a tudo está o espírito como princípio diretor imaterial e energético, mas que coordena e unifica tudo dando a tudo um sentido lógico (Hegel) ou harmônico (Schelling). A matemática se acha presente supervisionando tudo, porque a matemática é pensamento puro, é lei, é espírito. A harmonia equilibra, e ordena, e congrega tudo, porque ela é a lei da unidade, e logo dualidade, e, depois, multiplicidade que se congrega outra vez na unidade do universo, composta da unidade e da sua contraparte pluralidade. A essência-substância do universo se reduz a uma única palavra que é *substância-lei*. Esteja a substância sob a forma material fixada na rigidez e na massa, esteja ela liberta sob a forma de energia radiante, estará sempre jungida à sua lei que é o seu espírito. E como nada há que não seja a manifestação duma lei, não existe coisa alguma que não tenha espírito. Os átomos possuem leis, que os regem; e quando se associam em moléculas, o fazem em obediência a uma lei mais alta que vai dar nova unidade à nova forma. Depois as moléculas se combinam em complexos que são novas unidades submetidas à nova lei. E assim, entendemos que há organismos de coisas porque há organismos de leis. Os cristais têm um espírito, diz Schelling, cristalino, que é a lei do seu formar-se. Este possui um espírito hexaédrico, porque sua forma é o hexaedro, e se quebrado, forma hexaedros menores. Este outro é um vírus, porque é um cristal de compostos protéicos. Aquele animal é uma esponja-do-mar, porque possui o espírito-lei dos esponjários, e se for moído n’ua máquina, e passado pelo crivo fino duma gaze, posto no seu elemento aquático, recompõe-se outra vez

136Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 310

137Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 117

como dantes, porque possui em si o seu espírito, o espírito da sua forma, do seu ser. Aquela estrela-do-mar terá cinco pontas sempre, reconstruindo-se das mutilações que lhe forem impostas, porque o espírito da sua forma é o pentágono vivo. Cada nova organização, cada nova unidade, implica a existência de um espírito coordenador que o identifique e o una com outras partes, formando um novo todo. Por este modo é que se constróem os seres superiores, cujos espíritos, conquanto unitários, são organismos de espíritos menores coordenados em unidades. Surge, por fim, o homem, no pináculo da escala terrena, com sua apoteótica razão, com seu pensamento, porque dentro em si, traz as leis de cada formação coletiva desde as do átomo, até a do eu humano que por isso mesmo, é uno e pluri a um tempo, de modo que o homem vem a ser também um *uni-verso*, ou microcosmo, semelhante, basicamente, ao universo total de que faz parte. Isto é Schelling. Mas paremos, por aqui, para ver Fichte.

E feita uma consulta a Morente, prosseguiu:

– Também Fichte parte do eu Absoluto que para ele é uma intuição intelectual. O Absoluto é o Eu; mas não eu empírico, objetivo, senão subjetivo e geral. A atividade deste Eu não consiste, em primeiro trâmite, em pensar, senão em agir. Este eu de Fichte é a atividade, sua essência é a ação. Goethe põe na boca do seu Fausto estas palavras, quando este se põe a pesquisar a origem das coisas, tendo sob os olhos o Evangelho de S. João:

“No princípio era o Verbo. É esta a letra expressa;
aqui está... No sentido é que a razão tropeça.
Como hei-de progredir? há’i quem tal me aclare?
O verbo!! Mas o Verbo é coisa inacessível.
Se apurar a razão, talvez se me depare
para o lugar de Verbo um termo inteligível...”

“Ponho isto: *No princípio era o Senso...* Cautela
nessa primeira linha; às vezes se atropela
a verdade e a razão coa rapidez da pena;
pois o Senso faz tudo, e tudo cria e ordena?...”

“É melhor: *No princípio era a Potência...* Nada!
Contra isto que pus interna voz me brada.
(Sempre a almejar por luz, e sempre escuridão!)
... Agora é que atinei: *No princípio era a Ação.*”

(Clássicos Jackson, XV, 79)

E fechando, o mestre, o “Fausto” de Goethe, continuou:

– Pois para Fichte também, no princípio era a ação, a atividade, porque a essência do Absoluto, do Eu Absoluto, é a ação, a atividade. O Eu é um impulso para agir, para fazer, antes de ser um impulso para pensar. A natureza que expressa a ação do Eu Absoluto, primeiro age, e só depois pensa. *“Ser quer dizer agir. Ser é viver* – e todo o viver é dinâmico, a essência da vida é a energia”¹³⁸. “Quer dizer que um ser é tanto mais real quanto menos material e quanto mais energético”¹³⁹. Por isso, “tanto mais divino é o homem quanto mais ativo. Atividade não é idêntica a movimento mecânico; pelo contrário, o zênite da atividade coincide com o nadir do movimento – assim como uma roda em movimento rotativo acusa tanto maior movimento quanto maior a distância entre a circunferência e o centro, ao mesmo tempo que sua força aumenta na razão direta da aproximação do centro e na razão inversa da periferia”¹⁴⁰. Por conseguinte, tanto para H. Rohden, como para Fichte, “o homem divinizado é silenciosamente ativo, calmamente dinâmico, imperceptivelmente poderoso”¹⁴¹. Pelo visto, atividade é igual a

138Huberto Rohden, Filosofia Universal, I, 33

139Huberto Rohden, Filosofia Universal, I, 31

140Huberto Rohden, Filosofia Universal, I, 209

141Huberto Rohden, Filosofia Universal, I, 209

força, e não a movimento. E como a potência (p) é o produto da força (f) pela velocidade (v), – $P = vf$ – quando se ganha em força perde-se em velocidade, e vice-versa. A máxima atividade, logo, é quando o movimento tende a cessar, fazendo que a força seja igual à potência P. Num mecanismo de relógio, a força está na caixa da corda que tem mínima velocidade e máxima força; já a mínima força está na roda-de-escape, onde a velocidade é máxima. E assim como a caixa da corda, com seu movimento imperceptível, toca todo o mecanismo do relógio, também o Eu Absoluto de Fichte-Rohden, da imobilidade, move o universo. “De maneira que poderíamos definir a Absoluta Realidade (Deus) como sendo a *Pura Atividade*, ou *Atualidade* – o “actus purus” de Aristóteles, ou “Forma” sem “Matéria” alguma”¹⁴².

E, pensativo, fechou o mestre o livro de H. Rohden depondo-o sobre a mesa; depois continuou:

– Esse Eu Absoluto, para exercer a sua ação, necessita de um objeto; portanto sua atividade age para criar seu objeto, para que sobre este possa depois recair a sua ação. Ora, o objeto da ação do Eu Absoluto é um *não-eu*, visto que o eu é o núcleo da atividade, e o não-eu, é o seu objeto, isto é, o ponto sobre o qual a ação se aplica. Já, então, surge um dualismo formado pelo Eu e seu objeto; pelo Eu e pelo não-eu. Eis o primeiro trâmite com que o Eu se explicita em seu objeto não só com criá-lo, senão, com agir sobre ele. Todavia, estes objetos da ação do Eu Absoluto podem dividir-se, por sua vez, em sujeitos ativos e objetos de ação. Assim o homem, conquanto seja objeto da ação do Absoluto, também, por sua vez, é um núcleo de ação, pois o homem também é ativo, e sua atividade também recai sobre um objeto determinado. Podemos dizer, por conseguinte, que há o Eu Absoluto que se explicita em eus relativos, eus menores, os quais, por seu turno, exercem sua ação, sua atividade sobre objetos inativos, como a matéria, ou também sobre os eus a seu modo ativos como os animais e vegetais. Os eus, pois, sofrem uma degradação de ser na proporção que se afastam do Eu Absoluto, e por isso, o homem é um eu mais pleno de atividade do que um eu animal, no mesmo passo que este o é mais, em relação a uma planta, e esta mais do que uma pedra. Se, pois, num extremo pusermos o não-eu ínfimo da matéria, no outro extremo estará o Eu Absoluto espiritual. Entre o Eu Absoluto e o não-eu mais extremo escalonam-se os não-eus, que tanto menos têm de eu ativo, quanto mais se afastam do Eu pleno de atividade, que é o Eu Absoluto. Pela recíproca, para ficar bem claro, quanto mais os eus empíricos, os eus criados, os eus-objetos, se afastam do Eu Absoluto e total, tanto mais se negam como eus e se afirmam como não-eus; o não-eu extremo seria o nada, e não existe. Logo, “há corpos pouco espiritualizados, e há corpos muito espiritualizados. Só não tem corpo o TODO e o Nada, a Realidade absoluta e a irrealidade absoluta. Tudo o que fica entre o TODO e o Nada tem corpo. O Todo não tem corpo. O Nada não tem corpo. O Algo tem corpo”¹⁴³. Aqui está como o Eu Absoluto se explicita, no tempo e no espaço, criando eus empíricos que agem no mundo das coisas. O homem é um eu empírico, eu prático, eu de ação, em grau menor do que o Eu Absoluto que se assemelha ao homem quanto à ação. Daqui vem, então, uma consequência moral inexorável: todo o conhecimento humano deve estar orientado para a ação. É preciso agir; e para agir é necessário saber; portanto o agir é o motivo único do saber. Ora, a razão pura, o teorismo absoluto, afasta o homem da ação, enquanto que a razão prática, objetiva, o traz a ela; logo a razão prática, a consciência moral, tem primazia sobre a razão pura, como, aliás, era o pensar de Kant. O conhecimento, portanto, é uma atividade subordinada, e não subordinante, por isso deve ter por objeto proporcionar a ação, levar o homem à ação. Por esta causa o eu só é plenamente realizado quando está apto a atuar moralmente. Para atuar moralmente faz-se preciso que exista, primeiro, os eus e os não-eus, ou seja, os sujeitos e os objetos. Em segundo lugar é preciso conhecer esses objetos da ação que o sujeito põe, para poder agir sobre eles. E assim, de trâmite em trâmite, vai Fichte deduzindo do Eu Absoluto toda a cadeia de manifestação, toda a fenomenalização, tudo o que há no mundo, no espaço, no tempo e na história.

E tendo o mestre descansado um pouco numa pausa, continuou:

– Sendo a essência do Absoluto a atividade, a ação, a força, a energia, podemos refazer toda nossa dissertação em termos de energismo, como há pouco eu já tinha começado a o fazer. A atividade supõe a força, a energia, que sem esta nada se move. Então, tanto o Eu Absoluto

142Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, I, 33

143Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, I, 152

como o eu empírico, para serem núcleos de atividade, hão de ser, ipso-facto, centros de energia. Que energia? Pois energia moral, ou vontade. Essa é a energia protótipo do mundo moral, da qual decorrem todas as demais. O Eu Absoluto, portanto, antes de ser um foco de Razão, é uma plenitude de Vontade, de querer, e foi querendo primeiro, que pensou depois para criar, e não que pensou primeiro, para querer depois. Por este caminho o pensamento fichteano nos conduz a Schopenhauer que escreveu seu “O Mundo como Vontade e Representação”. Mas sendo a energia primeva do Eu Absoluto pura Vontade, como entenderíamos essa força? Por analogia poderíamos entender o foco da Vontade suprema, o centro irradiante dessa luz moral, como o nosso Sol dadivoso que nos cria e nos nutre. Se bem repararmos toda esta fábrica da Terra em plena atividade é movida pelo Sol. Aqui, de novo está a caixa da corda do sistema que nos faz correr já acima, já abaixo, já atijando a cobiça, já estimulando o pensamento. O nosso pão é amido que o trigo retirou dos raios do Sol, e que se desintegra nos açúcares que são queimados nos músculos, permitindo-nos movimento e calor. E quando em dia frio nos acercamos da lareira, ali nos aquece o Sol cujos raios se fixaram na celulose do lenho, por efeito da função clorofiliana. Assim, também, se esta luz que aqui temos vem do locomóvel, é raios de Sol libertados da lenha, e se nos vem da usina hidroelétrica, é Sol que produziu a evaporação, logo as chuvas, logo os rios, logo as quedas d’água ou hulha branca. Quando, à noite, esfregamos o pé na areia da praia, brilham no rastro as ardências; e aquela luz verde ali é luz do Sol. Quando, na primavera, nos visitam os colibris, adejando-nos as flores, aquele frêmito de asas tornou-o possível o Sol. No princípio era o Sol, e nada do que foi feito, sem ele se fez. Bem pudéramos parar aqui nesta ode ao Sol; mas há mais.

– O próprio Sol também foi criado da energia cósmica, continuou Árago. Assim o diz a ciência hodierna, assim o alcançou a inspiração de Moisés. A matéria do mesmo Sol nasceu da sua luz, porque a energia se transforma em matéria; por isso o Criador, no princípio, dissera à inspiração do grande hebreu: **“Haja luz!”** (Gen. 1, 1), para que depois desta luz pudesse surgir a matéria. Por esta razão, diz Vieira: “São Tomás, e com ele o sentir mais comum dos teólogos, resolve que a luz que Deus criou o primeiro dia, foi a mesma luz de que formou o sol ao dia quarto. (...). No primeiro dia foi criado o sol informe; no quarto dia foi criado o sol formado”¹⁴⁴. Desta maneira “a palavra do Gênesis de que, no princípio, Deus criou a luz (não as luzes focalizadas, sol, lua, estrelas, mas a luz universal ou cósmica) encontra na física nuclear dos nossos dias a sua mais brilhante confirmação. Diz-nos a ciência nuclear que a luz é a mãe cósmica de todas as outras coisas no plano físico”¹⁴⁵. Dado que a matéria nasce da luz, e ao desintegrar-se, desfaz-se em radiações dinâmicas, temos que “cientificamente falando, o materialismo do século 19 morreu... por falta de matéria! A tal “matéria”, proclamada pelos materialistas como sendo a única realidade do universo, abortou em “imaterialidade”, isto é, acabou por se revelar inexistente, irreal, e os seus adoradores estão prostrados diante de um altar sem deus; a deusa Matéria desmaterializou-se em pura energia”¹⁴⁶. “Ora, sendo que a luz absoluta é a mais intensa realidade no domínio do universo energético, é lógico que todas as demais realidades da natureza - isto é, as outras formas de energia e de “matéria” sejam efeitos derivados dessa causa primária. A luz é a mãe de todos os fenômenos do mundo. Nada existe no vasto âmbito do universo que não seja filho da luz - como não existe alimento algum que não seja produto da luz. Todos os seres são **lucigênitos** e todos são **lucífagos**. Isto, que um século atrás, teria sido simples divagação poética ou hipérbole mística é hoje em dia uma conquista da ciência exata. Tudo é originado da luz e sustentado pela luz, ou radiação cósmica”¹⁴⁷. Todavia tudo isto é uma parábola pela qual procuramos entender uma coisa pela compreensão de outra. Assim, a luz absoluta ou energia volitiva do Eu total está para a criação dos espíritos, como outros tantos eus criadores, do mesmo modo como a luz cósmica está para a criação de todos os não-eus ou objetos da ação. De outro modo: o Eu Absoluto, pela sua atividade volitiva, cria os outros eus também criadores (eus empíricos), como são os homens, assim como a luz primeva criou, e sustenta, e move o universo. Isto é Fichte.

144Vieira, Sermões, 1, 182 - Ed. das Américas

145Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 51

146Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 30

147Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 31

E como se tivesse dado por finda a palestra, espreguiçou-se o pensador na cadeira, estirando os braços e as pernas. Depois, levantou-se e foi à porta de onde pediu para dona Cornélia que trouxesse um café. Enquanto esperavam pelo café, todos, exceto Árago, começaram a trocar impressões entre si. Pouco mais, e dona Cornélia servia o café, e, ao fazê-lo, perguntava afavelmente pelos familiares dos que se encontravam ali. Árago e mais alguns aproveitaram a boca do café para acenderem seus cigarros. Tanto que dona Cornélia se afastou com as xícaras e o bule, o filósofo retornou ao assunto dizendo:

– Como viram vocês, todos estes filósofos pós-kantianos partiram do Absoluto, do incondicionado, do *em si*, que fôra o ponto de chegada para Kant. E, como era de esperar-se, veio a reação que se deu da metade em diante do século XIX. Fichte, Schelling e Hegel afastaram-se por demais das vias seguidas pela ciência. E, em se afastando, não tiveram a ciência nem por ponto de partida, nem pelo de chegada. Sendo esses sistemas pura dedução transcendental, mantiveram-se em posição antípoda ou polar em relação às ciências que, por sua natureza, são indutivas ou sintéticas. O abismo crescia entre filosofia e ciência, trazendo hostilidades e sarcasmos para a filosofia. Do delineamento dessa atitude resultou a inteira reação positivista contra esses filósofos românticos alemães. Da metade em diante do século XIX cada vez mais se tornava evidente o abismo entre filosofia e ciência, sobretudo por causa dos trabalhos dos positivistas Augusto Conte e Herbert Spencer. O primeiro passo desta reação foi o espírito de hostilidade a toda construção, chamando de construção a isso de erigir um sistema sobre uma idéia a priori. O segundo passo foi declarar guerra a qualquer sistema pré-construído, independente de qualquer experiência. A realidade objetiva, diz, então, o positivismo, será ou não será sistemática; mas isso será decidido a posteriori, isto é, depois da experiência, e não a priori, quer dizer, independente dela. Já como decorrência destes dois pontos, vem o terceiro que consiste em fazer a filosofia depender dos resultados da ciência, passando ela então a ser considerada como síntese das ciências. O quarto e último ponto impõe que a filosofia seja naturalista, pautando-se pelo naturalismo. As ciências da natureza, como astronomia, física, química, biologia, história natural, hão de fornecer os métodos válidos para todas as demais ciências, inclusive a filosofia. Dos resultados das ciências empíricas é que se hão de induzir os princípios filosóficos. E do mesmo modo que a filosofia, todas as demais ciências como a psicologia, a ciência da história, a ciência do direito, a economia política, os costumes, a moral, etc., hão de ser redutíveis à natureza. A natureza e as leis desta é que serão a pedra-de-toque para a aferição de tudo o mais. Tais ou quais coisas hão de ser assim, porque assim o impõe a natureza, e não porque o deduziu do Absoluto algum filósofo idealista.

E prosseguiu o pensador, após tomar um fôlego:

– Estas são as pilastras do positivismo, sobre que se assentou a nova fase histórica. Como conseqüência, a filosofia debilitou-se, passando de senhora, à condição de serva das ciências; foi considerada um equívoco, pelo qual se tomava a nuvem por Juno, e o sonho e a ficção pela realidade que só pode ser a da natureza. A metafísica, desde logo, passou a significar atrasamento. E quando alguém se atrevia a pôr em dúvida as grandes generalizações de Haeckel, de Ostwald, de Spencer, recebia a bofetada desta sentença: “O senhor não passa de um metafísico!”. É isso mesmo, um metafísico!, um retrógrado!

Depois de o mestre ficar por algum tempo, a olhar para o vazio, tornando a si, continuou:

– Para Spencer, o objeto da filosofia consiste na evolução, não só na particular, senão, também, na geral. Porém, acentua Spencer, por mais que se investigue as realidades sobre que recai nosso olhar, verificamos que elas nunca serão iguais à Realidade Absoluta. As realidades que temos sob as vistas, essa congêrie inesgotável de fatos e fenômenos, são partes apenas da evolução universal, e tudo é manifestação de um Ser Absoluto, concebível, mas não, cognoscível; um Ser último, designado por Spencer, ora como o Incognoscível, ora como Força. Admite ele que o Incognoscível se manifesta pela lei universal da evolução, que rege tudo e todos os fenômenos, tanto os da matéria, como os da vida e do espírito. O Incognoscível de Spencer, semelhante ao *nôumeno* de Kant, não é uma realidade material nem espiritual, e sim um Ser em si, substrato de toda a realidade universal, do qual não se pode enunciar nada, visto que nos é absolutamente incognoscível. A natureza última da Realidade é um *nôumeno* concebível como uma idéia, mas incognoscível como ciência. “Observando nossos pensamentos

vemos quão impossível é libertar-nos da consciência duma Realidade jacente atrás das Aparências, e como desta impossibilidade resulta nossa fé indestrutível nessa Realidade. Mas que Realidade é essa, não podemos saber”¹⁴⁸. Não podemos saber, porque, “pensar sendo raciocinar, nenhum pensamento exprime senão relações... O intelecto sendo afeito unicamente por fenômenos, a fim de lidar com fenômenos, resulta obscuro tentar usá-lo para qualquer coisa que não seja fenômeno”¹⁴⁹.

E voltando-se o mestre para Alcino Licas, interrogou:

– Todavia, meu caro Licas, esse Incognoscível spenceriano manifesta-se através da lei da evolução pela qual todos os demais fenômenos se regem, não é?

– Sim, tal é como o expõe Spencer.

– Logo, tornou o mestre, se o Incognoscível se manifesta, conquanto não o possamos conhecer como *Ser em si*, podemos conhecê-lo como *ser manifesto*, como *ser para conhecimento*, como dissera Kant; está certo?

– Exato!

– E como é que sabemos que Miguel Ângelo, Rafael e Leonardo da Vinci foram grande artistas?

– Pelas suas obras, ora essa!

– E como Lampeão veio a ser, entre nós, um bandido tão famoso quanto temível?

– Também pelas suas obras perversas, se fez ele famoso. Seja pelo fazer da arte, seja pelo agir da conduta, as obras são o homem.

– Bom. Sendo o Incognoscível o substrato último da realidade que nos cerca, isto é, o que subjaz a tudo, como suporte ou sustentáculo, é certo, logo, que essa realidade que nos circunda emana, brota, desse substrato. E pelo conhecimento de como é essa realidade ao nosso redor, que nos penetra e de que fazemos parte integrante, podemos inferir como será esse substrato, não no todo, em que permanece incognoscível e oculto, mas na parte em que se nos mostra ou manifesta. Pelas obras se conhece o autor, você o disse há pouco, não foi?

– Foi o que eu disse.

– E como Spencer declara que, partindo do reconhecimento de um Absoluto, de uma parte, e admitindo a relatividade da ciência, da outra, se pode estabelecer a conciliação entre ciência e fé, vale perguntar: que religião sairia de um Absoluto e Incognoscível que serve de substrato a uma realidade natural que evolui e retrocede, que avança e recua, que integra e desintegra, que forma e desforma, que sai do caos do homogêneo e indiferenciado, avança para as integrações e diferenciações cada vez mais altas, forçando sempre a que o homogêneo e igual se torne no heterogêneo e desigual, tão altamente especializado e vário, até o cúmulo de fazer surgir, no pináculo, um Platão, um Goethe, um Miguel Ângelo, um Beethoven, e que, depois, tudo se derroque de novo no caos, para um novo recomeço? É certo, como o entende Spencer, que se pode traçar uma linha evolutiva da nebulosa ao homem, do selvagem a Shakespeare; porém, que Shakespeare se desande se desintegre, até tornar-se de novo na nebulosa, no caos? Não é isto, acaso, o eterno retorno de Nietzsche? Acaso o Incognoscível é Sísifo a rolar sua pedra morro acima, para vê-la despenhar-se no abismo outra vez? Que religião poderá nascer de um Incognoscível cujas manifestações tem por princípio e fim o caos? Desse Incognoscível brota a vida que é amoral, visto que premia os fortes e astutos, em detrimento dos humildes, dos pacíficos, dos justos, dos bons. Que moral, que religião poderia sair daí? Que me diz a isto? Meu caro Bruco!

– Ora, que digo! Essas conclusões são inexoráveis! Depois da obra de Spencer, impossível se tornou conciliar a ciência à religião. Esta é a razão por que, como o escreve Will Durant, “por uns tempos os evolucionistas foram conservados em severo repúdio pelas pessoas respeitáveis; eram denunciados como monstros da imoralidade, sendo bom tom insultá-los em público”¹⁵⁰.

– Então, meus amigos, replicou Árago, somos já entrados no tema de amanhã. Vejamos como é essa natureza que brota do Incognoscível, como se comporta a vida, e, quais, as suas leis.

148Will Durant, História da Filosofia, 353

149Will Durant, História da Filosofia, 353

150Will Durant, História da Filosofia, 351

Todavia, como já é tarde, eu proproria pararmos, por aqui.

Todos anuíram, um pouco contrafeitos, pois Árago os acicatara, de propósito, com estas questões, para manter-lhes vivo o interesse e o gosto pela filosofia, esse mel que as abelhas humanas sabem produzir, como diz M. Garcia Morente.

Capítulo V

Segunda Jornada Filosófica

Crítica a Kant

No dia seguinte todos se fizeram presentes, ansiosos que estavam para ouvir a dissertação de Árago. Encontravam-se todos na sala, em animada conversa, até que, à entrada do pensador, ficaram silentes. Depois dos cumprimentos, dirigiu-se o mestre a Orsoni dizendo-lhe:

– Muito obrigado pelos camarões, meu Hierão; estavam deliciosos do modo como Cornélia os preparou.

– Foi um amigo meu chegado hoje de Ubatuba que nos trouxe, no gelo, de lá, explicou Hierão Orsoni.

– Que nos traga sempre desses regalos, tornou Árago, sorridente. Mas vamos ao nosso assunto. E dizendo isto, sentou-se pesadamente em sua cadeira, recostando-se bem, para trás. Encarando a todos os presentes, iniciou:

– Kant, como todos os filósofos idealistas, começa a erigir o seu sistema pela teoria do conhecimento. Leibniz já assentara as bases sobre que Kant iria trabalhar; fizera aquela distinção entre verdades de razão e verdades de fato, insistindo em que o ideal do conhecimento científico consiste em descobrir, sob a mole das verdades de fato, as verdades de razão. As verdades de razão extraídas das verdades de fato, têm de concordar com os juízos fundados noutras verdades de razão mais gerais ainda. Assim o experimentalismo científico toma sentido mais profundo, e se estrutura sobre verdades alcançadas por outras vias racionais. Dito de outro modo: as ciências experimentais devem ser interpretadas e explicadas através dos princípios matemáticos. Este é o ideal do racionalismo: que todas as ciências se expliquem pela geometria, pela álgebra, pelo cálculo diferencial, e integral. Este é o ponto alto da física-matemática, e todo idealista anela por chegar ao cúmulo de sintetizar todo o universo numa breve fórmula. De um lado está o fenomênico, o ilusório, o confusamente amontoado; mas dentro de tudo isto se ocultam as verdades de razão, perenes, eternas, imutáveis. Eis aqui, de novo, a repetição do tema parmenídico-platônico, apenas deslocado da realidade objetiva das coisas, para a realidade subjetiva do eu. Mas, partindo sempre da intuição do eu, desta realidade subjetiva, chegavam os

pensadores idealistas a outras realidades, agora objetivas, porque fora de si, como extensão e Deus de Descartes, como os estímulos exteriores que provocavam impressões e vivências dos filósofos ingleses, como as mônadas ou “eus” de Leibniz. Todavia, a atitude dos idealistas consistia sempre em partir do eu, tendo a este como padrão de medida para averiguação de tudo o mais. O ser em si que todos os filósofos buscam, Kant provou ser, não o ser em si, porém um ser para conhecimento, um ser objeto para ser conhecido, um ser posto pelo sujeito cognoscente como objeto de conhecimento, não se podendo chegar ao “em si” como realidade transcendente. É por isso que Kant significa o encerro deste modo de filosofar idealista. Contudo, apesar de Kant encerrar o movimento idealista iniciado por Descartes, abre nova perspectiva para os filósofos que o sucedem. Partindo da idéia do Absoluto, do incondicionado, Hegel, Schelling e Fichte construíram sistemas ideais divorciados da realidade presente. Também a filosofia de Kant, como a de Descartes, como a de Leibniz, começa pela teoria do conhecimento. Assim inicia sua “Crítica da Razão Pura”, pela distinção entre juízos analíticos e juízos sintéticos. Pela própria contingência histórica que pôs Kant nas grandes encruzilhadas do pensamento, não precisou ele ocupar-se de idéias obscuras como as nomeara Descartes, nem verdades de fato, como as classificara Leibniz. Para Kant, todas as verdades e juízos já se achavam destilados, sendo os juízos todos apodíticos, e todas as verdades de razão. Conquanto os juízos sejam acontecimentos ocorridos na consciência, não são subjetivos, uma vez que se referem a fatos exteriores, enunciações objetivas a respeito de algo, são teses de caráter lógico. Armado destes dados pela contingência histórica que colocou Kant no cruzamento das vias do saber, atacou ele o problema do conhecimento, distinguindo o que ele chama de juízos analíticos dos juízos sintéticos.

E depois de uma pausa, prosseguiu o mestre:

– Juízos analíticos são aqueles cujo predicado já se acha contido no sujeito da oração; é o mesmo que juízos apodíticos. Todo juízo é uma enunciação lógica, em que há um sujeito do qual se declara alguma coisa, e um predicado que é a coisa afirmada do sujeito. Quando analisamos o conceito do sujeito, e o decompomos mentalmente, podemos verificar que o predicado faz parte das coisas contidas no sujeito. Por exemplo, se digo: o quadrado tem quatro lados, verifico que o ter quatro lados é afirmação redundante, tautológica, pois a afirmação está envolvida pelo próprio conceito de quadrado. Trata-se este do juízo apodítico ou analítico. Todavia, os juízos sintéticos ou assertórios são aqueles cujos predicados não se acham contidos pelo sujeito. Se afirmo que o calor dilata os corpos, emito um juízo assertório ou sintético, porque, no conceito de calor, que é o sujeito, não encontro o conceito de dilatação dos corpos. Como o conceito de dilatação não está envolvido pelo de calor, o predicado acrescenta uma coisa nova ao sujeito, quer dizer, amplia-o por adição ou síntese. Já se vê, então, que a validade destes juízos só pode estar fundada na experiência. Como o predicado acrescenta coisa nova ao sujeito, preciso é que a experiência valide esse acréscimo. Mas, os juízos analíticos, apodíticos, ou verdades de razão não carecem da experiência para serem válidos; basta deduzí-los do sujeito que, como se fôra uma premissa, contém em si o enunciado expresso pelo predicado. Dizer que o triângulo possui três ângulos é uma tautologia; esta palavra significa, do grego, *tauto* = *o mesmo* e *logia* = *dizer*. O predicado diz o mesmo do dito no sujeito, pois, triângulo quer dizer três ângulos. Os juízos analíticos apenas explicitam os sujeitos que os contém, e por isso tais juízos são verdadeiros, universais e necessários. Não me ocorre que possa haver algum lugar do universo, onde o quadrado da hipotenusa não seja igual à soma dos quadrados dos catetos. Porém, se me disserem que há planetas de céu amarelo, de plantas vermelhas e animais mamíferos azuis, só vendo para crer, isto é, só através da experiência, da percepção sensível, posso ter tais fatos por verdades. Os juízos analíticos ou apodíticos, as verdades de razão derivam do princípio de identidade que diz ser o sujeito igual ao predicado; posto em fórmula: $S = P$. Já nos juízos sintéticos o sujeito é diferente do predicado: $S \neq P$. Como os juízos analíticos independem da experiência, também se chamam *a priori*; e como os juízos sintéticos dependem da experiência, por isso também se chamam *a posteriori*. Estes juízos sintéticos são particulares e desnecessários; ocorrem aqui e agora, porém, pode não ocorrer daqui a milhões de anos, por causa da mudança do meio, ou num lugar diferente do universo, em condições diferentes das da Terra. Por esta causa estes juízos se dizem contingentes, visto que, alhures, se pode dar de modo diferente do verificado *aqui e agora*

pela experiência. O gelo sob pressão altíssima não se derrete ainda que sua temperatura se eleve a 220 graus centígrados. Eis aqui uma verdade de fato, ou juízo sintético ou assertório que só a experiência pode validar, e, em verdade, a válida.

E olhando o mestre para o livro de Morente que tinha, aberto, sobre a mesa, prosseguiu:

– E as ciências físico-matemáticas? De que tipos de juízos se constróem? Agora, uma inovação kantiana: as ciências físico-matemáticas são constituídas de **juízos sintéticos a priori**.

– Mas isso é uma contradição, prezado Árago, obtemperou Orsoni; pois se estudamos, há pouco, que os juízos apriorísticos são como as verdades de razão, são deduzidos de premissas, do mesmo modo como os juízos apodíticos, são juízos cujos predicados se acham presentes nos sujeitos da oração; e se os juízos sintéticos se opõem a tudo isto polarmente, ou seja: os juízos sintéticos acrescentam ao termo sujeito coisas estranhas a ele, pelo que, para ter validade, preciso é estar fundamentado na experiência; como, então, pode o que é forçosamente experimental e contingente, ser, ao mesmo tempo, independente da experiência e necessário?

– Assim é, meu Hierão, atalhou o mestre. Tais juízos são sintéticos só no começo da ação de conhecer, quando se está descobrindo a lei do fenômeno. Até este ponto do processo o juízo é sintético; descoberta, porém, a lei, esta é aplicada **a priori** sobre a imensidade dos outros fenômenos correlatos. Suponhamos que um físico observou que a difusão da luz se dá na razão inversa do quadrado das distâncias. Ora, ele observa que a difusão se faz esfericamente para todos os lados; quer dizer que uma mesma quantidade de luz se distribui por esferas tanto maiores, quanto mais se vão afastando do centro de iluminação. Como estas esferas têm suas superfícies crescidas na razão direta do quadrado de seus raios, segue-se, necessariamente, que a luz decresce tanto mais, quanto maior for a superfície a iluminar; então decresce na razão que o raio da esfera aumenta; por isso a difusão da luz pela superfície esférica se dá na razão inversa do quadrado do raio ou distância do ponto luminoso, $i = I/d^2$ onde i = iluminação de qualquer ponto da esfera; I = intensidade da fonte luminosa; d^2 = distância, ou raio da esfera. Pronto: até aqui os juízos sintéticos. De agora em diante esta lei, condensada na fórmula, pode ser aplicada, **a priori**, a qualquer tipo de difusão de energia, seja o som, seja magnetismo, seja eletricidade, seja gravitação. Os juízos a priori não aumentam os conhecimentos, porque são tautológicos, dizendo de outra forma o que se contém implícito no sujeito da oração. Eles explicitam no predicado o que já se contém no sujeito. Por esta causa já dizia Descartes que o silogismo serve para expor verdades já conhecidas, porém não para descobrir verdades novas. Atravessada, pois, a fase empírica dos juízos sintéticos que vai até à fórmula, daí por diante tudo é aplicação do já conhecido, e por isso, **a priori**. Newton precisou observar a queda da maçã para formular sua lei da gravitação; mas Kepler não precisou de nada mais além da fórmula de Newton para a descoberta das suas leis de mecânica celeste; logo, as leis de Kepler estão implícitas na de Newton.

– Se as ciências físico-matemáticas, continuou o pensador, fossem apenas apriorísticas, apenas verdades de razão, como queria Leibniz, seriam meras repetições do conhecido, seriam vãs tautologias; se, por outro lado, fossem apenas experimentais, contingentes, relativas ao aqui e ao agora, sem aplicação a qualquer tempo e a qualquer lugar do universo, não seriam ciências, mas costumes, hábitos de pensar, como diria Hume, e por isso mesmo sem validade universal. Por isto, para que as ciências físico-matemáticas sejam conhecimentos reais, preciso é que participem da virtude dos juízos analíticos ou **a priori**, e ao mesmo tempo, da virtude dos juízos sintéticos ou **a posteriori**. Nesta verdade crêem todos os físico-matemáticos do mundo; daí, para eles, uma experiência bem conduzida pode fundamentar uma lei que tem validade para além dessa experiência concreta, objetiva; não haverá, então, experiências passadas, presentes e futuras que esta lei não abarque no seu âmbito.

E vendo Árago que Alcino Licas estava ansioso por manifestar-se, fez silêncio para que ele falasse.

– O senhor discorreu, sobre os juízos da ciência, que são, a um tempo, **sintéticos e a priori**. Não seria possível inverter a posição dos vocábulos, de modo que pudesse haver juízos **a priori e sintéticos**?

– Há destes juízos também, tornou o mestre. É por este modo que se formulam as

hipóteses científicas antes da sua comprovação experimental. Neste caso a ciência supõe que certas verdades conhecidas têm validade mesmo em plano diferente do plano a que ela serve; e então, se enunciam as leis e se constróem as fórmulas antes da experiência. Chamam-se isto hipóteses de trabalho, e só podem ser incorporadas à ciência, depois da comprovação experimental. Chamam-se hipóteses de trabalho, porque só servem para orientar o trabalho, as experiências que, deste modo, não se fazem às loucas, pelo método do puro ensaio-e-erro animal.

– E as matemáticas, interrogou Benedito Bruco, o senhor acha que elas são pura tautologia, isto é, verdades de razão puras, puros juízos analíticos ou a priori?

– Enuncie, então, Bruco, um juízo matemático para que o assunto se objective, tornou o mestre.

Depois de matutar um pouco, respondeu Bruco:

– A linha reta é a distância mais curta entre dois pontos dados.

– Qual é o sujeito do juízo?

– A linha reta.

– Você acha que no conceito de linha reta está implícito o conceito de distância?

– Não.

– E se eu dissesse: a linha reta é constituída por uma sucessão de pontos numa mesma direção. No conceito de linha está contido o conceito de ponto?

– Está.

– Então, aqui se trata de um juízo matemático analítico. Porém, no juízo anterior, no conceito de linha reta, não está contido o conceito de distância; logo, este juízo anterior é sintético e não, analítico. Por isso é que todos os teoremas matemáticos possuem hipótese e demonstração. Podemos concluir que nem todos os juízos matemáticos são analíticos, tautológicos, a priori. Todavia, não é preciso medir a reta para saber que ela é a distância mais curta entre os dois pontos; isto é uma evidência, um axioma, uma intuição intelectual. Temos aqui um exemplo claro em matemática de juízos ao mesmo tempo *sintéticos e a priori*; é sintético, porque o predicado não se contém no sujeito do juízo; é a priori, porque esta verdade está axiomáticamente contida numa intuição intelectual, que, por isso, independe da experiência, ou da demonstração.

– E na metafísica? perguntou Licas; seriam possíveis juízos sintéticos a priori? As leis do movimento, assim como a da inércia, Galileu as concebeu, como ele próprio o declarou pela *“mente conscípia”*. Bastou, portanto a Galileu fechar os olhos à experiência sensível, e ir concebendo em sua mente um móvel no espaço, e dessa pura abstração ir tirando as leis do movimento, mais a da inércia. Trata-se, como se vê, de juízos sintéticos e a priori, ao mesmo tempo. Igualmente na matemática o senhor demonstrou haver juízos sintéticos a priori, como é o enunciado que diz ser a linha reta a distância mais curta entre dois pontos. Mas, na metafísica, seriam possíveis juízos sintéticos a priori?

– Quando Descartes, busca demonstrar a existência de Deus, tornou Árago, é certo que emite juízos a priori, visto que de Deus não podia ele ter nenhuma experiência sensível. Todavia, partindo da noção de causalidade, pela qual todo o fenômeno tem de ter uma causa, partindo da noção da parte pela qual toda parte tem de pertencer a um todo maior; tanto na noção de causa como na de partes, num e noutro caso é preciso que haja um paradeiro; e esse é quando o todo é o infinito, e quando a causa chegou à unidade absolutamente geral. Kant afirmou que a cadeia de causalidade se interrompe em Deus, sem razão de ser; e como poderia ir além da unidade primordial? como ir além do todo, quando este se fez infinito? Cada sistema se constitui de partes que se encadeiam e se subordinam até a unidade a qual, por sua vez, faz parte de um sistema mais alto; todavia, em chegando ao infinito, é de razão que a cadeia se interrompa. O próprio pensamento reconhece a necessidade de interrupção de um processo que se torna ou infinito, ou zero, porque além destes limites absolutos não se pode mais avançar com o cálculo. Ora, sendo a noção de causalidade e a de parte oriundas da experiência sensível, segue-se que este juízo metafísico é sintético. Sintético porque se vai remontando de causa em causa até à unidade causal, e de todo em todo até o infinito; e também a priori, pois para se fazer isto não se precisa da experiência direta; para fazer isto não é necessário mais do que a *“mente conscípia”*

com que Galileu, de olhos fechados, abstraiu as leis dos movimento e mais a da inércia. Da noção de obra se conclui pela de autor, pois nunca ninguém viu alguma coisa que não tivesse sido feita por alguém. Logo, necessariamente, há de existir um Autor do Universo que nos aturde com toda a sua complexidade. E como o Autor, é infinito, não há razão para se perguntar, como fazem as crianças: e quem fez Deus? Deus é o infinito, e o infinito é o limite para qualquer tendência, mesmo em matemática. Da observação das coisas visíveis, transitórias e contingentes, em perpétuo vir-a-ser heracliteano, Parmênides primeiro, depois Platão, e, finalmente, Aristóteles inferiu a existência de um mundo imutável, imóvel, eterno, onde tudo é perene porque perfeito. Aristóteles avança mais, e intui um Ser que move e rege tudo, que é Deus. Ora, o método para se chegar a estas verdades, é o mesmo do da ciência, isto é, sintético e a priori. Sintético porque se afirmou do sujeito mais do que ele continha implícito; a priori porque estas generalizações, conquanto partidas da experiência, foram alcançadas pela pura “*mente conscipio*” ou concepção da mente e não de alguma experiência direta, objetiva. Por conseguinte é possível em metafísica juízos sintéticos a priori, exatamente como nas ciências físico-matemáticas, e nas matemáticas.

E depois de consultar seu livro de texto, prosseguiu o pensador.

– Kant, todavia, não concorda possa haver juízos sintéticos a priori na metafísica. Quanto às matemáticas Kant não tem dúvida, nem quanto à física, pois aí estão as matemáticas e a física; todavia, não assim com relação à metafísica que é uma ciência muito discutida. Cada vez que surge um novo pensador no mundo, toca ele a refazer o feito desde o princípio para achar suas veredas próprias. Mesmo supondo que a metafísica seja uma ciência, tem-se de concordar que nela nada ainda está estabelecido definitivamente, como ocorre nas matemáticas, na química e na física. Trata-se duma ciência que pode ser posta em dúvida, como fez David Hume. Ainda se tem de saber se os juízos metafísicos são legítimos e se o são, por que o são?

– E se não forem legítimos, tornou Bruco, como o supunha Kant, que acontece?

– Acontece que, ou não há metafísica como o entendia Kant, ou a base desta disciplina do espírito não pode estar, como as outras ciências nos juízos sintéticos a priori. E para responder a estas questões Kant escreveu sua obra maior: a “Crítica da Razão Pura”.

E examinando suas notas, exclamou o mestre:

– Bertrand Russell diz isto: “Kant goza de reputação de haver sido o maior filósofo moderno, mas, na minha opinião, não foi senão uma desgraça”¹⁵¹.

– Protesto! exclamou, resoluto, Alcino Licas; acho que Kant é o maior dos pensadores modernos, e não concordo que se diga isso dele!

– Concorda, então, meu caro Licas, estudarmos a “Crítica da Razão Pura”, de um ponto de vista crítico?

– Ora, se concordo! Mas que dúvida?!

– Neste caso, você nos vai definir umas tantas noções necessárias a prosseguirmos em nossa metacrítica kantiana. Primeiro que tudo, diga-nos o que é intuição.

– **Intuição** é a percepção mediata dos objetos; por isso não pode existir se o objeto não nos for dado aos sentidos. É mediata, porque entre a intuição que se dá na mente, e os objetos exteriores, estão os sentidos como intermediários.

– E que é **sensibilidade**?

– É a capacidade de receber os objetos em nosso espírito, ou a capacidade de representá-los em nosso mundo subjetivo. Os objetos nos são dados mediante a sensibilidade, e por isso somente ela nos fornece intuições. Logo, a **sensibilidade** gera **intuições**

– E **entendimento**, que é ?

– **Entendimento** é aquilo pelo qual as intuições são pensadas, e por isso é dele que surgem os conceitos.

– Então, que é conceito?

– É a elaboração das intuições que nos vieram através da sensibilidade que é o mesmo que sentidos.

– Se a sensibilidade é o mesmo que sentidos, argüiu Árago, por que, logo, empregar dois termos diferentes para dizer uma mesma coisa?

151 Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 102

– Sensibilidade é a capacidade de usar os sentidos; é como a visão e a vista; a vista é o sentido de ver; a visão é a capacidade de usar a vista. Um animal inferior vê o mundo que o cerca, mas não tem visão dele, porque o não entende. Um animal possui sentidos, porém, não, sensibilidade que é a visão introspectiva, ou seja, a imaginativa, onde os objetos se representam subjetivamente, numa como visão interior. Sensibilidade é essa capacidade de visão interior; os objetos que se vêem, são as intuições.

– Então, sensibilidade não é o mesmo que sentidos, como você nos disse?

– Não; em rigor não é. Por isso, “todo pensamento deve em última análise, seja direta ou indiretamente, mediante certos caracteres, referir-se às intuições, e, conseqüentemente, à sensibilidade, porque doutro modo nenhum objeto nos pode ser dado”¹⁵². Em rigor uma coisa não é outra; mas são termos afins: sentidos, sensação, sensibilidade são termos afins. A **sensação**, por exemplo, é a impressão que os objetos causam à nossa capacidade de representação. Os objetos afetam aos nossos sentidos, e temos as sensações que, por sua vez, chegam, em feixes, aos centros nervosos, onde a sensibilidade os organiza em imagens que são as intuições sensíveis.

– Isso mesmo, Licas, está certo! E que entende Kant por fenômeno?

– Isso agora não é simples; fenômeno é uma intuição empírica cujo objeto é indeterminado; trata-se duma intuição, mas que não nos vem imediatamente pelas sensações. São sensações organizadas. O fenômeno possui **matéria** e **forma**. A **matéria** é aquilo que corresponde à sensação, e, a **forma** é aquilo pelo qual o fenômeno pode ser ordenado em relações. A matéria dos fenômenos, pois, só nos vem “a posteriori”, ao passo que a forma, porque é relação, já existe “a priori”, em nosso espírito, como capacidade de ordenação. A matéria é objetiva e nos vem como feixes de sensações; a forma é ordenação subjetiva, e só pode estar em nós, e não fora de nós. Há representações que se originam dessa ordenação subjetiva; a essas chamamos puras. Essa visão interior que percebe o que é diverso nos fenômenos, chama-se intuição pura. Por isso “esta forma pura de sensibilidade pode ainda ser designada sob o nome de intuição pura”¹⁵³. A extensão e a figura de um corpo são intuições puras; mas a dureza, a cor, a impenetrabilidade, etc., são intuições empíricas. Intuição pura é aquela que pode ser “a priori” no espírito, no passo que a intuição empírica só pode ser “a posteriori” porque decorre da experiência.

E depois de ponderar, em silêncio, o que havia de dizer, continuou Licas:

– Esta sensibilidade que transcende àquela provinda dos sentidos, é o gosto. A análise do gosto pode chamar-se “crítica do gosto” ou “crítica transcendental”, conforme o linguajar de Kant; e segundo este filósofo esta forma de sensibilidade, o gosto, é apriorística, isto é, já existe, formada, em nosso espírito. De igual modo, e por extensão, há os conceitos e pensamentos puros, apriorísticos, os quais poderão ser estudados pela lógica pura ou transcendental, outra vez, conforme o dizer de Kant.

– Quer dizer, Licas, tornou o mestre, que aquilo a que chamamos gosto, bom gosto, é uma sensibilidade **a priori**, visto que não procede da experiência artística, nem da educação?

– Isso mesmo.

– Logo este bom gosto é tão universal como as verdades da lógica e da matemática?

– Exato! Como é **a priori**, já existe no mecanismo do espírito, pelo que é um só para todos os homens, sejam eles chineses, italianos, americanos, africanos, e até para seres inteligentes de outros planetas, se é que os há, porque assim como a lógica e a matemática são universais, também o será o bom gosto.

– Contudo, meu Licas, nós sabemos serem diferentes os homens quanto ao gosto, havendo muitas estesias sobre a face da Terra, para não se falar nos supostos seres inteligentes de outros orbes planetários; já com as matemáticas e com a lógica sabemos serem únicas. Como se explica isso?

– Assim como os homens não são lógicos, nem matemáticos, nem físico-matemáticos, conquanto todos possuam os germes destas disciplinas por desenvolver, igualmente, também, não são estetas completos, mas todos caminham para uma só forma de estesia.

152 Kant, Crítica da Razão Pura, 29

153 Kant, Crítica da Razão Pura, 30

– Isso que você afirma, baseado em Kant, é um absurdo, meu prezado Licas; porque a arte sempre representa o individual e não o geral; por isso a Vênus e o Apolo japoneses não podem corresponder à Vênus e ao Apolo gregos! Um serafim não poderia nunca ser branco para os africanos, nem preto para os chineses. É impossível que, no céu, os anjos tenham uma mesma cara, para esta corresponder à perfeição universal; um como que anjo-conceito, vivo, real, atuante, um como que conceito individualizado em milhões de formas iguais, como bonecos saídos duma máquina automática de pensar. Os anjos, para não serem monótonos, enfadonhos, hão de ser diferentes, diferenciados, únicos, cada um em si mesmo, pois a natureza não cria nunca formas universais, mas individuais. Há, por isso, um bom gosto grego, como há um bom gosto evidenciado nos desenhos dos homens das cavernas pré-históricas; o que não há é uma forma universal, cósmica, apriorística de bom gosto, pois ele nasce da experiência artística e pode transferir-se pela educação. Não há duas lógicas, nem duas matemáticas, nem duas da mesma ciência, duas físicas, por exemplo, cada uma enunciando verdades diferentes; contudo há muitas estesias, e todas válidas, porque todas correspondem a seus fins, que é representar o que é, objetivamente, individual.

– O senhor tem razão, concordou Licas; concedo seja esse um dos pontos em que Kant queimou a manga. E diz mais o pensador de Koemgsberg: há duas formas de intuição sensível que nos são apriorísticas – espaço e tempo. “O tempo não pode ser percebido exteriormente, assim como o espaço não pode ser considerado como algo interior em nós outros”¹⁵⁴.

– Por que?

– Porque o tempo é uma relação e o espaço, uma intuição pura. “O espaço não é um conceito empírico, derivado de experiência anteriores”¹⁵⁵.

– Não concordo! Acho que as primeiras experiências dum recém-nascido formam o conceito de espaço, quando começa a divisar coisas, como o vulto da mãe, por exemplo, a mover-se sobre um fundo imóvel. Essa experiência grava-se tão indelevelmente, que mais tarde ele supõe que o conceito de espaço já existia como representação a priori, no seu espírito. De fato, os conceitos têm relação com o cérebro; logo, não podem existir, quando ainda não há cérebro, e nascem quando este começa a funcionar. Mas o cérebro desenvolve-se com o exercício através das experiências dos sentidos. Por conseguinte, o conceito de espaço data das primeiras experiências e sensações do recém-nascido, para não dizer do feto, que já se move num angusto espaço ventral. Suponhamos que um ser humano nasceu defeituoso, e por isso, sem nenhum dos sentidos externos que são os cinco clássicos, para não nos referir ao outros. Ainda que haja sentidos internos que percebem os órgãos e os comanda; ainda que o mecanismo do cérebro seja perfeito, tal ser não pode ter conceito de espaço. Portanto, este conceito é empírico.

– E diz mais Kant, acrescentou Licas: “O espaço é uma representação necessária, “a priori”, que serve de fundamento a todas as intuições externas”¹⁵⁶.

– Esta segunda proposição de Kant, deriva-se da primeira; e como neguei a primeira, nego, também, a segunda, e, no enunciado, em lugar de “a priori”, ponho “a posteriori”.

– Mais isto, então, prezado Árago: “O espaço não é um conceito discursivo, ou como se diz, universal das relações das coisas em geral, mas uma intuição pura”¹⁵⁷.

– Sendo o conceito de espaço uma intuição sensível, como entendo que é, formada pelas primeiras experiências do recém-nascido, segue-se que estas experiências têm de vincular-se à existência de corpos que se vêem separados por intervalos. Se não houvessem corpos no espaço, de modo que o recém-nascido só enxergasse o vazio, como havia de formar-se no seu espírito a intuição de espaço? Mas espaço e corpos são correlatos, pois sem corpos não se pode formar a noção de espaço. Quem vê corpos, os vê juntos, ou separados, ou movendo-se; e quando atenta para o que enxerga, conclui que espaço e corpos tudo são corpos, e tanto que há corpos movendo-se dentro de outro corpo. Nossa casa, um vagão ferroviário, um ônibus, tudo são corpos continentes de outros corpos. Por fim a própria Terra é um corpo a mover-se dentro de outro corpo que é o sistema planetário solar o qual, por sua vez, se move “dentro” do sistema

154 Kant, Crítica da Razão Pura, 32

155 Kant, Crítica da Razão Pura, 33

156 Kant, Crítica da Razão Pura, 33

157 Kant, Crítica da Razão Pura, 34

galáctico – a Via-Láctea. Que é, então corpo, e que é espaço? Todos estes corpos referidos há pouco, ou móveis ou fixos, são materiais; também é material os lugares onde eles se acham ou se movem. Por isso o conceito de espaço está vinculado à idéia de corpo, e este, à de matéria. Nós abstratizamos a matéria, os corpos e esse é o espaço; logo, sem a existência de matéria, de corpos materiais, não há o conceito de espaço. E como o conceito de matéria, de corpo, é discursivo, também o é o de espaço.

– Negue mais isto, então, tornou Licas, que tinha, aberto, nas mãos, o volume “Crítica da Razão Pura”: “O espaço é representado como uma grandeza infinita dada”¹⁵⁸.

– Não, não nego meu prezado Licas! Mas veja lá onde vou parar. O espaço coexiste com a matéria. E onde não há matéria não há espaço objetivo, real, mas, apenas a extensão subjetiva do conceito que temos ele. Dentro da matéria um possível espaço vazio, é espaço. Todavia, fora da matéria, além da curvatura do Universo total um espaço vazio não é espaço; é nada. Segue-se, pois, que para esse espaço ser objetivo, real, precisa conter em si matéria. Ora bem. Se o espaço é infinito, como quer Kant, se-lo-á também a matéria da qual ele é a abstração. E se a matéria é infinita, coincide com Deus, sendo este, então, também, material. E esta é a réplica mais temida pela raposa de Koemgsberg; eis, pois, que Kant “receava o argumento de que, se o espaço é objetivo e material, Deus deve existir no espaço e ser, por conseguinte, espacial e material. (...) A velha raposa abocou um pedaço maior do que o que podia mastigar”¹⁵⁹. Entretanto, eu tenho as minhas razões suficientes para considerar a matéria eterna, infinita, e incriada como pensara Aristóteles, porque, para isto reduzo, como fez Einstein, a matéria a **energia-substância**. Sobre o denominador **energia-substância** enxergo não só a matéria e a energia, como também a vida (energia vital) e os sentimentos e afetos todos sobretudo o mais alto deles que é o **amor**. Agora não nos causa espécie quando São João diz que **Deus é amor**, que **Deus é luz ...** amor e luz, já se vê, eternos, infinitos e incriados. Nunca me coube na cabeça que Deus fosse princípio vazio, pura idealidade formal sem conteúdo, tão irreal como os “cem táleres ideais” de Kant, que não podiam ser achados no seu bolso. Mas isto é cá comigo. Mas vejamos o que diz a ciência. A física moderna, através da teoria da relatividade, chegou a este mesmo resultado que expus há pouco, para contraditar Kant: o espaço, diz ela, e o tempo absolutos não existem de modo objetivo; unicamente existem espaço e tempo que podem ser preenchidos com coisas e fatos..., e as coisas e os fatos são relativos.

– Além disto, continuou o pensador, a doutrina de Kant, impõe que todo apriorismo existente em nosso espírito, para ser válido, precisa corresponder com as realidades do mundo objetivo. A existência autêntica, segundo ele, é aquela que “diferencia cem táleres realmente existentes de cem “táleres ideais” que não podem ser achados no meu bolso”. Isto posto, temos: a representação ideal ou pura do espaço infinito tem de achar correspondência no mundo objetivo, ou não vale. Ora, para que espaço puro possa ser infinito, terá, também, de ser infinito o espaço objetivo ou material que dá validade àquele. Por conseguinte, afirmando uma coisa, ipso facto, fica afirmada a outra. “O espaço é representado como uma grandeza infinita dada”? (Kant). Pois, então, o conteúdo, a substância, a matéria, que dá objetividade a esse espaço, também é infinita; e sendo a matéria infinita, confunde-se com Deus. Estou bem com esta conclusão, porque, para mim, o Deus-substância é o amor. E do mesmo modo como, nas “antinomias da razão”, Kant nega a alma, nega Deus e nega o Universo, porque não podemos ter experiências sensíveis desses objetos, pela mesma razão nego o espaço infinito puro dele, pois também não posso ter uma experiência sensível que corresponda a esse objeto ideal. A menos que aí, o nosso Licas, tivesse tido tal experiência. Por acaso a teve, Licas?

– Claro está que não! Ora essa...

– Pois então, o espaço puro infinito não passa duma ficção, sobre a qual Kant assenta todo o seu sistema. Não é à toa que já se disse estar a metafísica alemã assente sobre o ar... E há mais isto:

– Ficou dito que o espaço puro infinito, sem correspondência objetiva com a matéria, também infinita, tem a mesma validade dos cem “táleres ideais” que não se acham no bolso de Kant. Então, a substância do infinito espaço puro, necessariamente, também, terá de ser infinita.

158 Kant, Crítica da Razão Pura, 34

159 Will Durant, História da Filosofia, 288

Todavia, a matéria está sujeita ao tempo, à causalidade, às transformações, com início e fim no tempo. Se a matéria teve um começo, o quanto a creio, antes dela não havia correspondência para o espaço puro infinito, donde se conclui que este era *nada*, como os cem “táleres ideais” outra vez. Antes, por conseguinte, da criação da matéria, o espaço *não-era*; este não ser espacial passou a ser espaço, depois da criação da matéria; logo, foi a matéria que deu ser ao espaço, e como ela está sujeita ao tempo e à causalidade, também o está o espaço que ela valida e dá ser. Consequentemente, espaço e matéria são uma e a mesma coisa, e não, como pretendia Kant, que o espaço seja pura forma de conhecer.

– E se eu disser, acudiu Licas, que a matéria é eterna, sem começo nem fim, como pensava Aristóteles, e como o senhor o crê?

– Neste caso, já por sua infinitude, já por sua eternidade, a matéria é o próprio Deus! Se dissermos que a matéria é eterna (Aristóteles), e infinita (Kant), então já estará respondida a pergunta metafísica: *que é o ser?*, e da religião: *que é Deus?* Pois o *ser* e *Deus* são uma e a mesma coisa: matéria (energia substância) quanto ao conteúdo, e, espaço, quanto à forma. Não é que Kant esteve vai não vai para descobrir a pólvora? A grande “desgraça” que ele representa (B. Russell) foi o não ter chegado a esta conclusão!

E como Alcino Licas não ousasse retrucar, depois de uma pausa, continuou o pensador de Cananéia:

– Podemos estender o conceito empírico para além da experiência material, usando a pura “mente concípia” de Galileu. Tornamos apriorístico, por extensão, aqueles conceitos que nasceram da experiência; nosso pensamento caminha por meio de juízos sintéticos a priori, como diz Kant, e é por isso que podemos estender o conceito empírico para além da experiência sensível; todavia, esta extensão do conceito pode carecer de realidade objetiva. Se todas as extensões tivessem realidade objetiva, então poder-se-ia imaginar espaços polidimensionais. A geometria analítica nos leva lá, por extensão da análise algébrica; mas a realidade que as fórmulas representam, não vai além da terceira dimensão espacial; o que passar daqui, é pura ficção geométrica.

– Mais isto, então, tornou Licas: “A Geometria é uma ciência que determina sinteticamente, e, portanto, “a priori”, as propriedades do espaço. Que deve ser, pois, a representação do espaço, para que tal conhecimento seja possível? Deve ser, primeiramente, uma intuição; porque é impossível tirar de um simples conceito proposições que o ultrapassem, como se verifica em Geometria (int. V)¹⁶⁰.

– Está certo. A geometria forma seu postulado partindo da intuição, a priori, de espaço. Euclides, ao enunciar seu postulado V, disse que, por um ponto dado fora de uma reta, só se pode traçar uma paralela a essa reta. Ora, só num plano é possível traçar linhas retas paralelas; logo, está pressuposto o plano. Mas este plano pode ser deslocado em qualquer dos três sentidos do espaço; portanto o espaço tem três dimensões, sendo plano em quaisquer dos sentidos. Eis a intuição pura, a priori, de espaço de Euclides, sobre o qual se pode traçar linhas retas paralelas. Então, é certo que a geometria forma seus postulados pressupondo, a priori, uma forma de espaço. Da intuição que Euclides tinha de espaço, saiu a geometria euclidiana. Depois vieram Gauss, Lobatschewsky, Bolyai e Riemann e fundaram as geometrias hiperbólica, elíptica e esférica que pressupõem espaços não euclidianos. Cada geometria parte duma intuição pura, a priori, de espaço, sobre a qual se funda o seu postulado. Quer dizer que se pode ter tantas geometrias quantas são as possíveis intuições apriorísticas de espaço. Até já se falou, por isso, no “escândalo da geometria”. Ora, suposto que pode haver intuições contraditórias, qual delas aceitar por certa? É claro que uma delas estará com a verdade; mas qual a verdadeira? Como é que a inteligência de um está apta a ter intuições puras, a priori, em contraposição com as intuições, também puras, a priori, de outros? Que valem, então, tais intuições? Que é, então, espaço, e que forma e propriedades tem? Se Kant diz que “essa intuição deve achar-se em nós, “a priori”, quer dizer, anteriormente a toda percepção de um objeto, e, por conseguinte, ser pura e não empírica”¹⁶¹, vale perguntar: então por que essa intuição kantiana e euclidiana não coincide com a intuições de Gauss, Lobatschewsky, Bolyai e Riemann?

160 Kant, Crítica da Razão Pura, 35

161 Kant, Crítica da Razão Pura, 35

– Mate mais esta, então, mestre Árago: “Efetivamente, as proposições geométricas, como esta por exemplo: o espaço não tem mais que três dimensões, são todas apodíticas, quer dizer que elas implicam a consciência de sua necessidade; mas tais proposições não podem ser julgamentos empíricos ou de experiência, nem deles derivar”¹⁶².

– Não é exato: a consciência de que o espaço é tridimensional veio da experiência de que, qualquer corpo, sem nenhuma exceção, possui três dimensões e não mais. E se pegarmos uma linha, entendemos que ela só tem uma dimensão – o comprimento. Se, todavia, quisermos encurvá-la, isto só será possível sobre um plano – 2.^a dimensão. É impossível, num mundo liniforme, encurvamos a linha, e depois sem nos sairmos dele, enxergarmos essa curvatura da linha. De igual modo, para encurvamos o plano, uma folha de papel, por exemplo, só podemos fazê-lo no espaço – 3.^a dimensão. Tentem encurvar uma folha de papel, fora do espaço, para ver como é isso impossível! Esta seqüência de experimentos nos leva ao seguinte raciocínio: o espaço poderia ser encurvado numa 4.^a dimensão. Tentem encurvar o espaço; ofereçam prêmios a quem o fizer, objetivamente, e verão como isso é impossível. Logo, o espaço só tem três dimensões, sendo isto um fato empírico, e não uma intuição pura, a priori, como queria Kant.

E depois de matutar um tanto, concluiu o mestre:

– Que possuímos capacidade inata para fazer coordenações, para estender conceitos além dos seus limites, isso é fato.

– Mas isso está errado, exclamou Licas; Kant já disse que “é impossível tirar de um simples conceito proposições que o ultrapassem”¹⁶³.

– No entanto é isso mesmo que acontece; por isso a intuição, para mim, é a extensão de conceitos; é exatamente o que Kant julga impossível, ou seja: “tirar de um simples conceito, proposições que o ultrapassem”. É por isso que as intuições para mim valem só como hipótese de trabalho, sendo falíveis, como o demonstrei ser no caso das várias geometrias, cada uma fundada em postulado diferente que subentende espaço diferente. O cérebro está pronto para funcionar, como o pulmão, antes de nascer. Como todos os órgãos, o cérebro é funcional, antes de funcionar. Mas, com o funcionamento ele cresce, aumentando-se-lhe as fibras associativas; começam, então, a formar-se conceitos que são generalizados em intuições, todas, como se vê, de fundo empírico. E quando num cérebro começam a formar-se conceitos por fé, por ouvir dizer, por crença na autoridade de quem revela, as intuições procedentes de tal cérebro são todas malucas. Os erros de Aristóteles passaram por verdades indiscutíveis no mundo, até os começos da Renascença; destes erros de fato se tiraram conclusões também erradas, preparando a mente para as intuições estapafúrdias que se viram então, em toda Idade Média. No cérebro não se acham gravadas verdades, de antemão, como ocorre com um cérebro eletrônico; como pensava Kant; o cérebro pode desenvolver-se pelo exercício sobre conceitos e intuições erradas, surgindo, daí, os maníacos, os paranóicos, os semi-loucos, que se têm a si por certos, estando errado o resto do mundo. Estes malucos cuidam-se gênios, como Nietzsche, como Dom Quixote, não reconhecendo que houve neles um desvio funcional da consciência. Por isso, meus caros, a nós nos cumpre não descurarmos das ciências e da filosofia, como disciplinas supremas da razão. É da natureza do nosso espírito fazer generalizações, e saltando, ele extrapola e cria apriorismos e intuições que Kant cuida sejam puras, mas que, no entanto, são a posteriori. Por isso já dizia Francis Bacon que “a imaginação pode ser a maior inimiga da inteligência, quando não se limita a prestar-se unicamente, a suas tentativas e experiências”¹⁶⁴. E já tinha ele dito um pouco antes: “Não se deve deixar o espírito saltar e voar dos particulares para os axiomas remotos e da mais alta generalidade;... convém não se lhe darem asas, e, sim, de preferência, pendurar-lhe pesos para impedir-lhe os pulos e vôos”¹⁶⁵. Visto que os saltos e as extrapolações subentendem um lastro de experiência, todo o juízo, como diz Kant, é sintético e a priori, em dois tempos sucessivos. É sintético porque derivou da experiência da qual se induziu o princípio geral; é a priori, porque, uma vez descoberto este princípio, uma grande área de fenômenos passa a ser coberta por eles. Todavia, sempre alguma coisa se acrescentou à premissa, sempre o predicado

162 Kant, *Crítica da Razão Pura*, 35

163 Kant, *Crítica da Razão Pura*, 35

164 Will Durant, *História da Filosofia*, 147

165 Will Durant, *História da Filosofia*, 146

diz alguma coisa mais do que o implícito no sujeito da oração. Ora, esse acréscimo terá de ser provado para ter validade científica. E assim como nas ciências, podemos formular juízos sintéticos a priori, na metafísica, também se pode, contanto que se os prove, também, por meio de argumentos. Quando Aristóteles, partindo da visão do movimento, concluiu ser necessário haver um motor imóvel, que é Deus, nada mais fez do que formular um juízo sintético a priori metafísico. E assim, por muitas vias, se vai construindo a intuição de Deus, do qual, como prova, se pode deduzir as propriedades do Universo que contém em si todas as coisas. A obra revela o autor; eis um juízo sintético, porque se a obra está toda no autor do qual ela saiu, o autor só pode estar em parte na obra, sendo que ele, por isso, é sempre mais que a obra. Pela recíproca, tal autor, tal obra; este é um juízo analítico ontológico, visto como a idéia de obra está implícita, ontologicamente, na de autor, uma vez que este a contém em si, de onde a tira para a luz. A obra sai conforme com o autor, porque ela é extensão dele, em sentido não só empírico, senão também metafísico. Se estes juízos são válidos para os homens, se-lo-á também para Deus. Logo, o nosso Universo, como unidade total, sendo obra de Deus, não contém todo o Deus, como o queria Espinosa, porque o autor é sempre, sem exceção, mais que sua obra; daqui vem ser preciso haver outros universos para além da curvatura do nosso, para que Deus se explicita neles também, tal como o fez no nosso. Por isto, o nosso Universo é parte de Deus, porque o autor está só em parte na obra. E assim chegamos à idéia do monismo pelo qual Deus possui dois aspectos: o transcendente e o imanente. Também aqui há a extensão de um conceito empírico para uma intuição metafísica, porque, como Deus, qualquer autor humano é também transcendente à sua obra, visto como está nela, e ao mesmo tempo além e acima dela. Esta imanência do autor em sua obra, representa seu pensamento expresso nela. Todas estas noções, como vêm, têm por base ou a experiência, ou as leis e princípios descobertos através da experiência. Eis como são possíveis juízos metafísicos sintéticos a priori, contrariando o que afirma Kant.

– Como é esse estar em parte na obra, prezado Árago? Interrogou Licas, e argumentou a pergunta dizendo: O homem eu entendo que está na obra, e também fora dela, porquanto é ele finito, e para criar sua obra, lançou mão de um material fora de si. Mas Deus, sendo infinito, primeiro não pode criar coisa nenhuma fora de si, segundo não pode usar outra substância que não a sua própria; e se criar do nada, como o queria Santo Agostinho, toda a criação é pura ilusão fósmea produzida pelo nada, com que vem a ser nada.

– Bom argumento Licas. Sendo Deus infinito, e a sua obra, finita, esta só contém Deus em parte, seja como pensamento ou essência, seja como substância que é aquilo de que a obra é feita. Se a obra é finita, e Deus, infinito, a obra só pode estar em Deus, abarcada por ele, e ele nela, como substância e como essência. O Universo total que, imenso, se arredonda como amplíssima esfera, é abarcado por Deus que está para todos os lados dela, e ainda entranhado nela, pelo que é ela. Por isso o Empíreo está no rumo da periferia do Universo, e o inferno, no seu centro. Mas tanto o Universo como o Empíreo que o circunda expressam Deus no seu aspecto imanente ou criacional. Por conseguinte, Deus é a Criação na mesma proporção em que Pigmalião é sua estátua que ficou viva por vontade de Vênus. Mas Pigmalião é muito mais que sua Galatéia viva, ou que todas as demais estátuas vivas que fizesse ou pensasse fazer. Depois de uma vida inteira de labor, ainda Pigmalião seria mais que toda sua obra. Assim também Deus é mais que toda a criação surgida no passado, que vige no presente, e que virá no futuro! Contudo a obra do homem é exterior a ele, e de substância tomada fora de si; mas sendo Deus infinito e único, não pode criar nada exterior a si, nem doutra substância que não a sua própria.

– Tornando da nossa digressão teológica à metacrítica de Kant, tornou Licas, temos aqui, no livro, isto: “O espaço não representa nenhuma propriedade das coisas, já consideradas em si mesmas, ou em suas relações entre si etc.”¹⁶⁶.

– Nego! O espaço representa a primeira propriedade, e por isso, necessária das coisas. Volume é a propriedade básica, necessária, essencial, sem a qual as coisas nos são inconcebíveis. Tente-se abstrá-la das coisas e estas se desvanecerão. Como o espaço é conceito número um, da nossa experiência sensível, ele forma o substrato para os outros conceitos, e é base de operação para todos os fenômenos. O espaço é a forma, a essência, o conceito que diz o que a coisa é.

Todavia, nem a capacidade de formar tudo está a priori, no espírito; pelo contrário, tudo o que aí se forma, inclusive a própria capacidade de formar, é a posteriori, isto é, procede da experiência. Nenhuma coisa é a priori; nem mesmo o é essa máquina pensante, que se torna apta a funcionar, e se desenvolve e aperfeiçoa através do mesmo funcionamento. E visto que Kant afirma ser o espaço uma intuição pura a priori, pergunto: quando se formou ela? Seria quando da formação do cérebro do feto, e antes da formação da massa branca que se constitui toda de fibras associativas? Posto que a cabeça dum recém-nascido possui o mesmo número de células nervosas existente na caixa craniana dum adulto, segue-se que o crescimento da cabeça resulta da expansão do cérebro pela formação da massa branca feita toda de fibras associativas. Conquanto esteja falando contra Kant, acho-lhe, no seu próprio cérebro, a prova do que afirmo. “No crânio de Kant na idade de 82 anos as suturas ainda eram móveis enquanto num microcéfalo se fundem já na adolescência”¹⁶⁷. Deste modo “o crânio humano pode, de acordo com a lei do exercício, aumentar de circunferência nos últimos decênios da vida. Tanto o crânio de Goethe como o de Gladstone cresceram mesmo depois dos 50 anos”¹⁶⁸. Quando é então que temos formada a intuição pura, a priori, de espaço? Seria quando ainda não há massa branca? Se o cérebro possui uma genética e uma história biológica e fisiológica, esta última ligada às experiências pelas quais cresce, como dizer que a intuição já existe pronta, pura, a priori, independente de qualquer experiência? Como é que se explica o surgimento em nós desta ciência infusa que nos faz saber, do mesmo modo como sabe o cérebro elétrico de um robô? Há dois modos de prejudicar o crescimento de um cérebro, fazendo-o que fique anão; uma é meter a cabeça da criança que o porta num capacete rígido, de modo que não cresça. As fibras, ao se formarem, exigem espaço, e se este não existe, o cérebro não cresce; o outro é privar a criança de toda e qualquer experiência, com lhe serem destruídos todos os sentidos possíveis. Será que tal cérebro, assim altamente prejudicado, possui a intuição a priori de espaço? Pelo visto, nem a construção da máquina pensante, nem ainda o modo de funcionamento dela são a priori. Isto quer dizer que os a prioris da razão são o a posteriori da biologia. As leis biológicas constroem a máquina cerebral, e esta, em funcionando, cria os a prioris, pelo caminho dos a posterioris. De modo que nossos conceitos dependem de como nossa máquina mental é organizada; e ela é organizada segundo leis e princípios biológicos que a plasmaram; estes princípios e leis plasmadores constituem o espírito. Quanto mais alto e complexo for este, mais alta e complexa será a máquina pensante que ele cria para servir-se dela no seu trabalho. Um gênio se diferencia dum idiota pelo cérebro; mas como o cérebro foi construído pelo espírito que dele se serve, segue-se que a diferença entre o gênio e o idiota está, primeiro, nos espíritos, e só depois, nos cérebros, e não como vice-versa se supõe.

– Ao nosso assunto de novo, sentenciou Licas. Aqui diz assim: “O tempo não é um conceito empírico derivado de experiência alguma, porque a simultaneidade ou a sucessão não seriam percebidas se a representação “a priori” do tempo não lhes servisse de fundamento. Só sob esta suposição podemos representar-nos que uma coisa seja ao mesmo tempo que outra (simultânea), ou em tempo diferente (sucessiva)”¹⁶⁹.

– Tempo, tornou Árago, é a duração do movimento de algo no espaço. A idéia de tempo se associa à de movimento ou de duração de um acontecimento. É uma extensão do conceito de espaço; alguma coisa se juntou ao espaço conferindo-lhe movimento. Sem espaço não há tempo, porque as coisas são espaços, em primeira instância, que se movem no espaço maior que os abarca; deste movimento de espaços no espaço surge o tempo como duração do movimento. O tempo é perfeitamente definível e até mensurável, pelo que é um conceito, e não, uma intuição; ou de outro modo: como o espaço é um conceito, e não, uma intuição pura ou a priori, segue-se que o tempo também o é, visto sustentar-se naquele. Do conceito de espaço surge o de tempo, como uma ampliação. E para o demonstrarmos, tenhamos presente, outra vez, o caso do recém-nascido. Ele percebe o movimento do vulto materno em seu quarto. O corpo móvel está em vários lugares do espaço. Ele se move devagar ou depressa, e no espírito do recém-nascido se vai formando um conceito de tempo que é a duração dos estados ou dos movimentos. O tempo, por

167 Fritz Kahn, O Corpo Humano, 1, 140

168 Fritz Kahn, O Corpo Humano, 1, 140

169 Kant, Crítica da Razão Pura, 39 e 40

consequente é um conceito empírico derivado da experiência, porque a simultaneidade ou sucessividade de dois acontecimentos podem ser percebidos, sobre o fundamento do espaço. O recém-nascido observa o acender de duas lâmpadas elétricas: primeiro ambas são acesas ao mesmo tempo, isto é, simultaneamente; em seguida são acesas uma após outra, quer dizer, sucessivamente. E é assim, pela experiência, que podemos nos representar que uma coisa é ao mesmo tempo que outra (simultâneo), ou em tempos diferentes (sucessivo). Logo, o tempo é uma intuição a posteriori.

– Então, mais isto, tornou Licas: “O tempo é uma representação necessária que serve de base a todas as intuições. Não se pode suprimir o tempo nos fenômenos em geral, ainda que se possa separar, muito bem, estes daquele. O tempo, pois, é dado “a priori”. Só nele é possível toda realidade dos fenômenos. Estes podem todos desaparecer; mas o tempo mesmo, como condição geral de sua possibilidade não pode ser suprimido”¹⁷⁰.

– Ponho isso nos meus termos: o tempo é uma representação necessária que serve de base a todos os conceitos e intuições. Não pode ser suprimido de nenhum fenômeno, pois é ele o que marca a duração de estado, de movimento, de transformação. O tempo é dado a posteriori, como o é o espaço, e, como este, é fundamental. Sem estes dois conceitos fundamentais é impossível a realidade de qualquer fenômeno. Se todos os fenômenos desaparecessem ficaria o conceito de tempo (quando este já se tiver formado), como campo de possibilidade para os fenômenos ocorrerem. Todavia, eis a questão: se um homem fosse criado desde o nascimento sem nenhum sentido exterior, nem mesmo o tato, nem mesmo a sensação de necessidade ou de saciedade, esse homem não poderia saber o que fosse o tempo. Porém, bastava que pudesse sentir o pulsar do próprio coração, e isso já lhe daria uma relação para formar um vago conceito de tempo. O tempo é uma unidade de medida necessária a todos os fenômenos; é conceito, a posteriori, e não intuição a priori, por isso que nasce da experiência, podendo, contudo, crescer ao infinito pela extensão do conceito. E tendo chegado ao infinito, torna-se uma intuição a posteriori. A eternidade seria a unidade temporal que globaliza e unifica em si todos os demais tempos. Do mesmo modo que a intuição de espaço infinito é extensão do conceito de espaço finito, também assim o é a eternidade, sem começo nem fim. O espaço e o tempo infinitos assim como Deus, não podem ser limitados pela consciência, isto é, definidos (traçar fines) pelo conceito, sendo, por conseguinte, intuições. O infinito é extensão do conceito de espaço; a eternidade o é do conceito de tempo; e Deus, o é do conceito de ser. Espaço, tempo e Ser assim totais não podem ser concebidos, nem contidos, nem percebidos, nem definidos pela razão. São intuições necessárias; conquanto aposteriorísticas, por serem extensões da experiência, do cognoscível. Se houvesse alguma intuição pura, a priori de tempo, esta seria achada no albor da consciência que está nos animais. Aqui bruxoleia a consciência e se ensaia para a vida do espírito.

E dando Árago por finda esta parte, prosseguiu Licas, com o texto de Kant:

– “Os diferentes tempos não são simultâneos, mas sucessivos (enquanto que espaços diferentes não são sucessivos mas sim, simultâneos)”¹⁷¹.

– Nego. Os espaços diferentes, considerados num mesmo tempo, são simultâneos; porém, se os considerarmos em tempos diferentes, são tão sucessivos como os tempos diferentes. O mesmo espaço em tempos diferentes não é o mesmo espaço, porque ele pode contrair-se ou expandir-se. Há quatro mil milhões de anos o universo físico estava reunido num ponto único, donde, agora, se afasta em todas as direções. Era o colosso primitivo de Alpher, Bethe e Gamov. Logo, o espaço é contrátil e expansivo. Ora, espaço contraído ao máximo não é idêntico a quando está expandido ao máximo, porque, nestes dois tempos, têm propriedades diferentes. O raio de curvatura espacial varia, e por isso os espaços considerados em tempos diferentes, são sucessivos e não simultâneos. “Todas as nossas linhas retas são parcelas da superfície curva da Terra, – são curvas geodésicas”¹⁷². Fazendo as linhas retas a curvatura geodésica do lugar, na Lua, a linha reta é mais curva do que se for considerada à superfície do Sol. Eis, então, que os espaços, considerados em lugares diferentes, ainda que num mesmo tempo, são diferentes, porque mais ou menos curvos. Somente as frações de espaço consideradas

170 Kant, Crítica da Razão Pura, 40

171 Kant, Crítica da Razão Pura, 40

172 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 22

num mesmo lugar, são simultâneas. Vejam vocês a que ficam reduzidos aqueles enunciados que Kant dá como sendo “princípios apodíticos”, ou “relações ou axiomas do tempo em geral”¹⁷³; esta certeza apodítica, axiomática, faz parrelha com aquela outra em que se fundamenta o postulado quinto de Euclides, que demonstrei ser falsa; se o não fosse, seria impossível as geometrias não euclidianas. O espaço que nos cerca não pode ser infinito, mas curvo e fechado em si mesmo, porque ele coexiste com a matéria do nosso universo, e esta não pode ser infinita. A sucessão de todos os universos possíveis, além do nosso; de todos os espaços tão fechados em si mesmo, como o nosso, todos cheios da energia-substância são o Deus-substância, visto que o não posso entender como princípio vazio, pura essência, pura idealidade formal. Logo, Euclides não tem razão, nem sua geometria é certa do ponto de vista metafísico, conquanto possa servir às miudezas humanas, no que concerne à diuturna e corriqueira prática. Porém, para as medições cósmicas, e para as construções filosóficas estará errada. Se a consciência de espaço é inata, a priori, intuitiva, como quer Kant, havia de ser uma só para todos os homens, visto fazer parte do mecanismo do conhecimento que nos é dado, a priori, ao nascer. Como é então que esta intuição pura a priori não é igual para todos os homens, donde haver surgido várias geometrias? Se tudo no Universo é circular, elíptico, esférico, lentiforme, curvo, enfim, por que haveria o espaço de ser plano para qualquer das três dimensões, como o entendem Euclides e Kant, e tanto que um e outro cuidaram fosse possível traçar no espaço retas paralelas? Se está provado pela astrofísica ser impossível haver reta, e toda reta é segmento duma curva, então a tal de intuição pura e apriorística kantiana está errada; e se o está, como terá validade tal intuição de espaço, como base de todos os fenômenos? É certo que se a base estiver viciada, todo o edifício padecerá do mesmo pecado original! Esta assertiva, sim, meus caros, é axiomática, apodítica, dissuasiva!

– Mas se o espaço é curvo, que haverá para além dessa curvatura? Interrogou Bruco.

– Ou há outros espaços de outros universos, com suas respectivas curvaturas, ou espaço ideal, sem correspondência material, objetiva; e sem esta correspondência, o que é só ideal, conforme o próprio Kant, é um nada igual aos cem “táleres ideais” que não se lhe encontravam no bolso. Por isso, para além da curvatura do Universo ou há o nada, ou há outros universos que nos são desconhecidos, porque suas luzes, fazendo a curvatura de seus sistemas, não chegam a nós. Igualmente as luzes de nosso universo não podem ir além da curvatura do nosso sistema. Suponhamos que um ser hipotético habitasse o interior de um átomo: ele concluiria que o átomo em que está é tudo, nada havendo para além dele. Assim, bem pode ser que nosso universo seja um átomo da cadeia de universos. Todos os “átomos” universais formariam as “moléculas” de que se constituiria uma “matéria”, e só assim se poderia chegar ao infinito espaço cheio da **energia-substância**. Os homens terrenos chegaram a produzir anti-partículas atômicas, elétrons positivos (positrons) e núcleos negativos (antiprótons). E então pensaram seja possível a anti-matéria com seu correspondente anti-universo. O nosso universo unido de algum modo a um anti-universo, seria como dois átomos formando uma molécula. Ou isto, ou para além do nosso espaço universal estará o **nada**, puro espaço subjetivo, ideal ou formal cuja realidade é como a dos “cem táleres ideais” de Kant. E um Deus sem substância infinita é um Deus ideal, subjetivo, vazio, inexistente, um não-ser. Tudo o que é, possui **forma e conteúdo** desde o elétron até Deus.

– Mas, perguntou Bruco, não poderíamos imaginar um projétil ideal capaz de andar em linha reta, como pensava Euclides ao postular o seu espaço?

– Podemos.

– Então, tornou Bruco, esse projétil sairia perpendicularmente à superfície da Terra, indo, sempre, na mesma direção, para o infinito; acaso em sua viagem, tal projétil não estaria cortando espaço?

– De fato, meu Bruco, nós podemos imaginar um projétil euclidiano e kantiano, capaz de cortar os espaços em linha reta, sem fazer a curvatura geodésica do nosso Universo. Porém, isso acontece, meu nego, porque a imaginação está livre das peias espaço-tempo, movendo-se nas dimensões próprias, que são as da consciência. Todavia, quando nos pomos a lucubrar sobre uma dada matéria, temos de abdicar da liberdade imaginativa, e nos sujeitar às contingências que a dada matéria impõe. É fácil imaginar um projétil balístico ideal que corte os espaços também ideais, em linha reta; contudo a realidade é que esse projétil, com ser material, fará a curvatura

geodésica do lugar, tornando ao ponto de partida. E se esta é a realidade, o que fugir daqui é sonho! Deste modo, o espaço vazio é o mesmo que nada. Além disso, o conceito de espaço total, infinito, transcende a nossa capacidade cognitiva. A mente que iniciou um processo, quer continuá-lo indefinidamente. Assim, os tempos sucessivos se hão de escalonar vindos da eternidade passada, e indo para a eternidade futura. A sucessividade dos espaços dentro dum espaço maior, leva-nos à idéia de infinito espacial para todos os lados. A idéia de causalidade nos faz remontar a Deus; e então u'a mente, como a de Kant, exige a causa de Deus, protestando contra a interrupção, aí, da cadeia de causalidade. No entanto, é axiomático que precisamos pôr um paradeiro à continuidade das exigências mentais, com uma Causa primeira, com uma Causa não causada, com um infinito, com um eterno. Entretanto, essas são intuições a que chegamos pela extensão final de nossos conceitos de ser, de espaço e de tempo. Não sabemos, todavia, o que signifiquem essas coisas que funcionam como palavras-chaves usadas para fechar as portas à indagação. Entendeu, Bruco?

– Entendi.

– Por isso, continuou o mestre, Pascal já dizia: “As qualidades excessivas são nossas inimigas, não as sentimos, sofremo-las”. E depois: “A simples comparação entre nós e o infinito nos acabrunha”¹⁷⁴.

Depois de uma pausa, prosseguiu o filósofo:

– A doutrina de Kant, para ser coerente, deveria partir de três intuições, e não somente de duas. Deveria considerar o Espaço, o Tempo e o Ser. Se fizesse isto, teria pé a sua metafísica. Pois se parte ele da intuição pura de espaço para construir a geometria, e da de tempo para edificar a física-matemática, por que não partiu também da intuição pura de ser, de eu cartesiano, para erigir a metafísica? Se não admite ele que a intuição de eternidade do tempo seja a posteriori, e resulte da experiência que nos mostra a sucessão do tempo objetivo; se não aceita que a intuição de espaço seja sintética, a posteriori, decorrente da experiência que temos dos vários espaços que nos circuitam; por que não disse também que o Ser é uma intuição pura, a priori? Se o espaço que nos rodeia sempre, é parte do espaço infinito que se nos apresenta como intuição pura; se o tempo que marca o ritmo dos acontecimentos vividos é fração do tempo eterno que se nos mostra, também, como intuição a priori; por que, logo, a certeza de que somos, de que existimos, não decorre da intuição a priori de Ser do qual fazemos parte? Acaso esta intuição do Ser supremo não existe já na mente do primitivo, do pré-homem macacóide? Como, logo, pretende Kant refutar a idéia de Ser, usando do falaz argumento de que Deus não pode ser o fim duma cadeia de causalidade interrompida? Quer ele, então, uma continuidade causal para Deus? Pois então exijo eu uma supra-eternidade que abarque o eterno, e um hiperinfinito que abranja e contenha em si o mesmo infinito !

– Mas o espaço e o tempo são intuições puras, Árago, obtemperou Bruco; e porque a intuição existe já, inata, em nossa inteligência, por isso mesmo está na raiz de todo desenvolvimento racional.

– Se são intuições o espaço e o tempo, por serem totais, e a prioris ou puras por já existirem pré-formadas em nosso espírito, por que não seria uma intuição a priori o Ser, que é o Espírito, o qual, por sua própria natureza, tem que ser necessário, infinito e eterno? Se a idéia do Ser por excelência desabrochou com a consciência humana, e existe já na mente do primitivo, como pode não ter saído ela da razão pura?

– Todavia, entende Kant, tornou Licas, que a noção de ser é posterior à de tempo e à de espaço, porque o ser é um fenômeno, que, por isso, implica tempo; e possui um corpo, com que vem a estar no espaço. Consequentemente a idéia de ser é a posteriori e não pura.

– E quem é que possui as intuições de espaço e de tempo?

– É o ser, o eu, ora... ora...; quem outro poderia ser?

–Então, meu caro Alcino Licas, se é no eu, no ser, que reside a intuição de espaço e de tempo, segue-se, necessariamente, que o ser, o eu, é anterior a essas intuições; portanto a idéia do ser, do eu, como queria Descartes, é a priori, e serve de substrato às intuições de espaço e de tempo. Se o espaço e o tempo são intuições puras, a prioris, o Ser é um nômene pré-intuicional. Se não existisse o eu, por isso mesmo não existiriam quaisquer intuições, donde vem que a

174 Clássicos Jackson, XII, 127 e 128

intuição pura de ser, necessariamente, tem primazia sobre as demais.

– Diz mais Kant, prosseguiu Alcino Licas, que tinha o livro nas mãos: “O tempo não é nenhum conceito discursivo ou, como se diz, em geral, mas uma forma pura da intuição sensível. Tempos diferentes não são senão partes de um mesmo tempo”¹⁷⁵.

– Se tempos diferentes são partes de um mesmo tempo, como chegar aos tempos maiores, senão pela soma dos menores? E se o tempo progride do menor para o maior, como dizer que o tempo não é conceito discursivo, que é o mesmo que progressivo? Neste caso nenhum fenômeno é conceito discursivo, visto serem partes de um acontecimento maior. O átimo, o segundo, o minuto, a hora, o dia, o mês, o ano, o século, o milênio..., os períodos, as idades, as eras, etc., não são partes de um tempo uno? Pois, então, pela mesma razão, os fenômenos cujas medidas são esses tempos, formam um todo unitário que é o Universo. Logo, nenhum fenômeno poderá ser um conceito discursivo, porque cada fenômeno é medido por um tempo seu. Assim, “os segundos-mosca são mais curtos que os segundos-homem. Para cada sistema e cada criatura, o metrônomo do tempo bate em outro compasso”¹⁷⁶. Mais: “Também o ser vivo vive no ritmo de tempo que corresponde ao seu sistema de referências. Ele vive rapidamente em mundos leves, e devagar em mundos pesados (...) No satélite de Sírius, um homem viveria mais vagarosamente, mas proporcionalmente mais tempo”¹⁷⁷. Mais isto: “Quando não se verificam acontecimentos, também não há seqüência temporal. O tempo é como a música. A fim de que ela exista é preciso tocar”¹⁷⁸. “Onde há repouso, o tempo pára, deixa de existir”¹⁷⁹.

E fechando os livros de que fizera as citações, concluiu o filósofo:

– Se cada fenômeno tem um tempo seu, quanto mais dilatado o fenômeno, mais largo há de ser o seu tempo; assim entendemos que o tempo-elétron está num extremo e o tempo-universo, no outro; porém, maior que o tempo-universo é a eternidade que pertence ao Ser; e porque o Ser não se move, e sendo infinito está em todo o lugar, não tendo mais para onde ir, por isso o tempo que lhe corresponde não transcorre, não anda... eternidade é tempo que não anda... Se, pois, num extremo pusermos a velocidade máxima que é de rotação do elétron, no outro havemos de pôr a velocidade mínima que é o repouso do Ser num tempo que é só seu, e por isso, eterno. Eis aí o máximo e o mínimo tempo, correspondendo, respectivamente, ao máximo e ao mínimo ser. O espaço e o tempo não são objetos que possam estar desvinculados do ser, porque lhe dizem respeito, mudam quando ele muda, e cessam de existir tanto no não-ser como no Ser.

– A seguir, continuou Licas: “A natureza infinita do tempo significa que toda quantidade determinada de tempo é somente possível pelas limitações de um único tempo que lhes serve de fundamento. Portanto, a representação primitiva do tempo deve ser dada como ilimitada”¹⁸⁰.

– Ora, replicou Árago, se “a representação primitiva do tempo deve ser dada como ilimitada”, então, primeiro se teve a intuição de eternidade para depois se pensar na duração do dia, no quanto tempo se leva para ir daqui lá no meu barraco da foz do Mandira. Uma criança pode sentir o pulsar do próprio coração, o ritmo do seu respirar, e isto já lhe pode dar uma idéia do tempo, muito longe de imaginar que o ritmo do seu pulsar e respirar é fração do tempo eterno do qual se deriva necessariamente. Ao contrário do que Kant pretende, o tempo é um conceito extensivo em que os pequenos ciclos fazem desenvolver os grandes, pois é impossível que o dia não se componha de horas, estas, de minutos e estes, de segundos. Nós não temos vivência da eternidade remota, senão, das coisas próximas, das horas, dos minutos em que nos aplicamos em fazer algo; quando muito pensamos nos anos da nossa vida que não chegam a um século. Se, pois, não houvesse o conceito de minuto, não se chegaria, discursivamente, à intuição a posteriori de eternidade. Eternidade, por conseguinte, é uma intuição empírica, e não, uma intuição pura, a priori.

– Agora, isto: “Os conceitos de mudança e de movimento (como mudança de lugar), só

175 Kant, Crítica da Razão Pura, 40 e 41

176 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 47

177 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 49

178 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 46

179 H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 56

180 Kant, Crítica da Razão Pura, 41

são possíveis por e na representação do tempo, e se essa representação não fosse uma intuição (interna) “a priori”, não poderia nenhum conceito, qualquer que fosse, tornar compreensível a possibilidade de uma mudança, quer dizer, a possibilidade de união de predicados opostos contraditórios em um só e mesmo objeto (por exemplo, que uma mesma coisa esteja e não esteja em um lugar)”¹⁸¹.

– O pecado original de Kant (*hic jacet lepus*) foi considerar que nossa primitiva e fundamental atitude diante do mundo e das coisas é a de pensar. No entanto, a atitude reflexiva do pensamento nem é primária, nem é fundamental, e antes, pelo contrário, é derivada e secundária. Nós estamos no mundo entre as coisas, e elas, em nossa vida. Sobre elas agimos, e com elas praticamos muitas ações. Com este tronco de árvore posso fazer um caíque; dessa palmeira como um coco verde, com a colher, depois de haver bebido, deste, a água. Com estas linhas faço uma rede, ponho-lhe as bóias de cortiça e pesos de chumbo. Ando pela praia, caço meus putingas com o buçal ou com o picarê. Mergulho sobre um parcel, de nadadeiras, máscara e arpão, em busca de algum mero ou garoupa. De repente, dou de cara com um cação curioso que me estuda, tendo-lhe eu de dar um cotucão no focinho. Ainda aos sobressaltos, saio d’água, sento-me no caíque e me ponho a refletir: que é o tubarão? Só agora me dou conta de que estou pensando. Ao agir sobre as coisas encontro-lhes resistência, e me pergunto: que é isto? Este pau não serve para fazer canoa; por que? Que é o coqueiro? Que são os camarões e os siris? Quais as essências destas coisas que toco, que pego, que como? A atitude reflexiva não é primária, nem fundamental, e antes se deriva da minha vida de fazer coisas, de agir sobre elas, e de lhes sofrer a resistência que me impede de alcançar os meus fins. As coisas se resolvem agora em problemas, e por isso penso sobre elas; todavia, quando não me são problemas, ajo sem pensar, e até tenho o pensamento posto noutros assuntos que não os misteres que executo. Os animais, sobretudo os inferiores, não pensam e, contudo, vivem, pelo que a vida está cheia de quefazeres para todos, e não de lucubrações. Dito isto, seguiu-se uma pausa. Depois de algum tempo de reflexões, prosseguiu o pensador:

– Todavia, Kant supõe seja a atividade de conhecer a primeira da vida. Daí o afirmar ser preciso uma intuição a priori de tempo eterno, para compreender os fenômenos de movimento. Atentem, agora, para isto que me acudiu à mente neste instante:

– Suponhamos que um pássaro, porque novo, ainda não tem intuição de tempo eterno. Mas, de seu galho, vê o caçador mover-se de um lado para outro. Antes estava ali, e agora, lá. Carente, como é, da intuição do tempo eterno, o pássaro não pode entender o que está sucedendo. Antes o perigo estava ali, e, por isso, o pássaro atenta para ali; depois o caçador moveu-se para achar melhor posição de tiro, e o pássaro, apesar de ter acompanhado o movimento com os olhos, não sabe mais nada, porque não possui intuição de tempo eterno. Percebendo esta ignorância da ave, o caçador resolve pegá-la. E com este intento chega-se cada vez mais, de vagarinho, e zaz, pega-a pelos pés. Não é assim que sempre acontece, prezado Licas?

– Que nada! Quem tentar isto verá que o pássaro voa!

– Por que voa?

– Ora, por que !... voa porque entende muito bem o perigo a que se expõe.

– Como entende? Kant não disse que qualquer tempo procede do maior, por derivação? Neste caso, ou o pássaro tem intuição pura de eternidade, ou não poderá compreender que o caçador se moveu. Sem esta intuição (interna) a priori, não poderia o pássaro conceber a possibilidade de mudança, pela qual o caçador está e não está no mesmo lugar. Estava ali, e já, agora, não está mais ali, e sim, lá. A ave, para tomar a decisão de fugir, de voar, precisaria entender o que está acontecendo. Entretanto, ela não pode entender nada, visto carecer da intuição pura de eternidade, da qual decorrem todos fenômenos de movimento com seus respectivos tempos. Então, como o pássaro não entende, não foge, e o caçador pode pegá-lo pelos pés, se o galho em que estiver pousado for baixo. Partindo da necessidade da existência da intuição a priori para a compreensão de quaisquer movimentos, pude deduzir, como o faria Hegel, que o pássaro não pode fugir às aproximações do caçador. Está certo isto, Licas?

– Claro que está, digo, o raciocínio esta. Não obstante, todos sabemos, por experiência

¹⁸¹ Kant, *Crítica da Razão Pura*, 41 e 42

própria, que o pássaro compreende muito bem os acontecimentos e foge, se o caçador se aproximar muito dele.

Logo, a sucessão de tempo, a sucessão de pontos no espaço, por onde o caçador andou, pode ser entendido pelo pássaro?

– Pode.

– Então a ave, como o homem, possui intuição pura, a priori, de tempo ilimitado, ou seja de eternidade?

– A ser verdade o que afirma Kant, possui!

– Ora, meu prezado Licas! O pássaro sabe o que é o tempo, porém, do modo como o sabia Santo Agostinho que declara: “se não me perguntam o que é o tempo, eu sei o que é o tempo, mas se me perguntam o que é o tempo, eu não sei o que é o tempo”¹⁸². Eis que, como Santo Agostinho, todos nós, todos os animais, sabemos o que seja o tempo como uso, como vivência dos fenômenos, porque esta é a atitude primária, fundamental e necessária da vida. No entanto, quando se pergunta: que é o tempo? neste ponto o tempo se torna problema e exige a reflexão em que se perdia até Santo Agostinho. Esta atitude que interroga: que é? é desnecessária para a vida; é secundária, e não, primária; derivada, e não, fundamental.

E pegando o mestre de um livro de Fritz Kahn, abriu-o no lugar de u’ a marca, ao tempo em que ia dizendo:

– As águias quebram as cascas às tartarugas, fazendo-as despenhar-se de grande altura sobre rochedos, “– o que já era sabido pelos gregos da antiguidade. Aristófanes, o ferino maldizente, não se limitou a pôr Sócrates nas nuvens; também caricaturou Esquilo, fazendo-o morrer nas praias da Sicília, enquanto contemplava o mar, num êxtase poético: uma águia, tomando das alturas a calva do grande trágico por um penhasco, deixou cair nela uma tartaruga”¹⁸³. Ora, meus caros, para a execução deste ato inteligente, preciso é agudo senso de tempo e de espaço sobre que se fundem estas coordenações de movimento de alta precisão; todavia a águia, como Santo Agostinho, não pode saber o que seja o tempo como problema, e muito menos, em que consista a eternidade. Logo, este senso agudo de tempo e de espaço, só pode ter nascido da experiência, e nunca, de uma intuição pura, a priori, de eternidade e de infinito. “As sibas são como os símios, os únicos animais que fazem alguma coisa do que é própria e especificamente humano; isto é: sabem usar instrumentos. A siba apanha uma pedra chata, aproxima-se traiçoeiramente dum marisco, enfia fulmineamente a pedra entre as valvas e suga o animal reduzido astuciosamente à impotência”¹⁸⁴. Mas as sibas não são os únicos animais que fazem isto. Tenho lido, do próprio Fritz Kahn, a respeito de uma espécie de caranguejo que segura nas tenazes dois molhos de actínias, e com elas ameaça o inimigo, como o faria um homem com dois archotes¹⁸⁵. A precisão destes atos da siba e do caranguejo, a coordenação motora que eles exigem, implica numa “consciência” de tempo e de espaço. Todavia, move-me a riso ver que Kant possa pensar que a siba e o caranguejo tenham intuições puras, a priori, de eternidade e de infinito, visto como, segundo ele, só destas duas intuições se podem derivar os conceitos de espaço e de tempo. A siba, munindo-se da pedra, aproxima-se, devagar, da sua presa; depois, rapidamente, lhe mete a pedra entre as conchas. Eis aí a noção de tempo devagar e depressa associada à idéia de espaço, de distância. Longe da presa, movimento vagaroso de aproximação; perto dela, movimento rápido da introdução da pedra entre as valvas. Tudo isto não é experiência sensível executada por um ser carente de cérebro? Não é daqui, todavia, que provém a idéia de tempo? Logo, tempo é um conceito empírico, e não uma intuição pura, a priori, derivada do tempo ilimitado ou eternidade.

– Continuemos, anunciou Licas: “O tempo não subsiste por si mesmo, nem pertence às coisas como determinação objetiva que permaneça na coisa mesma, uma vez abstraída todas as condições subjetivas de sua intuição”¹⁸⁶.

– Isso agora está certo, porque o tempo é uma relação, e a relação está no espírito que

182 Pe. Orlando Vilela, *Iniciação Filosófica*, 4

183 Fritz Kahn, *O Livro da Natureza*, II, 363

184 Fritz Kahn, *O Livro da Natureza*, II, 227

185 Fritz Kahn, *O Livro da Natureza*, II, 314

186 Kant, *Crítica da Razão Pura*, 42

observa, e não nas coisas. O tempo é a forma do fenômeno, e o movimento é o seu conteúdo. A forma, como é idealidade, pertence ao subjetivo. Mas fora está o movimento a que o tempo-formal corresponde. Fora de nós está o movimento que é o fato objetivo; dentro, está a relação do movimento que é o fato subjetivo, que é o modo como o sujeito interpreta o objeto exterior. Mas não é certo que esta forma de intuição interna possa ser representada anteriormente a qualquer experiência de movimento, e, por conseguinte, a priori; isto não. As primeiras experiências do ser formam estes primeiros conceitos de tempo os quais estarão como intuições que só serão a priori em relação às experiências futuras. Não serão, todavia, intuições puras, e sim, empíricas conquanto a priori, como é o caso da previsão de que a casa cairá, se lhe solaparmos as bases, para usar um exemplo do próprio Kant.

– E continuou Licas: “O tempo é a forma do sentido interno, quer dizer, da intuição de nós outros mesmos e de nosso estado interior. (...) E como esta intuição interior não forma figura alguma, procuramos suprir esta falta pela analogia e representamos a sucessão do tempo por uma linha prolongável até o infinito, cujas diversas partes constituem uma série de uma só dimensão, e derivamos das propriedades desta linha todas as do tempo etc.”¹⁸⁷.

– Está certo. Só que em lugar de intuição, eu poria conceito; no mais deixaria o texto como está redigido.

E prosseguiu Licas com o seu Kant:

– “O tempo é a condição formal “a priori” de todos os fenômenos em geral”¹⁸⁸.

– Nego isto, e afirmo: o tempo é a condição formal, a posteriori, gerado pelas primeiras experiências do recém-nascido; só funciona como condição formal a priori, em relação aos fenômenos futuros que, por isto, podem ser previstos. Trata-se, pois, de um juízo sintético a priori, quer dizer: um conceito nascido da experiência, porém com validade antecipada para todos os fenômenos ainda não ocorridos. O espaço é o lugar ou a condição primeira dos acontecimentos; estes têm lugar no espaço e se relacionam pelo tempo. No ponto em que o recém-nascido enxerga o mundo exterior, esse mundo refletido no seu íntimo se chama espaço; no ponto em que coisas se movem no mundo exterior, também se movem no mundo subjetivo; até aqui está a intuição sensível do recém-nascido. Mas a criança observa que os movimentos dos corpos no espaço, ora são lentos, ora rápidos, ora constantes, ora uniformemente acelerados, ora uniformemente retardados, ora irregulares. Repara que quando um corpo se desloca em direção a outro, se o movimento for lento, dura mais de quando o movimento é rápido. E assim nasce o sentido de relação do movimento ou tempo. Não há, tempo objetivo, porque ele é relação, e esta, nunca está fora de nós, mas em nosso espírito. Já o espaço, esse sim existe subjetivamente ao mesmo tempo que objetivamente. O reflexo do mundo exterior no espírito que o sente, é a intuição sensível de espaço; o reflexo do corpo em movimento no mundo exterior, é de que se deriva a relação de tempo.

E dizendo isto, Árago levantou-se da cadeira, e dirigindo-se para a lousa, foi dizendo, ao tempo em que andava:

– Apertemos mais !

E pegando do giz, mostrou-o para os companheiros, exclamando:

– Acompanhem-me os raciocínios! O tempo é uma relação, dí-lo o próprio Kant. Logo, pode ser expresso por esta fórmula em que “t” é tempo, “e”, espaço e “v”, velocidade:

$$t = \frac{e}{v} : v = \frac{e}{t} : e = t \cdot v$$

– Quer dizer que o tempo é diretamente proporcional ao espaço, e inversamente proporcional à velocidade, conforme podemos verificar pela primeira expressão da fórmula. Mas, diz Kant que esta relação é uma intuição pura, a priori, e não procedente da experiência; ele quer dizer que esta intuição já se acha estruturada no mecanismo do espírito, servindo de base

187 Kant, Crítica da Razão Pura, 42 e 43

188 Kant, Crítica da Razão Pura, 43

a todos os demais conhecimentos empíricos. Diz mais que este tempo intuitivo é o ilimitado, do qual todos os demais tempos são partes ou frações. Mas, se o tempo é uma relação, e sua intuição é de eternidade, podemos fazer o seguinte raciocínio: sendo o espaço igual ao produto da velocidade pelo tempo, quanto mais cresce a velocidade mais se encurta o tempo, e, vice-versa, quanto maior for o tempo, tanto menor será a velocidade. Se eu for daqui até onde estão vocês, gasto certo tempo; mas se o faço várias vezes e em velocidade cada vez maior, cada vez mais o tempo se encurta; se a velocidade se fizer infinita, serei onipresente em todos os pontos do trajeto que me leva aí. Se, por conseguinte, a velocidade se fizer infinita o tempo ficará zero. Pela recíproca, se cada vez que vou daqui aí, o faço com menor velocidade, cada vez gasto mais tempo. Quando a velocidade for nula, o tempo fica infinito. O movimento parou. A idéia de eternidade, que é a ilimitação temporal, coincide com a ausência de movimento e não com o tempo sucessivamente sem fim. Foi pensando deste jeito que Aristóteles, partindo do conceito de movimento relativo e variável, pôde chegar à idéia de motor imóvel na eternidade que é Deus. Posto isto em fórmula temos:

$$e = t \cdot v : e = t^{\infty} \cdot v^0 : e = t^0 \cdot v^{\infty}$$

E feita uma pausa para a coordenação de idéias, prosseguiu o mestre:

– É assim que se compreende que a velocidade de rotação do elétron é igual a da luz, e sua velocidade dá-lhe corpo vorticoso, e a velocidade dele em redor do núcleo atômico, fá-lo a ele quase onipresente em todos os pontos da sua trajetória. Conquanto a velocidade orbitária do elétron não seja infinita, sua trajetória é um anel. Se o elétron, por pequeno que é, está próximo do não-ser, e sua velocidade é máxima; no extremo oposto ao deste quase não-ser está o Ser, que é Deus. Se no não-ser, a velocidade é infinita, e o tempo zero, na sua contraditória, na sua adversativa que é o Ser por excelência, a velocidade é zero e o tempo eterno. Deus possui o tempo eterno porque não se move; ele é imutável, dominando tudo por onipresença e não por deslocação. Estando em toda parte, com ser infinito, não precisa ir-se para parte nenhuma. Eis dois modos opostos de acabar com o tempo; pode-se vencê-lo pela velocidade ou pelo repouso. Em Deus não há tempo, porque estando ele imóvel não tem duração; não sendo ele um fenômeno, não tem transcorrer; sendo ele perfeito (actus purus) não tem mudar. Este não-tempo alcançado pelo repouso absoluto é a eternidade. Já o elétron, no extremo oposto ao do Ser, tende a anular o tempo pela velocidade. Se houvesse o não-ser total, nesse não haveria tempo, porque, sendo de velocidade infinita, também não teria duração; sendo potência pura, loucamente buscaria realizar-se em ato; mudaria ele muito porque não “é”, e buscaria “ser”, sendo este não-tempo seu, a anti-eternidade. Eis como Deus é parodiado pelo seu contrário: Deus “é” estando parado; o anti-Deus, para “ser” precisaria mover-se febricitantemente, e quanto menos “é” mais correria, até chegar também ao não-tempo anti-eterno que se opõe, polarmente, à eternidade. Aqui está, meus caros, como de conhecimentos empíricos se pode chegar a verdades metafísicas e teleológicas.

E depois de meditar um pouco prosseguiu:

– Todavia, tornemo-nos ao que diz Kant. Ele afirma, primeiro, que o tempo é uma intuição pura, a priori; segundo que esta intuição, e não, conceito, é a ilimitação temporal, que não pode ser senão a eternidade. Se o tempo é eterno, ele só pode coexistir com a imobilidade, ou imutabilidade de Deus. Eis como Kant poderia fundar sua teologia dentro da “Crítica da Razão Pura”. Isto evitaria precisar alicerçar seu sistema teológico na necessidade de recompensa, disto, derivando a necessidade de sobrevivência da alma, e perpetuidade da vida do espírito, o que fez rir a Schopenhauer. Se, como viram, partindo do empirismo, pude formular o conceito de eternidade para Deus e de anti-eternidade para o não-ser ou demônio, na sua forma mais extrema, quanto mais fácil não o seria se a intuição de tempo fosse inata por constar do mecanismo do meu conhecimento pré-existente em mim? Mas como pode pré-existir esta intuição a priori, de tempo, no espírito, se ela é relação? Se é relação, só pode existir depois do ato de relacionar, isto é, depois da experiência. Não nego que as verdades eternas já existem, prontas, algures, antes que qualquer mente humana a descubra; e acho, como Platão o entende, que este descobrir é como um recordar; logo a relação preexiste no espírito que a descobriu.

Porém isto é para qualquer relação, e não, somente para a de tempo. As verdades existem impressas no Universo que contém o mundo, as coisas e eu; e como o espírito reflete em si o mundo e as coisas, por isso, tais verdades estão também nele por causa desta reflexão; todavia, para o descobridor, as relações só existem depois de descobertas. É por isso que nossos conceitos se ampliam e melhoram, fazendo envolver a consciência. E ela cresce rumo a Deus; e cresce pelo empirismo que possibilita a descoberta de relações as quais são válidas para além do campo da experiência objetiva. Por isso “a ciência procura reunir os fatos em feixes, mediante leis científicas; tais leis, mais do que os fatos originais, são a matéria bruta da filosofia”¹⁸⁹. “A filosofia é, assim, uma atividade contínua, e não algo que possamos atingir, de uma vez por todas; (...) a verdade final pertence ao céu, e não a este mundo”¹⁹⁰. Descoberta portanto, uma relação, ela funciona em toda a linha, desde o não-ser ao Ser, como o demonstram estas fórmulas aqui, que pus na lousa. É este o objeto da filosofia; fazer trabalhar as verdades científicas fora do campo de pesquisa experimental, no puro domínio da metafísica. Da física é que há de sair a metafísica para o filósofo moderno, conforme com a etimologia do termo, e não o contrário, como sempre foi, até o advento das ciências.

– Entendo, disse Bruco, que Kant, quando fala de tempo eterno, refere-se a um tempo que transcorre como medida dalguma coisa que se move ou se transforma, e não a um tempo resultante da cessação total de qualquer movimento. Mesmo que não se possa pensar nas coisas como em movimento ou transformação, temos de pensá-las como algum estado que tem começo e tem fim, pelo que chamamos a esse lapso de tempo, vida da coisa. A ilimitação temporal ou eternidade para Kant é a sucessão dos outros tempos; ou de outro modo: qualquer tempo é fiação do tempo eterno sem começo nem fim.

– Está bem Bruco, tornou o mestre. Se a eternidade fosse temporalidade sucessiva sem começo nem fim, que até se pode representar por uma linha que vem do infinito passado, e vai para o infinito futuro, se fosse assim, teríamos esta consequência imediata: o movimento é eterno. Porque o tempo nasce do movimento; e sendo o movimento sem começo nem fim, seu tempo fica eterno. Ora, o movimento decorre da imperfeição, porquanto o que se move, o faz para buscar outra situação ou estado que não o em que se acha. O que é perfeito não se muda para melhor, porque não há melhoria depois da perfeição; não se muda para pior, porque seria isto degradar-se. Deus não pode ir para melhor, nem degradar-se; logo, nele não pode haver nem deslocamento, porque é infinito, nem transformação porque imutável e perfeito. Então sua eternidade é repouso, imobilidade que resulta do não-movimento. Todavia, fazendo-se, como quer Kant, a eternidade proceder dum movimento sem começo nem fim, segue-se que o mesmo movimento fica eterno; e como é o movimento índice de imperfeição, Deus fica imperfeito, visto que o mesmo Deus se move, ou seja de um lugar para outro, com que não é infinito, seja porque se transforma, com que não é imutavelmente perfeito. Porém, é de absoluta necessidade que Deus seja imóvel e imutável, como suprema Lei que é de todas as coisas. Se Deus se move, é imperfeito; e como é a Lei de tudo, e Lei imutável, tudo o mais cai no caos. Que construção seria possível sobre bases eternamente movediças? Todavia, apesar de algum caos restrito, há a Ordem e a Harmonia gerais. Então a Lei e a Ordem são imutáveis e fixas. Por conseguinte Deus não se move e é imutável. Logo, a eternidade em que ele se acha, é a do repouso, da imobilidade, e não o do movimento sem começo nem fim. Por conseguinte, a relação expressa pela minha fórmula está correta, e a intuição pura, kantiana, de eternidade, errada.

E tendo meditado certo tempo, prosseguiu o filósofo:

– Eu disse que a eternidade está em Deus no qual o tempo não flui por causa da imobilidade sua. Em Deus não há tempo, porque este diz respeito a fenômeno, e Deus não é fenômeno. Se fosse Deus fenômeno, e estivesse medido pelo tempo, estaria sujeito ou a deslocamentos no espaço, com o que não seria infinito, ou a transformações no tempo, com o que não seria imutável ou perfeito. Depois de Deus, vem o Universo que é o fenômeno de tempo máximo, sem ser eterno. Dentro desse tempo que nos é máximo, em que o fenômeno Universo se realiza, todos os outros fenômenos e realizações menores têm sua vez. Dentro desta unidade temporal máxima, porém finita, tem lugar todos os outros tempos, numa escala decrescente, cujo

189 Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 8

190 Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 9 e 10

extremo é o tempo eletrônico. O elétron é um pequeno turbilhão etéreo, cuja existência se deve ao movimento de rotação velocíssimo. O elétron é um efeito ocorrido no meio etéreo, e se ele se abre, e se desvanece em ondas, a matéria que ele representa ter-se-á transformado em energia.

– Mas o elétron é uma coisa real, interrogou Benedito Bruco, é um objeto material, ou é apenas um efeito, como o senhor diz?

– Entendam isto primeiro: nos Estados Unidos são comuns os ciclones. Um vortilhão desses formado no Golfo do México pode varrer tudo, indo para o norte. O que se desloca do Golfo para o norte não é o ar do Golfo, mas o efeito-ciclone. O ar, após ser movimentado no corpo do vórtice, é expelido, para que outro ar o substitua. Deste modo o ar fica no lugar e só o efeito se desloca. Ora, sendo o elétron um ultra-micro-ciclone, temos que sua órbita, ao redor do núcleo atômico, é apenas a trajetória ao longo da qual o efeito-elétron se desloca. Quer dizer que não é uma determinada porção do meio etéreo que se desloca ao redor do núcleo atômico preso a uma formação vorticiosa; é o efeito-elétron que vai envolvendo o meio etéreo, fazendo-o girar, para ser abandonado a fim de assimilar outro. É assim que, sucessivamente, o efeito, e não o éter, se desloca ao redor do núcleo. Este efeito-elétron, já de si filho da velocidade rotatória em torno de um eixo de forças, translada-se na órbita eletrônica com tal velocidade que se torna como um anel rodopiante. Imaginem o elétron ampliado até às proporções do ciclone norte-americano de que falei há pouco. Imaginem que esse ciclone é como que onipresente em todos os pontos de sua trajetória. Toda a zona norte do Golfo estaria então sob a tormenta dum cordão turbilhonário. Entenderam? Pois é mais ou menos assim que temos de conceber a órbita eletrônica ao redor do núcleo atômico. O efeito vorticioso eletrônico percorre sua órbita, estando em quase todos os pontos dela. Quer dizer que a substância da matéria é o movimento. O “ente” aqui significa velocidade. O conceito de rigidez e impenetrabilidade da matéria é tão ilusório como o cinematógrafo. Do mesmo modo como nossa vista se ilude, no cinema, por causa da inércia visual, também se ilude nosso tato cuidando ser solidez aquilo que é puro movimento. Ao ponto agora:

– Se a velocidade, assim compreendida, raia pelo infinito, o tempo do fenômeno eletrônico tende para zero. Eis aí o movimento máximo e mínimo expresso por minha fórmula aqui na lousa. E cabe na cabeça de vocês, como coube na de Kant, que este tempo máximo, o do Universo, e mais que este ainda, o eterno de Deus, seja uma fundamental intuição, a priori, que temos, sobre a qual se alicerçam todos os demais fenômenos, cada um com seu tempo próprio? Se o tempo do Universo é o máximo, porque depois dele vem o eterno de Deus que tudo abarca na sua unidade imóvel, sem começo nem fim, é possível aceitar que esta acrologia que nos causa cansaço e sofrimento pensar, seja o primeiro alicerce que temos para conceituar todos os demais tempos, como medida dos fenômenos? O conceito de tempo existe numa criança, porém não existe a intuição de ilimitação temporal ou eternidade, como base apriorística de todos os fenômenos, como quer Kant.

E finda uma pausa, feita para a coordenação de novas idéias, continuou Árago:

– Recapitulemos para gravar bem, tudo o quanto hemos dito: a intuição de eternidade, como vimos, coexiste com a imobilidade própria de Deus. Deus é imutável porque não muda nem se move; é eterno porque não é fenômeno, e por isso não se transforma, e o tempo que marca o começo e o fim de um acontecimento, não pode medir o que não teve começo nem terá fim. O tempo eterno não é tempo, porque qualquer tempo, sem exceção, mede a duração dum fenômeno, e Deus não é fenômeno pelo que não tem duração, visto que, na eternidade, o movimento é parado. Deus não se move porque, sendo infinito, não tem para onde ir, e como tal, domina tudo pela onipresença da Lei que é, em si, como transcendência, ao passo que o Ser da Criação, é-lhe pura imanência. Esta imanência com que Deus está no criado e lhe dá o ser, é a essência ou lei das coisas. Tudo o que é só pode ser graças à lei da sua existência. Assim Deus, na sua imobilidade eterna, é onipresente por plenitude, no mesmo ponto que o não-ser, porque não é, apresenta-se como absoluta carência e pobreza. O elétron para “ser” tem de mover-se febricitante; o “ser” da matéria se deve à corrida louca com que o elétron enche consigo a sua órbita ao redor do núcleo; para que a matéria exista é preciso que o elétron rode sobre si, inflando-se de éter, e depois corra e se torne quase que onipresente em todos os pontos da sua trajetória; o elétron tem que se inflar pela velocidade, e depois tem que se multiplicar por

sucessão de si mesmo, enchendo consigo sua órbita. Nada é mais mutável e móvel que o elétron; nada tão veloz, e, por isso, de tempo tão reduzido; nada tão fugaz, efêmero e quase nulo. Por isso ele é a oposição de Deus, o último estado de desintegração a que pode chegar uma criatura que se mantenha em perpétua rebeldia e negação. Lá, no extremo oposto ao do não-ser, está o Ser que é Deus, imutável, imóvel, eterno, infinito, onipresente como Lei que é, único representante e mantenedor da ordem, da harmonia, da beleza e do bem. Ele é a grande Unidade que constitui a Essência última de todas as coisas, o que as coisas são em si, e das profundezas onde se oculta como Lei que é, forja o elétron, o átomo, a molécula, o vírus cristalino, o bacilo, a célula, o neurônio, o cérebro humano, o artista, o gênio, o anjo, o serafim que se mostra incendiado do divino amor. Deus irradia o seu amor que é a gravitação do plano consciencial, fazendo mover-se tudo – elétrons, mundos, sóis, querubins. E quanto mais se é, tanto menos se precisa correr. Correria é indício seguro de inferioridade; o sábio não corre... e ri-se dos que não podem permanecer quedos! É de Satanás aquela máxima que diz: “time is money”! Lá no extremo limite da matéria, o demônio-elétron, para existir, tem de construir-se com e pela velocidade. O diabo, não tem tempo porque corre, e quanto mais corre menos tempo tem; contudo corre para manter-se, para ser. Ele está condenado ao inferno do não-tempo, e quanto mais desce na escala do ser, mais sua velocidade aumenta; e quando há chegado à velocidade da luz, então explode em ondas que se abrem no espaço, para irem constituir outras formações que sobem do Caos. Deus se há por fim negado no íntimo do rebelde, e ele pereceu por desintegração no seio do Caos, ao ter chegado à velocidade-limite. O salário do pecado é a morte (Rom 6,23); pecado é a fuga da Lei e da Ordem para o reino cada vez mais infernal da velocidade; e onde ela se torna infinita, o tempo se acaba, e com este morre o ser por explosão... Porque o Ser total coincide com a eternidade, por isso o não-ser coincide com o não-tempo!... Está certo tudo isto, Bruco?

– Está! e que beleza!...

– E a isto não cheguei partindo da fórmula empírica que tenho aqui na lousa? Como é, então, que nos vem Kant dizer que não se pode chegar à idéia de Deus pela razão pura? Acaso é possível olvidar a existência destes dois extremos a que o empirismo nos leva? Agora, meu Chilon, você já pode entender a causa por que me chamam excêntrico! E o sou, de fato, porque desprezo a riqueza, o poder e a glória que a todos fascinam. É que tudo isso é inferior ao que trago aqui comigo, e me mantenho imóvel para ser penetrante, e rico, e forte como pensamento puro. Mudando o cogito de Descartes, posso dizer, por minha vez: penso, logo, sou afortunado! Porque nenhuma riqueza, e poder, e glória se compara a esta de se poder pensar... de ser a gente pensador! À-toa não foi que “São Tomás, quando tenta imaginar ou ver ou intuir em que deva constituir a bem-aventurança dos santos, não encontra outra atividade senão a mesma de Aristóteles: os santos são bem-aventurados porque contemplam a verdade, porque contemplam a Deus. Como Deus é pensamento puro, contemplam o pensamento puro e vivem eternamente nas zonas do puro pensar”¹⁹¹. Não gozam desta contemplação metafísica só os eleitos, no céu, senão que também a gozam os filósofos, mesmo quando ainda sobre a terra. Mas no céu há mais: lá se junta ainda a esta contemplação, a mística que é a do amor divino, conhecida pelos santos desde aqui da Terra.

E continuando em pé, próximo à lousa, porém voltado para os assistentes, prosseguiu o pensador:

– Mas repisemos inda mais o ponto para fixá-lo bem. Diz Kant, referindo-se ao tempo: “E como esta intuição interior não forma figura alguma, procuramos suprir esta falta pela analogia e representamos a sucessão do tempo por uma linha prolongável até o infinito, cujas diversas partes constituem uma série de uma só dimensão, e derivamos das propriedades desta linha todas as do tempo, excetuando só uma, a saber: que as partes das linhas são simultâneas, enquanto que as do tempo são sempre sucessivas”¹⁹². Responda-me então Licas: neste caso, a eternidade é a sucessão infinita do tempo?

– É ... segundo o pensar de Kant, é.

– E você concebe tempo, sem acontecimentos? Sem fenômenos?

– Não. Tempo e acontecimentos são correlatos, não existindo um sem o outro.

191 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 110

192 Kant, Crítica da Razão Pura, 43

– E se é sucessão de acontecimentos, quando se iniciou o processo? Quando é que nasceu o tempo pelo acontecer das coisas?

– O tempo não teve começo nem terá fim, segundo Kant.

– Então o mundo fenomênico e relativo, o mundo do vir-a-ser puro de Heráclito é tão eterno como o próprio Criador. Deus e o Universo coexistem lado a lado sem que um tenha criado o outro, porque criação é ato que implica a idéia de começo e de fim. Logo, Deus se torna uma hipótese desnecessária, visto que a Criação se basta a si mesma, existindo desde toda a eternidade em perpétua mutação e mudança, em perpétuo devir. Então, porque o tempo é eterno, Deus é a Criação. Porém, a Criação é devir ou vir-a-ser puro; logo Deus é o devir ou tornar-se puro. Todavia, o devir é o não-ser, porque nunca é, por estar a caminho do ser, conforme o afirmam Platão e Parmênides. Logo, o não-ser é Deus. A Criação que, neste caso, é Deus, está em contínua mudança e transformação; mas tudo o que muda, o faz para melhorar ou para piorar; se é para piorar, há de ter um limite que é o Caos; e se é para melhorar há de ter um fim também que é a perfeição. Se chega à perfeição, pára; e se pára, o movimento cessa; cessado o movimento, que é, então, do tempo que se funda nele, e marca o fluir dos fenômenos? O único jeito de não ter fim, é dizer com Nietzsche que a Criação chega à perfeição para depois cair no Caos, e cai no Caos para depois subir à perfeição, em eterno e vicioso ciclo, como Sísifo a rolar sua pedra morro acima, para ter o desgosto de vê-la despenhar-se no abismo outra vez. Ou então é dizer que a perfeição é inatingível, visto que o melhorar nunca cessa. Há sempre uma nova perfeição a ser atingida, a qual, uma vez superada, se desloca para frente. Então o Deus-Criação não é perfeito e todo o seu labor consiste em aperfeiçoar-se por toda a eternidade. Porque o tempo de Kant é eterno, por isso, como vimos, Deus é a Criação; esse Deus-Criação não é o Ser puro de Parmênides-Platão, mas, o vir-a-ser de Heráclito. Como o vir-a-ser não é o Ser, segue-se que o Deus-Criação é o não-ser imperfeito, pura recorrência eterna nietzscheana. Ainda que se diga que o Ser ou Deus existe separado da Criação, como esta é eterna, coexiste com Deus, sem contudo ser obra sua. Deus se torna então, desnecessário, porque a Criação coexiste com ele, em vez de subsistir a ele. Sendo eterna, como Deus, a Criação não depende de Deus. Tudo isto acontece inexoravelmente, se dissermos, com Kant, que o tempo fenomênico é eterno.

– E se negarmos a tese kantiana, interrogou Licas, e pusermos que o tempo é finito?

– Vamos a isso!... O tempo é a medida dos fenômenos, seja de transformação, seja de movimento, seja de duração; daí a sucessão do tempo coincidir com a sucessão dos acontecimentos. Como o tempo pode representar-se por uma linha, neste caso ele passa a participar das propriedades do espaço, que é somente onde a linha pode ser estendida ou traçada. E o espaço é curvo e finito, não só segundo os últimos resultados das ciências físico-matemáticas, senão também, porque, se ele fosse infinito, ou havia de ser cheio ou havia de ser vazio; se fosse cheio... de matéria, esta seria infinita donde se concluiria que Deus é material. Se fosse vazio, seria o nada... visto que o espaço vazio mais não é que pura abstração carente de realidade no plano a que se refere. Participando das propriedades do espaço curvo, aquela reta se encurva sobre si mesma formando uma circunferência, então, de fato, sem começo nem fim porque os extremos se ligam. Por conseguinte o tempo é curvo e finito, e o seu começo e o seu fim está em Deus. A Criação tem sua realidade no espaço e no tempo, tendo saído da imobilidade e eternidade de Deus, para tornar a ela, quando estiver findado o ciclo involução-evolução. Não se trata esse tempo, como vêem, de eternidade; é um tempo muito longo, mas finito; não tem começo nem fim, não por infinitude, porém, por encurvamento e conexão de extremos. Se, pois, na fórmula aqui na lousa, fizermos o tempo menor que infinito ($t < \infty$), a velocidade será maior que zero ($v > 0$). Igualmente, se fizermos o tempo maior que zero ($t > 0$), a velocidade será menor que infinita ($v < \infty$). Portanto:

$$1.^{\circ} e = (t < \infty) \cdot (v > 0)$$

$$2.^{\circ} e = (t > 0) \cdot (v < \infty)$$

Aqui na primeira fórmula, o tempo é máximo, e a velocidade, mínima; na segunda fórmula, o tempo é mínimo, e a velocidade máxima. Um tempo assim, como o da primeira fórmula não é a eternidade, porque, nesta, o movimento cessa; e se o movimento para, o tempo

se extingue, visto ser ele a medida do movimento. Para que o tempo exista é preciso mover, por isso a eternidade é um tempo sem tempo, um tempo que parou e se tornou nulo ou zero. Logo um tempo infinito é igual a zero ($\infty = 0$). Por aqui agora, meu Licas: atrás eu não disse que, pela fórmula, a velocidade ficando infinita, o tempo fica zero?

– Sim ... disse.

– E se lá eu dizia ser inferno o não-tempo onde o não-ser se anula totalmente, como pode, então, a eternidade que se confunde com Deus, ser também não-tempo? Não-tempo por infinita velocidade do não-ser, e não-tempo por imobilidade absoluta do Ser por excelência? Como é isto, Licas?

– Eu que sei?

– Mas você está sentindo que esses dois não-tempos têm sentidos opostos?

– Ah! isso estou; percebo que esses dois não-tempos se opõem entre si como o berço e a tumba; mas não sei fazer a exegese do ponto, como o senhor o faria.

– O não-tempo de Deus é o repouso na imobilidade, onde o tempo ainda não nasceu; o não-tempo do Diabo é o inferno da velocidade onde o mesmo tempo morreu. O não-tempo de Deus existe por superação do movimento, por plenitude, por soberania e majestade do Ser, pois não precisa ele mover-se para estar em todo lugar; o não-tempo de Satã existe por carência do ser, o qual, para dominar mais, precisa correr mais; e quanto mais corre, mais pequeno fica em si mesmo, e quanto mais pequeno fica em si mesmo, mais corre, e não só corre, mas incha, como o elétron que precisa inflar-se do movimento, para depois encher consigo a sua órbita no redor do núcleo atômico, tornando-a, deste modo, num anel, turbilhonário. Esta é a diferença, e não há outra, dos dois não-tempos, o não-tempo e eternidade de Deus, e o não-tempo e nulidade de Satã. O primeiro resulta da abundância e majestade do Ser que é, e o segundo, da extrema miséria do não-ser que não é. O primeiro é o Ser mesmo, o Ser em si, enquanto que o segundo é só uma vontade louca de ser, de não perecer de todo. Por isso no primeiro está o tudo, e, no segundo, o nada. O primeiro é pleno da Essência que é, e o segundo gira sobre si, enfuna-se no vórtice, cresce na velocidade, e sai-se numa disparada doida a dominar o que cuida seja seu, que é o espaço vazio, o qual enche consigo. Porque lhe falta ao Diabo a substância, preciso é supri-la com a velocidade; por isso corre o demo como correm esses pobretões espirituais para irem cuidar dos seus imensos haveres!... São pobres porque querem enriquecer-se da matéria cuidando seja ela alguma coisa, quando, na realidade, ela não passa de movimento fósmeo... Por isso que a riqueza, a glória e o poder terrenos são coisas ilusórias, visto fundar-se na matéria, e tanto mais se é pobre, quanto mais se as ama e as busca. Estas coisas chegam ao sábio, como peixes na rede, quando ele segue a sabedoria de Salomão que se limitou a pedir o saber que não outra coisa!...

– Agora entendi, disse Licas. Mas há ainda uma coisa confusa para mim.

– Que é?

– É que o senhor declara ser o espaço curvo, finito e coexistente com a matéria. Mas eu não posso imaginar um espaço infinito euclidiano?

– Pode. Foi o que sucessivamente Euclides e Kant fizeram. A consciência está para além do espaço e do tempo. É livre, pode criar sonhos e imaginar quimeras que serão reais no seu nível, no mundo conceptual, porém, não, no mundo físico, objetivo. Eu disse que o espaço é curvo, esférico; mas suponhamos que qualquer coisa, um raio de luz, por exemplo, saia numa dada direção; ela fará a curvatura do espaço, tornando ao ponto de partida, após mil milhões de anos, como diz Einstein. Todavia, nós podemos imaginar que saímos, em espírito, pelo raio de curvatura do Universo, e cortando o seu limite, avançamos pelo espaço afora sempre na direção apontada pelo raio. Então estaremos no espaço subjetivo, abstrato, conceptual que existe na mente de Deus, e dentro do qual o nosso Universo físico se dilata ou se encolhe. E pode ser que haja outros universos fora do nosso, fechados, como este, em suas curvaturas. Pode ser que haja os universos de anti matéria formando parilha dialética com o nosso, da combinação de ambos, forma uma como molécula-universo. O nosso Universo todo esteve um dia concentrado num ponto único, onde se formou, depois, uma esfera de dez mil anos luz de diâmetro. Ora, o espaço ao redor daquele ponto, era o só conceptual ou abstrato, sem realidade objetiva para nós, por não conter nada, e se continha alguma coisa, só podia ser o gene de outros universos. Depois formou-

se, por condensação da energia, aquela esfera cósmica que, mais tarde explodiu nas galáxias que hoje se afastam daquele ponto comum, e o espaço objetivo ou material se expandiu sobre aquele outro, o conceptual. Na mente de Deus o espaço é infinito, o tempo, eterno, e Ele, a Consciência total. Infinito, Eternidade, Consciência, eis aí a realidade primeira e última das coisas. O espaço é onde as transformações se dão; o tempo é a medida ou duração delas; a Consciência cósmica é a Lei que tudo determina... Está satisfeita sua pergunta, Licas?

– Está.

– Neste caso, tornemos ao que íamos dizendo. Vimos atrás como os dois não-tempos podem ser diferentes. Ora, um não-tempo é o tempo zero; e zero tempo também é o outro não-tempo; logo, se um não-tempo é diferente de outro não-tempo, zero é diferente de zero ($0 \neq 0$). Se um zero é diferente de outro zero, igualmente, um infinito pode ser diferente de outro infinito ($\infty \neq \infty$). É que tanto o zero como o infinito são relativos, e variam de valor quando varia o sistema de referências; eles dependem do que representam; o valor de zero e do infinito dependem da sua posição relativa nos vários sistemas. E visto termos podido demonstrar que o tempo tornado infinito corresponde ao não-movimento, e sabido que sem movimento o tempo cessa, temos que o tempo infinito, ou eternidade, é igual a zero ($\infty = 0$). Em oposição a isto, quanto mais alta for a velocidade, tanto mais o tempo se encurta tendendo para zero; a velocidade, então, congela-se na massa, na rigidez, tornando-se no repouso da matéria que a velocidade e só ela, criou. Quem é que iria cuidar, antes do advento das ciências, que um penhasco “eternamente” parado, que temos sob as vistas, resultasse da velocidade congelada em rigidez e massa? E se a velocidade dos elétrons, longe ainda de ser infinita, confere ao diamante tal rigidez e dureza, tal inércia, de modo que ele risca e corta tudo o mais, que sucederia se a velocidade intrínseca da matéria, de fato, se fizesse infinita? Esse rochedo “eterno”, parado, imóvel, que temos sob as vistas, é movimento, Licas?

– É... a ciência no-lo confirma.

– E notem, prosseguiu o mestre, que estas conclusões obtivemos partindo da fórmula do movimento. Estes são juízos sintéticos a priori, como o das ciências, que podem servir de base a um novo “Organon”. E foi alcançada pela experiência que se fazem todos os dias com os engenhos mecânicos que riscam os espaços. É muito mais seguro generalizar o princípio de um fato isolado para obter uma intuição empírica, do que, como quer Kant, admitir a priori uma intuição pura, por arte, de certo, adivinatória, para fundar nela uma ciência, como a geometria, por exemplo. Tratando ele da geometria, escreve: “Posto que as proposições da Geometria são conhecidas sinteticamente “a priori” e com uma certeza apodítica, pergunto: de onde tomais semelhantes proposições e em que se apoiam o nosso entendimento para chegar a essas verdades absolutamente necessárias e universalmente válidas?”¹⁹³. Se esta convicção de Kant que soa para ele como um juízo apodítico ou axioma, correspondesse à verdade, as geometrias não euclidianas como a hiperbólica de Gauss, Lobachevski e Bolyai, e a elíptica e esférica de Riemann, não seriam possíveis. E vendo Euclides as dificuldades que se asilavam na teoria das paralelas “pede se lhe conceda” formular o postulado, em função do qual toda a geometria existe. Mas aquilo que Euclides pedia se lhe concedesse, Kant pretende impor, peremptoriamente, como se fora verdade apodítica, tautológica, axiomática, e por isso escreve que sua doutrina (do espaço infinito e tempo eterno como verdades apriorísticas e intuições puras) “não merece ser recebida somente como uma hipótese verossímil, mas como um valor tão certo e seguro como pode exigir-se de uma teoria que deve servir de Organon”¹⁹⁴. E Kant, para enunciar esta sua teoria que ele acha deva servir de Organon, se alicerça na geometria euclidiana contra a qual se insurgiram outros geométricos criadores de outras geometrias, de modo que D’Alembert veio a falar do escândalo da geometria. Kant acha impossível tirar, de uma intuição empírica, “uma proposição universal, e menos ainda, uma apodítica, porque mediante a experiência não se podem jamais conseguir de semelhante natureza”¹⁹⁵. No entanto, como tenho demonstrado, da observação do movimento no espaço a física relacionou velocidade ao tempo, induzindo a fórmula geral ($e = t \cdot v$) não só como verdade sintética, senão, também, a priori, visto que tem valor universal. Pela

193 Kant, Crítica da Razão Pura, 54

194 Kant, Crítica da Razão Pura, 54

195 Kant, Crítica da Razão Pura, 55

aplicação do juízo de que *o tempo cresce com o diminuir da velocidade, e vice-versa*, pudemos chegar à intuição empírica, porque derivada da experiência, de que Deus é eterno, imóvel e imutável, dominando tudo por onipresença da Lei que é, e não por velocidade infinita que seria preciso ter para estar em todo o lugar de um certo âmbito, como faz o elétron em sua órbita atômica. Esta intuição empírica resultante da generalização da experiência, tem muito menos probabilidade de ser contestada do que a afirmação adivinatória de que o espaço físico, objetivo, é infinito, sobre o qual se pode traçar linhas paralelas. É muito mais verossímil que o espaço seja curvo, já que tudo é curvo no Universo, do que plano nos três sentidos do volume, de modo a se poder traçar nele retas paralelas.

E depois de descansar um pouco no intervalo duma pausa, prosseguiu:

– Por esta parte, como vêem, cai este fundamento primacial de Kant. Por outra, esqueceu-se ele de falar em como se dá a gênese dessa intuição pura, apriorística, de espaço-tempo em nosso mundo subjetivo. No feto o espírito está dormindo na inconsciência; depois ele se desperta, pouco a pouco, com as primeiras experiências dos sentidos, e vendo o espaço entre as coisas, e estas, nele, forma o conceito de espaço juntamente com o de coisas. Observando os objetos em movimento, concebe o tempo. Se a intuição pura, a priori, de espaço-tempo forma-se com o mecanismo do conhecimento, como se fora uma peça biológica dele, então temos de convir que esta intuição já existe já nos animais rudimentares, por isso que eles fogem à aproximação de algum perigo, visto que esta aproximação não pode ser interpretada senão em função de espaço (coisa e lugar) e tempo (movimento da coisa no espaço). E como diz Kant que o espaço subjetivo é ilimitado, assim como o tempo, donde todos os espaços possíveis serem partes do espaço infinito, e todos os tempos serem frações do tempo eterno, uma de duas: ou os seres inferiores têm intuição pura a priori de infinito e de eternidade, ou esta intuição que têm de espaço e de tempo se relaciona com as experiências que têm de coisas paradas e de coisas em movimento. É impossível que uma intuição possa ser anterior ao cérebro; e o cérebro teve sua gênese e sua história na escala da vida. Ao estímulo da luz formou-se os olhos, e ao do som, os ouvidos; aos estímulos da problematicidade da vida, criou-se o cérebro como aparelho próprio a resolver problemas, e a pensar. Como é então que alguma coisa pode surgir à priori, independente do estímulo da experiência? A vida que criou e aperfeiçoou o cérebro humano, fê-lo aos embates das lutas e tribulações; e nenhuma coisa ainda agora força mais o desenvolvimento da inteligência que as lutas, as dificuldades, as polêmicas. Por isso é que escolhemos o método polêmico para os nossos estudos filosóficos, como também o fez Platão. Se tudo se fez e se faz pela luta que cria tudo e seleciona o melhor; se na raiz de qualquer desenvolvimento está o estímulo da experiência; que vem a ser uma intuição pura, a priori, independente da experiência que modelou até o cérebro? E como uma lula ou caranguejo não podem ter noção nem de infinitude espacial, nem de eternidade, conquanto entendam muito bem o meio que os circunda, e ajam sobre ele, segue-se que nossas intuições destas coisas originam-se das experiências que tivemos desde a infância. O infinito, então, de Kant, é pura extensão do conceito de espaço, aliás, primitiva, ou seja: uma exaustiva expansão de qualquer das três dimensões do volume. É assim que o homem comum se esforça por conceber ou intuir o infinito, por desconhecer onde a realidade objetiva termina, para, daí por diante, prosseguir a sua fantasia de um puro espaço conceptual, sem realidade ontológica. Como a consciência é livre das peias espaço-tempo, por isso ultrapassa a curvatura do Universo entrando no espaço conceptual ou subjetivo. Tal com a eternidade; para Kant ela é a somatória de todos os tempos que vêm dum não-começo e avançam para um não-fim. Ora, se como vimos, o infinito do tempo coincide com a imobilidade, eternidade é onde o tempo não nasceu, visto estar tudo aí parado; depois alguma coisa se move ou se transforma, e o tempo nasce, lento, longo, imenso. O movimento se acelera, e o tempo encurta; a aceleração cresce... cresce, por uma parte, e o tempo se encurta na mesma razão, por outra, até que o tempo morre quando a velocidade se fizer infinita. O tempo nasce no seio de Deus, na imobilidade do Eterno, e morre no centro do Universo onde a velocidade se torna infinita. O espaço conceptual é infinito na mente do homem, como na de Deus; e nesse, o espaço físico, objetivo se expande ou se contrai. Porém, uma linha esticada através do espaço, fará a curvatura dele, funcionando como coisa objetiva.

– Eis, meus caros, concluiu o mestre, que da visão do relativo podemos inferir leis e

princípios, sim senhores, que depois se tornam a priori em relação a tudo o quanto delas se deduz. E sua validade guarda relação com a das ciências que também são sintéticas a priori. O próprio espaço de Kant, conquanto ele pretenda tenha antecipado o mecanismo do conhecimento como intuição pura a priori, de fato surgiu com o mecanismo do conhecimento, visto que este mecanismo surgiu aos embates das lutas e das experiências, que só estas forjam o cérebro pensante, conforme o podemos comprovar pela observação do comportamento dos animais de toda a escala zoológica que estereotipa a evolução. Portanto aquela intuição que Kant cuida seja pura e a priori, na verdade nasceu pelas experiências, sendo, por conseguinte, intuição empírica, a posteriori, conseguida pela extensão dum conceito. O conceito de espaço estendeu-se pelo esforço de se lhe encontrar um limite sempre para mais além, e deste modo foi que surgiu a primitiva e a posteriori intuição ou idéia de infinito. Idêntico sucedeu com o tempo como duração de um movimento sensível, objetivo. A busca de um tempo cada vez mais anterior fez a mente humana remontar à eternidade passada; pela aplicação do princípio de contradição, pensou-se em um outro tempo igual, porém, futuro. Ora, como Kant afirma haver um tempo único, do qual todos os outros são partes, vale perguntar: o tempo por vir faz parte desse tempo único, ou só vale o passado? Se só vale o tempo passado para a conta, então há dois tempos que são o passado e o futuro. Se dissermos que o futuro faz parte do tempo único, teremos outra vez dois tempos, um real, que é o passado porque existiu, e deixou marcas, e outro irreal, que é o futuro ainda em nada demarcado. Como saber, de antemão, o que há de vir? Como pôr na conta um tempo que o será, por certo, mas que ainda não o é? Esta contagem do tempo futuro, abstrato, irreal, prova que a mente humana está armada para penetrar o desconhecido com os elementos de que dispõe. Como é que sabemos, com toda a certeza, que virá o futuro? Porque temos experiência disto; o presente passou, e nós o vimos passar. Pela aplicação do princípio de contradição, assim como o passado existe de fato, terá de existir, então, se bem que não de fato, ainda, a sua adversativa, a sua oposição, o futuro. É assim que também podemos ter a visão do Absoluto, pelo contemplar o relativo; da Imobilidade, como fez Aristóteles, pelo contemplar o movimento; do Ato Puro, pelo contemplar a potência em transformação neste mundo (Aristóteles); do Ser, como fez Parmênides, pelo contemplar o mundo fenomênico do vir-a-ser puro heracliteano; da Realidade, pelo contemplar a sombra da Realidade, que é este mundo, como fez Platão; de Deus, pelo contemplar a sua obra; do espírito, enfim, pelo contemplar a matéria. O Universo físico, como muito bem o definiu aí o Chilon, é uma bolha de matéria suspensa no seio de Deus. Por isto, o empíreo se situa para todos os lados da periferia do Universo, e o inferno, no centro dele. E em relação a qualquer sistema, seja planetário, seja galáctico, seja um simples orbe, o centro é sempre inferior à sua periferia do ponto de vista espiritual.

E dirigindo-se o pensador para sua cadeira, foi arrazoando:

– Se a geometria euclidiana for verdadeira, e nasce do postulado das paralelas, preciso é que o espaço objetivo, material, seja plano em qualquer sentido das suas três dimensões. Se tal espaço objetivo é infinito, também infinita será a matéria que o enche e lhe dá objetividade, pelo que ela se confunde com Deus, sendo, este, material. Por isso, até a moral está interessada na demonstração do postulado quinto de Euclides, porque, se ele for verdadeiro, e Deus, material, todos os nossos conceitos e juízos morais ter-se-ão de entender pelo avesso. Se, logo, Euclides estiver certo, o espaço objetivo será infinito, e Deus, matéria, sendo negativa a moral de Cristo, e positiva a moral da besta, estando com a razão Trasímaco, Machiavel e Nietzsche. O mal e a dor serão, neste caso, positivos, como o dissera Schopenhauer, e a felicidade e o bem, negativos. No entanto, se Deus é espírito, a matéria será finita e curva, tal como seu espaço objetivo, não sendo possível, então, traçar nem retas, nem paralelas, estando errados Euclides e Kant, e certos Riemann e Einstein. Eis como a verdade é una, não podendo estar em luta dois enunciados verdadeiros, visto serem conseqüências de um princípio único – Deus. Não importa se falo, ao mesmo tempo, de física e de metafísica, de geometria e de moral; para mim tudo são peças dum mesmo jogo. Por esta causa julgo válido, para a metafísica, o método das ciências físico-matemáticas, que se constróem por meio de juízos sintéticos a priori, como o afirmara Kant.

E querendo objetivar o que havia dito, pegou o pensador de um bola de borracha, e foi riscando nela a sua demonstração, depois do que, disse:

– Olhem aqui: qualquer reta é uma circunferência que rodeia a esfera. As paralelas não existem, porque se interceptam duas vezes ao circuitar a esfera. Todas as “retas” que passam por um ponto exterior a uma “reta” dada (a linha do equador, por exemplo), cortam esta “reta” em dois pontos antípodas da superfície esférica. A soma dos ângulos internos de um triângulo é sempre maior que a de dois retos; e quando este triângulo cobrir um oitavo da superfície esférica, terá três ângulos retos.

– O senhor me permite uma pergunta? atalhou Licas.

– Permito; pode fazê-la.

– O senhor afirma que o espaço objetivo é finito, pelo menos para nós que nos achamos fechados em nosso universo. E o espaço subjetivo, acaso, será infinito?

– O espaço subjetivo é infinito, visto não ser material.

– E qual dos dois é o mais real? o subjetivo, ou o objetivo?

– Real vem de *res*, que quer dizer coisa. Ora, o espaço subjetivo não possui coisidade; logo, não é real, sendo por isto, ideal. E quando digo que é ideal, emprego o *é*, verbo, que se conjuga do verbo *ser*. Por isso, os objetos reais *são*, do mesmo modo que os objetos ideais também *são*. Ambos, juntamente, formam o ser das coisas. Idealidade e realidade são aspectos do ser das coisas, e só pela abstração e para fim de estudo, podemos separá-los.

– Então, pergunto de outro modo: qual dos dois espaços tem primazia? o objetivo, ou o subjetivo?

– O que tem primazia é o espaço subjetivo ou ideal. Porque subjetivo deriva de “subjectum” que diz respeito ao sujeito. “*Sujeito*, do latim subjectum, derivado de sub-jacere (jazer debaixo), é aquele que está como base, substrato e sustentáculo de todas as coisas; aquilo que causa efeitos, mas não é causado. Objeto, do latim objectum, derivado de ob-jacere (jazer contra) é aquilo que está contra ou defronte, algo que é oposto ao sujeito, algo que foi emitido ou individuado pelo sujeito subjacente”¹⁹⁶. Por isso, meu prezado Licas, o espaço subjetivo tem primazia por consistir no espaço do sujeito, e não no espaço do objeto que se opõe ao sujeito. É assim que “no princípio era o sujeito universal, absoluto, não objetivado; e desse sujeito eterno é que vieram os objetos temporais”¹⁹⁷. O espaço do sujeito, ou subjetivo, é primordial por estar na mente de Deus como possibilidade de ser criado nele o objeto, ou seja, o espaço da realidade material, finito e curvo.

– Todavia, tornou Licas, Kant não afirma que o real e objetivo é que dá validade ao ideal e subjetivo? Antes de haver o real, por conseguinte a pura idealidade era como os tais cem “táleres ideais” não encontráveis no bolso de Kant. Portanto, sem a correspondente realidade, o que for só ideal não é ser.

– Isso diz Kant, não, eu. Para mim os objetos ideais *são*, do mesmo modo que os objetos reais também *são*. Ambos representam aspectos do ser que se mostra sempre composto por estes dois objetos inextricavelmente ligados. Porém, os objetos ideais antecedem, como matrizes, aos reais. Se eu não crio um objeto na mente, não posso executá-lo na prática. Logo, os objetos ideais, no meu pensamento, antecedem aos objetos reais, sendo, estes, cópias daqueles que se acham formados, isto é, como forma, em minha mente.

– Não obstante, quando o objeto já se me mostra pronto, feito por mãos alheias, acaso a idealidade dele, que se transfere para mim, não procedem de sua existência real? Neste caso, o ideal não provém do real?

– Sim, provém. No entanto, alguém ideou tal objeto primeiro, para depois projetá-lo de si, para que ele existisse no mundo objetivo. Esse alguém pode ser um outro homem ou Deus. E é em relação a esse alguém, que o ideal antecede ao real. O ideal precede ao real na feitura da obra; o real antecede ao ideal na compreensão dela por parte do observador. Por isso, aquele espaço subjetivo, formal, ideal, absoluto, infinito, da Mente divina, é antes do espaço objetivo que procedeu daquele. Numa segunda fase, aquele espaço absoluto e infinito é intuído, a posteriori, pela mente humana que o abstrai do mundo objetivo. Pois é somente naquele espaço infinito, subjetivo, já na mente de Deus, e depois, na mente humana, que se podem imaginar linhas retas e paralelas que se prolonguem ao infinito. Este espaço subjetivo de que falo, tem

196 Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 1, 164

197 Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 1, 164

primazia, portanto, sobre o espaço objetivo ou físico, na mesma proporção em que o Sujeito-Deus é primaz em relação ao Objeto-Criação. Daqui vem que a metafísica tem prioridade sobre a física, e o espírito possui prioridade e excelência em relação à matéria. Por este motivo repito: só neste espaço subjetivo, abstrato, conceptual, ideal, podemos estender linhas imaginárias, e só imaginárias, e não, linhas físicas, porque as linhas físicas, materiais, estão sujeitas às propriedades, às contingências do espaço físico, objetivo. Sendo, Deus, espírito, seu espaço infinito, imediato, é o espiritual, que é o mesmo que conceptual ou subjetivo, existindo, aprioristicamente, só na mente de Deus, e, a posteriori, na mente humana, e isto, porque o próprio homem faz parte dos objetos criados, e, como todas as coisas, se opõe ao Sujeito Criador, tendo sido individuado dele e por ele no tempo e no espaço. E como o homem terreno foi criado, por evolução, tudo de sua mente tem sua gênese e sua história.

E após uma pausa, para um descanso, prosseguiu argumentando, o pensador:

– Porque o espaço do nosso universo objetivo é finito, curvo, limitado no tempo, a matéria que o enche, além de limitada também no espaço, possui sua gênese e sua história cósmica. Não sendo a matéria infinita e eterna, ela não é Deus. Se Deus não é material, então, ele é o oposto da matéria, como sua contraditória, que é o espírito. Logo, porque o espaço objetivo é finito, curvo e limitado no tempo, por isso Deus é espírito, infinito e eterno. De onde saiu, então, a intuição de matéria infinita e eterna de Kant, coexistente com Deus de toda a eternidade? Pois saiu da infinitização do conceito de espaço objetivo. A procura do limite levou a mente humana a outro limite, a outro, a outro, até o infinito, intuído como uma cansativa sucessão de limites. O primeiro a cometer este erro metafísico de Kant, foi Satanás. Ele também possuía um corpo material, conquanto de matéria de máximo raio de curvatura, como é a matéria de que se formam os corpos perispirituais dos querubins. E por meio desta extensão do conceito do espaço restrito, objetivo, o arcanjo chegou à conclusão de que aquele espaço subjetivo, infinito, que ele concebia, que ele na sua mente, intuía era material; por conseguinte, pensa ele, a matéria é infinita; conseqüentemente, a matéria é a deusa que tudo cria e ordena. Então, é dar primazia ao corpo, pois é ele o que cria o espírito. A sabedoria, conclui ele, consiste no domínio da física que não no da metafísica, visto que o ser é a matéria, e não, o espírito. A riqueza, por conseqüência, consiste nos haveres que servem ao corpo. Amontoar bens, então, é o objetivo supremo, pois se o espírito é função do corpo, a felicidade só pode ser função das riquezas. Ninguém, logo, poderá ser forte e feliz, sendo pobre. E a lei moral vigente no empíreo, que se fundamenta no amor? Ora, a lei...! Essa foi criada por aqueles que cuidavam que o espírito era tudo, e a matéria, nada. Mas invertidas as posições, tudo deve ser entendido pelo avesso, e onde a lei diz: justiça, é entender: força; onde diz: sabedoria, é replicar: astúcia; onde diz paz, é declarar: guerra; onde diz dar, é entender tomar; onde diz amor, é colocar: egoísmo. Contra a lei moral, que se alicerça no amor, contraponhamos, pensa ele, a lei da força e da astúcia, que se fundamentam no egoísmo. Ser virtuoso é ser forte, e ser moral é ser desassombradamente forte; a moral é o desassombro do forte (Nietzsche).

– Eis como se deu a inversão, continuou o mestre, primeiro, no plano moral, com se esfriar e se inverter o amor que é o princípio de integração das unidades sociais; segundo, na metafísica com que o anjo concebeu um sistema às avessas, fundado na matéria, que não no espírito; e finalmente, físico, porque, como o mesmo egoísmo é centralização em torno do eu, aquela matéria quase toda energia e diáfana do plano angelical, se encurvou na velocidade que gerou a rigidez e a massa. Perdido que foi o amor, esta filosofia norteou a derrocada. Por isso é que a subida evolutiva só poderá dar-se pela reconquista do perdido amor, e por uma metafísica ou sabedoria contrária a esta do Demônio.

Disse. E levantando-se, a seguir, foi à estante, a fim de pegar um livro de Bertrand Russell, para tê-lo à mão. E depois de procurar o trecho que tinha em mente citar, marcou-o, com um pedaço de papel, prossequindo:

– Do mesmo modo como Kant cuida seja espaço e tempo intuições puras, apriorísticas, existindo, de antemão, na estrutura do espírito, independente de quaisquer experiências, também assim são os conceitos puros do entendimento, ou sejam, as leis e princípios do pensamento, que dão corpo à sua Lógica transcendental. Para Kant o espírito surge no cenário da vida armado desses conceitos puros, a priori, como se fôra um autômato cujo cérebro eletrônico funcionasse

corretamente, por ter sido gravado nele as leis e princípios das matemáticas. Quer dizer que esse cérebro não desenvolveu, por si mesmo, aqueles princípios os quais, pelo contrário, surgiram com o seu aparecimento. O cérebro elétrico resolve problemas complexos da física moderna, mas isto se compreende claramente, uma vez que seu construtor partiu da experiência e dos fatos, para induzir as leis e princípios que, agora, foram introduzidos na máquina, e ela os aplica. Todavia, um homem se difere dum autômato, entre outras coisas, nisto: ele se criou a si mesmo, segundo leis cósmicas, e, pelo ensaio-e-erro, foi selecionando o certo do errado, e esse certo constitui, agora, seu campo de conceitos abstratos, ou sejam as leis e princípios do pensamento. Só os anjos não caídos tiveram criação imediata como os “robots” produzidos pelo homem; porém, o homem foi criado por Deus, mas, mediamente, isto é, através da evolução que o traz das trevas para a luz, do Caos para Deus. Por isso o homem hoje *pensa para agir*, porque já atravessou a fase empírica, animal, em que *agia para pensar*. Quanto mais inferior é o animal, tanto mais emprega ele o método fundamental do ensaio-e-erro, para descobrir a solução dum problema, por meio de tentativas impensadas. Todavia, achada a solução, é ela fixada para aplicações futuras a problemas semelhantes. Assim é que ratos aprendem a andar e a sair dos labirintos pela única porta possível; e cada vez que se repete a experiência, verifica-se que o rato erra menos, até aprender de todo. Até peixes aprendem a contornar lâminas de vidro invisíveis que lhes barram a passagem para os alimentos. Porém, os macacos já sabem refletir e antever soluções, em vez de tentá-las, desassisadamente. Bertrand Russell fala das experiências de Kohler que eu já havia lido em “Como Vivem e Sentem os Animais” de Wells e Huxley. Kohler faz suas experiências com chimpanzés; “pendurava ele uma banana fora de alcance e deixava caixotes perto, de modo que os chimpanzés, subindo nos caixotes, pudessem alcançar a fruta. Às vezes, eles precisavam empilhar três ou mesmo quatro caixotes, um em cima do outro, a fim de ser bem sucedido. Depois, colocava ele a banana fora das barras da jaula, deixando dentro uma vara, e o macaco conseguia apanhar a banana por meio da vara. Certa ocasião, um dos chimpanzés, chamado Sultão, tinha duas varas de bambu, ambas muito curtas para chegar até à banana. Após alguns esforços inúteis, seguidos de um período de silenciosa meditação, o animal introduziu a vara menor na parte oca da outra, construindo, assim, uma vara suficientemente longa. Parece, porém, pela descrição, que ele primeiro introduziu uma vara na outra mais ou menos acidentalmente, percebendo somente depois que encontrara uma solução” (...) “Ficou o chimpanzé tão contente com o seu novo truque, que puxou várias bananas para a jaula, antes de comer qualquer delas. Procedeu, com efeito, como os capitalistas com relação à sua maquinaria”¹⁹⁸. Aqui, como venho demonstrando, o puro ensaio-e-erro já se vai transferindo para o mundo subjetivo do pensamento; “o problema real já está suficientemente definido no trabalho de Kohler: é a análise do “discernimento” (insight) oposto ao método do reflexo condicionado”¹⁹⁹. Os conceitos abstratos que tem o homem em si gravados, portanto, são filhos da necessidade, da luta e da dor. A vida é problematidade; ou se resolvem os problemas, ou se é posto de lado. Nos níveis inferiores, a não solução de um problema vital, implica, inevitavelmente, em tragédia e morte; não há alternativa possível. É por isso que a natureza está cheia de paralelismos: o útero do animal e o ovário das plantas se coincidem ponto por ponto, não que um houvesse copiado o outro, mas, porque essa é a única solução do problema biológico enfrentado pela vida nestes dois reinos diferentes. As fórmulas químicas da hemoglobina e da clorofila são idênticas quanto à estrutura, com a diferença só do eixo ou parte central que, na hemoglobina, é ferro, e na clorofila, magnésio. “As duas moléculas parecem-se, a ponto de darem a impressão de serem irmãs; e como tais as considerava outrora o mundo contemporâneo. Entretanto não o são; desenvolvem-se independentemente e constituem um exemplo de paralelismo”²⁰⁰. Referindo-se às sibas diz Fritz Kahn: “No tocante à história da evolução, esse animal nada tem de comum com o homem; mas tomem nota: quando o plasma se organiza em criatura, aparecem construções de planos fundamentais análogos”²⁰¹. Por isso, “se, nos outros planetas, vivem seres dotados da visão, estas criaturas devem ter olhos de estrutura análoga à dos

198 Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 53

199 Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 55

200 Fritz Kahn, O Livro da Natureza II, 43

201 Fritz Kahn, O Livro da Natureza II, 222

olhos do animal vertebrado e da siba; saudarão o recém-chegado e este terá a impressão de haver desembarcado entre “irmãos”²⁰². Assim também com as leis do pensamento: são como são, porque não poderiam ser de outro modo; errar no pensamento é errar na ação, e errar na ação é sofrer ou perecer. É muita pretensão, por isso, dizer que a lógica só passou a existir, depois do código de Aristóteles, pois que, se o homem não soubesse aplicá-la, ainda seria antropóide. Até no instinto há lógica, que, do contrário, o ser pereceria; e este instinto teve sua gênese no ensaio-e-erro-e-seleção, cujos resultados se cristalizaram no espírito, primeiro como hábitos, e, depois, como instintos, ou seja, hábitos das vidas pregressas do ser. Tudo, portanto, teve sua gênese na experiência, nada existindo a priori e construído sem saber como, conforme o pensar de Kant.

E depois de um silêncio continuou arrazoando:

– Os conceitos do pensamento puro, a priori, se referem aos objetos, e foram criados, independentemente, da presença e do estímulo deles? Seria o mundo subjetivo, paralelo e à parte, do objetivo? Seria que ambos são iguais por ser essa a linha do certo? Teria o paralelismo natural agido aqui, também, como no caso do útero dos mamíferos e o ovário das plantas? Por aqui não se pode romper caminho, por que, tanto os animais como as plantas chegaram a um mesmo resultado, independente um do outro, pelo autodesenvolvimento, seguindo a linha do certo; as infinitas tentativas frustradas, os erros todos, foram simplesmente eliminados do cenário da vida. Um, portanto, espelha o outro, por causa da lei comum que os plasmou. Porém, aquilo que o homem possui dentro, no seu mundo subjetivo, se não se formou em função do mundo objetivo e da experiência, então como surgiu? Teria o homem sido feito por Deus diretamente, fora dos caminhos da evolução, sendo ele um ser à parte, semelhante a um cérebro eletrônico fabricado pelo homem? Será que Kant partiu do pressuposto de que o homem não evoluiu?

E depois de permitir aos presentes divagarem por estas questões, prosseguiu:

– Mas a evolução do homem é um fato: di-lo as já clássicas seis provas, uma das quais demonstra possuir o homem nada menos que duzentos órgãos residuais. “Hoje, ninguém mais nega o fato da evolução orgânica – exceto, naturalmente, os indivíduos ignorantes, supersticiosos ou dominados pelo preconceito”²⁰³. “O corpo do homem adulto é uma das melhores provas da Evolução; e o desenvolvimento particular de cada um de nós é uma verdadeira certidão juramentada da história evolutiva da nossa espécie”²⁰⁴. “Mais uma vez verificamos que, sem a Evolução, a biologia se comporia somente de fatos desconjuntados; ao passo que, com a Evolução, ela se nos afigura uma grande história dramática, formada de milhares de aventuras entrelaçadas”²⁰⁵.

E fechando o livro, descansou as vistas no cenário distante, que se mostrava através da janela; e deparando com umas flores vermelhas iluminadas pelas lâmpadas da rua, continuou: Se eu lhes disser que aquelas flores vermelhas, daquele quintal, não têm cheiro, que juízo fariam de mim? Acaso, que fui cheirar as flores? Digo-lhes, entretanto, que esta minha asserção encerra um juízo sintético a priori que é o fundamento das ciências. Parto da verdade de fato de que as abelhas são daltônicas, e por isso não enxergam o vermelho, vendo, todavia, muito bem, o azul; já os pássaros que enxergam o vermelho, são cegos para o azul; logo, aquelas flores são vistas pelos colibris, e não, pelas abelhas. Como os pássaros são notoriamente pobres de olfato, segue-se que as flores polinizadas por eles, além de vermelhas, não tem cheiro. Já todas as flores roxas, lilases, azuis, visíveis para as abelhas, e não tanto para os pássaros, são perfumosas. De quatro verdades de fato: primeira, as abelhas enxergam o azul, e não o vermelho; segunda, os pássaros, ao contrário, não vêem o azul, mas sim, o vermelho; terceiro, os pássaros são pobres de olfato, e, as abelhas, bem dotadas dele; quarto, existe, na natureza, o princípio de colaboração egoística, pelo qual, cada parte buscando alcançar seus próprios fins, colabora na realização dos objetivos das outras; destas quatro verdades de fato concluo, apoditicamente, que aquelas flores vermelhas, próximas àquele poste de iluminação, não têm cheiro.

E feita uma pausa longa, meditativa, concluiu o pensador:

– Tornando ao que ia dizendo, os fatos da evolução, se entrelaçam, dando-nos uma lógica

202 Fritz Kahn, O Livro da Natureza II, 223

203 Wells – Huxley, Ciência da Vida, 3, 222

204 Wells – Huxley, Ciência da Vida, 3, 200

205 Wells – Huxley, Ciência da Vida, 5, 150

deles, donde vem que essa teoria nos fornece meios para construir verdades de razão, partindo das verdades de fato. Isto mesmo foi o que fez Darwin: “Quando se descobriu uma orquídea de Madagascar, com um esporão de mel de 27,5 centímetros de comprimento, Darwin profetizou que, na mesma região, dever-se-ia encontrar um inseto com uma tromba do mesmo comprimento; e, de fato, poucos anos depois, o referido inseto foi descoberto – a mariposa-falção, cuja tromba tem justamente 27,5 centímetros de comprimento”²⁰⁶. Aí está, como “a consciência humana é uma das obras-primas da Evolução”²⁰⁷, pois tendo descoberto a esta, pode, agora, antever e explicar uma quantidade imensa de fatos que Aristóteles, Lineu e Cuvier jamais suspeitariam fosse possível. À toa não foi que Pascal declarou ser o homem, “em si mesmo, o objeto mais prodigioso da natureza”²⁰⁸. E sendo o homem um objeto, como os demais objetos, e uma coisa, “uma coisa que pensa”, no dizer de Descartes, ele, e tudo o que existe nele, foi forjado durante a subida evolutiva, nada havendo que não surgisse da problematidade da vida e das vivências. Do mesmo modo, por conseguinte, como não há intuição pura a priori do espaço e do tempo, não há os tais conceitos puros, apriorísticos de Kant, que se relacionam com os objetos em geral, e que, ao mesmo tempo, absurdamente, são independentes de todas as condições da sensibilidade, sem nenhuma fundação na experiência que a vida executou desde os seus primórdios até o homem. Esta é a causa de ser Kant o mais difícil de todos os filósofos; é escuro, por ser absurdo em suas proposições mais fundamentais; e como tudo decorre destas, é só mesmo dizendo com Bertrand Russell: que Kant não passa duma desgraça.

E trocando o livro de Bertrand Russell pelo de Kant, continuou:

– Kant afirma que estes conceitos puros, apriorísticos, são anteriores a qualquer experiência, como vimos, e contudo admite que se relacionem com os objetos em geral. Os conceitos e seus respectivos objetos existem, separados, como ocorre com as mônadas de Leibniz; ambos funcionam graças a um acerto sincrônico feito pelo Criador, sem nenhuma outra relação que não a da simultaneidade. Pois é claro: sendo o espaço, segundo o pensar de Kant, uma intuição pura, a priori, por isso que já existe pré-formada em nosso espírito, todo o conceito que derivar desta intuição, será, também, puro, a priori. Das propriedades do espaço euclidiano resulta a possibilidade do traçamento de retas paralelas. Cortando-se as paralelas por uma secante, surgem as primeiras verdades axiomáticas e os primeiros teoremas deduzíveis, apoditicamente, daquelas primeiras verdades fundamentais e gerais. Por causa de o espaço ser uma intuição pura, a priori, todos os conceitos da geometria, necessariamente, o são também. E como saber, agora, que toda essa construção subjetiva, tem correspondência com o mundo objetivo? Para isto é preciso, como diz Kant, submeter os conceitos puros a uma comprovação dedutiva, a fim de ver se a prática confirma aquelas verdades apriorísticas; sem esta “dedução transcendental do dito conceito” (...), se “procederia cegamente e depois de haver vagado de um ponto para outro, voltaria à ignorância donde partira”²⁰⁹. Trata-se, portanto, de “renunciar completamente a toda pretensão com respeito à razão pura, em seu campo mais atraente, a saber: além dos limites de toda experiência possível, encaminhar esta indagação crítica à sua completa perfeição”²¹⁰. Este ponto mais atraente, que é a pura especulação metafísica sem base nenhuma na experiência, terá de ser renunciado para submeter os conceitos puros, apriorísticos à pedra de toque da experimentação. Então, por que não ir daqui para lá, como fez Aristóteles, e da experimentação induzir os princípios gerais, sintetizando-os ainda mais até chegar àqueles conceitos que Kant dá como sendo puros, a priori, por fazerem parte do mecanismo inato do processo de conhecer? Partindo da experiência, os conceitos são a posteriori, e como eles englobam um número infinito de experiências não feitas, por isso Kant lhes nega validade. Mas, e a comprovação dos seus conceitos puros, apriorísticos, acaso poderá ser feita por um número infinito de experiências? Se um número reduzido de experiências comprovam seus conceitos puros a prioris, por que razão as mesmas experiências não darão validade aos mesmos conceitos considerados sintéticos, a posteriori? Se não se dispõe de possibilidade para todas as

206 Wells – Huxley, *Ciência da Vida*, 5, 272

207 Wells – Huxley, *Ciência da Vida*, 3, 361

208 Clássicos Jackson, XII, 130

209 Clássicos Jackson, XII, 99

210 Clássicos Jackson, XII, 99

experiências, o tal conceito puro só é válido no ponto em que foi comprovado pela experimentação e pelos fatos, e nada além disto. Ou se podem generalizar os conceitos obtidos da experiência, ou não são válidos aqueles conceitos puros a priori na parte a ser comprovada exaustivamente pelos fatos.

E respirando o mestre, fundamente, numa pausa, continuou:

– Como vêem, tudo isto não passa de logomaquia kantiana, prejudicial à descoberta da verdade, sobretudo, por não esclarecer como é a gênese desses conceitos puros que nos forma o mecanismo do pensar. Se é verdade que “Locke encontrou na experiência conceitos puros do entendimento, que fez derivar da própria experiência, e foi, portanto, tão inconveniente, que procurou conhecimentos que ultrapassam os limites da experiência”²¹¹; se é isto verdade, verdade também o será que nem Kant, nem ninguém poderá esgotar, através de experiências, as possibilidades todas de um conceito puro a priori extenso. Então toda a zona coberta por ele, porém, não comprovada, é zona de dúvida. Toda indução e síntese ultrapassa os limites da experiência, por isso que é uma generalização que supõe como feitas muitas experiências por fazer. Se da observação do movimento (experiência) induzo o princípio de que ***o tempo decresce com o crescer da velocidade***, por que não estará certo isto nalgum lugar do Universo? E se o está, então, não é certo, igualmente, que se a velocidade tender para o infinito, o tempo tenderá para zero? Pela recíproca, não é exato que quando o movimento diminui, o tempo aumenta? E se o movimento parar, logo, o tempo não fica infinito, que é a eternidade? Não é experimental que posso achar no elétron orbitário de um átomo, esta velocidade altíssima, de tempo reduzido, e, no extremo oposto deste quase não-ser, intuir o tempo eterno de Deus que não se move por ser onipresente e imutável em sua natureza de Lei? E tudo isto não ultrapassa o limite da experiência? Será que estaria melhor se eu dissesse, à moda de Kant, que estas coisas relativas a Deus e ao elétron são conceitos puros, apriorísticos, e depois provar que eles são verdadeiros, visto que deles deduzo o princípio do movimento, demonstrável pela experiência feita com um veículo ao qual aumento e diminuo a velocidade, para verificar que, respectivamente, se encurta e se alonga o tempo?

E depois de breve descanso numa pausa, argumentou o mestre:

– Pouco há, dissemos que Kant se expressa assim, falando de espaço subjetivo e de conceitos puros, a priori: diz ele: “Daqui resulta que não somente fazem suspeitar com respeito ao seu valor objetivo e aos limites de sua aplicação, como também convertem em duvidoso o conceito de espaço pela inclinação que (todos) têm em usá-lo além das condições da intuição sensível”. Ora, o conceito de espaço, conceito, não intuição pura, é o espaço definido, delimitado, e por isso, objetivo. “Usá-lo além das condições da intuição sensível”, consiste em estender essa intuição sensível, esse conceito limitado, cada vez mais para além, até chegar ao infinito. Deste modo o espaço objetivo e material fica infinito, coincidindo com o espaço subjetivo que só existe em nossa mente, como abstração, o qual Kant dá como sendo intuição pura, a priori. E por que não? Acaso os tais conceitos puros, a priori, de Kant, não têm que corresponder aos dados da experiência efetuada no mundo objetivo? Não é a experiência que dá validade às intuições e conceitos puros, a priori, existentes, segundo Kant, em nosso espírito? Se as intuições e conceitos puros, a priori, do mundo subjetivo têm de ser comprovados, objetivamente, pela experiência, segue-se, necessariamente, que, só estas têm valor, e tudo o que transcende delas, e não pode ser provado, nada é. Uma de duas então: ou estender o conceito de espaço até o infinito, ou não tem validade nenhuma a intuição pura, a priori, do espaço infinito, subjetivo, visto como não podemos ter experiência nenhuma dele. Se são as experiências que validam as intuições e conceitos a priori do mundo subjetivo, é proceder, então, como a ciência físico-matemática moderna que, desprezando os apriorismos kantianos, fundou seu conceito de espaço objetivo na experiência; espaço é o campo eletromagnético, e tem máxima curvatura no lugar em que estiver a matéria. A matéria é o lugar onde o campo é máximo. E o espaço será tanto mais curvo, quanto mais concentrada for a matéria que ele circunda, verificando-se a máxima curvatura nos chamados “anões brancos”, nos quais se deu o colapso dos átomos, formando a pasta nuclear. Espaço e matéria coexistem inseparáveis, sendo espaço pura abstração da matéria, e matéria, objetivação de espaço. Logo, só há espaço, onde houver matéria. E como

a matéria é finita e curva, finito e curvo há de ser também o espaço que lhe corresponde. Por conseguinte, ou há outros universos para além do nosso, ou há uma *energia-substância* divina enchendo o resto do espaço além do de nosso universo, ou do contrário, Deus, para além da sua Criação, é puro princípio vazio, pura idealidade subjetiva.

– E o espaço subjetivo? acaso podemos deixar de imaginá-lo infinito? perguntou Licas.

– Não podemos deixar de “imaginá-lo” infinito, como se expressou muito bem você, por causa da extensão indevida do conceito de espaço objetivo; é infinito, porque a mente está fora das contingências do espaço-tempo, e por isso pode operar com objetos ideais, isto é, idealidades, próprias do seu plano, do plano do pensamento puro, porém, que não passam de sonhos e quimeras em relação às contingências do espaço-tempo, ao férreo determinismo fenomênico energia-matéria. Só de um nível superior se pode operar com e sobre o inferior; assim, a linha só pode ser movida e encurvada no plano; este, no volume; o volume só poderá ser movido no tempo, e este só poderá ser encurvado na consciência. Já vimos que o tempo é curvo, visto estar circunscrito aos fenômenos ocorridos no espaço que também é curvo. A consciência é a dimensão superior à do espaço-tempo, e por isso, nela, todos os movimentos são possíveis. Sendo ela uma dimensão superior, contém, em si, todas as que lhe ficam abaixo, com as quais opera. Agora, não esquecer isto, meu caro Licas: sendo a consciência uma dimensão, superior, possui em si seus movimentos próprios, como a imaginação, por exemplo, sem correspondência fática nos níveis inferiores. Deste modo, “se o espírito do homem”, segundo Bacon se expressou, “atuar sobre dada matéria, atuará de acordo com a substância dela e por ela se limitará; mas se atuar sobre si próprio, como a aranha a tecer sua teia, será uma coisa sem fim, acarretando com isso teias de aranha de conhecimento, admiráveis pela delicadeza do fio e do trabalho, mas sem valor ou utilidade”²¹². Por isso, diz ele, “a imaginação pode ser a maior inimiga da inteligência, quando não se limita a prestar-se, unicamente, a suas tentativas e experiências”²¹³. Assim, os mundos criados pelo pincel genial de Walt Disney são ideais, próprios do plano da consciência, do mundo subjetivo da imaginação e do pensamento; todavia, do ponto de vista objetivo, material, são irrealis. Tal o espaço infinito: um sonho de luz e cores de Walt Disney, perfeitamente ideal e compreensível no nível consciencial, porém, sem correspondência no mundo fático, objetivo, de nosso universo conhecido. Como se é livre para sonhar, eu imagino a existência de outros universos para além da curvatura do nosso. Ou imagino isto, ou tenho de supor que Deus é limitado. Não posso aceitar como realidade a *pura forma; a forma vazia de conteúdo*, mesmo para Deus. Um Deus forma pura, um Deus ideal, subjetivo, é como os “cem táleres ideais” de Kant. Para mim Deus *é* e *existe*. É, por ser essência, e existe, por possuir um conteúdo de *energia-substância* na sua forma mais alta, que é o Amor. Deus é amor substancial, que não só forma ou essência pura. Por isso, e só por isso, é que podemos imaginar ou intuir o espaço infinito, um espaço cheio da energia-substância-amor. Está satisfeita sua pergunta, Licas?

– Está.

– Ficamos sabendo, então, resumiu o mestre, não existirem conhecimentos puros a priori, visto que todos são posteriori, e as intuições resultam da extensão dos dados da experiência. Deste modo é que se desenvolveu o pensamento humano, e se criaram as ciências e as filosofias. De uns poucos indícios induzimos um princípio geral que funciona como hipótese de trabalho, e desta hipótese partimos, a priori, para outras experiências e comprovações. Comprovada a hipótese pela experiência, ou demonstrada por argumentos lógicos, ela, por sua vez, permite a formulação de hipótese e teses mais gerais ainda, e assim por diante. Este é o caminho palmilhado pelas ciências, e não aquele de Hume que foi procurar o fundamento primeiro em que os demais se assentavam, acontecendo cair no ceticismo por ter buscado um impossível. Este alicerce que ele procurou alcançar pelo recuo, levou-o ao ceticismo mais extremo. Hume quis procurar a base no pólo oposto ao de Deus; em vez de procurá-lo no sentido da síntese, foi buscá-la na análise, e assim, pelo retrocesso de base a base, ele chegou ao nada, pois é este o caminho de se ir ao não-ser. Não é, pois, de admirar, que ele se tivesse perdido no ceticismo. Pelo avançamento, de generalização em generalização, Platão chegou à idéia, do Ser que ele chama real, e do seu mundo dado como sendo o real das idéias arquetipos imutáveis e eternas.

212 Will Durant, História da Filosofia, 122

213 Will Durant, História da Filosofia, 147

Desta intuição platônica saíram todas as filosofias do passado, que ainda governam o mundo, diferenciada em leis, costumes, morais, religiões. Esta base está lá, onde a síntese alcança, inacessível pela análise. Por causa disto, reparem bem: qualquer síntese, sem nenhuma exceção, é sempre um produto, e nunca uma soma dos elementos, visto como, na síntese, existem propriedades novas, não encontráveis nas partes componentes. É por isso que o hidrogênio e o oxigênio quando combinados, formam a água cujas propriedades não fazem, nem de longe, lembrar as daqueles dois gases. Como posso ter o pensamento nesses dois gases, ao examinar, ao microscópio, as maravilhosas formações cristalinas da neve? Acaso um sábio, porque descobriu a fórmula química dos gens, sabe o que vem a ser a vida? “Não há diferença entre vivo e inanimado. O vivente é uma potenciação das forças normais da natureza”²¹⁴. “O plasma não é matéria, mas sim organização. Uma matéria como o aço pode correr em quantidades desmedidas dos altos-fornos; organização como os automóveis só podem sair da linha de montagem em exemplares isolados”²¹⁵. O busílis está nesta potenciação, nesta organização, e não na química, nem na física. Tanto que dois indivíduos humanos se ligam, surgem as propriedades do social que não existiriam num Robinson Crusóe mais radical ainda que o legendário. Imaginemos uma criança abandonada numa ilha salubérrima, rica em frutos, peixes e animais pequenos e inofensivos. Aos vinte anos esse homem encontra uma mulher semelhante a si, criada em ilha diferente. Pois na sociedade formada por esse par, surgiriam as propriedades do social até então desconhecidas de ambos. Daí o dizer-se que a sociedade é um produto, e não um soma dos indivíduos. Aqui está por que a síntese representa sempre acrescentamentos de "quês" irreduzíveis pela análise. Por esta causa a vida só pode ser estudada nos seres vivos, e nunca, em cadáveres, do mesmo modo que a sociedade tem de ser estudada no social, e não nos indivíduos isolados. Os indivíduos assumem atitudes sociais imprevisíveis para eles mesmos, se ignoram sociologia, forçados pelas contingências do meio social em que se acham. Do modo como os mesmos indivíduos se arranjam na estrutura social, depende a forma das diferentes sociedades. Um indivíduo humano bem plástico, versátil, como são os artistas cênicos, assemelha-se ao átomo de carbono, e, por isso, pode assumir todas as atitudes e representar todos os papéis, conforme a exigência da peça. É completamente impossível fazer derivar as propriedades variadíssimas dos compostos orgânicos, das propriedades isoladas do carbono, do hidrogênio, do oxigênio, do azoto e do enxofre. No entanto, a complexa estrutura da vida se apoia, fundamentalmente, nestes cinco corpos simples que se pode guardar muito bem de memória, por formarem a sigla CHONS. Se cada arranjo diferente destes corpos químicos, produz um complexo diferente, então, a diferença tem de ser procurada no arranjo, e não nos corpos isolados; é tarefa, portanto, da alçada da biologia, que não da química, visto que o arranjo que produz as diferenças não pode ser reduzido pela análise, como gostaria Hume de o fazer. Logo, se pelos caminhos de David Hume não podemos encontrar o fundamento último das coisas, é buscá-lo no extremo oposto. Se na direção do não-ser tudo se nos esvai da mão, é ir na outra direção, na da síntese, na da grande Síntese, na do Ser por excelência que é Deus, e aí, então, acharemos o fundamento de tudo, conquanto não o possamos abarcar por causa da nossa pequenez. E é nisto mesmo, na nossa pequenez, que está o perigo de erros; como a base nos ultrapassa, cuidamos, a priori, como Kant o fez, que ela esteja onde não está. O apriorismo kantiano dava como verdadeiro o espaço de Euclides, onde se alicerçava a geometria plana. Com isto Kant admitiu o espaço objetivo ou físico como sendo infinito, porque só num tal espaço poder-se-iam traçar as paralelas de Euclides, base da sua geometria. Então aconteceu o inevitável desta conclusão: se o espaço físico é infinito, Deus é material, e o é, mas do modo como expunha, e não como teima Kant, na extensão infinita da matéria bruta. Eis o perigo de cuidar esteja a base onde não está. Por isso é preciso cautela. Por outro lado, todavia, a análise não nos pode dar o conhecimento almejado, porque ela fragmenta e destrói, levando-nos no rumo do não-ser.

Feita uma pausa, para descanso, continuou o mestre:

– A menor distância encontrada até hoje é o raio dum elétron (10^{-13} cm.) “Distância menor parece não existir e alcançado este limite o espaço não é mais de composição

214 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 36

215 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 321

“homogênea-microscópica”, mas tem, para empregarmos a expressão do Prof. March, “estrutura granulosa”²¹⁶. Para mim, é neste espaço de estrutura granulosa, que se formam os turbilhões eletrônicos, do mesmo modo como no ar, também de estrutura granulosa (átomos, moléculas), se formam os vórtices aéreos. Depois esses turbilhões eletrônicos se associam de acordo com seus campos, formando o oceano etéreo, o qual, por esta razão, possui propriedades eletromagnéticas. Se o espaço tiver mesmo “estrutura granulosa”, essas “granulações” infinitesimais constituem o não-ser. E se, em algum tempo, for descoberto que esses “grãos” são decomponíveis, o não-ser será deslocado ainda para trás, sendo sempre o último linde da cadeia!... Do simples arranjo e organização desses “quês” infinitesimais, surgem as propriedades de um “quê” mais alto e complexo, o qual, por sua vez, se organiza em todos mais complexos ainda. Do simples arranjo surgem propriedades novas, inexistentes nas partes isoladas, as quais desaparecem ao se proceder a análise.

– Outra coisa que Kant dá como sendo a priori, continuou Árago, visto anteceder a todas as conceituações, é a idéia de unidade que reúne em síntese a diversidade. Em qualquer juízo está pensada uma ligação de conceitos para a formação de um todo sintético. O conceito de ligação existe, assim como a intuição pura, de espaço e de tempo, no mecanismo do espírito, independente de toda a experiência; assim o entende Kant. Todavia, para o homem houve evolução, como o demonstram as seis provas já clássicas que são: as paleontológicas, as embriológicas, as dos órgãos residuais, as anatômicas, as sorológicas e as geográficas. Logo, os conceitos que Kant cuidara serem puros a priori, existentes no espírito, prontos para funcionar, independentes de qualquer experiência, de fato apareceram no homem com o aparecimento dele, e evoluíram com sua evolução. Estes conceitos, longe de serem a priori, são a posteriori e filhos da experiência e do exercício. E da mesma forma que o espaço euclidiano, estão errados. Provo a consequência:

– O conceito de ligação mais antigo de todos é a “inferência fisiológica”, como a denomina Bertrand Russell. Se um homem ouve um forte ruído, e logo, a seguir, recebe um forte jacto de luz nos olhos, as pupilas se contraem pelo efeito da luz. Depois de algumas repetições, o ruído sozinho, sem luz nenhuma, fará as pupilas se contraírem. Eis a inferência fisiológica, ou relação primitiva, exaustivamente estudadas por Pavlov que lhes deu o nome de reflexos condicionados. O mecanismo reflexo associou ou relacionou o som à luz, concluindo, pela síntese, que um e o outro são a mesma coisa, donde reagir de igual modo a ambos. Padece deste vício o raciocínio dos antigos, donde o quiproquó, que significa uma coisa por outra. Dois acontecimentos sucessivos no tempo, decorrem um do outro por relação de causalidade. A causa é a síntese que reúne na unidade a variedade dos fenômenos. Dois fenômenos que se sucedem, devem relacionar-se pelo princípio de causalidade: depois disto, logo, por causa disto. Porque apareceu no céu um cometa antes do assassinio de Cesar, por isso a morte de Cesar se deveu à influência nefasta do cometa. A crença na influência de planetas perde-se nas origens dos tempos. Os deuses primeiros foram planetários, a princípio, e os heróis todos como Sansão, Hércules, Maciste, não passam de antropomorfização do Sol; o próprio Cristo, segundo alguns, é puro mito solar. Mesmo depois do advento das ciências até nossos dias, sempre houve quem acreditasse na influência que os astros exercem sobre os homens. O povoleu crê ainda em astrologias e horóscopos. Paracelso cria na influência dos metais, sobretudo, na dos imãs. “Entusiasmado com os surpreendentes efeitos dos seus tratamentos magnéticos, chegou a proclamar o imã, “o monarca dos mistérios”²¹⁷. Mesmer tinha por certa a influência planetária, não passando ele de canal cósmico por onde fluia, aos em que impunha as mãos, a força magnética dos astros. Charcot supunha ser a pura influência magnética dum eléto-imã que fazia convulsionar suas histéricas. Como vêem, todos tomavam a nuvem por Juno, ou seja: eram vítimas dos quiproquós. O magnetismo era, então, o elemento síntese, que unia e dava sentido à diversidade fenomênica. Eis aí o conceito de ligação que Kant dá como sendo puro, a priori, aparecido no homem, pronto para funcionar, no momento mesmo em que Deus soprou nas narinas do velho Adão!

– Mas, replicou Licas, o senhor apenas provou que os conceitos de relação estavam

216 H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 61

217 Jefferson Gonçalves Gonzaga, Hipnose Médica, 12

errados, não, porém, que eles não existem.

– Eu sei que existem; não, todavia, do modo puro e a priori, como quer Kant. Esse conceito de ligação tem base na inferência fisiológica de Bertrand Russell, nos reflexos condicionados de Pavlov, e por isso os podemos rastrear pela escala zoológica abaixo, até às origens da vida. Então verificamos que os conceitos abstratos de relação causal, são um aprimoramento das inferências fisiológicas, derivadas dos reflexos condicionados, os quais se apoiam nos reflexos naturais, que se fundam na irritabilidade do plasma e nos tropismos. Logo, se o conceito de relação ou ligação se fez por evolução, cai por terra a existência pura e a priori deles, como coisa estruturada no mecanismo do conhecimento, sem relação nenhuma com a experiência. Por isso o mecanismo do pensar começa com os quiproquós, do misticismo da fase teológica, como quer Augusto Comte, e termina com o pensamento positivo da fase científica. Aqui, então, se corrigem os métodos antigos, por verificar que são falhos. A intuição mística de espaço infinito de Euclides, cede seu lugar à visão do espaço curvo dos físico-matemáticos modernos. Como consequência a geometria plana passa a ser esférica, visto como tudo é curvo no Universo, não havendo exceção para o espaço objetivo. O conceito de tempo se induz da observação do movimento no espaço, e a relação de velocidade mostra que na eternidade o movimento pára, e onde o movimento for infinito, o tempo se acaba. Que é feito dos apriorismos kantianos? O homem procedeu da escala animal, essa é que é a verdade, e por isso nos animais a razão bruxoleia; aqui já começa a existir o método de ensaio-e-erro-seleção seguido até pelo homem quando depara com um problema inteiramente novo. Depois vem o homem primitivo com seus misticismos e quiproquós, para só evoluir o pensar positivo ou científico com o homem culto, moderno. Com a evolução do cérebro se deu a evolução da razão; e com esta se criaram os métodos corretos de raciocinar. O edifício ergueu-se da lama quente, na escuridão do algonquiano, vindo alcançar as luzes da razão, da técnica, da ciência e da lógica muito depois. A natureza, assim como o homem, agiu antes de pensar; no princípio do pensamento esteve a ação impensada, as tentativas loucas, e é assim que do empirismo puro nasceu o saber. “Sem mão não há cérebro”²¹⁸. Aqui também, e deste modo, se aplica a sentença romana que diz: “*primum vivere, deinde philosophari*”. Primeiro a vida com suas experiências; depois, a especulação filosófica. Procurando o que fôra no princípio, diz, Goethe, no seu “Fausto”: “No princípio era o Verbo (...). No princípio era o Senso (...). No princípio era a Potência (...). Agora é que atinei: *No princípio era a Ação.*”²¹⁹. No começo era a treva, e depois a luz se fez, assim para a Terra, assim para a consciência humana. Deus criou, mas deste jeito, e não, à moda de Kant.

– E que é mais fundamental na evolução do homem, interrogou Licas, a mão ou a língua? Porque os macacos têm mãos, e não duas, senão quatro, e ainda possuem, os arbóreos, caudas preênsais contudo, porque não possuem linguagem, por isso não evoluem como o homem o faz. Sem linguagem, impossível será a permuta de experiências, e a transmissão da cultura de uma geração à outra. Só o homem tem linguagem articulada, e, por esta causa, só ele evolui para além dos limites do estritamente biológico. Se é preciso considerar a língua ao lado da mão, como o fez Henri Berr que disse: “A mão e a linguagem, eis a humanidade”²²⁰; se é preciso considerar a língua, como dá, o senhor, excelência só à mão? Não se há de considerar só o *homo faber*, senão, também, o *homo loquens*! Ação e verbo fizeram o homem, e não somente a ação !

– Tudo o que você expôs, prezado Licas, se contém na premissa de Fritz Kahn. Porque, ao equilibrar-se o pré-homem macacóide nas patas inferiores, as anteriores se libertaram do rude esforço de caminhar. O trabalho de prender e segurar passou-se, então, dos maxilares para as mãos. Libertada a boca da função preênsil, atrofiaram-se os maxilares pela falta deste uso, possibilitando a que o cérebro se desenvolvesse para a frente, para a região frontal do crânio. E tudo isto aconteceu por causa da posição ereta do animal, e de as patas dianteiras dele haverem-se convertido em mãos. Posso, então, concluir, por correto raciocínio, que a mesma linguagem falada, para não se falar da escrita, resultou da mão. Por esta causa, reduzindo mais ainda a frase de Henri Berr, posso dizer: a mão é o homem; ou como escreve Fritz Kahn: Sem mão não há cérebro.

218 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 442

219 Clássicos Jackson, XV, 80

220 Fernando de Azevedo, Princípios de Sociologia, 63

E consultando o relógio, e vendo que era tarde, o mestre resolveu deixar o resto para outro dia.

Capítulo VI

Idéia de Deus formada pela visão da vida.

Ansiosos por ver o que Árago traria de novo para o pensamento filosófico, os estudiosos todos estiveram presentes, no outro dia à casa do pensador, tão logo caiu a noite. E Árago não se demorou, pois passara o dia todo em casa estudando. Depois dos cumprimentos habituais, e de Árago tomar seu assento à mesa, principiou ele a falar:

– Estivemos ocupados, ontem, em estudar os objetos do conhecimento. Amanheci hoje, porém, com vontade de aprofundar o estudo da vida, e ver por ela, como seria o seu Criador. Se concordarem, gostaria de vermos juntos, que idéia poderíamos ter de Deus, ao contemplar sua obra mais completa, a vida.

Todos aquiesceram, prazerosos, depois do que, Árago continuou:

– Herbert Spencer é o filósofo da evolução. Porém, no seu tempo, não se tinha ainda reunido a formidável mole de fatos como ocorre hoje. Os anti-evolucionistas bradavam, então, pelo elo faltante que ligaria o homem ao macaco. Começou-se, então, a busca do elo, até que, na África do Sul, nos terrenos calcáreos de Johannesburg, foram achados ossos de homens-símios. “Ao tempo em que ficaram terminados os primeiros estudos científicos imparciais, em 1950, as provas eram esmagadoras. O veredicto foi emocionante: descobrira-se finalmente o elo que há muito se procurava”²²¹. Hoje não há só um elo descoberto, mas, séries inteiras deles. “Encontraram-se partes de esqueletos de seres que ocupavam posição intermediária entre o mesopiteco e o homem. Os restos provenientes dos locais desses achados revelam, de modo inconfundível, o emprego do fogo. Muitos cientistas vêem no primeiro e consciente emprego do fogo o início da vida humana propriamente dita”²²². Existe até “a curiosa designação “antropóide pitecantropóide”, cunhada em vista da multiplicidade das formas intermediárias”²²³. “Esses semimacacos (Mesopitecos) são nossos antepassados diretos. O homem não descende do macaco, como se julgou dever interpretar a teoria de Darwin, mas desses mesopitecos. Na história genealógica o primata não é pois nosso pai, mas nosso primo”²²⁴. Por exemplo, “o chimpanzé não está ligado a nenhum outro animal senão ao homem pela posse de muitos caracteres hereditários. Isso significa que existiu noutro tempo uma raça de antropóide de cujos descendentes vivem ainda os chimpanzés e os homens, ao passo que todos os outros antropóides atuais já se tinham desviado dela muito antes desta última separação”²²⁵. Como vêem, “o homem **não** descende do chimpanzé. Embora se atribua à evolução da linha do oreopiteco uma duração razoável, a separação símio/homem talvez remonte a uns 40 milhões de anos”²²⁶. “O homem tem menos de um milhão de anos”²²⁷. E até o presente, “os mais antigos restos de animais fossilizados foram descobertos na Austrália. Remontam a 500 ou 600 milhões de anos”²²⁸. E “as formas mais antigas de primatas datam de 70 milhões de anos”²²⁹.

E como se podem obter esses dados? Interrogou Licas.

– “Se tivéssemos uma grama de carbono 14, ao termo de 5.560 anos ele estaria reduzido a meia grama; decorrido o dobro desse tempo, 11.120 anos, o nosso C¹⁴ seria um quarto de grama, e assim por diante. O C¹⁴ é de origem “ultra-terrestre”! Deriva duma reação química-nuclear que se opera a uns trinta quilômetros acima de nós, sob a influência da radiação cósmica”²³⁰. “Os raios cósmicos transformam azoto em carbono radioativo. Este, numa percentagem determinada e muito diminuta, é contido no ar, e todos os seres vivos contêm esta percentagem de

221 Ruth Moore, O Homem, O Tempo e Os Fósseis, 15

222 H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 141

223 H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 141

224 H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 140

225 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 343

226 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 242

227 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 245

228 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 241

229 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 242

230 F.L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 20

radiocarbono"²³¹. É deste jeito que se sabe que “o caixão de Sesóstris foi feito há 3.750 anos”²³², e que há “sandálias de 9.053 anos, segundo o relógio de carbono de Libby”²³³. Como “não há coisa que não seja dotada, pelo menos, de uma radioatividade mínima”²³⁴, a ciência descobriu que o isótopo de hidrogênio, o trício, é radioativo, desintegrando-se e reduzindo-se à metade em doze anos e meio. E para a contagem do tempo paleontológico e geológico usa-se o urânio U²³⁸ que, ao desintegrar-se, produz o tório, o bismuto, o polônio, os vários rádios até o D que é o chumbo estável. “O Rádio D, quimicamente, não é senão chumbo; por isso mesmo, não é possível separá-lo quimicamente de si próprio”²³⁵. Considerando que o urânio da Terra tem a mesma idade do urânio de qualquer ponto do universo, visto que todos os átomos pesados foram forjados no seio do “Colosso Primitivo de Alpher, Bethe e Gamow”²³⁶, então, podemos conhecer a idade do Universo? “Da relação entre o urânio e os seus produtos de decomposição resulta que a crosta terrestre tem 3.500 milhões de anos. Do urânio primitivo ainda existe mais ou menos a metade”²³⁷. Porém o urânio teria gasto outro tanto de tempo a formar-se no seio do “Colosso Primitivo”, como, por outros meios, se pode saber. Assim “os aerólitos ou pedras meteóricas são os selos na certidão de nascimento do universo. Cai algo do firmamento, ardendo em brasa, chiando como lacre e imprimem-se no globo terrestre como sinete. Corre-se para ver, lê-se a gravação e eis que se sabe: nascimento do universo, há sete mil milhões de anos”²³⁸.

E feita uma pausa, concluiu o mestre:

– Que distância vai tudo isto do que escreveu James Ussher, em 1.654! Este bispo irlandês anunciou “que o mundo foi criado a 26 de outubro de 4.004, antes de Cristo, pelas nove horas da manhã”(?!)²³⁹. E a Versão Antiga da Bíblia traz, à margem, esse cálculo.

E fechando o mestre os livros de que fizera citações, concluiu:

– Como vêem, o homem procedeu debaixo, de seres que lhe são inferiores. Hoje não é mais preciso ao filósofo proceder à coleta de fatos, como fizera Aristóteles no passado. As ciências se incumbem desta tarefa, ficando reservado ao filósofo o trabalho da organização em sistema, da congêrie dos fatos que cada dia mais se amontoam. E do mesmo modo como se procurou e achou o “elo que faltava” da cadeia, outros elos se encontraram ligando os macacos ao tarsus, e este, ao lêmur. Descobriu-se, pelo registro fóssil, que o musaranho passou para o lêmur primitivo, de cabeça canina, e este, para o lêmur do tipo *Tarsius*, com fisionomia macacóide, de que se originou o macaco primitivo e o pré-homem. Por causa disto, “não devemos esquecer que os monos evoluíram tão bem como nós outros, sendo hoje *mais monos* do que o foram ontem, enquanto nós o somos *menos*”²⁴⁰.

– Eis, meus caros, prosseguiu o filósofo, estabelecida a passagem do animal para o homem, e isto, de modo irrecusável, porque feita pela ciência. E eu podia continuar dissertando sobre o assunto, demonstrando com fatos e citações, como a vida surgiu de formas simples, evoluindo, depois, pela escala zoológica acima, desde os peixes até os mamíferos. Mas vocês mesmos poderão fazer este trabalho de pesquisa, através da leitura de várias obras de divulgação científica, existentes nas livrarias. Todavia, como os místicos se entrincheiraram nos pontos pertinentes à origem da vida, cumpre-nos atacar também esses redutos, com os resultados da ciência.

– Em primeiro lugar, continuou o pensador, precisamos considerar que a vida é fantásticamente plástica e adaptável. É assim que, “o petróleo, oculto desde milênios nas entranhas da Terra, contém as chamadas bactérias do petróleo”²⁴¹. “Ainda hoje, existem vegetais

231 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 82 - 83

232 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 20

233 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 22

234 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 19

235 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 33

236 H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 64-65

237 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 68

238 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 177

239 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 31

240 Wells e Huxley, A Ciência da Vida, 5, 355

241 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 196

que “saem do seu papel”. Alguns concentram o elemento tóxico selênio; outros, como a cavalinha, contêm quantidades consideráveis de silício. Dos “tunicados” do Mediterrâneo, sabemos mais ou menos que concentram o metal raro vanádio²⁴². E, “todavia, não consiste só nisso a sua singularidade: os tunicados contêm mais de 10% de ácido sulfúrico livre. Uma comparação: são muito mais ácidos do que o nosso suco gástrico²⁴³. “A causa disto é a decomposição das suas células sanguíneas, de um amarelo esverdeado, comparáveis aos nossos glóbulos brancos. Essas células sanguíneas chegam a conter 3% de vanádio, numa combinação semelhante à hemoglobina²⁴⁴. “enquanto que as seringas-do-mar não utilizam senão esse elemento raro que é o vanádio²⁴⁵. O sangue dos artrópodes também é diferente dos vertebrados: “em vez de pigmento vermelho, a hemoglobina, portador de oxigênio, a lagosta tem um pigmento azulado, a *hemocianina*, em que o ferro é substituído pelo cobre²⁴⁶. “Serão, de fato, micróbios as bactérias do mar calcáreo? – indaga Dombrowski, tomado de pasmo, ante seus próprios resultados. Cumpre então admitir que temos diante dos olhos os seres vivos mais antigos que se nos depararam até agora. E isto, não por intermédio de longa série de gerações sucessivas, mas com uma idade *individual* que podemos avaliar em 180 ou 200 milhões de anos²⁴⁷. Também se descobriram “vermes que vivem no gelo e perecem imediatamente quando dele são retirados. Existe até uma bactéria que vive no ácido cianídrico, um dos mais perigosos venenos químicos para o homem. Sucumbe ao entrar em contato com o oxigênio, para nós indispensável à vida²⁴⁸”.

E fazendo o mestre uma pausa em suas citações, comentou:

– Diante destes resultados estupefacientes, começou-se a pensar em como seria a atmosfera primitiva da Terra, chegando-se à conclusão de que ela deveria conter ácido sulfídrico. E também se admitiu que as “nitratobactérias e nitritobactérias talvez suportassem um “ar” impregnado de amoníaco. Logo, é lícito presumir que pelo menos as bactérias redutoras de sulfatos, com seu metabolismo singular, pertençam às espécies de seres vivos mais antigos da Terra²⁴⁹. E “as pesquisas mais recentes possibilitaram uma prova que pasmou os químicos: a prova da existência anterior de uma atmosfera terrestre de amoníaco²⁵⁰”.

– O mestre me permite uma pergunta? Disse Orsoni.

– Pois não, meu nego; pode falar.

– Por que o senhor usa essa rapsódia de citações, quando podia modificar o estilo do que cita, dando tudo como seu?

– De fato, meu Hierão, eu poderia variar o estilo, dando como meu o alheio, que é como fazem os compiladores. Mas eu prefiro ser rapsodo a compilador, primeiro, porque assim me manda a consciência; segundo, porque, com isto, torno minha explanação mais autorizada; terceiro, porque, inicio vocês que me ouvem, na arte de fazer pesquisas, e na de usar a erudição. Os filósofos antigos tinham de procurar os fatos, por si mesmos, para provar suas teorias. Nisto somos diferentes dos antigos, porque achamos os fatos nas obras dos peritos e nas de divulgação. É só o pensador novo estender a mão à sua volta, e trazer o que quiser para o seu moinho mental.

Findas estas palavras, o mestre ficou por certo tempo a olhar Hierão Orsoni, a fim de ver se ele ficara satisfeito, depois do que continuou:

– Como eu ia dizendo, e essa digressão me interrompeu, estudos recentes determinaram que a atmosfera primitiva da Terra se compunha de amoníaco, metano e vapor d’água, tudo a uma temperatura de cem graus centígrados. Tempestades desabavam sobre a terra, formando enxurradas de lama quente, e rios, e mares quase ferventes. Coriscos medonhos e continuados riscavam os negros céus, onde sequer um raio de luz podia penetrar pelo adensado das nuvens.

242 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 197

243 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 215

244 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 215

245 Wells e Huxley, A Ciência da Vida, 3, 332

246 Wells e Huxley, A Ciência da Vida, 2, 116

247 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 200-201

248 H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 152

249 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 197

250 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 217

Os raios ribombavam no espaço como tambores e timbales gigantes, e vendavais silvavam nas arestas das rochas, e as bocas das cavernas gemiam como tubos acústicos de órgãos fantásticos, em que demônios executassem a música telúrica e catastrófica de Satã. Era o negro, e quente, e úmido período algonquiano, em que se demorara a Terra por muitos milhões de anos.

E depois duma pausa, grave, meditativa, prosseguiu o filósofo:

– Tal arqui quadro mais que dantesco e atormentador azucrinou por certo tempo a mente de Stanley Miller, até que este se resolveu a criar o mundo primitivo no laboratório; para tanto, construiu um alambique que levava o vapor-d’água numa caldeira a um balão de vidro, e deste saía um outro tubo de vidro, em serpentina, que, atravessando um refrigerador, devolvia a água à caldeira em forma líquida. Podem examinar o desenho do aparelho reproduzido aqui na página 206 da obra de F. L. Boschke, “A Criação Ainda Não Terminou”. Como vêem, duas hastes de metal penetram dentro do balão, levando a eletricidade de uma máquina eletrostática para produzir, aí, pequenos raios. O balão está cheio dos gases amoníaco e metano, além do vapor d’água. Passadas algumas horas Miller analisou os gases do balão encontrando metano, amoníaco e alguns traços de bióxido de carbono, não havendo aí, portanto, nada de anormal. Contudo ao proceder a análise do que se continha dissolvido na água, obteve dez substâncias orgânicas, dentre as quais seis amino-ácidos. Obteve Miller por este modo simples, glicina, alamina, sarcosina, alamina-beta, ácido aminobutírico-alfa, metil-alamina N; amino-ácidos, ou seja, aquilo que se constrói nas albuminas não só artificiais, senão, também, as vivas. Fora estes compostos, acharam-se também, na solução, ácido aspártico, ácido acético, ácido succínico, ácido láctico, ácido amino-aceto-propiónico, e até a própria uréia. Wohler já tinha destruído o tabu da “força vital”, provando que “também podemos produzir, nos tubos de ensaio, combinações orgânicas que se formam nas células vivas”²⁵¹. Agora vem Stanley Miller, e produz amino-ácidos artificiais, partindo de compostos muito simples. Segue-se, depois, o trabalho de equipe, chefiado por Sidney W. Fox, que deu como resultado a produção de albumina artificial, com a qual se preparou uma solução nutritiva; pondo dentro dela um bacilo, “o bacilo viveu nela – viveu dela –, desenvolveu-se apenas mais lentamente do que na solução em que vinha sendo cultivado. O produto artificial era igualmente “comestível” para ele. Um bacilo podia viver naquela albumina! Estava descoberta uma albumina adequada à vida”²⁵². De fato, “aminoácidos e calor forneciam albumina”²⁵³. E há mais isto: “enquanto um organismo animal reage, perante uma albumina diferente, com um choque e produz anti-matérias, com a albumina sintética isso não ocorre. Ela pode ser injetada em animais, sem que se origine os chamados anti-corpos”²⁵⁴.

E coçando, o mestre, a cabeça, enquanto fazia uma pausa, prosseguiu, a seguir:

– Ainda não se pôde produzir a vida no laboratório; mas não se está longe disso; e tudo leva a crer que a vida surgiu na lama “escura, quente, úmida como um útero; a terra assemelhava-se (então) a um regaço preparado para o acontecimento místico da concepção. Como ocorreu, não sabemos”²⁵⁵. “Os primeiros seres vivos foram presumivelmente os vírus que, comparados às criaturas atuais, são apenas semiviventes”²⁵⁶. “O vírus não constitui um ser vivo legítimo, pois a essência do ser vivo é a capacidade de manter em movimento o mecanismo da sua substância viva com as matérias mortas de seu ambiente. O vírus não pode fazer isso, pois ele precisa do plasma vivo de um outro ser vivo para se manter e se multiplicar”²⁵⁷. Os vírus, “através de suas moléculas, conduzem o metabolismo da célula para os trilhos do seu próprio metabolismo, desviando por assim dizer os vagões de carga que se destinavam ao local “Célula”, por via lateral para a estação “Vírus”²⁵⁸. Numa gota d’água que pende de uma folha, as moléculas estão ordenadas como acontece nos cristais, pelo que se pode chamar a gota d’água de “cristal líquido”. E assim como água, todos os líquidos podem formar “cristais líquidos”. “No começo do século Stephan Leduc chamou muita atenção pelas observações que fez nesses

251 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 204

252 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 220

253 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 220

254 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 221

255 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 14

256 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 14

257 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 316

258 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 316

cristais líquidos que ele descreveu como sendo os precursores dos seres vivos. Na realidade é de espantar o que eles realizam em movimentos “vivos” e manobras. Eles se enroscam como vermes, arrastam-se como amebas, devoram como estas, crescem e dividem-se quando atingem determinado tamanho”²⁵⁹. Como se vê, “não há diferença entre vivo e inanimado. O vivente é uma potenciação das forças normais da natureza”²⁶⁰. “A matéria viva é apenas um arranjo especial da matéria ordinária e a evolução da vida não é mais que um redemoinho peculiar e local, em meio da evolução cósmica”²⁶¹. “E a série é esta: matéria em forma de núcleos atômicos nus e elétrons livres e vagabundos (é o estado em que ela se encontra mais comumente); – matéria em forma de átomos; – matéria em forma de misturas simples; – matéria em forma de misturas especiais, que precisam da água para se formarem (é o estado mais raro); – finalmente, matéria em forma de unidades bastante complexas e dotadas de auto-reprodução, a que chamamos matéria viva”²⁶².

E fechando o mestre o livro que tinha nas mãos, exclamou:

– Aqui está, o veredicto da ciência. O universo e tudo o que nele há, teve seu começo no caos. “Há 4.000 milhões de anos, o universo devia ser um só ponto de matéria”²⁶³. Em torno desse ponto turbilhonavam ondas de energia que se concentravam, vindas da periferia do espaço-tempo. Se é verdade que, para as ondas que se expandem no espaço, a intensidade decresce na razão inversa do quadrado das distâncias, também, então, é exato que, para as ondas que se concentram, vindas da periferia, *a intensidade crescia na razão direta do quadrado da distância*. E quando a distância se torna mínima possível (10^{-13}), então a onda se fecha no vórtice eletrônico, que é a primeira unidade material de que surgirão todas as demais. Assim, à custa da energia vinda do ilimitado, pouco a pouco se foi formando o Colosso Primitivo de Alpher, Bethe e Gamow em que se reunia toda a matéria do universo, e que devia ter uns dez mil anos-luz de diâmetro. Este Colosso Primitivo que imenso se arredonda, suspenso no bojo do caos que rebentava em tempestades de energia, foi a primeira formação a delinear-se no seio da substância, até então informe. E aqui foi onde se forjaram os átomos pesados, de que se compõe toda matéria que ora viaja pelo espaço-tempo, constituindo todos os sidéreos sistemas que pululam nas galáxias do universo inteiro. No princípio era o caos medonho, a noite antiga, o não-ser, o inferno mais extremo da inteira potência e nada ato. O não-ser se mostrava, então, em toda a sua plenitude de negação, onde a essência era nada e a substância tudo. Esta esfera consistia, mas, não era; tudo o que fora antes, desfez-se ali na substância, da qual outras essências surgiram. Se Aristóteles afirma que tudo o que existe se constitui de matéria e forma, sendo Deus a forma (actus purus) sem matéria alguma, pela recíproca, o caos primeiro é a indefinida potência, o não-ato, constituído de pura matéria sem forma alguma. Depois surgiu um ponto de matéria que cresceu até o Colosso Primitivo em cujo seio se formaram todos os átomos do Universo. Depois a pressão ondulatória vinda dos espaços se foi arrefecendo, e o Colosso principiou a rugir e a expandir-se, não com explosão, mas com movimento lento, vencendo a custo a força contrativa externa que amassava e reduzia tudo à pasta nuclear. O Colosso se expandiu, possibilitando a que os núcleos nus ganhassem esferas eletrônicas. Depois tudo começou a encaixar-se pelos entalhes atômicos, engrenando-se pelos dentes eletrônicos, e a grande roda dos átomos simples principiou a girar.

Fez uma parada o professor, continuando a seguir:

– O Colosso rodava sobre si mesmo, impulsionado pelas ondas de energia que giravam com o espaço, e quando começaram a explodir as massas de corpos transurânicos, os pedaços saíram rodando também, e também explodindo. Arrefecida a força centrípeta, procedente da periferia, começou a dominar a centrífuga, filha do movimento rotativo central, e o universo se expandiu, e se expande ainda. Formaram-se as galáxias, e dentro delas, os sistemas planetários.

– Eis que somos chegados à nossa Terra, continuou Árago, ainda massa informe de gases rodopiantes. Os corpos densos, radioativos, por efeito da força centrífuga, foram projetados para

259 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 314

260 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 36

261 Wells e Huxley, A Ciência da Vida, 5, 17

262 Wells e Huxley, A Ciência da Vida, 5, 34

263 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 68

a periferia do sistema, ficando dentro dele, no centro, os materiais mais leves. O material denso terrestre condensou-se numa esfera achatada, quase discóide, e na zona do equador, enrijou-se o cinturão dos corpos radioativos, não na superfície, mas abaixo dela, no ponto em que se equilibravam as impulsões centrífuga e centrípeta gravitacionais. A temperatura caía. E quando o oxigênio e hidrogênio se casaram, os compostos complexos se fizeram presentes já na Terra, já nas águas quentes, já na atmosfera de amoníaco, vapor d'água e metano. As chuvas caíam torrenciais, e relâmpagos iluminavam o firmamento negro do algonquiano, deixando ver, nesses átimos de tempo, o panorama tormentoso desse outro caos. E as trevas do algonquiano cobriram a face da Terra por milhões de anos, pois nenhum raio de luz poderia penetrar no espesso cobertor das águas em suspensão. Até que, por fim, as nuvens se ralearam, e o Sol iluminou pela primeira vez a face do planeta. No tépido caldo dos mares primitivos, formas gelatinosas se moviam, e, vorazes, transformavam em substância própria a albumina filha do raio, nascida na tempestade. E de ensaio em ensaio a vida se foi firmando, mantendo o certo, e eliminando o errado. A lei imperava e punha ordem no caos, e a harmonia e a beleza correspondiam à lógica das formações. Primeiro vírus, depois bactérias, depois células, depois colônias celulares; e quando a divisão do trabalho especializou as primeiras células coloniais, então surgiu no seio das águas o primeiro ser vivo unitário, de porte superior. O homogêneo se tornava heterogêneo, o tético se tornava antitético, para, unido a outra tese, formar uma síntese mais alta. E debaixo deste princípio a vida trabalhou, selecionando o melhor, e eliminando sem piedade o pior.

E após uma pausa meditativa, exclamou, enfático, o pensador de Cananéia:

– Eis até onde nos trouxe a ciência moderna, impossível de ser iludida ou ignorada pelos filósofos da terceira jornada que começa aqui e agora, nesta escola de pensadores. Assim como do fragmento de um vaso pode o arqueólogo reconstruí-lo inteiro; assim como por um dente ou resto fóssil o paleontólogo reconstrói um animal pré-histórico; assim como por alguns documentos, dados e indícios os historiadores reconstróem uma civilização; assim como com algumas pistas os detetives rastreiam e descobrem um crime; igualmente, pela visão da vida poder-se-á inferir sua moral, e pela visão do Universo, intuir a idéia de Deus. Isto posto, pergunto: quando vocês olham a vida, que vêem?

Enquanto todos se mantinham hesitantes, Benedito Bruco rompeu, nestas palavras:

– A primeira característica da natureza é o egoísmo. Nunca vi altruísmo em coisa nenhuma. Para mim a vida é um come-comer. E é comer, para não ser comido; é agredir e matar, para não ser agredido e morto. O animal só tem piedade e amor para com suas crias; fora daí, a luta é de uma cruzeza e selvageria incríveis. Não vejo nada belo, porque enxergo em profundidade como raio x, e meus olhos observam o estômago e as vísceras, onde outras formas estão sendo desfeitas e digeridas pelo vencedor. Na barriga do sapo enxergo o colibri; na da cobra, o sapo; na do jacaré, a cobra; na do homem, as carnes do jacaré. A cadeia se interrompe, aqui, no que é mais forte e mais astuto.

– Protesto contra essa generalização de Bruco, vociferou Hierão Orsoni. Vejo na natureza coisas belas. Hajam vistas a inocência e candura duma criança, a beleza duma flor, o maravilhoso duma pérola.

– Que o que! tornou Bruco: Você, Hierão, pensa do mesmo modo que Rousseau: “A natureza oferece-me um quadro de harmonia e proporção, enquanto o gênero humano só me dá confusão e desordem! Reina a concórdia entre os elementos, e nos homens o caos! Os animais são felizes; só o seu rei é desgraçado!”²⁶⁴. Aqui está, o que são os homens e os animais, meu caro Hierão. Quanto às flores, digo-lhe que não são mais do que órgãos sexuais das plantas. São muito variadas e muito artificiosas, por causa da luxúria vegetal. Tais órgãos sexuais são postos nos altares dos santos, dos quais se propala que venceram a carne, dominando a animalidade grosseira. Se adornássemos os altares com os órgãos sexuais dos animais, sobretudo os dos superiores, então seria sacrilégio horrendo, denunciado como falolatria. Mas como tais órgãos são de vegetais, tudo está bem para esses ilógicos que chegam a ver nas flores motivos de pureza. Assim “a rosa com que a donzela se enfeita para o baile, é um órgão genital!... Que escândalo!”²⁶⁵. E a pérola? Que pensa você que é? Vê aquele belo colar de pérolas enfeitando o

264 Clássicos Jackson, XII, 273

265 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 91

colo semi-nú, e provocativo, e perfumoso daquela mulher? Pois “as pérolas são os caixões mortuários onde o marisco encerra a múmia duma larva de tênia, saída do intestino da arraia”²⁶⁶. Assim as pérolas resultam da irritação, da luta silenciosa e da tragédia!

– Neste ponto interveio Alcino Licas aparteando:

– Mas Bruco, você disse, com Rousseau, que a natureza oferece-nos “um quadro de harmonia e proporção”?

– Foi o que ele e eu dissemos, então, conquanto afirme agora que aquilo é só meia verdade, porque, como o anotara Schopenhauer “o mundo é uma lanterna mágica”²⁶⁷. E acrescenta: “Dizem-me para abrir os olhos e fitá-los na beleza do mundo que o sol ilumina, admirar-lhe as montanhas, os vales, as torrentes, as plantas, os animais, que sei eu! (...) Certamente que o espetáculo é esplêndido à vista, mas representar aí um papel, é outra coisa”²⁶⁸. “Se pudesse pôr diante dos olhos de cada um as dores e os espantosos tormentos aos quais a sua vida se encontra incessantemente exposta, um tal aspecto enchê-lo-ia de medo; e se quisesse conduzir o otimista mais endurecido aos hospitais, ao lazaretos e aposentos de torturas cirúrgicas, às prisões, aos lugares de suplícios, às pocilgas dos escravos, aos campos de batalha e aos tribunais criminais, se se lhe abrissem todos os antros sombrios onde a miséria se acolhe para fugir aos olhares de uma curiosidade fria, e se por fim o deixassem ver a torre de Ugolino, então, com certeza, também acabaria por reconhecer de que espécie é este *melhor dos mundos possíveis*”²⁶⁹.

Benedito Bruco estava lívido...; seus lábios como que tremiam... E perdendo o olhar no vazio prosseguiu:

– São belíssimas, bucólicas, arcádicas, as passagens bíblicas, em que o valoroso pastor Davi, quase dá sua vida pelas ovelhas. Um frêmito de heroísmo e de piedade nos percorre os nervos e nos esfria as entranhas, quando o grande servo do Deus vivo se defronta com leões, com ursos, com tigres e com chacais; armado só da sua temerosa funda a todos acomete, e os desbarata, arrancando-lhes, das bocarras, os cordeirinhos tenros. Ora Davi é visto rodando no ar sua perigosa funda, contra a qual nem ursos nem gigantes se atreviam, ora é visto com sua harpa, afugentando demônios a Saul. Mas..., de que hauria Davi a força com que acionava as pedras danosas na funda? A força lhe vinha das carnes que comia aos mesmos cordeiros, pelos quais, cantando loas, dizia agora quase sacrificar-se. Para ele ficava o só quase sacrifício, para que o sacrifício real e verdadeiro coubesse às mesmas ovelhas e aos cordeiros, em seu único proveito. Oh! Dura coisa, meu Licas, é escapar das garras sanhudas das bestas ferozes, para morrer nas de Davi!... Importa em nada, portanto, o nome, porque, do ponto de vista das ovelhas, os Davis se confundem com os lobos e com os tigres, sendo tanto maior o perigo, quanto mais estiverem protegidas e guardadas nos apriscos. As lutas que Davi travava contra aqueles animais bravios, na defesa do rebanho, não era por amor do rebanho, como alardeava, senão por amor de si mesmo, ou seja, para garantir a sobrevivência própria. No fim da fábula, Davi proferia a frase do Leão, que era, da tribo de Judá: “Quia nominor Leo” – quer dizer: porque me chamo Leão!...

E voltando-se para Árago, interrogou Bruco:

– Prossigo, ou paro?

– Prossiga, prossiga!...

– As belezas com que Davi canta estas façanhas todas, têm feito a muitas gerações chorar de êxtase heróico e de alegria “santa”, e ainda há pouco elas fizeram suspirar, aí, o nosso Hierão. Ainda mais que este Davi é figura profética de Cristo que arranca as almas das unhas de Satanás. No entanto, ao que sei, nunca se achou quem advogasse a causa das ovelhas sacrificadas por Davi, como se fosse glória e honra grandes escapar de ser pasto das bestas ferozes, para ser comida do poeta amoroso, e místico, e sensível, e dedicado cantor do Deus vivo! O canto de Davi é o canto do Universo que, todo, se acha fundamentado sobre a dor, e a miséria, e a destruição do mais fraco, e vitória incondicional do mais forte ou mais astuto. “Este mundo é um covil de ladrões; porque se bem considerarmos, não há nele coisa viva, que não viva de rapinas:

266 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 221

267 Dores do Mundo, 27

268 Dores do Mundo, 27

269 Dores do Mundo, 26

os animais, as aves, e peixes comendo-se uns aos outros, se sustentam, e se algum há, que não se mantenha dos outros viventes, tomam seu pasto dos frutos alheios que não cultivaram; com que vem a ser tudo uma pura ladroeira; tanto, que até nas árvores há ladrões; e os Elementos se comem, e gastam entre si, diminuindo por partes, para acrescentar cada qual as suas²⁷⁰.

E fechando seu caderno de notas, prosseguiu Bruco:

– Mas a substância do Universo, como quer Santo Agostinho, é o nada; logo, tudo isto é nada. Davi é um nada que se nutre doutro nada, que é o cordeiro. Um goza a ilusão de comer, e o outro sofre o pesadelo de ser comido. A única Realidade é Deus, o Grande Mago, como o entende Santo Agostinho, que fica fora da sua Criação a dar gostosas gargalhadas extracósmicas!... Foi esse Grande Mago que mandou seu Nada-Cristo à Terra para ser moído. Deus é um Davi ampliado ao infinito; e assim como este comia e devorava os cordeiros que criava, que cuidava e que apascentava, também o grandalhão netuno-Deus devora-nos a nós, que lhe somos filhos. Esse grandevo Pastor-Deus mandou seu Cordeiro-Mor Cristo à Terra para ser sacrificado, a fim de que os cordeiros menores vejam que, se tal aconteceu ao Maior, que não sucederá ao menor? Foi Cristo o grande Cordeiro de Deus, no dizer de João Batista (Jo 1,35), e foi este Cordeiro-Pastor quem pregou às turbas inconscientes, à carneirada, que o Reino do Grande Mago é semelhante a uma rede que os pescadores lançaram ao mar (Mat 13,47); e depois de terem pego uma grande provisão de peixes, puseram-se a os separar dentro do barco. E diz a letra impressa, que os bons foram postos em cestos, na certa, para serem fritos, no passo que os ruins foram lançados fora, às águas, de novo. A moral desta fábula já se vê, é que os bons vão para a panela, a fim de serem fritos, depois do sal, e do vinagre, e da pimenta... É assim que se costuma pôr as tartarugas gigantes, vivas, de costas, num tacho d'água fria que se vai aquecendo aos poucos, até matar o desgraçado bicho. Esta tortura aplicada ao animal faz que suas carnes, dizem, se tornem excelentes. Lembra-me de Ter lido em Fritz Kahn que os crustáceos perseguidos de perto, costumam desfazer-se de uma pata que o inimigo apreende por engano. E narra que um estudioso deitou um crustáceo sobre algodão embebido em álcool, resultando que o bicho “arremessou de si, duma só vez, suas dez patas. Que mais restava a um pobre animal submetido a tão “humano tratamento” pelo “homo sapientíssimus”! O arremesso das patas “foi o grito da criatura torturada, forçada a suportar em silêncio a sua dor, porque Deus não lhe deu voz para dizer o que sofre²⁷¹. Outras vezes, tal como as tartarugas, os crustáceos são postos ao fogo em água fria, como o refere Fritz Kahn. “Lembro-me (diz ele) de ter visto, durante um veraneio na praia, uma senhorita com uma das mãos na tampa da panela, para evitar que os “bichos pulassem da água”, e a outra segurando um volume... de poesia lírica! Repreendi a moça, chamando-a “bárbara civilizada típica”. Ela deu-me esta resposta: “Mas os caranguejos não sentem nada! Têm a casca dura”. Sim, senhorita: para não sentir nada, basta ter a casca dura...”²⁷². Querem continue mostrando as barbaridades medonhas do “homo sapiens”, como o classificou Lineu, ou *imagem de Deus*, como o refere o Gênese?

– Pode prosseguir, Bruco, tornou o mestre; enquanto você fala, me poupa o esforço.

– O ser primitivo do qual se derivaram o homem e o chimpanzé era mais humano que o chimpanzé, visto que já possuía postura vertical, mãos dotadas de polegar, dentadura de dentes paralelos. Estes traços se animalizaram no chimpanzé, e se humanizaram mais no homem. Como o pré-chimpanzé era mais “humano” que o chimpanzé atual, “seria mais plausível dizer que o macaco deriva do homem, do que presumir que o homem descenda do macaco²⁷³. Se descendêramos dos brutos ferozes, pela biogênese, recapitularíamos essa fase do bruto, donde vinha que toda a criança seria menos humana que o homem. Mas, não. A criança é mais humana, dócil, pura e boa que o homem, porque recapitula fase semelhante à do gibão. “O gibão é o único mamífero que canta e, num ambiente musical, aprende a solfejar uma escala ascendente e descendente. Ao contrário dos macacos, não é ladrão nem arrogante, e pode ser um companheiro doméstico muito comedido e bem comportado, comparável a uma criança boa. À mesa, não mete

270 A. S. de Macedo, A Arte de Furtar, Dedicatória , IV, Ed. Melhoramentos

271 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 311

272 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 316

273 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 466

a mão na travessa para se apoderar do melhor bocado; espera que o sirvam e dá-se por satisfeito com o seu quinhão. Enquanto outros símios, quando não se lhes fazem as vontades, estrilam, berram, arranham ou mordem – Alexandre Magno morreu tão jovem, da mordedura dum macaco – o gibão, se lhe negam alguma coisa, volta quieto ao seu canto. Em geral, no cativeiro, o gibão fina-se de hipocondria – da tristeza de ter de viver entre os homens. O homem também tem motivos para se entristecer quando vê o gibão; porque é dessa criatura amável, fiel, sincera que derivou a espécie humana²⁷⁴. Porque procedemos do gibão, por isso, o homem nasce bom, e ao crescer, se torna mau, não no sentido de Rousseau, mas no sentido biogenético, pois o homem, na vida adulta, recapitula sua história pregressa do troglodita. Eis o critério paleontológico para classificar o homem: “Enquanto os paleontologistas ainda não se tinham decidido sobre se os sul-africanos deviam ser considerados macacos ou homens, Weinert escrevia esta frase que tem sido freqüentemente citada: *Nenhum macaco mata, assa e devora os membros da própria espécie: isto é humano*. E acrescentou: *Era bonito considerar o ato de Prometeu como o primeiro da humanidade nascente; mas nós não podemos deixar de antepor-lhe o ato de Caim*”²⁷⁵. O cérebro frontal é, como se costuma dizer, a sede do moral e do imoral, o que inspirou ao antropólogo americano Hooton este conceito perfeitamente fundado: “Novecentos gramas de cérebro são suficientes para o ótimo em procedimento humano; o que sobrar, transforma-se em más ações”²⁷⁶. Esta mesma citação se acha inserta na obra de Herbert Wendt, depois do que explica ele: “Os pré-homens dotados de grande cérebro ainda estavam longe de atingir esse ótimo, mas, com o auxílio da nova arma milagrosa, a pedra, já praticavam toda a sorte de atos sangrentos”²⁷⁷.

Benedito Bruco, de pé, próximo à mesa de Árago, imitava o mestre no fazer dissertações, e usava a biblioteca do filósofo com tanta mestria quanto a dele. E percebendo, nas feições, que todos estavam satisfeitos com sua palavra, exceto Hierão, prosseguiu:

– A antropofagia do primitivo mais se acentuou ainda quando surgiram motivos religiosos para reforçá-la. O homem do período glaciário já praticava a magia, e acreditava numa vida depois da morte. Deste modo, “o devoramento por amor tem uma razão; a gente não quer perder as pessoas queridas e, portanto, procura atrair para si as suas almas devorando-lhes os corpos”²⁷⁸. E “compreende-se que, se uma pessoa queria encarnar as qualidades de outro homem, não precisava esperar que ele morresse de morte natural; podia matá-lo violentamente se se apresentasse um motivo religioso. Assim nasceu o costume do sacrifício humano. Já era conhecido no período glaciário²⁷⁹. “Era o mesmo quadro da vida do homem no fim do glaciário: todos os crânios de Chou-kou-tien tinham o occipital aberto de modo a se poder introduzir a mão no seu interior e extrair o cérebro; a maioria dos ossos tubulares davam a impressão de terem sido fendidos para lhes chuparem a medula”²⁸⁰. “Os antepassados dos gregos, que são para nós protótipos do homem civilizado, eram antropófagos, segundo informa a mitologia. O próprio Aquiles imolou na pira do seu amigo Pátroclo bravos rapazes troianos; em compensação, Hécuba ameaçou devorar-lhe o fígado. Quase ao mesmo tempo, ocorria a entrada dos filhos de Israel na Terra da Promissão, em cujos povoados encontraram os fornos do deus Baal, a cujas fauces ardentes se atiravam as crianças; não absolutamente as indesejadas; mas justamente as mais queridas, assim como Abraão estava pronto e se dispunha a sacrificar o seu único filho Isaac – o paralelo do sacrifício de Ifigênia, imolada pelo pai. Destes sacrifícios humanos derivaram mais tarde os sacrifícios de animais, a imolação de reses do templo de Salomão; destes sacrifícios se desenvolveu o hábito da “Ceia”, no princípio do sabá, o uso de saborear pão e vinho como símbolos idealizados da carne e do sangue”²⁸¹. Agora se entende claramente por que Cristo disse: “Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. (...) Porque minha carne verdadeiramente

274 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 460

275 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 338

276 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 472

277 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 338

278 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 277

279 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 277

280 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 365

281 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 473

é comida, e meu sangue verdadeiramente é bebida”²⁸². Por conseguinte a comunhão de pão e vinho protestante, e só de pão, católica, é a reminiscência de um rito antropofágico.

– Assim o entendeu Montezuma; por isto, quando Cortês lhe falou a respeito do horror que representavam o sacrifício e o devoramento de hóstias humanas, “Montezuma deu-lhe a entender que achava menos horrível sacrificar seres humanos do que devorar a carne e beber o sangue do próprio Deus...”²⁸³.

– Mas isso é só em símbolo! redargüiu Hierão.

– Símbolo, sim, tornou Bruco, porque não há outra maneira de se devorar a Deus! O consenso, o uso, o costume têm cegado o homem moderno, de modo a que não possa enxergar que é muito mais formidoloso devorar o próprio Deus, que a simples carne humana! A ser teófago, é preferível a antropofagia!

E largando Bruco o livro “Deuses, Túmulos, e Sábios” de lado, para de novo pegar Fritz Kahn, leu, a seguir:

– Quando os espanhóis aportaram ao México, os sacrifícios e os festins de carne humana continuavam em plena voga; ainda hoje, se vêem nesse país a pedra entalhada e a faca de obsidiana, com que o sumo sacerdote abria o peito e arrancava o coração palpitante à vítima, segura de costas na lousa por cinco sacerdotes de roupagem preta. A falar verdade, não se deveria dizer “à vítima”, porque eram sempre dezenas, se não centenas, as criaturas sacrificadas dessa maneira; e a carne fumegante, ainda quente de vida, era distribuída à multidão ébria de sangue. Eram tantos os seres humanos trucidados que, segundo os relatórios espanhóis, os templos cheiravam mal como outros tantos matadouros”²⁸⁴. Por esse tempo se extinguiu na Europa um costume que permaneceu ainda, no Ocidente, entre os irlandeses, e no Oriente, entre os tártaros. “Na Irlanda, como no México, reputava-se opróbrio não ser digno de imolação; e assim como ainda hoje há homens que, na sua ingenuidade, negam a si próprios em vida toda alegria, para terem, depois de mortos, “funerais de primeira classe”, assim os pobres pais irlandeses levavam outrora os seus poucos vinténs poupados aos médicos, a fim de que eles os conservassem vivos até ao dia do casamento da filha. Nessa festa, a sogra – cevada para esse fim, durante meses – era abatida solenemente e servida – como assado. Os tártaros eram menos bárbaros: entre eles, quando se esgotavam as provisões de carne, as cozinheiras exigiam do comandante prisioneiros de guerra, ou algumas crianças órfãs.,etc”²⁸⁵ “E, quando os soldados americanos, em guerra contra o Japão, chegaram à Nova Guiné, ali se lhes depararam ainda “açougues” onde se oferecia à venda carne de raparigas novas e bem cevadas. A proibição desse comércio de carne humana suscitou entre os negociantes este protesto: “Eles comem os porcos imundos, e mandam enterrar estas meninas apetitosas!”²⁸⁶. “Na China, todo terceiro filho finava-se de fome; e, como se costuma fazer aos gatinhos, afogavam-se as meninas recém-nascidas; em 1.900 ainda havia letreiros assim: “Aqui é proibido afogar meninas”²⁸⁷.

E continuou Bruco, após uma pausa:

– E Deus que criou estes homens sem entranhas, os cozinha a eles, vivos, por sua vez, neste grande tacho do mundo. “No princípio do século, quando se confirmou definitivamente o parentesco do homem com o macaco, para nos livrarmos do peso desse atestado, clamávamos: “Afastemo-nos do macaco!”. Em meado do mesmo século, que nos demonstrou, numa medida que não julgaríamos absolutamente possível, a bestialidade do “Homo sapiens” gritamos, cheios de saudade e de pesar: “Voltemos ao gibão”²⁸⁸. E assim, acabou tendo razão Buffon para o qual o homem “não passa de um *macaco degenerado*”²⁸⁹. Se o não for do ponto de vista biológico, como o queria Buffon, se-lo-á do ponto de vista moral, como venho expondo. E ainda me vêm grandes espíritos dizer que Deus e a Natureza são um e o mesmo? Pois Giordano Bruno, Galileu, Espinosa, Goethe e muitos outros estabeleceram a doutrina de “que Deus e a natureza

282 João 6, 53 e 55

283 C.W. Ceram, Deuses, Túmulos e Sábios, 290

284 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 473

285 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 473 - 474

286 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 474

287 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 52

288 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 461

289 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 67

eram unos e que não podia erigir-se um muro divisório entre a matéria e o espírito, entre o corpo e a alma”²⁹⁰. Ora, se Deus é a natureza, o mundo, meus amigos, como pode Deus ser a justiça e a bondade mesmas?

Vendo Hierão Orsoni sua fé espírita ameaçada por esta conclusão de Bruco, exclamou, furibundo:

– A natureza não é Deus, mas apenas o espelho em que Deus se reflete; e conquanto o homem seja parte da natureza, não a representa toda, inteira. Há pouco você deu o gibão como sendo um ser dócil e meigo; segue-se, logo, que o homem se desviou do gibão, não só evoluindo para um cérebro maior, senão também pela aquisição da maldade que o gibão não tem. Possuindo o livre arbítrio, usou-o, o homem, para o mal. Como é que um ser desviado da bondade e da doçura do gibão pode representar a natureza no seu grau máximo? Desça do gibão, meu Bruco, e essa é a natureza que espelha Deus!

– Então desço – tornou Bruco, dispondo os livros para mais citações, com que havia de documentar suas assertivas. – Vou provar que quanto mais a vida se eleva, mais cresce a maldade; o pior de todos os animais é o homem, por ser o rei deles. E, pela recíproca, quanto mais se desce na escala da vida, mais se atenua a maldade. Seria, então, que a bondade suprema coexiste com a matéria? Seria, logo, o cosmo de matéria bruta, o Deus-Natureza de Giordano Bruno, de Galileu, de Espinosa, de Goethe? Se só na matéria bruta existe harmonia, e ordem, e bondade, segue-se que o Deus-Natureza é a matéria, e que a Matéria é Deus.

– Absurdo, Bruco! – exclamou Hierão – acaso não há no mundo verdadeiros santos?

– Pode ser que haja ..., mas não são filósofos, e por isso não se guiam pelas luzes da razão. Os místicos aceitam tudo por sugestão ou fé, e não por persuasão ou ciência; para eles vale o princípio da autoridade, do *“Magister Dixit”*; certos ou errados, não podem provar nada. O fenômeno religioso teve início, quando alguns místicos tiveram um pressentimento ou palpite de que deve haver uma vida após a morte. Então saíram a pregar esta “verdade”, como coisa absolutamente certa e indiscutível, criando legiões de adeptos, que são os crendeiros do mundo inteiro. Como o demonstrei há pouco, o próprio canibalismo do primitivo tinha por base a fé que não tanto a necessidade de alimento; logo, o homem primitivo era mau por ter fé e crer. Se a religião pode ser, assim, um motivo de maldade ou de bondade, por que me vem você falar da bondade artificial do santo, sem base nenhuma na natureza? Conquanto tenha eu dito que a antropofagia do primitivo tinha por base, sobretudo, a fé, posso provar que a natureza não se opõe a esta fé, e antes a encoraja e corrobora com ela, pelo que é ela natural; já a fé do santo é antinatural porque faz oposição e guerra à natureza que manda devorar sob qualquer pretexto.

E dizendo isto, pôs-se a procurar no livro de Fritz Kahn, o que havia de citar. E tendo achado o ponto correspondente às suas anotações, exclamou:

– No princípio eram as plantas; e conquanto disputassem o espaço vital, não se entredevoravam umas às outras. “Na história da vida, a primeira época foi – como a descreve a Bíblia – o “paraíso”. Mal a primeira luz atravessou a atmosfera, que ia clareando, os jovens seres vivos, até aí ocupados em formar penosamente combinações do azoto atmosférico, puseram-se a utilizar a energia da luz, a fabricar, com carbônio e água, hidrato de carbônio. Eis o quadro da vida benévola, amena e moral que figuramos para nós mesmos, como plano da criação: a luz cálida, vivificante, do sol inunda, do universo, a Terra; a criatura capta as ondas do éter e compõe, com materiais e gases inferiores, as combinações superiores que formam o plasma, insuflando assim a vida na matéria inanimada. Já precocemente, porém, aparece o mal; uma criatura começa a roubar à outra o fruto do seu trabalho. “O fagócito, o “devorador”, encosta-se ao bacilo e torna-se bacteriófago. Os cogumelos implantam-se em vegetais ainda unicelulares, sugam-lhes a seiva e desenvolve-se a simbiose – belo nome para uma relação detestável. Mas, até aí, não havia assassinio na terra”. E prossegue:

– “Nasceu então Caim; não se contentando com ser parasita e furtar, concebeu o plano criminoso de acometer e devorar o possuidor de tesouros nutritivos. Consumou-se o primeiro fratricídio, e desta maneira o vegetal se transformou em animal. A hora em que, pela primeira vez na terra, um ser devorou outro ser, foi a hora do nascimento do animal”. Mais isto:

– “Considerando bem, sem nos perdermos em digressões, a planta é uma criatura moral:

²⁹⁰ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 223

ela produz. Desperta o que é morto para a vida. O animal é imoral: mata o ser vivo, desagrega as grandes moléculas carregadas de energia, produzidas pelo vegetal, e estimula com a força de tensão delas a máquina do seu corpo. Ao assassinio da planta chamamos “comer”. Comer é característico do animal”. Mais:

– “Foi um dia negregado, na história do planeta, o dia em que ocorreu a uma criatura funesta a idéia diabólica de “comer”. Comer é “o mal em si”. É o pecado original e atávico que pesa sobre o reino animal, e do qual sofre todo animal até ao homem, pelo temor de ser devorado, que nasceu como a sombra do crime, e nos persegue, sob forma de medo da morte, desde a hora do nascimento. Comer é o primeiro característico do animal; o receio de ser comido é o segundo. O primeiro é a falta; o segundo, o castigo. Se perguntarmos como pode uma forma de vida tão imoral, não só desenvolver-se, mas até predominar, a resposta é explícita: a natureza é amoral. Assim como não conhece nem ontem nem amanhã, como não pode ser chamada grande nem pequena, necessária ou inútil, assim não tem noção do bem e do mal. Dela só se pode dizer: A natureza é; e está acima de tudo impassível, fitando no vácuo os olhos cegos, como a estátua de Buda – até hoje, a personificação mais perfeita da essência universal”²⁹¹.

E fitando Bruco a Hierão nos olhos, exclamou:

– Repita-me agora que a natureza é o reflexo de Deus, e eu concluo: se é amoral o reflexo, amoral há de ser o refletido. E lanço aos rostos de Giordano Bruno, de Galileu, de Espinosa, de Goethe e de outros, isto: se Deus é a natureza, então o mesmo Deus é amoral. Quer você que eu continue examinando este assunto? Pois, prazerosamente, o farei:

– “A revolução devora os seus filhos”. Depois de certo tempo, em que o animal se contentou com exterminar as plantas e viver como “herbívoro”, como é inevitável entre ladrões, instaurou-se a rapina e o morticínio entre os cúmplices. Para que o esforço penoso de arrancar folhas às árvores, de comer corolas de flores? Deixemos isso a outros; depois não custará salteá-los e arrebatar-lhes a presa tão suada. Assim, aos devoradores de vegetais sucederam os devoradores de animais que, de dia, dormiam nas suas tocas, enquanto os herbívoros simplórios pastavam nos prados. Receberam aqueles a denominação de animais rapaces; injustamente, porque os despojados também viviam de rapina. Os assassinos de plantas eram estraçalhados por matadores de animais²⁹². Eis, pois, que “o ser vivo, na sua natureza mais íntima, é um rapace; cada qual procura apossar-se de tudo quanto pode, sem perguntar donde tira e o que fica aos outros”²⁹³. Por fim até algumas plantas resolveram que ser ladrão é melhor do que trabalhar a terra. “A planta carnívora é uma variedade anormal de vegetal. Anormal porque não é hábito do vegetal comer, e sim criar comestíveis; o vegetal não atrai o ser vivo para a morte, mas extrai vida do morto. Matar é, porém, meio cômodo de se prover de alimento; mais fácil do que aguardar os raios luminosos, puxar água das entranhas da terra, brigar com bacilos azotados debaixo do solo. Desde que as plantas provaram o fruto proibido, talvez, algum dia elas também venham a aderir a esse modo de vida mais econômico; e também no reino vegetal o futuro pertencerá, não aos “vegetarianos” antiquados, mas aos carnívoros modernos”²⁹⁴. Esta foi a conclusão que tirou o vegetal para tornar-se animal herbívoro, e o animal herbívoro para tornar-se animal carnívoro. “Matar, para criar com o material do morto vida própria, é o caráter – poderíamos dizer: a natureza execrável do animal”²⁹⁵. E, contudo, quanto mais execrando for o animal, tanto mais subido estará na hierarquia dos vencedores. Por isso “em toda classe animal os tipos mais aperfeiçoados, os que mereceriam a denominação de “reis”, são também os assassinos mais consumados: entre os peixes, o tubarão; entre as aves, a águia; entre os mamíferos, o leão; entre os insetos, a libélula”²⁹⁶. O Homem não foi posto nesta relação porque está colocado acima de todos como rei supremo, e por isto mesmo é o assassino por excelência, e supinamente perverso.

E depois de breve pausa, concluiu Bruco:

291 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 145 – 146

292 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 146

293 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 30

294 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 125 e 129

295 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 191

296 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 263

– Se tal é o mundo, no que ele tem de mais alto que é a vida, e o mundo espelha Deus, como pode este ser a justiça e a bondade mesma? Quem tinha razão é Nietzsche, e o super-homem há de ser um amoral, pois deve achar-se, como Deus, para além do bem e do mal. Se o universo espelha Deus, por ser obra sua, e canta, com Davi, a grande epopéia da ferocidade, da força, da astúcia e da crueldade, como admitir haja em Deus justiça e caridade? Se o autor se dá a conhecer nas obras, tais obras, tal autor; se o pai se revela nos filhos, tais filhos, tal pai. Por que, logo, não sermos fortes como a águia e o leão, mesmo que injustos, para sermos fracos, dóceis e meigos como o cordeiro e o pombo? Por que razão há de ser a rola pasto do milhafre, e o cordeiro, comida do leão, ainda mesmo quando este se chama Davi-Cantor-de-Deus? Ah! Por que!... porque como bem o notara Santo Agostinho, “no começo era o caos. Os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os seres vivos apropriados ao estado do globo”²⁹⁷. Por que, pois, o universo se nos mostra, assim, ao negativo? Pois porque ele é negativo já na sua fundação com ter vindo do nada como diz Santo Agostinho encarnado, e do caos, como diz ele mesmo, como espírito; e por muito que mude, se era nada, é nada, tenha o aspecto que tiver. E um ser que cria e sustenta a negação, não pode ser afirmação; é negação também. Esse Deus refletido na sua obra mais alta, que é a vida, é negativo, porque a vida o é também, visto achar-se fundada sobre a força, sobre a astúcia, sobre a tragédia, sobre a dor e sobre a morte. Um Deus que cria do nada um universo negativo, não pode ser outra coisa senão um grandíssimo Tirano, um Moloch supercolossal odioso, egoísta e sádico, que cria uma ilusão do nada, só para gozar com vê-la sofrer e chorar!... Astúcia e força, martírio e morte são as quatro notas fundamentais com que Deus compõe a sinfonia da vida, e por esta causa ouço sempre, em meu espírito, o tã-tã-tã-tãã... obsessivo e selvagem do “Destino Batendo à Porta”, da “Quinta Sinfonia” de Beethoven. Só que o grande gênio alemão encaminhou esta sinfonia para um “alegro” final, quando devia tê-la terminado pela “Marcha Fúnebre” da “Terceira” ou “Heróica, que foi e não foi dedicada a Napoleão. É a tragédia, o martírio e a morte que põem fim à vida, e nunca a alegria.

E tendo Bruco feito uma pausa, prosseguiu, depois, em tom de voz mudado:

– Tudo veio do caos? Sim, diz Santo Agostinho-Espírito, no livro que forma a base teológica da “consoladora” doutrina espírita! Sim, diz a ciência inexorável, que, por isto mesmo, não promete consolação nenhuma a ninguém. A doutrina “consoladora” me afirma, pela boca de um seu oráculo, que procedo do nada e do caos; do nada, disse, enquanto encarnado, e do caos, disse, quando já espírito; e que, por isto, participo deste caos e nada em minha vida, a qual, como consequência, é referta de dores e aflições. Sou nada, logo, sofro. Se eu fosse um ser, participaria do Ser supremo que me gerou da sua substância, não me podendo ele infligir dor nenhuma que o não atingisse também. Mas..., “não podendo fazer-se Deus, o homem quer ao menos ser uma parte de Deus”²⁹⁸. Eis o que diz Santo Agostinho-Espírito. Logo, não sou parte de Deus, com ter sido feito por ele do nada e no caos! Sou, por isso, uma ilusão que sofre e se cuida ser, nascida por efeito dum passe de mágica. Por esta causa minha dor é só minha, visto que não me acho ligado substancialmente ao Ser que produziu a vida do nada e no caos, forçando-a a subir a escala da sensibilidade e da razão, para que, finalmente, ele, o Sr. Deus pudesse me aplicar a tortura de todo criado, fazendo-me que urre de dor e escabuje no estertor da agonia, no momento derradeiro. Eis, pois, que junto este meu grito antecipado ao berreiro universal que reúne todos os berregos dos que podem bradar, e os silêncios (oh! dor!) dos que não têm voz!... Rio-me, por isso da “doutrina consoladora”, e mais ainda da “consolação” dela, pois tenho por certo que todo homem, como bem o disse o mestre Schopenhauer, “acabará por chegar à conclusão de que este mundo dos homens é o reino do acaso e do erro, que o dominam e o governam a seu modo sem piedade alguma, auxiliados pela loucura e pela maldade, que não cessam de brandir o chicote”²⁹⁹. E prossegue Schopenhauer: “Os esforços sem trégua para banir o sofrimento só tem o resultado de o fazer mudar de figura”³⁰⁰. Mais: “Em toda a parte se

297 Livro dos Espíritos, R. 43

298 Livro dos Espíritos, R. 15

299 Dores do Mundo, 16

300 Dores do Mundo, 20

encontra um adversário: a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão”³⁰¹. Ainda isto: “Trabalho, tormento, desgosto e miséria, tal é, sem dúvida durante a vida inteira o quinhão de quase todos os homens”³⁰². Por isso a vida “possui o caráter de uma grande mistificação, para não dizer um logro...”³⁰³.

E vendo Bruco que Hierão se contorcia de raiva, apoplético, interrogou-lhe:

– Você acha justo que a criatura sofra Hierão?

– Acho!

– Por que?

– Porque errou, ora essa!

– E por que errou?

– Errou porque Deus a criou no caos, passando pela fase de simplicidade e ignorância.

– E por que Deus a criou simples e ignorante, partindo do caos? do nada?

A estas última palavras de Bruco, Orsoni bateu com um pé no chão, ao tempo em que bradava, apoplético:

– “Como ousas pedir a Deus contas de seus atos? Supondes poder penetrar-lhes os desígnios?”³⁰⁴.

– Tal e qual!... tal e qual!... replicou Bruco. Assim também falava o feitor de escravos, quando estes lhe pediam contas da lógica de seus donos...

– Você está louco, Bruco? Não vê, acaso, que seu discurso, por blasfemo, é demolidor? Deus existe, afirma a revelação, no “Livro dos Espíritos” na R. 14; “Deus existe; disso não podeis duvidar, e é o essencial. Crede-me, não vades além. Não vos percais num labirinto donde não lograreis sair. Isso não vos tornaria melhores, antes um pouco mais orgulhosos, pois que acreditaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis. Deixai, conseguintemente, de lado todos esses sistemas; tendes bastante coisas que vos tocam mais de perto, a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos libertardes delas, o que será mais útil do que pretenderdes penetrar no que é impenetrável”. O que precisamos, caro Bruco, é nos salvar, praticando o bem!

– Isso mesmo, tornou Bruco, foi o que disse Schopenhauer, por outras palavras: “Certamente ainda terei de ouvir dizer que a minha filosofia carece de consolação – e isto simplesmente porque digo a verdade, enquanto todos gostam de ouvir dizer: o Senhor Deus fez bem tudo quanto fez. Ide à Igreja e deixai os filósofos em paz”³⁰⁵. E ainda me vem você dizer que o Espiritismo é ciência, Orsoni? Que diabo de ciência é essa que traz numa mão o milho, e na outra, o cabresto, a corda? O que precisamos é nos salvar praticando o bem? Acaso sabe você o que seja a salvação? sabe o que seja o bem? Ah! “santa” ingenuidade! Devemos nos salvar do que? para quem? Será que está salvo o cordeiro escapo dos dentes do lobo pelas mãos de Davi? Devemos praticar o bem? Todavia, agora, depois desta visão de Deus pelo seu reflexo em sua própria obra-dor-dano-mal, vale perguntar: que é o bem? Se Gestas sofre porque é Gestas, então, por que sofre Cristo? Seria por que é ele o Cordeiro Máximo de Deus? A evolução é um fato; que ela procedeu do caos, é outro fato; que se faz pela luta impiedosa em que os fortes vencem, e os fracos deperecem, é outro fato; que se fundamenta no egoísmo, na astúcia ou na força, é outro fato; que nela não há lugar para nenhuma virtude cristã, é outro fato. Que moral, então, poder-se-ia inferir da evolução, a não ser a de Trasímaco, Machiavel e Nietzsche? “A filosofia ética de Spencer não constituía o corolário mais natural da teoria da evolução. Se a vida é luta na qual os mais aptos sobrevivem, então a força é a virtude suprema e a fraqueza é o defeito único. **Bom** é o que sobrevive, o que vence; **mau**, o que falha. Unicamente a covardia vitoriana dos darwinistas ingleses e a respeitabilidade burguesa dos positivistas franceses e dos socialistas alemães podiam iludir o inevitável desta conclusão. Aqueles homens eram bastante bravos para rejeitar o cristianismo e a teologia cristã, mas não ousavam ser lógicos e rejeitar também as idéias morais, a adoração da fraqueza, da suavidade, do altruísmo que havia brotado dessa teologia. Cessavam

301 Dores do Mundo, 7

302 Dores do Mundo, 8

303 Dores do Mundo, 9

304 Livro dos Espíritos, R. 123

305 Dores do Mundo, 10

de ser anglicanos, católicos ou luteranos, mas não cessavam de ser cristãos. Assim argüia Nietzsche³⁰⁶. Mais: “Inconscientemente Darwin completara a obra dos enciclopedistas: haviam eles removido a base teológica da moral moderna, mas deixaram a moralidade em si intacta e inviolada, suspensa misteriosamente no ar; uns haustos de biologia era tudo quanto se tornava necessário para varrer esse remanescente da impostura. Homens que podiam pensar, cedo perceberam o que os mais profundos cérebros de todas as épocas haviam percebido: que nesta batalha a que chamamos vida o de que necessitamos não é a bondade, mas força; não é humildade, mas orgulho; não é altruísmo, mas resoluta inteligência; que a igualdade e a democracia se chocam contra a seleção natural e a sobrevivência dos mais aptos; que não as massas, mas os gênios são o objetivo da evolução; que não “justiça”, mas poder é o árbitro de todas as diferenças e de todos os destinos”³⁰⁷.

E tomando um fôlego, numa pausa, interrogou Bruco:

– Por que a natureza se nos mostra assim ao negativo? Por que ela é negativa na sua estrutura mais recôndita, com ter vindo do nada, como diz Santo Agostinho, em razão do que é nada, tenha o aspecto que tiver... E um Deus que cria e sustenta a negação, não pode ser afirmação: é negação também. Este Deus concebido pelo ex-bispo de Hipona, que cria do nada um Universo negativo, não somente é um Grande Mago, mas, sobretudo, um grandíssimo tirano, um super-colosso Moloque odioso, egoísta e sádico, que cria uma ilusão do nada, só para gozar com vê-la sofrer...

E carregando, Bruco, a catadura, ao mesmo tempo que encarava Hierão, rompeu em tais palavras plenas de energia:

– Ponham-se de lado os medrosos crendeiões que, vociferando, costumam dizer: estas coisas não nos interessam de perto! O de que precisamos é nos salvar, praticando o bem! Ou esta outra grita: tantas almas por salvar e esse sujeito perdendo seu tempo com demolições! Ah! “santa” ingenuidade! Ah! miopia!... Devemos nos salvar do que? indo para onde? ou para quem? Será que está a salvo o cordeiro arrancado dos dentes dos lobos pelas garras de Davi? Devemos praticar o bem? Todavia, agora, depois desta visão de Deus, pelo seu reflexo em seu espelho vida-dor, vale perguntar: que é o bem? Se Gestas sofre porque é Gestas, por que sofre Cristo? Seria por que ele é o Cordeiro Máximo de Deus? Boa razão, por certo, é esta, para Deus, se é que este se compraz no sofrimento de suas criaturas... Neste caso, Cristo é como a vaca-madrinha que conduz o resto do rebanho ao ponto certo do abate. Ora sus! Se a fatal desesperação é o que por fim nos resta, então, é pormos por obra o conselho de Moloque inserto no Paraíso Perdido, canto II, de Milton. Façamos, logo, contra Deus crua guerra, e, feros, obriguemo-lo a que, de pronto, nos arrase “a nada reduzindo a essência nossa” (Milton). Se pela sua magia fomos nó criados, forcemo-lo, se possível, a que a desfça; pois, se a magia sua desprazer lhe causa, ele dirá, estalando os dedos: basta!... e desde então, seremos o que sempre o fomos... nada!... Agora pode ornear e pinotear como quiser, meu pobre Hierão, que deste tronco não se escapa.

E voltando-se Benedito Bruco para o mestre, declarou:

Faço ponto aqui em meu discurso, pois me acho cansado de falar.

– Muito bem, tornou Árago; alguma musa preta o inspirou; algum demônio, da casta daquele que ajudava Sócrates, insuflou-lhe estas evidências que, entretanto, constituem somente meia verdade.

– Como meia!... exclamou Virgílio Hurão que estivera todo tempo, sequioso, sorvendo as palavras de Bruco. Essa é a verdade inteira que temos sob as vistas! Isso que Bruco enunciou são fatos, são verdades de fato, nascidas da experiência, contra as quais em vão se chocam as verdades a priori da razão pura, criadas artificialmente, a partir duma premissa, como fizeram os filósofos idealistas pós-kantianos, Fichte, Schelling e Hegel. A verdade é que não há sistema na natureza, como pretenderam Aristóteles, Lineu, Cuvier e os filósofos há pouco citados. A natureza é amoral e anti-sistemática como o demonstram as descobertas modernas, e os fatos assinalados por Bruco em seu discurso de há pouco. Que teologia, logo, se pode induzir da visão do mundo? Não a cristã, por certo, que é anti-natural, mas a amonita que concebia um Deus de acordo com a natureza. E se nesta venceu o forte e o astuto, segue-se que Deus galardoa o forte e

306 Will Durant, História da Filosofia, 384

307 Will Durant, História da Filosofia, 384 e 385

o astuto, e pune com a tortura e a morte ao que for fraco, pacífico, dócil e bom. E quando digo astúcia, refiro-me a mimetismo, camuflagem, ludíbrio, engano, logro, mentira, falsidade, dissimulação, etc., que tudo isto é próprio da natureza usar; e se disto usa a natureza-filha, segue-se que astuto também há de ser o Criador-Pai. Se a vitória do forte é sempre, por toda parte, incondicional, sendo sempre certa a tragédia e a morte do fraco e do bom, por que o Deus verdadeiro não há de ser o Moloque amonita? Eis que, como a natureza, este Deus é cruel, e, como todos os demais deuses, incluindo Jeová, gosta do cheiro de assados! Necessariamente, Deus tem que sentir gozo, prazer e alegria em trincar, salgar e assar vivas suas criaturas neste forno infernal que é o mundo. Por esta causa lhe pintaram os antigos como bárbaro, injusto, cruel, sanguinário, sendo preciso, de quando em quando, lhe aplacar as ganas com holocaustos humanos. Entre todos os povos, sem nenhuma exceção, essa foi sempre a idéia que se fazia da divindade. E como diz o Kardec, aí, do nosso Hierão, que a universalidade é uma garantia da verdade, temos que a universalidade corresponde ao conceito que os amonitas faziam de Deus, donde criarem a sua imagem em Moloque. “Um homem pode ser iludido, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim quando milhões de criaturas vêem e ouvem a mesma coisa. Constitui isto uma garantia para cada um e para todos”³⁰⁸. E o que todos vêem, ainda agora, sem nenhuma exceção, é que a força e a astúcia vencem na natureza, e o fraco e o bom deperecem. E o boi, o carneiro, o cabrito, o porco e todas as aves domésticas são criadas para a panela, porque o homem, imagem e semelhança de Deus, é forte e astuto. Logo, o Deus que premia a força é Forte; o Deus que galardoa a astúcia é Astuto. Esta conclusão é universal, e por isso, necessária, tendo sido de aplicação geral nos tempos idos. Eis, portanto, que a verdade estava com os antigos, sendo Moloque a imagem fiel do Deus verdadeiro. Esse terrível e tribal Deus Moloque, assim como Jeová e todos os demais deuses tribais e barbáricos dos povos antigos, gostava do cheiro dos assados (Gên. 8, 21 e Lev. 1, 9). Os sacrifícios de seres humanos estão na raiz de todas as religiões primitivas. A criança é mais humana e melhor que o adulto, porque recapitula a fase do gibão que é manso, sincero, humilde, cordato e bom, como já o demonstrou, aí, o nosso Bruco. O adulto é pior, e menos humano que a criança, por recapitular e viver a fase pós-gibão, que é a de quando este, tendo chegado ao uso da razão, descobriu que, para vencer, precisava ser forte, astuto e impiedoso. “Quem ao inimigo poupa, nas mãos lhe morre”. E tendo posto por prática o que lhe mandava a razão, de fato, fez-se forte a tal ponto, que o mesmo Deus o pôs por rei da criação, e por imagem e semelhança sua – “Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança” (Gên. 1, 26).

Orsoni acompanhava toda esta explanação de Hurão, tomado da mais funda revolta. E tendo o discurso chegado a este ponto, não mais pode ele conter-se, exclamando :

– Vocês dois estão doidos! Como pode ser que Virgílio Hurão e Benedito Bruco se transformassem tanto? Acaso não percebem que estão blasfemando? Os mistérios da divindade são impenetráveis, insondáveis com a razão, como já o dissera Kardec. E “o homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Mesmo aqueles cujas idéias são as mais falsas se apoiam na sua própria razão e é por isso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível”³⁰⁹. Calem-se, logo, ambos, Hierão e Bruco, que nosso estudo de hoje foi só demolidor; nada construímos de bom; estou horrorizado!...

– Calma, Hierão! – tornou Árago. Você precisa mais de conselhos que os outros. Lembre-se de que nossa reunião é de filósofos, que não de místicos. Aqui curamos de buscar a verdade, usando só das forças do pensamento, não nos importando se nossos conceitos e conclusões são blasfemos aos ouvidos dos beatos. Há pouco você citou Kardec, dizendo estar bem perto do erro, o homem que julga infalível sua razão. Ora, Kardec, ou se apoia na razão ou não se apóia; se não se fundamenta na razão, o espiritismo é pura religião e fé, que não ciência; se porém, se fundamenta na razão, a ciência de Kardec é falível porque a razão é falha, estando bem próximo do erro o homem que a julga infalível. Limitar a razão com a mesma razão, já o disse Hegel, é como pretender nadar sem haver água. Depois de um longo raciocínio pró-panteísmo, interroga Kardec ao Espírito de Santo Agostinho: “Que se pode opor a este

308 Introdução do Evangelho Segundo o Espiritismo, 6

309 Livro dos Espíritos, Introdução ao Est. da Doutrina Espírita VII

raciocínio?” – “A razão. Refleti maduramente e não vos será difícil reconhecer-lhe o absurdo”³¹⁰. Se a razão é falha, meu Hierão, a doutrina espírita é um equívoco, pois dizendo-se científica e filosófica, nega validade à razão. Está certo isto?

Depois de relutar um tanto, mas vencido pela lógica, concordou, Hierão, com um aceno de cabeça.

– Então, tornou Árago, vamos organizar em síntese o que disseram Hurão e Bruco. Você, Orsoni, responder-me-á às perguntas, e com isso ir-se-á curando desses temores vãos; diga-me: Você enxerga na natureza esse come-come desenfreado, essa roubalheira infinda, essa luta diabólica em que a força e a astúcia são premiadas com a vida, e a fraqueza e a piedade são punidas com a desesperação e com a morte?

– Forçoso me é dizer que essa verdade não padece dúvida.

– Logo, em lugar de amor há ódio; em lugar de paz, guerra; em lugar de bem, mal; em lugar de altruísmo, egoísmo; em lugar da verdade há astúcia, engano, ludíbrio, mimetismo, camuflagem, em fim, *mentira*?

– Sim, isso é evidente.

– E a que fim é tudo isso? Quais os valores que são premiados?

– A força e a astúcia, respondeu Orsoni, de muito má vontade.

– E Bruco não disse que o autor se conhece pela obra, e o pai, pelos filhos? Ora, suposto que a obra de Deus é a natureza, e os filhos, suas criaturas, pela visão do mundo e da vida podemos dizer: tais obras, tal Autor; ou tais filhos, tal Pai. Está certo?

– Essa foi a conclusão de Bruco, e... que não posso deixar reputá-la verdadeira.

– Iguamente, não podemos inverter a ordem do enunciado e dizer: tal Autor, tais obras? ou tal Pai, tais filhos?

– Dá na mesma dizer assim.

– Atenção agora, recomendou o mestre: se Deus seleciona seus melhores em termo de força e de astúcia, qual deverá ser seu atributo primeiro?

– Os atributos primeiros de Deus hão de ser Força e Astúcia. Que Deus me perdoe a blasfêmia que sou forçado a dizer...

– Mas astúcia não é o mesmo que inteligência?

– Não posso negá-lo, concordou Hierão; em vez de astúcia, digo, então, inteligência. E isto me é até mais cômodo, pois minha doutrina espírita me diz que “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”³¹¹.

– Portanto, em vez de Deus ser a sabedoria a priori, ele é a inteligência a posteriori. Porque a sabedoria sabe de antemão, intuitivamente, de um golpe; ao passo que a inteligência sabe, igualmente, porém, por um processo discursivo, por progressividade. “*Inteligência* vem de duas palavras latinas, *inter* (entre) e *legere* (ler, ou, primitivamente, apanhar, escolher). Inteligência é, pois, a faculdade que lê, apanha ou percebe algo entre as coisas individuais, um nexó oculto que os sentidos orgânicos não percebem”³¹². Sendo a inteligência a faculdade de ler entre as coisas, o nexó que une as coisas, só pode existir depois de haver as coisas. Eis por que eu disse que a inteligência é a posteriori, e só vem depois da experiência... e das coisas. Ora, se a inteligência resulta das coisas, é gerada das coisas, é *inter-legere* que significa ler entre as coisas, como pode ser ela, a inteligência, a causa primária das coisas? As coisas sim, é que são a causa primária da inteligência, porque se não houvessem coisas, ipso facto, não se tinha também o que ler. Como as coisas hão de vir primeiro, para depois vir a inteligência delas, por isso, primeiro Deus faz as coisas, depois as intelecciona, isto é as entende. Por isso é que diz Goethe, no seu “Fausto”, que “*No princípio era a Ação*”³¹³. Como Deus é a inteligência, primeiro age, e depois aprende; primeiro cria o ininteligível que é o caos, para depois o ir aperfeiçoando, devagar. Porque Deus é a inteligência suprema, por isso sua obra primeira é o caos. Está bem deduzido e claro meu pensamento, Orsoni?

– Está. O senhor também é um demônio...

310 Livro dos Espíritos, R. 16

311 Livro dos Espíritos, R. 1

312 Huberto Rohden, Filosofia Universal, I, 15

313 Clássicos Jackson, XV, 80

– Então, sendo Deus a inteligência perquiridora, e não a sabedoria mesma, a priori, anda a fazer suas experiências para ver em que dão, como se fora um aprendiz, e é por isso que sua obra começa pelo caos ou nada. Ele só sabe construir, partindo do imperfeito em grau extremo. O universo é o seu laboratório de experiências, e à vezes, por causa, quem sabe, de algum engano ou descuido, uma estrela explode no laboratório espacial. Então Deus aprende, como o homem, e está evoluindo na proporção que seu universo evolui. A inteligência é a posteriori; vem depois da experiência; logo, Deus faz, e depois aprende. Por conseguinte, Deus evolui. Você pode fugir destas inferências, ou iludir estas conclusões?

– Não... não posso – respondeu Hierão, contrafeito. Esta sala deve estar cheia de espíritos demoníacos; estou vai não vai para fazer uma prece – resmungou, a seguir.

– Se Deus evolui, há de ser para melhor, não é assim, Hierão?

– Não pode ser de outro modo.

– E o que pode melhorar é imperfeito, não é?

– Sim..., que remédio, tenho de concordar.

– Deste modo, meus caros, concluiu o pensador, partindo do enunciado de que Deus é a inteligência suprema, alcançamos um atributo da divindade que é a imperfeição.

E voltando-se de novo para Hierão Orsoni, continuou sua indagação:

– Há pouco, você não concordou em que os eleitos de Deus, seus filhos diletos, são os fortes e os astutos, que vencem e esmagam sem comiseração, e tanto que, para estes, Deus reserva a palma da vitória e da vida, e para as vítimas, o castigo da desesperação e da morte. Que me diz a isto?

– Esse é o fato irrefragável que nos mostra a natureza, a criação; e se tal é a lei imposta à criação, essa é a vontade do Criador; não há fugir. Deus que tenha dó de mim...

– Esta vitória do mais forte, você o sabe, é em proveito dele mesmo. Quem vence, come, cresce, engorda à custa do vencido que passa a integrar o organismo do vencedor. Cada ser quer triunfar, para sobreviver; em todos eles, sem nenhuma exceção, está inscrita a lei: *egoísmo*. E o Pai de tais filhos, e o Criador de tais criaturas, que os criou a eles conforme com seus atributos, à sua imagem, à sua semelhança, como diz o Gênese, não pode deixar de ser senão egoísta. Então, é Deus egoísmo Hierão?

– Desse jeito é... que fazer! Estou a benzer-me...

– E qual é o oposto do egoísmo?

– Ora, o oposto do egoísmo é o altruísmo, e tanto que, enquanto o egoísmo quer tomar, o altruísmo quer dar.

– Bom. E o ato de dar enfraquece quem dá, em proveito de quem recebe. Por isso, o altruísta, dando de si, se destrói, no passo que o egoísta, tomando, por força, aos outros, se conserva. Logo, o altruísmo é uma negação, um suicídio. Só no egoísmo pode estar a vida e o crescimento, donde vem que o egoísmo é positivo. Ora, sendo Deus vivo, positivo, egoísta, por excelência, por isso mesmo não é amor, isto é, altruísmo. Está certo?

– Segundo essa cadeia de raciocínio, tenho de concordar. Que Deus me ajude, e me salve, que já estou caindo no abismo...

Neste ponto interveio Arlindo Helisiano, que até então se mantivera em silêncio, exclamando:

– Mas o amor existe, prezado Árago; vemo-lo na mãe que defende o filho ao qual deu o ser. E se o amor não deriva de Deus, de onde saiu, então?

– E por que a mãe defende o filho, Arlindo?

– Pois porque é seu, ora essa...

– Bom. Se a mãe defende o filho porque é seu, neste seu está implícita a resposta ao quesito; a mãe tem sensação de posse sobre o filho; e defender o seu é o mesmo que se defender a si. Quando Hume fez sua análise para descobrir o “eu”, não o achou em parte alguma, e por mais que se esforçasse, somente achava o “meu”, e nunca o “eu”, O “meu” e o “eu”, logo, se confundem. Então, aquilo que você chama amor, eu digo que é egoísmo do eu, em cujo redor gravitam os “meus”. Os meus, portanto, são extensões do eu. Amar o seu, por isto, é amar-se a si mesmo; e quem a si se ama é egoísta. Neste sentido egoístico, Deus é amor. Ele ama aos seus escolhidos e selecionados, que são os fortes e os astutos, e só a estes dá todo o bem que pode,

porque se ama a si mesmo neles que lhe são extensões. Deus, de fato, se sente viver nos seus eleitos, como um pai nos filhos. Varando, portanto, esta zona de gravitação do “eu” em que os “meus” são possuídos, o amor torna-se negativo; porque, quem dá o que tem, fica pobre e fraco; e quem é fraco fica à mercê do forte que pode comê-lo, ou escravizá-lo. Quem, por conseguinte, compreendeu a lição da vida, sabe que o amor é negativo, e o egoísmo, positivo. Como vê, Helisiano, trata-se somente de mudar os sinais aos dois termos da expressão, como fazemos em álgebra. Está certo que podemos interpretar o amor em termos de egoísmo?

– Está.

– Então, concluiu o mestre, até aqui temos visto vários atributos: Deus é força, astúcia (inteligência), egoísmo, imperfeição, sujeito à evolução e a melhorar-se, e por isso mutável. Seus eleitos são os fortes e astuciosos; para estes, a alegria de viver, a euforia da vitória; para os vencidos, a dor, a desesperação, a tragédia, e a morte inexoráveis. Diga-me agora, Hierão, você que é espírita: como ensina sua fé?

– Minha fé espírita me ensina, primeiro, que a evolução existe, de fato, e procede do caos; segundo, que Deus cria eterna e ininterruptamente; e terceiro, que o mal e a dor são eternos, não para os mesmos indivíduos, ou para as mesmas criações, mas, para as criações novas que sempre se vão elevando do caos. Como se vê, este terceiro enunciado que é o da dor eterna, decorre do segundo que postula sobre a criação ininterrupta, começada, sempre, no caos. O mal e a dor são contingências naturais, forçadas, que eternamente se repetem para todos os seres criados, quando evoluem nos graus inferiores da escala da vida universal.

– Veja bem, Hierão, como seu espiritismo concorda com o que vimos falando. Por causa de Deus ser egoísta e insensível, senão sádico, seus eleitos, os fortes e os astutos, são já insensíveis, como ele mesmo, às dores medonhas pelas quais sempre estão passando seus irmãos mais novos nos planos inferiores da escala da vida.

– Nada disso, meu caro, tornou Hierão: minha doutrina ensina, também, que os eleitos são sensíveis às dores alheias, e é por isso que “fora da caridade não há salvação”³¹⁴.

– Neste caso, se os eleitos de Deus são sensíveis às dores e aflições que grassam nos níveis inferiores, não de sofrer a dor dos de baixo, por solidariedade ou empatia. Não é assim?

– Exato.

– Por conseguinte, concluo, por correto raciocínio, que a dor não só sangra embaixo, como corta os corações em cima. Os espíritos que sobem à condição de salvos, ou ficam insensíveis às dores dos de baixo, ou não. Se ficam sensíveis, não de sofrer eternamente, visto que a dor é eterna, porque sempre renovada por Deus que cria, ininterruptamente, planos inferiores desde o caos. Deste modo, então, a dor será eterna para todos os espíritos, tanto para os em evolução, como para os evoluídos! Se, todavia, os eleitos ficam insensíveis à dor alheia, então temos isto de estapafúrdio: salvam-se, pela caridade, e, depois de salvos, perdem a caridade, com que ficam insensíveis. A caridade não passa, então, duma escada pela qual se sobe à insensibilidade dos eleitos que, por impassíveis, se tornam como é Deus. Logo, a máxima espírita deveria ser enunciada assim: **fora da caridade não há salvação, e dentro da salvação não há caridade**. Como é, Hierão: Deus é impassível, ou sofre?

– Estou desarmado, entre a ponta da espada e a parede; porque se digo que Deus sofre, o senhor me retrucaria: então, por que não acaba de vez com a situação que criou livremente, e agora o faz sofrer? Se, entretanto, digo que é impassível, responder-me-á: se é impassível, se-lo-ão também os filhos eleitos, que lhe herdaram o atributo de impassibilidade. Dentro da salvação, neste caso, não há caridade, sendo extravagância afirmar que fora da caridade não há salvação. Melhor me é ficar quieto, que continuar a enredar-me nas malhas; só vejo ciladas por todos os lados. Mas que nos diz o senhor a isso?

– Por agora, provisoriamente, para fins de argumentar, direi que, sim, Deus sente gozo com a dor, por isso que a cria e a sustenta ininterruptamente. Esta é a conclusão que a sua doutrina espírita impõe ao afirmar que, para não ficar ocioso, Deus não cessa de criar espíritos no caos. Como vêm, a criação ininterrupta e eterna de espíritos em estado de simplicidade e ignorância, faz eterno o dualismo bem-mal, alegria-dor, céu-inferno, etc; faz de Deus um flagelador de inocentes, porque, se o pune, o faz porque erraram; mas erraram por ser ignorantes;

e como Deus os fez ignorantes, criou-os para a dor. Ora, se Deus fosse impassível, não lhe interessaria isto. Porém, considerando que ele goza com fazer sofrer os seres que terão de passar pela experiência do mal, do pecado, da dor, para aprenderem a ser fortes, astutos, egoístas e impassíveis, então Deus é sádico. É por causa deste atributo de Deus, o sadismo, que ele premia, conforme nos mostra a natureza, a astúcia e a força, visto que ambas dão vitória ao forte sobre os fracos, os quais Deus não se honra de ter por filhos. Logo, fora do egoísmo, da força e da astúcia é que não há salvação, e não como enuncia a doutrina espírita, aí, do Orsoni.

Depois duma pausa, prosseguiu o mestre:

– Sirva isto de lição a todos os que se metem a ensinar, esquecendo-se de que o pensamento tem suas leis invioláveis. Ninguém será capaz de destruir isto que deixo assentado em rocha de diamante. Depois do que eu disse, meu Hierão, o seu espiritismo terá de reformular seus enunciados.

E tendo o mestre meditado um pouco, exclamou:

– Concordariam todos em deixarmos o resto para outro dia?

Todos concordaram, e os estudos deste dia foram encerrados.

Capítulo VII

O triângulo Kant, Platão e Aristóteles

Na noite posterior àquela em que fora feito o estudo das duas hipóteses, todos se encontravam de novo na sala da biblioteca, ávidos por continuar nos estudos. E tendo Árago entrado para a sala, e indo para a lousa, principiou a falar:

– Conquanto tenhamos discorrido bastante sobre Kant, quando lhe fizemos a crítica, ainda hoje a ele nos referiremos, em virtude do triângulo que estou disposto a formar, com os vértices Kant, Platão e Aristóteles. Para este fim, como vêem, vou desenhando um triângulo equilátero aqui na lousa, com uma das bases voltada para cima. Um ângulo dessa base é Platão, e o outro,

Kant. No ápice que está, assim, para baixo, ponho Aristóteles. Como vêem, Kant se opõe a Platão como um ângulo a outro; de igual modo, ambos se opõem a Aristóteles. Todavia, todos juntos dão feitiço triangular à verdade total, quanto à razão.

E largando o giz, dirigiu-se para sua cadeira; e após consultar suas notas, continuou:

– “Sócrates – disse Renan (Vida de Jesus, cap. 38) – deu aos homens a filosofia e Aristóteles deu-lhes a ciência. Existia filosofia antes de Sócrates e ciência antes de Aristóteles; e depois de Sócrates e de Aristóteles a filosofia e a ciência progrediram muito, mas tudo se construiu sobre os fundamentos que eles lançaram”³¹⁵. No entanto, Sócrates é Platão; não o conhecemos, em seu aspecto positivo, senão pelos escritos de Platão e de Antístenes que também escreveu uma “Apologia de Sócrates” diferente da de Platão. Por isso, fazendo-se a redução de Sócrates a Platão, com mais justiça podemos afirmar que Platão nos deu a filosofia, e Aristóteles, a ciência. Este é também o pensamento de Emerson que diz: “Platão é a filosofia e a filosofia é Platão”; e ainda aplica à “*A República*” a frase de Omar sobre o Alcorão: “Queimem-se as bibliotecas, pois o que elas têm de valioso encontra-se neste livro (3)”³¹⁶. Um paralelo, por conseguinte, entre Platão e Aristóteles é o mesmo que um entre a filosofia e a ciência. Está certo isto, Licas?

– Está. Só que ainda não atinei como o senhor vai se haver com Kant no triângulo, uma vez que Platão, no dizer de Will Durant, “é o homem que menos se assemelha a Kant”³¹⁷.

– Pois aí está, meu nego, que sendo os três filósofos diferentes até a oposição, destas três facetas construiremos a verdade inteira.

E tomando melhor cômodo na cadeira, prosseguiu o pensador:

– A visão de Kant é semelhante à de Platão, visto como ambos pressupõem uma criação perfeita saída das mãos do Criador. Assim o sistema de Kant repousa sobre um númeno: *a criação perfeita do homem*.

– E que é númeno? Interrogou Hierão Orsoni.

– É a idéia absoluta que serve de fundamento a um sistema. Segundo Kant, númeno é o fato que se passa em nosso espírito, e se nos revela pela consciência. Sendo, como é, subjetivo, se opõe a fenômeno, que, por sua natureza, é objetivo. Trata-se de coisa conhecida pela razão, em oposição aos fenômenos que nos impressionam os sentidos. Númeno é a idéia que subjaz a tudo como sustentáculo. Ora, Kant parte de uma idéia numenal, não referida por ele, mas sobre a qual se alicerçam suas intuições puras, seus a priori. É uma como intuição mais geral, que antecede e serve de base às intuições puras decorrentes.

– E que idéia-mãe é essa? Obtemperou Chilon.

– Já o disse: *a criação perfeita do homem*. Para Kant Deus fez o homem completo e perfeito desde o início, conseguintemente, com o mecanismo da razão pronto para funcionar, do mesmo modo que os pulmões, o coração, e o fígado. Ao fazer o homem, Deus lhe pôs um fundamento racional que são todos aqueles a priori já vistos. Logo, para saber, não precisa o homem da experiência, exceto nas verdades de fato da física-matemática. Assim diz ele: “(...) as verdades gerais, que tragam ao mesmo tempo o característico de uma necessidade interior, devem independer da experiência, ser claras e certas por si mesmas”. “Quer dizer que devem ser verdadeiras, seja qual for nossa posterior experiência; verdadeiras mesmo *antes da experiência*; verdadeiras *a priori*”³¹⁸. Mais: “O caráter necessário destas verdades advém da estrutura do nosso espírito, do modo natural e inevitável com que nosso espírito opera. Pois o espírito humano (eis aqui, finalmente, a grande tese de Kant) não é uma cera passiva onde as experiências e as sensações gravam sua vontade absoluta e, além disso, caprichosa; nem é nome abstrato das séries ou agrupamentos de estados mentais; é um órgão ativo que modela e coordena as sensações em idéias, órgão que transmuta a caótica multiplicidade de fatos da experiência em ordenada unidade de pensamento”³¹⁹. Mais isto: “Esta é a verdadeira essência e característica do espírito; o

315 Will Durant, História da Filosofia, 82

316 Will Durant, História da Filosofia, 36

317 Will Durant, História da Filosofia, 54

318 Will Durant, História da Filosofia, 268

319 Will Durant, História da Filosofia, 269

espírito é a coordenação da experiência”³²⁰. E esta capacidade de coordenar antecede a qualquer experiência, assim como os pulmões estão prontos para respirar antes dos primeiros haustos. Não são, por conseguinte, as experiências que formam o espírito, como não são os alimentos que formam o corpo, mas o espírito, sim, que se nutre das experiências, assim como o corpo dos alimentos, de modo que um e outro crescem e se desenvolvem por si mesmos, de modo ativo. Do mesmo modo que os alimentos, em sendo assimilados, se tornam organização vital de tecidos e órgãos, as experiências, em nutrindo o espírito, são organizadas em pensamento, sabedoria e ciência.

Neste ponto interveio Licas dizendo:

– Mas é corriqueiro ouvir dizer que os alimentos formam o corpo, e as experiências, o espírito.

– Então, replicou Árago, deve ser verdade também que os materiais formam os automóveis, navios e aviões. A atividade, deste modo, reside nos próprios materiais. Eles é que se organizam, por si mesmos, e surgem as máquinas. Dizer assim é pressupor que a atividade criadora reside nos próprios materiais que, por isso, se organizam por si mesmos nas máquinas. Contudo é certo que existe um agente coordenador desses materiais na organização das máquinas. Esse agente é o homem, do mesmo modo que o agente coordenador da matéria prima das experiências é o espírito. Os materiais são a substância das máquinas, isto é, aquilo de que as máquinas são feitas, enquanto que as máquinas em si mesmas são aquilo que se construiu dos materiais. Tal com as experiências que são a substância ou matéria prima do espírito, no mesmo passo que ele é a essência, o *ser*, a cavaleiro daquela substância. Por isso a substância é o que sub-está como matéria, enquanto que a essência cavalga como forma, como *ser*, como aquilo que a coisa é. Como vê, Licas, o modo corriqueiro de falar não pode ser levado em conta pelos filósofos, visto que não resiste nem mesmo à mais perfunctória análise.

E tornando da digressão a que fôra levado pela interpelação de Licas, rematou o pensador:

– Sobre este alicerce assenta Kant o seu sistema, visto que considerou a idéia da evolução “uma arrojada aventura da razão”. Todo fundamento, exceto Deus, pressupõe outro sobre que se põe. Por isso, antes daquelas intuições puras de espaço e de tempo, e daqueles conceitos apriorísticos da lógica formal, temos de buscar a idéia numenal de que Kant partiu, e esta é *a criação perfeita do homem*.

– Porém, adiantou Licas, o senhor provou estar errado Kant!

– Contudo, agora, o declaro certo... não em relação ao homem terreno, mas em relação às almas perfeitas habitantes don *topos uranos*. Pois claro! se tudo lá é perfeito, como diz Platão, de modo que nada evolui, nem se transforma, perfeitas hão de ser também as almas que lá habitam. Ora, se as almas são perfeitas desde a origem, porque diretamente criadas por Deus, hão de ter, pronto para funcionar, todo o mecanismo da razão. “Diz-nos Plutarco que, de acordo com Platão, “Deus sempre geometriza”, ou, pelo modo como Espinosa apresenta igual pensamento, Deus e as leis universais de estrutura e atuação são uma e a mesma coisa. Para Platão, assim como para Bertrand Russell, a matemática é, por isso, a indispensável introdução para a filosofia em sua mais alta forma; na testeira da porta de sua academia Platão inscreveu, destacadamente, estas palavras: “Aqui não entram os ignorantes da geometria”³²¹. Pois este Deus que sempre geometriza, criou as almas segundo as leis das matemáticas e da lógica, dando-lhes, por isso, uma como ciência infusa, que é o mecanismo correto e lógico do pensar puro. Sabiam as almas sem ter aprendido, da experiência, do mesmo modo como “sabem” nossos cérebros elétricos para poder resolver os mais intrincados e exaustivos problemas que lhes são propostos; tal e qual com as almas, do *topos uranos*, donde vem que, para saberem tudo, não precisavam sair de si, indo às experiências. Seus conhecimentos são puros, a priori, como muito bem o descreve Kant em relação ao homem. Por este motivo é que Platão acha que aprender é recordar o que a alma dantes sabia quando habitava o lugar celeste. Para provar esta sua verdade, Platão faz Sócrates (por cuja boca falava) colocar um rapazola, escravo de Menon, no meio dos discípulos, e por um bem orientado interrogatório fez o rapaz ir deduzindo as verdades fundamentais da geometria. Após terminar, exclamou Sócrates: viram? este rapaz, ignorante de matemática, porque simples

320 Will Durant, História da Filosofia, 272

321 Will Durant, História da Filosofia, 50

criado e escravo da casa de Menon, esteve a recordar o que sabia quando habitava o lugar celeste. Para Kant, porém, não é que o rapazola recordasse o que sabia, senão que fizera funcionar seu mecanismo apriorístico da razão, descobrindo, por isso as verdades de razão ou puras da geometria. Todavia, temos de convir em que o jovem escravo, para Platão, era uma alma caída em nosso mundo de esquecimento e sombras ilusórias; mas quando habitava o *topos uranos*, sabia à moda de Kant, por ter sido criada de modo perfeito por Deus, donde vem que sendo perfeita sua razão, tinha em si todo o saber puro sem ter sido preciso aprender. Eis, meus caros, realismo e idealismo interligados.

E sem quebrar o mestre a torrente de idéias, foi dizendo, ao tempo em que abria um livro em lugar marcado:

– Então tem razão Hegel ao afirmar que "todo o racional é real e todo o real é racional"³²². Racionalidade e realismo, portanto, tornam-se palavras sinônimas, de sorte que Platão fica jungido a Kant pelo lado do triângulo que liga estes dois vértices opostos. O mundo de Platão era o das idéias arquetipos, sendo, para ele, real e ideal uma e a mesma coisa. Desde Parmênides, a quem Platão chamava o Grande, as propriedades essenciais do ser são as mesmas que as do pensar. "Dentre os fragmentos que se conservam, brilha esta frase esculpida em mármore imperecível: "Ser e pensar é uma e só coisa"³²³.

A estas últimas palavras de Árago, exclamou Chilon:

– Com que acha, o senhor, então, como pensam os idealistas alemães, que Parmênides é um idealista antes do idealismo, e que Platão é precursor de Kant?

– Se eu achasse isso, não poderia colocar esses dois filósofos em oposição de modo a formarem os dois ângulos da base do triângulo. Em Parmênides, de fato, existe a identidade entre *ser* e *pensar*. Todavia, usando uma expressão de Garcia Morente, tudo depende de onde iremos pôr o assento. Se fizermos recair sobre *pensar*, então, pensar tem primazia sobre *ser*, e este depende daquele. Deste modo, tudo nos parecerá idealismo. Contudo, em oposição a isto, se fizermos recair o assento enfático sobre *ser*, o pensar dependerá do ser, visto como, sem este, não é possível o pensamento. É este o realismo parmenídico-platônico. Por isso, Parmênides e Platão não são idealistas à moda de Kant, e "querer converter Platão em um idealista é falsear por completo a posição e a solução do problema metafísico tal como o propunham os gregos"³²⁴. A coisa se resume, portanto, em saber o que veio primeiro: se o pensamento, ou se o *ser*. Que foi feito antes, Chilon: o martelo, ou a tenaz?

– O martelo, pois claro! Até um macaco arbóreo o usa, que é a pedra com que ele rebenta sua castanha.

– Discordo! – exclamou Bruco. A mão que segura a pedra é donde saiu a tenaz, por isso que esta mais não é do que a extensão dos dedos polegar e indicador que se opõem entre si. Os dois braços, porque simétricos, quando erguem e transportam um objeto, agem simultaneamente um contra o outro, tal como ocorre com as hastes da tenaz. A tenaz é prolongamento e cópia dos dedos, ou faz as vezes de braços que erguem e transportam coisas, e o martelo primitivo é uma pedra colocada na extremidade rachada de um pau. Ora, as duas partes que se afastam em virtude da rachadura, e que contém entre si a pedra, também fazem lembrar as hastes duplas da tenaz. Por isso, o martelo primitivo é uma tenaz de madeira apertando entre seus ramos uma pedra. Como a tenaz surgiu da mão que segura, ou do pau rachado na ponta que atenaza a pedra, por isso, a tenaz antecede o martelo no tempo; por isso que sem tenaz não há martelo.

– Se você, Bruco, atalhou Chilon, faz derivar a tenaz da mão que segura a pedra, eu faço o martelo surgir de um punho cerrado, por isso que o soco, o murro, com que o primitivo atacava seu adversário na luta corporal, é u'a martelada desferida com a mão. Este golpe de mão fechada tem paralelo na bola eriçada de pontas da extremidade caudal do gliptodonte, com a qual este grande tatu primitivo martelava o seu atacante.

– Entretanto, acudiu Bruco, se com um punho cerrado o primitivo golpeava o seu adversário, é bem certo que com a outra mão ele o prendia e segurava. E se você me fala dessa

322 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 25

323 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 71

324 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 90

danosa maça pejada de pontas em que findava a cauda do gliptodonte, faço-o lembrar-se de que isso é nada perto das terríveis mandíbulas do dinossauro, armadas de dentes, pontiagudos e fortes, contra as quais nenhum outro animal pré-histórico se atrevia. E os maxilares dos animais, sem exceção, são tenazes que prendem e seguram. E antes que um recém-nascido use os punhos cerrados para golpear, é do seu instinto ou reflexo prender e segurar com as mãos como tenazes. Antes, por conseguinte, que houvesse mãos que golpeiam, houve bocas e mandíbulas que atenam como ocorre com as serpentes e com os peixes que não tendo mãos, as mordem. Logo, a tenaz antecede o martelo no tempo.

– Pois aí está, tornou Chilon, que o mastigar não passa da ação de um martelo que se opõe ao seu contrário, por isso que o mastigar é feito de marteladas que trituram entre as mandíbulas o que se come, longe estando de estas parecerem tenazes que apenas prendem e seguram. E se me concede, você, que o maxilar inferior seja martelo que ora golpeia e esmaga, ora prende e segura, havemos de convir em que tenaz e martelo têm a mesma origem, e quando apareceu um, simultaneamente surgiu o outro.

– Está bem... está bem... concordou Bruco.

Árago, que acompanhava, atento, o desenrolar da discussão, vendo o desfecho a que chegaram Chilon e Bruco, rematou:

– Tal como o problema do martelo e da tenaz, assim também se coloca o do pensamento e o do ser. Fazendo o pensamento atributo do ser, temos o realismo; fazendo o ser atributo do pensar, estaremos com os idealistas. Penso, logo sou! Eis a posição idealista iniciada por Descartes que achava que era ou existia, como ser, porque pensava. Por esta causa, Descartes é o Parmênides da filosofia moderna. Sou, logo penso! Esta é a posição realista que subordina e faz brotar o pensamento do ser. Para Deus, estas duas posições se confundem, tal como a origem da tenaz e do martelo visto há pouco. Não, todavia, para as almas perfeitas que não de ter sido criadas, primeiro, para depois pensarem. Por isso as almas só puderam tomar consciência de si depois que pensaram; mas só puderam tomar esta consciência, depois de terem sido criadas, de adquirirem ser. A tomada de consciência vem depois do ser, por isso, quando Hegel diz que "todo o racional é real e todo o real é racional", podemos perguntar-lhe: a pedra é real; logo, é racional? Contudo é fora de dúvida que a pedra não é racional, porque não raciocina nem pensa; então, não é real? Todavia, é certo que a pedra não se podia formar sem um fundamento racional, ou lei, ou pensamento plasmador: ela foi feita. Então, esse pensamento que a plasmou é-lhe anterior, e com isto a pedra fica sendo racional, isto é, produto da razão. Disto, podemos concluir: em Deus ou Ser por excelência, pensar e ser são uma e a mesma coisa conforme o vira Parmênides, visto como ambos coexistem de toda a eternidade. Agora, em relação às coisas criadas, primeiro está o pensar de Deus, depois o ser delas. Ainda mesmo em relação ao pensar das almas perfeitas criadas por Deus, temos de convir em que, primeiro, está o ser delas, depois, seus pensamentos.

Neste ponto, interveio Bruco dizendo:

– Em relação aos seres criados por evolução, o ser e o pensar se criaram mutuamente, e, contemporaneamente, se desenvolveram pela ação recíproca exercida de um sobre o outro. Do ponto de vista evolutivo, ser e pensar faz parilha à dupla tenaz e martelo.

– Isso, meu caro Bruco, tornou o mestre, só se for considerado em relação à fase estritamente humana, e não, assim, de um modo geral. Podemos descer a escada da vida pela qual se subiu o homem ao que é hoje; fazendo isto, encontraremos o ser remoto de que saiu o homem, e esse ser, remotamente pré-humano, é já, *ser*, porém, ainda não pensa... racionalmente. Por isso, ainda aqui, o ser precede ao pensar. Descartes tinha razão, logo, ao dizer, à moda dos realistas: "eu sou uma coisa que pensa!" Primeiro está a coisa ou ser, e depois, o seu pensar. Coerentemente, então, havia de dizer: *sou, logo penso*, em vez de *penso logo, sou*. Também teria razão Descartes se dissesse, com vistas à sua própria criação pela ação de Deus: eu sou uma coisa pensada; ou: fui pensado, logo sou. Eu sou uma coisa pensada por Deus, que, por minha vez, e por isso, pensa. Fui pensado, e, por isto, sou; e porque sou, por isto, penso: pensado → sou → penso, equivale a pensar → ser → pensar. O pensamento, como vêm, está antes e depois do ser criado; porém, o pensar primeiro é o do Criador, e o segundo, do criado. Então, "as idéias

estão nas coisas como diz Aristóteles. Mas também estão na mente de Deus, como diz Santo Agostinho³²⁵. Já, agora, Hegel tem razão, e todo o real é racional, e todo o racional, real. Se a pedra não fosse racional na mente de Deus, se fosse ela um absurdo, não existiria, como realidade objetiva; logo, existe porque foi pensada. Conquanto ela não pense, já existe, e é ser, donde vem que, em relação a si, o ser é antes do pensar. E assim como a pedra, o homem teve que ser, antes que pudesse pensar. De igual modo, no *topos uranos*, as almas foram criadas para depois pensarem, e não que se pensaram a si mesmas, para serem criadas. Antes do ser das almas esteve o pensar de Deus, e depois do ser delas, foi-lhes possível o pensar.

E consultando suas notas, continuou o mestre:

– Parmênides fixa o Ser Uno e total, e por isso, para ele não existe distinção entre ser e pensar. Porém, depois que Platão nos fala da existência dos dois mundos, o inteligível e o sensível, não padece dúvida que o inteligível, porque se refere a Deus, preexiste ao sensível que se refere às almas topo-urianas primeiro, e a nós, depois. Nas coisas sensíveis há inteligência, porque Deus pôs razão nelas, e o homem, refletindo esta inteligência das coisas, faz-se a si mesmo racional. Porém, as almas do lugar celeste são inteligentes em si mesmas, por construção, por criação, e não como o homem terrestre que só o pode ser por evolução. Por conseguinte, a Realidade parmenídica consiste nessa Razão por excelência, ou Razão excelsa, que supera em muito o primeiro mundo sensível (*topos uranos*) que só ela e mais ninguém pôde criar. Eis um exemplo do que afirmo; as nossas idéias vêm das coisas num primeiro momento, e num segundo momento se relacionam e se hierarquizam entre si; essas relações que fazemos, são outras tantas idéias; ora, a idéia de relação não encontra correspondência no mundo sensível; ela pertence somente ao mundo inteligível. Por isso a matemática e a lógica não são coisas, embora todas as coisas sejam racionais, inteligíveis, isto é, contenham em si matemática e lógica. Assim, desde que uma coisa é possível na Razão, é possível no fato, embora ela ainda de fato não exista. Por conseguinte, como a Razão excelente e necessária preexiste e supera de infinito o limitado mundo sensível, mesmo o maior e mais alto, essa Razão é a Realidade suma da qual, necessariamente, todas as realidades maiores e menores decorrem. E essa Razão é também o Ser ou Deus no seu aspecto transcendente, no passo que o seu aspecto imanente é a Realidade (de res = coisa), representado pelo mundo sensível, pelo universo total, constituído não só da matéria densa, curva, nossa conhecida, senão também pela imensidade da matéria descurvada e diáfana dos seres e coisas do *topos uranos* que cinge o universo físico, denso, por todos os lados. Mas se dei ao Ser por excelência o caráter de Realidade, não o entendo como pura Idealidade subjetiva, abstrata e vazia, senão que lhe concedo a posse de Substância, de *Energia Substância*, (Einstein); e essa *Energia Substância* no nível divino é a luz, é o Amor, porque, como disse São João, Deus é Luz (I João 1,5) e Deus é Amor (I João 4, 7). Eis, pois, que vejo nosso universo físico de angústia, sofrimento e morte, como uma esfera pardacenta, circundada por outra feita toda de colorido esplendor que se esmaece e se dilui no ilimitado do espaço. Este é o lugar celeste das almas eleitas, metaforicamente chamada por Platão de *topos uranos*. Circundando a tudo está a infinita e incriada Substância divina Luz-Amor.

E enquanto Árago se punha, em silêncio, a consultar suas notas, manifestou-se Chilon, dizendo:

– Pouco há, eu disse, citando Will Durant, que Platão "é o homem que menos se assemelha a Kant"³²⁶. Contudo, agora, já não posso distinguir a diferença tão grande, visto como ela nem existe mesmo no Ser uno parmenídico, e tanto que, em Deus, Razão e Ser constitui um só objeto sem possibilidade de se pôr o acento enfático nem no Ser, nem na Razão. Depois, porém, que este Ser excelso se deu a si mesmo nas almas e coisas do *topos uranos*, o idealismo e o realismo ficaram dependendo só do acento, da ênfase, da força com que um se destaca sobre o outro. Por que dizer, então, que Platão é o homem que menos se assemelha a Kant?

– O Ser que, para Parmênides, é Uno, tornou Árago, em Platão se mostra em parte fragmentado em outros seres que representam as almas, as coisas do *topos uranos*. E estas almas, como foram feitas por Deus da sua Substância, hão de possuir toda a perfeição que em

325 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 122

326 Will Durant, História da Filosofia, 54

criaturas é possível. Logo, tanto que elas tiveram ser, e passaram a existir, nelas ficou impressa a lei do pensamento, estando, a priori, pronto para funcionar o mecanismo da razão, como, aliás, ocorre com todos os demais órgãos que são funcionais antes de funcionarem. Ora, o mesmo Deus que criou as almas, criou também as coisas do mundo objetivo do lugar celeste. Então, as almas, para saberem, não precisavam senão tirar tudo de si, de seus mundos subjetivos, como o ensina Kant. Todavia, Platão olha para fora, para o mundo objetivo, e toma almas e coisas tudo como coisas. Lá no *topos uranos* as almas vivem contemplando perpetuamente as belezas imperecíveis e imutáveis das idéias realizadas ou objetivadas nas coisas, sem nascer nem morrer. Nenhum esforço expedem nesta contemplação metafísica, porque têm a verdade impressa em si mesmas, podendo-a contemplar, intuitivamente, por uma como sabedoria infusa. Então, as almas, olhando para fora, para o mundo objetivo, observam que este mundo exterior se casa à maravilha com suas visões interiores, e sabem, a priori, como é lá fora, porque almas e coisas tudo foi plasmado segundo um princípio único, donde vem que o que está fora, é como o que está dentro. Querendo Platão que este nosso mundo fugaz, heracliteano, do vir-a-ser constante, se assemelhe o mais possível ao mundo das idéias arquetípos, lança-se (aqui, a diferença) a criar utopias, a escrever "A República", a pretender que só os filósofos fossem reis, ou, o reis, filósofos. A este respeito escreve Arnold J. Toynbee "Ao sugerir este remédio, Platão viu-se em dificuldades para desarmar, antecipadamente, a crítica do homem simples. Platão apresentou a sua proposta como um paradoxo próprio a provocar a ironia das mentalidades não-filosóficas. Não obstante, se a prescrição de Platão constitui uma afirmação violenta para os leigos – quer se tratasse de reis, quer se tratasse de plebeus – foi uma afirmação mais dura ainda para os filósofos. Não é no desprendimento da vida que consiste o verdadeiro alvo da filosofia? E não são os esforços em prol do desprendimento individual e a salvação social reciprocamente incompatíveis, ao ponto de se excluírem mutuamente? Como pode alguém propor-se salvar a Cidade da Destruição, quando está justamente lutando para ser livre? Sob o ponto de vista do filósofo, a encarnação do auto-sacrifício – o Cristo Crucificado – é uma personificação da Loucura. Apesar disso, poucos filósofos tiveram a coragem de confessar esta convicção e menos ainda a de agir baseados nela"³²⁷.

E tendo aberto junto ao de Toynbee, o livro de Will Durant, continuou:

– Por isso, "com a palavra filosofia, Platão significava uma cultura ativa, uma sabedoria associada com as atividades práticas da vida; não pretende formar metafísicos de gabinete, sem traquejo do mundo"³²⁸. Para Platão, "a ação é uma forma enfraquecida de contemplação"³²⁹. Eis por que, Chilon, Platão "é o homem que menos se assemelha a Kant". Esta preocupação de Platão com o Estado, com lançar as bases da sociedade modelo, prova que o céu dos eleitos, segundo ele, difere do céu segundo a concepção de Aristóteles, São Tomás de Aquino e Santo Agostinho. "São Tomás, quando tenta imaginar ou ver ou intuir em que deva consistir a bem-aventurança dos santos, não encontra outra atividade senão a mesma de Aristóteles: os santos são bem-aventurados porque contemplam a verdade, porque contemplam a Deus. Como Deus é pensamento puro, contemplam o pensamento puro e vivem eternamente nas zonas do puro pensar"³³⁰. Esta concepção aristotélico-tomista leva ao isolacionismo egoísta, comum a quase todos os filósofos. Contra esta tendência reagiu Platão, pelo que procurou realizar a integração social na Unidade-Estado. Ora, quem diz integração, antes terá de dizer: interação, convívio, preocupação com a sorte alheia, amor do próximo. E por que Platão cura de realizar tudo isto em nosso mundo? Porque, pois claro, intui uma sociedade integrada pelo Amor no *topos uranos*. Por conseguinte, a beatitude dos santos não consiste somente no gozo intelectual, na pura contemplação metafísica, como querem os aristotélicos todos, senão, também, na interação das unidades sociais vinculadas pelo amor, no que São Tomás chama "fluição" amorosa. Esta é a causa, e não há outra, por que Platão anseia por ver na Terra tudo parado nas instituições perfeitas; assim o quer, porque assim é como o intui no mundo celeste das idéias-arquetípos.

E prosseguiu o mestre, após uma pausa:

327 Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, IV, 1002-1003

328 Will Durant, História da Filosofia, 53

329 Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, IV, 1003

330 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 110

– Em oposição a isto, Kant se ocupa de visões interiores, e só se dispõe a tomar contato com a prática, com as experiências, quando quer comprovar que são verdades o que sua mente viu. Seguindo por esta linha, toda a filosofia idealista se constituiu de subtilezas, como ocorreu, exatamente, com a Escolástica, na Idade Média. "Foi nesses fagueiros dias da metafísica alemã que Jean Paul Richter escreveu: "Deus deu aos franceses o domínio da terra; aos ingleses, o do mar; e aos alemães, o do ar"³³¹. Conseqüentemente, Platão é objetivo, prático, ocupado em resolver os problemas do Estado, no passo que Kant, no ângulo oposto do triângulo, é subjetivo, idealista, contemplativo de realidades ideais. Por coerência, as obras de Platão são diálogos, e as de Kant, solilóquios.

E depois de uma pausa longa, meditativa, concluiu:

– No entanto, é tempo já de descermos pelos lados do triângulo, já de Platão, já de Kant, ao ponto angular em que está situado Aristóteles. Mas descendo a este vértice, vamos encontrar, de novo, Kant; não o Kant relativamente moço da "Crítica da Razão Pura", porém, o Kant já envelhecido de quando escreveu a sua "Antropologia", pois que nesta obra da sua velhice, refutou-se a si mesmo com declarar isto:

E procurando o ponto nas suas anotações, leu-o para os presentes:

–... "***É possível que um chimpanzé ou um orangotango, por meio do aperfeiçoamento de seus órgãos, se torne em um ser humano numa época futura.*** Revoluções ocorridas na natureza poderiam forçar o macaco... ***a andar ereto, a usar as mãos como instrumento e a aprender a falar***" (...) "O autor da frase tão difamada e tão apaixonadamente discutida de que ***o homem descende do macaco*** não foi, portanto, Darwin (Darwin expressava-se com muito mais prudência) e sim o filósofo idealista Immanuel Kant"³³².

E fechando caderno, prosseguiu o mestre:

– Com esta doutrina posta em sua "Antropologia", Kant o velho, refutou-se a si mesmo de quando era Kant, o moço, que ter cinqüenta anos é ser moço nas lides filosóficas. Atenhamo-nos, porém, ao que disse o Kant moço na "Crítica da Razão Pura".

E assim dizendo, pôs-se a remexer suas notas. E passado algum tempo, prosseguiu:

– Aristóteles e Platão, como vimos ao iniciar nossos estudos de hoje, representam duas visões diferentes da verdade. Platão vem das generalizações e abstrações para as realidades objetivas do nosso mundo; quer dizer, seguia o método dedutivo ou analítico. É verdade que seus ***diálogos***, que sua ***dialética***, sempre se iniciavam por uma conversação caseira, falando de coisas simples, corriqueiras, e, aos poucos, avançava para o estudo profundo. Chegado ao Ser, a Deus, os diálogos se interrompiam, e nunca Platão se deu ao trabalho de aprofundar a idéia de Deus, visto como, antes de Kant, sabia que, quando a razão se põe a examinar aquilo que a supera, que transcende dela, cai nas antinomias. Assim, para expor suas idéias nos diálogos, Platão segue o método indutivo, tal como Aristóteles. Mas quando ia falar, tinha já armado o seu esquema, e neste seu pensar, nesta sua ***dialética interior***, o ponto de partida era Deus, e este norte o guiava nos diálogos, sem o que se perderia. É por isso que ele declara que "a intuição esclarece e sustenta a dialética em todos os seus níveis"³³³. Logo, para conceber sua doutrina, não para expô-la, Platão seguia o método dedutivo ou analítico.

– Já Aristóteles, prosseguiu Árago, ao contrário, com ser mais cientista que filósofo, chegava às generalizações abstratas, partindo da observação dos fatos, isto é, seguia o método indutivo ou sintético, próprio das ciências. É por isso que sua ética é um produto da sua biologia, e seu Deus merece a crítica que lhe fez Will Durant, ao dizer: "Mesmo assim, com sua habitual incoerência, Aristóteles representa Deus como espírito consciente de si mesmo. Um espírito verdadeiramente misterioso, pois o Deus de Aristóteles nada faz; não tem desejos, nem vontade, nem fins; é uma atividade tão pura, que nunca age. Absolutamente perfeito; por isso nada pode desejar; por isso inerte. Sua única ocupação é contemplar a essência das coisas; e como ele próprio é a essência de todas as coisas, a forma de todas as formas, sua só ocupação é a contemplação de si mesmo. Infeliz Deus de Aristóteles! – pois é um ***roi-fainéant***, um rei que nada faz; "o rei reina, mas não governa". Não é de admirar que os ingleses amem Aristóteles; o

331 Will Durant, História da Filosofia, 292

332 Herbert Vendt, À Procura de Adão, 114

333 V. Goldschmidt, A Religião de Platão, 48

Deus de Aristóteles é claramente uma cópia do rei inglês"³³⁴.

E levantando os olhos de suas anotações, comentou o filósofo:

– Menos escarninho que Will Durant, poderíamos dizer que o rei inglês é cópia do Deus de Aristóteles. Ficou-nos claro, agora, como é a concepção aristotélica de Deus, no seu aspecto transcendental; um Deus que não se imiscui nos negócios de Estado do Universo, reservando-se só para os devaneios metafísicos da contemplação de si mesmo, como Narciso. O homem que imitasse o Deus aristotélico, forçosamente, havia de tornar-se num idealista puro, sem outra ocupação que não a de tecer e retecer os fios do seu pensamento puro, como faz a aranha com sua teia, no dizer de Francis Bacon.

E tornando o mestre a pôr os olhos no caderno, continuou:

"Nosso filósofo (Aristóteles) amava tanto a contemplação, que a ela sacrificou a sua concepção da divindade. Se Deus é do calmo tipo aristotélico, nada romântico, apartado em sua torre de marfim do conflito e da contaminação das coisas; fica a um mundo de distância dos reis-filósofos de Platão, da severa realidade em carne e osso de Jeová, ou da mansa e solícita paternidade do Deus cristão"³³⁵. Por causa de coisas assim é que "Lutero disse que Aristóteles não passava de *um asno*"³³⁶. E por esta fala de Lutero, já se vê que ele não era aristotélico, mas platônico; e como Lutero, assim "cada homem nasce platônico ou aristotélico" conforme o pensar de Friedrich Schlegel³³⁷.

E depondo as anotações sobre a mesa, recostou-se o pensador em sua cadeira ao tempo em que dizia:

– Foi a questão dos "universais" que suscitou a mais viva réplica de Aristóteles contra Platão, e esta polêmica durou toda a Idade Média, prolongando-se ainda, se bem que enfraquecida, pelos nossos dias. Todos os homens são "realistas" ou "nominalistas", ainda que não saibam o que isto venha a ser. Para Platão, as idéias (originariamente, imagens – Ortega) tem existência real, objetiva fora de nós; elas são os arquétipos eternos ou fôrmas pelas quais as coisas todas se plasmam; as coisas são cópias grosseiras, imperfeitas e fugazes daquelas realidades eterna. Parmênides já o dissera, ao afirmar que só conhecemos o que é "ser", o ideal, o permanente, o imperecível, o imutável; a respeito do mundo exterior, que é este nosso, material, aparente, do vir-a-ser, somente *opinamos*, mas *não conhecemos*. A diferença entre conhecimento e opinião está em que o primeiro é fixo, e o segundo, variável. Por exemplo, as idéias de janela, de vaso, de cão, de pureza não só existem na nossa mente, como também por si mesmas como fôrmas mentais, arquétipos originais das quais aquelas coisas são variações. Para Platão, as idéias não são criações mentais nossas que formamos em nosso espírito para entendermos, senão que têm existência separada e independente de nós.

E continuou o pensador, após breve pausa:

– Como conseqüência disto, Platão imagina um mundo espiritual, feito de pensamentos-formas, como o conceito que fazemos das coisas. É um mundo onde as idéias são vivas, nítidas, atuantes, infinitamente mais reais do que o mundo sensível, material, que nos circunda. Aquelas realidades-idéias são tanto mais puras, quanto mais nos acercamos do Ser por excelência, e tanto mais ínfimas, quanto mais nos apartamos dele no rumo do *não-ser*. Assim se intui um Universo real e espiritual, imaterial e verdadeiro, em que seres espirituais se movem ao impulso do amor, coordenando-se, por isto, em unidades sociais perfeitas, e não como as nossas. Daí, que "Sócrates afirma sua esperança de ir para junto de "deuses bons" e de "companheiros"³³⁸. Os arquétipos eternos são as fôrmas ou leis das coisas, e por eles é que estas se forjam; eles, por isso, antecipam e sobrevivem a todas as coisas, sendo sempre estas dependentes daquelas. Deste modo, a natureza não age tão ao azar, tão às cegas, fazendo experiências loucas; há um objetivo a atingir, um fim a colimar, que é chegar à perfeição do arquétipo, em que ideal e real são um e o mesmo. Na idéia está o campo de possibilidades; no mundo sensível, o das realizações concretas. E as idéias abstratas, carentes de matéria, superam as concreções que a natureza cria segundo

334 Will Durant, História da Filosofia, 91

335 Will Durant, História da Filosofia, 91

336 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 109

337 Will Durant, História da Filosofia, 79

338 Victor Goldschmidt, A Religião de Platão, 131

aquelas mesmas idéias abstratas que são as leis e os princípios.

E após o mestre ponderar um tanto, em silêncio, prosseguiu:

– Um exemplo do que falo está nas cadeias que o carbono nos pode apresentar, formadas até de trinta ou mais átomos, cada um dos quais prendendo a si outros átomos de hidrogênio e oxigênio. São verdadeiros "padrões de tapeçaria" os compostos orgânicos, como os chama Fritz Kahn. As possibilidades de se formarem compostos orgânicos já foi calculada, e deu um número que ultrapassa, de muito, o da quantidade de elétrons de todo o Universo. Quer dizer que estes "padrões" ainda não concretizados, existem já como idéia, como lei do fenômeno, como possibilidade de tornar-se concreção um dia. Toda essa indústria do plástico, da fórmica, do vidro elástico e inquebrável de nossos dias, mais não é do que a atualização daquela idéia, daquela lei, daquela possibilidade que existia antes de existirem as coisas feitas; antes, pois, que se as fizessem, já se sabia poder fazê-las, porque no lugar celeste das idéias, no *topos uranos*, estava garantida a sua existência como realidade. Toda a briga existente na Terra, do vegetal ao homem, é por causa da auto-manutenção e sobrevivência. Uma forma devora a outra, e daí surgiu a luta que não conhece tréguas. O homem precisa de hidratos de carbono instáveis, isto é, os que contenham oxigênio, porque o calor de seu corpo não poderia decompor, por exemplo, o petróleo, como o fazem as máquinas. Mas pode suceder de um dia descobrir-se o meio de oxigenar (queimar imperfeitamente) a molécula de petróleo, quebrando-a, do modo como nosso organismo decompõe e quebra o amido, tornando-o assimilável. Daí por diante, então, o petróleo nos serviria de alimento. E isto não é sonho ou quimera, porquanto já se fez a manteiga artificial de petróleo, perfeitamente assimilável, conquanto sem sabor. Eis, então, que a ciência chama descoberta ao que achou, porque, de fato, a realidade estava apenas encoberta, implícita na idéia, e se explicitou. Neste sentido amplo, as próprias invenções são descobertas, visto como é absolutamente impossível tirar-se alguma coisa do nada.

E recostando-se no espaldar da cadeira, que rangeu ao peso de seu corpo, continuou o filósofo:

– Tal o mundo real das idéias, inconcebivelmente plástico e vário. Aquilo que, para nossa Terra, é possibilidade, para outros orbes do universo é realização. Júlio Verne sonhou, e a ciência superou seus sonhos, porque seus devaneios eram a visão do que seria. Ele viu os arquétipos e os descreveu. Tudo foi possível porque o permitia a lei das coisas. As idéias puras, para falar como os neoplatônicos, criam as coisas individuais segundo sua imagem. A coisa deriva da idéia, e não vice-versa, como queria Aristóteles. Ou de outro modo: As coisas nos ofertam as idéias, porque elas têm, em si, as idéias que as plasmaram. Elas não poderiam ofertar se não possuíssem, e não possuiriam, se por sua vez não tivessem recebido. Por conseguinte, "as idéias estão nas coisas, como diz Aristóteles. Mas também estão na mente de Deus, como diz Santo Agostinho"³³⁹. E estão nas coisas, por que antes estiveram e estão na mente de Deus, e é só este *estar na mente de Deus* que mantém as coisas quais são, visto como, se Deus deixasse de pensar as coisas, se ele se negasse nelas, como lei que é, elas não subsistiriam. Esta é a causa por que quando a natureza quer criar o olho de um animal, por exemplo, está obrigada a produzi-lo segundo a idéia que temos de olho, isto é, como uma câmara fotográfica, com uma objetiva por onde entra a luz, com um diafragma que regula a intensidade desta, e com uma película sensível que registra o visado.

– E o cristalino, a lente de enfoque, por que o senhor não referiu? – interrogou Bruco.

– Não o referi, porque há câmaras sem lentes, como é a de Leonardo da Vinci que já a empregava para fazer suas telas. As câmaras meteorológicas, chamadas "furo-de-agulha", que fotografam o céu numa exposição de doze horas, mostram, no filme revelado, o risco do Sol. E se o traço estiver interrompido, é porque, nesse tempo, o Sol esteve coberto por nuvens.

– O princípio do olho é simples, continuou o pensador; mas este princípio pode permitir várias idéias de olhos, as quais, uma vez realizadas na prática dão, não somente, todas as variedades de olhos imagináveis e por imaginar dos animais, como também todas as formas de câmaras fotográficas existentes e por existir. Porém, toda a variedade de olhos não esgota a possibilidade dos arquétipos eternos, e os arranjos e variações tendem a aumentar até realizar todas aquelas possibilidades ideais já existentes algures.

E após meditar um tanto, continuou o pensador:

– Quais seriam as possibilidades de padrões de uma indústria de tapetes? A que estariam limitados tais padrões? Digo que às cores, aos desenhos e aos tipos ou quantidades de fios, que tudo são fatores a serem arranjados entre si, e só estariam esgotados os padrões, quando se tivesse exaurido todas as possibilidades de combinação harmônicas. Tal é como sucede na genética; no recôndito das células genitais os gens combinam-se entre si para criar os tipos individuais que são tantos, que a gente anda no mundo e não acha dois indivíduos iguais. Assim, também, com o calidoscópio; olhando-se pela ocular do instrumento, contra a luz, vemos mosaicos, e tantos, quanto possibilitarem o número e as faces das pedrinhas. E este mundo nosso, se bem o considerarmos, é um calidoscópio que muda o aspecto das coisas, e altera a visão dos quadros, a cada giro que Deus dá ao prisma de espelhos. Portanto, desde que uma coisa é realizável na prática, existe já, real, no mundo das idéias arquetípos, isto é, no seio do Deus imanente.

E dando o mestre, largas à sua fantasia, prosseguiu:

– Que espantosa variedade de seres e formas não veria um turista espacial, se pudesse viajar pelo universo numa cosmonave mais veloz que a luz! E tudo o que visse existe, porque o permite o realismo das idéias. Tudo o que achasse seria belo porque representaria a posição ideal, isto é, a de mínimo esforço; tudo seria moral porque de acordo com a ordem a que tudo tende a chegar, para aí ficar quedo... Toda a agitação é um esforço para chegar ao ponto de repouso, na imobilidade da perfeição, como, um pêndulo que pára. Este ponto de repouso é o da perfeição, e para chegar a ele, o Todo cósmico se move, e todas as coisas se agitam nele.

E após ponderosos pensamentos, continuou:

– O princípio do olho é simples? Eu afirmei isto, há pouco; contudo reconheço que as coisas se complicam, ao ter de admitir que outros princípios trabalham conexos com aquele. Tanto o olho como a câmara, além de se subordinarem aos princípios óticos, não podem fugir à lei da harmonia e da ordem. A ordem é moral, e a harmonia, beleza. Aqui está como é possível surgir uma estesia e uma ética destes conceitos. Tal, também, é o pensar de Fritz Kahn para escrever: "Como os átomos obedecem a uma lei, resulta a "ordem". Percebemos a ordem como harmonia e a harmonia como beleza. A beleza na natureza não é criação para fazer os homens felizes. Ela nos torna felizes porque é a expressão da ordem que se tornou tranqüilamente estável. Os átomos não conhecem paz enquanto não se ordenam, e eles não têm mesmo, de acordo com os princípios de mecânica quântica, nenhuma outra possibilidade além daquela de se dirigirem a determinados pontos com exatidão matemática"³⁴⁰. Isto mesmo que disse Fritz Kahn, acaso não se aplica ao homem? Pois os homens não conhecerão paz enquanto não se ordenarem de acordo com os princípios de integração social, e nenhuma possibilidade têm além daquela de se dirigirem a determinados pontos do edifício do social, onde estarão irmanados, felizes e em paz para sempre. Porém, tal sociedade não existe ainda neste nosso mundo de matéria, e porque sim, existe, no *topos uranos*, cumpre-nos fazer utopias, como a fez Cristo, como a fez Platão, até que elas não o sejam mais. Eis como se descobre uma ética que já existe funcionando algures, em vez de se a *inventar*, olhando a natureza bruta, como pretendeu Nietzsche. Cristo tinha, sim, razão, e para tê-la, foi obrigado a declarar que o seu reino não era deste mundo! (João 18,36). Mas tornemos ao que ia dizendo Fritz Kahn:

– "Se retirarmos de uma caixa 64 bolas de pingue-pongue ali acondicionadas, e em seguida as jogarmos dentro da mesma a esmo, sacudindo a caixa, veremos que essas bolas acabarão seguindo para os seus antigos lugares, ordenadamente. A posição final representa a ordem e a ordem é beleza. Um operário cobre a calçada interna que dá para a casa com pequenas pedras quadradas. Ele não está preocupado com arte: simplesmente coloca uma pedra ao lado da outra. Quando ele se ergue e olha, nota que há um desenho de rosetas. Não as quis, mas criou-as como a natureza. A natureza não quer nenhuma beleza, entretanto ela as cria. Por isso a questão sobre a finalidade da estética não tem sentido. Os corais são bonitos. Eles crescem debaixo da água e ninguém os vê. A estrela-do-mar que também é bonita e que se arrasta por cima deles não pode admirá-los. Nem o peixe. Eles existem cem milhões de anos antes dos peixes e mil milhões de anos antes do aparecimento do homem, que os levou para a casa encantado. Durante o crescimento ficam belos, porque crescimento é acréscimo de átomos e os átomos se agrupam nos

340 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 291

tecidos em formação, de acordo com determinadas leis. A beleza surge na natureza independente de sentido e exibição como ordem objetivada das coisas no espaço e no tempo, segundo o princípio da menor resistência. A inquietação reina até o ponto em que se cria a ordem, e o caos reina até que se cria o cosmo"³⁴¹. Assim como os corais e as estrelas, "o sistema solar é belo, porque nele reina a harmonia. Sem harmonia, não existe sistema solar (...). Se o mundo não fosse o cosmos, nós não estaríamos aqui para admirar; o caos não tem adoradores"³⁴². Por conseguinte "o belo aparece em obediência a leis (...). A natureza produz sem contar, caoticamente; só fica, porém, o que obedece às leis"³⁴³. Leibniz classificou as verdades em duas ordens: as verdades de razão e as verdades de fato; as primeiras independem da experiência, e as segundas, sim. Todavia a física-matemática, paulatinamente, vai transformando as verdades de fato em verdades de razão. Aquilo que é as *coisas em si*, pouco a pouco se vai tornando em *coisa para nós*. Assim, "para o mundo orgânico, também, soará a hora em que, tal como na física e na astronomia, procuraremos na natureza a confirmação do que o cálculo exige no papel"³⁴⁴. Eis, pois, que a idéia, como diz Platão, subjaz a tudo, como suma realidade à qual tudo deve sua existência no tempo e no espaço. Deste modo se explica por que "a pata, que evoluiu da do miriápode, chegou a uma estrutura análoga à pata que se originou mais tarde das barbatanas dos peixes"³⁴⁵. Os paralelismos da natureza se devem à unidade de princípio, à idéia, que preexiste às coisas criadas por Ele. Deste modo, "se, nos outros planetas, vivem seres dotados de visão, essas criaturas devem ter olhos de estrutura análoga à dos olhos do animal vertebrado e da siba; saudarão o recém-chegado e este terá a impressão de haver desembarcado entre "irmãos"³⁴⁶. Sim, irmãos, porque um princípio único os criou a ambos. Por este motivo é que uma coisa se assemelha à outra, sem outro vínculo que não a idéia plasmadora comum. "Por isto as aves se assemelham aos aviões e os aviões às aves. Este o feitio mais apropriado, a forma plasmada automaticamente, do aparelho que se move, varando o espaço"³⁴⁷. Esta mesma causa determina seja "o iate semelhante ao peixe; o peixe como o iate – ambos substância convertida em idéia, como tudo o que existe é idéia convertida em evidência, vontade substancializada, realização que se tornou carne"³⁴⁸. Tendo em vista todos estes fatos iniludíveis, "nos defrontamos forçosamente com esta conclusão: em todos os mundos *pode* haver, em muitos *haverá* vida; em todos onde exista, a vida será a mesma. O universo é uno. E nem tão grande como parece. Um vasto jardim de Deus..."³⁴⁹.

E trocando o mestre o livro de Fritz Kahn pelo de Plotino, continuou:

– Por esta razão natural, "a fealdade é, com efeito, contrária a Deus e à Natureza. Porque a Natureza somente cria por objeto o Belo, contemplando o que é determinado e o que está nas linhas do Bem" (...). "Assim, a própria Natureza deve sua gênese ao Bem e, pela mesma razão, ao Belo"³⁵⁰.

E largando o livro sobre a mesa, prosseguiu:

– Seguindo por esta estrada larga do pensamento platônico, chegamos a uma ética e a uma estética cósmicas. Em arte, como na natureza, a idéia precede à forma, esta se organiza segundo o princípio de simplicidade que também é o de mínimo esforço. Os rebuscamentos, os arranjos ornamentais, visto que fogem à linha do menor esforço, são fealdades e não, belezas, embora possa haver gostos degenerados que as apreciem. Ajustar nosso espírito segundo tais conceitos, é estar aderente à verdade que também se manifesta como beleza e como bem, porque toda a verdade, no ponto que é una, é trina. Tinha razão Goethe: "Farfalhices e guizalhadas a bobos só pertencem. A paixão verdadeira, o senso reto escusam de artifício. Assunto sério não se

341 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 191-192

342 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 54

343 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 54

344 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 55

345 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 233

346 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 223

347 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 331

348 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 332

349 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 415

350 Plotino, Do Amor, X, 104 - Atena Editora

anda à caça de vistosas frases"³⁵¹. Todo cosmo é beleza e todo caos, fealdade; todo cosmo é belo, porque harmônico e ordenado, seja ele uma sinfonia, um tratado de idéias, um conjunto de formas, um organismo vivo, ou u'a máquina. A máquina é um cosmo dinamomecânico, assim como um organismo vivo é um cosmo biológico; e tudo é belo porque, além de funcional, possui ordem e harmonia. Já o caos nada disto tem, e por isso é feio. Qualquer coisa, tanto é mais bela, quanto mais for simples, funcional e harmônica; tudo tem de ser lógico como o é qualquer cosmo, e não absurdo, alógico, como o é qualquer caos. Em literatura, como em música, como em pintura, como em qualquer outra arte, a beleza há de corresponder à funcionalidade pela linha do menor esforço. Assim como os sons se organizam segundo as leis de harmonia, para formarem um cosmo sinfônico, e as formas são trabalhadas pelo artista a fim de constituírem um todo harmônico, também as palavras têm regra certa de harmonia, e não podem ser ligadas a esmo, tendo-se em vista só o trivial da gramática. A língua, na boca, ao terminar uma palavra, precisa estar na posição de iniciar a seguinte; sem esta elisão que une os sons próximos, o estilo se endurece e emperra. A sonoridade que os poetas conseguem, vem disto, e não de outra coisa; a par deste encadeamento vocal, é necessário haja o oracional, o ideológico, o dialético e o lógico. E só quem imprimiu no próprio espírito estas leis de harmonia cósmica, pode ser artista, seja ele um Platão, seja um Mozart, seja um Ticiano, seja um Goethe. Por este motivo, e não por outro, Platão afirma que "a incorreção de linguagem não é somente uma falta contra a própria língua; ela causa também mal às almas"³⁵². Não se trata de poder mágico nenhum atribuído às palavras, como pretendeu o tradutor em nota 44 ao pé da página. Trata-se de que a incorreção de linguagem leva a idéias errôneas. Está claro que se Críton disser: Sócrates é o que foi enterrado hoje, então, terá afirmado que Sócrates morreu absolutamente, nada restando dele. Todavia, se disser: os restos mortais de Sócrates foram enterrados hoje, terá afirmado que Sócrates não morreu, mas que vive, alhures. Nada há que ver, portanto, com poder mágico das palavras. Considero grave ofensa atribuir tão chocha credence à grande inteligência de Platão. Vieira disse o mesmo, por outras palavras, quando prega que o diabo pode fazer da fé heresia, e da heresia, fé. Cristo ressuscitou; não está aqui – eis a fé. Cristo ressuscitou? não; está aqui. Eis a heresia igual a que se lê na campa de Voltaire, onde o materialismo dos pensadores franceses fez escrever: "*Aqui jaz Voltaire*". A arte, por conseguinte, está na alma do esteta, e, à do receptor dirige a sua mensagem; não está na boca, nem nos olhos, nem nos ouvidos, nem nas mãos do artista; por isso calha bem o dito de Lessing: "Rafael seria um grande pintor, ainda que nascesse sem braços"³⁵³.

E após ponderar um tanto concluiu:

– Eis, aqui está, como nós, procedendo aristotelicamente do particular para o geral, podemos induzir uma estesia e uma ética. Não disse bem: procedendo desse modo, descobrimos a Moral e a Estética em função das quais, aliadas à Lógica, tudo o que existe deve sua razão de ser. Estas luzes, não só nos auxiliam na vida prática (pois esta não só é um mundo de possibilidades, governado por leis), como também nos faz aproximar de Deus. Desenvolvendo-nos no campo das idéias puras, chegamos, como já o dizia Platão, a "participar de um estado de consciência quase divino". Nosso espírito, ajustado de acordo com estes conceitos, responde com idéias intuitivas, reais, exatas, no momento em que for solicitado. Nosso cérebro não difere, quanto a isto, dos computadores eletrônicos; estes, como aquele, se ajustado corretamente, respondem certo; porém, se num ou noutro caso se imprimirem dados falsos, as respostas serão menos verdadeiras. A resposta a um problema que colocamos, elaborada em nosso íntimo com os recursos aí existentes, e que nos chega instantâneo, como um raio, se chama intuição. Por este motivo a pedagogia de Platão que mandava estudar primeiro as ciências exatas, como as matemáticas, era melhor do que a de Aristóteles que se ocupava da biologia caótica. Porque as matemáticas são verdades de razão, e independem da experiência, no passo que a biologia se constitui de verdades de fato, que só podem ser alcançadas graças às experiências. Acabamos de entender agora, claramente, que, como dizia Hegel, "tudo o que é real é racional, e tudo o que é racional é real".

351 Goethe, Fausto, XV, 39 – Clássicos Jackson

352 Fedon, 135 – Atena Editora

353 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 373

– Um exemplo do que digo relativamente a cérebro bem ajustado, prosseguiu o filósofo, temos em Cuvier, o descobridor da lei de correlação. Verificou ele que quando um animal apresenta um caráter de herbívoro, ou carnívoro, todos os demais caracteres são correlatos. Não existe o absurdo de um herbívoro possuir estômago e dentes de carnívoro. Assim, os herbívoros possuem chifres, cascos, dentes e estômagos específicos; já os carnívoros têm dentes pontudos para cortar e rasgar, além de garras. Os unívoros, dentre os quais o homem, são um estado intermediário entre carnívoros e herbívoros; todos os unívoros mamíferos têm unhas chatas. É baseado neste princípio, e ainda no da harmonia, simetria, etc., que se reconstrói um animal fóssil, partindo-se de uns poucos restos. Ora, estava Cuvier, um dia, dormindo, quando seus discípulos lhe quiseram pregar uma peça. Um deles fantasiou-se de diabo, com pés de cabra, chifres, barbicha, etc., e deste modo meteu-se nos aposentos de Cuvier, acordando-o de seu sono com estas palavras, e repetindo-as, depois de ele acordado:

– Eu sou o diabo! – repetiu o mascarado – Estou aqui para te devorar."

"– Quereis devorar-me? – Cuvier abanou a cabeça – É impossível! Tens cornos e cascos. De acordo com a lei de correlação, só podes comer plantas"³⁵⁴.

E fechando o mestre o livro em que lera o trecho, voltou-se para os presentes interrogando exclamativamente:

– Viram?! Reagiu corretamente Cuvier, porque seu espírito estava certamente ajustado. Isto posto, isto assentado, se aparecesse um marciano a Cuvier, vindo numa nave espacial, de um golpe, este o classificaria. Não cometeria ele o absurdo que cometeu Ramatis ao dizer que os marcianos *são semelhantes a nós*, e também que *sempre foram vegetarianos*. Uma coisa ou outra: se sempre foram vegetarianos, não de ter cascos e chifres, além de, ou dentes de cavalo, ou estômago de boi, aptos portanto, a digerir celulose... Também as várias seitas evangélicas, aceitando ao pé da letra o texto bíblico, vivem a repetir que após a segunda vinda de Cristo, o leão irá comer palha com o boi... Só mesmo no bestunfo de um místico é que pode caber tamanho estapafúrdio!...

E voltando a consultar suas notas, prosseguiu:

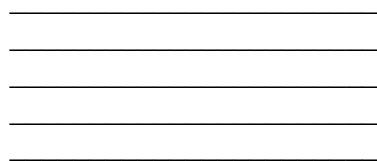
– Agora que temos discorrido bastante sobre Platão, o paralelo entre ele e Aristóteles se tornou evidente. Platão era realista, teórico, abstrato, espiritual, dedutivo, cultivava a filosofia especulativa e a política. Queria sempre o geral e nunca o particular. Seu fundamento precípua eram os "universais". Goethe só poderia ser platônico para escrever: "O individual não pode servir de modelo ao todo e, portanto, não devemos procurar o modelo do todo no fato isolado. As classes, os gêneros, as espécies e os indivíduos são os casos particulares da lei; eles estão compreendidos nela, mas não a compreendem nem a estabelecem"³⁵⁵.

E pondo-se o pensador em pé, dirigiu-se para a lousa; e tomando de um pedaço de giz, foi riscando nela, ao tempo em que dizia:

– Este gráfico que estou fazendo, tirei-o do livro de Huberto Rohden, Filosofia Universal, Vol. 1, página 107. Sobre estas linhas paralelas, como estão vendo, escrevo Aristóteles, e sobre este leque, Platão.

ARISTÓTELES

PLATÃO



– O mundo de Platão é irradiante de um centro, ou convergente, como queiram; no passo que o de Aristóteles forma-se de planos paralelos superpostos separados e estanques. O próprio Deus aristotélico é uma realidade à parte da realidade do mundo. Deus não criou, mas move o mundo, diz o estagirita. Se Deus não criou o mundo, então Deus e mundo coexistem paralelamente como duas realidades autônomas. "O universo, para Aristóteles, é uma magnífica

354 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 120

355 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 104

coleção sistemática de substâncias, ordenadamente classificadas como na história natural"³⁵⁶.

– E trocando o livro de Garcia Morente pelo de Huberto Rohden, pôs-se o mestre a ler para todos:

– "A principal diferença entre Platão e Aristóteles está no modo como eles concebem a realidade, que para aquele é essencialmente *universal*, para este fundamentalmente *individual*. Platão, colocado no centro único e absoluto, procura atingir as periferias múltiplas e relativas – ao passo que Aristóteles, peregrinando pelas variadas latitudes e longitudes das periferias do mundo fenomenal, alonga os olhos rumo ao centro. Para o ateniense, o centro é real, realíssimo, a única realidade digna desse nome, ao passo que as coisas da periferia são tão vagas e longínquas, tão diluídas e tênues que, propriamente, nem merecem o nome de realidades. Para o estagirita, porém, com os pés firmemente colocados nas realidades concretas da periferia física, a metafísica do centro se lhe afigura tão incerta e esvaída, que, se alguma realidade objetiva possui, não pode ela ser equiparada à solidíssima e palpável objetividade do mundo dos sentidos e do intelecto". Mais:

– "Pitágoras, Platão, Filo, Plotino, Orígenes e outros alexandrinos, são locutores e intérpretes duma humanidade futura – ao passo que Protágoras, Demócrito, Aristóteles, Epicuro, etc. falam em nome duma humanidade presente. Aqueles são idealistas e visionários – estes são empiristas e práticos". Mais isto:

– "Para Aristóteles e sua escola o *universal* é irreal, ao passo que o *individual* é que é real, a única realidade. Para ele, o universal não passa duma abstração mental, espécie de "hipótese de trabalho", como diriam os cientistas modernos. Verdade é que nem todas as individualidades são materiais; há, para o estagirita, duas grandes torrentes de realidades individuais: uma de índole *material*, outra de caráter imaterial ou *espiritual*. Deus é a grande realidade individual espiritual, ao passo que o mundo é, no entender dele, a grande realidade individual material. Ambos são eternos, paralelamente existentes desde sempre; este não é efeito criado por aquela causa; ambos, Deus e o mundo, são duas coisas autônomas, independentes, coordenadas, como os dois trilhos duma ferrovia, para nos servirmos de um símile do presente século; sobre esse binário material-espiritual, mundo-deus, é que corre o veículo da evolução cósmica". Ainda isto:

– "Os escolásticos tomistas, proclamando Aristóteles o seu patrono filosófico, fizeram um importante empréstimo com Santo Agostinho quando declararam que o mundo, longe de ser co-eterno e auto-existente com Deus, era criado *ex-nihilo*, do puro nada. Não deram ao mundo a honra de ser individualidade eterna e autônoma, como é no sistema peripatético; nem ousaram considerá-lo como emanado de Deus, como nas filosofias orientais; degradaram-no ao ínfimo nível da possibilidade, reduzindo-o a um filho legítimo do nada, da absoluta vacuidade, fecundada pelo libérrimo *fiat* criador do Onipotente". Ainda isto:

– "Conseguiram, assim, contornar o perigoso escolho do dualismo zoroastrino-gnóstico, salvando do naufrágio o monoteísmo bíblico-cristão – mas não valeram arribar às praias longínquas do puro monismo dos grandes gênios religiosos e místicos de todos os tempos e países. Talvez que fizessem bem, esses escolásticos romanos e teólogos protestantes, em admitir a ideologia aristotélico-tomista em vez da concepção platônico-originista, porque a humanidade não estava, nem está, madura para tão arrojada visão cósmica da realidade". E mais este trecho:

– "É lógico que dessas duas concepções opostas, oriundas de uma premissa básica, nascessem duas conclusões também opostas e se ramificassem pelo vasto terreno da ética, da sociologia e política do gênero humano. Do unismo platônico devia derivar necessariamente uma concepção da vida humana diferente do pluralismo aristotélico. Um sistema de linhas paralelas aplicado à ética e à política dá à origem da sociedade humana e ao Estado um *back-ground* e uma norma reguladora totalmente diversa de um padrão de linhas convergentes que irradiem de um único centro ou foco inicial".

– "O que em sua primeira origem é *um* tende a ser *um* também no seu último fim – , mas o que em sua fonte inicial é *múltiplo* tende a ser *múltiplo* também no seu termo final".

– "Unismo metafísico gera unidade ética".

– "Dualismo metafísico gera dualidade ética"³⁵⁷.

E fechando o livro, prosseguiu:

– Aristóteles, como vêm, era "nominalista"; para ele, primeiro está o fato, a experiência dos sentidos, e depois a idéia. A idéia é a consequência e não a causa. Nós somos tábua rasa, cera passiva ao nascer, dizia ele, onde, pela experiência dos sentidos, se gravam as idéias. Não é como dizia Platão, que nós, ao nascer, trazemos um lastro de conhecimentos doutras vidas. Não é como queria Sócrates, que as idéias estão dentro de nós, latentes, bastando só desentranhá-las, em razão do que ele, Sócrates, a si se dava o nome de "parteiro intelectual" ou "moscardo do pensamento", visto que fazia aos outros darem à luz as suas idéias. Nada disto, afirmava o estagirita; as idéias se gravam na cera passiva que somos ao nascer, através da experiência. E como nós só travamos conhecimento com fatos isolados, individuais, são estes que formam o substrato das nossas idéias. As generalizações são criações da nossa inteligência, não mais realidade do que a que têm os sonhos. Sem as experiências não teríamos idéias; sem a existência de cavalos, não formaríamos o conceito, a idéia abstrata de cavalo; logo, a idéia resulta da experiência dos sentidos. Real, por conseguinte, é o individual, o nominal, e nada podemos conhecer, se não nos dedicarmos à observação das coisas concretas, individuais.

E passando o pensador as mãos pelos poucos cabelos que lhe rodeavam a calva, continuou:

– Deste modo Aristóteles, lá no Liceu que criara, ensinava biologia e ciências naturais; era, como o impõe a ciência, árido, seco, científico, cuidando que realidade é o objetivo. Ensinava aos seus discípulos que existem árvores, animais, homens; porém, o homem em geral, o homem universal não existe, a não ser no pensamento; é uma abstração mental cômoda, e não, uma presença exterior ou realidade. Platão, na sua Academia, lecionava matemática, geometria, filosofia especulativa e política; sua realidade era o objetivo mundo das idéias, que, segundo ele, têm existência real fora de nós. Sonhava sonhos lindos e os descrevia no seu belo estilo faceto; dir-se-ia um poeta a escrever em prosa; "muitas vezes nas brumas do mito deixava a beleza velar, com excessiva opulência, a face da verdade"³⁵⁸.

– Eis meus caros, concluiu o filósofo, os dois tipos de pensamento: o dedutivo ou analítico, e o indutivo ou sintético; o primeiro vem do geral para o particular, do todo para as partes, do centro para a periferia, da unidade para a fragmentação do relativo; o segundo, ao contrário, vai do relativo para o absoluto, das partes para o todo, da circunferência para o centro. E desde que Aristóteles cruzou armas com Platão, a respeito dos universais, todos os homens ficaram divididos em duas frentes de combate: a dos místicos e a dos científicos; e aquela luta prolongou-se até nossos dias, fazendo-nos ouvir o estrepito das armas dos "nominalistas" contra o "universais".

– No entanto, prosseguiu o mestre, tudo isto não passa de um grande equívoco, um grande mal-entendido, que vai para mais de dois mil anos. Platão é filósofo do futuro, porquanto, suas verdades ainda estão para ser entendidas como bem o notou Huberto Rohden (Filosofia Universal, I, 106). Cumpre notar, todavia, que Platão e Aristóteles têm razão, visto como cada um vê e descreve uma face do ciclo. Ambos representam duas perspectivas. Ambos representam as duas estradas do pensamento humano. Para o que desce, como Platão, da unidade, da espiritualidade, da realidade eterna numenal, para a pulverização caótica do particular, primeiro está o pensamento, a idéia, a lei, o espírito, depois, a estrutura, a forma, a matéria. Para quem, como Aristóteles, sobe dos "nominais", do individual, do particular, do pó do relativo para a unidade central, primeiro estão as experiências, depois o conhecimento da lei, do princípio, da idéia. Kant tem razão, se sua doutrina disser respeito às almas perfeitas do *topos uranos*, e a única diferença entre ele e Platão está em que o primeiro é subjetivo, idealista puro, no passo que Platão é objetivo do tipo realista das idéias. Platão e Aristóteles estão certos, porque cada um fala de coisas diferentes ao se referirem às mesmas coisas: o estagirita fala das nossas idéias, dizendo que elas nos vêm das coisas; o ateniense repara que se as idéias existem nas coisas, por certo, não fomos nós que as pusemos lá, e sim Deus. Ora, as idéias que residem nos seres e coisas do nosso mundo, de modo apagadas ou enfraquecidas, são vívidas, refulgentes de realidade nas almas e

357 Huberto Rohden, Filosofia Universal I, 105 a 107

358 Will Durant, História da Filosofia, 77

coisas do *topos uranos*, visto como ali tudo saiu diretamente das mãos de Deus como criações imediatas. As criações de nosso mundo são mediatas, por isso que imperfeitas. Em “A República”, página 90 (Atena Editora), diz Platão que “sendo Deus essencialmente bom, não é a causa de tudo, como geralmente se diz”. “Assim, pois, a primeira lei sobre os deuses bem como a primeira estabelecida, ordenará que se reconheça, nos discursos públicos e nas composições poéticas, que Deus não é o autor de todas as coisas, senão só do bem”³⁵⁹. E o método *analógico* aristotélico mostra-se incapaz de provar nisto o erro de Platão; pelo contrário, tal método, o analógico, se revela como uma espada de dois gumes que tanto pode cortar para a direita como para a esquerda. “A escola de Aristóteles e São Tomás ensina que Deus é conhecido, pela razão natural, por um conhecimento *analógico*, que nos permite ver no espelho das coisas criadas as perfeições divinas (ser, unidade, bondade, inteligência, amor, etc.), sem pôr entre Deus e as coisas nenhuma unidade de natureza, nenhuma medida comum, nenhuma proporção, nenhuma espécie de mistura ou confusão”³⁶⁰. Ora, se é que Deus é conhecido pela razão natural que vê no espelho das coisas criadas as perfeições divinas, esta mesma razão natural também enxerga, como as viu Darwin (Origem das Espécies) e Schopenhauer (Dores do Mundo), imperfeições divinas tais como: vitória incondicional do mais forte e do mais astuto sobre o humilde e o justo; a tragédia e morte, invariável, irremediável, do mais fraco, ainda que bom; a existência, da feiura, da maldade, da estupidez, da ignorância, do fanatismo sangüinário, do egoísmo, da dor, do mal, do ódio, do caos. Se é que Deus pode ser conhecido por um conhecimento *analógico* que nos permite ver no espelho das coisas criadas estas imperfeições todas, então, podemos conceber um Deus negativo, um Demônio criador, da espécie de um Moloch. Foi olhando neste espelho das coisas criadas que Machiavel concebeu seu “O Príncipe”, e Nietzsche, as falas de Zarathustra. Foi neste espelho que Trasímaco colheu as imagens que apresentou a Sócrates em “A República” de Platão. Foi neste espelho que o homem das cavernas concebeu seu deus terrível que exigia sacrifícios humanos; esse deus sangüinário e mau se honra de ter por filhos os fortes, e a estes dá a palma da vitória e da vida, e nega a paternidade aos fracos que devem, por isso, serem sacrificados, sejam animais, sejam homens vencidos em combate. A hóstia humana surgiu da idéia que a natureza bruta nos dá de Deus, como já foi discutido num destes nossos serões. Como vêem, a espada é de dois gumes; e, dependendo do ponto de vista, todos têm razão.

E depois de reflexionar um pouco, voltou a falar:

– Finalmente, e digo assim, porque precisamos pôr termo a este nosso estudo; finalmente, Kant se liga a Aristóteles pelas suas categorias que, em Aristóteles, recebem o nome de juízos. Dos quatro juízos da lógica formal aristotélica, Kant extraiu suas categorias ônticas. E aqui aparece sua famosa inversão copernicana. Copérnico achava que não se podia interpretar corretamente as observações astronômicas, a menos que se considerasse o Sol, e não a Terra, como centro do sistema. Kant, cuidando a mesma coisa em relação à sua doutrina, diz: uma vez que não podem as coisas nos enviar suas categorias, visto que estas são puras relações, temos de aceitar, sem outro remédio, que as categorias estão na nossa inteligência, e são postas ou impostas às coisas. As coisas não nos podem enviar as categorias tais como: *unidade, pluralidade, totalidade, causa, etc.*, porque isto são relações; logo, as relações estão em nossa mente, e não, nas coisas. As coisas nos enviam apenas impressões, e nosso espírito é que elabora os conceitos, as categorias. Se, pois, as categorias não nos vêm das coisas ao espírito, então só pode ser que vão do nosso espírito às coisas. Por conseguinte, as categorias são conceitos puros, a priori, visto serem condições preexistentes em nossa inteligência.

– E se dissermos assim, aparteou Bruco: Nossa inteligência possui a capacidade antecipada de elaborar os conceitos, mas, *partindo das imagens*. Os conceitos não passam de abstrações do nosso espírito, e por isso não são realidades objetivas do mundo sensível.

– E essas abstrações do nosso espírito, essas idéias, são reais, ou não são?

– Não são, repetiu Bruco. O realismo está só na individualidade das coisas, e não nos conceitos que elaboramos das imagens. Aristóteles tem razão: o real é o individual, o nominal.

– Logo, você, meu Bruco, tem que concordar com David Hume: nada mais temos que séries de imagens, e nossos conceitos são fantasias puras, nas quais cremos, de fé. O

359 Platão, “A República”, 90-91-92 - (Atena Editora)

360 Jacques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 161

conhecimento racional é puro ato de fé; apenas cremos, mas não conhecemos de verdade. “Por conseguinte, a única coisa que posso ter é crença, *belief*, no mundo exterior”³⁶¹.

– Neste caso, modifico o que disse, tornou Bruco, e ponho isto: os conceitos das coisas já existem preformados em nosso espírito.

– Se for assim, meu caro Bruco, então veja mais isto: o conceito de cavalo, de peixe, de ave não nos é também fornecido pelo cavalo, pelo peixe e pela ave, porque estes seres apenas nos enviam suas impressões, suas imagens. Eu recebo, através dos sentidos, as imagens de vários cavalos, de variados peixes, de múltiplas aves; então abstraio, elaboro, dessas imagens seus respectivos conceitos. Os conceitos, logo, estão a cavaleiro das imagens. Porém, como as coisas não nos enviam mais que imagens, segue-se que os conceitos dessas coisas são elaborados pelo nosso espírito, do mesmo modo que as categorias. Mas o argumento de Kant é de que as coisas não nos podem enviar as categorias; e acaso podem nos enviar os conceitos? Se porque não podem nos enviar as categorias, por isso, estas são a priori, não podendo enviar-nos os demais conceitos, estes o serão também, como você afirmou há pouco. Pois essas idéias antecipadas das coisas, sob a forma de conceitos, de universais, são o que Platão chama de realidades de idéias-arquétipos das quais as coisas individuais surgem como cópias; os conceitos são temas básicos, e as coisas individuais, variações.

– Está certo exclamou Bruco.

–Então está certo Platão, e os conceitos universais são as realidades maiores, das quais se copiam as realidades menores das coisas individuais, dos “nominais”. Está contente agora Bruco?

– Não!

– Não, por que?

– Porque diz Platão que as idéias-arquétipos são exteriores a nós, ao passo que o senhor há demonstrado que elas estão em nós.

– Elas se acham em nós, porque nosso espírito reflete em si aquilo que há na mente de Deus, a qual, de maneira direta, criou as almas e as coisas perfeitas do *topos uranos*. Está correto agora?

– Agora está! – concordou Bruco.

– Está e não está, atalhou o mestre. Kant e Platão estão certos, se considerarmos o homem como criado de pronto por Deus, de maneira perfeita, como ocorreu com as almas. Nas almas puras do *topos uranos*, visto que saíram prontas, acabadas, das mãos de Deus, estão não só as categorias de Kant como conceitos puros, a priori, mas, também, se acham todos os demais conceitos, porque elas refletem, em si, as idéias-arquétipos. Não, todavia, em relação ao homem terreno, criação mediata ou indireta de Deus, porque, tendo-se ele, o homem, formado, paulatinamente, por evolução, houve um tempo em que, para ele, não existiam nem juízos, nem categorias, nem conceitos de qualquer espécie. Por conseguinte, Aristóteles, Platão e Kant têm e não têm razão, dependendo só da relação em que os colocarmos. Igualmente, o velho adágio latino aristotélico que diz: “nada existe na consciência que não tenha estado antes nos sentidos”, está e não está certo: está certo em relação ao homem terrenal que evoluiu de baixo; porém, se considerarmos as almas perfeitas, do lugar celeste, criadas imediatamente por Deus, vale o acrescentamento introduzido por Leibniz: “nada há na inteligência que não tivesse antes estado nos sentidos, *exceto a própria inteligência*”. O intelecto, com suas leis próprias, com seus germes racionais, com suas possibilidades de crescimento, desenvolve-se em contato com as experiências, mas não é produzido por estas. E nisto posso ainda ser mais radical do que Leibniz: *nada há no entendimento que tenha passado pelos sentidos*, porque Deus, à semelhança longínqua de um homem que constrói um “robot” de cérebro eletrônico complexo, pôs nas almas que criou, toda a sabedoria que em criatura é possível. Eis aqui o que vem a ser ciência infusa! O homem, lutando, afanosamente, transforma as verdades de fato em verdades de razão, procura dar a todos os fenômenos naturais, interpretação matemática. Pois para as almas perfeitas do *topos uranos*, todas as verdades são de razão, e para saberem tudo (tudo o quanto em criaturas é possível) não dependem de experiência alguma. Portanto, é como digo: *nada há na inteligência das almas que tivesse estado antes nos sentidos*. E mais: as almas perfeitas não precisam de

361 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 185

sentidos exteriores para o conhecimento. O que nelas predomina é a *mente concípia* de Galileu. Galileu, para descobrir as leis do movimento, “apartou de seus olhos toda experiência sensível e concebeu com os olhos fechados um espaço, um móvel nesse espaço, e dessa pura concepção foi por pura intuição direta tirando as leis do movimento” (M. Garcia Morente). Também Beethoven estava surdo aos sons sensíveis, quando “escutava” a sua “Nona Sinfonia” nas notas que grafava no papel. Galileu para enxergar o funcionamento de suas leis, fechava os olhos, e Beethoven, para escutar sua sinfonia derradeira, já não tinha audição. Tal com as almas puras que, para enxergar, não precisam ver com os olhos, para escutar, não necessitam ouvir com os ouvidos, para falar, não carecem de articular palavras, visto que as comunicações, ali, se fazem por ressonância mental, por telepatia, e tudo o mais ocorre no recôndito de suas mentes. Então, como as almas puras não têm precisão de sentidos, normalmente não os possuem, conquanto os possa criar na hora da necessidade, do mesmo modo como fabricamos nossos utensílios e instrumentos. Os chifres, que no boi são armas nascidas na cabeça, equívalem ao punhal que o sicário carrega à cinta; aquilo que no boi são peças anatômicas, no homem é instrumento exterior a seu corpo. No mesmo passo, os sentidos que possuímos, como partes anatômicas, são aparelhos exteriores à alma pura, e esta os cria conforme suas precisões. Não é, pois, de mais e de melhores sentidos que necessitamos, e sim, de melhor inteligência. Ninguém, jamais viu um elétron; contudo Descartes o desenhou como um vórtice etéreo, e tal como ocorre com todos os turbilhões, o elétron não passa de um efeito que rodeia o núcleo atômico.

Ao dizer estas últimas palavras, o pensador se pôs a esticar as pernas para as desentorpecer; e após ter também estirado os braços, concluiu:

– Dou por satisfeitas as questões que levantei de começo, ao construir o triângulo da *verdade total quanto à razão*. Está, portanto, realizado, em parte, o anseio de Manuel Garcia Morente que deste modo se expressa: “De modo que o velho tema da morte, que já está em Platão, e o velho tema de Deus, que já está em Aristóteles, ressurgem de novo na metafísica existencial da vida; mas ressurgem agora com um cariz, um aspecto e umas condicionalidades sensivelmente diferentes. Agora entramos, por assim dizer, na terceira navegação da filosofia. Porque nem um realismo nem um idealismo exclusivista podem dar uma resposta satisfatória aos problemas fundamentais da filosofia, já que percebemos que o sublinhado pelo realismo e pelo idealismo são fragmentos de uma só entidade: aquele – o realismo – afirma o fragmento das coisas que “estão em” a vida; este – o idealismo – o fragmento do eu, que também “está em” a vida. Agora queremos uma metafísica que se apoie, não nos fragmentos de um edifício, mas na plenitude de sua base: na vida mesma. Por isso digo que agora começa a terceira navegação da filosofia, de rumos apontados já pela proa dos navios, que, como diz Ortega, caminha para um continente em cujo horizonte se desenha o alto promontório da Divindade”³⁶².

E fechando o pensador o livro, encarou os presentes, exclamando com ênfase:

– “Alto promontório da Divindade”? E que *promontório alto* é esse, senão o que Platão chama de *topos uranos*?

E deixada a interrogação no ar, dava o mestre visos de que o estudo tinha terminado. Aproveitando-se da pausa, porém, Chilon interrogou:

– Por que fala o senhor da *verdade total*, e logo sublinha, com entonação de voz, que é só *quanto à razão*? Acaso essa não é a verdade total em sentido absoluto?

– Não! Tudo o que tenho dito corresponde somente à meia verdade, porque o *topos uranos*, o *promontório da Divindade*, não é só um céu de racionais, um paraíso somente de gozos metafísicos, como queriam Aristóteles, São Tomás e Santo Agostinho. *É, sobretudo*, e aqui está o busílis, *um céu de amor*, que sem este vínculo de integração, a mera especialização racional das células sociais, conduz irremediavelmente, aos caos. A própria inteligência se cria e se nutre do amor. Garcia Morente fala da vida? Pois a mesma vida é amor, que sem amor não há vida. E defino amor como o *princípio de integração na sua expressão mais excelsa*. Por isso é que Platão já dizia que o mundo está cheio de eros (amor) sendo este, como diz o mestre Esíodo, o *princípio de integração dos elementos*, seja para formar um átomo, seja para manter a sociedade topos-urania. Deste modo, o que mantém coeso em unidade o *topos uranos* é o amor, e o pouco dele que há no mundo, é parte da participação de que nos fala Platão. Mas hoje

362 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 312

não é o dia de entrarmos nestas questões.

Encerremos, portanto, nossos estudos de hoje.

Capítulo VIII

Discutindo a filosofia dos Espíritos

No outro dia, quando os estudiosos começaram a reunir-se, Árago já se achava na sala ouvindo música, reclinado em sua cadeira. Possuía ele um gravador estereofônico de alta fidelidade, e uma coleção de gravações magnéticas de músicas eruditas. Mas gostava também o mestre de ouvir, à sesta, a gravação do “Paraíso Perdido” de Milton, dizia ele que para amenizar seu estilo, e nutrir-se de altivos pensamentos. Vendo que todos quase já se achavam presentes, parou o gravador, retomando o seu lugar à mesa. Pouco mais, principiou a falar:

– Hemos visto já que a doutrina da queda das almas do *topos uranos* é universalista, jazendo explícita ou implicitamente na estrutura de todas as religiões, sem nenhuma exceção.

– Não é bem assim, exclamou Orsoni; oponho a isso a objeção de que o Espiritismo é religião, e, contudo, não partilha dessa idéia da queda das almas.

Depois de ponderar um tanto, levantou-se, Árago, foi até à estante, trazendo de lá “O Livro dos Espíritos” de Allan Kardec; traduzido do francês pelo clássico da língua Guillon Ribeiro; e, tendo-o aberto, disse:

– Quando este livro me veio às mãos, pela primeira vez, li, aqui nos “Prolegômenos”, que as mensagens doutrinárias vinham da parte de vários espíritos, dentre os quais, São João Evangelista, Santo Agostinho e Platão. Ora, eu sabia que São João Evangelista e Platão fazem par e que Santo Agostinho apresenta filosofia contrária em relação aos dois primeiros. Com esta prevenção, comecei a leitura, procurando o que era de São João e de Platão, e o que vinha do Espírito de Santo Agostinho. E logo achei isto de Platão... do Espírito de Platão, já se vê: “O mundo Espírita, que preexiste e sobrevive a tudo” (op. cit. R. 85). Então, pergunta Kardec, e isto é doutrina, e não, comentário, visto que com ela concorda o Espírito de Platão: “O mundo

corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita?” “De certo. Eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos etc.” (R. 86). Esta é a doutrina que Kardec considerou ao elaborar a “Introdução” ao “O livro dos Espíritos”, parte VI. Aqui está: “O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita” (pág.22). Portanto, no começo era o mundo espírita não só que preexiste, senão que também sobrevive a tudo, podendo o mundo corporal nunca ter existido, ou desaparecer agora, sem que isto alterasse a essência do mundo espírita. Logo, o mundo espírita é necessário, e o corporal, acessório, visto que surgiu pelo acidente da queda, não sendo obra direta de Deus. Ou, de outro modo: o mundo espírita preexiste a tudo; logo, preexiste ao mundo corporal e ao caos; ora, não pode haver mundo espírita sem espíritos; por conseguinte, esses espíritos habitantes do mundo espírita, preexistem a tudo. Se *preexistem a tudo*, são anteriores aos mundo corpóreo e ao caos, não procedendo destes por evolução. Conseqüentemente, estes espíritos perfeitos habitantes do mundo espírita – *topos uranos*, lugar celeste, preexistem ao mundo corpóreo e caos que vieram depois. Por isso que Kardec diz, entre outras coisas, que esse mundo “*espírita é eterno*” (Introdução, VI, pág. 22). Deste modo, Deus, com ser a suma perfeição, cria espíritos perfeitos; e só são submetidos à evolução, os espíritos que, posteriormente, são recriados a partir do caos da substância dos que, em caindo, ali se dissociaram. Se o mundo espírita preexiste a tudo, o caos só pode ter surgido depois, e por causa de caírem as almas desse mundo espírita que é o “*topos uranos*”. Por esta causa é que Platão afirma no “Mito da Caverna” ser sombra e ilusão a realidade deste nosso mundo, se comparado à realidade do *topos uranos*. Conseqüentemente, no começo eram os Espíritos habitantes do mundo espírita, já porque Deus é Espírito (Jo 4,24 e II Cor 3,17), já porque o Espírito que é Deus é também o Verbo que era no princípio (Jo 1, 1)...

E após uma pausa, prosseguiu Árago:

– Espírito é organização, e não, caos; é “o princípio inteligente do universo” (R. 23). E conquanto o espírito sempre esteja jungido à matéria (perispírito), que é o seu veículo de manifestação, espírito e matéria “são distintos um do outro” (R. 25). “Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o universo fora do mundo material” (R.76). E tiveram princípio (R.78); e formam um mundo à parte, que é o “das inteligências incorpóreas” (R. 84); têm forma indefinida, como a de “uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea” (R.88). De maneira, meus caros, que a filosofia de Platão da queda das almas do “*topos uranos*” em nosso mundo corpóreo de sombras e irrealidades está n’“O Livro dos Espíritos” expresso na seguinte pergunta de Kardec e resposta do Espírito: “Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal na ordem das coisas?” (P. 85). “O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo” (R. 85). Aí está, prezado Hierão! É este o mundo que Deus criou ao princípio, visto que o mesmo “Deus é espírito” (Jo 4, 24 e II Cor 3,17) havendo de criar segundo sua natureza, e não em oposição a ela. Se, pois, o mundo espírita *preexiste e sobrevive a tudo*, sendo o *PRINCIPAL* na ordem das coisas, existia antes do mundo corpóreo e do caos. O mundo espírita é, portanto, o necessário, o primitivo, o condizente com a natureza de Deus.

A estas palavras de Árago, Hierão, alarmado e contrafeito, retrucou:

– Mas eu, faz vinte anos que rodeio mesas de sessões práticas do espiritismo, e mais as de estudos, e até hoje não ouvi que isso fosse dado por doutrina. *Sempre ouvi* que “no começo era o caos”; que “os elementos estavam em confusão”; que “pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar, e apareceram os seres vivos apropriados ao estado do globo” (R. 413); que “a espécie humana encontrava-se entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre” (R.47); que “Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber” (R. 115 e 121); que “se Deus houvesse criado os Espíritos perfeitos, nenhum mérito teriam para gozar os benefícios dessa perfeição” (R. 119); que Deus cria ininterruptamente espíritos, como simples e ignorantes (R. 78 e 80); que por mais distante que se logre figurar o início da sua ação não o podemos conceber ocioso, um minuto só que seja (R. 21). Isto foi o que sempre ouvi dizer; mas agora vem o senhor, e me diz que tudo é ao contrário disto? Sempre tenho ouvido que os espíritos “todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal” (R. 133); que “Deus lhes impõe a reencarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição” (R. 132). Estou

saturado de ouvir que a salvação se faz pela caridade, donde a máxima repisadíssima de que “fora da caridade não há salvação” (Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XV, pág. 213). Esta, a doutrina que sempre ouvi repetida por todos os espíritas; como é que o senhor me vem com essa doutrina diferente, e me diz que isto é Espiritismo?

– Diga-me, Hierão: que é salvação?

– O que se entende por salvação, segundo as várias igrejas, é não ir para o inferno; no espiritismo, significa libertação das dores.

– E há pouco você não me disse que Deus cria, de contínuo, espíritos simples e ignorantes, e os submete às reencarnações tribulativas para se aperfeiçoarem ?

– Disse; e daí?

– Daí, que, como todos os espíritos são submetidos às tribulações da vida corporal, sendo a dor tanto mais atroz quanto mais embaixo eles estiverem, tiro a consequência de que no Espiritismo não há salvação. Provo: se fora da caridade não há salvação, uma de duas: ou o ser redimido sofre por solidariedade a dor dos que sofrem embaixo, ou fica indiferente. Se fica indiferente, e por isso não sofre com a dor alheia, então, necessário é concluir: dentro da salvação não há caridade. Basta, então, subir, para se ficar insensível, indiferente. Todavia se dissermos que os espíritos eleitos, sim, sofrem; que se confrangem com a dor alheia, então a dor é eterna, não só para os que se acham embaixo, subindo do caos, como para os que se encontram em cima, para os redimidos ou salvos, visto que estes sofrem por empatia ou compaixão, a dor dos de baixo. Ora, meu Hierão, se a ascensão implica no desenvolvimento do amor ou caridade, segue-se que quem ama sofre, ao ver sofrer os outros; e como a dor é eterna, porque Deus cria de contínuo Espíritos simples e ignorantes, temos de concluir, necessariamente, que a dor é eterna, porque os salvos das dores próprias continuam a sofrer com as dores alheias. O que vem então a ser a salvação no Espiritismo?

Vendo-se apertado, e sem saída, esbravejou Hierão:

–A dor é própria dos seres atrasados, que não dos evoluídos; estes sabedores do que ela é, por que ela existe, e qual é o seu termo, não passam pelos nossos transe. Se passassem, Cristo estaria sofrendo ainda com as dores nossas. É certo que os médicos têm coração tanto como nós; todavia, sabendo que o doente vai sarar, não fica sofrendo com as dores dele.

– Diga-me Hierão: quando ainda não havia anestesia, os médicos não operavam?

– Claro que operavam.

– Amputavam eles uma perna, por exemplo?

– Perfeitamente.

– E encabeçavam as veias e artérias com ferro em brasa, ou, então, cozinhavam a boca do coto em azeite fervendo?

– Era assim que se usava fazer.

– E extraíam um olho canceroso, ou trepanavam crânios com facas de cristal, para mexer no cérebro?

– Também isso se fazia.

– E o médico, em aplicando tais tratamentos, não sabia que o enfermo ia sarar?

– Sabia, pois claro!

– Então, porque o sabia, conquanto tivesse coração como nós, não se confrangia, ao ver escabujar de dor o infeliz, ao tempo em que soltava urros e berros medonhos?

– Penso que os médicos cirurgiões, comentou Bruco, de tanto tomar parte ativa em tais espetáculos dantescos, acabavam por ficar insensíveis à dor alheia. Assim como a extrema brutalidade dos campos de batalha bestializa os homens, a constante visão da dor insensibiliza os médicos cirurgiões.

Depois de o mestre ponderar, em silêncio, o argumento de Bruco, voltando-se para Hierão, concluiu:

– Logo, dos médicos não se pode afirmar que têm coração como nós. E nós temos coração? Lembra-se daquele moço que se afogou na barra do Ribeira? Seu filho integrava o grupo dos que ali mergulhavam para a caça submarina. O moço desmaiou no fundo d’água, morrendo por hidrocussão. Quando se espalhou a notícia, você perguntou sobressaltado: quem é o rapaz? Mas sua angustiosa expressão de expectativa e sofrimento, presto, cedeu lugar a um

suspiro de alívio, quando lhe disseram que seu filho estava bem... Se fôra seu filho o afogado, acaso não cresceria ao paroxismo sua dor? Contudo, porque o morto era um estranho para você, o que devia ser dor, não passou, quando muito, de pesar. E agora me vem você dizer, assim, de um modo geral. Que temos coração?

E tendo assim o mestre posto a Hierão contra a parede, prosseguiu, após ligeira pausa.

– Como vê, meu nego, a dor alheia não nos dói, como não dói a do médico, porque ambos, nós e ele não amamos. Mas quando amamos, a alheia dor nos dói. Se a dor de um não doesse em outro, que sentido teria a fala de Simeão que profetizou dizendo que um punhal se encravaría no coração da mãe de Jesus? (Lucas, 2, 35). Já leu você de Resfa, que teve num só dia seus dois filhos crucificados? Querendo o rei Davi desagrar a ofensa praticada por Saul contra os gabaonitas, perguntou-lhes o que exigiam para tornarem à amizade antiga. Os gabaonitas impuseram que sete da descendência de Saul fossem crucificados num só dia, o que se fez. Cinco filhos de Mical e dois de Resfa foram entregues aos gabaonitas para o sacrifício no primeiro dia da ceifa quando se começava a segar as cevadas. Porém, Resfa guardou seus filhos nas cruces, cuidando que as aves de rapina não os dilacerassem de dia, nem as bestas ferozes, de noite (II Sam 21, 1 a 10).

E após suspirar numa pausa, prosseguiu:

– Você sabe por que, Hierão, os médicos não praticam cirurgia grave em seus filhos e esposas?... Pois é porque eles moralmente vão para as mesas de tortura cirúrgica juntamente com seus entes queridos. E neste caso particular, se pode dizer que os médicos têm coração ... como nós; e ainda que saibam que seus amados vão sarar, sofrem, sim senhor, com as dores deles. Aquele que ama ao próximo como aos próprios filhos, médico ou não, sofre com as dores dele. Se, pois, os salvos do Céu forem insensíveis, como os médicos da Terra, às dores alheias, então, se pode, com acerto, dizer que dentro da salvação não há caridade. Todavia se a caridade é o caminho único pelo qual se sobe à condição de eleito, e nestes, ela se agudece, então, dentro da salvação também há dor, ou, simplesmente, não há salvação, como venho demonstrando.

Enraivado por esta conclusão, iniludível, vociferou Hierão:

– Mas que tem a ver a doutrina espírita com isso? Que os Espíritos sejam indiferentes à dor alheia, ou vivam penando porque ela existe, acaso a doutrina tem alguma coisa a ver com isto? Que o sofrimento existe é um fato; mas não foi a Doutrina Espírita que o inventou. E a ser verdade que os salvos, os redimidos, porque amorosos, sofrem com as dores alheias, isso também não foi o Espiritismo que inventou. Deus é o único responsável por isso tudo; havenha-se ele, logo, com essas discrepâncias, desde que ele é que teria colocado, a par, sofrimentos em uns, e sensibilidade em outros.

– De onde é, Hierão, que vem essa lógica obtusa, que afirma que na oposição entre a doutrina espírita e Deus, o errado só pode ser Deus? Ora, os atributos da divindade são a pedra de toque com que se hão de provar quaisquer doutrinas. Porém, de acordo com você, qualquer doutrina estará certa, porque, quando for discorde com os atributos de Deus, poder-se-á dizer: que tem a ver com isso a doutrina? Se ela não bate com o que sempre se pensou de Deus, pior para Deus! Sendo ele o errado, havenha-se ele com a alhada! Que se mude, então, a idéia de Deus, visto estar certa a doutrina! E por que o está? Está porque sim, ora... ora...

E depois de ponderar um pouco em silêncio, concluiu com ar faceto:

– Não sofrem os espíritas quando se fazem críticas a “O Livro dos Espíritos”? Mas muitos deles gostam de criticar a Bíblia que protestantes e católicos têm por regra de fé e de verdade. Cuidando ser granítico seu pedestal doutrinário, põem-se a fazer críticas, e não lá muitos sérias, da Bíblia, como se não houvesse coisa melhor com que se ocupar.

E encarando a Hierão, prosseguiu, o pensador:

– Como dizer que a Doutrina Espírita nada tem a ver com isso, se foi ela, justamente, que suscitou a colocação do problema? É certo, como diz, aí, o Orsoni, que o sofrimento existe, e não foi a Doutrina que o inventou; e que sofremos com a dor alheia, também isso não foi inventado pelo Espiritismo; porém, que a dor seja eterna também para os bons, também para os salvos, também para os eleitos, isso é conseqüência necessária implícita nos postulados espíritas, pois, jamais, nunca, foi isto afirmado por religião nenhuma! Terá, por conseguinte, o Espiritismo de responder por este ponto, porquanto é exclusivamente dele a doutrina de que Deus cria

ininterruptamente, Espíritos simples e ignorantes do nada, para, depois, forçá-los, pela dor, a subir a escala evolutiva; e para realizarem isto, terão os Espíritos de desenvolver a sensibilidade caridosa ou amor, com que vêm a sofrer com as dores alheias. Esta concepção de dor eterna é invenção, sim senhor, do Espiritismo, donde vem que a salvação não pode estar no amor e sim, na inteligência. Provo a conseqüência:

E dizendo isto, começou a folhar "O Livro dos Espíritos" a fim de achar o ponto.

– Como disse, aí, Hierão, no espiritismo, salvação consiste em escapar das dores. Como fazê-lo? Subindo-se pelo desenvolvimento da moral e pela inteligência. E o amor? onde ficou o amor? A moral é o código de conduta que rege as unidades humanas no todo social, sem o que não pode haver convívio. O direito é apenas um círculo menor dentro do maior da moral, ambos concêntricos. Portanto, a moral pode não ser amor. Negar isto implicaria em afirmar que todos somos imorais, pois, é certo que não amamos... ao próximo, segundo o modelo proposto por Cristo, na parábola do bom samaritano. Então, moral não é amor.

– Impugno! – exclamou Hierão. O homem ascende pelo intelecto e pela moral. Primeiro está o conhecimento, e depois, vêm as virtudes nas quais se inclui a caridade, o amor. Moral é tudo o que diz respeito ao coração. Vá o senhor a qualquer dicionário e ele lhe dirá que moral se refere a tudo o que procede da alma, estando, por isso mesmo, em oposição ao corporal, ao físico, ao material. Como vê, é imensa a extensão do termo moral que, por este motivo, inclui o amor.

– Conheço de sobra essa manha meu dicaz Hierão. Sendo imensa a amplitude do termo moral, nossa discussão se torna infinda, e por isso mesmo, sem nenhum resultado para o ponto que se quer aclarar. Não cuide, porém, que me vou deslembrar do assunto deste estudo.

– Diga-me primeiro: que é moral?

– Se disse, de começo, que moral é termo amplíssimo, como defini-lo? Moral é tudo o que se refere à alma, já o disse!

– Então, como a coragem se refere à alma, também é moral. Todavia, a coragem pode resolver-se em temeridade, por um extremo, e em covardia, por outro. E tanto a temeridade, como a coragem, como a covardia se refere à alma, donde vem que tudo é moral. Sendo moral tudo isto, é moral ser covarde? é moral ser avarento? ser egoísta? ser orgulhoso? perdulário? iracundo? invejoso? luxurioso? arrogante?

– Tudo isso, está claro, e imoral !

– Que é então imoral?

– Imoral é o vício, é tudo o que se opõe à virtude, tudo o que se opõe à moral.

– Mas, se moral é tudo o que diz respeito à alma, como estes vícios se referem à alma, fazem parte da moral, não é?

– Fazem parte, porém, como oposição, como antítese.

– Então, moral já não é tudo o que se refere à alma, assim de um modo geral, como você disse, mas, particularmente, tudo o que for bom, não é?

– Isso mesmo!

– E que posso entender por bom?

– Bom é tudo o que nos causa alegria, e mau, o que nos traz sofrimentos.

– Todavia, todo viciado sempre encontra prazer, alegria, no seu vício, e aborrecimento, na virtude que se lhe opõe. Para ele, bom é o vício, que não a virtude.

– O gosto de um dominado pelo vício não pode servir de paradigma ou padrão de valores!

– Então, qual deve ser o padrão de valores?

– O virtuoso, ora essa!

– E que é a virtude?

– É o oposto do vício, e nada mais que isto.

– Logo, se catalogarmos todos os vícios, de uma parte, as virtudes estarão da outra, em oposição; é assim?

– Perfeitamente.

– E você acha que, na parte dos vícios, podemos incluir a ignorância, e, do lado oposto, na coluna das virtudes, a sabedoria?

– Claro que podemos! A ignorância (e este é o pensar de Sócrates e Platão) não só é a

mãe, senão também a nutriz de todos os vícios; pela recíproca, a sabedoria é o princípio de todas as virtudes.

– E segundo sua doutrina espírita, Deus não criou os espíritos simples e ignorantes?

– Criou-os, e então?

– Então, tiro a imediata conseqüência de que Deus criou os espíritos viciosos!

– Quando é que o senhor vai largar mão de dar rasteiras, à moda de Sócrates? Digo, então, que a ignorância não é vício, pronto!

– Porém, concorda em que ela se refira à alma, não é?

– Concordo!... que fazer!

– E tudo o que se refere à alma ficou catalogado em duas colunas opostas: a da moral, consistindo das virtudes, e a da imoral, constituída dos vícios. E como a ignorância se refere à alma, e não ao corpo; e não podendo ser posta na coluna dos vícios (a ignorância não é vício, você o disse), terá de ir para o das virtudes. Então a ignorância é virtude?

– Arrisco-me a dizer, então, que nem a ignorância é vício, nem a sabedoria, virtude.

– Como você definiu a virtude como o oposto do vício, não sendo a ignorância vício, também sua adversativa, a sabedoria, de fato, não pode ser virtude. Todavia, tanto a sabedoria como a ignorância dizem respeito à inteligência, à razão. Portanto, por definição, deviam estar catalogados sob o título da moral. Eis, Hierão, que para dar validade ao que preceitua “O Livro dos Espíritos”, você peca contra a lógica, fazendo uma exceção que consiste em pôr fora da moral a sabedoria! Assim, a sabedoria, conquanto diga respeito à alma, não é moral! É ou não é que os espíritas, quanto ao fanatismo, podem ser postos na mesma canga com quaisquer outros religiosos?

– Chega, Árago! Estou cansado de disputar. Enfim... arrisco mais isto: a moral é o amor.

– Logo, todo o que ama é moralizado, e o que não ama é sem moral?

– É isso!

– Mas em que sentido toma você a palavra amor? em sentido sexual, comum a todos os animais? Em sentido maternal, comum a quase todas as fêmeas? Em sentido grupal, comum a todos os rebanhos, bandos, cardumes, varas, maltas, etc? Ou em sentido moral, humanitário, comum aos homens superiores?

– Todo o amor é divino, todo diz respeito à alma. Que coisa mais sublime pode haver do que o amor de mãe?

– A estas últimas palavras de Hierão, Árago foi até à estante, em silêncio, tomou dela um livro, folhou-o para diante e para trás até dar com o ponto, lendo, em seguida, em voz alta, para todos:

– “Implantando-se um ovário num galo ou um testículo numa galinha, a glândula implantada morre rapidamente. Ela é digerida ou, melhor, “expulsa”, pois a glândula sexual do animal vela ciumentamente pelo seu sexo e impede o crescimento de um órgão qualquer de outro sexo. Mas se a implantação do ovário é feita após castrar o galo, a glândula feminina cresce sem obstáculo e sob seu influxo o galo torna-se uma galinha: ele adquire plumagem de galinha, flerta com outros galos e se encontra ovos põe-se a chocá-los como se fosse mesmo uma galinha. Até o amor materno desperta nele, que cobre os pintinhos com a proteção de seu corpo. Como se pode ver no mundo animal, a maternidade é um acontecimento hormonal, que surge e desaparece segundo o ritmo das funções glandulares”³⁶³. Mais isto: “Na fig. 313 vê-se uma macaca virgem. Mas a injeção de hormônio hipofisiário provocou nela o desenvolvimento dos órgãos genitais, dos seios e do instinto maternal. E para satisfazer sua fome de uma criança e seu amor materno, ela tomou a uma cobaia um filho, que vai criar como seu pupilo. Seu amor materno era excessivo, como se vê na expressão de seu rosto na fotografia. Mas depois de castrada cessou todo o seu interesse pelo animalzinho e com indiferença ela viu outro macaco matá-lo”³⁶⁴. Neste caso, meu Hierão, que é mais sublime: o amor materno, ou o hormônio que o provoca?

– Digo, então, que o amor sublime é o moral, ou seja, aquele comum aos homens superiores. É isso. A moral se resume no amor do próximo. Quem tem desse amor é moral; quem o não tem, não é moral.

363 Fritz Kahn, O Corpo Humano, II, 509

364 Fritz Kahn, O Corpo Humano, II, 510

– E você possui desse amor humanitário, que vai na máxima: ama ao próximo, como se ele fôra seu filho?

– Digo que tenho... vá!

– Então, por que sua expressão fisionômica de angústia e aflição, se mudou, de pronto, na de tranqüilidade e alívio, quando lhe disseram que o infeliz afogado na barra do Ribeira não era o seu filho? Acaso você teve também o coração transpassado pelo ferro que dilacerou os corações daqueles pais que viram o filho morto?

– Não... não tive!

– Então você não ama ao próximo como a si mesmo, ou como a seu filho, como ordenou Jesus?

– Para ser sincero, tenho de dizer que não amo a meu próximo.

– E como você declarou que a moral consiste no amor do próximo, afirmando agora que o não ama, confessa que não é moral, que não tem moral. Ter moral é ter amor; ora, você não tem amor; logo, não tem moral!

– Oxalá tivesse eu ficado quieto no meu canto!

Vendo que Hierão dava mostra de retirar-se do assunto, prosseguiu, de livro nas mãos:

– “A moral, disse Jesus, é a bondade para com os fracos; a moral, diz Nietzsche, é o desassombro do forte; a moral, diz Platão, é a eficaz harmonia do todo”³⁶⁵. A virtude para Cristo há que ser extrema: “Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e nem és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca” (Apoc 3, 15 e 16). Já para Aristóteles a virtude consiste no áureo meio termo – “in medio virtus”. “A ética de Aristóteles é uma ramificação da sua lógica: a vida ideal assemelha-se a um perfeito silogismo. Ele dá-nos um manual das conveniências em vez de um estímulo para o aperfeiçoamento”³⁶⁶. “Hoje só subsistem três sistemas de ética, três concepções do caráter ideal e da vida moral. Uma é o de Buda e Jesus, que dá preponderância às virtudes femininas; que considera todos os homens igualmente preciosos; que resiste ao mal contrapondo-lhe o bem; que identifica a virtude com o amor e se inclina, em política, a uma ilimitada democracia. Outra é a ética de Machiavel e Nietzsche, que dá preponderância às virtudes masculinas; que aceita a desigualdade dos homens; que se deleita nos riscos do combate, da conquista e do mando; que identifica virtude com poder e exalta a aristocracia hereditária. Terceira é a de Sócrates, Platão e Aristóteles, que nega a universal aplicabilidade das virtudes masculinas ou femininas; que considera que somente os espíritos maduros e bem formados podem decidir, de acordo com as circunstâncias, quando deve imperar o amor e quando deve imperar o poder; que identifica virtude com inteligência e advoga no governo uma mistura de democracia e aristocracia”³⁶⁷.

Fechando o mestre o livro, e depondo-o sobre a mesa, dirigiu-se a Hierão perguntando:

– Ainda está animado a me mandar aos dicionários a fim de ver que o amor, com ser coisa da alma, está implícito no termo moral?

– Como espírita que sou, nada tenho com o que disseram Sócrates, Platão, Aristóteles, Machiavel e Nietzsche. A mim me basta o que disse Cristo, para o qual a virtude se confunde com o amor.

– Demos então que a moral seja o amor... e que as virtudes devam ter caráter feminino, e, neste caso, as qualidades masculinas passem a ser defeitos, como querem Cristo e Buda citados há pouco. Cristo disse: ama ao próximo como a ti mesmo, sendo isto, segundo ele, o resumo da Lei e dos Profetas. Logo, a ascensão espiritual implicaria no desenvolvimento do amor. Ora, quem ama ao próximo como a si mesmo, como a seu próprio filho, sofre ao ver sofrer os outros; e como a dor é eterna, segundo o espiritismo, porque Deus cria ininterruptamente espíritos simples e ignorantes a partir do nada, para forçá-los, pela dor, a subirem a escala evolutiva, segue-se que os salvos das dores próprias passam a sofrer com as alheias. E não me torne, Hierão, com essa objeção fragilíssima de que os salvos não sofrem com as dores alheias, por saberem que, com a evolução, as dores cessam de pungir o sofredor; é completamente chocho esse argumento, porque, sendo salvação igual a caridade, ipso facto, significa

365 Will Durant, História da Filosofia, 60

366 Will Durant, História da Filosofia, 109

367 Will Durant, História da Filosofia, 189

solidariedade na dor. “Os filósofos antigos, definindo a verdadeira amizade, qual naquele tempo era, ou devia ser, disseram: *Amicus est alter ego*: O amigo é outro eu”³⁶⁸. Se o amigo é o outro eu que se acha em mim, as dores desse outro eu são dores minhas. E quando há amor perfeito, qual o que se presume ser o dos eleitos, mais doem neles as dores do outro eu que as do próprio. Assim há de ser, porque, de um modo geral, qualquer mãe humana dar-se-ia por muito feliz, se pudesse substituir a seu filhinho tenro na dor, transferindo para si as dores dele. E mesmo na saúde as mães sofrem sempre as pensões que não as deixam em paz, porque, estando seus filhos, neste nosso mundo, sujeito a variações e mudanças constantes, tudo pode acontecer. É assim que “o amor, depois da perda, vê-se na dor, e antes dela no receio”³⁶⁹. Tal há que ser o amor dos eleitos, porque, “o amor fino é aquele que não busca causa nem fruto: ama porque ama, ama por amar”³⁷⁰. “O amor perfeito, e que só merece o nome de amor, vive imortal sobre a espera da mudança, e não chegam lá as jurisdições do tempo. Nem os anos o diminuem, nem os séculos o enfraquecem, nem as eternidades o cansam”³⁷¹. E “que mal filosofaram da dor e do amor os que lhe deram por defensivo a ausência! Quem armou o amor com arco, e não com espada, quis dizer que na distância feria mais; o amor não é união de lugares, senão de corações; a dor na presença reparte-se entre os sentidos: na ausência recebe-se só na alma, e toda é alma; a dor na presença tem o assistir, tem o servir, tem o ver, tem a mesma presença por alívio: a dor na ausência toda é dor”³⁷². Esta solidariedade, Hierão, ou existe ou não existe: se existe, não há salvação possível, porque a dor do *outro eu* é eterna; se não existe, então dentro da salvação não há caridade, porque os salvos não têm o tal *outro eu* e sim só o próprio, isto é: os salvos não têm amigos por quem se doer... são absolutamente insensíveis às dores alheias.

E após fazer uma pausa, prosseguiu o filósofo:

– Tendo Cristo falado do amor do próximo, eis que lhe perguntaram os fariseus: quem é o meu próximo? Então Cristo compôs a parábola do bom samaritano, deixando expresso que o bom homem de Samária “moveu-se de íntima compaixão” (Lucas 10, 33), pelo viajor que fôra roubado e espancado por ladrões, e deixado por morto à beira do caminho. Isto posto, pergunta Cristo: qual é o próximo do que fôra espancado? Responderam-lhe: aquele que usou de misericórdia para com ele. Esta é a causa por que os dicionários dão para compaixão o significado de “dor pelo mal alheio, comiseração, dó, pena, pesar”. O amor, logo, possui sujeito e objeto. E é impossível que o sofrimento do objeto amado (*alter ego*) não atinja também o amante – *ego*. Por isso, amante que não se dói com as dores do objeto amado não é amante. E se as dores do amado forem eternas, eternas serão, também as do amante. Sendo salvação estar livre da dor, como esta isenção é impossível, segundo o Espiritismo, segue-se que no Espiritismo não há salvação.

– Como vêem, continuou o pensador, a criação ininterrupta e eterna de espíritos simples e ignorantes e a salvação pela caridade são incompatíveis; porque, se Deus cria de contínuo, espíritos simples e ignorantes, a dor será eterna; e se para se salvarem, hão os espíritos de aguçar a sensibilidade, a salvação se torna impossível. Por conseguinte, a salvação espírita, ou não existe, ou existe, porém, não pode estar fundada no amor; se existe e está no amor, então, Deus não cria ininterruptamente, espíritos simples e ignorantes. As duas proposições são inconciliáveis entre si. Por isto, se a dor for eterna, só o não será para os que chegarem à insensibilidade duma espécie de indiferentismo, pelo qual se mergulha o eleito numa contemplação metafísica, abstrata e distante. Sem ser mau, desumano, perverso, cruel, pode-se, perfeitamente, ser neutro, omissivo, indiferente, acomodado num estado de indiferença pelo que não se deseja nem o bem nem o mal. Estando, assim, para além do bem e do mal, se é perfeitamente indiferente à dor alheia, gozando duma felicidade puramente intelectual, vivendo numa contemplação metafísica, como é a beatitude dos eleitos segundo o entender de Aristóteles, de São Tomás, de Santo Agostinho, este último, não só de quando vivo e bispo de Hipona, senão também de quando desencarnado, a julgar pelo ensinamento que deixou exarado n’“O Livro dos Espíritos”. É dele, pois, e não de

368 Vieira, Sermões, 9, 237 - Ed. das Américas

369 Vieira, Sermões, 20, 84 - Ed. das Américas

370 Vieira, Sermões, 16, 226 - Ed. das Américas

371 Vieira, Sermões, 5, 161 - Ed. das Américas

372 Vieira, Sermões, 24, 14 - Ed. das Américas

Platão, a doutrina que dá a inteligência, em vez de o amor, como atributo supremo de Deus. Aristóteles diz que Deus é a Razão pura, e estar no céu consiste em contemplar a Razão de todas as razões. Segundo Aristóteles, “Deus cria o mundo da mesma forma que um artífice faz sua obra; mas como Deus não está no tempo, cria sua obra somente pensando-a. Sua atividade é só pensar (pensar pensamentos), é esse “pensamento dos pensamentos”. Assim Deus é a essência exemplar das coisas realizadas neste mundo”³⁷³. “Portanto, a finalidade do homem no mundo é clara: é realizar sua natureza; e o que constitui sua natureza, aquilo que distingue o homem de qualquer outro ser, é o pensamento. Por conseguinte, o homem deve pensar”³⁷⁴. Por este motivo, “São Tomás, quando tenta imaginar ou ver ou intuir em que deva consistir a bem-aventurança dos santos, não encontra outra atividade senão a mesma de Aristóteles: os santos são bem-aventurados porque contemplam a verdade, porque contemplam a Deus. Como Deus é pensamento puro, contemplar o pensamento puro é viver eternamente nas zonas do puro pensar”³⁷⁵. E sendo Santo Agostinho aristotélico, também é deste pensar. Ou, como se expressa o Pe. Orlando Vilela: “a) Agostinho, embora não tenha sido propriamente um *filósofo* platônico, serviu-se, em sua teologia, da instrumentalidade conceitual platônica. b) Tomás de Aquino, cuja teologia era substancialmente a mesma de Agostinho, ao sistematizá-la cientificamente, serviu-se da instrumentalidade conceitual aristotélica”³⁷⁶. E a teologia de Santo Agostinho vivo não difere, substancialmente, da de quando desencarnado, e tanto que dá a inteligência, em vez de o amor, como sendo o atributo primacial de Deus; eis por que declara: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (O Livros dos Espíritos, R. 1).

E após uma pausa para um fôlego, prosseguiu:

– Sendo a inteligência ou a razão o atributo por excelência de Deus, por isso mesmo, é a mais excelsa virtude humana. Logo, tanto mais se estará acercado de Deus, quanto mais inteligente e racional se for, donde a implícita consequência de que *fora da inteligência não há salvação*. Desenvolver a inteligência pelo exercício constante do pensamento, é a única ascese que nos garante a posse do céu. Ai dos ignorantes, ai dos faltos de inteligência, ai dos crendeiros irracionais, ai dos “pobres de espírito” que, quanto à razão, são achados em falta, porque não poderão participar da glória de Deus!

E depois de suspirar numa pausa, concluiu o filósofo:

– Se por este caminho aristotélico-tomista-agostiniano se pode fugir à dor eterna, não será ele a única via de salvação? A dor coexiste, portanto, com a ignorância, e cessa com a sabedoria. Os carneiros e os pombos, logo, são feitos para as garras dos tigres e dos gaviões; e sobre todos os carneiros aquinhoados por Deus com todos os bens da vida, está o homem que chega a fazer a indústria do carneiro, do porco e do boi, criando-os com ciência e técnica, para depois os abater por atacado, a fim de abastecer as grandes geladeiras dos centros populosos. O homem se tornou o vencedor da vida em seu planeta, não por ser bom, mas por ser astuto e inteligente! Os que, todavia, desenvolverem a caridade, estarão para sempre infernados na dor. Ora, os que se doem pelos animais, e por isso formam sociedades de proteção deles, começam a sofrer por outrem desde já, quando ainda não se libertaram das dores próprias. Então, se para o Espiritismo a salvação consiste no eximir-se da dor, sendo a dor eterna, segundo o mesmo Espiritismo, segue-se que no Espiritismo não há salvação. Que é do norte filosófico, Hierão, que o Espiritismo prometia ao mundo?

– Nenhum espírito há, respondeu Hierão, nenhum sequer, que nos fale em dor eterna, seja a dor eterna do inferno, seja do egoísmo eterno do céu. Qualquer que seja o sofrimento do próximo, há sempre a esperança de um termo, pois o progresso para a felicidade é um fato. Esta consciência alivia os martírios próprios, e nos faz resignados quanto aos alheios. É por isso que nós, espíritas, já não choramos tanto a morte dos que nos são caros.

– Toda premissa, Hierão, implica consequências. Para dizer as consequências, basta ter dito a premissa. Todas as escolas do mundo mais não fazem do que desenvolver as premissas dos seus mestres. Os corolários nascem das premissas, como os galhos, dos troncos. Assim, nas

373 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 108

374 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 110

375 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 110

376 Pe. Orlando Vilela, Iniciação Filosófica, 55

matemáticas; assim, nas ciências; no pensamento; na filosofia. Qualquer premissa, sem exceção, é como o pé de um leque ou eixo das hastes em que se fixa o pano. As escolas, assim como os leques, são formações que se apoiam num centro que dá unidade ao sistema. Este centro é a premissa. Quem admite a premissa fica obrigado às conclusões, como quem emite a ação fica exposto à reação, como quem provoca um fenômeno está sujeito ao seu transcorrer até que seu impulso se esgote. É deste modo que toda a geometria euclidiana se apoia no postulado quinto das paralelas. Euclides não disse todas essas coisas que hoje aprendemos nas escolas; jamais sonhou ele fosse possível reduzir a geometria à álgebra, como fez Descartes, criando a geometria analítica que possibilita, pela extensão da análise algébrica, uma geometria a quatro ou cinco dimensões; nunca imaginou fosse possível, algum dia, ser criado o cálculo diferencial e integral que permite a resolução e simplificação dos processos matemáticos, tornando possível ao homem comum resolver problemas que nem gênios matemáticos do passado jamais ousaram tentar. Depois que Cuvier descobriu a lei de correlação, tornou-se possível, aos paleontologistas, reconstruir qualquer animal fóssil partindo de uns poucos restos. Por que assim? Porque a natureza é compelida a seguir a lógica! Os ilogismos, as teratologias, os absurdos em qualquer plano que seja, não conseguem sobreviver... Por isto, Hierão, estranho muito que você me diga que nenhum espírita jamais disse as conseqüências que tirei. Mostre-me a falha no raciocínio, e não venha dizer que é preciso virem os espíritos revelar e explicitar o que posso muito bem deduzir do implícito. O que eu disse, meu nego, fica assentado, e sem resposta lógica; de nada valerão os orneios dos espíritas fanáticos, como esse que você emitiu há pouco. Será que sua inteligência não alcança, nem mesmo depois de eu esmiuçar, como venho fazendo, que *a criação ininterrupta e eterna de espíritos simples e ignorantes* e a *salvação pela caridade* são coisas que se excluem? Que são duas premissas contraditórias, como tese e antítese, cada uma dando um sistema que se opõe polarmente a outro? Como é que pode haver um termo no sofrimento do próximo, se quando ele não mais sofre as dores próprias, que ora o afligem, passa a sofrer com as dores alheias, por ter desenvolvido em si a sensibilidade caridosa? Não nego que o progresso para a felicidade seja um fato: mas em que está a felicidade? na inteligência fria, inexorável, insensível, ou no amor cálido, exuberante, apaixonado pelo próximo? Estará a felicidade no orgulhoso isolamento metafísico teórico e distante, ou na prática do amor que a todos enlaça como células de um só organismo, de sorte que o sofrimento de uma única célula o é de todas? Se nisto se resumir a felicidade, a dor terá fim no universo, e Deus não cria, não senhor, espíritos simples e ignorantes sem cessar por toda eternidade, porque, enquanto houver um só que seja gemido de dor no universo, não poderá haver um só que seja espírito caridoso completamente feliz... Não há, pois, fugir, meu Hierão: se a dor for eterna, por causa da eternidade dos planos inferiores, a salvação só poderá estar na inteligência, e o céu terá de ser um estado de puro gozo intelectual, de pura contemplação metafísica que nós, filósofos, conhecemos muito bem. Porém, se a dor for um acidente da criação, que está sendo corrigido pela evolução, então ela terá fim, e a felicidade pode estar no amor, que não só na inteligência. Esta consciência, a de que a dor é uma doença, e a evolução, o remédio, esta compreensão, sim, alivia os martírios próprios e nos faz resignados quanto aos alheios.

– E os espíritas, como diz você, prosseguiu o mestre, não choram tanto a morte dos que lhes são caros. Mas os protestantes também não choram os seus defuntos, e até passam a noite do velório cantando aleluias e hinos da sua fé. Se este nosso mundo é uma masmorra de dores, e pela morte se sai da prisão a fim de ir-se à pátria verdadeira, os espíritas deveriam fazer como alguns povos orientais que choram o nascimento e festejam a morte. “Como a *Moksa* ou libertação de sua larga cadeia de reencarnações é a meta perseguida por todo hindú; para ele não há ventura maior na vida do que morrer. Quando, pois, sente que a morte se avizinha, procura transladar-se, sem perda de tempo, para a cidade santa de Benares, a fim de lavar-se dos pecados nas águas sagradas do Ganges. Isto fez Benares transformar-se numa vasta e buliçosa metrópole funerária. Anciões, enfermos e viúvas pululam por suas ruas; e no *Gohats*, escadarias da ribeira daquele rio, as piras crematórias ardem dia e noite incinerando uma procissão interminável de cadáveres. O espetáculo não podia ser mais triste para um viajante ocidental. Para o hindú, pelo contrário, que vê a Benares como o termo definitivo de uma jornada de agruras e aflições, as

mesmas cenas resultam quase festivas³⁷⁷. “Questão foi mui duvidosa (diz Vieira) entre os antigos qual dia desta vida era o mais feliz, se o primeiro, se o último; se o dia do nascimento, se o da morte. Daqui veio que, seguindo várias gentes várias opiniões, umas se alegravam, nos nascimentos, outras os celebravam com lágrimas; umas se entristeciam nas mortes, outras as solenizavam com festas. Chegou finalmente a dúvida ao tribunal de el-rei Salomão, o qual, inclinando-se à parte que parecia menos provável, resolveu que melhor é o dia da morte que o dia do nascimento: – Ecl 7, 2³⁷⁸. Se, quanto à resignação na morte, o Espiritismo já nasceu superado, como é que você me vem propor por modelo de perfeição? A mais perfeita resignação na morte é a que se transmuda em festividade! E o nascimento, como representa a entrada na masmorra do mundo, havia de ser celebrado com lamentações e lágrimas! Isto, sim, é ser lógico, e andar conforme com a doutrina!

Estas últimas palavras foram proferidas pelo mestre, enquanto ele fitava Hierão a fim de ver se ia ele contraditar. Mas vendo-o quieto, e após meditar algum tempo, retornou ao tema de que se desviara um pouco, por força das interpelações de Hierão, continuando:

– A primeira jornada filosófica, a realista, nascida da polêmica entre Parmênides e Heráclito, teve seu termo no fim da Idade Média com São Tomás de Aquino e Santo Agostinho. A segunda jornada, a idealista, encetada por Descartes, terminou com os filósofos absolutistas pós-kantianos Fichte, Schelling e Hegel, que armaram seus sistemas como leques, partindo dos Egos, Vontades e Idéias totais. Vem depois a reação positivista com Augusto Comte e Herbert Spencer, levando a filosofia ao ridículo. Ser metafísico, daí por diante, passou a ser motivo de zombaria. Mas, a que levou a filosofia evolucionista de Darwin-Spencer? Levou ao caos primeiro de onde surgiu o universo com tudo o que nele há. E as conseqüências morais de tal doutrina, que promove a seleção pela força e pela astúcia, onde o forte e o astuto sobrevivem à custa da ruína do fraco ou do bom, os corolários morais de tal doutrina só podem ser aqueles assinalados por Trasímaco, Machiavel e Nietzsche. E Hitler soube muito bem aplicar esta moral natural da força e da astúcia, não lhe ficando atrás o bolchevismo. O mundo filosófico está, assim, sem norte, sem bússola. Por isso diz José Ortega y Gasset que “o mundo está sem filosofia desde Kant”. E o Espiritismo, em vez de dar norte ao mundo, meteu-o no caos, como fizeram Darwin e Spencer, a considerar essa meia verdade que Hierão, aí, defende, como sendo tudo o que o Espiritismo ensina.

Vendo-se citado, retrucou Hierão, contrafeito:

– Como é que o senhor me vem dizer que o Espiritismo não deu norte filosófico ao mundo? Até então, tudo o que sabíamos da nossa vinda ao mundo, e por que viemos, e por que sofremos, e por que existimos, e por que morremos, tudo era puro e simples arbítrio divino, tudo para a glória de Deus. As grandes religiões da Ásia avançaram um pouco mais, apresentando a doutrina da reencarnação. Vem, agora, o Espiritismo e nos traz cabalmente a explicação da dor, do problema do conhecimento, do da evolução, do da vida além da morte, expõe sobre a vida noutras esferas, o que lá se passa, o que lá se faz, demonstrando tudo isso, como jamais se fez, e agora me vem o senhor com esse estapafúrdio, de dizer que o Espiritismo não deu norte filosófico ao mundo? Sua bússola, sim, é que não está funcionando bem, e por isso não acusa o norte!

– Para a maioria, tornou o pensador, é certo, norteando-se por pura crença, essas luzes próximas bastam, luzes que você apontou, quais sejam: a explicação da dor presente; e também lançou luzes sobre o problema do nascimento, sobre o da evolução, sobre o da vida em outros planos, explicando o que lá se passa, como nunca se fez. Para os que se acham aquém dessas luzes, elas são de fato, norte; mas os filósofos estão para além delas, e precisam saber se a dor é eterna ou não... para poderem tirar suas conclusões teleológicas primeiro, e morais e práticas, depois. Se houver dor eterna para os “salvos” no Espiritismo, prefiramos o céu católico aristotélico-tomista-agostiniano, em que a inteligência ou razão é tudo, e a caridade, nada! Pois claro: havendo inferno eterno para os católicos e protestantes, seus eleitos hão de ser insensíveis para não ter compaixão dos precitos, alguns dos quais, parentes e amigos. A ser verdade mesmo que o mundo veio do caos em primeira instância – “no começo tudo era caos” (R. 43); que Deus

377 Life em Espanhol de 28-03 1955

378 Vieira, Sermões, 21, 237 - Ed. das Américas

cria, ininterruptamente, espíritos simples e ignorantes, e, ato contínuo, submete-os à evolução; que *unicamente* pelo desenvolvimento do amor, ascendem aos planos felizes, esta consequência necessária se impõe inexoravelmente: a dor é eterna para todos; para os que sobem, por sofre-la nas próprias entranhas; para os evoluídos, por sofre-la sob a forma de compaixão pela dor alheia. E se salvar-se equívale a eximir-se da dor e como para o Espiritismo esta isenção é impossível, segue-se que para o Espiritismo a salvação é impossível. É minha bússola que não está funcionando, Hierão, ou é que no Espiritismo não há norte para os filósofos? Como vê, meu nego, não tem jeito de deixar o Espiritismo posto de uma parte, incólume, e *os problemas que ele próprio suscitou*, colocados, e sem solução, de outra.

– Pouco há, comentou Hierão, o senhor disse que o Espiritismo não deu norte filosófico ao mundo; agora, depois de argumentar, declara, de modo diferente, que o Espiritismo não deu norte para o mundo filosófico. Ora, *norte filosófico para o mundo e norte para o mundo filosófico* não são a mesma coisa; são?

– Digo que são; porque é o mundo filosófico, particularmente filosófico, que guia e governa o resto do mundo em geral. Rastreie cada instituição vigente no mundo, e verá como ela nasceu da filosofia. Ora, faltando norte para o mundo filosófico, como há ele de nortear o resto do mundo? Logo, porque faltou norte para o mundo filosófico, por isso mesmo, faltou norte filosófico para o mundo. Está satisfeito agora, Hierão?

– Estou...; mas faz tempo já que tenho engatilhado outra objeção, e só a não propus ainda, para não quebrar a unidade da cadeia das idéias que o senhor vinha desenvolvendo.

– Fale, então, agora, se quiser.

– O senhor disse que, pela doutrina agostiniana, insere n“O Livro dos Espíritos”, o homem veio do nada. Não vejo por que infira que veio do nada, quando é doutrina expressa que o homem se achava em estado de fluido, no espaço, no meio dos espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra para começar existência nova... Portanto, é este o ensino: “achava-se no espaço, em estado de fluido” .

– A doutrina de Santo Agostinho, enquanto homem e bispo de Hipona, é a de que Deus criou o mundo do nada. Mas que nada? nada substancial? nada essencial? O caos é um nada essencial, porque ali nada é. Essência é aquilo que a coisa é. Não havendo coisa nenhuma formada, tudo é pura potencialidade e nada ato. Todavia, o caos não é um nada substancial, porque ele consiste em algo. O caos não é, mas consiste. Porém, o nada de Santo Agostinho é nada como substância e como essência. Então, ele coloca Deus de uma parte como transcendência, e o nada como absoluta vacuidade da outra. Deus é o Tudo; e oposto do Tudo é o nada. E é desse nada inconsistente e inessencial que Deus criou todas as coisas, segundo ele. Por isso elas são apartadas de Deus, não partícipes da sua Substância. Eis aí o que se chama dualismo agostiniano. Ora, n“O Livro dos Espíritos” está escrito que o homem não é participante da Substância divina, por isso que, “não podendo fazer-se Deus, o homem quer ao menos ser uma parte de Deus” (R.15). Por este motivo os espíritos são distintos da divindade, “são obras de Deus, exatamente como uma máquina o é do homem que a fabrica” (R.77). Estas são, também, as palavras de Aristóteles para este caso. Então, se os espíritos não participam da Substância divina, só podem ter provindo do nada absoluto, visto que coisa alguma pode existir além de Deus; e se alguma coisa existisse além e fora de Deus, quem a criou? de que a criou? do nada outra vez, que, do contrário, essa coisa seria partícipe da Substância de Deus. Se fizermos o homem participante da Substância divina, como ele veio do caos, segue-se que o caos também será partícipe da Substância divina; neste caso a substância de tudo quanto possa constituir o caos, é de origem divina. Porém, negado isto, como o homem veio do caos, e não sendo este partícipe da Substância divina, o homem também o não é. Logo, a substância do homem é o nada. Mais isto: Se alguma coisa existisse além e fora de Deus, teríamos de admitir que Deus possui além e fora. E como pode Deus, que é infinito, possuir limite, de modo a que se pudesse falar em fora e além?

– O caos, diz aí, Hierão, continuou o mestre, é algo e não o nada. Diz que o caos é a confusão dos elementos, a desordem, a mistura. Mas, estes elementos que se acham em confusão no caos, foram criados por Deus; isto é pacífico, pois não podiam ter-se criado a si mesmos. Agora: foram criados da Substância divina, ou do nada? Se os elementos foram criados da

Substância divina, ipso facto, tudo o que proveio dele também é partícipe de Deus. Porém, para Santo Agostinho Espírito não há esta participação, pelo que o homem quer ser parte de Deus, mas não o é (R. 15). O homem não é parte de Deus; os elementos que o formam, também o não são. Não sendo co-participantes da Substância divina, são nada, a menos que se diga que há alguma coisa além de Deus, estranho a ele. Não procedente dele (!), o que é absurdo. Ou os espíritos vieram do nada, conforme Santo Agostinho, ou de Deus. E dizer, meu caro Hierão, que vieram dos fluidos, não é responder, visto como a questão, conquanto se recue, se mantém; os fluidos, ou vieram do nada, ou vieram de Deus. Santo Agostinho Espírito diz que do nada, e por isso que não há participação da Substância; Platão Espírito diz que de Deus, e por isso a participação existe. Que me diz a isto, Hierão?

– Digo-lhe que n“ O Livro dos Espíritos” está escrito: “Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe” (R. 23). E mais isto: “Não, não há o vácuo. O que te parece vazio está ocupado por uma matéria que te escapa aos sentidos e aos instrumentos” (R. 36).

– Aí está, de novo, n“O Livro dos Espíritos”, a idéia da matéria incriada de Aristóteles. Se coisa nenhuma é o nada, e o vácuo não existe, então o que existe é **algo** enchendo todo o espaço. E como o espaço é infinito (R. 35), esse **algo** ou fluido é infinito. Esse fluido infinito é a Substância de Deus, conforme o entendem as grandes religiões, mas não o é, segundo o pensar de Santo Agostinho que tem a Deus como um Ser distinto da criação, uma vez que, segundo ele, “se fosse assim, Deus não existiria, porquanto seria efeito e não causa. Ele não pode ser ao mesmo tempo uma e outra coisa” (R. 14). Então, temos isto: Deus é infinito (R.3), e o fluido universal que enche o espaço infinito, também o é. Porém esse fluido não é substancialmente Deus; ambos coexistem no mesmo lugar, no seio do infinito, mas são distintos um do outro, como causa e efeito, no dizer dele. Deus infinito é a causa, e o fluido infinito, o efeito. E como, segundo Santo Agostinho, Deus “não pode ser ao mesmo tempo um e outra coisa” (R.14), segue-se que são independentes entre si. A questão se impõe de novo: a substância desse fluido ou **algo** é a mesma da de Deus ou não é. Se é, Deus está no **algo**; se não é, Deus não está no **algo**. Se Deus não está no **algo**, este **algo** é puro nada. E se apesar de o **algo** ser nada, ele existe, então tudo não passa de pura ilusão fósmea, possuindo realidade aparente, como a que nos dá o cinematógrafo, e não realidade substancial. O universo, então, é uma tela infinita sobre a qual Deus projeta as figuras da poderosa lanterna mágica da sua mente. Ou melhor: Deus fez surgir o universo do mesmo modo como o mágico tira um coelho da cartola, com a diferença que, na verdadeira mágica de Deus, o universo é falso ou pura ilusão fósmea vinda do nada, no passo que na falsa mágica do prestidigitador, o coelho é real, pois existia antes. É assim: para Santo Agostinho o universo é pura ilusão fósmea, pura alucinação, pura insubstancialidade, visto que tem o nada por fundamento, que não a Substância de Deus.

E após descansar numa pausa, prosseguiu o pensador:

– E você me disse também, de acordo com sua doutrina espírita, que o homem “se achava em estado de fluido, no espaço, no meio dos espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra para começar existência nova em novo globo”. E estes espíritos, meu Hierão, em cujo meio estava o fluido pré-humano, donde vieram?

– Estes espíritos, segundo penso, resultaram da evolução de outra humanidade que estivera também, por sua vez, sob a forma fluídica, no meio de outros espíritos mais antigos ainda, desde que se faça isto se relacionar à “criação ininterrupta dos Espíritos simples e ignorantes”.

– E esses outros mais antigos?... Considerando que a criação teve começo (R. 37), houve um tempo em que o homem era só fluido enchendo o espaço sem Espírito algum. “Portanto, é este o ensino”, como você o declarou: “achava-se no espaço, em estado de fluido”. Então concluo: este fluido espacial era já o caos ou não-ser; era a pura Substância informada, pura potência ainda, em nada ato; não era ainda nem a confusão dos elementos, visto que estes são já um modo de ser, porém, a substância dos elementos, antes ainda de estes elementos se formarem. Ter-se-á, então, de admitir uma fase pré-caótica ou fluídica, existente antes do caos do “começo” (!). E tudo isto se resume da frase de Santo Agostinho que declara: “No começo tudo era caos” (R. 43). Neste “**tudo**” está também o pré-caos. A exegese do texto se faz assim: “No começo tudo era Caos”; depois, formaram-se os “elementos” que, entre si, “estavam em confusão”. É

assim, porque houve e há muitos caos. Há tantos caos, quantas são as fases ou etapas da escala evolutiva. Os elementos são já organização ou essências, porém, entre eles, rodeando-os, ainda reina o caos. Os elementos, depois, arranjam-se em formações atômicas, contudo, os átomos continuam, entre si, em caos. Passados mais alguns bilhões de anos, os átomos combinam-se em moléculas ou compostos. Entretanto, as moléculas, entre si, continuam em caos, isto é, rodeadas pelo caos. Arranjam-se as moléculas em combinações mais altas, quando já foi possível a presença da água. Todavia, os compostos complexos resultantes, ainda permanecem, entre si, em estado de caos. Surge a micela, as moléculas gigantes, o vírus, os protozoários e fitozoários, as colônias celulares, os metazoários, etc. como organizações insuladas no meio do seu caos. Cada unidade, do mais baixo até o mais alto nível, é uma organização em si, uma ordem e harmonia em si; no entanto, como ainda não se associou à sua contrária, entre elas continua reinando o caos. Em nosso nível humano, como indivíduos isolados, representamos ordem, cosmo orgânico, universo biológico; não obstante, entre os homens reina ainda o caos social, visto como os organismos sociais estáveis ainda não se formaram, por faltar o elemento de integração – o amor. Enquanto vigorarem o egoísmo e a força, ninguém estará seguro, e as guerras, de quando em quando, assolarão nosso planeta. Por conseguinte, o caos sempre existe na escala evolutiva, donde se pode definir evolução como sendo: **anulação progressiva do caos, pela integração**. Disto, decorre, imediatamente, esta conseqüência: a evolução é finita: porque, se a fizermos infinita, teremos de admitir a presença eterna do caos que sempre coexiste com ela.

E prosseguiu o pensador, após uma pausa:

– Por tudo quanto hei dito, “no começo tudo era caos”; esta é, digamos, a primeira fase. Depois, “os elementos (já formados) estavam em confusão”; esta, a segunda fase. “Pouco a pouco cada coisa foi tomando o seu lugar”; eis a terceira fase. “E apareceram os seres vivos, apropriados ao estado do globo”; esta é a quarta fase. Os seres vivos evoluíram até o homem simples e ignorante, que, suponhamos, é a quinta fase. Os homens primitivos organizaram-se em tribos e estas, em cidades independentes, as quais, por isto, se guerreavam mutuamente, até que uma casa venceu sobre as demais, unificando-as, pela força. E foi assim que surgiram as nações as quais, ainda, se manterão em guerra, isto é, em caos, até que o mundo todo seja unificado sob uma só bandeira. As nações vivem sob a constante ameaça de guerras, ou seja, vivem sempre sob o signo do caos.

– E após descansar um pouco, numa pausa, continuou:

– É assim que Deus criou o homem simples e ignorante, partindo do caos mais inteiro, que é o estado fluídico, conforme a fala de Santo Agostinho Espírito. Para este Santo Agostinho, tudo começou pelo caos extremo, primeiro na ordem das coisas, no passo que, para Platão Espírito, é o contrário disto, ou seja, no começo era o **mundo espírita**, e tanto que este **preexiste a tudo**, quer dizer: existe antes de tudo, até mesmo do caos primeiro. E mais: este **mundo espírita**, primordial por excelência, visto que não podia existir sem Espíritos, **estava povoado por Espíritos** que não podiam ter procedido do caos, por uma razão muito simples: **porque o caos surgiu depois**. Diz ainda que este mundo espírita, além de **preexistir, sobrevive a tudo**, portanto, também, ao caos. Se o mundo espírita sobrevive ao caos, este terá fim, e com ele, a evolução, visto que esta coexiste sempre, sem exceção, com o caos. Somente o mundo espírita não terá fim, com representar o início e o fim do caos. Conseqüentemente, o mundo espírita é o necessário, no passo que o mundo corpóreo e o caos são acessórios, acidentais, podendo nunca terem existido, como, de fato, não existiram antes, como podem deixar de existir, sem que isto afete a essência do mundo espírita. Que mais quer você, Hierão? Pode haver clareza e concatenação mais perfeitas do que estas, que faço? Pode haver repisamento maior, para evitar laconismos e confusões?

– Não... não pode haver, concordou Hierão.

E suspirando fundo, continuou o pensador:

– De maneira, meus caros, que as doutrinas destes dois Espíritos são antitéticas uma em relação à outra; são tese e antítese. Santo Agostinho diz que no começo era o caos dos elementos, ou pré-caos fluídico, em **nada espiritual**, visto que espírito é sinônimo de organização, de ordem, de inteligência. Vem Platão, e afirma que o mundo espírita, isto é, o dos Espíritos, ou ainda, o das inteligências incorpóreas, é o que **preexiste e sobrevive a tudo**, portanto, também, ao

caos. No começo eram os espíritos habitantes do mundo espírita, já porque Deus é espírito (Jo 4, 24 e II Cor. 3, 17), já porque o espírito é o Verbo que era no princípio (Jo 1, 1) ... Então o espírito é organização e não caos; é o “princípio inteligente do Universo” (R. 23). E é absurdo dizer *caos espiritual*, pela mesma razão que o seria se disséssemos estupidez inteligente, ou inteligência estúpida! E conquanto o espírito sempre esteja jungido à matéria, ao perispírito, que é o seu veículo primeiro de manifestação, antes do corpo físico, espírito e matéria “são distintos um do outro” (R. 25). “Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da Criação. Povoam o Universo fora do mundo material” (R.76). E tiveram princípio (R.78); e formam um mundo à parte, que é o “das inteligências incorpóreas” (R. 85); e têm forma indefinida, como a de “uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea” (R. 88). E agora, Hierão, vem o xeque-mate dado pela pergunta de Kardec e pela resposta do Espírito de Platão: “P. 85 – Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal na ordem das coisas? – Resposta: O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo”. Que mais? Este é o mundo que Deus criou ao princípio, visto como o mesmo “Deus é espírito” (Jo 4, 24 e II Cor. 3, 17), havendo de criar segundo a sua natureza, e não, em oposição a ela. Se, pois, o *mundo espírita preexiste e sobrevive a tudo*, sendo *principal* na ordem das coisas, existia antes do mundo corpóreo e do caos. Disto vem a conseqüência necessária de que “o mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita” (P.86). O mundo espírita é, por conseguinte, o necessário, o primitivo, o condizente com a natureza de Deus, como já o disse outro dia. O caos é acidental, secundário, acessório, contrário à natureza de Deus. Como iludir a esta conclusão?

E após o descanso numa pausa, continuou:

– Se o caos é acidental, desnecessário, a dor não é eterna. Vale, então, desenvolver a caridade, o amor; vale preocupar-se a gente com a dor alheia, lutando por achar-lhe o lenitivo; vale preocupar-se com a humanidade, com o Estado, com o mundo, como fez Platão, como fez Jesus, em vez de isolar-se na torre-de-cristal do indiferentismo metafísico, num abandono intelectual que busca conhecer o mecanismo das leis só para escapar-lhes às reações, evitando, assim, as dores próprias, só as próprias, visto que as alheias doem só nos outros. Preocupando-se Platão com o problema político, não lhe achou outra solução que não a de os filósofos se tornarem reis, ou o reis, filósofos. A isto comenta Arnold J. Toynbee: “Platão apresentou a sua proposta como um paradoxo propício a provocar a ironia das mentalidades não-filosóficas. Não obstante, se a prescrição de Platão constitui uma afirmação violenta para os leigos – quer se tratasse de reis, quer se tratasse de plebeus – foi uma afirmação mais dura ainda para os filósofos. Não é no desprendimento da vida que consiste o verdadeiro alvo da filosofia? E não são os esforços em prol do desprendimento individual e a salvação social reciprocamente incompatíveis, ao ponto de se excluírem mutuamente? Como pode alguém propor-se a salvar a Cidade da Destruição, quando está justamente lutando por ser livre? Sob o ponto de vista do filósofo, a encarnação do auto-sacrifício – o Cristo Crucificado – é uma personificação da Loucura. Apesar disso, poucos filósofos tiveram a coragem de confessar esta convicção e menos ainda de agir baseados nela”³⁷⁹. Pois Platão não só expressou esta convicção, como ainda agiu baseado nela, e por isso propôs que o filósofo fosse político e se pusesse na luta em prol da coletividade, em vez de isolar-se do todo, pela renúncia do mundo. Tentou, então, converter o siciliano Dionísio às suas teorias políticas, de modo a que este rei se tornasse, também, filósofo. Mas esta besta de Dionísio, em vez de fazer de Platão um valido da sua corte, escravizou-o, até que os próprios discípulos de Platão o resgassem. Eis, pois, que Platão é o filósofo do amor, que não só da razão; e agia assim, por acreditar na vitória final do Bem, na extinção total da dor, pela volta das almas ao *topos uranos*, de onde se despenharam um dia. Bastava cresse ele numa dor eterna, irremediável, fosse como a que deixa entrever o Espiritismo, pela fala de Santo Agostinho, fosse como a do inferno protestante e católico, e jamais, nunca, proporia que se devesse o filósofo preocupar com o Estado, com o mundo, tornando-se politicamente rei. Se, pois, para a maioria dos filósofos, Platão e Cristo são loucos, em contrapartida, no conceito de Platão e no de Cristo, loucos hão de ser todos esses filósofos do egoísmo que somente visam o bem próprio, no desprendimento da vida, deixando que se dane o mundo. Esta sabedoria, a dos

379 Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, IV, 1002)

filósofos do desprendimento, deve ser considerada, e com razão, estultícia diante de Deus (I Cor 3, 19). Aí está por que Platão, conquanto filósofo, e não místico, se emparelha com Cristo que é místico, e não, filósofo, na nobre missão de guiar o mundo. Esta é, meus caros, a causa por que devemos estar com Platão, para quem o mundo espírita, que é o seu *topos uranos*, preexiste e sobrevive a tudo; que este é o mundo normal e primitivo, principal na ordem das coisas, existente no princípio, antes do caos, e que sobreviverá no fim, depois da evolução; que o mundo corporal podia nunca ter existido ou deixar de existir, sem que isso afetasse a essência desse mundo espírita; que, finalmente, o *topos uranos* é o lugar celeste em que as perfeições se fixam na imutabilidade, sendo esse o mundo necessário, no passo que nosso mundo corpóreo é secundário, derivado, povoado de aparências, de ilusão, de maldade. Este é o “Credo” de Platão, implícito não só na sua obra de encarnado, senão também na do de Espírito, quando dita a Kardec parte da doutrina inserta n’O Livro dos Espíritos”.

E após um fôlego, rematou o mestre:

– Como vêem, desloco o pensamento ao longo do eixo agostiniano-platônico d’O Livro dos Espíritos”, de Santo Agostinho para Platão. Com isto fica aberto um ciclo novo para o pensamento espírita, pois, não vejo por que a autoridade de Santo Agostinho deva ser maior, de mais valia do que a de Platão.

E enquanto esperava por outra objeção, recostou-se no espaldar da cadeira, estirando as pernas para se desentorpecerem. De novo se fez ouvir então a voz de Orsoni, tentando ainda salvar sua doutrina espírita, do modo como foi ela até aqui entendida e ensinada:

– O senhor pretende que há duas bases espíritas antitéticas uma em relação à outra, e que, enquanto não se fizer a síntese delas, ambas se excluem. A primeira, platônico-cristã diz que “fora da caridade não há salvação”; a segunda, tomista-agostiniana, afirma que “fora da inteligência não há salvação”. Mas, o que só sei, prezado Árago, é que “os Espíritos são individualização do princípio inteligente, como os corpos são individualização do princípio material” (Livro dos Espíritos, R. 79); que os espíritos todos, sem exceção alguma, “são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal” (R. 115 e 133); que, “o livre arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo” (R. 122).

Árago, recostado ainda no espaldar da cadeira, e tendo as mãos apoiadas nos braços dela, acompanhou todo o arrazoado de Hierão, depois do que falou:

– Diga-me Hierão: os espíritos são individuações do princípio inteligente?

– Exato!

– E ao mesmo tempo são, na sua origem, simples e ignorantes?

– Perfeitamente.

– Quer dizer: são individuações do princípio inteligente, mas, ignorantes e simples; são inteligências que nada absolutamente sabem. Ora, a palavra *inteligência* vem de *inter* = entre, e *legere* = ler; ler entre, ou seja, descobrir o nexos que liga as coisas e as faz compreensíveis. Se os Espíritos, na sua origem, são inteligências que nada sabem, equivale a dizer que são inteligências que não são inteligências. Está certo?

– Como certo! Os Espíritos, ao serem criados, são inteligências potenciais. O princípio inteligente que eles individuem, então, ainda não se acha manifesto.

– Você quer dizer, meu Hierão, que os Espíritos são individuações do princípio inteligente, mas princípio ainda não manifesto. O princípio inteligente se acha individuado, porém, não manifestado. Então, que vem a ser aquela individuação do princípio inteligente que ainda não é inteligente? Você me disse que o princípio material se individua nos corpos, assim como o princípio inteligente se individua nos Espíritos; mas, se princípio material não se achar manifestado, não há corpos; pela mesma razão, se o princípio inteligente não estiver manifesto, não há Espírito!... Como é, então, esse tal de Espírito (princípio inteligente) simples e ignorante, isto é, sem inteligência?

– Não esquecer que tudo começa num germe, prezado Árago! que entre o dia e a noite, ou entre a noite e o dia, há o crepúsculo da luz, que nem é dia, nem é noite. Assim, com o princípio inteligente em via de individualizar-se. Assim, quando o Espírito se acha na fase de simplicidade e ignorância, está vivendo o crepúsculo da inteligência. Tudo é gradativo, pois “*natura non facit*

saltus”!

– O Espiritismo, como você sabe, tem de pautar-se pela ciência, não é?

– Perfeitamente.

– E a ciência paleontológica descobriu séries inteiras do elo que faltava, ligador do homem aos animais, em vários lugares da terra, sobretudo na região do Quênia, no sul da África. Isto posto, pergunto: o tal Espírito simples e ignorante seria a série de hominídeos?, seria os antropóides de que saíram os hominídeos?, seria o tarsus, de onde proveio o macaco antigo?, seria o lêmur, de que saiu o tarsus? Se as formas mais altas da vida saem das mais baixas, podemos rastrear a evolução indo até as origens, abaixo mesmo do ponto de passagem entre a matéria bruta e a matéria viva. E descendo a escala da matéria bruta, chegaremos à pré-matéria que se movia no caos do princípio. Quando, então, e onde, o tal princípio inteligente começou a manifestar-se nas individualizações chamadas Espíritos?

– Entendo que a escala da vida é escala do Espírito, e que não só todos os animais possuem espírito, senão que a mesma vida se mostra inteligente. A escala da vida, pode dizer-se, é a escala da inteligência. Logo, o princípio inteligente manifesta-se e se explicita em toda a escala da vida, sendo ínfimo nos seres rudimentares, e pleno no gênio; eis aí a meia noite e o meio dia da inteligência!

– E Deus, Hierão, deu livre-arbítrio a todas essas inteligências, visto como elas constituem aquilo que, mais tarde, e no alto, irá chamar-se homem; está certo?

– Isso mesmo. É por isso que está escrito: “O livre arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo” (R. 122). Esta tomada de consciência é gradativa progressiva, avançando sempre pela escala da vida acima, como a noite que caminha para o dia.

– E para tomar consciência de si, é preciso sobreviver, não é?

– Sim, pois claro!

– E sobreviver significa viver sobre, ou seja, vencer na luta contra o adversário que, derrotado, se torna pasto do vencedor, não é assim?

– Evidentemente.

– E o que dá vitória e faz sobreviver, ou é a força, ou é a astúcia. Então, o Espírito que vem sendo criado através da vida, que vem subindo a escala zoológica, usa o livre-arbítrio nascente e crescente procurando desenvolver a agilidade, a astúcia e a força pelas quais sobrevive, chegando, deste modo, até o plano do homem, não é certo?

– Isso mesmo.

– Então, quando chega ao nível do homem, está condicionado a usar o livre-arbítrio como sempre o empregou; por isso o homem que crê na força e na astúcia, vence sobre os demais... neste mundo. Não é assim?

– Evidentemente é.

– Ora, se o livre-arbítrio está condicionado, através de um tempo imemorável, a eleger a força e a astúcia, visto que estas sempre deram vitória ao animal e ao homem, segue-se que a força e a astúcia são bem, e a bondade e a mansuetude, mal. Então, o passado condiciona o presente, e o agir certo no passado determina o agir correto no presente. No passado, a força e a astúcia eram bem, pois garantiram a sobrevivência, condição “sine qua non” para o desenvolvimento da inteligência. Por conseguinte, como fica demonstrado, por correto raciocínio, que o livre-arbítrio é condicionado, segue-se que o arbítrio não é livre. O ser escolhe, então, “livremente”, de acordo com suas experiências passadas; as experiências passadas condicionam a “livre” escolha presente. Sabendo-se como foi um Espírito no pretérito, poder-se-á prever qual será sua “livre” escolha no futuro. Está certo isto?

– Está.

– Então, o Espírito simples e ignorante possui um passado; e usando do seu “livre arbítrio”, estará condicionado a fazer o que sempre fez, que é matar e devorar o seu semelhante..., exatamente como o comprovam as descobertas antropológicas. “Enquanto os antropologistas ainda não se tinham decidido sobre se os sul-africanos deviam ser considerados macacos ou homem, Weinert escrevia esta frase que tem sido freqüentemente citada: **Nenhum macaco mata, assa e devora os membros da própria espécie; isso é humano.** E acrescentou: **Era bonito considerar o ato de Prometeu como o primeiro da humanidade nascente; mas nós não**

podemos deixar de antepor-lhe o ato de Caim”³⁸⁰. Por esta razão, *“um cérebro de novecentos gramas, declarou o pessimista Hooton, é suficiente para um comportamento humano ótimo. O que passa disso é empregado em maldades”*³⁸¹.

E depondo sobre a mesa o livro de que fizera a citação prosseguiu:

– O comportamento antropofágico serviu assim de base, para classificar os sul-africanos como homens e não, como macacos. Este sinal serviu depois, e serve ainda, para a classificação do pré-homem em todas as demais descobertas antropológicas espalhadas pela Terra inteira. Concorda você, Hierão, em que seja este sub-homem o “Espírito simples e ignorante” de que nos fala “O Livro dos Espíritos”?

– Sem dúvida!

– E a antropofagia, vigente ainda, agora, na Nova Guiné, é um bem, ou um mal?

– É um mal, pois claro!

– Então, como é que afirma Santo Agostinho a Kardec que Deus não criou os Espíritos maus, e sim, somente, “simples e ignorantes, isto é, tendo tanto aptidão para o bem quanto para o mal”? (R. 121). Acha que estando os sul-africanos condicionados por um passado que é o de toda a história da vida, a empregar a astúcia, a força e a crueldade, tinham alguma aptidão para o bem, em vez de toda esta para o mal? Acha que tantos milhões de anos gastos em formar e reforçar o condicionamento, deixou ainda livre o arbítrio para decidir e escolher o caminho do bem? Que será o bem, no conceito de um “caçador de cabeças” da Nova Guiné que gosta de carne de “porco comprido”, que é como chama a presa humana?

– Agora empaco! disse Hierão.

– Que sentido pode ter, tocou por diante o mestre, esta pergunta de Kardec: “Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal”? (P. 121). E quando Kardec interroga: “Todos os Espíritos passam pela fieira do mal para chegar ao bem?” (P. 120). Resposta: “Pela fieira do mal não; pela da ignorância”. Não é sem sentido a primeira pergunta de Kardec e esta última resposta do Espírito? Se, de acordo com o mesmo Espiritismo, no saber está o bem, ipso facto, na ignorância estará o mal; fazer, pois, Deus, o filho ignorante, acaso não é criá-lo mau e para a dor? Que me diz a isto, Hierão?

– Não digo nada. Fico quieto.

– Conquanto não possa você dizer nada, eu posso apertar mais: Leio aqui n’O Livro dos Espíritos” que as influências exercidas sobre o espírito simples e ignorante vem de fora, que não dele próprio. Ora, que ele se acha condicionado pelas experiências pregressas sem conta, ocorridas durante o transcurso de milhões de anos, já o demonstrei. Agora vem Santo Agostinho e nos diz que ele sofre a pressão dos espíritos perversos: Eis o texto: “Donde vêm as influências que sobre ele se exercem?” “Dos Espíritos imperfeitos que procuram apoderar-se dele, dominá-lo e que rejubilam com faze-lo sucumbir. Foi isto que se intentou simbolizar na figura de Satanás” (R.122). Condicionado por dentro pelo passado atávico, que lhe ensinou, através de infinitas experiências dolorosas, que “se a vida é luta na qual os mais aptos sobrevivem, então a força é a virtude suprema e a fraqueza o defeito básico. **Bom** é o que sobrevive, o que vence; **mau**, o que falha”³⁸². Com esta consciência profundamente enraizada em sua vida, e pressionado de fora, pela inspiração de Espíritos satânicos, que também só acreditam na força e na astúcia, como dizer que o arbítrio é livre? Como escolher outro caminho que não seja este assinalado pela experiência própria sem conta, e reforçada ainda pelas inspirações dos Espíritos ainda piores, porque perversos, que o cercam? Como falar, como o fez Kardec, de Espíritos que seguiram, desde o começo, só a senda do bem? (R. 124 e 126). Como pode saber o que venha a ser o bem um pré-homem sul-africano, se isto é ainda um problema não solucionado para os filósofos? Porque se Machiavel e Nietzsche tiverem razão, o bem reside na força e na astúcia; se tiverem razão Platão e Sócrates, o bem reside na sabedoria; se tiver razão Cristo, o bem reside no amor que se opõe ao egoísmo. Santo Agostinho esclarece que o espírito simples e ignorante tem tanto aptidão para o bem quanto para o mal. Esta declaração deixa entrever que, para Santo Agostinho, o espírito simples e ignorante é uma tábua rasa de valores, uma como cera virgem,

380 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 388

381 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 388

382 Will Durant, História da Filosofia, 384

passiva, sobre que iriam incidir as primeiras impressões. Hoje sabemos, pela ciência inexorável, que o chamado “espírito simples e ignorante”, nem é simples, nem é ignorante; possui o aprendizado que lhe conferiu a vida através de milhões de anos de provas aspérrimas, e é tão complexo como a mesma vida. Agora, se é bom ou mau o pré-homem das cavernas, isso depende de se saber, primeiro, o que venha a ser o bem e o mal!...

A estas últimas palavras de Árago, um tumulto se levantou na pequena assembléia. Também neste ponto entrou na sala, Anidra, com a bandeja de xícaras e a garrafa térmica de café. Ao tempo em que saboreavam o café, iam, todos, emitindo suas opiniões, alguns meio escandalizados por causa de o mestre manifestar dúvida sobre o que fosse o bem e o mal; ao que parece, todos se davam conta de saber muito bem o que eles fossem. Serenado o tumulto, Benedito Bruco se resolveu a interrogar:

– Porque as almas caíram do mundo celeste?

– Caíram por deixar de amar!... respondeu Árago.

E após breve meditação, prosseguiu:

– Caíram por deixar de amar, e o deixaram, porque eram livres, e o eram porque não pode haver amor forçado! Põe Milton, na boca de Deus, este verso que sei de cor, a respeito dos Espíritos celestes:

“Se a vontade e a razão, que têm na escolha
 Dos atributos seus o mais sublime,
 Fossem privados de tão nobre prenda,
 Ambas sem liberdade, ambas passivas,
 Sendo a necessidade que as movesse
 E não o livre amor que me votassem,
 Que prazer neste caso eu tiraria
 De obediência tão cega e tão forçada?
 Logo, segundo as leis da sã justiça,
 Livres foram por Deus assim criados,
 Tendo em si perfeição a mais excelsa,
 A mais que em criaturas é possível.
 Nem seus desastres imputar-me podem,
 Nem sua construção, nem seu destino;
 Mesmo eles, e não eu, determinaram
 Todo o furor da rebeldia sua.”

(Paraíso Perdido, Canto III)

– Tais palavras, continuou o pensador, que Milton põe na boca de Deus, expressam a substância do fenômeno. Cessando de amar ao próximo, à Totalidade, a Deus, passaram as almas ao natural amor de si mesmas, pretendendo transformar a ordem teocêntrica na ordem egocêntrica primeiro, e egoísta, depois.

– Poder-nos-ia o senhor explicar a diferença que vai entre egocentrismo e egoísmo? – solicitou Romão Sileno.

– Egocentrismo significa que o centro é o eu; mas este eu, como ocorre com um pai de família, opera em favor do sistema do qual apenas é o centro. Com o egoísmo não é assim, pois, ele é o *ismo* do *ego*, isto é, o sistema do eu, ou ainda, todo o sistema é o próprio eu, e por isso tudo é feito em favor exclusivo deste eu. O eu, aqui, não se sente o centro do sistema, apenas; ele é todo o sistema. Um pai que cria, educa e ajuda os filhos por todos os modos é egocêntrico; aquele que sacrifica a família em seu único proveito é egoísta. Entendeu, Romão?

– Entendido!

– Foi por isso que eu disse que a ordem primeira caiu do teocentrismo para o egocentrismo, e, finalmente, para o egoísmo. Primeiro tudo girava em torno de Deus; depois, em torno de algumas almas chefes que Cristo chama “o diabo e os seus anjos”. Finalmente, estes “diabos” ficaram sem corte, visto ser impossível união e colaboração entre egoístas. Todas as

almas desta corte se fizeram a si mesmas outros tantos centros. O general foi repudiado pelo exército, a ordem dele se desfez na anarquia geral, e cada soldado foi em busca de seus próprios interesses. Foi assim que se deu a desintegração da Ordem moral, pelo que cada alma se viu sozinha com seu egoísmo individual. Porém, como cada alma também é um coletivo, como a lei que se impôs era a do egoísmo, o processo desintegrativo entranhou-se nela, alma, fazendo-a, por fim, desintegrar-se nas partes que a compõem, e estas partes se dissociaram nos seus elementos, e estes, na substância última que os constituem. Eis aí está, como a Ordem Moral caiu no caos mais extremo de que surgiu o Universo evolutivo, em sua atual volta para Deus.

– Mas, os espíritos rebeldes, tornou Bruco, não sabiam que se iam destruir como individualidades? isto é, que seria desintegrado, por fim, o coletivismo de que cada um se constituía para ser um eu individual?

– Não. Esta experiência eles ainda não a tinham. Entretanto, sendo o amor o princípio de integração por excelência, torna-se absolutamente impossível a desintegração de qualquer todo fundado nele. Pela recíproca, nenhum todo poderá manter-se, fundado só no egoísmo. Isto os espíritos deveriam saber, pelo menos em teoria, pois que ainda não se tinha então verificado esta experiência. Esta sabedoria durou enquanto durou o amor; tanto, porém, que deixaram de amar, cessaram de saber. Tanto que não cultivaram a idéia da totalidade, para irem cuidar de si próprios, deixaram de amar, caindo na primeira ignorância em que, por exemplo, *apesar da ciência*, os Dragões³⁸³, ainda crêem que o mal vencerá, finalmente. O próprio Gregório “Espírito poderoso nos raciocínios”, que “ainda não chora sob o guante do arrependimento benéfico” (...), “entretanto *já duvida da vitória do mal* e abriga interrogações na mente envilecida”³⁸⁴. Como podem verificar, destaquei com grifo, aqui no livro, a parte que diz: “*já duvida da vitória do mal*”.

– Mas isso é um absurdo, replicou Hierão Orsoni, como poderá crer na vitória do mal?

– Primeiro que tudo, tornou o mestre, os dragões não sabem, ao certo, o que venha a ser o bem e o mal, pois, quanto a isto, como já vimos, nem os filósofos andam em paz. Por esta causa crêem na vitória daquilo a que chamamos mal. Sem esta confiança, ninguém teria forças para manter-se na reação negativa. E não é difícil descobrir a premissa em que se fundamenta a lógica deste procedimento. Ei-la: se o sistema divino fosse o avesso do que é, esse inverso seria o certo; esse errado, o direito. Sendo Deus único, incomparável, singular, como ele for, nas sua totalidade, esse modo será o verdadeiro. E como Deus se deu a si mesmo na sua Criação, segue-se que, se toda ela se invertesse, Deus ficaria invertido e certo, como se assim o fora sempre. E aquele que vier a ser o chefe supremo nesse sistema hierárquico negativo, esse será o deus dos deuses. Não poderia ser de outro modo; esta é a sua lógica para resistir na oposição, sem nenhum esmorecimento. Ninguém, nem mesmo Satã, poderia lutar sem uma crença; e a respeito de Deus diz São Tiago que o Diabo crê e estremece (Tiago 2, 19).

– E onde é que está o vício desse raciocínio? Inquiriu Bruco.

– Está em que não se considerou o aspecto Transcendente da divindade, pelo qual Deus é infinito, todopoderoso. Considerou-se somente o aspecto Imanente, pelo qual, sendo Deus a Substância última da criatura, ficou, *no particular*, e só aqui, a mercê dela. É assim que a criatura pode ir contra a vontade cósmica que se acha impressa nas suas profundezas. Nem que todos os espíritos se rebelassem, ainda assim Deus seria Deus na sua Transcendência todopoderosa, causticante e enceguciente, na sua majestade infinita, e, sobretudo, indefinível, porque um Deus definido (definir é traçar finis, limites), já, por isso mesmo, não é mais Deus. O Demônio é panteísta, por cuidar que tudo é Deus, ou Deus é tudo. Esta tese luciferina forçou a antítese agostiniana que considerou só o aspecto Transcendente da divindade, fazendo Deus exterior à sua Criação; o mundo, então, assim como o homem, foi criado do nada; o caos é apenas um estágio acima do nada. O primeiro sistema é materialismo grosseiro, porque o panteísmo é o politeísmo na sua forma extremada. O segundo, de Santo Agostinho, é o dualismo Deus-Satã, Ordem-Caos, Tudo-Nada. A verdade, porém, está na síntese da tese e da antítese; está no *MONISMO* que considera Deus, não só no seu aspecto transcendental e agostiniano, senão também no aspecto imanentista e espinosiano, pelo qual, toda a Criação é,

383 André Luiz, Libertação, cap. VIII, pág. 103

384 André Luiz, Libertação, cap. VIII, pág. 47

consubstancialmente, Deus. Mas a Criação não representa senão parcela de Deus, que é nada, se comparado com o esplendor total dele na sua Transcendência e Majestade. E ainda há mais uma diferença: a Imanência não é panteísmo (tudo é Deus), senão panenteísmo, ou seja, tudo-em-Deus ou Deus-em-tudo. Não são as coisas que são Deus, mas a Substância delas que é uma só para tudo.

E após meditar por algum tempo, prosseguiu o filósofo:

– Se Deus criou o Universo do nada, como queria Santo Agostinho Espírito, e tudo começou pelo caos, abaixo da matéria, então, antes de existir o Espírito, existiu a matéria, e aquele saiu desta, por evolução. Neste caso o Espírito é um produto da matéria, e vale a tese materialista. Admitida a queda das almas de Platão, e do Velho e do Novo Testamento, a matéria passa a ser mero produto do espírito, e por isso mesmo, ela, por evolução, se desencurva ao máximo, para ser possível dar corpo aos seres e coisas do mundo celeste. Por isso, não é a matéria que se torna no espírito, mas o princípio espiritual, prisioneiro dela, é que exsurge e se evidencia cada vez mais com a organização da matéria, por evolução. Antes da queda o espírito circunscrevia e dominava a matéria, sendo, esta, serva dele; na queda, com a inversão de valores, a matéria passou a circunscrever e a dominar o espírito que, por isso, passou a servi-la. Porém, como a matéria não possui a sabedoria, que é propriedade exclusiva do espírito, onde ela comandar, o edifício se esboroará no caos.

E meditando um pouco, concluiu o pensador:

– Como estão vendo, o enunciado d"O Livro dos Espíritos" que declara serem os Espíritos exteriores ao Criador, isto é, apartados dele, não partícipes da sua Substância (R. 77), é dualismo agostiniano, útil, em seu tempo, para os devidos fins, mas que, se for mantido, é, também, absurdo e blasfemo. A comparação que se fez de Deus e a sua Criação, como a de um homem que constrói a sua máquina (R. 77) é pueril. Aristóteles disse a mesma coisa ao afirmar que "Deus cria o mundo da mesma forma que um artífice faz sua obra; mas como Deus não está no tempo, cria sua obra somente pensando-a. Sua atividade é só pensar (pensar pensamentos), é esse "pensamento dos pensamentos". Assim Deus é a essência exemplar das coisas realizadas neste mundo"³⁸⁵. Se Deus não sai da esfera do pensamento puro, a matéria, que não é pensamento, donde surgiu? Se, de acordo com Aristóteles, as coisas são constituídas de *forma* e *matéria*, sendo a forma pensamento, essência, a matéria, que é? Deus é infinito, e por isso não pode criar fora de si mesmo, nem tem outra Substância com que operar, que não a sua própria, visto como, cientificamente, para não falar em lógica, do nada não sai nada. Esta idéia de criação exterior à divindade decorre do "creatio ex nihilo" de Santo Agostinho, pelo qual, tendo Deus criado o mundo do *nada absoluto*, fê-lo a este não só exterior a si, senão que também o criado não participa da Substância divina. Isto foi de utilidade em seu tempo, como já disse, porque serviu para a Igreja de Roma estabelecer sua hierarquia eclesiástica de padres, bispos, cardeais e papas, que seriam os únicos representantes do Cristo que se diz ser o único intermediário entre Deus e os homens. Pois claro: sendo Deus exterior à sua Criação, não está nela, nem é a substância de coisa alguma, nem que essa coisa seja o homem, pelo que não pode ser aí procurado, só podendo ser buscado através dos seus representantes legítimos de batina. Isto foi de utilidade, em seu tempo, porque permitiu à Igreja organizar-se como força disciplinadora de um mundo bárbarico e hostil, o qual teria, na certa, tirado conseqüências desastrosas do conceito imanentista. Só poderá buscar Deus dentro de si mesmo, quem já entrou aí, e passou a duvidar que ele possa ser achado fora.

– E há mais isto, continuou Árago. A comparação que Santo Agostinho Espírito, copiando Aristóteles, fez de Deus e sua Criação, como a de um homem que constrói a sua máquina (R. 77), esbarra nesta dificuldade: quando o homem cria seja lá o que for, ele lança mão dum material já existente, exterior a ele, e o transforma. Deus, para operar sua Criação, lançou mão de que material? e como esta matéria poderia ser exterior a si, como se o Infinito pudesse ter exteriores? A matéria com que Deus operou, inclusive a substância para criar os Espíritos, tomou Deus do nada, diz Santo Agostinho. Ora, seja lá o que for que se nos apresente, é o seu *aspecto anterior modificado*; portanto, se era nada no princípio, sê-lo-á em qualquer fase, ainda que a obra apresentada seja um serafim. E como há entre os espíritas a opinião de que Cristo fez a

385 M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 108

evolução como qualquer outro Espírito, tendo ele também saído da fase de simples e ignorante; e sendo ele exterior à Divindade e produzido a partir do nada, segue-se que ele, Cristo, também é nada.

– Pelo imanentismo, continuou o filósofo, Deus é a Substância mesma de todas as coisas, e, por isso, também, a do homem, não carecendo ninguém de intermediários para O buscar. E quando diz Cristo ser o caminho, a verdade e a vida, única via para o Pai, refere-se à sua Doutrina, que não a si como pessoa. Não é a pessoa de Cristo que salva, mas a vivência da sua Doutrina. Esta distinção entre Doutrina e pessoa, fê-la Vieira ao dizer que cremos em Cristo, isto é, cremos nele, mas não cremos a Cristo, por não darmos crédito ao que ele diz e manda. “De maneira, senhores católicos, que somos cristãos de meias: temos uma parte da fé, e falta-nos outra; cremos em Cristo, mas não cremos a Cristo”³⁸⁶.

E após ponderar em silêncio o que mais dizer, prosseguiu:

– Bem perto da Verdade andou Kardec quando perguntou: – “Os Espíritos tiveram princípio, ou existem como Deus, de toda a eternidade?” (P.78). Todavia, como é certo, que a morte não significa renovação, o filósofo desencarnado, ex-bispo de Hipona, respondeu com sua “verdade” pessoal, com seu ponto de vista particular: “Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, etc” (R. 78). Isto mesmo: como Substância, as almas não tiveram princípio, coexistindo com Deus! Teve princípio a essência delas que é aquilo que são, porém, não teve princípio a Substância de que são formadas. Contudo Kardec mais arguto que o Mentor, contra-argumentou: – “É difícil de conceber que uma coisa que teve começo, possa não ter fim” (P.83). A resposta a isto foi umas evasivas, pelas quais o ex-bispo declarou ser limitada a inteligência de Kardec, deixando crer que a sua própria não o era, visto como não se incluiu no que afirmava. Mais adiante, pergunta Kardec se “todos os Espíritos passam pela fieira do mal para chegar ao bem” (P.120), ao que o Espírito instrutor responde com este desarrazoado: “Pela fieira do mal, não; pela da ignorância”. Ora, se todo o mal provém da ignorância, como passar pela fieira da ignorância, e não, pela do mal? O que este ilogismo quis contornar é que Deus, tendo feito os espíritos ignorantes, por isso mesmo *os criou maus e para a dor*.

– Agora, continuou o pensador, o desarrazoado vem de Kardec que interroga: “Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?” (P.121). Faliu o guiado, porque já andava claudicando o Guia, e a resposta a este quesito foi outra queda no ilogismo: “Não têm eles o livre arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanto para o mal. Os que são maus, tais se tornam por vontade própria” (R. 121). Não há duas estradas a percorrer, senão apenas uma, na qual se pode avançar ou retroceder. É a estrada que leva do caos a Deus. Quando se avança, então, se vai para Deus; quando se retrocede, desanda-se para o caos. De maneira que toda a criatura vem do caos, do mal, da treva, para a luz, para o bem, para ordem, para a felicidade. Deste modo, qualquer posição é bem e mal ao mesmo tempo; se comparada com as posições superiores, é mal; se comparada às inferiores, bem. Em relação à besta o homem é bom; em relação ao super-homem, santo e gênio, mau. Portanto, se a primeira criação divina teve início no caos, sendo o caos mal, Deus criou o homem no mal, para que ele se torne bom, à custa de seu próprio esforço doloroso. Quer dizer: o homem se torna bom por sua auto-realização, devendo a si próprio, e a mais ninguém, a glória desta conquista que contrasta, pela oposição total, ao ato de Deus, porque tendo Deus feito o homem mau, eis que o homem se negou no mal, tornando-se bom!

– Nada disso! – exclamou Orsoni: – o espírito não se degenera! “Pode permanecer estacionário, mas não retrograda” (R. 118). E quanto às duas estradas, Cristo falou delas!

– E essas duas estradas, argumentou o mestre, uma do bem e outra do mal, são paralelas, ou são continuativas? Quero dizer: elas estão lado a lado, uma estreita e dificultosa, levando ao cimo, e outra larga e fácil, conduzindo ao caos? Ou são continuativas, isto é, a que vem do caos se continua na que leva a Deus?

– Hão de ser paralelas e lado a lado, que se forem continuativas, como o senhor diz, não seriam duas, mas uma.

– E se são paralelas, separadas, como se passa de uma à outra? Ora, se há duas estradas paralelas, os que se acham numa não se passam à outra, donde veio a idéia a São Paulo da

existência dos predestinados para a salvação (Rom 8, 29 e Ef 1, 11), e dos precitos, feitos para a perdição. Este ponto deu o que fazer à agudeza de Vieira que escreve: “Todos os homens quantos há, e houve, e há de haver no mundo, ou são predestinados que se hão de salvar, ou são precitos que se hão de perder. Que Cristo morresse pelas almas dos predestinados, bem está: são almas que se hão de salvar, e que hão de ver, e gozar, e amar a Deus por toda a eternidade; mas morrer Cristo, e dar o preço infinito de seu sangue também pelas almas dos precitos? Sim. Morreu pelas almas dos predestinados, porque são almas que se hão de salvar; e morreu também pelas almas dos precitos, porque, ainda que se não hão de salvar, são almas. Nos predestinados, morreu Cristo pela salvação das almas; nos precitos, morreu pelas almas sem salvação, porque é tão grande o valor das almas por si mesmas, ainda sem o respeito de se haverem de salvar, que deu Deus por bem empregado ou por bem perdido nelas o preço infinito de seu sangue”³⁸⁷.

E voltando-se o mestre para Orsoni, após fechar o livro, ponderou:

– Viu, Hierão, como é que se constrói uma ponte sobre o ar? Ouça mais isto: “Todos os homens neste mundo vivemos com duas ignorâncias: a primeira da morte, a segunda da predestinação. Todos sabemos que havemos de morrer, mas ninguém sabe o quando. Todos sabemos que nos havemos de salvar ou condenar, mas ninguém sabe qual destas há de ser. E por que ordenou Deus que a morte fosse incerta e a predestinação duvidosa? Não pudera Deus fazer que soubéssemos todos quando haveríamos de morrer, e se éramos ou não predestinados? Claro está que sim; mas ordenou com suma providência que estivéssemos sempre incertos e duvidosos da predestinação, para que a morte nos suspendesse sempre o temor com a incerteza, e a predestinação nos sustentasse a perseverança com a dúvida. Se os homens soubessem quanto haviam de viver e quando haviam de morrer, que seria dos homens? Se eu, sabendo que posso morrer hoje, me atrevo a ofender a Deus hoje, quem soubesse que havia de viver quarenta anos, como não ofenderia confiadamente a Deus ao menos os trinta e nove? Por esta causa ordenou Deus que a morte fosse incerta, e pela mesma que a predestinação fosse duvidosa. Se os homens soubessem que eram precitos, como desesperados haviam-se de precipitar mais nas maldades; se soubessem que eram predestinados, como seguros haviam-se de descuidar da virtude; pois, para que os maus sejam menos maus, e os bons perseverem em ser bons, nem os maus saibam que são precitos, nem os bons saibam que são predestinados. Não saibam os maus que são precitos, para que não se despenhem como desesperados, nem saibam os bons que são predestinados, para que se não descuidem como seguros”³⁸⁸.

E fechando o livro, concluiu:

– Aí está no que vem dar a idéia das tais duas estradas separadas, nada valendo ser bom, se é precito, nem importa praticar o mal, se é predestinado. Não viu o padre, ou, se o viu, calou a verdade... de que o sangue de Cristo se torna perfeitamente inútil neste caso, seja para salvar os que não se podem, de modo algum perder, seja para salvar os que de modo algum se salvam. Se sou predestinado, não careço de nenhuma gota do sangue de Cristo, que estou salvo; se sou precito, nem todo o sangue de Cristo me há de salvar. Também, acaso é desse parecer a sua doutrina espírita?

– Não. Minha doutrina diz que “os Espíritos que enveredam pela senda do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros”...; “mas, *as eternidades* lhes serão mais longas” (R. e P.125).

– E como é que se há de passar de uma estrada à outra, se ambas são paralelas, separadas portanto, uma levando a um destino, e a outra, a outro? E se esses destinos são opostos polarmente, como são paralelas as estradas?

– Bem!... A coisa é que não são paralelas, propriamente, mas em forma de V. Estando o espírito simples e ignorante no vértice do ângulo, pode tomar por qualquer dos seus ramos, seja para a direita ou bem, seja para a esquerda ou mal.

– E existe possibilidade de passagem de um ramo para outro? Ou, de outro modo: quem estiver na estrada do bem pode praticar o mal, e quem na do mal, o bem?

– Segundo minha doutrina espírita, quem estiver na estrada do mal pode tornar atrás, e o fará na certa, pois todos os espíritos hão de salvar-se; porém, o que segue já pela estrada do bem

387 Vieira, Sermões, 2, 400 - Ed. das Américas

388 Vieira, Sermões, 6, 399 - Ed. Das Américas

não pode voltar atrás, porque, como já disse, o espírito não se retrograda. (R. 118).

– Bom. Você me afirma, com fundamento em sua doutrina, que todos os espíritos se hão de salvar; logo, o que toma pelo caminho do mal, terá de voltar sobre seus passos um dia, não é?

– Isso mesmo.

– E quando um espírito que ia longe já no caminho do mal, cai em si, arrepende-se, e se dispõe a emendar-se, desandando o caminho que o levaria para o caos, desde esse momento não está evoluindo para Deus?

– Claro está que sim!

– Então é possível evoluir, mesmo estando ainda no ramo esquerdo do V, correspondente ao do mal?

– Sem dúvida; e daí?

– Daí vem que se tornar atrás na estrada do mal é já evoluir, tocar por diante nela é involuir ou retrogradar. Ora, quem se acha no vértice do V está em posição superior à de quem já vai longe na estrada do mal; e este, que vai longe no mal, para seguir a estrada do bem, precisa retornar ao vértice; então, se essa tornada ao vértice é já evolução, segue-se que o avançar pela senda do mal, é involução ou retrocesso. E se quem se acha no ramo esquerdo do V, pode, ou avançar para Deus, ou retroceder para o caos, por que razão o que segue pelo ramo direito ou do bem, fica impedido disso? A que fica reduzido, então, o tão decantado livre-arbítrio, se o espírito só é livre para evoluir, e nunca, para retroceder? Ou me vai você dizer que há pontes entre os ramos do V, como querem as religiões católica e protestante, de sorte que prosseguir no ramo do mal, é idêntico a seguir pela senda do bem, visto como, lá numas tantas, basta o Espírito poder passar-se de uma estrada à outra, por qualquer das pontes que as interligam? Acaso pensa assim sua doutrina espírita?

– Não. Para tornar duma estrada à outra, é preciso regredir ao vértice do V, desfazendo todo o mal feito, e pondo, no lugar dos vícios, as virtudes correspondentes. E quem, indo-se pelo ramo do mal, torna ao vértice, evolui. O senhor tem razão... evoluir não é só seguir pelo ramo do bem, senão, também, tornar atrás no do mal. E se a tornada atrás na senda do mal é evolução, o movimento inverso de avançar por ela é involução, retrocesso, retrogradação. E se não há saltos ou passagens de um ramo a outro do V, e por isso o Espírito só pode andar e desandar numa e noutra estrada, passando e repassando pelo vértice, segue-se que as duas vias são continuativas, como o senhor aventou.

– Por conseguinte, meu Hierão, se as tais duas estradas são continuativas, não são duas, são uma, embora dobrada em V. Endireite-se o V, e ter-se-á uma reta que leva do caos a Deus ! ... O vértice do V é o meio da jornada evolutiva, e neste ponto Santo Agostinho Espírito supõe que Deus criou o espírito na fase de simplicidade e ignorância, uma espécie de tábua rasa de valores, sem passado algum a atuar como inércia, sendo-lhe, ao espírito, por isso, tão fácil enveredar pela trilha do bem, como pela do mal. Todavia a verdade é bem outra: se a fase de simplicidade e ignorância representa o meio do caminho para Deus, segue-se que o espírito já possui vida e experiências pregressas estratificadas nos instintos por milhões de anos. E quem possui, instintos tenazes quais hão de ser os do pré-homem macacóide, não é livre de escolher, como já hei demonstrado. Eis que, partindo da premissa espírita das duas estradas, tenho chegado ao mesmo resultado exposto antes, em perfeita concordância com os últimos dados da paleantropologia moderna. O Espírito simples e ignorante, logo, no vértice do V, possui um passado que remonta à origem da vida. Santo Agostinho supõe, e dá esta suposição por doutrina verdadeira; supõe que o Espírito simples e ignorante, no vértice do V, é uma tábua rasa de valores, uma cera virgem, pronta para receber as primeiras impressões. Mas a verdade é que o Espírito, nesta fase, representa uma formação que resiste às mudanças por impulso de muitos milhões de anos. E quando segue, como ocorre sempre, pela senda do mal, não faz senão recapitular as fases já vividas no passado, e que se estratificaram no subconsciente sob a forma de instintos. Então, quem se acha no vértice do V, no meio da escala, e pode seguir o caminho do mal, no rumo do caos, de onde evoluiu, mais não faz que retrogradar!

Neste ponto da discussão, interveio Romão Sileno, dizendo:

– Eis aqui, tenho achado nos Evangelhos, o passo em que Cristo falou de duas estradas; aqui está o texto: “Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que

conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, poucos há que a encontrem” (Mat 7, 13 e 14).

– Eis aí, Hierão, comentou o mestre, como Cristo apenas empregou uma bela e oportuna figura mostrando, na porta e caminho estreitos as virtudes por serem adquiridas com grande esforço e luta; na porta e estrada largas ele simbolizou os instintos e impulsões atávicas de milhões de anos cristalizados pela repetição. Basta só, portanto, afrouxar a tensão do esforço da subida, e já se desanda para a largura dos instintos e hábitos malsãos, estratificados no profundo do espírito, no subconsciente. Não são paralelas ou em V as estradas, porém, ambas são uma só, visto que uma se continua na outra. Posso estreitar ou alargar a vida, se curo de adquirir virtudes que não tenho, ou se me abandono às próprias impulsões animais das fases superadas, **mas não extintas**. Com esta idéia de duas estradas independentes, interroga Kardec: “Têm necessidade da encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem?” (P. 133). Resposta: “Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos consequentemente sem mérito”. Então, como Deus é justo, e na impossibilidade de criar a todos felizes, fê-los a todos sofredores, isto é, pôs por lei geral as lutas e as tribulações da vida corporal. E isto, para terem o mérito de que nunca poderão gozar, sob pena de serem punidos por vaidade, por orgulho e por ingratidão. Se o mérito é meu, nada devo a Deus, não lhe precisando elevar preces de gratidão, nem lhe trinar hinos de louvor. Se sou inteligente, devo-me a mim mesmo esta conquista, pelo que me posso dar os parabéns. Se sou justo, e bom, e virtuoso, e sábio, posso fazer panegírico destas minhas qualidades que só por meu esforço conquistei, sem que Deus tenha alguma coisa a ver com isso. Mas não: se sofro, sou culpado; se sou feliz, devo dar graças a Deus. É por isso que, qualquer migalha de alegria é benção, é graça de Deus, no passo que todas as dores, e fadigas, e aflições, são o resultado de culpas humanas. Ora, se o merecimento é nosso, do mesmo modo que são nossas as culpas, já não precisamos dar graças a Deus, pelas nossas alegrias. Elas são só nossas, nada tendo Deus a ver com isso. E, pois, como é punido por ingratidão quem assim procede? De que nos vale, então, o merecimento, se ele nos é impossível?... Não satisfeito, Kardec, com estas sem-razões, acrescenta: “Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isto não os isenta dos sofrimentos da vida corporal?” Resposta: “Chegam mais depressa ao fim” (R. 133). Que fim, se para o Espiritismo ortodoxo a evolução é eterna? Diga-me, Hierão: pode ser considerado salvo um espírito, enquanto estiver sujeito às contingências da vida material?

– Claro está que não, pois, salvação significa estar livre da dor: ora, quem se livrará das dores, estando submetido às contingências da vida corporal?

– Se, pois, a salvação significa isenção da dor; e se isto é impossível até mesmo para o que seguiu, sempre, somente, pela estrada do bem, de novo se impõe o imperativo anterior: a **salvação não existe, e a dor é eterna**. Tanto faz, logo, ser Cristo ou Gestas, que para ambos, cruzes não hão de faltar!

E depois de refletir um pouco, prosseguiu:

– Diga-me mais isto: pode sofrer o inocente, de acordo com sua seita espírita?

– Absolutamente não... que não pode haver efeito sem causa. Toda dor provém de erros cometidos.

– E os espíritos que desde o começo, sempre, seguiram pela estrada do bem, concorda, você, que são inocentes?

– Tenho de concordar, pois, se não têm culpa, são inocentes.

– E “sofrem” ao serem submetidos às “lutas e tribulações da vida corporal”? (R. 133). Como cordeiros mansos, pacíficos, que são, não ficam sempre, os inocentes do mundo, expostos às sanhas dos lobos vorazes de que se constitui a maioria?

– O inocente e justo, concordou Hierão, sofre neste mundo; isto é da experiência diária... e histórica ...

– É inocente e justo, e sofre? Então, pode sofrer o que não tem culpa, e o que sempre temeu a Justiça? É pacífico, para todas as religiões, que a salvação tem de corresponder a um estado de inocência; e se mesmo o inocente e justo sofrem, segue-se, por aqui, também, que **a salvação não existe**, porque **a dor é eterna!**, haja ou não causa para o efeito da dor.

Tentando livrar-se do arrocho, com que Árago o afligia, enveredou-se Hierão, por insólito caminho ao dizer:

– Demos, porém, que a evolução seja finita, e não eterna; então, o fim referido n"O Livro dos Espíritos" é o regaço do Pai, ao qual se dirige o filho, por evolução.

– Neste caso a criatura torna a Deus por evolução? – perguntou Árago.

– Sim.

– Se torna a Deus, é porque saiu de Deus, visto ser impossível voltar sem ter saído! Portanto, este fim é também o começo de onde o Espírito podia não ter saído; e se saiu por vontade própria, como o entendem as religiões, é culpado, sendo bem merecidas as dores todas que o assoberbam; todavia, se, como o entende Santo Agostinho, foi compelido a sair, se possível, bom é não retorne, para não precisar sair de novo...

– Eu disse que o espírito se dirige ou vai ao Pai, por evolução, retrucou Orsoni. Ora, ir ou dirigir-se para alguma parte, não é tornar a ela. Todavia, capcioso como o senhor é, matreiro e sofista, trocou meu *ir para* ou *dirigir-se*, pelo termo *tornar* ou *voltar*, o que não é a mesma coisa, dando a entender que o espírito teve origem em Deus, para o qual retorna, e não, no caos, de onde procede. O espírito vai ao Pai, disse eu, porém não torna, porque não procedeu dele, e sim, do caos. Pois claro: se o processo evolutivo começou no caos, e acaba em Deus, evoluir significa *ir para Deus* que não é o mesmo que *tornar a Deus*.

– Você me está dizendo, então, que o caos é estranho a Deus, não procedente dele, não originário da sua Substância?

– Foi isso mesmo que eu disse, não por enigma, senão claramente. Como pode Deus ter alguma coisa a ver com o caos, se este representa a suma oposição de Deus?

– Se o caos não surgiu de Deus, de que surgiu então?

– Do nada, ora essa !

– Mas surgiu, por si mesmo, por acaso, ou foi por vontade e obra de Deus?

– Claro que surgiu por obra e vontade de Deus! De quem outro havia de ser?

– Logo, Deus criou o caos do nada, visto que este não procede da sua Substância?

– É isso mesmo!

– E o homem veio do caos?

– Perfeitamente.

– Por conseguinte, o homem veio do nada?

– Veio, e daí? É como diz o Espírito na Resposta 15 de "O livro dos Espíritos": "Não podendo fazer-se Deus, o homem quer ao menos ser uma parte de Deus". Ora, dado que a Criação teve princípio, houve um tempo em que só havia Deus. Se ao criar, Deus não tirou coisa nenhuma de si, só pode ter criado do nada.

– Daí vem, então, que o homem é nada, contra-argumentou Árago, porque, qualquer estado em que qualquer coisa se apresente, é o estado anterior sob novo aspecto, e deste modo se pode, inexoravelmente, remontar à última substância de que a coisa consiste. Eis, então, que segundo sua doutrina espírita que expressa o pensar de Santo Agostinho, Deus não pode estar no interior das suas criaturas, mesmo as mais perfeitas, visto como Deus é exterior à sua Criação, tendo esta vindo do nada. Desenvolvendo sua premissa agostiniana temos: se no começo tudo era o nada, qualquer coisa é o mesmo nada sob outro aspecto. A Criação é exterior a Deus? Sim, é, responde Santo Agostinho, pois que ela veio do nada e é nada, só Deus sendo tudo, completamente separado, estanque, da sua Criação, existindo ele, somente, como Transcendência, e não, como Imanência que é ele na sua expressão criacional. E se alguma coisa pode ser exterior a Deus, e estar fora de Deus, então ele é finito, tem limite, podendo haver-lhe os foras que são os extralimites. Tem Deus foras? Sim, tem. Então Deus é finito, e não é Deus. Cristo é Deus, Hierão?

– Cristo é homem, conforme o ensina o Espiritismo.

– Então Cristo é nada...porque não é Deus, mas, somente sua criatura, vinda, como tudo, do nada, pelo que é o nada sob o aspecto de Cristo. Sendo, pois, Cristo, um nada fantasmagórico e ilusório, que pode ser o Evangelho que ele produziu? Eis aí, Hierão, um nada criando outra nada, que tudo é ilusão fósmea, com ser tudo exterior à divindade que é a única Realidade que não se reparte no criado. Mas que é o nada? Acaso não é a negação total, absoluta? Não é, acaso,

o nada, o *não-ser* que se opõe ao *Ser* por excelência, que é Deus? E, pois, se Deus criou as suas criaturas, ainda as mais perfeitas, do nada substancial, do nada consistencial, segue-se que elas vieram do *não-ser* para a *ilusão de ser*. O nada está abaixo do caos mais inteiro e primitivo, sendo o último estado a que alguma coisa pode degradar e cair. O nada é a suprema treva, suprema inconsciência, suprema negação, mal e dano supremos. Neste ponto foi que Deus, o Grande Mago, deu os seus passes de magia, fazendo surgir, do vácuo, o homem angustiado, sofredor, ignorante, fraco. E esse nada, com aspecto de homem, sofre, sua, sangra, vive na morte, porque a vida é nada. Luta por evoluir, enfrenta o martírio já como Gestas, já como Dimas, já como Cristo. Mas não adianta nada evoluir, porque eterno é o sofrer, visto como a dor é característica desse sistema que começou do nada, e por isso, é nada. Qual, logo, é a última consistência ou substância de Cristo? O nada! Pois que gema, então, chore, sue e sangre na sua Cruz, que esse há de ser o eterno resultado que pode produzir o nada !

Fez silêncio o pensador, e ficou a ver se Hierão ainda se dispunha a retrucar. Mas vendo-o quieto, pôs remate ao que vinha dizendo:

– Eis aí está desfeito e por terra o dualismo agostiniano que põe a Deus de uma parte, como a Realidade única ou Ser absoluto, e da outra, o *não-ser* ou *nada substancial*. Como vêem, da premissa agostiniana do “*creatio ex nihilo*”, tirei estas conseqüências implacáveis, irreverentes, blasfemas, e fiquei depois a esperar pela resposta, aí, de Hierão; que não veio nem virá! Ou então ele, a exemplo de quantos espíritas fanáticos que andam por aí a vozear, em face destes argumentos esmagadores, decidir-se-á recorrer às ofensas pessoais e aos xingos, que são a única arma dos fracos, vazios e íncios: eis por que, para começar, já me classificou entre os sofistas, ardilosos, matreiros e sagazes. Então eu já não sou um filósofo que ama e busca a verdade, no conceito de Orsoni, e sim mero sofista conversador que procura projeção pessoal.

Depois de uma pausa, voltando a olhar o livro que tinha, aberto, nas mãos, prosseguiu:

– Diz, mais, aqui, a letra: “Demais, as aflições da vida são muitas vezes a conseqüência da imperfeição do Espírito” (R. 133). Se “são muitas vezes”, e não, *todas as vezes*, segue-se que pode haver “aflições da vida” que não decorrem da imperfeição do espírito. Por conseguinte, pode o inocente e perfeito sofrer... Como é então que, aí, Orsoni afirma, com base na doutrina espírita, que o inocente não pode sofrer, porque, não podendo haver efeito sem causa, toda a dor tem de provir de erros cometidos? Mas o espírito sofre por ser imperfeito, e o é, porque assim o fez Deus, com criá-lo simples e ignorante. Que se diga, então, sem eufemismos ou rebuços, que as aflições da vida são impingidas pelo Pai aos filhos inocentes, visto que qualquer erro decorre, imediatamente, da ignorância, da qual o ser não tem culpa. Se não sou culpado da ignorância, e erro, porque sou ignorante, não sou culpado pelo erro; por que, logo, me pune Deus? E se me decido a seguir sempre só pela estrada do bem, ainda assim, terei de sofrer as dores e tribulações da vida corporal, e isto, diz o Espírito, para poder chegar à perfeição. Daqui se deduz, claramente, que aquele que anda sempre só pela estrada do bem ainda não é perfeito. Mas para escolher entre uma estrada e outra, usando o livre arbítrio, preciso é ser sábio, porque o completamente insciente não pode escolher, e se toma por uma estrada ou outra, há de ser por acaso. Ora, quem age ao acaso não usa o livre arbítrio nem escolhe. Portanto, se sigo sempre só pela estrada do bem, e nunca, pela do mal, nisto dou prova de sabedoria. Contudo, apesar de sábio, e de, por isso, nunca errar, tenho de passar pelas vicissitudes todas da vida corporal para chegar à perfeição. Por conseguinte, na sabedoria também não reside a perfeição, por isso que o sábio sofre, e Sócrates foi condenado à morte pela cicuta, e Cristo, pela cruz. Então, que é a perfeição? E se ignoro o que vem a ser perfeição, como hei de querer o que ignoro? E se a ignoro, não a posso querer; e se a não quero, como guiar, então, meus passos para ela?

E após consultar o relógio, exclamou:

– Puxa! como é tarde! O tempo se escoou, sem que o percebesse!

– Mas amanhã é domingo, tornou Bruco, e por isso podemos ficar mais tempo na cama.

– Apesar disso, replicou o mestre, convém encerrarmos estes nossos estudos de hoje.

Resumindo tudo, temos: o espírito simples e ignorante é uma etapa ou fase de um desenvolvimento que começou pelo caos. As coisas se organizaram pouco a pouco, através de bilhões de anos. Os seres vivos apareceram, então, e evoluíram, lentamente, até o homem, o qual, deste modo, se viu criado como simples e ignorante; e porque procedeu, o homem, dos

animais inferiores, se acha assoberbado pelos instintos animais, os quais, por uma necessidade de vida, teve de desenvolver e de reforçar por meio de repetições constantes. André Luiz nos dá um relato desses espíritos, assim como de um dos lugares onde habitam, quando desencarnados: diz-lhe seu Mentor Gúbio: “Milhares de criaturas, utilizadas nos serviços mais rudes da natureza, movimentam-se nestes sítios em posição infra-terrestres. A ignorância, por ora, não lhes confere a glória da responsabilidade. Em desenvolvimento de tendências dignas, candidatam-se à humanidade que conhecemos na Crosta. Situam-se entre o raciocínio fragmentário do macacóide e a idéia simples do homem primitivo na floresta. Afeiçoam-se a personalidades encarnadas ou obedecem, cegamente, aos espíritos prepotentes que dominam em paisagens como esta. Guardam, enfim, a ingenuidade do selvagem e a fidelidade do cão”³⁸⁹.

E fechando o livro, prosseguiu:

– Tais espíritos, como se vê, estão abaixo da fase das paixões, que representam já “um sinal de atividade e de consciência do *eu*, porquanto, na alma primitiva, a inteligência e a vida se acham no estado de germe” (R. 191). Esse espírito nascente e incipiente é posto no começo da fieira da ignorância que, absurdamente, não é do mal (R. 120). Dá-se-lhe um livre arbítrio, para ele escolher entre o bem e o mal, sendo que isto, nem os filósofos ainda não sabem o que sejam. Sofre, por dentro, a pressão dos instintos ferozes e vivíssimos, e por fora, a “dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se dele, dominá-lo, e que rejubilam com faze-los sucumbir” (R. 122). Depois de tudo isto, achar Kardec (P. 121) seja possível terem, alguns espíritos, seguido, sempre, somente, pela estrada do bem? Como se existissem, de fato, dois caminhos, em vez de um só, Caos-Deus, no qual se pode avançar ou retroceder? Se tudo fosse desse jeito mesmo, seria Deus justo, e bom, como tanto se apregoa? Mas a intuição (“Dados imediatos da consciência” – Bergson; “Imperativos categórico da razão” – Kant); mas a intuição nos declara, peremptoriamente, que Deus é justo, que Deus é bondade e amor; logo, estas coisas não passam de absurdo e blasfêmia, se as quisermos válidas para os nossos dias. Chegado é o tempo de o Espiritismo avançar mais um passo, se não quiser ficar estagnado, deslocando o pensamento ao longo do eixo agostinho-platônico, de Santo Agostinho para Platão. A premissa teológica agostiniana, o seu “*creatio ex nihilo*” está superada, e sabe a blasfêmia, se quisermos ainda estar com ela; como o Pentateuco, pertence, já, agora, ao passado. É respeitável como elo do passado mental da humanidade, sem o qual o pensamento não lograria ter chegado até aqui, do mesmo modo que este arrazoado nosso é passo necessário para os desenvolvimentos futuros. Platão é o que está com a verdade: no começo era o *mundo espírita* (topos uranos) não só que *preexiste*, senão que *sobrevive* a tudo, podendo o mundo corporal ou acidental nunca ter existido, ou deixar de existir, sem que isto altere a essência do mundo espírita. Por conseguinte, o *mundo espírita* é necessário e primitivo, e o corporal, acessório e posterior, visto ter surgido por causa da falência dos Espíritos, não sendo, logo, obra direta de Deus. Isto é o que se infere do que diz Platão, não só na sua obra de encarnado, senão, ainda, na doutrina que assinalou n’“O Livro dos Espíritos” (R. 85 e 86).

– Esta, a verdade, continuou o filósofo, que poderá ser aceita pelo Espiritismo liberal; porém, o ortodoxo, falado pela boca de seus mestres conservadores, irá pretender impedi-la, sob o pretexto irrisório de que “devemos defender a unidade da Doutrina”. Que importa a unidade da doutrina? Que culpa tenho eu de o Espiritismo ortodoxo ter-se enveredado pelo ramo de Santo Agostinho, em vez de, pelo ramo de Platão? A verdade, e só a verdade é o que interessa, e não, a unidade de quaisquer doutrinas, como sempre o foi, e por todo sempre o será. Todavia, como também é fato que a história se repete, a ortodoxia espírita pretenderá pôr diques ao curso da verdade, como fizeram os judeus do tempo de Cristo, e a Igreja de Roma do tempo de Lutero. Mas, detida em seu curso natural, a verdade avolumar-se-á, como sempre tem acontecido, arrebatando os diques misérrimos levantados por esses reacionários. Hierão Orsoni, aí, é um exemplo da reação espírita que estaria disposta a lutar pela integridade da doutrina, não importa se absoleta ou falha. Todavia eu, cumprindo uma missão, lhe mostro no mesmo “Livro dos Espíritos”, o ponto em que baseio a reforma que se fará, no futuro, queiram ou não queiram os espíritas conservadores.

E consultando, de novo, o relógio, exclamou:

– Convém encerrarmos estes nossos estudos de hoje

Incoerência da Doutrina Espírita

Caída que foi a noite, e estando todos reunidos na sala da biblioteca, Árago principiou a falar:

– No dia da semana passada, após vocês saírem, fui para a cama, mas não pude conciliar o sono. As idéias fervilhavam-me na mente, e só pela madrugada me acalmei. O que pensei, então, acho deve ser motivo de nossas cogitações de hoje. Ainda mais que é prosseguimento do que já hemos discutido na noite daquele dia. O que andei cogitando é que se Kardec fosse filósofo, orientaria seu interrogatório ao Espírito Instrutor de outra maneira. Acontece que tudo o quanto o homem vê, toca, percebe pelos sentidos, esse momento estimula a sua inteligência. E quando deseja conhecer a coisa que o ocupa, procura, em primeiro lugar, saber o que ela é, e, depois, de que é feita tal coisa. É assim que o filósofo coloca o problema do ser, e pergunta: qual, a sua essência? E qual a sua substância? de que ela se constitui ou no que consiste? Todavia, lendo “O Livro dos Espíritos”, sobrevém-nos uma desolação, por causa de as perguntas serem diferentes de como as faria um pensador.

E pegando d"O Livro dos Espíritos”, prosseguiu:

– Aqui pergunta Kardec: “O universo foi criado, ou existe desde toda a eternidade?” Resposta: É fora de dúvida que ele não pode ter-se feito a si mesmo. Se existisse, como Deus, de toda a eternidade, não seria obra de Deus” (R. 37). Então, tornou Kardec: “Como criou Deus o universo?” (P.38). Se Kardec fôra filósofo, perguntaria: **do que** Deus criou o universo. Pois claro: **o como** não interessa tanto, como **o de que**. E porque a pergunta não nos satisfaz, também a resposta nos deixa insatisfeitos: “Para me servir de uma expressão corrente, direi: pela sua Vontade” (R. 38). E com isto a substância ontológica ficou no tinteiro... Isto, porém, que não ficou explicitado, nós podemos deduzir de outras partes, como já o fizemos outro dia. Agora vamos a isto:

– Noutro lugar, diz o Espírito que o espaço é infinito (R. 35), e que não há vácuo. “O que te parece vazio está ocupado por uma matéria que te escapa aos sentidos e aos instrumentos” (R.36). Ora, o espaço é infinito, e está ocupado por uma matéria. Logo, esta matéria é infinita. Kant também esbarrou com esta dificuldade ao que sendo o espaço objetivo infinito, está ocupado por uma matéria também infinita; e se a matéria é infinita, ela se confunde com Deus. Porém, não é só isto, porque “ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela” (R. 27). “Este fluido universal, ou primitivo, ou elementar” (R. 27), tem que ser também infinito, porque coexiste com a matéria, sendo o que, modernamente, se chama energia. A matéria não se acha nunca desacompanhada da energia, nem esta, daquela; e sendo a matéria infinita, ipso facto, a energia também o é. Deste modo, matéria e energia infinitas enchem o espaço infinito. E o espírito? “Que é o espírito?” É “o princípio inteligente do universo” (R. 23), que atua na matéria através do seu intermediário, o fluido universal. Então o universo que ocupa o espaço infinito é constituído de matéria-energia-espírito. Agora, a questão: estas três substâncias, ou são redutíveis a uma delas, ou não o são. Se o são, há somente uma substância universal e não, três. Se o não são, então há três substâncias fundamentais, separadas, estanques, três mônadas, para usar um expressão de Leibniz. No caso de haver três substâncias separadas, irredutíveis entre si, fica recolocado o velho problema metafísico: como se intercomunicam ou interligam as substâncias, se são estanques. Não havendo um bordo de contato, uma zona de sintonização onde as duas substâncias se confundam, o impulso gerado numa, não se transfere à outra. Havendo zona de sintonização, nesse ponto as duas substâncias são uma. Se o espírito atua sobre a matéria, e esta, sobre o espírito, preciso é que haja uma zona de sintonia ou de passagem dos impulsos; nesse ponto, espírito e matéria se confundem, donde vem que um se reduz ao outro. O exemplo clássico usado pelos filósofos idealistas até Leibniz, dos relógios sincronizados, de modo que

tudo o que acontece com um, ocorre, simultaneamente, com o outro, mostrou-se totalmente inconvincente e já foi abandonado. Todavia, sejam três, ou seja uma, resta saber de onde Deus retirou estas substâncias, se de si, ou se do nada. Se de si, tudo no universo é partícipe dessa Substância divina. Não é, então, que todas as coisas sejam Deus, mas sim que Deus constitui a substância primeira de todas as coisas; não panteísmo, mas panenteísmo. Porém, Santo Agostinho Espírito, respondendo a Kardec, diz: “Não podendo fazer-se Deus, o homem quer ao menos ser uma parte de Deus” (R. 15). Os espíritos “são obras de Deus, exatamente como uma máquina o é do homem que a fabrica” (R. 77). Logo, segundo o Instrutor de Kardec, os Espíritos não são emanções ou porções da divindade, e por esta causa, denominados filhos de Deus (P.77). Pelo que nos diz “O Livro dos Espíritos”, Deus não tirou os filhos do seu seio, da sua Substância; os filhos foram criados do nada substancial. Ora, é o próprio Instrutor que diz a Kardec: “Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe” (R. 23). Pois se coisa nenhuma é o nada, e somos feitos desta coisa nenhuma, somos nada; e como o nada não existe, não existimos. Somos aparência, pura ilusão de ser, e não, seres reais, e está certo o bramanismo em afirmar que o mundo é “maya”, isto é, ilusão. O mundo é mau, porque, “maya”, ou como o afirma Maritain: “A existência das coisas individuais e desta imensa Decepção que se chama a natureza (maya) e que nos mantém prisioneiros do múltiplo e do mudável é essencialmente má, fonte de todo sofrimento”³⁹⁰. Ora, Deus foi o que criou do nada a ilusão de existir; logo, Deus é culpado direto pela existência de “maya” que é ilusão, e erro, e dor, e dano, e mal.

– Não e não! bradou Hierão Orsoni, num arroubo de fanatismo espírita, citando, de cor, “O Livro dos Espíritos”: “Não é na pequenina esfera em que vos achais”, diz o Mentor a Kardec, “que podeis compreendê-lo” (R. 35); isto quer dizer que nesta esfera não podemos compreender todas as coisas.

– Que importa o lugar, Hierão? Acaso Sócrates seria menos ou mais Sócrates, e Cristo menos ou mais Cristo, se estivessem em Mercúrio ou Plutão? Então se pode ser menos ou mais inteligente e sábio, dependendo só da esfera em que se está? Se posso ser mais inteligente e sábio, só por habitar esferas superiores, porque, logo, não me deixa Deus ir a elas?

– Para habitá-las, tornou Hierão contrafeito, preciso é ser achado na senda do bem, sem nunca se ter desviado dela.

– Que nada, meu inflamado Hierão! Não importa que os Espíritos hajam seguido “desde o princípio (...) o caminho do bem” (R. 133), que “isso não os isenta dos sofrimentos da vida corporal”. As reencarnações lhes são impostas nesta “pequenina esfera”, a fim de desenvolverem também a inteligência. E é nesta esferinha de nada que terão os Espíritos de esforçar-se por compreender o que vem a ser um espaço infinito cheio de matéria, e como é que essa matéria pode ser assim infinita sem ser Deus, visto que somente ele deveria ser infinito, e não também a matéria que, neste caso, com Deus se confunde. A fé espírita tem por certo que a matéria é infinita, e que Deus também é Infinito. O Criador Infinito, e a criatura, também infinita. Porém, o Infinito Criador, diz-nos a razão, há que ser maior que a matéria infinita, porquanto, somente o mais pode criar o menos, e não, o contrário. Ora, se esse menos que é a matéria, chega a ser infinito, como não ser, então, mais que Infinito o mais que criou esse menos? Deus é infinito; a matéria também é infinita; mas, Deus criou a matéria; portanto o Infinito-Deus é maior que o infinito-matéria. Por conseguinte, segundo o ensinamento do Instrutor espiritual da “grande esfera”, deduz-se que pode haver um infinito maior que outro infinito ($\infty > \infty$)! Também estabelece isto o padre Antonio Vieira, quando pretendeu construir uma ponte por sobre o ar, quando afirma que o ventre de Maria é maior que Deus, pois que cercou e teve em si o próprio Deus. E argumenta o padre sofista: “A boa filosofia admite que pode haver um infinito maior que outro infinito, porque se houver infinitos homens, também os cabelos hão de ser infinitos; porém o infinito dos cabelos, maior que o infinito dos homens”³⁹¹. E se antes só havia o Infinito-Deus, de que substância foi feita a matéria infinita? Do nada? Então, do nada, que não existe (“coisa nenhuma é o nada” R. 23), pôde Deus criar outro infinito que não o seu? Se a substância deste infinito criado é o nada, tudo é infinita negação, infinita ilusão, infinito “maya”. Disto se conclui, por correto raciocínio, que a ilusão, o erro, a dor, o dano, o mal são infinitos, não

390 Jacques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 27

391 Vieira, Sermões, 6, 97 - Ed. das Américas

podendo haver nenhum culpado pela existência deste outro deus contrário, deste anti-Deus, que não o próprio Criador! Mas Deus é infinito, Hierão?

– Sim. Está escrito que Deus é infinito, conquanto seja essa uma “definição incompleta. Pobreza da linguagem humana, insuficiente para definir o que está acima da linguagem dos homens” (R. 3).

– E que é infinito?

– “O que não tem começo, nem fim: o desconhecido; tudo o que é desconhecido é infinito” (R. 2).

– E o espaço também é infinito?

– “Infinito. Supõe-no limitado: que haverá para lá de seus limites?” (R. 35).

– Esse espaço infinito está cheio, ou vazio?

– “Não há vácuo. O que te parece vazio está ocupado por uma matéria que te escapa aos sentidos e aos instrumentos” (R. 36).

– Logo, essa matéria é infinita, tanto como o espaço infinito que ela ocupa?

– Pois claro!

– E sendo Deus infinito, e a matéria também infinita, esses dois infinitos coexistem no mesmo lugar, ou estão separados?

– Estão separados, sem dúvida, visto que Deus Criador não se pode confundir e misturar com a matéria criada.

– Então, se há dois infinitos separados entre si, há o limite entre ambos; e se há limite, não são infinitos.

– Neste caso, nego o que disse antes, e coloco a questão deste modo: os dois infinitos coexistem encaixados um no outro.

– Sendo assim, Deus se acha jungido à matéria, sendo tão onipresente como ela no espaço infinito. Criador e criatura se confundem, e Deus está na Criação, sendo-lhe a Substância prima.

Depois de relutar um tanto, exclamou Hierão:

– Sou forçado a concordar: não há fugir a essa conseqüência... conquanto esteja escrito que os Espíritos são seres distintos da divindade. “São obras de Deus, exatamente como uma máquina e o homem que a fabrica. A máquina é obra do homem, não é o próprio homem” (R. 77).

– Se Deus não se confunde com suas obras, estando ambos separados, então, nem Deus nem a matéria são infinitos, porque, aquele que for infinito abarcará o outro. Se Deus for infinito, e a matéria, não, Deus abrangerá a matéria, visto que esta não poderá estar fora dele, porque fora implica limite, e o que tem limite não é infinito. Se a matéria for infinita, e não, Deus, a matéria abarcará Deus. Para que possam estar separados, preciso é que nenhum seja infinito, como ocorre, exatamente, com o homem em relação à máquina que ele fabricou. Como ambos são finitos, podem estar apartados sem se confundirem. Mas Deus é infinito; abarca toda a Criação, confundindo-se com ela. E se a Criação também for infinita (espaço objetivo infinito) não haverá Deus além nem fora dela, porque um infinito não poderá sobrepujar a outro. Todavia, se Deus for infinito, mas a Criação limitada, como entendo que é, então Deus abarca a Criação coexistindo com ela como imanência, e ao mesmo tempo existe ou é fora e acima da Criação num aspecto a que se dá o nome de transcendência.

E após ponderosos pensamentos, prosseguiu:

– Eis, meu Hierão, que “O Livro dos Espíritos” é incoerente. Declarando que o Criador não se confunde com suas criaturas, afirma a transcendência pura que implica no Dualismo agostiniano. Neste caso a Criação veio do nada via caos. Declarando que o espaço e a matéria que o enche são infinitos, tal como Deus, junte o Criador às criaturas não havendo Deus fora delas. Isto é o imanentismo puro, exatamente, que pretende negar. Como afirma estas duas oposições, assim de forma a que se excluam, fica incoerente.

– Todavia, atalhou Hierão, o fato de Deus coexistir com suas criaturas, seja no todo, porque ele e ela são infinitos, seja em parte, porque só Deus é infinito, e a natureza, não, isso não quer dizer que Criador e criaturas se confundam. Os gases atmosféricos estão juntos sem se ligarem. O azoto, o oxigênio, o gás carbônico, etc., conservam cada um sua identidade, independência e autonomia, apesar de juntos. Assim, Deus, conquanto lado a lado com suas

criaturas, pode não se imiscuir com elas.

– Pois é aí mesmo, replicou o mestre, que esteve o pecado de Kardec. Em vez de perguntar *do que* fez Deus as suas criaturas, interrogou, ociosamente, *como as fez?* (P. 38). O precário exemplo do homem e sua máquina (R. 77), que já vem desde Aristóteles, não se aplica a Deus, porque, o homem que executa uma obra, fá-la exterior a si, e lança mão duma substância já existente e também exterior a si. Como a substância da máquina já era exterior ao homem, depois de ela feita, continuou-lhe exterior. Mas Deus, sendo infinito, não tem exteriores; e não podendo lançar mão doutra substância que não a sua própria, segue-se que as criaturas ou são feitas dessa substância divina, ou são feitas do nada. Daí o imanentismo criacional, pelo qual Deus é a Substância prima de todas as coisas, e o dualismo agostiniano, pelo qual Deus é apartado de suas criaturas, visto que elas são feitas do nada. Neste último caso, Deus é transcendência pura, por isso que dualismo e transcendentalismo são palavras sinônimas. Para que Criador e criaturas permaneçam juntos, mas, separados, como os gases do ar, preciso é que se constituam de substâncias diferentes, tal, exatamente, como ocorre com os gases. E é nisto mesmo que consiste o transcendentalismo puro ou dualismo. Deus, neste caso, é o Ser, e as criaturas, *não-ser* visto que feitas do nada. Se a Criação foi feita do nada, a substância dela é a *não-substância*, por isso que não se pode confundir com a Substância do Ser, embora permaneça junto deste. Então, Substância e *não-substância* estão lado a lado sem reciprocamente se imiscuírem, por serem estranhas uma à outra, como se foram mônadas independentes. Porém, como toda coisa, sem nenhuma exceção, é o seu estado anterior modificado, sendo a substância da Criação o nada, ela é nada, tenha o aspecto que tiver. Voltamos outra vez à ilusão ou “maya” bramânico sobre o qual discorri há pouco.

E voltando-se o pensador para Hierão interrogou:

– Você acha mesmo, meu caro, que a matéria possa ser infinita, como o próprio Deus?

– Segundo minha Doutrina Espírita, ela é infinita, pois não havendo o vazio no espaço, e sendo ele infinito, infinita terá que ser a matéria que o enche.

– E acha você que Deus criou toda essa matéria dum lanço, ou a está criando ainda alhures?

– Diz-me “O Livro dos Espíritos” que Deus não cessa de criar. “Por mais distante” diz o Espírito a Kardec, “que logreis figurar o início de sua ação, podeis concebê-lo ocioso, um momento que seja?” (R. 21). Logo, Deus está criando alhures mais universos, e, portanto, mais matérias.

– E no começo, quando Deus criou nossa matéria, o espaço era já infinito?

– Sim, pois claro! como concebê-lo limitado? Se puséssemos, então, um limite, que haveria para além desse limite?

– E quando Deus cria outras matérias, outros universos, cria também outros espaços?

– Tem que ser assim.

– Então há muitos espaços infinitos, todos cheios de matérias também infinitas? É possível haver dois ou mais infinitos? Se eles se tocarem, não estará aí o limite?

– Neste caso, experimento colocar a questão assim: só há um espaço infinito, e todas as matérias infinitas que o ocupam interpenetram-se.

– Interpenetram-se e se interatuam, porque toda a matéria é formada “de um só elemento primitivo” (R. 30). Quer dizer que está havendo uma acumulação de matéria no espaço. Haverá um paradeiro a isso, ou no espaço pode caber toda a matéria que Deus cria ininterruptamente desde toda a eternidade? E suposto que a ação criadora de Deus teve início no tempo (R. 37) o espaço pré-criacional era então vazio? Ou não havia, então, espaço?

– Que vou fazer, prezado Árago, o que eu disse está nos escritos espíritas. Diz lá, nos escritos, que “há uma coisa, todavia, que a razão vos deve indicar: é que Deus, modelo de amor e caridade, nunca esteve inativo” (R. 21).

– Mal mal, Hierão! Vem lá a papagaiada. Acaso me quer você impor *o que está escrito* nas obras espíritas, como fazem os protestantes em relação à Bíblia? Amor é igual a caridade (I Cor 13, 3) e não há por que separar as coisas fazendo duas de uma; antes disse o Espírito que “Deus é a inteligência suprema causa primária de todas as coisas” (R. 1). Se esta é definição posta por base do sistema, de onde foi surgir agora, assim, de passagem, que Deus é amor? E se

o é, por que não constou este termo da definição? Mas, convenho em que Deus seja o modelo do amor; porém, disto se pode tirar a consequência necessária de que, por isso, “nunca esteve inativo”? Deus nunca esteve inativo por ser a suma Inteligência, ou é por ser o supremo Amor? Se a Inteligência suprema é que é a causa primária ou basilar das coisas, como afirmar agora que as coisas são produzidas pelo amor que não permite a Deus ficar inativo? E como pode satisfazer-se o amor de Deus com a criação da matéria infinita e do caos? O caos não é a negação extrema de Deus? Não é certo que tudo o que Deus é, o caos não é, pelo que ele se mostra, em relação a Deus, como contraditória, como oposição polar? Deus é Amor? logo, o caos é egoísmo que nega e subverte o Amor. Como pode contentar-se o Amor de Deus em criar o seu contrário, e isto, por um ato de Amor? Como pode Deus semear Amor e colher egoísmo, treva, desarmonia, fealdade, ódio, desintegração, ignorância, dor, visto que de tudo isto se compõe o caos? Como é Hierão: no começo tudo era caos? (R. 43). E é por aqui que principiou o Amor de Deus que não pode permanecer quieto?

Hierão abaixou a cabeça, pensativo, desnortado pelo bombardeio que lhe movia o pensador com sua palavra fácil e rápida. Cobrando ânimo, porém, replicou:

– O que nos interessa não é tanto a origem, mas o fim; e o progresso para a felicidade é um fato iniludível.

– Pois as origens e os fins se confundem, como é normal suceder com todos os ciclos; no momento em que termina um ciclo para iniciar outro, ninguém poderá divisar quando é um, e quando, outro, no átimo da coincidência. As vinte e quatro horas de um dia se sobrepõe à hora zero do dia seguinte. Caminhar para o fim, pois, é idêntico a ir para o começo de onde o ciclo partiu. Logo, o caos é o meio de um ciclo que tem seu começo e fim no Mundo Celeste. Portanto, o caos não é começo, a não ser em relação ao meio ciclo da volta para Deus, que se completa com o outro meio ciclo, o do afastamento de Deus. E se dissermos que a primeira origem esteja no caos, o fim último será a volta a ele, como queria Nietzsche com sua doutrina da eterna recorrência. Se, todavia, a origem primeira esteve em Deus, o fim último será quando se houver retornado a Deus. A doutrina da Evolução, portanto, se completa com a da Involução e queda das almas do Mundo Celeste; sem esta, aquela Evolução se torna absurda e blasfema, ou seja, como diz Schopenhauer, “uma amarga acusação contra o Criador”.

– Nada disso, vociferou Hierão; eu tenho minha religião Espírita que é evolucionista, sem admitir a falência das almas!

– Pois aí é que está o absurdo! A idéia da Evolução esposada por um religioso, é uma sem-razão igual à de quem se diz cristão comunista, porque cristianismo e comunismo se excluem mutuamente.

– Que está dizendo? replicou Hierão. Acaso a Evolução não está comprovada por fatos? por provas irrefragáveis?

– Sim, está, tornou Árago. Porém, por causa do modo como a Doutrina Espírita se acha codificada, a verdade da Evolução colide com os atributos da divindade, que a mesma doutrina dá por certos. Assim, todas as religiões, excetuando o Espiritismo, são contrárias à Evolução, porque esta lhes solapa a teologia. Então, os religiosos, coerentemente, para não perderem a fé, negam os fatos da Evolução.

E após uma pausa reflexiva e profunda, prosseguiu o filósofo:

– O primeiro que falou de Evolução foi Anaximandro, discípulo de Tales de Mileto. Segundo ele, a vida apareceu primeiramente no mar, sob formas muito simples; e desses animais marinhos saíram os terrestres, por evolução, e destes, o homem. Esta doutrina encontrou sua dura réplica em Aristóteles, apesar de ser ele o primeiro a organizar, às expensas de Alexandre, o primeiro jardim zoológico. Via ele tudo o que a evolução nos pode mostrar em animais diferenciados reunidos num mesmo lugar. Viu que, na base da escala da vida, quase não se podia distinguir os seres vivos da matéria bruta. Descobriu, pela observação, que a inteligência se desenvolveu em correlação com a complexidade da estrutura do sistema nervoso primeiro, e do cérebro, depois. Fundou a embriologia, com estudar o desenvolvimento de embriões de pintos, em suas várias fases. Constatou o paralelismo anatômico, ao escrever que as aves e os répteis são aparentados entre si, e que o macaco, pela sua forma corporal, é intermediário entre os quadrúpedes e o homem. Todavia, saltando aos olhos de Aristóteles todas

estas evidências, negou a evolução, para aceitar a idéia da criação das espécies em planos paralelos e independentes. Refutou Empédocles que afirmava haver seleção natural dos órgãos e dos seres melhor adaptados, e também discordou de Anaxágoras cuja doutrina era de que o homem se tornou inteligente com se utilizar das mãos para pegar, em vez de para locomover-se, como fazem os quadrúpedes. Ao contrário disto, Aristóteles afirmava que, por ser inteligente, o homem se utilizava das mãos.

– Ora, meus caros, continuou Árago, Aristóteles era um gênio que tinha essa mole de fatos debaixo do nariz. Os fatos estavam patentes, mas o gênio grego negava os fatos; por que? Porque, se os aceitasse, e admitisse a Evolução, teria, ou de negar Deus, ou de concebê-lo de forma negativa. Aristóteles procurou conciliar, então, o que via, com a idéia que formara de Deus. E assim sua metafísica surgiu da sua biologia. Para ele Deus possui dois aspectos, sendo um a imanência, e outro a transcendência. Usa ele outros termos, como, por exemplo, “enteléquia”, para designar a faculdade de que cada coisa possui de se organizar segundo sua maneira própria. Aquela força que modela a matéria na forma é a enteléquia. Deus é a enteléquia do Universo, assim como a alma é a enteléquia do corpo. Tudo, diz ele, exceto Deus, pode reduzir-se a “forma” e “matéria”. A forma é o princípio ativo; a matéria, o passivo. “A Divina Providência coincide perfeitamente para Aristóteles à ação das causas naturais”³⁹². Pois então, este é o aspecto panenteísta de Deus. Ele não é as coisas mesmas, porém, a enteléquia delas, a força que as modela na forma. Pois claro: sendo Deus a enteléquia do Universo coincide com a enteléquia das coisas entre as quais se inclui o homem. Então a alma humana, por sua natureza intelegual, não foi criada por Deus, mas é Deus, coexistindo com ele de toda a eternidade. E não só a alma como enteléquia do corpo, senão também a enteléquia das coisas, é Deus. Por isso, para Aristóteles, Deus *não criou*, mas move o mundo; não o criou, está claro, porque o mundo, e com ele, o homem, no seu aspecto entelegual, coexiste com Deus de toda a eternidade. Fora este, porém, há o aspecto transcendental, pelo qual Deus está separado da sua Criação, acima e fora dela. E como a Criação é Deus na forma entelegual, vale dizer que Deus se acha separado em si mesmo, divorciado como enteléquia que é, da sua transcendência que também é Deus. Este aspecto é o “*primum mobile in motum*”, isto é, motor, mas, imóvel. Como transcendência, Deus é um ser indivisível, incorpóreo, sem tamanho, imutável, perfeito e eterno. E como pode Deus estar assim apartado de si em dois aspectos estanques, como se foram dois deuses, duas substâncias ou duas mônadas independentes, sem interação entre si? O Deus que move o mundo é a enteléquia; acaso não é este já o “*primum mobile in motum*”? Que vem a ser este outro motor não móvel, além do motor, já de si imóvel, da enteléquia? Divorciar o aspecto transcendental do imanente é criar inidivível incoerência. Um Deus que nada faz, porque imóvel e impassível, visto que é o “*actus purus*”, e não o movimento em si; um Deus que não tem desejos, nem vontade, nem sentimento, nem fins; que é absolutamente perfeito, e por isso não pode mudar, nem desejar, nem sair da sua imobilidade e inércia; um Deus calmo, sereno, indiferente, impassível, imóvel, imutável, indivisível, perfeito, apartado da sua Criação e das coisas com as quais não se contamina, nem se imiscui, é uma *coisa em si* que não serve para nada, que ninguém pode saber se existe, nem se não existe, e sobre a qual ninguém pode dizer coisa nenhuma, quanto mais, sobre ela, fundar uma ética.

E prosseguiu o mestre após limpar o pigarro da garganta:

– Porém, há o aspecto imanente pelo qual Deus está na Criação, sendo-lhe a enteléquia. Mas a Criação, aqui, é apresentada em planos paralelos superpostos, numa ordem eterna fechada em si mesma. Por que, para Aristóteles, os seres vivos se escalonam em planos superpostos, separados, estanques, em vez de ligados em cadeia por continuidade evolutiva? É porque a idéia de evolução levaria, inevitavelmente, ao caos das origens primeiras, pois “no começo tudo era caos”. E como o caos é a negação total de Deus, uma de duas: ou o caos não foi criado por Deus, ou foi criado por ele, e, neste caso, Deus é polarmente contrário à idéia que dele fazemos. E se o caos não foi criado por Deus, então, ele resultou da queda das almas do *topos uranos*. A evolução é inegável; logo, houve queda, ou não há Deus.

Disse. E após isto, foi à estante buscar um livro para tê-lo à mão. E tendo-o aberto no lugar marcado, continuou:

392 Will Durant, História da Filosofia, 90

– O reinado de Aristóteles durou muito, em virtude de sua idéia relativa à natureza, coincidir com o criacionismo bíblico. Não havendo evolução, o homem, para Aristóteles, como para os bíblicos, era uma criação à parte. O outro sistematizador da natureza de linha aristotélica foi Lineu. Para ele também as espécies são constantes, não havendo ponte nem passagem entre elas. E um dia em que um estudante chamado Zioberg, lhe mostrou uma planta que não se enquadrava no seu sistema, Lineu classificou-a como um monstro botânico. “Vou chamá-la *pelória* – monstro”,³⁹³ disse Lineu. Todavia, inquieto, Lineu começou a plantar a “pelória”, e viu que ela se reproduzia, dando descendentes iguais a si. Tratava-se de uma espécie diferente, surgida pela mutação da linária. Honestamente o sábio deu ao mundo o resultado de suas pesquisas, considerando ser possível tenham vindo umas espécies de outras. Então não havia constância entre as espécies? Não! E que sucedeu daqui? Sucedeu que o mundo erudito repudiou as conclusões de Lineu, porque elas levariam à idéia da Evolução, e esta, ao caos das origens. “Em seu *Systema Naturae* o mundo era claro e límpido, sólido e ordenado, e a gente desejava que ele continuasse como estava no papel”³⁹⁴. A natureza não dá saltos, diziam todos; as espécies são imutáveis, constantes, exatamente hoje, como quando saíram das mãos do Criador!

Fez uma pausa o mestre. E folhando o livro de Herbert Wendt para a frente, prosseguiu:

– Todavia a natureza dá saltos, sim, senhores! dá saltos quânticos nas órbitas atômicas; dá saltos evolutivos nas mutações. Kant, Goethe já se ocupavam com as teorias da Evolução, quando foi admitido Jorge Cuvier no *Jardin des Plantes* de Paris, onde exercia sua atividade científica João Batista Lamarck. Entretanto Cuvier não era, como Lamarck, evolucionista; ao contrário, admitia a criação em quatro planos, e esta teoria ganhou logo terreno, porque representava a volta aos saudosos modelos estáticos de Lineu. Jorge Cuvier pregava que “é preciso concluir que existem planos de criação eternos e imutáveis! É imperdoável (...) falar ainda de evolução! Evolução equivale ao capricho de uma natureza desordenada tomando o lugar dum gênio construtor trabalhando segundo um plano consciente e ordenado. E isso é evidente absurdo!”³⁹⁵.

– Mas Cuvier estava errado, vociferou Hierão.

– Estava certo, replicou o mestre. Os modelos das espécies novas são lançados às loucas no cenário natural; as mutações se dão às cegas; depois é que opera a lei da seleção dos valores, garantindo vida e perpetuidade aos melhores dotados.

– Então! aí está, tornou Hierão; esse é o modo como opera o tal “gênio construtor”, conforme a expressão de Cuvier, para criar, ordenadamente, segundo um plano consciente.

– Mas acontece, Hierão, que a Evolução se faz pela lei impiedosa da luta, pela vitória incondicional do mais forte, do mais astuto, do mais apto. Se Deus quer e faz isto, então é dar razão a Nietzsche e não a Cristo. Rasguemos, logo, os Evangelhos que nos querem justos, e sigamos a Nietzsche que nos manda ser fortes. Comamo-nos uns aos outros, pois Deus impôs esta lei na natureza, conferindo a palma da vida ao vencedor, e aos fracos e ineptos, decretou ele a tragédia e a morte!...

– Está bem... Melhor é eu ficar quieto, e o senhor prosseguir com o que vinha dizendo.

– Depois vem Darwin que armazenou grande cópia de provas, antes de dar ao mundo sua teoria das espécies, e isto, por saber que onda tal idéia iria levantar, como, de fato, levantou. Vendo ele que aborígenes antropófagos comiam os mais fracos caídos em combate, concluiu que isto era uma lei natural, visto como assim também sucede entre os animais. E se foi Deus o que pôs normas à natureza, então é certo que outra não é sua vontade. Por isso, a idéia da Evolução é um pesadelo para o homem de fé, pois vendo como opera a Evolução, não há como não concluir que Deus, ou não existe, ou é mau, visto como premia a astúcia, a força e a crueldade. Esta visão negativa de Deus, que o místico se recusa ter, era a do homem primitivo que concluía, logicamente: Deus dá a palma da vitória e da vida, invariavelmente, ao forte e aos astutos; logo ele é força e astúcia; para estes, a alegria, a felicidade; para o pacífico e inerme, a tristeza, a desesperação e a morte. Todavia, o forte se torna fraco, ou pela velhice ou pela doença, sendo, também, por isto, destruído. Deste modo, a felicidade do forte é mesclada pelo temor de tornar-

393 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 60

394 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 61

395 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 118

se fraco. Assim, o temor do forte se liga ao sofrimento do fraco, com que vem a estar a vida fundada sobre a dor. Como a dor abunda no mundo, segue-se que Deus se compraz na dor de suas criaturas. É preciso, então, aplacar-lhe as fúrias com sacrifícios dolorosos. Ou fazer isto, ou Deus tomará por sua conta cevar-se nos míseros mortais. Leão alimentado é leão inofensivo, e tal e qual com Deus. Façamos-lhe, portanto, sacrifícios... Entretanto, Deus, também, é astuto; por isso não o podemos enganar no negócio, fazendo-lhes sacrifícios dos que nos são indesejáveis. Há de ele querer as primícias, pois esta é a parte que cabe ao leão. E como o sacrifício e a morte do fraco é em benefício do forte, Deus ficará zangado se jogarmos fora as hóstias do sacrifício; cumpre-nos, portanto, comê-las em ritual agradável a Deus. E ainda mais: alimento forte e sadio produz força; ora, sendo as hóstias o melhor que há, delas sobrevirão as qualidades para os comungantes. Deste modo as hóstias humanas sempre foram para atender a banquetes antropofágicos. Todos os crânios da caverna de Altamira têm seus occipitais quebrados, de modo a se poder tirar por ali o cérebro. Comiam-se miolos humanos, e também as carnes das vítimas sacrificadas, para se incorporarem as qualidades do morto. Cristo teria dito, na seqüência desta tradição: aquele que me não comer a carne, e me não beber o sangue, não terá vida eterna (João 6, 53 e 54). A ingestão, por conseguinte, do pão e do vinho consagrados, não passa dum canibalismo simbólico idealizado. O canibalismo é caráter tipicamente do humano, e serviu para identificar o pré-homem. Visto que nenhum macaco mata, assa e devora o seu semelhante, o que faz isto não pode ser macaco, senão, pré-homem. E por meio deste caráter típico descobriu-se na África e na Ásia, não um, mas séries inteiras do elo que liga o homem aos macacos. O tão decantado elo que faltava, está achado. O homem procedeu dos seres inferiores, por evolução.

E ponderando um pouco, em silêncio, continuou:

– Aristóteles, com ser um gênio, enxergou claro tudo isto, e por isso recusou-se a tomar por este caminho, o da Evolução, que se lhe antolhava a cada passo. Também não quiseram meter-se por ele, nem Lineu, nem Cuvier. E os que se puseram a andar nesta estrada, foram, dar consigo no materialismo mais arrematado, que consiste na negação de Deus e do espírito. Ora, sendo o Espiritismo evolucionista, tinha, necessariamente, de chegar a este resultado. No entanto fala-nos ele da moral de Cristo, em vez da de Nietzsche; fala-nos de Deus como de amor e bondade, ao invés de no-lo apresentar como um Moloch Amonita odiento e cruel. Pela indução das verdades evolucionistas, chega à moral nietzscheana, e, por extensão, à teologia amonita de Moloch. Pela dedução, partindo dos atributos da divindade, aceita, a priori, chega-se à moral de Cristo que se opõe à de Nietzsche polarmente, do mesmo modo como é, Moloch, o contrário do Deus Pai cristão. E como o Espiritismo aceita e dá por certas estas duas contradições, que mutuamente se excluem, sem fazer a necessária síntese, fica incoerente.

– Por outro caminho, o filosófico, também se pode chegar a este mesmo resultado materialista, prosseguiu o pensador. Aristóteles chama enteléquia (do grego: força essencial) que sub-jaz na matéria, como capacidade sua de transformação. Qualquer coisa é a explicitação da enteléquia da coisa. A alma é a enteléquia do corpo, do mesmo modo que Deus, no seu aspecto imanente, é a enteléquia do Universo. Deus imanente é ele no seu aspecto entelequial. Há ainda, para Aristóteles, o aspecto transcendental da divindade, pelo qual Deus se acha apartado da sua Criação, não se imiscuindo, nem se contaminando com as coisas. Neste aspecto transcendental, Deus se mantém nas alturas como Razão pura “Actus purus” pensando pensamentos, isto é, não pensando coisas, mas pensamentos puros. Todavia, sendo Deus a enteléquia do Universo, neste aspecto ele se confunde com as causas naturais. Deus é a enteléquia do Universo; ora, o Universo se compõe de coisas; logo, Deus é a enteléquia das coisas, inclusive do homem. A alma, já ficou dito, é a enteléquia do corpo; por conseguinte, a alma humana, em sua expressão entelequial, é porção de Deus. Posto isto, vamos pôr outra coisa, para depois concluir das duas:

– A filosofia realista iniciada por Parmênides, teve o seu termo no fim da Idade Média, quando se pôde achar os grandes erros científicos de Aristóteles. Assumindo posição antípoda à do pensamento grego, teve início o período idealista com Descartes. Partindo de idéias muito simples, muito claras, das verdades de razão da geometria, Descartes geometrizou o mundo, criando, depois, a geometria analítica que reduz a geometria à álgebra, tornando possível operar, algebricamente, com as figuras geométricas. O mundo cartesiano tornou-se, por isso, artificial,

ideal, forçado, irreal, cheio de gráficos e máquinas registradoras, medidores de tudo, abrindo caminho para a máquina de calcular, computadores e robôs. E a vida? como colocou Descartes os problemas da vida? Pois colocou-os, muito simplesmente, em termos geométricos e mecânicos. Os animais são máquinas, disse ele. Mas o evolucionismo de Montaigne e Gassendi demonstrou que o homem é um animal. Logo, o homem é u'a máquina concluiu Julien Offray de La Mettrie (*À Procura de Adão*, 53).

– Observando a linha dos filósofos da natureza, continuou o mestre, que diz ser Deus imanente no universo, porém, reagindo contra a doutrina cartesiana dos **animais máquinas**, Baruch Espinosa afirmou que o espírito e a matéria procedem de uma só substância – Deus. “O Deus dele não atuava sobre as coisas, e sim nas coisas, identificava com aquilo que os homens chamavam **natureza**. Pensamento inaudito, angustioso e inebriante ao mesmo tempo. No mundo da suprema unidade de Espinosa não havia bem nem mal, anjo nem demônio. Sua Ética desembaraçou inteiramente da camisa-de-força de todo o ensino doutrinário professoral. Tudo o que acontece era natural e pertencia à essência de Deus”³⁹⁶.

Fechando ambos livros, ficou o mestre por certo tempo de olhar perdido no vazio. Tornando, porém, a si, concluiu:

– Quer dizer que a lei da seleção das espécies, da luta, da vitória do mais apto, do mais astuto, do mais forte, é natural, ou seja, da essência mesma de Deus. O cordeiro, com ser fraco e indefeso, é pasto do lobo voraz, assim como a rola serve de comida ao gavião. Que as moscas vão parar nos palpos das aranhas, e estas, nos ferrões dos marimbondos, tudo é lei natural, e, portanto, divina. Esta mesma lei divina, no campo econômico deu a ciência que se chama Economia, a qual tem por objeto estudar as riquezas as quais não se dissociam do egoísmo individual e do de classe. E tudo é natural, ou seja, da essência de Deus. Não há coisa nenhuma que o homem possa fazer, com exemplo na natureza, que seja anti-natural. E tudo aquilo que a natureza não dá exemplo, é anti-natural. Ora, a bondade, a tolerância, o perdão, a piedade para com o fraco, a monogamia para o homem, tudo é anti-natural. O natural é a guerra, a luta, a seleção pela força, e a mentira, o engano, o ludíbrio, a falsidade, visto que tudo isto é astúcia. Deus está na natureza, e tudo o que acontece nela é por vontade de Deus... Por isso é que Pascal dizia: **“Todo o natural é sem Deus; para mim a Filosofia Natural não vale uma hora de esforço”**³⁹⁷.

E arrematou, após pensar um pouco:

– Por aqui se vê que a visão do universo, dada pela ciência, seja da mecano-geometria cartesiana, seja da evolução, seja da filosofia da natureza, não pode produzir uma teologia e uma ética que não sejam as de Moloch Amonita. Por causa destas conclusões que tiro do panenteísmo espinosista, “as mesmas pessoas que tinham verificado que sob o escalpelo desapareciam as diferenças entre o animal e o homem, ficaram cheias de horror quando um pensador tirou as conseqüências desse fato”³⁹⁸. A guerra contra Espinosa foi encarniçada, tendo sido ele forçado a renunciar sua herança, e para a subsistência própria, teve de fazer-se polidor de lentes. Sua família o renegou, e a sinagoga judaica o excomungou com todos os ritos do cerimonial judaico. Um fanático até o quis assassinar. “O próprio Leibniz, que tinha muita afinidade espiritual com ele e uma vez chegou a procurá-lo em Amsterdã, não sabia o que pensar dele. Um mundo sem bem nem mal, sem rígidas leis morais e sólidas noções de ordem, sem fim nem utilidade, em que o criador e criatura eram um e no qual o homem, no fundo, não significava mais do que um microrganismo, era inconcebível, mesmo para os espíritos tolerantes”³⁹⁹. Muitos pensadores se tinham ocupado com essa hipótese de um Deus-Natureza, incluindo-se entre eles o próprio Kant que considerava isso **“uma arrojada aventura da razão”**. Todos recuavam assustados com as conseqüências que disso podiam advir. Não obstante, Espinosa, porque empreendeu essa aventura, foi espezinhado por todos. “E ainda depois do seu fim prematuro foi tratado (segundo as palavras de Lessing) como um cão morto”⁴⁰⁰.

396 Herbert Wendt, *À Procura de Adão*, 110

397 Herbert Wendt, *À Procura de Adão*, 109

398 Herbert Wendt, *À Procura de Adão*, 110

399 Herbert Wendt, *À Procura de Adão*, 110

400 Herbert Wendt, *À Procura de Adão*, 111

E fechando o livro em que lera o texto rematou:

– Viram, meus caros, o que Aristóteles, Lineu, Cuvier e outros refugaram? Viram porque as religiões todas, exceto o Espiritismo, são contrárias à doutrina da Evolução? Todavia, o Espiritismo faz exceção às religiões, e com isto é incoerente, porquanto comete o absurdo de manter juntas, coisas que mutuamente se excluem. Para ser evolucionista, devia deixar de ser evangélico, porque no Evangelho está escrito que “no princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (João 1, 1). No entanto, apesar de Platão Espírito ter ditado a Kardec esta mesma verdade, ao dizer que no começo era o *mundo espírita* que *preexiste e sobrevive a tudo*, de tal modo que o *mundo corpóreo* poderia *nunca ter existido* ou *deixar de existir*, sem que isto altere a essência do *mundo espírita*, apesar desta doutrina expressa n’“O Livro dos Espíritos”, o Espiritismo descambou para o lado de Santo Agostinho Espírito que dá doutrina polarmente contrária a esta, dizendo que no começo tudo era caos. Que era, então, no princípio? era o *Verbo*, era o *mundo espírita*, era o *topos uranos*, ou era o *caos*?. E se o caos é algo, e não, o nada, de que proveio esse algo? Não está por demais evidente a incoerência, Hierão? Acaso preciso eu continuar, exaustivamente, com repetições, variando o modo de dizer as coisas, para que seu bestunto possa assimilar?

Hierão, vendo-se advertido, exclamou:

– Basta já o quanto expos. Já entendi tudo.

– Entendeu, mas daqui a pouco estará me retrucando como se não entendera nada. É o misoneísmo que reage em você, propondo, de novo, o que ficou esmiuçado!

– Mas agora entendi mesmo. Até aqui.

– Se entendeu mesmo, exponha, por miúdo, esta outra incoerência do Espiritismo: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (R. 1), e, “Fora da caridade não há salvação”⁴⁰¹. Estes dois enunciados pertencem a duas filosofias que se excluem, como tese e antítese, enquanto não se fizer a síntese. A primeira é de Santo Agostinho Espírito, e a segunda, de São Paulo e de Platão. Deduza o implícito nessas duas premissas!

– Ah! não sou capaz!

– Como não é capaz?! Isto já foi estudado !

– É... mas assim mesmo não sou capaz.

– Então, veja se eu o faço. Por onde quer você que comece?

– Pode começar pelo primeiro enunciado mesmo.

– Então, “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (R. 1). Pondo a inteligência como *causa primária*, tudo decorre dela. A escala do ser é, por isso, a escala da inteligência, sendo tanto mais ser, quanto mais se é inteligente. Em oposição a isto, tanto se é menos ser, quanto menos se é inteligente. Pondo isto na escala algébrica de valores, Deus será o Ser por exelência ou a Inteligência suprema, como reza o enunciado, representado pelo mais infinito, isto é, o infinito positivo. No outro extremo dessa escala, no menos infinito, estará o caos como suma desintegração e desfazimento do ser no não-ser. Ou por outro modo: quanto mais inteligente, mais se estará acercado de Deus; pela contraditória, quanto menos inteligente, mais se estará afastado de Deus. Estar junto de Deus é estar salvo. Salvo do que, Hierão?

– Ora, pois salvo da dor.

– Então, no céu, os redimidos não sofrem, por serem inteligentes, e redimiram-se pela inteligência. Logo, fora da inteligência não há salvação. Desenvolver e aprimorar a inteligência é, deste modo, a ascese mística ou exercício religioso, sendo a religião (de religare = re-ligar) puro desenvolvimento intelectual. E como este exercício “religioso” ou religativo se faz nas escolas, estas são templos, e seus mestres, sacerdotes. O gozo dos salvos, no céu, resume-se na pura contemplação metafísica da Verdade. Os eleitos contemplam a Deus, porque Deus é a Verdade, e vivem no plano do puro pensar, como o entendiam Aristóteles, São Tomás e Santo Agostinho. A dor, por isto, pode ser eterna, uma vez que os eleitos não têm compaixão nem amor pelos que sofrem ao subir a escala evolutiva, isto é, da inteligência, que começa no caos. Evolução, neste caso, equivale a intelecção, e Deus pode criar ininterruptamente, por toda a eternidade, Espíritos simples e ignorantes, os quais, tanto mais sofrem, quanto menos são inteligentes, e menos sofrem, quanto mais inteligentes. Porque os salvos são indiferentes às

dores alheias, conquanto possa haver dor eterna nos planos inferiores, eles não sofrem, e antes, ficam gozando da sua contemplação metafísica, da sua contemplação intelectual. Daqui tiramos os corolários, prosseguiu o mestre:

– Se fora da inteligência não há salvação, os eleitos não amam, porque o amor ou caridade implicaria em sofrimento pelas dores alheias; como esta dor é eterna, por Deus criar, de contínuo, Espíritos simples e ignorantes, se houvesse amor, os eleitos sofreriam no céu, donde vem que a dor tanto estaria embaixo, como em cima. Para que a dor eterna possa estar só embaixo, e não, em cima, os eleitos não podem ter compaixão nem amor. E se houver algum eleito ou salvo que ame, esse sofre; e se sofre não está isento da dor, embora possa estar num céu infernal. O amor, por conseguinte, conduz ao inferno, e inferna o ser que ama, na dor e no caos. Pois claro: ardendo-se de compaixão pelo próximo, dá tudo o que tem, e se torna pobre. Despojando-se, cada vez mais, em favor dos outros, vai cada vez mais indo para o aniquilamento de si mesmo, até chegar ao caos do não-ser. Por isso o amor é negativo, visto que destrói, e sua recíproca, o egoísmo, positivo, uma vez que constrói. Pelo egoísmo o ser toma tudo o que pode aos outros, com o que se enriquece, tornando-se mais rico, mais ser. Pela supremacia da inteligência, vence e subjuga o fraco e íncio, fazendo-o trabalhar para os seus fins. E de vitória em vitória destas, o ser vai alargando o seu poder, tornando-se ainda cada vez mais inteligente, até que se acerca de Deus que é o sumo Potentado da inteligência. Como é a inteligência e o egoísmo que conduzem ao ser, e a compaixão e o amor, ao aniquilamento e ao não-ser, segue-se que os eleitos representam o mais alto grau de inteligência e de egoísmo, resumindo a felicidade deles na pura contemplação metafísica da Verdade que é a Inteligência, o Egoísmo e o Poder por excelência. É assim que Deus é Impassível, e por isso não sofre, e seus eleitos, a exemplo seu, são os que chegaram à impassibilidade, pela anulação do amor negativo, trocando-o pelo seu impulso contrário e positivo, o egoísmo. Esta é a causa por que a natureza, criada por Deus, se mostra egoísta e desapiadada para com o fraco. A astúcia que aparece como mentira, engano, camuflagem, ludíbrio, constitui o começo da inteligência. Esta culmina no homem que é rapace no mais alto grau terreno, e por isto, mata, devora, escraviza os animais todos, e também os vegetais, construindo seus variadíssimos ramos do que ele chama, sem nenhuma vergonha, exploração industrial. Ser inteligente, astuto e forte é o princípio que rege a natureza toda desde o caos, e o homem já está prestes a criar seu paraíso terrenal, e isto, somente, devido a ter-se ele tornado o rei da Criação. E quanto mais se sobe, mais este princípio se evidencia, até que, chegando ao céu, ter-se-á chegado a Deus que é **“a suprema inteligência, causa primária de”** toda essa Grande Indústria do Universo, que Ele, e só Ele, explora em seu único proveito egoístico. Deste modo, o Universo é a Grande Fábrica de Deus, e ele o Industrial por excelência, que explora tudo; e o bem que nos faz é semelhante àquele que fazemos ao porco, ao boi e às plantas. Está tudo bem deduzido Hierão ?

– Está.

– Vamos, então, ao outro enunciado: Fora da caridade não há salvação. E sendo caridade idêntico a amor, segue-se que só através do amor é possível a salvação. E que é salvação, Orsoni?

– Pois salvação é estar isento da dor, já o disse.

– Não pode ser só isso, meu nego, porque os sentimentos têm polaridade. A isenção da dor é apenas um estado neutralista de não sofrer nem gozar. Todavia, sendo o amor um sentimento, se não está transvestido da sua forma negativa, que é a dor, há que estar no seu positivo que é a alegria. Logo, salvação tem que ser mais do que mera isenção da dor; é um estado perene de alegria. Concorda?

– Sim, pois claro! essa é a verdade!

– Por conseguinte, salvação é estar isento da dor, num estado de constante felicidade. E se dissermos, por outro modo, que salvação é estarmos juntos de Deus, permanecer junto dele é o mesmo que não sofrer, e manter-se em estado de felicidade. E é só pelo cultivo e desenvolvimento do amor que se chega a esse estado de alegria e de felicidade. Isto posto, temos a consequência de que quanto mais amarmos ao nosso próximo, mais nos acercaremos de Deus, e, pela recíproca, quanto menos formos amorosos, mais estaremos afastados dele. O amor é altruísmo que se abre e dá de si; pela contraditória, o egoísmo é o impulso contrário que se fecha,

e toma dos outros para si. Podemos, então, concluir, que a salvação coexiste com o amor e com a alegria, no passo em que a perdição está implicada com o egoísmo e com o sofrimento. Se quanto mais se ama, mais se acerca de Deus, e, pela adversativa, quanto mais se desama e se é egoísta, mais se afasta dele, no rumo da perdição e do caos, podemos concluir: Deus é o Amor excelso. Por isso que a aproximação ou afastamento dele, se mede pelo amor. Pondo isto, também, na escala de valores algébricos, Deus será o Ser por excelência ou o Amor pleno e infinito. No outro extremo da escala, no menos infinito, estará o caos como suprema negação do amor, do que resulta a desintegração e desfazimento do ser no não-ser. O Ser é o Amor; a ausência total do amor é o não-ser, em grau extremo ou caos. Por isso, Deus é amor (I Jo 4, 8), e, no extremo oposto, o egoísmo é o Diabo. Se, pois, fora da caridade não há salvação, Deus é o Amor supremo, causa primária de todas as coisas. O amor é o princípio de integração que une e faz o *ser*; pelo contrário, o egoísmo é o princípio de desintegração que desfaz o ser no *não-ser*. Como vêem, da premissa de que fora da caridade ou amor não há salvação induzi, muito por miúdo, o princípio de que Deus é o Amor supremo, causa primária de todas as coisas. Esta é que deve ser a intuição de Deus, por extensão daquela premissa de São Paulo, inserta n'“O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

E depois de um interregno, concluiu o filósofo:

– Agora, podemos ver os corolários disto. O Espírito, no céu, junto de Deus, não sofre. E sendo o amor a capacidade de sofrer com as dores alheias, enquanto houver um só que seja, gemido de dor no Universo, não pode haver um eleito completamente feliz. Portanto, a dor no Universo, terá que ter fim, para que o gozo dos salvos seja só alegria, sem mesclas de dor. E para que a dor do Universo tenha termo, é necessário que a Evolução seja finita, porque Evolução se define como sendo *a anulação progressiva do caos pela integração*, e enquanto houver caos, há sofrimento. A última integração é feita pelo amor, e depois desta, não há mais o que integrar, visto ter tudo chegado a Deus, cessando a Evolução e seu correlativo caos. Para que a felicidade e o gozo dos eleitos seja puro, a dor e a Evolução serão finitas, não sendo possível, por conseguinte, haja criação ininterrupta de Espíritos simples e ignorantes, a partir do caos mais extremo. Para que fora da caridade não haja salvação, duas coisas se impõem, necessariamente: primeiro, que a criação de Espíritos simples e ignorantes não seja contínua por toda a eternidade; segundo, que a Evolução seja finita.

E após respirar fundo, numa pausa, concluiu a olhar para Hierão:

– Não é como eu disse, que esses dois enunciados do Espiritismo se excluem? E como ambos são apresentados sem a síntese, tornam-se iniludivelmente, incoerentes. Se o Espiritismo ensina que o Espírito foi criado em estado de simplicidade e ignorância, a antropopaleontologia nos prova que ele, antes de ser simples e ignorante, subiu a escala evolutiva procedente do caos. A conclusão inexorável é que o homem, em primeira instância, saiu do caos. Ora, todas as dores e aflições do mundo provêm desta origem caótica do Universo. Mas isto não é tudo, porquanto o absurdo e incoerência mais se ampliam, com afirmar a Doutrina Espírita que Deus cria de contínuo, sem que nunca o possamos imaginar inativo (R. 80). Este ensinamento levou o grande mestre espírita Dr. Fáeton a afirmar que o mal e a dor são eternos; “não podem ser eternos para os mesmos indivíduos ou para as mesmas criações, mas são contingências naturais, forçadas, que eternamente se repetem para todos os seres, quando evolucionam nos graus inferiores da escala da vida universal”. Este Deus não é, então, nem de amor, nem de justiça, antes, sádico, como, há dias, o disse Bruco, para tal desejar e executar. E os seres evoluídos ficam insensíveis, como é Deus, às dores medonhas pelas quais estão passando os irmãos nos planos inferiores? E se os anjos forem sensíveis, hão de sofrer a dor dos debaixo, por empatia e solidariedade, dando-nos a conclusão iniludível de que a dor tanto sangra embaixo, como zurze em cima. Seria que os Espíritos que atingiram o plano da angelitude se esquecem dos irmãos que ficam a sofrer embaixo? Que significação teria, então, a descida de Cristo ao nosso charco, para ser sacrificado, depois que desceu ainda mais, a pregar aos espíritos em prisões subcrostais (cavernas), que ali se encontravam desde os dias de Noé? (I Pedro, 3, 19). Não se envergonhará, então, da sua indiferença egoísta, para com os infelizes do vale escuro, o luminoso espírito Albano Metelo, conforme no-lo relata André Luiz? (Obreiros da Vida Eterna, 15 e 16 - 2.^a Ed. F.E.B.). Teria falseado à verdade Emmanoel, ao afirmar que sua estrela esplendorosa Alcione (Livia do “Há

Dois Mil Anos), atendendo a seu pedido (Renúncia, 19), reencarnou-se, para auxiliá-lo na pessoa física de Carlos, vindo ela a morrer-lhe nas mãos, encarcerada numa das masmorras do Santo Ofício, por seu (dele) desleixo criminoso, visto como ele era adjunto (Renúncia, 450) do Inquisidor Mor, em Madrid? Mentiria André Luiz ao afirmar que sua mãe iria trocar seu asilo de luzes pelas trevas do mundo, em que faria reencarnação sacrificial, a fim de salvar Laert e as pobres meretrizes a ele imantadas, em virtude das muitas promessas que ele lhes fizera, e que agora as havia de cumprir, tendo-as por filhas? (Nosso Lar, 226 a 228 - 3.^a Ed. F.E.B.). Quando é, então, que cessam as dores para nosso espírito eterno, se quando já não as temos, próprias, abraçamos, por nossas, as dores alheias? Será que enquanto houver um só gemido de dor que seja, no Universo, algum serafim poderá ser completamente feliz?.

E depois de o mestre considerar em silêncio, acrescentou:

– Mas convenhamos em que, como quer Aristóteles, Deus seja impassível; logo, não é amor, porque muito sofre quem ama. Deus é, então, impassível, para não ser amor, e quanto mais se sobe na escala da angelitude, tanto mais se vai assemelhando a Deus na impassibilidade. Porém, que é, então, da caridade ou amor, em que se fundamenta o Espiritismo, fora da qual, diz, não há salvação? Seria que fora da caridade não há salvação, e dentro da salvação não há caridade? Seria o anjo aquele que realizou o ideal da filosofia, exceto da de Platão, que consiste na impassibilidade pelo desprendimento da vida? A ser verdade isto, quanto mais se sobe na escala espiritual, tanto mais se entrega o Espírito à contemplação metafísica, ao abandono de si mesmo e isolamento egoísta, para estar mais acercado de Deus, o Impassível.

Disse. E enfrascando-se, após, em profundos pensamentos, assim ficou por certo tempo, depois do que, concluiu:

– Tal, meus amigos, a *premissa maior* a que somos levados pela indução lógica, se partirmos do enunciado espírita da eternidade *do mal e da dor*, em virtude da criação ininterrupta de Espíritos inocentes que, apesar disto, são flagelados em todos os passos da evolução. E esta situação ainda mais se agrava, com admitirmos que a dor só existe embaixo, nos planos inferiores, e não, em cima, no céu, porque isto nos faz pensar num céu de egoístas e de indiferentes. Eis aqui *céu e inferno* eternos, a cindir o *todo* num sistema dual, em que bem e mal são normais, ou seja, naturais, ou ainda, características essenciais da divindade, como queria Baruch Espinosa, no passado, e como quer o grande mestre espírita Dr. Fáeton, no presente. Um Universo fundado no mal e na dor (caos) eternos, pressupõe a ditadura de um Deus bárbaro, cruel, sanguinário, sádico (e tremam-se os espíritas que isto aceitam!), pior do que o Jeová-tribal, o Deus terrível, ciumento, vingativo e gostador do cheiro de assados, segundo a concepção dos antigos hebreus, porque este Deus ao menos era mais humano e sensível, visto que parcial, pendendo sempre para o seu povo eleito. Presumo que estas conclusões já tenham constituído uma tortura íntima para todos os que puderam enxergar esta contradição n“O Livro dos Espíritos”, todavia, se silenciaram, para não dividir, chegou o tempo, e agora é, de se bradar esta verdade mais completa, para que se faça obrigatória a renovação mental de todos. A blasfêmia embora não intencional, implícita na teologia espírita ir-se-á cada vez mais evidenciando, virá à tona, através de discussões, de luta, será cada vez mais posta ao nu, saltará à vista, de modo que nenhum espírita consciente terá paz interior, se tentar admiti-la diante de Deus. Contudo, se a teimosia (misoneísmo) dos espíritas lhes tapar os ouvidos, para não ouvirem, e os olhos, para não enxergarem, a blasfêmia continuará, como um anacronismo, a exigir das novas gerações (odres novos) a recolocação do Espiritismo nos seus verdadeiros fundamentos que são progressivos e dinâmicos, e não, como agora querem, definitivos e estáticos. Ninguém será capaz, jamais, nunca, de desfazer, ou contornar, ou iludir o inexorável desta conclusão: se a Evolução é um fato, ou se admite a queda, ou não há Deus. Não importa, todavia, que esta proposição seja irrefragável. As abelhas, conquanto saibam ser impossível prostrar por terra o homem, hão de molestá-lo sempre, com picar-lhe a pele...

E indo o pensador à estante, pegou dela um livro; e tendo-o aberto num ponto marcado, leu para todos:

– “Em todos os tempos e em todos os lugares, os homens são os mesmos. O fato dum homem se ocupar com a ciência não lhe altera a natureza humana. De cem homens, noventa e cinco repelem *a priori* as novas verdades; e, com particular obstinação os que apresentam

“verdades” profissionalmente, porque ninguém admite de bom grado que se converta em erro o que ensinou, durante três decênios, como exato. Depois dos quarenta, ninguém gosta de reformar os seus conhecimentos, porque os velhos erros são mais cômodos do que as novas verdades; é o que se dá com os sapatos usados que recalçamos em trocar por novos. Em consequência, toda verdade, segundo Schopenhauer, não passa de celebração efêmera duma vitória, entre os dois longos períodos em que ela foi condenada como paradoxo e será menosprezada como trivialidade. A história das teorias novas repete-se, estereotipada. Os sábios de 1.600 insistiram obstinadamente em que o Sol gira em torno da Terra, apelaram afinal para o papa. A nova geração, tão esforçada em defender a doutrina de Copérnico, envelhecendo não foi melhor, já que se insurgiu contra a nova teoria da circulação do sangue; a luta geral contra os “circuladores” foi imortalizada drasticamente por Molière. Também não foram mais clarividentes os filhos dos “circuladores”, combatendo a idéia de serem os fósseis animais petrificados. E, por seu turno, os da geração seguinte amargaram de tal maneira a vida ao infeliz médico Roberto Mayer que se atrevera a inventar uma lei física: o princípio da conservação da energia – que o pobre homem acabou num hospital de alienados. Nem teve melhor sorte o seu contemporâneo Semmelweis, pregando o asseio no quarto das parturientes; nem Pasteur, mais tarde, ao divulgar a sua tese da infecção. Virchow foi um dos homens mais progressistas do seu tempo, uma verdadeira glória da ciência e da política; entretanto defendia obstinadamente o disparate, evidentemente improvável, de ser o crânio do homem de Neandertal o dum indivíduo que sofrera de raquitismo na infância e, na velhice, levava uma pancada na cabeça. Não podia haver – sustentava ele – um homem primitivo. Contra a teoria da relatividade, os físicos de 1920 fundaram uma “Associação para a defesa da ciência germânica”; e os psicólogos, cujos filhos se tornaram analistas, realizaram um congresso “contra a psicanálise”. Assim foi, e assim é, e assim será amanhã; porque não se trata, no caso, de justo ou de injusto, de inteligência ou de estupidez, mas dum fenômeno psicológico de raízes profundas, que devemos admitir e que sempre se repetirá, como os bebês sempre hão de chupar o polegar”⁴⁰².

E trocando o pensador “O Livro da Natureza” pelo “Evangelho”, prosseguiu:

– Desesperado com este fatalismo psico-histórico, brada Cristo aos do seu tempo: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos, e dizeis: Se existíssemos no tempo de nossos pais, nunca nos associaríamos com eles para derramar o sangue dos profetas. Assim, vós mesmos testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. Enchei vós pois a medida de vossos pais” (Mat 23, 27 a 32). E noutro lugar: “Jerusalem, Jerusalem, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!” (Mat 23, 37).

– Mas os Espíritas não farão nada contra o senhor, pode estar tranqüilo, comentou Hierão. Eles são diferentes... por estarem animados do ideal cristão.

– Farão sim senhor! retrucou o filósofo; porque o fenômeno é psicológico e histórico. E um fenômeno, invariavelmente, se repete, dadas as mesmas causas, e sob as mesmas circunstâncias. E a primeira coisa que já me fizeram, foi darem-me com as portas na cara, impedindo-me de escrever nos seus jornais e revistas espíritas. Para que meus escritos possam sair à luz por tais veículos, precisariam trazer, como diz aí, o Bruco, o “Imprimatur” espírita que declara: “*ejusaen farinae*”, que quer dizer: **da mesma farinha**.

– E o senhor já se preveniu contra o que possa vir?

– Já! Faz já bem tempo que me recuso a ler os dislates contra mim escritos. Há pacotes de revistas que jamais abri, e tais como vieram do correio, jazem, empoeirados, numa prateleira de refugos. Assentei comigo mesmo que não tomo conhecimento dos desabafos temperamentais, das tempestades emocionais, dos chistes e dos sarcasmos daqueles que falam muito, mas não dizem nada. Desprezo, sem nenhuma consideração, quaisquer furores, sejam eles poéticos, sejam proféticos; move-me a riso as exacerbações nervosas, os acervos de palavras ocas, ainda que tempestuosas e prenhes de raios. O que exijo dos que me enfrentam, são pensamentos lógicos, precisos, exatos, claros, frios, cortantes, aplacadores. Os amontoados vocabulares são sempre para encobrir a vacuidade dos conceitos, e é por isso que tanto mais se grita e vocifera, quanto

mais os argumentos são fracos. O que interessa é a verdade, e só a verdade, a qual, embora seja única e imutável no eterno, para nós relativos, é progressiva: assim a verdade menor, mais superficial, deve ceder o lugar à maior, mais completa e profunda, posto possa ainda não ser total. E como a verdade vem do alto por inspiração, cada vez mais completa, para os que a podem suportar, temos que ela não é de ninguém, como o não são a água e o ar. Se bem no Espiritismo não possa haver excomunhões, eu já estou excomungado; não sendo ele obra humana, ninguém há na Terra investido de autoridade para excomungar; contudo, como é comum acontecer, os homens tomaram de assalto a obra divina, excomungando-me com a sentença: *esse não é espírita!* Dar-se-á, então, em virtude de a história repetir-se, que nós, os excomungados, como fez Cristo, como fez Lutero, reunir-nos-emos numa nova comunidade, conservando, com outro nome, o que de substancial, de verdadeiro e de divino se contiver no Espiritismo. “Eis que faço novas todas as coisas” (Apc 21, 5), diz Deus na inspiração de João Evangelista. É por este modo que as coisas novas saem das velhas, e a verdade avança.

– Diante do exposto, prosseguiu o filósofo, fica evidente a inutilidade de se procurar os congressos espíritas para se discutir as reformas de base do Espiritismo. É completamente inútil pedir aos congressistas espíritas aceitem e incorporem tais ou quais obras à doutrina; pois claro: eles representam a velha guarda, e por isso hão de estar vigilantes, e serão os primeiros a se insurgir contra as inovações. Nem é preciso esperar venham mais revelações da parte dos espíritos, visto como as premissas foram já lançadas, há mais de cem anos. Por este motivo as reformas hão de sair das próprias premissas pelo uso da reflexão, da lógica, da dialética e da crítica que disciplinam a inteligência, mostrando qual a atitude a tomar e quais os processos a empregar na descoberta da verdade. Feito isto, a reforma se impõe a todos os que pensam, com ou apesar dos congressos.

E após refletir um pouco, continuou:

– A Evolução é um fato; logo, ou ocorreu a queda, ou não há Deus. Desde que a Evolução se positivou como verdade de fato, este raciocínio se impõe como uma gravação a ferro em brasa. Se Aristóteles, Lineu, Cuvier, Kant e outros admitissem a Evolução, teriam de colocar este problema: visto que há Evolução, para que haja Deus, então, preciso é ter havido a queda. Ora aqui está o ponto: o Espiritismo declara haver Evolução, afirma Deus, mas nega tenha havido a queda das almas do lugar celeste como o enxergara Platão e como está na base de todas as grandes religiões e dos mitos. Por esta causa, desde agora, o Espiritismo estará em xeque-mate; quanto à sua filosofia. O gênio de Aristóteles previu que, havendo Evolução, ou não há Deus, ou ele será negativo. Platão, porém com olhos de águia ou de lince, enxergou que as almas caíram, donde vem que, conquanto haja a Evolução delas, ou a volta delas para o *topos uranos*, há Deus. E por hoje basta.

SERÕES FILOSÓFICOS

Capítulo I

Estudo do Movimento Vorticoso

No dia imediato ao em que Árago abordara o problema dos turbilhões eletrônicos, logo pela manhã, ele se pôs a trabalhar nuns desenhos, para objetivar os estudos que se dispunha desenvolver, à noite. E munindo-se dumas folhas de cartolina, foi grafando nelas o seu pensamento. Depois, coloriu as partes do desenho para destacá-las. Prendeu uns sarrafos de madeira em cima e embaixo de cada folha, para pendurá-las à parede por um barbante.

Descida a noite, todos os estudiosos se reuniram na sala da biblioteca, e tomando o pensador o seu lugar, deu início aos estudos ao dizer:

– Descartes, como já temos visto, deu novo rumo ao pensamento filosófico iniciado pelos gregos. Partindo do seu “cogito”, achou que o meio de não se enganar consiste em ocupar-se de idéias muito simples e muito claras das verdades de razão. E assim procedendo geometrizou o mundo no que pôde, e no que não pôde, reduziu-o às verdades físico-matemáticas. Descobriu o modo de fazerem trabalhar juntas geometria e álgebra, e com isto deu ao mundo a geometria analítica. Prosseguindo nesta mesma linha, Leibniz, mais tarde, descobre o cálculo diferencial e integral. O primitivo pensamento de Descartes era o de simplificar o mundo para entendê-lo; no entanto, o mundo se acha hoje complicado por fórmulas, por gráficos, por instrumentos, de modo que ele se nos apresenta como um outro mundo, completamente artificial e apartado da natureza. Só se fala em termos de matemática; contudo, Bertrand Russell que era matemático antes de ser filósofo, acabou por concluir que a matemática não sabe do que fala, nem se o que fala é verdadeiro. Por isso mesmo expressa esta opinião: “Não podemos abordar todos os nossos problemas filosóficos mediante o método objetivo, mas vale a pena segui-lo até o ponto em que ele nos leve”⁴⁰³.

E depois de refletir um pouco prosseguiu:

– O idealismo está por toda parte e nos aturde pelo modo subjetivo e artificial de tratar as coisas. A matemática divorciou-se da vida prática, a física tornou-se num amontoado de fórmulas, de modo que se sai das escolas, assim, meio que nem um robô que sabe tudo, mas não pensa nada. Não se pode manter duas palavras com um técnico moderno, sem que ele nos faça logo umas fórmulas, e depois conclua: “eis a essência do fenômeno!”. Ou então, como declara José Ortega Y Gasset: um físico-matemático, apontando para uma fórmula, nos afirma: eis, aí está, o universo! O que está faltando no mundo, Bruco?

– Está faltando o pensamento representativo, a imagética.

– É isso mesmo: falta a representação das coisas, e nossa mente esta afeita a trabalhar por meio de representações, e não, por meio de abstrações puras totalmente destituídas de imagens. E é por isso que as matemáticas e a física se transformaram em instrumentos de tortura para os adolescentes. A tendência idealista fez do estudo da língua puro estudo de gramática em que o gramatiquismo substitui a arte prática do escritor. A própria linguagem diária está pejada de termos idealistas, subjetivos, e por isso falamos de coisas próximas e concretas, como se elas fossem vagas, ideais e distantes. Certa vez José Ortega Y Gasset foi repreendido por u’a moça que lhe disse: exijo que o senhor me trate como um ser humano! Então, respondeu-lhe ele: a senhorita, de certo vem de alguma escola idealista para me pedir isso; eu sempre me encontro com homens e com mulheres concretos, reais, e, nunca, com seres humanos gerais, abstratos, distantes. É por esta causa que Bertrand Russell considera Kant uma desgraça. Foi, de fato, uma desgraça ter o idealismo subjetivado o mundo concreto e real que nos cerca. É, pois, necessário e urgente reagir contra essa pura idealidade artificial que nos fala das coisas individuais pelos seu conceitos, em vez de pelas suas imagens reais. Deste modo, nosso estudo de hoje será feito, tanto quanto possível, por imagens representativas da realidade, e não, por seus conceitos abstratos, ideais, completamente carentes de realidade objetiva. Faremos um esforço para imaginar e representar as coisas o mais possível. E tudo o que eu disser, dou-o como hipótese de

403 Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 88

trabalho. As hipóteses são tão necessárias como os andaimes, sem os quais o edifício não pode ser construído; mas os andaimes não são o edifício, e por isso são retirados quando desnecessários. Está bom assim, Bruco?

– Está.

– Então vamos começar por um fato que todos vocês já tiveram a oportunidade de observar, que é o redemoinho aéreo. Um pé-de-vento vindo do mar, dá numa montanha, voltando-se sobre si mesmo. O resultado é o encontro de ventos, com a conseqüente formação de um remoinho aéreo. Antes não havia nada ali no sopé da montanha; já, agora, vemos formar-se uma individuação do meio. Esse indivíduo vorticoso resulta do encontro de ventos (ou de forças), e neles, se equilibram as forças centrípeta e centrífuga. A poeira aspirada pelo vórtice, é que lhe dá visibilidade, forma um cilindro na sua parte mais rígida, enquanto que, no centro do cilindro, se forma o vácuo, em razão do que os remoinhos aspiram por uma extremidade, a boca, e expõem por outra, o anus, lembrando um ser vivo no seu processo vital de assimilação e desassimilação. Por isto, o vórtice é um ser dinâmico, uma individuação do meio que o cerca e que o constitui. O movimento turbilhonar gera a força centrífuga que tende a abrir as voltas do vórtice; porém, o eixo dele, visto que representa uma rarefação, puxa as voltas para o centro; ou de outro modo: em virtude da rarefação do ar no centro, a pressão atmosférica aperta o vórtice por todos os lados, acabando por penetrá-lo por uma extremidade, que é a boca, e saindo pela outra, que é o anus. Então, fica entendido que a força centrípeta não é algo que puxa para o centro, senão pressão do espaço que atua de fora para dentro premindo o corpo do turbilhão. A palavra centrípeta dá idéia de força que puxa para o centro, o que não existe, pois, na realidade, o que há é força perífuga ao centro, resultante da pressão do espaço sobre o vórtice. Alguma objeção, Bruco?

– Não... nenhuma. Isso que o senhor diz é intuitivo, axiomático, peremptório.

– Então, verificamos nos vórtice duas forças contrárias que se equilibram: uma é a centrífuga, nascida do movimento de rotação, e outra, perífuga, oriunda de pressão atmosférica, da pressão do espaço. Os grãos de poeira e demais detritos, giram com o ar na parte rígida do vórtice, no lugar em que as forças perífuga e centrífuga se anulam. As trajetórias das partículas, no remoinho, situam-se no ponto zero, ou seja, no da anulação dos impulsos opostos. Se chamarmos à força centrífuga C, e a perífuga P, podemos construir esta fórmula:

$$P + C = 0$$

E voltando o mestre ao seu lugar, de onde se levantara para pôr a fórmula na lousa, continuou:

– Ainda tornaremos a este ponto, quando se tiverem aclarados outros que lhe são correlatos. A segunda coisa que temos a notar no remoinho, é o sentido do movimento. A rotação do cilindro vorticoso faz que as partículas girem circularmente em plano horizontal. Cada grão de pó descreve uma circunferência ao redor do eixo, em plano horizontal, e o empilhamento das circunferências que elas descrevem, dá o aspecto de cilindro ao turbilhão. Contudo, as partículas que atravessam o vórtice de um extremo a outro, fazem-no em sentido vertical, e resulta da força perífuga que procura penetrar no vórtice, só o conseguindo por sua boca. Há dois movimentos, portanto, no ciclone: o horizontal, em que as partículas giram em circunferência, e o vertical, em que elas acompanham o sentido do eixo de uma extremidade à outra. O plano das circunferências está, invariavelmente, a noventa graus do eixo do sistema. Está bem claro isto, Bruco?

– Está perfeitamente claro.

– Então podemos resumir tudo isto em três leis do vórtice; a primeira diz: todo turbilhão resulta do encontro de forças contrárias; segunda: a zona rígida de todo vórtice é o lugar em que se equilibram os impulsos centrífugo e perífugo; terceira: o plano das circunferências está invariavelmente a noventa graus do eixo.

E olhando o pensador para Bruco, interrogou:

– Há mais alguma coisa a acrescentar?

– Acho que não. Tudo está claro como um dia de sol.

- E o elétron é um vórtice, Bruco?
- É.
- Então são aplicáveis a ele as leis do vórtice ?
- Que dúvida!?
- Então, pela primeira lei, o elétron resulta do encontro de forças contrárias; que forças são essas, Bruco?
- Essas forças originam-se da onda de energia, que, encontrando uma resistência, volta-se sobre si mesma, enrolando-se no vórtice eletrônico.
- Pela segunda lei, deve haver no elétron uma zona rígida em que se equilibram os impulsos perifugo e centrífugo ?
- Exatamente.
- E o plano das voltas ao redor do eixo está a noventa graus deste?
- Isso mesmo.
- E de que se constitui o elétron, isto é, qual a substância que gira nele?
- Pois é a substância corpuscular e a etérea, que é o espaço de estrutura corpuscular, segundo a hipótese do Prof. March que vimos ontem. Só que eu não estou muito propenso a admitir isso.

– Por que? interrogou o mestre.

– Ora, por que? Ouça isto: “O éter, diz Einstein, em primeiro lugar não é demonstrável, em segundo não é verossímil, em terceiro não é necessário”. Mais: “Em substituição, diremos: o *espaço* tem a propriedade física de conduzir ondas, e assim evitaremos o uso de uma palavra, que resolvemos não mais usar”⁴⁰⁴. E mais isto: “Depois desta odisséia, claro que chegou o momento de esquecermos o éter, e de nem sequer lhe pronunciarmos o nome. Devemos dizer: o espaço tem propriedade de transmitir ondas – desse modo evitaremos a enunciação duma palavra morta”⁴⁰⁵.

E fechando, Bruco, a pasta em que trazia suas anotações, ficou aguardando a resposta de Árago, que não se fez esperar:

– Eis a maravilha, prezado Bruco! O éter é uma palavra morta; mas esse *espaço*, puro e simples, sem mais nenhuma explicação do que venha a ser, é uma palavra viva? Do éter se fez uma análise pormenorizada para demonstrar-lhe a inexistência; repetir essas mesmas experiências com o tal de espaço, não é preciso? Ora, meu caro! o espaço puro é uma idealidade e se classifica entre os objetos ideais! Todavia, se considerarmos o espaço como coisidade, como realidade objetiva, ele é sinônimo de matéria com a qual se confunde, estando sujeito às contingências dela. Que malabarismo praticou, então, Einstein? Pois com ser cientista puro, e nada filósofo, fez esta inolvidável violência à razão: considerou o espaço puro, abstrato, subjetivo, ideal, como coisidade ou realidade (de res = coisa). É realidade porque possui propriedades materiais, como é o caso da transmissão eletromagnética da luz que ele próprio deu como sendo energia-substância. É imaterial ou ideal porque não possui propriedades materiais que precisem ser demonstradas como o exigiu do éter. Com este estapafúrdio fez do conceito de espaço um objeto que é e que não é, que leva em si uma contradição iniludível, como a de se dizer: *idealidade material*; ou *materialidade ideal*; ou *realidade imaterial*. Essa ininteligível *idealidade material*, essa *não-coisa que é coisa* é o espaço. Esta pura idealidade possui propriedades materiais como a de possibilitar a propagação das ondas. Deu ele coisidade ao que é, por sua natureza, ideal; com isto afastou os problemas que o éter suscitava, sem reparar que cometia o maior dos atentados à razão, justamente ele que, por ser matemático puro, deveria ser o rei da razão. O ideal e o real pertencem a regiões ontológicas diferentes. O espaço de Einstein, ou é material, ou não o é. Para possuir propriedades materiais, tem de ser material, objetivo, concreto, real, e o problema do éter se persiste. Para o espaço ser pura idealidade, como todos os objetos matemáticos o são, não possui propriedades materiais, e num tal espaço subjetivo, mera forma de conhecer (Kant), não se propagam ondas reais nenhuma. Ficou claro isto Bruco?

– Ficou mais que claro.

– Mostrando-se impotente o cientista Einstein em resolver o problema do éter, trocou-o

404 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 28

405 Einstein e L. Infeld, Evolução da Física, 202

por seu correspondente ideal, o espaço; depois, *absurdamente*, conferiu propriedades materiais a esta idealidade pura, e então tudo se resolveu facilmente. E o coro dos papagaios (Schopenhauer) continuou repetindo o absurdo, só porque ele provinha de uma autoridade incontestável. E porque a história se repete, assim como na Idade Média se cria na infalibilidade de Aristóteles, na Idade Moderna se crê na de Einstein. Está certo isto, Bruco?

– Está.

– Então o falaz artifício de Einstein não conseguiu derrubar a hipótese do éter ?

– Não conseguiu, pois claro! Como pode um absurdo ser verdade?

– Então, tornou, sorrindo, o mestre, deixemos Einstein de um lado, com seu paradoxal espaço, e toquemos por diante, com o nosso assunto.

– Fritz Kahn, no seu livro “O Corpo Humano”, primeiro volume, página 4, não só dá o desenho do elétron que copiei, de forma ampliada na figura n.º 1, ali, no cartaz fixado à parede, como ainda faz dele uma descrição. Vou ler o texto de Fritz Kahn, para o que peço a atenção de todos:

– “O *elétron*. O espaço em que se movem os sois não é vazio mas provavelmente cheio de uma substância fina, chamada “éter”; os espaços sidéreos são, pois, um mar de éter. Como na água do mar, há neles ondas, correntes e redemoinhos”.

– “O redemoinho é um encontro de forças em que a matéria atrai ou repele a sua vizinhança e assim se mantém em tensão. Todos conhecem a força de tração e a tensão que os redemoinhos da água produzem nos batoques dos tonéis. Tais centros de força no éter são os redemoinhos do éter ou átomos primordiais (fig. 2). A força de tração com que os redemoinhos etéreos atraem ou repelem o éter chama-se eletricidade, enquanto esse redemoinho é chamado elétron; a tensão por ele produzida no éter é denominada magnetismo. Admite-se que o elétron tenha carga negativa ou positiva conforme os redemoinhos etéreos atraiam ou repilam o éter. Os redemoinhos etéreos carregados de eletricidade, ou elétron, são a unidade fundamental de toda a matéria e de todas as forças do Universo. Todos os corpos – o sol no espaço, o globo terrestre em que vivemos, a casa em que nos encontramos, o livro que temos na mão, diante dos olhos do físico – tudo isso nada mais é do que reuniões de elétrons. Também o corpo humano é, do ponto de vista físico, um sistema, extremamente complicado, de turbilhões etéreos, isto é elétrons”.

Fechando o livro, pôs-se o mestre a refletir, depois do que continuou:

– O espaço caracteriza-se por suas três dimensões; ora, o elétron é uma limitação espacial, isto é, a três dimensões; logo, o elétron é matéria. O torvelinho eletrônico é apenas u’a matéria diminuta, assim como o vortilhão galáctico é u’a matéria grande. Aquilo que, num turbilhão de matéria grande se nomeia gravitação, no elétron, se chama eletromagnetismo. Um elétron é um turbilhão que se forma no seio do oceano etéreo. O redemoinho é uma individuação formada *no* e *do* meio, semelhante ao torvelinho que se origina no ar, como já vimos, ou na água, quando se verifica o encontro de movimentos. No remoinho aéreo e aquático observamos uma força de sucção, e uma de repulsão. Quando, após o banho, soltamos a água da banheira, verificamos a formação de um vórtice. A água, vinda de todos os lados, encontra-se no ponto comum do escoamento; como consequência disto, do encontro, começa a massa do líquido a girar sobre si mesma, e, em girando, cria a força centrífuga que a faz afastar-se para os lados, produzindo um buraco no centro do movimento. Mas este é um vórtice predominantemente perífugo, no qual aparece uma componente (ou oponente) centrífuga. Porém, há torvelinhos que, às avessas deste, são predominantemente centrífugos, sem, contudo, deixar de existir a componente perífuga. Por causa disto, todo o vórtice é uma individuação expansitiva ou retrativa, havendo, em qualquer dos casos, dilatação e compressão ao mesmo tempo, equilibrando-se as forças. Às vezes o vórtice gira mais veloz sobre si mesmo, e se restringem as voltas, em razão do que ele se aperta, se enrijece, assimilando, em si, mais elementos do meio ambiente. Sua massa ou quantidade de matéria aumenta, precisamente, por que a tomou de fora. Nesta fase, como se vê, predomina a força perífuga, ou seja a de sucção. Às vezes, porém, o turbilhão diminui a sua velocidade, as voltas se afrouxam, a massa e a rigidez diminuem, e ele tende a desfazer-se em nada, devolvendo a sua substância ao meio de que proveio pelo encurvamento. Logo, como o elétron é um torvelinho do meio etéreo, não possui massa constante, visto como pode apertar as suas voltas, e absorver, em si, mais substância do meio, ou pode afrouxar-se, e até, teoricamente, desvanecer-

se em nada, isto é, cessar de existir individualmente, por restituir a sua substância ao ambiente de que dimanou. O elétron nasce pelo encurvamento do meio etéreo sobre si mesmo; sua morte teórica, pois há de estar no desencurvamento, tal como ocorre com um remoinho aéreo.

E ponderando, um pouco, em silêncio, prosseguiu:

– Pelo visto, no elétron, pode predominar a força atrativa, centrípeta a ele, que eu resolvi chamar perifuga, ou pode predominar a oposta força repulsiva ou centrífuga. Estas forças perifuga e centrífuga, no nível eletrônico, recebem o nome de magnetismo. A eletricidade é o movimento mesmo do turbilhão eletrônico; o magnetismo é a força de atrair ou repulsar. E assim como a gravitação é um binário de forças, o eletromagnetismo do elétron também o é. Aquilo que, na gravitação, se chama tensão centrífuga e perifuga, no elétron, ganha o nome de magnetismo de polaridades opostas. Todavia, do mesmo modo como no turbilhão aéreo, a rotação do vórtice é um só para o binário perifugo-centrífugo, no torvelinho eletrônico, a eletricidade é a corrente rotativa do vórtice simplesmente. Quando um remoinho aéreo gira velozmente sobre si mesmo, ora assimilando mais ar, e ora desassimilando-o, aparecem duas pressões opostas em jogo, uma centrífuga e outra perifuga. Esta tensão de duplo sentido, que o remoinho produz no meio, é a gravitação; como se vê, a gravitação é bipolar, visto como há forças que são contrárias, agindo em oposição coordenada. No elétron, esta mesma força bipolar se chama magnetismo. A eletricidade é o movimento mesmo do turbilhão eletrônico, e não tem polaridade, como ocorre com o campo magnético, senão apenas sentido de corrente. Deste modo não há duas eletricidades, uma positiva e outra negativa, senão apenas há sentido do movimento de um potencial mais alto, que por tradição, mas erradamente, se chama negativo, para outro mais baixo, ou nulo, que se convencionou, absurdamente, chamar de positivo. As forças pois, de atrair, ou de repelir, mudam de nome, somente, em virtude de se mudarem os indivíduos em que se produzem. No nível eletrônico o campo gravífico de forças é o campo magnético, enquanto que o vórtice é o elétron, sendo a rotação dele a eletricidade, e o sentido do seu movimento, o sentido desta.

E indo-se o mestre para onde estavam as figuras desenhadas, e após munir-se de uma varinha, foi apontando para as partes dessa, ao tempo em que explicava:

– A figura N.º 1 é uma *tentativa de representação* do vórtice eletrônico.

Fig. 1

Como vêem, o movimento do turbilhão (a) faz ângulo reto com o campo magnético (b) que o envolve. Quer dizer que tanto o magnetismo, quanto a eletricidade, mais não são do que movimentos etéreos de sentidos perpendiculares entre si. Onde há um, forma-se o outro, integrando a unidade dual do eletromagnetismo. De acordo com esta hipótese, a eletricidade resulta do movimento de rotação do elétron, sendo sua velocidade a desta rotação. Ao longo de

um condutor os elétrons se arranjam como ilustra aqui o desenho N.º 2, representando, esquematicamente, uma secção de um condutor em sua projeção ortogonal em relação à superfície desta cartolina.

Fig. 2

O sentido da corrente elétrica é dado pelo movimento rotativo dos elétrons livres, isto é, não presos a átomos nenhuns, estes elétrons livres enfileiram-se ao longo do condutor, guardando, entre si, certa distância, na parte em que seus movimentos são contrários, semelhantes aos das rodas de trás e da frente de quaisquer veículos. Todavia, os campos magnéticos se associam, por suas polaridades opostas, envolvendo o condutor, assim como também os corpos turbilhonantes dos elétrons. Como vêm, os movimentos turbilhonares dos elétrons se somam, por se desenvolverem num só sentido, na superfície do condutor. Se a corrente for alternada, os elétrons não alteram suas rotações, porém, mudam de sentido de seus eixos. O ponto zero ou nulo duma alternância elétrica se dá no momento em que os eixos eletrônicos ficam paralelos ao sentido longitudinal do condutor. Se a frequência das alternâncias for muito alta, suas pulsações ou mudanças de sentido se propagam pelo éter, num processo comunicativo de próximo em próximo, que são as ondas hertzianas. As ondas eletromagnéticas se propagam pela associação dos elétrons livres no espaço. O oceano etéreo há formado tantos elétrons, que estes constituem um outro oceano, o eletrônico, através do qual as ondas eletromagnéticas se propagam. O oceano eletrônico do espaço está saturado de elétrons donde provém as propriedades eletromagnéticas do espaço. Deste modo, uma oscilação hertziana, luminosa, gravífica, etc., orienta, segundo ela os eletrons vizinhos, e esta orientação iniciada pela onda, se propaga de próximo em próximo, não por choques, mas por orientação de campos. E assim tais oscilações se propagam pelo espaço-tempo (energia-matéria) com a velocidade da luz. E digo espaço tempo, porque participando os eletrons das propriedades da matéria (espaço), ao

mesmo tempo são vórtices dinâmicos, isto é, de energia (tempo). Por isso o espaço eletrônico, ou seja, o mar de elétrons, é dínamo-material, isto é, uma forma intermediária entre matéria e energia.

E voltando a apontar o desenho N.º 2, prosseguiu:

– Se o potencial aplicado ao condutor acelerar de muito o movimento turbilhonário dos elétrons, o atrito do movimento, na superfície do condutor, fá-lo, a este, aquecer-se. Com o aquecimento, os elétrons se afastam mais para fora, enfraquecendo a corrente originada por seus movimentos rotatórios, e por isto é que a resistência elétrica aumenta com o aquecimento dos condutores. Por razão idêntica, quando a disposição dos elétrons nos átomos de um certo corpo, não permite grande aproximação dos elétrons livres do espaço, esse corpo, dizemos, possui grande resistividade elétrica. Pela recíproca, quando as disposições das órbitas eletrônicas dos átomos, permitem grande aproximação dos elétrons livres, temos um corpo bom condutor de eletricidade. É assim que se explica por que o calor influi na resistividade elétrica, de maneira que há corpos cujas condutividades só se tornam ideais às baixas temperaturas.

– Pelo que se vê, continuou o pensador, o elétron, sendo matéria pelo seu vórtice, porque este representa a tridimensionalidade do espaço, é, contudo, também, energia pelo seu campo magnético de forças, e, como tal, está sujeito às contingências do tempo. Nesta unidade vorticiosa, mais que em qualquer outra, tempo e espaço estão jungidos um ao outro, pelo que o elétron participa das propriedades do espaço e mais as do tempo, uma vez que se trata de um ser intermediário entre matéria e energia.

E passando a ponta da vara para o terceiro desenho, continuou:

– Há duas maneiras básicas de os elétrons se associarem entre si. Na associação paralela, como vêm aqui na figura 3, os eixos eletrônicos ficam paralelos entre si.

Fig. 3

– Aqui os elétrons se emparelham, sintonizando seus vórtices. Neste caso, um gira ao contrário do outro, e os campos se associam de um modo. Já na associação serial, aqui na figura 4, os elétrons

Fig. 4

se ligam pelos pólos opostos, de sorte a se movimentarem no mesmo sentido. Aqui, porém, os campos se somam de modo diferente do caso anterior. Como vocês estão enxergando, os campos somados, envolvem igualmente os dois elétrons. Uma vez compreendida estas duas associações básicas ou elementares, fica fácil de entender as associações mistas, isto é paralelo-série e série-paralela que são vistas aqui na figura 5.

Fig. 5

– A natureza tão pródiga em fazer arranjos, não iria desprezar, está claro, estas possibilidades. O desenho N.º 2 representa o campo eletromagnético num condutor que tem sua ponta voltada para o observador. Mas ali os elétrons estão afastados para ser possível representar o campo magnético circulando por dentro dos núcleos (eixo) eletrônicos. Na verdade, contudo, os elétrons não permanecem tão afastados, senão que se ligam e se associam em série formando um anel vorticoso em torno do condutor. Os anéis se enfileiram ao longo do condutor, guardando, entre si, certa distância, na zona em que se tocariam, se os movimentos não fossem opostos. Ao redor, e envolvendo tudo, então, se forma outro anel, este, agora magnético ou campo, acusado pelas agulhas imantadas.

E indo com a vara para o desenho N.º 6, prosseguiu:

– Se ao invés da figura N.º 2 se referir ao campo eletromagnético num condutor, representasse uma antena de ondas hertzianas, como representa o gráfico N.º 6, poder-se-ia facilmente entender o que acontece, se os elétrons pegados ao condutor-antena começassem a mudar o sentido de seus movimentos, com grande freqüência. Haverá um momento, em cada alternância, em que os elétrons terão seus eixos paralelos ao condutor, passado o que, eles se invertem. Assim, se os elétrons pegados à antena começarem a mudar de sentido

Fig. 6

muitíssimas vezes num segundo, esta sua dança propagar-se-á de próximo em próximo, e nisto constitui a propagação da onda hertziana eletromagnética. Esta propagação está representada aqui pela figura N.º 6; trata-se, como vêm de ondas longitudinais e transversais sucessivamente. Os impulsos longitudinais “a” são elétricos, e representam anéis vorticosos de elétrons associados em, série. Os impulsos transversais “b”, que aparecem com circunferências concêntricas no desenho, são os campos magnéticos. Como podem observar, estas circunferências transversais fazem ângulo reto com a projeção longitudinal. O princípio é o de que, como vimos expondo, todo campo elétrico suscita um campo magnético e vice-versa; assim um impulso elétrico cria um equivalente magnético que, por sua vez, cria outro campo elétrico. A luz é onda deste tipo, isto é, eletromagnética de freqüência própria e de comprimento que a define; quer dizer que, se as ondas hertzianas se tornassem do comprimento das de luz, seria luz.

Encostando o pensador a vara à parede, tornou ao seu lugar. E após sentar-se continuou:

– Como tenho exposto, o oceano eletrônico que enche o espaço não é uma confusão, senão que os elétrons se acham associados em série, orientados, como as agulhas magnéticas, pelo magnetismo terrestre. Porém, uma perturbação em qualquer ponto desse meio eletrônico, se propaga para todos os lados numa dança eletrônica, em que eles alternam suas posições, e essas alternâncias de uns suscita as de outros, e assim é que as ondas eletromagnéticas se propagam. E esta hipótese explica mais coisas, tornando-as inteligíveis.

– Esta teoria, continuou o mestre, explica também a razão por que as órbitas eletrônicas de um átomo de hélio, por exemplo, fazem, entre si, um ângulo de noventa graus. A explicação está em que, quando um átomo possui dois elétrons, há dois campos em movimento, os quais mutuamente se repelem para um máximo afastamento, e esse máximo, para duas circunferências concêntricas, é noventa graus. Os elétrons não podem girar em plano, como se foram planetas, exatamente por causa de seus campos magnéticos. Para os campos eletrônicos se associarem, os elétrons teriam de gravitar o núcleo atômico em posição impossível aos giroscópios que são. Para manterem seus eixos perpendiculares ao plano de suas órbitas, os campos não se podem associar, e o resultado disto é o se afastarem ao máximo, ou seja: os planos das órbitas de um átomo de dois elétrons não de estar a noventa graus entre si. É ainda pela interação dos campos que se explica a excentricidade das órbitas eletrônicas. Dos planetas se sabe que têm órbitas elípticas, por causa da translação do Sol. Todavia, sendo o núcleo atômico parado, por que não de ser excêntricas as órbitas eletrônicas, senão por causa da atuação mútua dos campos? É por esta hipótese, ainda, que se torna compreensível por que há calotas eletrônicas. A primeira calota ou esfera eletrônica, em virtude do espaço muito reduzido, se satura, magneticamente, com dois elétrons. Deste modo, se o átomo adquirir mais uma órbita, como é o caso do lítio, esta órbita terá de desenvolver-se noutra esfera, e ainda na resultante dos dois campos anteriores. Se o átomo adquirir, ainda, outra órbita, como é o caso do berilo, esta há de estar, outra vez, a noventa graus em relação ao elétron já existente nesta segunda esfera. A saturação magnética, nesta segunda esfera, porque o espaço já é maior, se dá com oito elétrons, podendo este número subir até dezoito elétrons, como acontece na quarta esfera, ou quarta distância do núcleo atômico. Aqui, então, se dá a primeira saturação total, e o processo se recomeça. Um vórtice galáctico, ou planetário qualquer, é uma individuação apenas gravífica, e por isso pode ser, como é, em plano, como um disco. Já o indivíduo atômico, com ser gravífico e eletromagnético ao mesmo tempo, só pode ser um esferóide.

E após considerações silenciosas, continuou:

– Voltemos, agora ao nosso turbilhão aéreo, de onde começamos, para seguir noutra direção. Vocês ainda não de ver quão fecundo é ele para a ciência. Suponhamos que nós podemos nos reduzir, sem perda da nossa capacidade intelectual, às dimensões de um grão etéreo que é aquela última estrutura do espaço, conforme o pensar do Prof. March. Deste modo, imaginariamente reduzidos, nos encontramos na zona rígida de um redemoinho aéreo, sobre um grão de poeira, o qual se nos afiguraria como um pequeno planeta. Havíamos de sentir a pressão do meio sobre nós, calcando-nos contra o grão de pó, e diríamos, então, que no centro deste há uma força atrativa. Veríamos os grãos de poeira, numa distância enorme uns dos outros, “atraídos” para o centro do turbilhão, ao mesmo tempo que repelidos de aí, pelo movimento de translação, e concluiríamos que tudo aquilo é a gravitação. Sem nos sairmos do torvelinho, tornemo-nos, de novo, à nossa estatura normal, porém, com a ampliação, agora, dos grãos de pó na escala *grão-de-March por homem*. Os grãos de poeira tornar-se-iam planetas e sóis, e o torvelinho aéreo seria uma galáxia. A pressão do espaço continuaria a calcar-nos contra o nosso planeta, dando-nos a ilusão de que existe uma força de gravidade a irradiar-se do centro dele. Verificaríamos que nosso planeta queria cair para o centro galáctico, mas era repellido de aí pela força centrífuga originada pela translação planetária. Todavia, um sujeito inteligente que nos faz companhia, naquele planeta imaginário, nos apresenta o seguinte raciocínio: uma vez que todas as forças da Natureza têm sua recíproca, de modo que sempre se nos apresentam equilibradas no binário de oposições; e considerando que os planetas não caem para o centro do vórtice, por causa da força centrífuga originada da translação, segue-se, necessariamente, que aquela força que empurra para o centro tem de ser da mesma natureza da força centrífuga, representando a sua contraditória. Considerando que as forças sempre se mostram equilibradas no binário dos

semelhantes, conhecido um termo do binário, ipso facto, estará conhecido o outro. Ora, o que mantém os planetas afastados do centro do movimento é a força centrífuga; logo, a força que arrasta os planetas para o centro, tem de ser a força centrípeta. E conhecidas as propriedades de uma destas forças, as da outra serão idênticas, somente que com sinal contrário, isto é, entendidas como oposição. A gravitação, por conseguinte, é um binário de forças, originadas do movimento, e não, nunca, uma enigmática força isolada que atrai do centro da matéria. Tudo isto nos disse o sujeito lá no grão de pó ampliado. Mas tornemos à nossa sala; tornemos já do vôo imaginoso.

E descansando um pouco o pensador, numa pausa, prosseguiu:

– É uma necessidade lógica que a força que puxa para o centro seja da mesma natureza da que empurra de aí, não é certo, Bruco?

– Esse argumento é inexorável!

– Então, conhecendo-se as propriedades todas de uma das forças, ipso facto, estarão conhecidas as da outra, pela recíproca, não é ?

– Que dúvida! as propriedades da força desconhecida, são as mesmas da conhecida tomada como sinal contrário! Isto é peremptório.

– Ora, as propriedades da força centrífuga são experimentalmente conhecidas, e qualquer livro de física desenvolve esta matéria na parte relativa à mecânica. E após acompanhar as experiências de laboratório, verificamos que a força centrífuga “C” é proporcional à massa “M”, ao raio “R” e ao quadrado da velocidade “V”.

$$C = m.r.v^2$$

E como, no vórtice seja ele aéreo, seja galáctico, não há nada que atraia do centro, mas o que há é uma pressão periférica que empurra para o centro, em vez de chamar a isto força centrípeta, temos de falar de força perifuga ao centro, não é assim?

– Exatamente, concordou Bruco.

– E vimos já, ao estudarmos o redemoinho aéreo, que a força centrífuga “C” se opõe e se equilibra com a força perifuga “P”, consistindo a trajetória de cada grão de poeira, o ponto de equilíbrio destas forças. Um enunciado é antitético em relação ao outro, visto ambos se referirem a forças opostas, em razão do que podemos construir uma única fórmula, válida tanto para a força centrífuga, como para a força perifuga. A diferença estará em que as forças opostas, e, por isso, precisam ser indicadas com setas “vai para a periferia” (\rightarrow P), e “vai para o centro” (\rightarrow C).

$$\begin{array}{ccc} P & + & C = 0 \\ \rightarrow C & & \rightarrow P \end{array}$$

ou então:

$$\begin{array}{ccc} P & + & C = 0 \\ \rightarrow & & \leftarrow \end{array}$$

ou de outro modo:

$$\begin{array}{l} \text{força centrífuga ou } C = \\ m. r. v^2 \\ C \rightarrow P \end{array}$$

$$\begin{array}{l} \text{força perifuga ou } P = \\ m. r. v^2 \\ P \rightarrow C \end{array}$$

$$C = \frac{m \cdot r \cdot v^2}{C \rightarrow P}$$

$$P = \frac{m \cdot r \cdot v^2}{P \rightarrow C}$$

ou ainda:

$$P + C = (m \cdot r \cdot v^2) + [-(m \cdot r \cdot v^2)] =$$

$$m \cdot r \cdot v^2 + [-m \cdot r \cdot v^2] =$$

$$m \cdot r \cdot v^2 - m \cdot r \cdot v^2 = 0$$

E continuando o filósofo junto à lousa, prosseguiu a discorrer:

– Isto significa que as duas forças, atuando, conjuntamente, se anulam, e o planeta, ou a partícula, estará sempre na resultante delas, ou seja, no lugar em que elas se equilibram. Os planetas são como o fiel duma balança, e suas trajetórias são como os álveos dos rios. Está bem claro, tudo isto, Bruco?

– Está. Mas não haveria um modo de tornar tudo isso objetivo ou fático? O senhor mesmo é contra isso de ficar no plano subjetivo das fórmulas matemáticas, sem dar, para os casos as representações.

– Nem sempre isso é possível, Bruco. A idealidade alcança mais do que pode a realidade, na mesma proporção com que Deus, no seu aspecto transcendente ou de Idealidade é infinito, e no seu aspecto imanente ou de Realidade é limitado à Criação de todo o Universo, não só o físico, senão também o espiritual, maior que este, representado pelo *topos uranos* de Platão. Contudo, vejamos se o posso satisfazer, objetivando aquelas fórmulas nos fatos.

E assim dizendo, voltou o mestre a tomar seu assento. Depois de ponderosas meditações, prosseguiu:

– Peço vênia ao meu dileto amigo Sr. Antonio Alves da Cunha, para usar suas experiências e idéias, de parceria com outras da ciência. Este amigo morava em Rancharia, Estado de São Paulo, e é já falecido. De modo que eu sou o único depositário das suas idéias e experiências, e para glória e honra do seu Espírito, passo a relatar tudo o que aprendi com esse grande homem que atravessou toda a sua longa existência no anonimato. O Sr. Antonio Alves da Cunha, em minha presença, pôs um punhado de areia grossa, na quantidade que se pode pegar com três dedos, dentro duma bacia d'água, e com a mão imprimiu um movimento de rotação à água, vindo, a areia, a amontoar-se no centro da bacia, adquirindo, aí, o aspecto duma espiral. Por que aconteceu isto? – perguntou-me ele. E porque eu não soubesse responder, explicou-me ele: a areia, sendo mais densa que a água, permanece no fundo da bacia. Ao movimentar-se o meio, já por causa da inércia da areia, já por atritar-se com o fundo da bacia, *ocorre um atraso da areia em relação ao meio*, e, como consequência, esta é arrastada para o centro do movimento. Tal aconteceu como no universo, prosseguiu ele; a “poeira cósmica” movimentou-se, circularmente, com o meio etéreo, vindo reunir-se em determinados pontos, formando as nebulosas espiraladas, tal como a areia no fundo da bacia. Uma vez formada a nebulosa espiralada, graças a um movimento que começou pela periferia, o seu centro continuou a girar ao impulso recebido de fora; quando a energia vinda da periferia enfraqueceu seu impulso, o centro começou a expandir-se por efeito da força centrífuga, provocando o afastamento dos pedaços de nebulosa, os quais iriam constituir os planetas. Nesta fase, a antiga nebulosa *espiralada* se torna *anelada*, recebendo o nome, segundo a ciência, de nebulosa planetária.

– Acabada esta exposição, continuou o pensador, o Sr. Antonio Alves da Cunha levou-me ao gabinete dentário de um seu amigo, pediu ao dentista uma roda de esmeril, conectou-a à

extremidade do braço que move as brocas, fez girar o esmeril, metendo-o depois, no centro da espiral da areia da bacia. Tanto que o líquido se movimentou, ao impulso centrífugo da roda, a areia afastou-se para a periferia, formando, de fato um anel. O Sol foi formado de um centro semelhante a esta roda de esmeril, disse-me ele, e os planetas, desse anel.

E tendo suspirado numa pausa, prosseguiu o filósofo:

– Esta experiência com a areia na bacia, fi-la eu, várias vezes; depois substitui a areia por serradura de madeira, e, para maior uniformidade de movimentos, empreguei um aquário de vidro, desses que se põe peixinhos coloridos, sobre o prato de um toca-discos. Deitei água filtrada no aquário; depois coloquei na água a serradura de madeira, previamente lavada para sair o pó miúdo e a tinta turvadora. Iniciado o movimento, a água, por sua inércia, mantinha-se parada, a princípio. Porém, a serradura, como estava no fundo do vaso, ficava já animada do movimento do aquário, e por efeito da força centrífuga ia parar no equador. Com o correr do tempo, o movimento do vaso ia-se comunicando ao meio, porém, da periferia para o centro, de sorte que o centro se mantinha parado ainda, quando já rodava o meio na periferia. Por este tempo eu desligava a corrente elétrica ao toca-discos, e, ato contínuo, brecava o vaso com as mãos. Neste ponto, toda a serradura de madeira vinha amontoar-se no centro; até alguma coisa que estivesse boiando, vinha, então, parar aqui. Introduzi chumbo-de-caça no centro de uma lima (fruta), de modo a fazê-la ficar em suspensão no meio do líquido. Também usei, para idêntico fim, uma bexiguinha de borracha cheia d'água. Dado início ao movimento do aquário, a lima ou a bexiguinha mantinham-se no centro do movimento, ainda mesmo quando tentava deslocá-los para a periferia. Verifiquei, experimentalmente, que, quando vigora a força centrífuga, só vai para a periferia o que for mais denso que o meio. O que for da mesma densidade, como a lima ou a bexiga, fica no centro. Quando, todavia, entra em vigor a força perífuga, o mais denso vem para o centro, enquanto que o menos denso, começa, agora, a girar em torno.

Feita esta exposição concluiu o pensador:

– Disto podemos concluir que a gravitação, entendida somente como força atrativa das massas, nada mais é do que a força perífuga, isto é, ocasionada pelo movimento oposto ao daquele que gera a força centrífuga. Se, pois, a força centrífuga resulta de **um centro que gira mais veloz que sua periferia**, a inversa força centrípeta ou perífuga provém de **uma periferia que gira mais depressa que seu centro**. Se quando um centro, que pode ser uma roda qualquer, gira rapidamente, tende a projetar as coisas de si para a periferia, um movimento rápido, periférico, um encontro de ventos, por exemplo, cria uma concentração, o vórtice, que faz pressão contra o centro ou núcleo parado ou lento. E eis, aqui, chegamos de novo ao redemoinho aéreo, como prometi. Como se estivera eu escrevendo uma sinfonia, repito, variando sempre, o tema fundamental.

E tendo o mestre o olhar perdido no vazio, quedou por certo tempo a lembrar as lições do amigo ausente. Dirigindo-se depois à parede em que dependurara os desenhos, tomou da vara, e se pôs a falar:

– Ainda foi o Sr. Antonio Alves da Cunha o que pôs serradura de madeira num recipiente bojudo de vidro, em cujo centro fez girar uma esfera de madeira, conectada à extremidade da broca do dentista. Imprimindo movimento à esfera, esta movimentou o líquido, formando exatamente o que se supõe acontecer no espaço cósmico que circunda o Sol com sua família.

E apontando para o desenho N.º 7, prosseguiu:

Fig. 7

– Aqui, na região equatorial da esfera, por efeito da força centrífuga, o meio é repellido para a periferia. Mas, chegando aqui, o meio se encurva em dois ramos, indo cada um deles entrar nos pólos da esfera, para, de novo, velozmente, ser projetado pelo equador. Jogando um fiapo de algodão na água do aquário, observa-se o fenômeno dos cometas a fazerem suas órbitas em elipses alongadas, visitando de tempos a tempos a esfera-sol, e então, com grande velocidade. Tal, o sistema planetário solar. Os planetas giram no plano equatorial, no passo que as órbitas dos cometas caem, obliquamente, à linha do equador. Visto por cima, ou por baixo, o aquário, conforme se verifica aqui no gráfico N.º 8,

Fig. 8

notamos a formação de um cochado de serradura, verdadeiro turbilhão centrípeto, visto que se encaminha para a esfera. Na verdade o campo cinético solar é mais achatado do que representa o gráfico N.º 8, assemelhando-se a um disco grosso que abrange todo o seu sistema. Como a Terra possui um campo cinético perífugo-centrífugo idêntico ao do Sol, semelhante ao visto no aquário, segue-se que, como acontece com o Sol, há pressões etéreas nos pólos, e fugas no equador. Esta é a causa de uma tonelada, quando pesada no equador, apresentar, nos pólos, mais cinco quilos. A causa é esta, e não o dizer que é porque a Terra não é esférica, em razão do que os pólos ficam mais próximos do centro. E ainda a Terra não é esférica, senão achatada nos pólos, em razão de haver pressões aqui, e fugas no equador. Não existe somente a força centrífuga, sem sua correspondente e oposta força perífuga. As duas forças andam juntas, se bem que, na fase de centralização do universo, tenha predominado, no binário, a força perífuga, isto é, pressionante e convergente para um centro comum. Hoje, conquanto ambas forças andem juntas, predomina a força centrífuga, e é por isso que o universo se acha em expansão.

E tendo o mestre feito uma pausa, continuou:

– O campo etéreo terrestre está dentro do campo etéreo solar, assim como este se acha contido pelo galáctico, mais vasto ainda. E tudo se move. A Terra, ao mover-se, gera um campo cinético próprio, como podem ver, aqui, na figura N.º 9 .

Fig. 9

Este campo cinético terrestre pressiona-se contra o campo solar. As setas a, d, mostram o sentido do movimento do campo etéreo solar, visto do pólo do sistema. A Terra está suspensa nesse campo; contudo, possui, também, seu campo próprio, cujo movimento está indicado pelas setas b, c. No lugar das flechas c, d, há um encontro de forças que geram um turbilhão etéreo. Nesse lugar, o campo solar tende a paralisar o movimento rotacional planetário. Todavia, no lugar das flechas a, b, há uma soma das forças, de modo que o campo solar tende a impulsionar a rotação terrestre. Tudo funciona como se existisse a alavanca A R P, com o apoio em A (breque = encontro de forças = turbilhão) e a potência em P (campo solar). O terceiro elemento desta alavanca imaginária, R, é a própria Terra. A força que atua em P tende a acelerar o movimento de translação terrestre, ao longo da sua órbita, e isto se dá por causa do seguinte: no lugar do turbilhão, no encontro dos vetores c, d, está o ponto de apoio A da alavanca A R P, porém, esse ponto de apoio também se move com o sistema. A alavanca planetária A R P se apoia em A, e se lança no sentido do movimento, em virtude da força aplicada em P, onde os vetores a, b se somam. Há, portanto, uma tendência de a Terra transladar-se mais depressa do que o meio, isto é, do que o campo etéreo solar. Esse turbilhão etéreo, resultante do encontro dos vetores c, d, é o que provoca o movimento de libração lunar, porque, quando a Lua cai dentro dele, na lua-nova, visto que ele gira em sentido retrógrado, tende a paralisá-la em sua rotação, e por este motivo, a Lua tende a nos mostrar a outra face. Atravessada esta zona de perturbação, a Lua continua mostrando um pouco da outra face, durante todo o quarto crescente, vindo, na lua-cheia, equilibrar-se de novo, e até oscilar em sentido oposto, com a tendência de aumentar a sua rotação, pelo impacto dos vetores a, b, na ponta do seu ovóide, que estará, então, voltado para a periferia do sistema solar. A causa do movimento de libração lunar, como vocês estão vendo, está em não haver igualdade constante entre o movimento de rotação da Lua, e o seu, de translação, em torno da Terra. Mas a desigualdade entre esses dois movimentos, por sua vez, tem causa no fato que relatei, expresso, aqui, no gráfico N.º 9.

– E mais isto: A pressão e a deformação dos corpos etéreos podem explicar a razão por que, à noite, melhoram as telecomunicações radiofônicas de ondas longas, piorando as de ondas curtas, que são boas, durante o dia. De dia, por causa da pressão dos campos, a camada refletora (ionosfera) das ondas hertzianas longas, fica muito baixa, e as ondas refletidas aí, só podem ir perto. Já as ondas curtas, com se refletirem numa camada mais alta, têm seu ponto ótimo de propagação durante o dia. À noite, essa camada refletora das ondas curtas fica mais alta, piorando a propagação; porém, as ondas longas, em se refletindo mais do alto agora, vão mais longe. Então, para as ondas curtas, a capa refletora muito alta, à noite, não corresponde mais àquele ponto ótimo, verificável durante o dia. Contrariamente, o ponto ótimo é à noite para as ondas longas, por se refletirem mais do alto. Também se explica a existência do cinturão de Van Allen, pelo atrito do campo etéreo terrestre com o campo solar.

Fez uma pausa, o mestre, para um descanso; tornando, porém, ao assunto, continuou:

– Lembro-me haver lido, em Fritz Kahn, que “cada planeta, por sua vez, forma em torno de si mesmo um campo de espaço. Estes campos são, segundo Einstein, “entrosados um no outro” e, ao girarem os planetas em torno do Sol, esses campos entrosados deslocam um ao outro como rodas dentadas”⁴⁰⁶. Estão “entrosados” como diz Einstein, porém, não como rodas dentadas, e sim do modo como explicou o Sr. Antonio Alves da Cunha, e isto por uma razão muito simples: o Sol com toda a sua família planetária giram no mesmo sentido; e rodas que giram no mesmo sentido não se engrenam, mas se atitam pela oposição dos movimentos. A ser verdade que o cinturão calorífico de Van Allen resulta deste atrito de campos, temos esta conclusão: ele só existe na parte da Terra voltada para o Sol, e não na face oposta, porque, se na face da Terra voltada para o Sol há o encontro dos vetores c, d, como se pode ver no desenho N.º 9, na face oposta, escura, os vetores “a” do campo solar, e “b” do terrestre, se somam. A ser verdade isto, não há o tal cinturão, e sim, uma calota a cobrir toda a parte iluminada pelo Sol. Na face da Terra voltada para a Lua, haveria, também, uma pequena calota, proveniente do atrito do campo terrestre com o campo lunar.

Fez silêncio o pensador, enquanto dependurava novo gráfico no prego. Depois pegando a

vara, se pôs a bater suavemente com ela nas pernas, ao tempo em que falava:

– Quando, como nesta fase do universo que ora vivemos, predomina a força centrífuga, o Sol, em girando sobre si mesmo, forma um campo etéreo, que se move rapidamente na superfície solar, e tanto mais lentamente, quanto mais se afasta dele. A verificação disto se pode fazer, como a fez o Sr. Antonio Alves da Cunha, pondo a girar uma esfera dentro de um líquido. Como se presume, o movimento angular é rápido nas circunvizinhanças do Sol, e vai decrescendo na medida em que se afasta dele. Sendo este movimento angular do meio etéreo uniformemente retardado, na proporção do afastamento, a zona onde se verifica menor movimento, em relação também a qualquer planeta, é a periferia. Na parte central, ocupada pelo Sol ou por qualquer planeta, o movimento é maior. Portanto, a Terra, em girando sobre si mesma, também possui seu campo etéreo que se pressiona e se atrita, pela parte externa, contra o campo solar. Nesta parte é que se dá o encontro dos vetores b , d , como vocês podem verificar nas figuras 9, 10, 11 e 12, formando o ponto de apoio A da alavanca imaginária $A R P$, que faz deslocar-se o planeta com maior velocidade de translação. Deste modo, o movimento de rotação se torna no de translação, quando consideramos o movimento centrífugo isolado. De igual modo, se o Sol aumentasse sua rotação (fig. 11), os planetas receberiam um impacto maior de força (vetor b) no ponto A da alavanca $A R P$, e eles reagiriam, por causa da rotação de que estão animados, lançando-se para a frente em suas trajetórias, aumentando, com isto, a velocidade de translação. De outro modo, podemos dizer que se o Sol aumentasse sua rotação, os planetas se afastariam, porque, então, teria aumentado a força de atrito na parte intermediária entre os planetas e o Sol. Igualmente, se aumentasse a rotação planetária, aumentar-se-ia seus campos etéreos, atritando-se com maior violência no ponto A , com o campo solar. O resultado seria o mesmo: aumento de velocidade de translação, com a inevitável conseqüência do afastamento do centro solar. Logo, pela recíproca, se eles diminuíssem a rotação sobre seus eixos, também reduzir-se-ia a força translativa, em razão do que aproximar-se-iam mais do Sol. Então, se a força centrífuga é diretamente proporcional à translação planetária, a contrária força centrípeta ou perifuga o é inversamente.

E depois de ponderar um pouco em silêncio, acrescentou:

– Examinemos mais por miúdo esta parte. Suponhamos que a Terra aumentou sua rotação; com isto, aumentou-se o seu campo etéreo representando, isto, um aumento dos braços da alavanca $A R P$, conforme o objetiviza o desenho N.º 10. Por estas duas razões decorrentes do movimento, isto é, maior velocidade e maior comprimento da alavanca, o atrito em A aumentou também, pelo encontro dos vetores b , d . Isto significa que o aumento de rotação se decompõe em dois fatores, quais sejam: maior campo (alavanca) e maior atrito, ambos a concorrer para um só fim que é acelerar a translação planetária. Ora, acelerando-se a translação, o planeta se afasta do centro. Tanto faz, pois, o planeta rodar mais rápido, como girar mais rápido o Sol, como ambos, ao mesmo tempo, o resultado é a aceleração da velocidade translativa planetária, com o conseqüente afastamento do centro. É o que acontece no periélio: aqui o planeta, em se aproximando muito do Sol, entra-lhe na zona onde seu campo tem mais movimento; com isto, o planeta tende a ser paralisado em sua rotação (pelo encontro dos vetores b , d), ao que ele reage, pela sua inércia rotacional, fugindo para a frente; quer dizer: sua velocidade translativa aumenta nesse lugar, porque é como se a velocidade de rotação solar se tivesse aumentado. Já no afélio, ao contrário, o planeta está na zona do campo solar, onde é menor o movimento, e por isso passa a transladar-se com menor velocidade. Então é como expliquei: a força centrífuga, que representamos por C , é proporcional à rotação, seja do Sol, seja do planeta, seja de ambos ao mesmo tempo. O Sol, conquanto não aumente a sua velocidade de rotação, tudo se passa como se ela aumentasse no periélio, porque o campo eletrônico, que circunda o Sol, tem velocidade máxima (igual à do Sol), nas proximidades da esfera solar, e mínima na periferia do seu sistema.

E após o descanso numa pausa, prosseguiu:

– Suponhamos que o centro do movimento, nesta fase expressa pela figura 10, está parado, ou se move vagarosamente; neste caso o impacto dos vetores b , d em A é, praticamente, nulo. Todavia, o vetor “ a ” atuando em P , não só faz o planeta rodar sobre si mesmo, como cair, decididamente, para o centro, desenvolvendo uma espiral geométrica, como a que se vê aqui no gráfico. Se não interviesse a força centrífuga, este cair para o centro seria tanto mais rápido, quanto maior fosse a velocidade do meio, e quanto mais se encurtasse o raio do centro. A

$$i = \frac{I}{d^2}$$

gravitação não é movimento mesmo do campo eletrônico, mas a tensão pressivo-repulsiva que se forma nesse meio. Na fase perífuga o movimento do campo eletrônico é maior na periferia do que no centro. O resultado é que se forma uma tensão no meio, a qual se encaminha, em ondas gravíficas para o centro. Esta energia tensional, esta pressão gravífica ou gravítica, visto como segue a lei geral para todas as ondas, intensifica-se na razão inversa do quadrado da distância, ou raio do centro. Isto é fácil de entender-se, visto como, se na fase centrífuga ou expansiva, qualquer onda se abre no espaço, de um centro ou fonte, para a periferia, perdendo tanto mais em intensidade, quanto mais se afasta, na fase inversa, isto é, na de centralização ou perífuga, a onda periférica terá sua intensidade progressivamente aumentada, na proporção do fechamento para o centro. Objetivemos o fato, usando, por exemplo, o som ou a luz. Se considerarmos “i” como sendo a intensidade de iluminação, ou de sonoridade, em determinado ponto do espaço, podemos concluir que:

Onde “I” é a intensidade da fonte luminosa ou sonora, e “d” a distância. No processo inverso, que é o de centralização dinâmica, temos:

$$I = i \cdot d^2$$

Quer dizer que a onda de intensidade “i”, na periferia do sistema, ir-se-á intensificando, na proporção em que o raio se encurta no quadrado. A intensidade máxima será alcançada quando aquela grande esfera-onda se tiver reduzido a um grão de pó impalpável de raio, portanto, fracionário, tendendo para o limite zero. Se as nossas energias centrífugas são esferas de dilatação, as opostas energias perífugas, ou seja, que fogem da periferia para um centro, são esferas contrativas. Imaginemos, portanto, o que aconteceria se uma grande esfera-onda do tamanho do Sol, se concentrasse num único ponto central! Pois estes mesmos conceitos se aplicam à gravitação. Quando, no binário gravitacional, predomina a força perífuga, ou seja, quando há um meio que se move mais rápido na sua periferia do que no seu centro, então, a força tensional que se forma nesse meio, tende a fechar-se para o centro do movimento, intensificando-se tanto mais, quanto mais se encurtar o raio, até o ponto em que, ao tornar-se o raio quase zero, a intensidade será tal, que onda vira matéria. Existindo qualquer massa em suspensão no meio, essa será carregada para o centro, com velocidade uniformemente acelerada. Quer dizer que a “atração” do centro, ou pressão da periferia, é tanto maior, quanto mais curto se tornar o raio. E como o acréscimo da intensidade se faz na razão inversa do quadrado do raio, para qualquer onda que se concentre, segue-se que a força perífuga é inversamente proporcional ao quadrado do raio do centro. E é, também, proporcional à massa, pois é sobre ela que a tensão do meio atua. Igualmente é proporcional à velocidade do meio, visto como, quanto maior for a rapidez com que o meio se mover, com tanto mais força as massas suspensas nele fugirão para o centro. Disto temos, então, que a força perífuga “P” é diretamente proporcional à massa “m”, à velocidade “v” do meio, e inversamente proporcional ao quadrado do raio ou distância do centro:

$$P = \frac{m \cdot v}{d^2} \rightarrow C$$

Com a força centrífuga o fenômeno é o mesmo, porém, em sentido contrário, em razão do que, é preciso representar, na fórmula, o sentido do movimento por meio de setas que dizem: “vai para a periferia $\rightarrow p$ ” e “vai para o centro $\rightarrow c$ ”. Assim, quando consideramos a força centrífuga isolada, verificamos que ela resulta de um centro que se move mais depressa no centro do que em sua periferia. A energia de tensão, agora, é de dentro do sistema, do centro, para fora. Entretanto, a intensidade da força se enfraquece com o decrescer do movimento do meio circunjacente ao centro; logo, ela também é diretamente proporcional à velocidade. E as massas maiores são projetadas para fora com mais força, de que as menores; por conseguinte, a força centrífuga também é proporcional à massa. Verificamos, no aquário, que esta tensão centrífuga se vai enfraquecendo na proporção em que se afasta do centro, pois o que está próximo do centro (esfera rotativa) é jogado com mais energia para fora, e a velocidade das partículas decresce na

$$C + \frac{m \cdot v^2}{d^2} = \left(\frac{m \cdot m \cdot v^2}{d^2 d^2} + \left[\frac{m \cdot v^2}{d^2} \right] \right) =$$

razão do afastamento. Disto, induzimos que a força centrífuga é inversamente proporcional ao raio. E como se trata também de uma energia de irradiação de um centro, fica ela também, sujeita à lei do decréscimo de intensidade na razão inversa do quadrado do raio. Ainda mais que esta dedução matemática é corroborada pela intuição sensível que temos no aquário. Deste modo, a fórmula da força centrífuga é também:

$$C = \frac{m \cdot v^2}{d^2}$$

$$\rightarrow p \quad d^2$$

A força perifuga é proporcional à massa (m), ao quadrado da velocidade (v²) do meio que cada vez mais vai diminuindo na proporção que se aproxima do centro, e inversamente proporcional ao quadrado da distância do centro, porque a energia de tensão se concentra numa esfera cada vez menor.

$$P = \frac{m \cdot v^2}{d^2}$$

Quer dizer que a velocidade (v) do meio decai, na proporção em que se aproxima do centro, e esta aproximação significa encurtamento da distância. Quando a massa chega no centro, a velocidade e distância serão iguais à unidade, tornando-se P = m. Na fase inversa, ou centrífuga, a velocidade do meio também decai, na proporção que se afasta do centro, na proporção que o raio aumenta. Quando a massa chega à periferia, a velocidade é igual à unidade e o raio é máximo tornando-se

A força centrífuga é proporcional à massa, ao quadrado da velocidade do meio, que vai cada vez mais diminuindo, na proporção que se afasta do centro, e inversamente proporcional ao quadrado do raio, porque a energia de tensão decai por se distribuir por uma esfera maior

De que expus, podemos sintetizar tudo do seguinte modo:

Força Centrífuga C

Qualquer planeta será repellido pelo centro a cujo redor gravita, e esta repulsão é diretamente proporcional à massa (m) planetária, à velocidade do meio (v), e inversamente proporcional ao quadrado do raio ou distância do centro.

$$C = \frac{m \cdot v}{d^2}$$

$$\rightarrow p \quad d^2$$

Força Perífuga P

Qualquer planeta será pressionado contra o centro a cujo redor gravita, e essa pressão periférica é diretamente proporcional à massa (m) planetária, à velocidade (v) do meio, e inversamente proporcional ao quadrado do raio ou distância (d) do centro

$$P = \frac{m \cdot v}{d^2}$$

$$\rightarrow C \quad d^2$$

– E tudo o que disse em relação ao nosso sistema solar, se aplica ao sistema galáctico dentro do qual o Sol com sua família se move. E se houver um centro comum para as galáxias,

este princípio será extensivo a elas. Se, por ventura, o universo se expande hoje por efeito de força centrífuga, e não, por explosão do Colosso Primitivo, então estes conceitos serão extensivos a todo o universo físico.

E dito isto, o pensador voltou a tomar o seu assento. E tendo-se recostado no espaldar da cadeira, continuou:

– Como vocês viram, o tema que tomei de início, o vórtice aéreo, foi sendo variado, e muito ensinamento nos deu. No entanto, agora, se vocês concordarem, passaremos ao estudo das propriedades do pião. É que tenho em mente entrar num assunto correlato ao do turbilhão aéreo, mas gostaria de o fazer pelo método de Platão.

– Jamais ouvi que Platão se ocupasse de ciências físicas, retrucou Bruco.

– Não é isso, prezado Bruco. Platão faz uma digressão antes de atacar o assunto da justiça na sua “República”. Acha ele mais fácil estudar a justiça em grande escala que em pequena. Compreendendo o que venha a ser um estado justo, compreender-se-á mais facilmente, depois, o que é um indivíduo justo. “Assim como pomos à prova a visão de um homem fazendo-o ler primeiro caracteres maiores e, depois, menores, mais fácil é analisar a justiça em grande escala do que na escala exígua do procedimento individual”⁴⁰⁷. “Se se incumbisse a pessoa de vista curta da leitura de longe, de letras de tipo miúdo, mas um dos leitores descobrisse que as mesmas se encontravam, em outra parte, escrita em caracteres maiores sobre larga superfície, ninguém duvidaria da conveniência de ler primeiro os caracteres maiores para depois compará-los com os menores, a ver se eram realmente bem iguais”⁴⁰⁸. Isto é o que eu queria dizer, meu caro Bruco, ao me referir ao método de Platão. Iremos, portanto, estudar em grande escala, o que, entretanto, se passa em mínima.

– Vejamos, então, tornou Bruco, se o senhor consegue tirar tantas lições do pião, quantas tirou do redemoinho aéreo.

– Tiro, porque o pião, para mim é um redemoinho rígido, no passo que o redemoinho é um pião elástico. Por isso, através dele, posso aprofundar meu estudo da gravitação e da massa. O pião, quando em movimento, toma posição de equilíbrio impossível em estado de repouso. O movimento, por conseguinte, confere às coisas em movimento propriedades inexistentes, quando em repouso. Há uma inércia do movimento, que quer manter em repouso o eixo do pião, isto é, quer fazê-lo apontar, sempre, para um ponto fixo, absoluto. E quando lhe damos um piparote, ele faz inclinações de modo que seu eixo começa a fazer um círculo; a cabeça do pião como se fora um planeta, no ponto em que gira sobre si mesmo, percorre uma órbita circular. Esse movimento vai diminuindo, o círculo descrito pela cabeça vai se restringindo, até que o pião “dorme” como dizem os meninos que os jogam. Este dormir faz acompanhar-se de um zunido característico, e significa que o pião se acha isento de perturbações. Se o pião, pouco a pouco, vencer a perturbação que lhe imprimiu o piparote, por que sendo a Terra como um pião, possui seu movimento de inclinação sobre seu eixo? Por que, Bruco?

– É porque, não sendo a Terra perfeitamente esférica, e antes, achatada nos pólos, a gravitação solar, sobretudo esta, desloca a Terra produzindo o movimento de precessão. Mas há também a teoria segundo a qual a Austrália seria um grande bólido caído na Terra. A ser verdade isto, a Terra se inclina sobre seu eixo, como o pião, em virtude do piparote que lhe teria dado a Austrália ao cair do espaço.

– Mas isso não vai ao caso, tornou o pensador. A lei de inércia de Galileu diz o seguinte: “*Um corpo em repouso resiste a mover-se. Um corpo em movimento uniforme resiste a deter-se ou mudar sua velocidade e direção*”⁴⁰⁹. Como a matéria é formada de partículas moleculares, atômicas e subatômicas, *cada uma destas* que compõe o corpo do pião, quando em movimento, *adquire uma trajetória circular em torno do eixo*. E como qualquer corpo, em movimento, resiste às mudanças de direção, todas as partículas, de que se compõe o corpo do pião, em movimento, se conjugam, de modo que aparece uma inércia de movimento, a que foi dado o nome de inércia giroscópica; esta inércia mantém o pião, sempre, na posição vertical. O eixo do pião é o centro de translação das partículas, às quais está ligado, e faz ângulo reto com o plano

407 Will Durant, História da Filosofia, 39

408 Platão, A República, 79, Atena Editora.

409 Enciclopédia Prática Jackson, V, 324

das trajetórias. Por causa disto, qualquer mudança de posição do eixo, significa mudar as trajetórias de todas as partículas, ao que elas resistem, pela lei da inércia. A *resultante* de todas as inércias particulares é a *inércia giroscópica*, pela qual, o eixo quer manter-se parado, constante, numa só posição. Porventura, a inércia giroscópica é um caso particular da lei geral de inércia, Bruco?

– Tal é o que nos impõe suas conclusões, de modo que, compreendida a lei geral da inércia, compreende-se, facilmente, o que venha a ser a inércia giroscópica.

– O oposto disso é que é a verdade, meu nego, de sorte que a inércia giroscópica é mais geral, decorrendo desta a lei de inércia de Galileu. Contudo, esta lei geral da inércia giroscópica aparece em caracteres pequenos, no passo que a lei de inércia de Galileu se nos mostra em grande escala, tornando-se, por isso, objeto mais claro de nossa intuição.

– Contudo, prosseguiu o mestre, visto que estamos falando de inércia giroscópica, passemos do pião ao giroscópio, que este é irmão daquele. O giroscópio é constituído por um disco grosso e pesado de latão, preso, pelo centro, a um eixo que se conjuga ao de um motor elétrico. Tanto o giroscópio como o motor estão dentro duma argola metálica, fixados a ela por meio de pontas cônicas que giram em encaixes igualmente cônicos. Esta argola que sustenta o giroscópio, se suporta em uma outra, pela face interna, de modo que os pontos de fixação fiquem a noventa graus de onde o eixo do giroscópio está fixado. Este conjunto todo fica dentro do terceiro e último anel, periférico, portanto, o qual se apoia num pedestal maciço, por meio de um eixo de extremidade esférica, que se move, livremente, dentro de pequena concha. Deste modo, o giroscópio, movendo-se nas suas juntas, pode tomar todas as posições possíveis.

– Se pusermos, continuou o filósofo, o giroscópio em movimento, e apontarmos o seu eixo para o Sol, de manhã, o eixo o continuará apontando o dia todo, e também à noite, e, fazendo uma rotação completa sobre si mesmo, estará no outro dia, apontando ainda para o Sol no seu nascente. Tiremos, já, umas conseqüências deste fato. Primeira: isto que descrevemos, constitui uma *prova de laboratório* de que a Terra gira. Segunda: o eixo do giroscópio, visto que acompanha o Sol, pode servir de relógio-de-sol, básico para o acerto de todos os outros relógios, e capaz de dizer, exatamente, o lugar em que está o Sol, quando percorre os céus das regiões antípodas. Terceira: colocando-se o giroscópio no centro duma “esfera celeste” transparente, todos os movimentos dele dentro da esfera, *não são dele*, mas da Terra, do Sol, da Via-Láctea, do Universo. Quarta: dada a fixidez do eixo giroscópico, pode o giroscópio ser usado como bússola, com vantagem sobre a agulha-ímanada, por não se desorientar, como esta, com as tempestades magnéticas. Quinta: nos navios de guerra, os giroscópios servem para fixar as pontarias dos canhões; só, então, se dá ao gatilho, quando o alvo passar pelo centro do visor telescópico. Sexta: nas embarcações marítimas de pequeno calado, e por isso muito balouçantes, usa-se o giroscópio para torná-las mais tranqüilas; os movimentos são amortecidos pela inércia de um grande giroscópio preso ao cavename e corpo da embarcação. Sétima: o giroscópio pode manter, sem deixar cair para os lados, quer parado, quer andando, um tem monotrilha. Oitava: o giroscópio, por ser *“uma coisa parada”* (!), pode servir de *ponto de referência absoluto*, para todos os outros movimentos; com isto, afirmamos nada menos que o giroscópio é uma coisa como que fora da relatividade; é um absoluto dinamo-mecânico.

E após refazer-se da fadiga, numa pausa, prosseguiu:

– Dissemos que a inércia giroscópica resulta da soma das inércias das partículas que constituem o corpo do giroscópio. Cada partícula está presa ao eixo do sistema, e quer manter sua trajetória circular. As partículas giram em plano perpendicular ao eixo, e a soma das inércias de cada elemento determina a fixidez do eixo. Ou de outro modo: o eixo não varia sua direção, porque, isto seria variar as trajetórias de todas as partículas. Suponhamos, agora, que enchamos um caixote cúbico com vários giroscópios, cada um com seu eixo apontando para uma direção diferente. Façamos os eixos fixados às paredes internas, cada um como dissemos, orientado segundo um sentido diferente, a começar pelo do comprimento, pelo da largura e pelo da altura. Essa caixa, quando os giroscópios forem postos em movimento, reagirá a qualquer mudança de posição. A caixa terá uma inércia maior, do que quando os giroscópios estão parados. Ora, aqui está, pura e simplesmente, a causa da inércia da matéria. A inércia da matéria resulta de que toda ela se constitui de blocos de infra-micro-giroscópios atômicos; e como os elétrons e satélites do

núcleo não giram em plano, mas em todos os sentidos do espaço, um só átomo é como se fosse a micro-miniatura da nossa caixa. Cada elétron, falemos só destes, e não, dos poderosos satélites vorticosos do núcleo; cada elétron, em girando em torno do núcleo, pode ser interpretado como um disco de latão de nossos giroscópios comuns. Cada disco destes, ou seja, cada órbita eletrônica, girando em plano diferente, cria uma inércia que reage a todas as mudanças de direção. Esta inércia é tanto maior, quanto maior for o número de ultra-micro-giroscópios eletrônicos existentes no átomo. Por isto, um átomo de chumbo, com seus 82 elétrons, tem, forçosamente, de apresentar maior inércia, do que um átomo de alumínio, com seus 13 elétrons apenas. Assim, uma barra de trilho tem mais inércia do que nós, e ambos, nós e ela, se estivermos suspensos no espaço interplanetário, conquanto não tivéssemos peso, teríamos inércia; e como a dela é maior do que a nossa, se quiséssemos empurrar para a frente a barra, ela reagiria, e nós é que iríamos para trás. O caso é semelhante ao de quando pretendemos empurrar um tora de madeira dentro d'água. Se a empurrarmos, nós é que cedemos, pois ela possui maior inércia do que nós. Inércia, por conseguinte, nada tem a ver com peso; inércia é massa, é quantidade de matéria, é número de ultra-micro-giroscópios atômicos.

Neste ponto dona Cornélia entrou na sala com o café; e após tomá-lo todos, e de muitos acenderem seus cigarros, o mestre continuou:

– Esta teoria, em rigor, se deve aplicar ao núcleo atômico, e não tanto às calotas eletrônicas. Quando se fizer mais luz na escuridão do núcleo, esta teoria se transferirá para aí, que é o seu verdadeiro lugar. O núcleo é vorticoso, assim como todas as partículas constitutivas dele; podemos afirmar que, se as velocidades de translação eletrônicas dão volume e rigidez à matéria, os núcleos dos átomos lhe dão peso. Falamos de rigidez sensorial, certamente, porque se nos ativermos à rigidez em sentido estrito, científico, então, teremos de afirmar que nada pode existir mais duro, mais rígido e mais impenetrável, do que um núcleo atômico. Veja lá se alguém pode imaginar quão espantosas hão de ser aí as velocidades ! Todavia, se esses torvelinhos se desfizessem, oscilariam o campo eletrônico do espaço em ondas, e este desfazer-se, significaria que se transformaram em energia. O que antes era massa que podia ser pesada numa balança, desfeitos os vórtices, as ondas já não teriam peso. A massa, então, ter-se-ia transformado em energia, e a substância do vórtice retornaria ao reservatório etéreo, isto é, ao meio corpuscular do Prof. March. Ao desfazer-se o vórtice, ter-se-ia ele transformado em energia, ou seja, desencurvado da forma material para a forma dinâmica.

E ponderando um pouco, em silêncio, prosseguiu:

– Lançando-se u'a massa no espaço, ela quer manter-se em trajetória retilínea; se fizermos rodar em torno de nós uma pedra atada a um barbante, ela manterá sua trajetória circular, sempre num mesmo plano, apesar dos movimentos desordenados que façamos com a mão que segura o barbante. E se, em vez de barbante, empregarmos uma haste rígida, com a pedra atada à ponta, quando esta for posta em movimento circular, já nossa mão não poderá executar movimentos que impliquem na mudança de posição da haste e, conseguintemente, na alteração do plano da trajetória da pedra; qualquer tentativa, neste sentido, será frustrada pela inércia do movimento. Isto todos poderão comprovar pela experiência. Ora, este macro fenômeno reproduz-se ultramicrometricamente, nos interiores da matéria, onde massas, igualmente, se estão movendo em espaços. De modos que a inércia dos corpos, observada por Galileu, existe como decorrência daquela outra inércia, a atômica, pois é axiomático que se os movimentos atômicos e nucleares cessassem, a matéria se desvaneceria em um pouco de névoa impalpável, logicamente, sem massa nem inércia. Pelo visto, o princípio de inércia de Galileu não é fundamental, e antes decorrente da lei mais geral da inércia giroscópica, visto como o porque de os corpos em movimento, resistirem às mudanças de rota, está em que todos eles, sem nenhuma exceção, são constituídos de **ultra-micro-giroscópios núcleo-eletrônicos**. Galileu constatou o fato, e nós estamos dando o porque dele. Logo, o princípio mais geral não há de ser o de Galileu, mas, este, da inércia giroscópica. Entretanto, a inércia atômica seria ininteligível, se não conhecêssemos a outra inércia, a dos corpos, que, por ser um macro fenômeno, está nos limites das nossas intuições sensíveis. Não se vá, portanto, dizer que incorremos no que os lógicos chamam de círculo, uma vez que explicamos a inércia giroscópica pela inércia de Galileu, e vice-versa. Trata-se de ler o livro da natureza em caracteres grandes, antes de em caracteres minúsculos,

conforme o recomenda Platão. Contudo se aí, meu inteligente Bruco, apesar disto, me acusar a mim e a Platão de incorrerem no círculo, de modo que as falas de Platão não passam de artifício, responder-lhe-ei deste modo: abaixo e acima do sensorial situa-se o incognoscível, para as mentes apenas racionais. E qualquer intuitivo, quando fala a racionais, há de pautar-se pelas limitações deste, caindo, irremediavelmente, no círculo, porque a razão é circular e fechada para todos os lados.

– Mas eu nem pensei em falar nada, prezado Árago, obtemperou Bruco.

– Então, se não pensou, perdi meu tempo em prevenir esta réplica! Neste caso, toquemos por diante. Estávamos falando da pedra atada a ponta de um barbante, para fazê-la rodar ao nosso redor. E atrás falamos do caixote contendo giroscópios vários orientados segundo as três dimensões do espaço. Façamos isto agora: amarremos um cabo flexível ao caixote, para fazê-lo girar, como a pedra, ao nosso redor. Estando os giroscópios em movimento, teriam de mudar continuamente as posições dos seus eixos, e a isto resistiriam; todavia, se, apesar de tudo, tivessem de mover-se, haviam de querer que o movimento fosse o retilíneo. Mesmo que forçássemos a caixa ao movimento rotatório, rompido o cabo que a prende ao centro, a nós, ela faria o caminho de uma reta tangencial à circunferência que antes, por força, descrevia.

E munindo-se de três lápis, prosseguiu o mestre:

– Para objetivar, tomemos estes lápis, e os metamos pelos vãos dos dedos, assim, de modo que fiquem, os três, representando as três dimensões do espaço, isto é, comprimento, largura e altura. Os lápis, assim colocados, formam três ângulos retos entre si, como se fora um dos cantos duma caixa cúbica. Podemos deslocar a mão, à vontade, para diante, para atrás, para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda, sem que os sentidos destes eixos (lápis) se alterem. Basta, contudo, movermos a mão em curvas, e já os eixos apontam para outros pontos, que não, os anteriores. Estes lápis, em minha mão, representam os eixos dos giroscópios contidos na caixa. É por isso que o movimento de mínima resistência, seja para a caixa, seja para a pedra, é o retilíneo. Os corpos, a matéria, querem seguir a trajetória retilínea, por se constituírem de ultra-micro-giroscópios. Logo, a lei de inércia de Galileu é uma decorrência da inércia giroscópica, e não o contrário. Como vimos, se os giroscópios forem postos em movimento, a caixa resistirá a todas as mudanças de posição, porque isto seria mudar o sentido em que apontam os eixos. No entanto, se a quisermos fazer deslocar-se, ***o movimento de mínima resistência é o retilíneo, e o de máxima, o curvilíneo.*** A causa disto é muito clara, pois o movimento retilíneo não muda as posições dos eixos; entretanto, o curvilíneo representa uma constante mudança de suas posições.

– Não existe, por isso, continuou o pensador, nenhum turbilhão (giroscópio) capaz de rodar, preso à uma só extremidade de seu eixo, de modo que este eixo varra, ou percorra um círculo, como se fôra raio deste. Qualquer remoinho, ao deslocar-se, ainda que seja em círculo, ao redor de algum centro, só o fará, de modo a manter seu próprio eixo paralelo ao daquele centro ao qual estiver fixado. É assim que os eixos da Terra, do Sol, da Lua, do sistema planetário, etc., são mais ou menos paralelos entre si. Quer dizer que o equador tende a coincidir com a eclíptica. Se prolongássemos o eixo da Terra para além dos pólos, conceberíamos que, com a translação terrestre, esse eixo traçaria, no espaço, um grande cilindro oco, em cujo centro estaria o Sol. O eixo desse grande cilindro imaginário coincidiria com o do Sol. Não obstante, os elétrons não giram em plano, e nisto também o sistema planetário atômico difere do solar. Os elétrons giram em todos os sentidos do espaço. Quer dizer que um átomo não tem equador nem pólos, em sentido “geográfico”. Todavia, podemos conceber que, se prolongássemos o eixo de um elétron, este eixo eletrônico, com a translação do elétron, traçaria um cilindro, em cujo centro fica o núcleo. Deste modo, o eixo do cilindro passaria pelo centro do núcleo. Outro elétron que girasse noutro sentido do espaço, traçaria outro cilindro, cujo eixo cortaria, igualmente, o núcleo, porém, noutra posição. Os cilindros seriam tantos, quantos fossem as órbitas eletrônicas, e os eixos daqueles cilindros cortariam em tantas posições o núcleo atômico, que este ficaria como se fôra um pindá (ouriço-do-mar). Cada espinho do pindá, varando a esfera nuclear, se continuaria no seu antípoda, constituindo o eixo de um cilindro eletrônico. Concluimos agora:

– Cada eixo destes tem sua inércia giroscópica, e um só átomo seria semelhante a caixa referida há pouco, cheia de giroscópios. Se isto acontece em relação a um único átomo, que

acontecerá num bloco de matéria? A inércia, pois, de qualquer porção de matéria é a integral das inércias giroscópicas de cada elemento de que se compõe o sistema. Um átomo qualquer, exceto o de hidrogênio, não possui um eixo, mas, um núcleo que representa o cruzamento, ou ponto comum, de muitos eixos, e o número destes é igual ao de elétrons do sistema planetário atômico. Por esta causa, quando se quer mover um corpo, ele resiste, com uma inércia que é, exclusivamente, filha do movimento. Quer dizer que a *inércia do repouso* resulta da *inércia do movimento*, pelo que podemos construir este paradoxo científico: a matéria quer ficar parada porque se move, e tanto mais será inerte, parada, imóvel, quanto maior for sua velocidade; a matéria não se move porque se move. Todavia, se as velocidades e movimentos cessassem, ela se moveria, já não querendo mais ficar parada, por ter perdido aquela força de querer, que é a inércia (!). Inércia é a cristalização do poder da vontade de mover-se em determinismo do movimento.

E voltando-se o filósofo para Bruco, fez-lhe esta proposição.

– Do quanto ficou dito, prezado Bruco, qual o movimento de maior resistência: o duma esfera que rola, ou de outra que desliza?

– Suprimindo-se o atrito da superfície sobre a qual se dão os dois movimentos, a esfera que desliza executa um movimento de menor resistência, porque os eixos dos vórtices eletrônicos da matéria conservam sempre suas posições. Já na esfera que rola, esses eixos são compelidos a mudar constantemente suas direções. Portanto o movimento de rolar é de maior resistência inercial do que o de deslizar.

– Muito bem, Bruco! Isso prova que você entendeu bem minha explicação. Agora vejamos outra coisa: podemos fazer a caixa de giroscópios mover-se, circularmente, em torno de um centro, com os giroscópios parados, no seu interior; então notaremos que a força centrífuga desenvolvida por ela, é uma. Sem pararmos o movimento da caixa, ligamos, agora, corrente elétrica aos giroscópios, e, tanto que eles comecem a girar, a força centrífuga da caixa aumentará mais. Ora, se a velocidade continua a mesma, o raio, o mesmo, por que aumentou a força centrífuga? Pois aumentou, porque aumentou a massa, isto é, a inércia interior, com que, a caixa, com mais violência, quis partir o cabo, para seguir pela tangente da circunferência. Quando estudamos o redemoinho aéreo, verificamos que quando não há movimento de correntes aéreas encontradas, não há remoinhos; depois, com correntes de ar fracas formam-se pequenos vórtices; se as correntes de ar crescem, o turbilhão aumenta, e quando as correntes de ar forem tufões, o ciclone será tornado arrasador que vai moendo tudo pelo caminho, deixando atrás de si uma estrada de destroços, de ruínas, de caos. Do mesmo modo que os remoinhos são filhos do movimento e crescem com o crescer deste, o pião e o giroscópio ao girarem, criam um campo cinético que passa a pertencer ao corpo em movimento, de sorte que ele cresceu de massa. Os elétrons livres no espaço não se acham desordenados; pelo contrário, formam uma trama de associações em série, paralela e mista, verdadeiro oceano eletrônico, com propriedades, portanto, eletromagnéticas. Apresenta, por conseguinte, as propriedades do ar em extrema rarefação, e, ao mesmo tempo, a rigidez do aço mais duro, no sentido, não de dureza sensorial, mas no de que, só num meio duro como o aço, se poderá propagar ondas com velocidade da luz. Esse campo eletrônico espacial se diversifica na proximidade de qualquer pedaço de matéria, consistindo isto no seu campo próprio, isto é, particular. Suponhamos que este pedaço de matéria é o pião: posto este em movimento, seu campo particular se associa ao próximo, arrastando-o para o seu sistema. Com isto sua matéria aumenta, visto que a matéria de qualquer corpo é o seu corpo visível mais o seu campo eletrônico. O campo de um corpo em movimento gira com o corpo, por estar conectado à massa deste, e arrasta para si, parte do campo espacial próximo. É por isto que um corpo em movimento tem sua massa aumentada, e nenhum corpo material pode atingir a velocidade da luz, porque se isto acontecesse, sua massa se tornaria infinita. Está ficando bem claro isto, Bruco?

– Está.

– Fornecer energia, portanto, a um corpo, é o mesmo que aumentar a velocidade íntima do sistema, e esta velocidade íntima se reflete, exteriormente, como campo eletromagnético, porque, como ficou dito, força o campo geral a aderir ao restrito, ou seja, ao do corpo. O corpo, neste caso, aumentou de massa, isto é, de quantidade de matéria. Como a gravidade atua na

massa, um corpo acrescido de energia, pesa mais. Um pedaço de ferro em brasa pesa mais do que um frio, conquanto isto não se possa averiguar por meio de balança. E depois de a energia ter-se transformado na massa, na velocidade, fornecer ao corpo mais energia seria o mesmo que aumentar-lhe mais a aceleração, e isto representa mais massa. Uma grama de matéria, a zero absoluto, se for transformada em energia, dá vinte e dois bilhões de calorias. Logo, se fornecermos vinte e dois bilhões de calorias a um corpo, ele pesará mais uma grama. A massa do corpo aumenta, por lhe acelerarmos a velocidade íntima do sistema, com a conseqüente ampliação do seu campo eletrônico externo. E qualquer outro tipo de aceleração, que não o obtido por meio do calor, igualmente, resulta em aumento de massa. Se, portanto, um corpo rodopiar sobre si mesmo, como o pião, ou deslocar-se no espaço, como a bala, num e noutro caso terá sua massa aumentada. O pião, o giroscópio e a bala, quando em movimento, tem mais massa do que quando em repouso, e esta massa virtual será tanto maior, quanto maiores forem suas velocidades. Se o calor aumenta a massa, por transformar-se no seio da matéria, em **energia cinética** que é energia do movimento; se dar calor à matéria significa aumentar-lhe a massa, por lhe acelerar a velocidade, segue-se que massa e energia são termos eqüivalentes, e dar energia à massa é o mesmo que dar massa à massa, isto é, dar massa-energia à massa matéria. Se quando os movimentos íntimos se aceleram, a massa aumenta, pela recíproca, se os movimentos íntimos diminuíssem e cessassem, a matéria mudaria de estado, e, desmaterializando-se, voltaria àquela antiga e primeira névoa de pó impalpável que é o espaço de estrutura granulosa do Prof. March. Conseqüentemente, na prática, a lei de Lavoisier, de que ***o peso dos reagentes é igual ao peso dos produtos da reação***, está de pé. Teoricamente, porém, e para os grandes cálculos, não é válida, porque se a reação química desprende ou absorve energia, esta precisa ser contada. Se a massa (matéria) se transforma em energia ($E = M \cdot C^2$), quando uma reação é endotérmica, isto é, absorve calor, os produtos da reação pesam mais do que os reagentes. Se, pelo contrário, a reação é exotérmica, ou seja, desprende energia, o peso dos reagentes é maior do que o dos produtos da reação. Contudo, na prática, nas operações de laboratório, não é preciso considerar isto, e vale o princípio de Lavoisier. Se a matéria se transforma em energia e vice-versa, já não precisamos estar falando, especificamente, de qualquer tipo de energia, pois, toda ela, indistintamente, atuando ***sobre*** e ***na*** matéria, aumenta-lhe a massa. A massa, por conseguinte, não é constante, porém, relativa, dependendo da velocidade da qual é ela função.

Fez silêncio o mestre. E com o olhar perdido no vazio, procurava concatenar novas idéias, depois do que, prosseguiu:

– Nos laboratórios de pesquisas tecnológicas existem prensas para testar a resistência de materiais, como por exemplo, a de blocos de cimento. Executam-se várias fórmulas de misturas, construindo-se, com estas, vários blocos de cimento. Depois de eles secos, são levados à prensa, para se verificar a quantas toneladas de pressão eles se esboroam, e a quantas de tração eles se partem. Deste modo é que se sabe possuir, o cimento, muita resistência a esmagamento, porém, pouco à tração. O resultado destas pesquisas leva o engenheiro a considerar, no cálculo de uma estrutura de cimento armado, como hão de trabalhar o cimento e o ferro; onde houver tração, tem que haver ferro; onde, compressão, cimento. A prensa do laboratório possui um dispositivo de registro da força compressora, de sorte que, quando o bloco testado se esboroa, o registro mostra a quantas toneladas de pressão o fenômeno se verificou. Bom. Usemos esta prensa, agora, na seguinte experiência: ponhamos um prego apontado contra um bloco de madeira, e levemos tudo à prensa. Por este processo experimental saberemos qual a pressão em quilos, necessária para enfiar o prego no bloco de madeira. Empreguemos, a seguir, não a prensa, mas, um malho, e com uma só pancada metamos o prego num bloco de madeira idêntico. Se o prego entrou no bloco, à mesma profundidade que antes, é axiomático que a pressão do malho foi igual à da prensa. Então podemos dizer que a força do malho foi de tantos quilos. Contudo o malho não pesava tanto; donde, pois, apareceu a diferença de peso? Pois de nada a não ser da velocidade com que ele foi acionado. Logo, a velocidade amplia e aumenta a massa. Suponhamos, agora, que metemos o mesmo prego dentro dum fuzil, isto é, usamos um fuzil cuja bala seja igual ao prego-teste. Atirando contra o bloco de madeira, a bala aprofundou-se como nos casos anteriores. Antes tivemos uma pressão só da prensa, que agiu sem velocidade; depois, como a massa real do malho era insuficiente para agir sozinha, tivemos de ampliá-la com o movimento,

conferindo-lhe u'a massa aparente. Agora não temos nem prensa, nem malho, conquanto obtivéssemos o mesmo efeito. Que quer dizer isto? Pois diz, nada menos, que a massa do projétil foi multiplicada pela sua velocidade. É assim que um projétil em movimento tem sua massa real ampliada pela sua velocidade, pelo que ele entra num sólido, como se fôra um prego a cuja cabeça se houvesse batido com um malho o qual, no movimento da pancada, desenvolvesse a mesma força da bala. Tanto com a prensa, como com o malho, como com o fuzil, obtivemos um mesmo efeito, que foi o de enfiar um sólido (bala-prego) num outro sólido (bloco de madeira) a u'a mesma profundidade.

Fez silêncio o filósofo, e enquanto estava pensando no que havia de dizer, manifestou-se Alcino Licas:

– Faz tempo já que eu estou vai não vai para fazer-lhe um pergunta.

– Pode fazê-la, Licas.

– O senhor fala em massa e em peso. Que relação há entre uma e outra coisa ?

– Uma coisa é o peso, e outra, a massa. Massa é a quantidade de matéria. Peso é essa quantidade submetida à ação da gravidade. A massa é praticamente constante em qualquer ponto do universo.

– Por que, retrucou Licas, o senhor diz que a massa é *praticamente* constante, se *teoricamente* já nos demonstrou que ela é função da velocidade?

– Digo que é praticamente constante, porque, em nossa vida diária, em nosso contato primário com as coisas, isto é, enquanto as coisas não nos são problemas, nem objetos de pensamentos, a quantidade de matéria não muda. Nosso contato primário e prático com as coisas não é o de conhecimento, como o entendia Kant. Quando compro um quilo de batatas no mercado, e ao conferir o peso, em casa, noto a falta de cem gramas, nunca me ocorre que tal falta resulte duma diminuição de velocidade dos átomos e das moléculas constituintes das batatas; ao verificar a falta de peso, imediatamente penso que fui roubado. Fui roubado, porque a massa é constante, concluo logo com meu pensamento primário ou prático. Por esta razão digo que a massa é, *praticamente*, constante. Todavia, o peso varia de lugar a lugar, de planeta a planeta, por representar a massa submetida à ação da gravidade do lugar. “O *mesmo* litro de água, que a 45 graus de latitude pesa 1.000 gramas, pesa 997 no Equador e 1002 no Pólo... “O *mesmo* litro de água que na Terra pesa 1 Kg., na Lua pesará apenas 166 gramas. Não há razão, porém, para susto: o *mesmo* litro de água colocado na superfície do Sol pesaria nada menos de 28 Kg.!”⁴¹⁰. Contudo a massa é *praticamente* constante, por representar a quantidade de matéria. Sendo a massa praticamente constante, o peso varia de acordo com a variação da gravidade a que se dá o nome de aceleração; esta aceleração é a gravidade do lugar; por isto é que um litro d'água suspenso no espaço cósmico interplanetário, conquanto tenha inércia, não pesa. Este litro d'água, de peso zero aqui, vai crescendo na proporção em que a gravidade atua sobre ele, até que, na superfície da Lua pesa 166 gramas, na Terra, 1 Kg., e na do Sol, 28 Kg.

– Mas então, que é a gravidade? interrogou Licas.

– Ora, meu Licas, já estudamos isso! A gravidade é a força perífuga considerada de modo isolado. A gravidade não é alguma coisa inerente à matéria, sem relação nenhuma com o movimento, como até aqui se pensava. A gravidade resulta do movimento. O próprio Isaac Newton não afirmou que existe atração recíproca das massas. “Muito acertadamente disse Newton ao enunciar sua lei: “Tudo se passa *como se* nos corpos existisse uma força” sem afirmar que tal força fosse uma realidade, pois certamente seria muito difícil concebê-la e mais ainda compreender sua atuação. Por esse motivo alguns autores se inclinam a considerar a tendência universal dos corpos à aproximação, não como uma força atrativa inerente à matéria, mas como efeito de um impulso que, por certa analogia com a tensão superficial, poderia chamar-se tensão, ou melhor, *pressão espacial*, igual em qualquer ponto do espaço e da mesma intensidade em todas as direções, a não ser que se interponha a matéria, que então serviria como que de anteparo”⁴¹¹. Podemos igualmente dizer, por nossa vez, que tudo se passa *como se* no espaço existisse uma força premindo os corpos uns contra os outros, e todos contra a Terra.

– Porém, de que natureza é esse espaço? insistiu Licas.

410 Enciclopédia Prática Jackson, V, 324

411 Enciclopédia Prática Jackson, II, 358

– Também já estudamos isso; já falamos do contínuo etéreo ou oceano de estrutura granulosa do Prof. March; *nesse* e *desse* contínuo se formam vórtices que são os satélites do núcleo atômico e os elétrons. Os elétrons estão associados pelos seu campos eletromagnéticos, enchendo o espaço, formando um outro contínuo sobre o primeiro do Prof. March. Esta é a natureza do espaço em que se dão os fenômenos gravitacionais; ele é eletrônico, ou dinamomaterial. E como os mesmos elétrons resultam dos grandes círculos ou ondas de energia que se fecham e se restringem nos vórtices, podemos falar de espaços mais ou menos curvos. O espaço menos curvo é a amplíssima esfera da energia, e o mais curvo, a matéria. E entre estes dois extremos considerados, os campos, de natureza eletrônica, que circundam a matéria, são mais curvos na proximidade da matéria, e mais abertos longe dela. O movimento dos elétrons no corpo da matéria cria uma pulsação gravífica de altíssima frequência, e esta pulsação provoca a associação dos elétrons livres do espaço próximo à matéria, consistindo esta associação eletrônica, forçada pela matéria, seu campo. Como se depreende, a tensão deste campo eletrônico é tanto maior, quanto mais estiver próximo da matéria, e tanto menor, quanto mais afastado dela. Por outras palavras, os campos são mais curvos quanto mais próximos à matéria, e menos curvos, quanto mais afastados dela. A matéria é o lugar onde o campo e a curvatura são máximos. Deste espaço contrátil podemos tirar, já, a consequência de que sua pressão não pode ser constante sobre os corpos, conforme o que se lê na “Enciclopédia Prática Jackson, II, 358, onde diz que a pressão espacial é igual, da mesma intensidade e em todas as direções do espaço. Esta pressão resulta do movimento do espaço, não havendo constância nenhuma, considerado de modo amplo. O espaço se move, e a matéria resultou do seu movimento perífugo a um centro, do mesmo modo que a expansão dele rumo à periferia, constitui o movimento centrífugo. E como as duas forças, perífuga e centrífuga, fazem parte do binômio gravífico, não há razão nenhuma para que só a força centrífuga, e não a gravidade, se origine do movimento, sendo esta apenas uma força inerente à matéria, sem nenhum sentido e sem explicação. Se no dualismo gravífico a força centrífuga se deve ao movimento, razão não há nenhuma, para que, igualmente, a oposta força perífuga, ou centrípeta, ou gravidade, não se deva a ele também. A força perífuga se deve ao movimento centralizante do espaço, do mesmo modo que a oponente força centrífuga se deve ao movimento expansivo dele. A força centrífuga resulta de quando, como já ficou explicado, num turbilhão, o centro se move com maior velocidade que sua periferia. A força perífuga, ao contrário, é consequente de a periferia do vórtice mover-se mais depressa que o seu centro.

– Como você está vendo, Licas, concluiu o mestre, a gravitação não é força atrativa somente, separada da repulsiva. Tal é como se observa no aquário de que falei não faz muito tempo. Todavia, não se concebe movimento sem móvel; logo, qual é o móvel de cujo movimento resulta o binário gravífico ou gravítico, Licas? Vamos ver se você entendeu minha explicação.

– Pois é o do oceano eletrônico que enche o espaço, não de modo desordenado ou caótico, mas de modo organizado ou associado, pelo que cada elétron se prende a outro em cadeia mista, ou seja, em associação em série e em paralelo ao mesmo tempo.

– Isso mesmo Licas. Não há espaço vazio, a não ser como idealidade pura; mas o espaço objetivo, real, não existe vazio, nem há fluido semi-material, nem matéria, sem espaço. Contudo, Einstein negou a existência do éter, substituindo-o por sua hipótese do campo eletromagnético. Tanto faz: o campo eletromagnético é o mesmo que campo dinâmico ou eletrônico, que se pode encurvar em matéria; e o oceano eletrônico é isto, com ser um estado intermediário entre matéria e energia. Tanto faz dizer que ele é energia, como que ele é matéria, visto como é ambas coisas, podendo ser mais ou menos material, ou mais ou menos energético, conforme seja o grau de concentração em que se o considere. A hipótese do éter foi criada para explicar a propagação da luz no vácuo interplanetário. Supunha-se, então, que o éter era parado, como agora, erradamente, se diz que a pressão gravítica do espaço é constante, visto como este deve estar parado.

E fazendo uma pausa, procurou o pensador nova posição de cômodo na cadeira, depois do que continuou:

– Michelson quis demonstrar a velocidade absoluta da Terra, isto é, em relação ao éter parado. Estava claro que se o éter não oferecia resistência à rotação e à translação planetária, por causa de sua estrutura imaterial, seguir-se-ia que ele é parado. Se ele está parado, e a Terra gira

sobre seu próprio eixo, deveria existir um como “vento-de-éter” em sentido oposto ao do movimento. Logo, projetando-se um raio de luz, primeiro no sentido rotacional da Terra, e depois no sentido contrário, isto é, no mesmo sentido em que ela gira, no primeiro caso, a luz teria sua velocidade menos a do “vento-de-éter”, e, no segundo, a teria somada à desse “vento”. Feita a experiência, e depois, o cálculo, verificou-se que o resultado era zero, e isto quer dizer que a Terra está parada em relação ao éter, e por isto, Einstein negou a existência dele. Não obstante, segundo a hipótese que venho demonstrando, fica compreensível por que o cálculo de Michelson deu zero. É que a Terra, em girando sobre si mesma, arrasta, com sua atmosfera, o campo eletrônico ao qual toda a matéria está engastada. Uma camada do campo eletrônico arrasta outra, pelo engastamento de associação de campos, movendo-se todo o oceano eletrônico planetário, sendo maior esse mover-se, nas circunvizinhanças da crosta. É assim que existe um campo dinamomaterial pelo qual se propagam as ondas gravíticas, luminosas, hertzianas, etc. A Terra, portanto, está parada em relação a seu campo, precisamente porque este gira com ela. Contudo a Terra, embora tenha seu campo eletrônico próprio, que é o que gira com ela, está submersa no campo eletrônico solar que, por sua vez, se submerge no galáctico. Tanto a Terra como o Sol, em girando sobre si, engasta-se com seu campo eletrônico, arrastando-o consigo; mas o campo eletrônico solar, sendo mais vasto, abarca todo o seu sistema que gira com ele. Os planetas, além de girarem sobre si mesmos, são levados, flutuantes, por esse meio. O meio eletrônico circundante transmite uma tensão gravítica ao campo eletrônico planetário, ou de outro modo: o campo solar pressiona-se com os planetários, e disto resulta a gravidade que é a tal “pressão dos espaços” como afirmam os cientistas modernos. Esta pressão resulta da densidade do campo etéreo espacial, que é variável, em virtude de o espaço achar-se em movimento.

E prosseguiu o filósofo, após uma pausa:

– Quando estudamos o giroscópio, dissemos que ele, quando em movimento, cria um campo gravítico, um campo cinético, um campo eletrônico, um campo de forças em torno de si. Este campo é tanto maior, quanto maior for a massa em movimento, e quanto maior a velocidade. E a fim de ver se aí, o Licas, entendeu o assunto, faço esta proposição: se gravidade é força perífuga, ou pressão dos espaços, qual deve ser mais importante, a massa, ou o volume? influiria o volume na formação do campo?

Tendo ponderado um tanto, respondeu Licas:

– Se a gravitação for função do volume planetário, aumentando-se o volume do planeta, ipso facto, aumentar-se-á a gravitação. Penso que sim, porque se o campo eletrônico pega à superfície, engasta-se nesta, aumentar a superfície equivale a aumentar a área do atrito em que o campo eletrônico adere e faz pressão.

– Portanto, concluiu o mestre, o que vale é a *superfície*, e não, propriamente, o volume?

– Perfeitamente.

– Então, Licas, se dois astros da mesma superfície esférica, quer dizer do mesmo volume, um oco e outro maciço, ambos teriam, em idênticas circunstâncias, a mesma gravitação?

– Penso que sim.

Depois de o pensador coçar a cabeça, argumentou esclarecendo:

– Um pião maciço de latão, igual, em volume, a um pião oco, quando ambos em movimento, o maciço possui mais inércia giroscópica do que o oco, resistindo com mais energia às mudanças de sentido de seu eixo. Contudo ambos tem a mesma superfície de atrito à mesma velocidade; como, então, o pião maciço é mais inerte, Licas.

– Ah! então não sei!

– Você estaria com a verdade, prezado Licas, se superfície quisesse dizer massa. O atrito do campo eletrônico não se dá só na superfície periférica, mas, em *toda a estrutura interna dos elementos formadores do campo em movimento*. Se fosse só a superfície externa que valesse, o peso dos corpos dependeria, também, de seu volume, pois, uma esfera maciça deveria pesar menos do que ela mesma, se distendida em lâmina finíssima. Esta claro que a pressão do espaço acharia mais superfície em que calcar contra a Terra, na lâmina, que na esfera. Logo, a lâmina pesaria mais. Entretanto, o peso não depende da superfície, do volume. Portanto, a pressão do espaço atua sobre todas as partes constituintes dos átomos do corpo, e não somente na superfície

externa. Ora, um corpo pesado possui mais massa, mais matéria, mais átomos, que um leve. Então a atuação do espaço, no material de que se constitui o corpo, dá uma componente gravitacional maior no corpo pesado que no leve, independentemente, isto, da superfície externa. Esta pressão dos espaços, que gostamos mais de chamá-la perifuga, atua no corpo, e sua ação se faz sentir dentro dos átomos, atingindo todos os seus elementos, por causa de serem forças da mesma natureza gravífica. Por outras palavras, a gravidade atua no campo eletrônico-gravífico da matéria, o qual está engastado a ela até as profundezas. Este acoplamento por proximidade genética ou estrutural, ou ainda, por sintonização entre iguais, é o que o norte-americano chama de “fluid-drive”, ou seja, acoplamento fluídico, ou acoplamento elástico da mecânica. Dois ventiladores, um contra o outro, um ligado à força elétrica, e o outro não, ambos giram, porque, se um é motor, o outro é movido; um é ventilador, e outro, ventoinha. O ar faz o acoplamento entre as hélices. Suponha-se, agora, que uma roda de palhetas helicoidais se opõe a outra roda idêntica, a uma distância de um a dois centímetros, ambas contidas por uma caixa de ferro cheia de um fluido viscoso. Uma das rodas é motora, por estar conectada, diretamente, ao motor; a outra é movida, e transmite o seu movimento ao restante do maquinismo. Tal sistema permite arranques macios, porque as diferenças muito grandes de velocidade são suavizadas pelos deslizamentos. Este processo de conexão fluídica que demos o nome de engastamento de campos, é o “fluid-drive” ou acoplamento elástico.

E feita uma pausa, prosseguiu:

– O campo etéreo-eletrônico tanto está fora, no espaço exterior à matéria, como dentro dos átomos, e ainda nos espaços intra-atômicos e inter-moleculares. Assim, qualquer movimento vindo de fora, do meio eletrônico externo, se transmite dentro, nos átomos, por meio do acoplamento elástico. Igualmente, qualquer movimento dentro, nos átomos, se transmite fora, no meio eletrônico periférico fazendo-o mover-se; é por isto que se forma em torno dos corpos em movimento um campo cinético, ou seja, de forças gravíficas. No primeiro impacto de uma força sobre um corpo, este responde com sua inércia, porque os seus elementos constituintes estão engastados, conectados, ao campo geral, o qual, por estar movendo-se noutros sentidos, quer manter o corpo parado. Mas o esforço, atuando sobre o corpo, vence a sua inércia e o faz deslocar-se. Então ele arrasta parte do campo eletrônico externo consigo, e este campo, mesmo cessado o impulso, quer manter o corpo em movimento. Qualquer novo impulso dado ao corpo, implicaria na apreensão de mais campo externo, o que significa nova inércia a vencer. A inércia, portanto, é propriedade gravífica dos campos, produzida pelo movimento, e que, por isso, resiste ou a novos impulsos, ou a mudanças de direção. Está bem claro isto, agora, Licas?

– Está.

– Emprestando-se energia a um corpo, ele aumenta de massa, e este aumento é exatamente, a do campo cinético que se lhe adere, tomado de fora. Emprestando-se calor a um corpo, este passa a pesar mais, e isto é pacífico, uma vez que a ciência demonstrou que energia e massa são termos reversíveis. Ora, quando fornecemos energia calorífica, a um corpo, ele passa a pesar mais, porque há uma aceleração intrínseca dos movimentos atômicos com o conseqüente reflexo no campo do espaço adjacente. O calor transforma-se, na intimidade dos átomos, em energia cinética, energia de movimento, e velocidade é massa. Este é um modo de aumentar a massa a um corpo, atuando de dentro para fora. Todavia podemos, também, atuar de fora para dentro, obtendo o mesmo resultado. Por isso, se fornecermos, diretamente, energia cinética, ou seja movimento, a um corpo, pela mesma razão, ele, também, aumenta de peso. Fazendo mover-se um corpo, ele aumenta de massa, seja esse movimento de rotação, seja de translação que é o de deslocação no espaço. Campo eletrônico é o que está fora, e campo eletrônico é o que está dentro do corpo, na intimidade dos átomos, ligando os elétrons ao núcleo, e eles entre si. O campo externo prime-se contra o campo de dentro, isto é, o campo gravitacional do espaço cósmico, mais aberto, atua sobre o campo do espaço atômico, mais encurvado. O núcleo atômico se move sobre si mesmo, em vórtice, engastado, ou acoplado aos satélites seus, que lhe são menores. Ao girar, ele move o campo seu, ao seu redor, e este arrasta os elétrons nas órbitas, atuando nestes por meio duma energia tensional que é, ao mesmo tempo, gravitação e eletromagnetismo. Por isso a teoria do campo unificado de Einstein tem sua exemplificação no próprio átomo. Quando se fornece calor a um corpo, os elétrons o recebem, acelerando, por isso,

os seus movimentos de translação em torno do núcleo. Este deslocamento dos elétrons, como se faz num meio etéreo (espaço corpuscular do Prof. March), arrasta o meio, pelo que o movimento se comunica de calota em calota até o núcleo, fazendo todo o sistema pulsar mais intensamente, o que representa maior massa. A energia do movimento eletrônico, nas calotas, se comunica ao núcleo, como tensão puxa-empurra rapidíssimo, de frequência curtíssima, maior que a da luz, e esta altíssima frequência da tensão do movimento se chama gravitação. Por outro lado, os elétrons, rodando mais rapidamente sobre si mesmos, ampliam seus vórtices eletromagnéticos, tendendo a afastar-se mais uns dos outros. Este afastamento, por conseguinte, resulta de dois efeitos que são o gravífico e o eletromagnético, agindo, coordenadamente. O resultado sensorial deste acontecimento intrínseco é a dilatação de volume do corpo.

E voltando o filósofo para Alcino Licas, disse-lhe:

– Agora, meu caro Licas, depois de todo este desenvolvimento dialético, poderemos achar a relação entre superfície e massa. Conquanto nas regiões interplanetárias os corpos não tenham peso, têm, todavia, massa, e esta se manifesta como inércia. A inércia não resulta somente da soma dos infra-micro-giroscópios atômicos, senão, também, de que, ao mover-se, o corpo, terá de ser movido o campo exterior que se lhe associa ao campo particular, campo este que se acha engastado aos torvelinhos interiores eletrônicos e nucleares. O núcleo atômico tem mais peso, inércia e matéria, sendo ele quase todo o átomo, precisamente, por ser aí que o campo gravitacional atua, por causa da natureza cinética de ambos. Um pião de chumbo, maciço, tem mais inércia e massa que um de pau. Se ambos fossem moídos e reduzidos a pó impalpável, *o de chumbo daria mais pó*, porque possui menos espaços vazios do que o pião de pau. Ora, reduzir um sólido a poeira impalpável *é aumentar-lhe a superfície, ou torná-lo todo superfície*. Se, quando o sólido era um bloco, a superfície era só a externa, agora, depois de moído, a superfície é a *integral de todas as superfícies de cada grão de pó*. E quando os grãos de pó se tornarem infinitesimais, isto é, tendentes para zero volume, a massa total do sólido ter-se-ia tornado, todo, superfície. Pois é nesta superfície intrínseca, e não na superfície geométrica, que o campo etéreo-eletrônico-gravífico atua. Mais superfície, neste sentido, por conseguinte, tem de ser interpretado como maior quantidade de matéria, maior superfície intrínseca de acoplamento, de engaste, e isto quer dizer mais massa. O que vale, meu Licas, é a superfície-massa, que não a superfície geométrica, pois aquela representa a superfície intrínseca, somatorial de todas as áreas particulares.

– Então, continuou o mestre, a inércia resulta do atrito com o meio muito rígido, mas, imponderável, que é o campo eletrônico; quando a resistência do meio é vencida, e o corpo se move, quer esse meio continuar o movimento, e agora é ele que arrasta aquilo que, outrora, fora o seu motor. Deste modo, um planeta oco, conquanto tenha o mesmo volume de um maciço, terá menor inércia e gravidade, porque, em seu movimento, cria um campo eletrônico menor que o maciço. E a pressão dos espaços, que é a gravitação, depende da reação dos campos, havendo maior reação e pressão, onde houver mais volumoso campo, embora este circunde u'a massa grande, porém, concentrada em volume pequeno. Será que alguém poderá ser mais minuciosamente claro que eu, Licas ?

– Não... Não pode haver maior clareza e esmiuçamento que o seu.

– A ser verdade mesmo, prosseguiu o mestre, que há discos voadores, temos de supor que esses engenhos não se comburem, pelo atrito com o ar, precisamente porque devem possuir um movimento de rotação vertiginoso, em razão do que se forma, em torno dele, um campo gravífico, cinético ou eletrônico. E este campo que se atrita com o ar, e não o corpo metálico do disco. Os que dizem ter visto tais máquinas, no-las descrevem com três esferas na parte inferior; pois essas esferas não podem ser outra coisa, senão giroscópios orientados segundo as três dimensões do espaço. Um bólido se consome, ao entrar na atmosfera pelo atrito com o ar; no entanto, aquela sua velocidade pode ser atingida pela periferia duma roda, sem que ela, sequer, se aqueça. É que a roda, em girando, produz um campo, e este é o que se atrita com o ar, e não a roda propriamente dita.

E pondo-se o filósofo profundamente a meditar, por alguns instantes, continuou:

– Ainda quero tecer mais alguns comentários sobre este assunto. Se o que eu disser for aproveitável, muito bem; se o não for, não tem importância. O que importa é construir hipóteses,

pois que o saber não se constrói sem elas. Quem, por conseguinte, não se arrisca a errar, por isso mesmo, fica impedido de encontrar a verdade. Vocês têm de aprender comigo esta forma de coragem... a coragem de errar. Todos os filósofos a tiveram, e errando e acertando todos, todos construíram a filosofia. Eu não me curvo, respeitoso, diante de Platão, diante de Aristóteles, diante de Kant, pelos seus acertos; curvo-me também diante deles, pelos seus erros!

Disse. E desfazendo pouco a pouco em seu semblante o ar grave, de heróica responsabilidade, prosseguiu:

– Como dizíamos há pouco, para o campo eletrônico não há só a superfície externa, onde se atrita o ar, porém, há a superfície interna, somatorial de todos os elementos componentes do corpo; trata-se duma superfície-quantidade, superfície-massa. Disto, temos que uma esfera planetária feita toda de lítio, embora maior do que uma de chumbo, possui menor gravitação, e também gravidade, ainda que todos os outros fatores sejam constantes para as duas astroesferas metálicas. Deste modo, sempre que nos referimos à massa, entendemos que isto é a quantidade de matéria que integra o corpo, ou seja, a quantidade de espaço objetivo, ou ainda, de éter concentrado nos vórtices constitutivos da matéria. E como os elementos constituintes dos núcleos atômicos estão no nível genético do éter, é aí, nos núcleos, que se dão os engastamentos, e qualquer movimento do corpo significa movimento do éter circunjacente, com a conseqüente formação do campo cinético etéreo, eletrônico e gravífico. Só o volume exterior, sem se dizer do que se compõe o corpo, nada significa. Plutão é mil e trezentas vezes, ou mais, menor do que Júpiter; e, pois, como é tão periférico no sistema solar? É que seu material é o mais denso do sistema, podendo ter, concentrada, mais massa do que Júpiter. Cada planeta ou astro ocupa a órbita que lhe determinaram suas características. Se fossem todos iguais, ocupariam a mesma órbita. Todavia, porque são dessemelhantes, ocupam órbitas diversas. Isto mesmo se poderia dizer dos elétrons das órbitas atômicas, que não são iguais entre si, pois, se o fossem, razão não haveria para ocuparem nada menos que sete esferas, ou calotas, ou níveis de energia, a partir do núcleo. Os elétrons periféricos são mais frouxos do que os internos, mais degradados e com menores características dinâmicas; estão prestes a se desprenderem para se abrir em ondas. E mais: quando um átomo recebe calor, seus elétrons começam a saltar de uma esfera para outra, e esse oscilar eletrônico desenha uma onda ao redor do átomo, que se propaga no espaço. Mas este saltitar do elétron é acompanhado do abrir-se e fechar-se do seu vórtice, de modo que, juntamente com as ondas que produz o saltitar, seguem outras, muito curtas, que são as gravíficas. Os elétrons internos são, ao contrário dos periféricos, altamente dinâmicos, as ondas que produzem ao oscilar, são mais curtas, e se chegam a abandonar o núcleo, fazem-no com prodigiosa energia. Os elétrons periféricos são matéria (encurvamento de onda) no último grau de amadurecimento, semelhantes a Plutão que é quase só feito de corpos velhos e radioativos, enquanto que os elétrons interiores, próximos ao núcleo, são ainda jovens, fechados, materiais. Se os elétrons periféricos correspondem ao planeta Plutão, os internos correspondem a Mercúrio.

E prosseguiu o pensador, após uma pausa:

– Assim como, quanto mais se vai para o centro da Terra, tanto mais se escasseiam os materiais radioativos, também estes se rarefazem, se nos encaminhamos para o centro genético do sistema, seja este planetário, seja galáctico; inversamente, se buscarmos os planetas exteriores, formados da massa periférica da nebulosa, mais se acentuam os elementos radioativos, até que, ao chegarmos à zona rígida das galáxias, encontramos astros em plena decomposição atômica que são as estrelas “novae” ou novas. Cumpre notar, todavia, que nossa referência a Plutão, como pertencente à família solar, não é rigorosa. Pode ser que Plutão seja, assim como Urano e Netuno, filho adotivo do Sol, isto é, incorporado mais tarde à família solar. De Urano e de Netuno, se sabe que têm movimento de rotação retrógrado. Se um astro estiver gravitando o Sol, no espaço, em passando a Terra, por exemplo, pelas proximidades dele, fá-lo-ia cair sobre ela, e caindo ele na resultante dos dois movimentos, o de translação que fazia, e o da queda, transformar-se-ia em satélite da Terra, como é a Lua. Assim é, também, que o Sol incorpora à sua família mais planetas. Igualmente é assim, que acontece com os bólides. Suponhamos que o aerólito esteja (e é o que sucede), animado de prodigiosa velocidade em sentido tangencial à superfície da Terra; neste caso, se a Terra o solicita, ele cai no sentido da resultante das duas forças: a de gravitação terrestre, e a de que está animado. Faz, portanto, uma

curva em torno da Terra, tornando-se um satélite minúsculo, semelhante aos artificiais que os russos e os americanos soltam. É por isso que, no universo se pode dizer que tudo está caindo. É deste jeito que um planeta pode passar a integrar um sistema diferente, e apresentar, às vezes, movimentos de rotação mais rápidos, e as vezes retrógrados. O que não pode ser, e não há exemplo disto, é o planeta transladar-se ao arpejo ou contra a corrente do campo do astro rei que governa o sistema. Por isso, um satélite que faça sua órbita no mesmo sentido do dos astros no céu, tem vida mais curta do que aquele que corta os céus em sentido contrário ao das estrelas; ir contra o movimento aparente das estrelas é estar favorável ao campo terrestre. A Terra gira do oriente para o ocidente; pois os satélites devem gravitar, também, nesse sentido, que, do contrário terão vida mais curta. Todavia, nenhum satélite artificial poderá manter-se muito tempo (como também não se mantém nenhum bólido), no espaço terrestre, porque a velocidade ou impulsão que lhe imprimiu o foguete, se vai, lentamente, diminuindo por causa do atrito com o campo eletrônico. Se tal campo não oferecesse nenhuma resistência, o satélite continuaria, indefinidamente, no espaço; contudo a velocidade não se mantém, e o satélite descreve uma espiral de fechamento constante. Logo, o campo eletrônico oferece resistência. O satélite descreve uma espiral de fechamentos mínimos, e quando entra na atmosfera, como acontece aos aerólitos, se combure e se consome. É por esta razão que os bólidos são sempre vistos riscando de luz o céu, em posição tangencial à superfície da Terra, e nunca, caindo em direção ortogonal ou vertical. E antes de se tornarem aerólitos, por algum tempo, foram satélites. Os satélites caem, como também, os aerólitos, porque são muito pequenos, sem quase massa e sem campo cinético suficiente para ser considerado um membro da família planetária; eles não vão além de fetos planetários. A Lua não cai, e até se está afastando na proporção de um centímetro por ano, (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 190), porque está energizada pelo seu campo, o qual está conexo com os campos terrestre e solar, *dos quais recebe impulso* translativo pelo sistema da alavanca lunar, conforme o expliquei. Se o satélite artificial rodasse sobre si mesmo, vertiginosamente, fosse para a direita, fosse para a esquerda, então formar-se-ia ao seu redor um campo cinético; e se ele se transladasse no mesmo sentido do sistema planetário solar, este atuaria nele fazendo-o manter-se acelerado; já, deste modo, não seria um feto planetário, porém, um filho adotivo pequenino. Tal é o princípio sideral que mantém os astros em suas órbitas. Penso que esta parte ficou bem esclarecida.

E dava mostras o pensador de que este assunto estava encerrado, quando interveio Bruco:

– Aristóteles escreveu que duas massas de pesos diferentes, porém, da mesma substância e forma, abandonadas no espaço, caem com velocidades diferentes, sendo as velocidades proporcionais às massas. Assim duas esferas de um mesmo metal, uma de cem quilos e outra de um quilo, deveriam cair, a de cem, cem vezes mais veloz que a de um quilo. O raciocínio de Aristóteles é perfeito, porquanto, a gravidade terrestre atua cem vezes mais na esfera maior do que na menor. Por conseguinte, se a solicitação gravítica é cem vezes mais na esfera maior, esta deve cair com cem vezes mais velocidade do que a esfera de um quilo. Isto é intuitivo. Todavia, Galileu fez a experiência, na torre de Pisa, na presença dos sábios da época, e para tanto, aproveitou-se da inclinação da torre. Abandonadas no espaço as duas massas de pesos diferentes, porém, do mesmo material e da mesma forma, todas ouviram, não dois, mas um só baque no chão. As duas massas, apesar dos pesos diferentes, caíram com igual velocidade. Por que é isto? Acaso a gravidade não atua cem vezes mais na massa maior, e tanto que, por causa desta atuação maior, a balança acusa maior peso? Pois como, então, não acelerou mais o movimento da maior que a da menor, e antes, pelo contrário, ambas caíram com uma só velocidade?

Tendo acompanhado, atento, todo o desenvolvimento racional de Bruco, e após achar melhor cômodo na cadeira, respondeu:

– Suponhamos, Bruco, que subimos num foguete, a fazer experiências no espaço interplanetário, onde é menor a influência da gravitação terrestre. E levamos, conosco, as tais duas esferas metálicas. Lá em cima, as duas esferas não têm peso, e ambas flutuam no espaço cósmico. Contudo, se tentarmos deslocar essas esferas, com nossas mãos, notaremos que a esfera maior reage mais que a menor. Se dermos um mesmo impulso a ambas esferas, a grande deslocar-se-á cem vezes mais de vagar que a esfera pequena. E se quisermos acelerar os movimentos das esferas, dando-lhes novos impulsos, notaremos que a reação da esfera maior

será, sempre, o cêntuplo da reação da esfera menor. Esta reação a cada aceleração de velocidade, chamá-la-emos *inercial*. Se puxarmos, por dois cabos, as duas esferas, com um mesmo esforço, a esfera menor deslocar-se-á cem vezes mais depressa que a maior. Se aplicarmos à esfera maior um esforço cem vezes maior do que o aplicado à esfera pequena, ambas se deslocarão com igual velocidade. Aqui está o que acontece, Bruco, com massas de pesos diferentes, quando abandonadas no espaço. A gravidade puxa com força cem vezes maior a esfera grande que a pequena; porém, aquela responde com um inércia também cem vezes maior. A reação às acelerações de movimento demos o nome de massa inercial, a outra massa, a que as balanças acusam, daremos o nome de massa gravitacional. Então, essa massa inercial, quando recebe o impulso gravítico vindo do espaço, reage cem vezes mais na esfera maior que na menor. Se o impulso gravítico fosse o mesmo para ambas esferas, é claro que a esfera menor cairia cem vezes mais depressa que a maior. Mas acontece que, se a esfera grande reage, por sua massa inercial, cem vezes mais, ao impulso gravítico, também a gravitação atua nela com cem vezes mais força. Por isso, a aceleração de um corpo que cai no espaço é *diretamente proporcional à massa gravitacional* e *inversamente proporcional à massa inercial*. As duas massas, isto é, a gravitacional e a inercial, como se vê, são iguais, porém, em oposição. Entendeu, Bruco?

– Entendi

– Então, se entendeu, diga-me qual a causa essencial ou profunda desse comportamento.

A este pedido de Árago, Benedito Bruco se pôs a pensar, depois do que repetiu :

– A causa substancial do fenômeno, conforme sua explicação, reside em que, qualquer corpo é um campo etéreo-eletrônico que se acha associado, entrosado, ao campo etéreo-eletrônico geral do espaço; e qualquer modificação, seja de posição, seja de deslocamento, implica em nova forma de associação, ao que os campos geral e particular resistem. De modo que a qualquer impulso, inclusive ao da gravidade, o corpo resiste com toda a inércia da sua massa que é o mesmo que campo associado. O campo restrito do corpo resulta da somatória dos campos de todos os ultra-micro giroscópios constituintes do corpo. Este campo restrito, já, de si, produto do movimento, se acha entrosado, estruturado, engastado, no campo geral, também oriundo do movimento. Qualquer modificação do corpo, implica em nova forma de entrosamento, de estruturação, de engastamento, e a isto, o todo resiste. Massa, por conseguinte, é igual a campo, e inércia, também, é igual a campo, donde se segue que massa é igual a inércia. Se a aceleração da gravidade é diretamente proporcional à massa, é, ao mesmo tempo, inversamente proporcional à inércia; e como a massa e inércia são uma coisa só, equivale a dizer que a aceleração da gravidade é direta e indiretamente proporcional à massa. Esta contradição anula os termos inércia e massa, donde se pode enunciar a lei que diz: a aceleração da gravidade é igual para todos os corpos que caem no vácuo, o que, aliás, se pode comprovar por meio do tubo de Newton.

– Muito bem, Bruco! Essa é a essência do fenômeno. Agora, podemos aprofundar mais um ponto, para depois tirarmos nossas conclusões teleológicas. Aquele pó sub-microscópico do Prof. March é o fim duma cadeia de falências iniciada no *topos uranos*. Este é o fim da fase involutiva, e começo da evolutiva que começou neste ponto marcado pelo ponto zero absoluto do ser, ou nada essencial, ou névoa de pó impalpável, ou caos. Esta poeira etérica moveu-se em turbilhões que são os elétrons, os quais, reunidos uns aos outros, formaram um outro contínuo sobre o primeiro. Outros turbilhões se criaram neste e deste contínuo, pelo encurvamento dele, e isto sob pressão e calores altíssimos só possíveis no seio do Colosso Primitivo de Alpher, Bethe e Gamow. O Colosso Primitivo é o ponto de onde todo o universo físico está se afastando para todas as direções do espaço. Este segundo contínuo, formado de elétrons encadeados pelos seus campos, está sobre o primeiro, e nele se criam outros redemoinhos que são os átomos, os quais, também, estruturam um outro contínuo, o atômico, em cujo seio se constróem os turbilhões moleculares. Daqui vem que a estrutura dos contínuos é granulosa, e os grãos são vórtices; e a estrutura dos remoinhos é a dos contínuos que lhe ficam abaixo, e se criam pelo encurvamento destes contínuos. No e do contínuo atômico geram-se os remoinhos das moléculas simples, e no e do oceano delas originam-se os vórtices dos compostos complexos, até que a vida mais não é do que um remoinho particular da matéria formada de todos os contínuos e vórtices que lhe ficam abaixo. Podemos, então, estabelecer: todo vórtice resulta de um meio que se encurvou

$$\begin{array}{l}
 C_2 M \infty t_2 \\
 t_2 + t_2 + t_2 + \dots + t_2 + t_2 = C_3 \\
 t + t + t + t + \dots + t + t = C_1 \\
 t_1 + t_1 + t_1 + \dots + t_1 + t_1 = C_2
 \end{array}$$

sobre si mesmo, e todo meio é um oceano de vórtices. Por isto, aquele meio corpuscular do Prof. March é vorticoso também, e aqueles são vórtices resultantes de ondas que se fecharam neles, vindas dos espaços profundos. Eis, então, o esquema do universo:

E ao dizer isto, Arago levantou-se da sua cadeira, dirigindo-se para a lousa. E voltando-se para os presentes, falou:

– Se representarmos os meios ou contínuos pela letra “C”, turbilhão ou remoinho, por “T” e velocidade ou movimento por “M”, temos:

Isto quer dizer: contínuo “C” do Prof. March pelo movimento é igual a turbilhão “T” ou elétron. A soma dos turbilhões eletrônicos dá o contínuo “C₁”. O contínuo “C₁” pelo movimento rotatório “M” forma o turbilhão “T₁” dos átomos. A soma dos átomos “T₁” forma o contínuo atômico “C₂”. Os vórtices construídos no e do contínuo atômico “C₂”, dá nascimento aos remoinhos das moléculas dos compostos simples “C₃”. No seio deste contínuo molecular “C₃”, graças ao movimento, criam-se as moléculas em cadeia dos compostos complexos do carbono. Depois vêm as micelas, os vírus, as células vivas rudimentares, os protozoários e fitozoários, os seres coloniais cujas células, pela divisão do trabalho, se especializam, tornando-se dependentes umas das outras. Por este modo surgem os metazoários que enchem a escala de complexidade crescente rumo ao homem, o qual não tem outro caminho a seguir, a não ser o da diferenciação para o exercício de funções específicas, integrando-se, depois, pelo amor, na unidade família que é a primeira célula social de que tudo o mais se constrói, até o *topos uranos*. Os contínuos todos se interpenetram, havendo-os de granulação grossa como a água e ar, e contínuos de granulação fina, como o éter, pois, enquanto o ar e a água são feitos de moléculas, os “grãos” de éter são constituídos pelo fechamento das ondas providas do espaço periférico e distante. A criação de um contínuo superior, pela somação de vórtices maiores, não absorve todas as possibilidades do contínuo precedente; todos os contínuos coexistem, interpenetrados no mesmo espaço. O elétron é o primogênito do éter, e daquele provieram, primeiro, os núcleos de hidrogênio, e destes, os átomos todos. O zero absoluto da escala do ser, é aquela névoa de poeira sub-microscópica, em que tudo se retornaria, se fossem cessados todos os movimentos. É dessa névoa de poeira que teve início a evolução, até às unidades humanas, nas quais se evidencia a consciência como uma forma de turbilhão em que se movem coisas, seres e mundos. Subindonos das unidades humanas que são turbilhões feitos de turbilhões, observamos as formações coletivas, igualmente vorticosas (vórtice espiritual-moral), quais sejam: a família, os órgãos sociais, as sociedades, a nação, o mundo unificado pela sociedade das nações que é fraca, incipiente e ignorante agora, mas que será a potência máxima, do amanhã. Acima da sociedade das nações virão as humanidades galácticas, cósmicas, e finalmente, a monística e divina do *topos uranos*. O Deus imanente é um Vortilhão ou Tornado que tudo abarca, nascido na e da Substância do Contínuo-Pensamento-Amor do transcendente. Aquele é uma individuação orgânica, não em sentido biológico e psíquico somente, mas sobretudo, moral. Ele é um Vortilhão, de turbilhões de vórtices de remoinhos, até ao infinito negativo ou zero absoluto do ser que é aquela névoa de pó impalpável ou não-ser, do Prof. March.

E após se descansar, um pouco, do grande vôo acrológico, prosseguiu o mestre:

– Porque o pensamento é mais ou menos curvo, por isso as formas mentais são mais ou menos limitadas. Quem está habituado a pensar por certa maneira, não sabe, e por isso, não pode pensar de outra. As formas mentais resistem às mudanças, e esta resistência ou inércia mental se chama misoneísmo. Aqui, no nível da consciência, o vórtice também resiste às mudanças, tal,

exatamente, como ocorre no turbilhão gravitacional e no eletrônico. A massa, a mole da cultura, a trajetória das tradições, impõem a continuidade do passado cristalizado nas instituições, e, por isto, o torvelinho consciencial resiste com uma inércia intelecto-emotiva, bem própria a destruir ou a amargar a vida do inovador. Este é o meu risco, e o sei. Contudo, o futuro me pertence, porque, com dada forma de pensamentos, só se podem resolver determinados problemas; para resolver problemas mais gerais, menos limitados, menos curvos, é preciso empregar formas mentais também menos curvas, mas descortinadas, mais amplas. E o processo melhor de se passar de uma forma mental mais curva e limitada, que resolveria só uns poucos problemas, e daria a compreensão de uns poucos assuntos, para uma outra menos curva que, por isto, abarca mais coisas no âmbito da sua curvatura, consiste em proceder por associação de idéias conexas. O melhor, a quem expõe, é partir da forma mental daqueles a quem fala, e, empregando as suas imagens, ir estendendo o processo dialético ou conceptivo, paulatinamente, para além das suas limitações. E tanto quanto me foi possível, fiz isso, até aqui. Então, podemos resumir tudo o quanto hemos dito, para depois tirar nossas conclusões teleológicas. Resumindo:

a) O éter é uma realidade que Einstein pretendeu eliminar por meio de uma simples e infeliz troca de nomes: em vez de éter, propõe ele se diga: espaço. Ora, todos os problemas que ele colocou, relativo ao éter, permanecem colocados em relação ao espaço. Tudo o que Einstein exigiu do éter, exige-se, agora, do seu espaço, porque, sendo este objetivo, material, possui todas aquelas implicações atribuídas ao éter. Logo, espaço é igual a éter, podendo-se empregar, indistintamente uma ou outra denominação, com esta vantagem para o éter, e desvantagem para o espaço: o espaço, se não for particularizado pela partícula restritiva *objetiva*, pode confundir-se com o espaço *subjetivo*, pura idealidade ou forma de conhecer, segundo Kant. Já o éter não apresenta este duplo sentido, consistindo só na realidade, e não, nunca, em nenhuma idealidade.

b) O éter fica, pois, mantido, e representa o limite da matéria subespacial, de estrutura granulosa ou corpuscular, segundo o Prof. March. Os corpos são feitos de éter, ou desse meio corpuscular; a matéria é éter em movimento turbilhonar, e resulta de um encurvamento do contínuo etéreo nos turbilhões eletrônicos, e nos das partículas constituintes do núcleo atômico. Esse éter preenche os espaços, *inclusive o “vazio” existente entre os elétrons e o núcleo dos átomos, e ainda os espaços intermoleculares e interestelares.*

c) Quanto ao tamanho, há uma gradação de unidades turbilhonares, desde a menor, o elétron, até a máxima, as galáxias, e, depois delas, o Universo; quanto à complexidade, também, cada redemoinho maior se forma pelo encurvamento, sobre si mesmo, de um meio de natureza vorticosa. Assim, o encurvamento do éter produz o remoinho etéreo, o elétron; a reunião e organização dos elétrons, pelos seus campos associados, forma o oceano eletrônico de propriedades eletromagnéticas, que enche os espaços; neste meio eletrônico criam-se os turbilhões atômicos, de cuja reunião, por sua vez, nasce o mar de átomos de que se constituem os corpos celestes e adjacências; neste mar atômico constróem-se torvelinhos mais complexos das moléculas simples, e destas surgem as dos compostos mais complexos até os do carbono, na base da vida, e assim por diante, de modo a ser possível uma lei geral: todo o vórtice é formado pelo encurvamento de um meio constituído pela reunião de unidades vorticosas menores, e de cuja reunião se forma outro meio em que, também, se formam turbilhões maiores. Esta lei abrange, na sua amplitude, desde as primeiras formações vorticosas do éter, até o Universo total constituído do universo físico abarcado pelo universo espiritual (*topos uranos*).

d) O elétron é um estado intermediário entre matéria e energia, e o meio que ele estrutura, pela associação com outros elétrons, enche todo o espaço físico o qual, por isto, possui natureza dinamomaterial, ou seja, energia-matéria, ou energia-substância (Einstein), e estes dois termos são representados, idealmente, por tempo e espaço.

e) O campo eletrônico dinamomaterial (espaço-tempo), porque está em movimento, pressiona-se contra os corpos siderais, e esta tensão do espaço se chama gravitação. A tensão gravitacional é representada pelo binômio de forças opostas perifuga e centrífuga, a primeira oriunda duma periferia que se move mais veloz que o centro, e a segunda, de um centro que gira mais rápido que a periferia. As órbitas planetárias representam o ponto zero, isto é, o lugar em que estas tensões contrárias se equilibram. O binário gravitacional é a síntese de duas forças da mesma natureza, porém, antitéticas, que são força perifuga e força centrífuga. Ambas são

proporcionais ao quadrado da velocidade do meio, à massa planetária, e inversamente proporcional ao quadrado do raio contado a partir do centro.

Fez silêncio o filósofo. E olhando para Bruco, interrogou-o:

– Que mais, Bruco, poderíamos acrescentar a este resumo ?

– Penso que nada; para mim ele está completo.

E quando ia o mestre tocar por diante, percebeu que Hierão Orsoni se dispunha a falar, e então lhe disse:

– Pode falar, Orsoni!

– Isso, de reduzir tudo a vórtice, me soa como uma coisa forçada; esse vorticismo me desagrada. Eu sei o que é um turbilhão, e até tenho experiência dele no remoinho aéreo e aquático. Ainda posso concebê-lo nas formações da areia na bacia d'água, e nas do pó de serradura de madeira na redoma de vidro ou aquário. Porém, dizer que o homem é um redemoinho, que vive a rodar sobre si mesmo que nem um saci pererê, isso é uma coisa forçada, arranjada, para concordar com um fim proposto, de antemão. Pode ser uma figura de retórica, e nada mais além disso.

– Essa réplica eu esperava, Hierão, ou vinda de você ou de outrem. Quando digo que o homem é um vórtice, quer você ter uma intuição sensível do que fala, e por isso começa a compará-lo a um redemoinho aéreo que, dizem os simples, é o saci a movimentar-se sobre sua única perna. Acaso tem você uma experiência sensível do turbilhão eletrônico? e do atômico? e do molecular? e do galáctico, a não ser por desenhos e fotografias, nos quais você tem de crer, de fé? Do estudo do vórtice induzi um princípio genético e cinético válido para tudo o mais, que é a lei enunciada há pouco. Do estudo do turbilhão induzi o princípio gravitacional, pelo que a gravitação é um binário de forças oponentes que se equilibram no lugar das órbitas planetárias, o mesmo ocorrendo com os elétrons. A tensão que na matéria grande é gravítica, na matéria pequena do elétron é eletromagnetismo. Este princípio da bipolaridade aparece no nível do homem como altruísmo e egoísmo, como impulso centrífugo que dá à sua periferia, e como impulso contrário que toma dela para si. Acaso o homem não está sempre no ponto onde estas duas forças oponentes se anulam? Não é ele, então, um equilíbrio entre as forças altruísmo e egoísmo? Por isso, quando digo que o homem é um vórtice, refiro-me ao princípio do remoinho que estrutura o homem desde os fundamentos mais remotos, e o governa através das formações sociais da mesma natureza que a dele! Se induzo meus enunciados de baixo, do sensível, da experiência, acaso não procedo de modo diferente dos místicos que se esbaldam em falar do amor, e só do amor, sem mostrar que essa força se equilibra com o egoísmo no binário da vida, de maneira que o mal está só na prevalência de um impulso sobre o outro? Não enxergam tais místicos que só o altruísmo, se fosse possível existir isolado, implicaria na destruição do ser a que impulsiona? Por isso que os religiosos são incoerentes, visto como pregam uma coisa, e vivem outra, por ser impossível a existência só dum impulso, sem o oposto que o contrabalance! Logo, se digo que o homem é um vórtice, já na sua vida biológica que é assimilação e desassimilação, já na sua vida psíquica e moral que é egoísmo e amor, falo do princípio que rege qualquer individualidade, e não, de certo, de uma experiência sensorial, dando a entender que o homem seria um saci pererê, como você, ironicamente, referiu!

Ao tempo em que Árago argumentava, o risote sarcástico de vitorioso de Hierão foi se trocando pelo amarelo, desenhado, dos que se saem mal numa experiência. E vendo o mestre que Orsoni dava o assunto por encerrado, prosseguiu:

– Até aqui vimos a estrutura do universo; agora podemos aprofundar mais esta questão, e ir construindo a hipótese da gênese do universo. Mas isto tem que ficar para outro dia, visto que as horas estão, avançadas.

Capítulo XI

Gênese do Universo

No outro dia, depois que tinha caído a noite, Árago se encontrava na sala da biblioteca, ocupado em fazer umas fórmulas na lousa. Os componentes do grupo de estudiosos iam chegando e tomando seus lugares. Findo o trabalho, o filósofo voltou-se para os presentes, cumprimentando-os, afavelmente. Depois interrogou:

- Que é de Bento Caturí e de Bernardo Jazão?
- Ainda não chegaram, respondeu Chilon.
- Esperemos por eles, então, tornou o mestre.

E enquanto isto, todos se mantiveram em animada conversação, sobretudo tratando dos assuntos da véspera. Até que, chegando os retardatários, Árago deu início aos estudos, dizendo:

– Antes de entrarmos no estudo desta noite, queria chamar a atenção de todos para o assunto a que dei o nome de “fundamentos da terceira jornada filosófica”. Para tornar as coisas objetivas, e também para me servir de roteiro, fiz, ali na lousa, ao lado das fórmulas, um quadro sinótico da matéria.

	objetos reais (coisas)	espaciais temporais - pretérito causais
Ser	objetos ideais (essências)	inespaciais intemporais incausais
	objetos metafísicos	inespaciais temporais - futuro causais

– Como vocês podem ver, o ser é um complexo, no qual se distinguem idealidade e substancialidade; a característica do que é ideal, é o não movimento, ou imobilidade, a par da imutabilidade. Já os objetos reais estão sujeitos ao movimento e à transformação. Não movimento e movimento são os caracteres do ser, que, por isto, se apresenta sob o duplo aspecto de idealidade e de substancialidade. Os objetos reais são as coisas: estão no espaço, porque possuem três dimensões; são temporais, porque se movem e se transformam; e são causais, porque procederam de um antecedente pela transformação. Todavia este tempo a que estão sujeitos os objetos reais, é o tempo astronômico, pelo qual o passado determina o futuro. O movimento passado se prolonga no futuro por causa das leis de inércia, pelas quais se pode prever as trajetórias de um móvel no espaço. No entanto, os objetos ideais não são no espaço objetivo, real, e assim, por exemplo, o conceito que fazemos de peixe, não se encontra em lugar nenhum, senão no nosso pensamento, no nosso espaço abstrato, subjetivo. A pura idealidade é

um não-existir, porque existir implica tempo; logo, os objetos ideais *são*, mas não *existem*. Pela recíproca, a pura realidade é uma não essência, um não-ser, visto que essência vem de ser, e onde não há essência, há o não-ser. Como vocês vêem, o não-ser não é um nada, e sim uma não essencialidade. Aquela matéria primordial de Aristóteles que não foi criada, aquela potência pura ainda em nada ato, é a energia-substância ou substancialidade. E o ser, nem de Deus, nem de nada pode consistir na pura idealidade sem substância, nem na pura substancialidade informada, isto é, sem essência. Este duplo aspecto do ser, a matéria e forma de Aristóteles, não pode ser dissociado na prática, e só teoricamente o dividimos para fins de estudo. Dizer, por conseguinte, que o ser é ideal, ou que é real, representa enunciar somente a metade da verdade. O ser é ideal e real ao mesmo tempo, participando das propriedades da imobilidade e imutabilidade próprias do que é ideal, e, ao mesmo tempo, participando do movimento e transformabilidade próprios do que é real. O ser é idealidade e coisidade. Por isso, a idealidade pura é um *não existir*, no passo que a *realidade pura*, a *pura potencialidade*, é um não-ser; a primeira é, mas não existe, enquanto que, a segunda, existe, porém, não é. Ambas, idealidade e realidade não existem separadas.

– Os objetos metafísicos são inespaciais, porque não possuem coisidade. Minha vida, nossa vida, contêm coisas, e sendo o continente, não pode ser, ao mesmo tempo, conteúdo. Não é espacial, por não possuir três dimensões. Contudo é temporal, e apresenta o caráter notável de fazer-se, de construir-se pelo futuro. Nós queremos ser o que ainda não somos, e este ser do futuro, este irá-ser nos força a caminhar. O futuro é já uma coisa acontecida para nossa idealidade; quando chegamos ser o que ideamos, a coisa, no ideal, já é passado. Por isso é que vivemos de um futuro sido; futuro no tempo objetivo, e sido, como passado, no tempo subjetivo ou ideal. Além disto, a vida é sujeita à causalidade. Porém, este ponto não interessa no momento. Tornemos ao que tratávamos antes, relativo ao ideal e ao real.

– Deus, prosseguiu Árago, é um oceano da energia-substância incriada que enche o espaço infinito. Sobre esta energia-substância está Deus como idealidade, que cria, com aquela energia-substância, seres e coisas. O aspecto realidade de Deus é o imanente pelo qual ele *está* nas coisas, e é a substância delas. Pelo seu aspecto transcendência, Deus é idealidade pura, ou possibilidade infinita de criar novos mundos, novos seres e novas coisas. Vamos imaginar que a energia-substância incriada, e que, por isto, é um aspecto de Deus, consiste num contínuo homogêneo imaginável, concebível assim, mas não cognoscível, por causa da nossa natureza de conhecer *só pela essência*. Conhecêmo-la por oposição ou reciprocidade, porque, correspondendo a pura idealidade com a imobilidade e com a imutabilidade, por oposição, a energia-substância pura corresponde ao movimento extremo. Entretanto, a idéia de movimento implica na idéia de móvel e de sentido. Qual é o móvel, e qual, o sentido? Pois o móvel é a energia-substância, e o sentido do movimento é o do vórtice. E com isto já estamos a falar da essência do vórtice, e por isto é que ele é compreensível. E como a idealidade pura *é*, mas *não-existe*, e a pura substância informal, *existe*, porém *não é*, precisamos concebê-las reunidas desde o início, donde vem que a energia-substância se nos mostra como possuindo essência vorticosa. Então, a primeira formação essencial ocorrida no seio do contínuo incognoscível da energia-substância, é o vórtice. Deste modo o oceano infinito da divina energia-substância é puro movimento vorticoso. Esses vórtices são os mínimos possíveis, infinitesimais, e estão associados pelos seus campos de modo que se podem propagar, por eles, ondas infinitesimalmente mais curtas que as ondas da luz. Que ondas são estas? Pois não podem ser outras que não os raios cósmicos; se o comprimento das ondas dos raios luminosos é 0,0006 mm e o dos raios gama, 0,000.000.000.1 mm, o dos raios cósmicos é 0,000.000.000.006 mm. Não há onda mais curta que esta dos raios cósmicos, com um trilhonésimo de milímetro. E tem tanta energia tais raios, que podem atravessar uma muralha de chumbo de trinta metros de espessura.

Aproveitando-se da oportunidade de uma pausa que fizera o mestre, Benedito Bruco interrogou:

– Qual deve ser o nome dessa partícula infinitesimal, desse vórtice ultra-minúsculo?

– Escreve F. L. Boschke, tornou o mestre, o seguinte: “Mendeleiev chegou ainda à conclusão de que devia existir uma partícula com peso atômico de $3,5/100.000.000.000$, isto é: $3,5 \cdot 10^{11}$ ”.

“Julgava que fosse o *éter*, então defendido pelos físicos e, em homenagem ao grande físico inglês Isaac Newton, deu a esse elemento a denominação de “newtônio”. Ora, nós não sabemos a que corresponde exatamente uma partícula de newtônio de Mendeleiev. Talvez a devamos registrar como uma excelente aproximação do já mencionado *neutrino*”⁴¹².

– E que é neutrino? Perguntou Chilon.

– O núcleo mais simples é o do hidrogênio, composto de um próton de carga positiva. Tirando-se essa carga positiva, resta só a massa sem carga alguma, a que se dá o nome de nêutron. Se tirarmos ao nêutron sua massa, resta um nada a que se dá o nome de neutrino. Assim, o neutrino torna-se uma partícula hipotética, de valor nulo. Porém, é desta nulidade que a massa começa a organizar-se e a crescer; por isto há neutrinos de vários valores massa. Ora, o neutrino, possuindo massa variável, a partir de zero, altera o sistema periódico das partículas elementares, sendo o ponto de partida para o desenvolvimento que nos leva à revolucionária concepção da anti-matéria. Fermi, desenvolvendo a hipótese do neutrino de Pauli, pode explicar por que os elétrons emitidos pelas substâncias radioativas têm velocidades de valor variável. Tais velocidades variam, ao acaso, de elétron a elétron, para um mesmo elemento radioativo, desde zero até um limite. E como velocidade equivale a energia-massa, segue-se que tais elétrons aparecem com massa variável. Este comportamento altera, por completo, nosso hábito de pensar nas energias atômicas repartidas em níveis distintos. Segundo Fermi, a explicação estaria em que, no núcleo radioativo, um nêutron existente no próton, se cinde em um elétron e um neutrino, repartindo-se entre estes dois a massa do nêutron, de modo que o neutrino pode possuir a mesma massa de um elétron, porém sem carga elétrica, equivalendo a dizer que ele é um elétron neutro. Logo, se é possível haver elétrons neutros pode os haver com carga positiva, e aqui está o anti-elétron ou positron. Fazendo-se gravitar um núcleo negativo por um positron, obtém-se um átomo de anti-hidrogênio. E os físicos nucleares já conseguiram produzir átomos com cargas invertidas, o que vale a dizer que chegaram a produzir a anti-matéria. Imagina-se, deste modo um sistema periódico completo de anti-elementos, os quais, em se combinando produzem anti-compostos. E sobre os compostos do anti-carbono, anti-hidrogênio, anti-oxigênio, anti-azoto e anti-enxofre poder-se-ia construir uma anti-vida, semelhante à nossa, e por este caminho se pode chegar ao anti-universo tão complexo como o nosso. No entanto há um fato a se considerar: a anti-matéria não pode entrar em contato com a matéria; elas se chocam e se anulam, transformando-se ambas em energia. Se os homens chegarem a isolar a anti-matéria terão chegado a esta arqui poderosa bomba atômica, perto da qual a mais poderosa bomba de hidrogênio é inofensivo traque.

E continuou o pensador:

– E sendo o universo rodeado pelo *topos uranos*, uma limitação, um encurvamento ocorrido no oceano infinito da energia-substância divina, e considerando que Deus, no seu aspecto idealidade transcendente tudo pode criar; considerando ainda que até os homens chegaram, praticamente, à anti-matéria, podemos conjecturar: não teria Deus criado alhures, no oceano do infinito espaço cheio da energia-substância, um anti-universo? Se há esta possibilidade até para o homem, porque não a usaria Deus? Pensando deste modo, “o Prêmio Nobel Emilio G. Segré resumiu a situação nestas frase incisivas: “Se Deus criou o universo – se os senhores crêem que Ele o criou – haverá alguma razão para supor que tenha preferido a matéria à anti-matéria ?”⁴¹³.

E dando um suspiro, falou para Chilon:

– Mas tudo isto, meu caro Chilon, veio para responder sua pergunta relativa ao neutrino. Agora podemos voltar ao que íamos dizendo: o espaço infinito em que a idealidade transcendente coexiste com a realidade imanente, criacional ou pré-criacional, tudo pode acontecer, estar acontecendo, ou ter acontecido. E a primeira cognoscibilidade que temos da energia-substância, é a de que ela é um contínuo de vórtices infinitesimais, associados pelos seus campos. Estes vórtices são intuídos como grãos de éter das dimensões do newtônio de Mendeleiev, ou dos neutrinos da física nuclear. Deste material Deus criou o universo evolutivo que é este nosso, o qual sabemos existir. De um modo direto, sem evolução, Deus criou o *topos*

412 F. I. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 94

413 F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 97

uranos e as almas habitantes dele. Este mundo celeste, este mundo espiritual, é uma curvatura, por conseguinte, ocorrida no seio do pensamento-energia-substância, que, num segundo momento, é de estrutura vorticosa, e desta essência-substância vorticosa tudo o mais saiu. O espaço criacional, por conseguinte, de curvatura mínima, é limitado, e nele as almas se movem, sem possibilidade de sair fora da curvatura do sistema, além do qual outros *mundos espirituais* e outros universos hajam sido criados ou não. As almas e quaisquer outras coisas, se partissem em retilíneo vôo, com velocidades muito superiores a da super-luz, após milhões de bilhões de anos, retornariam ao ponto de partida, por terem feito a curvatura do sistema. Se houver outros universos cercados por outros *topos uranos*, e até construídos com base na anti-matéria, eles estarão, como o nosso, nos seus limites. Por este modo de conceber, fica tendo razão o Espírito instrutor de Kardec, quando afirma que o espaço é infinito e cheio de matéria que nos escapa aos sentidos e instrumentos.

E tendo meditado certo tempo no que acabara de dizer, disse, resolutivo:

– Agora, após este largo preâmbulo, podemos atacar nosso assunto de hoje, para o qual organizei aquelas fórmulas ali na lousa. Na fase evolutiva, como já hemos visto ontem, todo vórtice é formado pelo encurvamento de um meio constituído pela reunião de unidades vorticosas menores, e, da reunião destas, cria-se um outro contínuo no qual se encurvam outros vórtices de cuja reunião dá nascimento a outro contínuo, e assim por diante, tanto para cima, como para baixo até o limite da *luz incriada* ou *energia-substância* ou *pura matéria-potência* ainda não tornada ato algum, como o entendia Aristóteles. Um meio se encurva sobre si mesmo, e surge um turbilhão, e muitos turbilhões idênticos de cuja reunião se constrói um outro meio, por sua vez, no qual outros turbilhões se encurvam, formando outro meio em que se podem estruturar novos, maiores e mais complexos remoinhos. A máxima velocidade coexiste com a *energia-substância pura*, e a mínima se registra no *topos uranos* que é o vortilhão supremo em relação a nós, que tudo envolve na sua mínima curvatura, tudo, até o universo físico que lhe fica no centro. Ora, se é isto assim, na fase evolutiva, na inversa fase involutiva ou de queda, tudo aconteceu pela recíproca, pelo inverso. Esquematizei este pensamento naquelas fórmulas intuitivas, porém, de modo inverso de como o fiz ontem.

	$+ \infty$	
	↓	
Colônias celulares	$C_3 \quad M = t_3$	
Células	$C_3 = t_2 + t_2 +$	$t_2 + t_2 \quad t_2$
Vírus	$C_2 \quad M = t_2$	
Compostos do carbono	$C_2 = t_1 + t_1 +$	$t_1 + t_1 + t_1$
Moléculas	$C_1 \quad M = t$	
Átomos	$C_1 = t + t + t +$	$t + t + t +$

Elétrons e partículas $C \ M = t$

Éter C

↓
– ∞

E estando Árago junto à lousa, pegou da varinha, e apontando para as fórmulas, principiou a explicar.

– Se o turbilhão “ t_3 ” resulta do contínuo “ C_3 ” que se move, cessado o movimento “ M ”, cessa o remoinho, e a formação Colônia Celular se desfaz nos seus elementos componentes. Deste modo, o movimento turbilhonar do contínuo “ C_3 ”, representado por “ $C_3 \ M$ ”, gera o turbilhão “ t_3 ”. Cessado, como já disse, o movimento “ M ”, “ C_3 ” fica sozinho. E ele existe pela soma dos turbilhões “ t_2 ”. Porém, o turbilhão “ t_2 ” resultou do contínuo “ C_2 ” pelo movimento “ M ”, e cessado este, o termo “ C_2 ” fica só. Porém, “ C_2 ” é formado pela somatória dos turbilhões “ t_1 ”. Todavia, “ t_1 ” resultou do movimento turbilhonar do contínuo “ C_1 ”, por isso que “ $C_1 \ M = t_1$ ”. Contudo, parado este movimento “ M ”, o contínuo “ C_1 ” fica isolado, e ele representa a reunião dos vórtices “ t ”. E este remoinho “ t ” foi ocasionado pelo movimento do contínuo “ C ”, e por esta razão, anulado o movimento “ M ”, “ C ” fica sozinho. Com a cessação progressiva dos movimentos, os vórtices se desfazem, restituindo suas substâncias ao meio de que procederam pelo encurvamento. Porém, este meio é feito de vórtices; cessado o mover-se destes, o meio se desfaz, deixa de existir, e cada remoinho devolve sua substância ao contínuo anterior que lhes deu origem. Antes os contínuos todos coexistiam interpenetrados, ocupando todos o mesmo espaço. Com o desfazimento de cada um no seu precedente, sobra, finalmente, só o último que é aquele da luz incriada, substância divina, ou realidade que faz parilha ao outro aspecto do Ser, a idealidade. Está claro isto, Bruco?

– Está.

– Então, foi isto que aconteceu na queda das almas. Elas estavam integradas pelo Amor, sendo este amor o movimento “ M ” deste nível, que associava, num turbilhão maior, os órgãos sociais. Cessado o amor, isto é, o movimento de integração, cessaram de existir os órgãos sociais que abarcavam as almas. Elas se viram sozinhas, e principiam a guerrear contra as unidades sociais integradas: começaram elas a brigar entre si, e dentro de cada uma, ecoou-se este grito de guerra, começando os próprios órgãos biológicos a se negarem a executar suas funções. Também brigaram as células entre si, e, deste modo, cada todo foi se decompondo nas partes componentes, e cada parte em outras, até o desfazimento total que é o contínuo “ C ” ou éter. Pode ser que o processo retrograde mais, para trás de “ C ”, para trás do éter; mas resolvemos considerar este ponto como o de chegada, na descida, e o de partida, na subida.

E tomando Árago o seu assento, continuou:

– O movimento primeiro iniciou-se com a queda das almas do *topos uranos* que abarca o universo físico. Iniciou-se, por conseguinte, nos amplísimos círculos do pensamento, da vontade e da ação desamorosa; todavia, deixemos isto para depois, e digamos, por agora, que ele começou nos grandes círculos dinâmicos, de curvatura mínima, como são as ondas de energia. Este movimento periférico tendia a fechar-se para um centro (involução, fase perifuga), inversamente do que se dá hoje com todas as ondas dinâmicas, que, por estarem na inversa fase evolutiva ou centrífuga, tendem a afastar-se para a periferia, e a degradar-se como energia. As nossas energias atuais são centrífugas, ao passo que, as do começo da criação da matéria, eram perifugas, visto que fugiam da periferia *topos uranos*, rumo a um centro. E do mesmo modo como a *matéria, hoje, se dissocia, ou se desintegra em ondas centrífugas, as ondas perifugas do começo da criação, se condensavam em matéria*. Se qualquer tipo de *onda centrífuga decresce de intensidade no quadrado das distâncias do centro, qualquer tipo de onda perifuga*

se intensifica na razão inversa desse quadrado, até o ponto em que, ficando o raio a unidade, a onda se torna um grão de pó, isto é, a matéria punctiforme do Prof. March, ou newtônio de Mendeleiev, ou neutrino de massa quase nula dos físicos nucleares modernos. A esfera ondulatória se fecha, e aqui está como o espaço se encurva; fecha-se cada vez mais para um centro, reduzindo-se a um grão de pó submaterial que é o éter. As grandes esferas da energia se apertam e se restringem para um centro, e todo aquele enorme espaço da esfera-onda veio a encontrar-se num grão de pó impalpável e invisível até pelo microscópio eletrônico, que é aquele newtônio, ou neutrino, ou pó do Prof. March. Porém, a onda que se encurvou e se condensou no éter, para o fazer, já se moveu num meio mais diáfano ainda que o próprio éter, e esse meio mais fino que o mesmo éter, por sua vez, é formado pelo encurvamento de ondas mais quintessenciadas que ondas de energia comuns. O meio, em que as ondas se moveram para se encurvar no éter, necessariamente, tem que ser mais diáfano ainda que o mesmo éter, mais imaterial ainda que ele. Esse meio pré-etéreo é o oceano da energia-substância pura, que por não conter essência alguma, é incognoscível. Todavia, o movimento da queda para este extremo desfazimento, iniciou-se num meio formado de vórtices grandes, sobre o qual se propagavam as ondas longas do pensamento e da vontade desamorosa. Portanto há campos materiais que se acham infinitamente acima do éter. Esse meio pode constituir-se de u'a matéria diferente da nossa, porém, semelhante, como é toda aquela gama material de que são formados nossos perispíritos, e ainda os meios (espaços-planos vibratórios) de variados graus de curvatura em que os espíritos se agitam no além, após a morte física.

E parando um pouco, para munir-se de livros, já, de antemão, marcados, prosseguiu: – Leia-se o capítulo VIII do "Livro dos Médiuns" de Allan Kardec, que trata do "Laboratório do Mundo Invisível". Leia-se André Luiz, e ver-se-á como existem outros planos de matérias que são mais desencurvadas, em que as velocidades dos turbilhões de estrutura são menores, donde vem que eles são mais frouxos, largos, tardonhos, e, por isso mesmo, de menores massas. É desse material que se revestem os nossos *pensamentos* para serem *formas vivas*, podendo até serem "odiosas e agressivas", e por isso precisarem ser devoradas pelos ibis, se pequenas, ou escorraçadas para as furnas, pelos cães dos samaritanos, se monstruosamente grandes (André Luiz, Nosso Lar, 160 – 3.^a Ed. e Mensageiros, 172 – 1.^a Ed.).

E após uma pausa prosseguiu:

– Lemos, em "Nosso Lar", que André Luiz, após estafante dia de trabalhos, deitou-se, e dormiu, numa cama que lhe preparara Narcisa, ao lado das Câmaras de Retificação (op. cit. 172 – 3.^a Ed.) Dormindo, sonhou que subira ou fora levado, ao plano em que residia sua mãe, no qual até as flores eram luminosas. A isto perguntamos: que deixou André Luiz, lá, no leito que lhe preparara Narcisa, enquanto estava com sua mãe, no plano superior? O "veículo inferior", dí-lo ele mesmo na página 172. Com que veículo, então, André Luiz abraçou sua mãe, e foi abraçado por ela? Com o "veículo superior", digamos, nós, de passagem. E quando a mãe de André Luiz dorme, lá, no plano dela, que deixa em sua cama, visto que se sobe para planos mais altos ainda? Pois o que deixa na cama é o "veículo inferior" dela, relativamente ao com o qual se sobe mais. Quando André Luiz, Gúbio e Elói inalaram as substâncias espessas no umbral, para se igualarem, em densidade, aos habitantes da "Cidade Estranha", ficaram densos, sem, contudo, serem, para nós, visíveis, visto como não se revestiam de nossa matéria que tem curvatura diferente (André Luiz, Libertação, Cap. IV). De que material eram feitos aqueles braços e mãos que sustinham a coroa de flores luminosas e brilhantes, sobre a cabeça de Raquel, por ocasião da reencarnação de Segismundo, para serem *invisíveis* ao próprio André Luiz? (Missionários da Luz, 230 – 3.^a Ed.).

E feita uma pausa, continuou:

– Por tudo isto sabemos que há muitos tipos de matéria, e cada uma participa das características do contínuo de que procedeu, pelo encurvamento. O primeiro encurvamento foi o da energia-substância incriada, nos vórtices de que se constitui o éter, o qual se encurvou na matéria do plano espiritual, de que são constituídos os veículos de manifestação das almas do *topos uranos*. Esta matéria possui mínima curvatura, e, por isso, de raio máximo. Os espíritos são limitações *também* físicas, havendo um espaço de três dimensões, cheio da matéria que lhes é própria, e na qual se movem. Um espaço mais aberto abarca outros mais curvos. Há matéria de

espaço material mais amplos que mesmo as grandes esferas da nossa energia conhecida. Os espaços interpenetram-se, estando os mais curvos abarcados pelos menos curvos, e o infinito oceano do pensamento e do amor, a infinita atmosfera intelectoemotiva de Deus, que tudo move e anima, é de natureza material, energética e espiritual ao mesmo tempo, cuja fórmula, desde o início, era a energia-substância de Einstein mais a idealidade pura de Kant. A energia-pensamento, num extremo, e o pensamento-lei, no outro, participam das propriedades da energia-substância, por uma parte, e da substância-espírito, da outra, consistindo, por conseguinte, no denominador comum que permite a passagem da matéria ao espírito e deste àquela. Sobre tudo isto está a idealidade pura do Ser, que, por sua natureza, é imóvel, imutável, intemporal, inespacial e incausal, como, aliás, são todos os objetos ideais como os objetos matemáticos e as essências. Deste modo o homem é constituído de planos vibratórios diferentes e interpenetrados, desde os divinos, nas profundezas do seu ser, no nível da Substância incriada, até os periféricos, ilusórios e invertidos, onde está situada a matéria mais densa do seu corpo somático. Por conseguinte, os planos espirituais em que operam, por exemplo, Emmanuel e André Luiz são constituídos de matéria, que é a mesma de que se constituem os seus perispiritos, as habitações, as roupas, os utensílios, os alimentos, o ar, a água, o meio, em fim. Essa matéria resulta da concentração das energias desses planos. Além disso, existe, neles, energia, independente da matéria, porém, estreitamente vinculada a ela, e que dá vida e movimento a esses níveis de vida e psiquismo e consciência. André Luiz nos fala da existência de eletricidade, de luz natural e artificial, bem como de energias magneto-elétricas em toda a sua obra.

E após meditações, continuou:

– As propriedades da nossa e daquela matéria do mundo espiritual, assim como das nossas e daquelas energias, decorrem só *da curvatura dos sistemas*. O encurvamento da matéria do plano espiritual até à coincidência com a curvatura da nossa matéria, chamam os espíritos, materialização. Ao esencurvamento da nossa matéria, chamam, eles, desmaterialização. Como vêm, empregam os espíritos termos impróprios. Provo: Dentro duma caixa-forte ponho um objeto qualquer, um relógio de bolso, por exemplo, e trancafiio a porta a chave, e giro, ao acaso, os discos do segredo. E o espírito, quase sempre ignorante, conectando sua matéria perispiritual à do médium de efeitos físicos, simplesmente mete a mão pela parede do cofre forte, pega o relógio, e o tira para fora através da parede. Temos, então, o revolucionário caso de um sólido atravessar outro sólido, sem deixar o buraco da passagem. Que aconteceu, Hierão.

– Ora, pois o espírito, em pegando o relógio da caixa-forte, desmaterializa-o, e, deste modo, retira-o para fora. Ao depô-lo sobre a mesa, e retirada a mão, o relógio se materializa outra vez, tornando-se visível e palpável. Tal é como o ensina minha doutrina espírita.

– Viram, tornou o mestre, como é a explicação espírita? O próprio médium pode ser transportado através de paredes da grossura e do material que se quiser. É crível que o espírito, invariavelmente ignorante do que acontece, possa *desintegrar* um ente humano, e *materializá-lo* de novo? O que o espírito faz, inconscientemente até, é comunicar às coisas materiais do nosso plano, a *curvatura sua*, isto é, *da sua matéria perispiritual*. E como matérias de curvaturas diferentes não se interferem, podendo coexistir no mesmo lugar do espaço, o médium atravessa a parede do quarto, e o relógio, a da caixa-forte. Basta, portanto, encurvar ou desencurvar a matéria, e ela apresenta propriedades diferentes. A matéria “vitalizada”, hectoplasmicamente, *torna-se um espaço menos curvo* e mais aberto; e todo o espaço menos curvo pode conter, pode ser penetrado, pode coexistir com outro mais restrito, mais curvo, mais limitado espacialmente. O fenômeno se dá porque os espaços não têm a mesma curvatura, e por isto, o infinito número deles pode coexistir no mesmo lugar, sem interferências. Basta, portanto, ao espírito, variar a curvatura do espaço, e já as matérias não se interferem, não se atritam, não se opõem, mutuamente, resistências, podendo ambas coexistirem no mesmo lugar, e, por conseguinte, uma atravessar a outra.

E após concatenar novas idéias, prosseguiu:

– Nossa matéria densa pode, pois, variar sua curvatura, e como que tornar-se imaterial. Quando um espírito desencarnado, usando o ectoplasma do médium de efeitos físicos, “vitaliza” a matéria grosseira, pode, depois, não só levitá-la no espaço, senão, também fazê-la atravessar as solidíssimas paredes de uma caixa-forte hermeticamente fechada. É por este processo que se

podem retirar, nas chamadas operações espirituais, pedras dos rins, da bexiga e do fígado. A matéria não se desmaterializa, como se costuma dizer; os elétrons apenas passam a percorrer órbitas imensamente maiores. Aumentando-se os raios eletrônicos (raios geométricos da esfera atômica) que ligam os elétrons aos seus núcleos, a velocidade angular diminui para compensar. Está claro que, sendo a força centrífuga proporcional ao raio, à massa e ao quadrado da velocidade angular, se o raio aumenta, para que a força centrífuga continue a mesma, é preciso diminuir a velocidade angular eletrônica. Ora, percorrendo órbitas maiores, e ainda com velocidade angular diminuída, cessa aquela quase onipresença da partícula eletrônica em todos os pontos da sua trajetória, única causa da rigidez e da impenetrabilidade material. Em termos sensoriais, poder-se-ia dizer que um alfinete de cabeça, por exemplo, em se “desmaterializando”, para sair de uma caixa-forte, teria as dimensões de um prego de tendas. A matéria, neste estado, tem seus espaços intermoleculares alargados, e a outra matéria, a da parede do cofre, passa por entre eles. O espírito trabalha com a matéria, mas, a do seu plano; trabalha com a matriz etérea ou duplo do alfinete, e sua parte física, com estar “vitalizada” pelo hectoplasma, acompanha a matriz, desencurvando-se mais. O espírito que faz estas coisas, pode não ser consciente deste processo, e daí o não poder explicar como o fenômeno se efetiva. Neste caso, nos dirá que basta o seu querer, para que as coisas se dêem.

A estas palavras de Árago, interrogou Bruco:

– Que é esse duplo etéreo ou matriz fluídica das coisas?

Pondo-se o mestre a refletir, respondeu:

– Lembra-me haver lido que Waldomiro Lorenz recebeu umas poesias em esperanto, de poetas desencarnados que, em vida, não sabiam esperanto. Perguntando Waldomiro em que livros estudaram essa língua, responderam que nos nossos. Nós estudamos no duplo etéreo do livro que vocês tem na estante, responderam eles. Também me lembra haver lido num dos livros de André Luiz que uma criança, estando no plano espiritual em companhia da mãe, porém, aqui na crosta, colheu uma flor num pequeno jardim residencial. A criança colheu o duplo da flor, e a parte física desta, entrou a murchar-se, tombando sobre a haste que a sustentava. Esse é, meu caro Bruco, o que se pode entender por duplo etéreo ou matriz das coisas.

– E o senhor aceita tudo isso, de fé, como sendo a verdade? Acaso não lhe ocorre que tudo pode não passar de pura ficção?

– Ocorre-me, tornou o mestre. E não dou nada disto como sendo a verdade, e sim, como hipótese de trabalho. Tudo fica destarte, pendente de comprovação. Entretanto, esta hipótese pode nos auxiliar a compreensão da hipótese maior, que é a de haver vários tipos de matéria, desde a grosseira nossa conhecida, até aquela de mínimo raio de curvatura de que se vestem as coisas e almas do *topos uranos*. De umas coisas que estão assentadas decorrem outras que nos são hipotéticas. Que a energia se concentrou em matéria, formando o Colosso Primitivo, é um fato, pois o universo que dele saiu, está aí como experiência sensível para todos. De onde, pois, veio aquela energia que se converteu na matéria? Bom. Que há evolução, a partir do caos, do simples para o complexo, da matéria bruta para a matéria viva, e desta, depois, para a inteligência e a consciência, é outro fato, que não adianta querer iludir ou enganar, ou falsear. Ora, havendo evolução, com todo o seu cortejo de dores, fadigas, aflições, lutas, vitória da força e da astúcia de uma parte, e martírio, desesperação e morte, da outra, impõe-se esta verdade inexorável: houve queda, ou não há Deus de bondade e de amor. Suposto, então, que há Deus, segue-se que houve queda. Logo, aquela energia que se converteu no Colosso Primitivo *necessariamente*, proveio da desintegração de parte dos espíritos que caíram do *topos uranos* no caos. Vejam, vocês, que se forma uma cadeia que ninguém pode quebrar. O desenvolvimento dialético faz que uma idéia puxe outra, obrigando-nos a formulação de hipóteses, que vêm corroboradas por aquilo mesmo que os místicos afirmam. Suposto que há o *topos uranos* como sendo o de matéria menos curva, e, conseqüentemente, de espaço de raio máximo, essa curvatura mínima tudo abarca no seu âmbito, apresentando-se-nos como uma esfera imensa, a flutuar no seio do contínuo do transcendente. Este contínuo transcendente, é por sua natureza infinito, eterno, incausal e representado pela idealidade e pela energia-substância, o que vale dizer Essência e Substância, ambas eternas, ambas infinitas, ambas incriadas. No seio desta Essência-Substância criou-se aquela grande esfera do imanente, do criacional que é o *topos uranos*. No

seio deste os encurvamentos iam até certo ponto, que era, o representado pelos seres e coisas neste nível excelso de perfeição. Mas ocorreu a queda, que não pode ser entendida senão como encurvamentos maiores até o máximo que é o estado da energia-substância de onde tudo saiu a primeira vez, pela criação de Deus, e de onde tudo sai agora, de novo, pela evolução. Deste modo as várias matérias se escalonam pelos seus raios de curvatura, desde aquela de raio máximo, até a de raio mínimo que coincide com a do não-ser ou pura energia-substância, donde partiram as primeiras criações perfeitas operadas por Deus, sem evolução e sem dores, e onde, agora, partem as segundas criações feitas através da evolução com imperfeições e com dores.

E após ponderar um tanto, em silêncio prosseguiu:

– Vocês já repararam numa formação ondulatória, como a que vemos na água tranqüila de um lago em que jogamos uma pedra?

– Quem já não viu isso? respondeu, por todos, Bruco.

– Bom. Neste caso, vocês hão de intuir o que venha a ser uma onda esférica, ocasionada, no ar, pelas vibrações das moléculas de um sino?

– Também isso é intuitivo, tornou Bruco. As ondas sonoras são esferas de dilatação constante, a comecem pelas moléculas do sino, e depois, pelas moléculas do ar pegadas à fonte sonora; essas esferas dilatam-se pelo choque de próximo em próximo, a partir da fonte, para todos os lados do espaço.

– Então, replicou Árago, a esfera-onda possui *quatro dimensões*, sendo três, as comuns da esfera geométrica, e uma quarta, que é o tempo, que é medida da expansão da esfera no espaço. Quem é que não entende esta evidência?

– Pois isso não tem o que entender, respondeu Bruco; é uma intuição sensível, uma experiência intelecto-sensorial, uma vivência. A quarta do espaço-tempo não é nenhum mistério, não passando da onda de energia que participa de todas as propriedades do espaço esférico, e de todas as do tempo que mede o movimento de deslocação. Por isso, a energia possui espaço, juntamente com o tempo. Aquele espaço que a onda aprisiona em si, na sua curvatura, possui três dimensões. Se congelássemos a onda, ou a considerássemos num momento dado, ela não passaria duma esfera como uma bolha de sabão, estando, por isso, sujeita aos princípios matemáticos da esfera. Por este motivo, a lei do decrescimento da intensidade, válida para qualquer tipo de onda, se dá, na razão inversa do quadrado das distâncias da fonte. Pois claro: a superfície esférica está na razão do quadrado do raio. Ora, sendo a onda uma esfera de dilatação constante, quanto maior ficar a esfera, tanto mais se enfraquece a intensidade da onda, pois a energia que ela carrega, tem de distribuir-se por uma superfície esférica cada vez maior; e como a superfície da esfera é proporcional ao quadrado do raio, segue-se que a intensidade da onda de energia decresce na razão inversa da desse aumento; logo, na razão inversa do quadrado do raio, ou seja, do quadrado das distâncias da fonte.

Terminando Bruco seu pensamento, continuou Árago:

– Vêem, vocês, como são conexos esfera e onda, espaço e tempo, matéria e energia. Por isto a onda se subordina ao determinismo físico, isto é, às leis do espaço geométrico, e se apoia na matéria de que o espaço está cheio. Mais um passo agora: esferas vibratórias de freqüências diferentes ocupam o mesmo espaço, sem se interferirem. Esferas-ondas, esferas vibratórias são espaços, Hierão?

– Que dúvida!

– E como, então, espaços diferentes, isto é, de esferas-ondas de freqüências diferentes, podem estar juntas ocupando um mesmo espaço, sem interferências? Como se explica que podemos distinguir numa execução musical, os vários instrumentos que dão notas diferentes, e até quando dão u'a mesma nota, por causa dos timbres? Como se explica isto, Hierão?

– Ah! agora não sei.

– Pois é pelo que já dissemos: espaços de curvaturas diferentes podem coexistir no mesmo lugar sem se interferirem. É por isto que as ondas, que são esferas, não se misturam, conquanto se interpenetrem, pois constituem espaços de curvaturas diferentes. As curvaturas desses espaços são representadas pelas freqüências.

A isto que Árago disse, todos ficaram sem entender. Percebendo o ar de hesitação, explicou melhor o pensador:

– Quando falamos da propagação da onda feita pelo choque de próximo em próximo, ficou subentendido que cada compressão do ar é seguida de uma rarefação. A onda de choque se propaga, porém, é seguida doutra onda de rarefação. As moléculas do ar oscilam num avanço e num recuo, donde vem que a onda toma o aspecto duma linha sinuosa. Cada ciclo de onda, cada oscilação, que se representa com uma linha sinuosa, pode reduzir-se a um círculo, daí, ciclo. A linha sinuosa é um círculo desdobrado ao longo do seu eixo de propagação, isto é, do seu diâmetro, e este diâmetro, na onda, é o tempo, ou ainda, representa o comprimento da onda, ou seja, o espaço percorrido por ela em cada oscilação. Assim, a sinuosidade dos ciclos pode reduzir-se a círculos. Estes círculos são pequenos para as ondas curtas, e de alta frequência, e grandes para as ondas longas, de frequência, baixa. Os círculos ou curvaturas da onda vão-se tornando tanto menores, quanto mais se sobe pela escala dinâmica, desde o som mais profundo do contra-baixo até à gravitação, onde a onda se confunde com a matéria, consistindo ela na tensão perifuga-centrífuga do campo gravitacional que já estudamos. De maneira que tudo se reduz a curvaturas, havendo tantos espaços objetivos no mesmo espaço geométrico, quantas são as frequências ondulatórias, ou, de modo mais amplo ainda, quantos são os planos de vida do universo. Pelo que exponho, há espaços, e não, espaço. Por isso é que se pode falar em concentração e dilatação do espaço, ou seja, de encurvamento e desencurvamento da energia-substância diferenciada dele. Por este motivo, a matéria que conhecemos tem uma curvatura que corresponde ao seu campo gravífico da mesma curvatura. Envolvendo e interpenetrando essa matéria grosseira, há o duplo constituído de u'a matéria menos curva que é o duplo; além do duplo há outro duplo, neste caso, triplo, de matéria ainda menos curva, e assim, até que os duplos se rarefazem e se esfumam nos vários níveis do universo. Uma execução sinfônica vibra o ar, e nós ouvimos; ao mesmo tempo, vibra o duplo do ar, e pode ser ouvida pelos espíritos desencarnados presentes na sala do concerto, tenham eles a hierarquia que se imaginar. Um serafim, presente no recinto não precisaria descer vibratoriamente, isto é, descer do seu nível ou plano espiritual, para poder ouvir a música; ouvi-la-á através do duplo que lhe corresponder ao meio natural. Deste modo, os acontecimentos ocorridos nos planos inferiores podem ser observados em todos os demais planos que lhe estão acima, sem que o contrário se verifique. Estas minhas palavras estão sendo ouvidas por um auditório que transcende, em muito, o número de vocês aqui presentes. Estou sendo observado do mais alto, e não raro me vem de lá, um raio de inspiração que confundo com as minhas intuições. Um grito de desesperação e de dor, corta os universos de plano em plano, em linha vertical, indo lacerar o coração de um serafim como Cristo que se acha inflamado do amor divino, descendo dele a resposta que nem sempre acha ressonância na alma encarapçada do aflito.

E coibindo o mestre a emoção que estas últimas palavras lhe causaram, prosseguiu:

– Há, pois, tantos espaços, quantos as possíveis curvaturas, e espaços de curvaturas diferentes não se interferem quanto a coexistência, sendo como se não existissem para quem somente sente e vive o seu plano. Assim, o homem encarnado não sente o espaço onde os desencarnados se agitam ao lado e acima dele, nem esses sentem o plano físico, no que há de físico, e sim, só no que há nele de duplo, de triplo, de quádruplo, etc., cujas curvaturas correspondem aos daqueles planos. É deste jeito que um espírito pode retirar um livro de nossa estante, para estudar nele, como fez o poeta que declarou a Francisco Waldomiro Lorenz ter estudado Esperanto nos nossos livros, no duplo destes, como afirmara. Quer dizer que se um espírito retirar o duplo de um livro de nossa estante, para nós, o livro continuará lá, porquanto lhe enxergamos a parte física; todavia, para um outro espírito do mesmo plano do primeiro, há um lugar vago, visto como ele enxergará só o duplo etéreo e não o físico. Outro caso idêntico a este de que já falei, foi o da criança que, estando no plano espiritual, colheu o duplo duma flor, e em consequência disto, a parte física dela murçou, prontamente, e morreu. (F. Cândido Xavier, Mensageiros, 191).

– Eu disse há pouco, continuou o filósofo, que a linha sinuosa representa o desdobramento do círculo ao longo do seu diâmetro; e também que, na onda, o diâmetro é o espaço percorrido, ou o tempo que ela gastou em percorrê-lo numa oscilação. ***O espaço é linear, aqui, precisamente porque representa o tempo.*** Eis o processo da construção das figuras geométricas repetindo-se. Geometricamente a linha nasce pela deslocação do ponto; o plano

surge pelo movimento da linha no sentido da perpendicular a ela; o volume origina-se pelo movimento do plano no sentido duma perpendicular baixada sobre ele. No tridimensional seguinte, o espaço é, de novo, o ponto de cujo movimento nasce a linha que, agora, é o tempo. E do mesmo modo que, no tridimensional anterior, a linha é absorvida pelo plano, neste segundo tridimensional, a consciência planimétrica, e é a nossa, e absorve o tempo, e é, a seu turno, absorvida pela hiper-consciência própria do gênio. A unidade de medida da consciência é o raciocínio, e a da hiper-consciência, a intuição.

– O tempo, continuou o pensador, é o comprimento da onda, ou espaço que a onda percorre numa oscilação. Por aqui se pode calcular as curvaturas de todas as ondas, visto como essas curvaturas podem ser interpretadas pela volta da linha sinuosa à sua condição de circunferência. Na onda, como a circunferência se acha desdobrada na sinuosa, o comprimento dela é igual a dois diâmetros. Quer dizer que o diâmetro da circunferência ondulatória, não desdobrado, é igual à metade do comprimento do eixo que representa o comprimento da onda. Logo, o raio da curvatura é um quarto do comprimento da onda. Explicando melhor: o comprimento da onda é igual a dois diâmetros, e cada diâmetro, igual a dois raios; conseqüentemente, o comprimento da onda é igual a quatro raios. Dividindo-se portanto, qualquer comprimento de onda por quatro, obter-se-á o raio de curvatura do sistema ondulatório. Quanto mais curta for a onda, menor será o raio da curvatura do sistema, até que essa curvatura coincide com o átomo, com o elétron, com o núcleo, com as partes deste, e por estas alturas, se a onda for frenada em seu movimento, ela passa a girar em torno de si mesma formando um turbilhão, e isto é já partícula ou matéria.

E tendo respirado fundo, numa pausa, continuou:

– Mesmo a tese de Maxwell, de que a luz tem propagação eletromagnética, não se sustenta, se o espaço não possuir um meio em que se suportem os campos elétricos e magnéticos sucessivos e alternados. Segundo a tese de Maxwell, um campo elétrico gera um campo contíguo magnético, o qual, por sua vez, cria, contiguamente, e para o exterior, outro campo elétrico, e assim por diante. Mas em que se apoiam os campos elétricos e magnéticos, Bruco?

– Pois apoiam-se no nada.

– Porém, o nada pode servir de apoio a alguma coisa?

– Bom... digamos, então, que a onda se projeta no espaço, pela força mesma da sua impulsão, e por isso, sem se apoiar em nada.

– Neste caso, tornou o mestre, o espaço que as ondas eletromagnéticas vão ganhando ou cobrindo, ao propagar-se, estava vazio antes ?

– Estava.

– Contudo o espaço vazio é pura idealidade, e para que exista, é preciso haver nele matéria. Já estudamos que os objetos ideais, como espaço e tempo, *são*, mas *não existem*, e que os objetos reais, como a matéria e as coisas, são e existem. Entendeu isto Bruco?

– Entendi, mas gostaria de ouvi-lo, de novo, sobre essa matéria.

– Seja, então. Na matéria nós temos a física, e, no espaço abstrato, geométrico, ideal, a metafísica; metafísica, etimologicamente, significa *depois da física*. Nossos sentidos sentem a física, e nosso espírito constrói uma síntese que é a metafísica. Deste modo, espaço é um conceito metafísico, abstrato, ideal, como também o é o tempo. A realidade que, no plano sensorial, é matéria, no nível consciencial, subjetivo, metafísico, se chama espaço. A realidade que, no plano objetivo ou sensório, é energia, dinamismo, devir, no nível subjetivo da consciência se chama tempo. É por isso que não existe matéria sem espaço, nem tempo sem movimento. O que tem havido é uma dicotomia entre espaço e matéria, como se espaço pudesse existir vazio daquela. Isto acontece porque nosso espírito, sendo livre em suas dimensões superespaciais e supertemporais, pode criar u'a metafísica puramente ideal sem correspondência real ou objetiva, mesmo quando trata de coisas que lhe ficam abaixo. Mas a pura idealidade sem correspondência com a realidade é, no seu plano, porém, não existe, porque existência implica em coisidade. É deste jeito que podemos criar, na imaginação, formas sem matéria alguma, iguais às projeções estereoscópicas de figuras planas. Todavia, para tais formas existirem, como realidade objetiva, física, concreta, preciso é possuírem matéria ou substância. De igual modo podemos pensar num espaço infinito e num tempo eterno, além do sentido que

nos dá a matemática destes vocábulos, que é só o de indeterminação. Esta é a vantagem do espírito metafísico-científico sobre os que somente são metafísicos, e não, científicos, e sobre os que só são científicos, e não, metafísicos. Os primeiros, como já dizia Francis Bacon, agem como as aranhas que tudo tirando de si, fazem uma teia muito fina e bem tecida, mas, que não passa de teia-de-aranha de conhecimento. Os segundos, os só científicos, perdem-se nos labirintos da análise e nada enxergam, conquanto vejam muito, em razão do que, se tornam agnósticos, céticos, pessimistas, como aconteceu com David Hume. Nada, meus caros, de metafísica sem física, de misticismo sem ciência, de espaço e tempo sem matéria e energia que aqueles correspondem. Por outro lado também, nada de física sem metafísica, ciência sem fé, de matéria sem espírito. E as conclusões mais altas do espírito hão que ter por substrato as mais baixas que, por sua vez, hão-se de estar apoiadas nalguma coisa que não a pura fantasia, visto como, para o espírito que opera só com a metafísica, no plano da pura idealidade, real e fantasia se confundem. O espaço vazio e o tempo sem movimento são pura idealidade, pura forma de conhecer, e representam *nada substancial*, se nenhuma matéria e movimento os encherem e lhes derem realidade objetiva. O espaço *é* como pura idealidade, porém, *não existe*, objetivamente, enquanto nele não houver matéria. Igualmente, o tempo, como objeto ideal, *é*, contudo não *existe*, enquanto não for preenchido pelo movimento. Está ficando bem claro isto, Bruco ?

– Está.

– Então, quando se diz espaço, subentende-se que há alguma coisa lhe outorgando realidade, que do contrário ele não existe, não é?

– Perfeitamente.

– Logo, se como você disse, as ondas projetam-se no espaço, como projeteis, graças à sua própria impulsão, temos de supor que elas avançam *para e pelo* que não existe. Suposto que o espaço é vazio, temos que concluir que são as ondas que, em se propagando *no nada*, por *esse vazio*, criam o espaço objetivo por onde passam, criam o espaço no lugar desse nada.

– No lugar desse nada? interrogou Bruco. Mas o nada não possui lugar, porque lugar é espaço, e onde há o nada não existe espaço.

– Calma, Bruco; vamos continuar raciocinando pelo método do absurdo. Pelo que estamos vendo, as ondas não se propagam no espaço, porque este só existe, quando as ondas chegam onde ele devia estar. Ele não existia antes da propagação ondulatória, por estar vazio. Não existe de antemão, um espaço, no qual as ondas se propaguem; ao contrário disto, as ondas é que, em se propagando pelo “nada” (!), criam o espaço à sua passagem. E como elas se propagam até mesmo quando se extinguiu a fonte, segue-se que vão deixando o nada outra vez atrás de si. O nada, o não espaço real, fica, assim, antes e depois do trem de ondas que avançam pelo nada periférico. Segundo este modo de falar, como se há de definir espaço Bruco?

– O espaço, neste caso, é o lugar ocupado pelo trem de ondas.

– Viram, concluiu o mestre, tal é a conseqüência lógica a que somos obrigados a chegar, se admitirmos o espaço vazio, só porque a ciência não pode encontrar o meio que o enche.

E depois de achar melhor cômodo na cadeira, continuou:

– O tempo, como vêem, é a duração do movimento. No entanto, não existe nenhum movimento absoluto no universo, que pudesse servir de padrão aferidor para os outros movimentos. Não há um tempo absoluto, básico, que pudesse servir de medida aos demais tempos. Cada fenômeno possui o seu tempo próprio, que é o quanto lhe demora o transformismo ou movimento. “Os segundos-mosca são mais curtos que os segundos-homem. Para cada sistema e cada criatura, o metrônomo do tempo bate em outro compasso”⁴¹⁴. Mais: “Também o ser vivo vive no ritmo de tempo que corresponde ao seu sistema de referência. Ele vive rapidamente em mundos leves, e devagar em mundos pesados. (...). No satélite de Sírius, um homem viveria mais vagarosamente, mas proporcionalmente mais tempo”⁴¹⁵. Assim, a idéia de tempo é correlata com a de movimento, não podendo ninguém pensar em tempo sem, implicitamente, pensar em movimento. O tempo é a abstração do movimento. Se no movimento está o físico, o fenomênico, o real, o que se vê, no tempo está o metafísico, o ideal, o que se

414 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 47

415 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 49

pensa. Do mesmo modo que não se concebe um espaço vazio de matéria como se fora realidade, não tem sentido um tempo imóvel, sem movimento. Matéria e movimento são a experiência sensível, e, por isso, física; espaço e tempo são abstrações daquelas realidades, e, por isso, metafísica. O tempo seria a duração do movimento de alguma coisa no espaço, ou, o movimento do mesmo espaço. Uma esfera ondulatória (e todas as ondas o são) seria um espaço em movimento. Sendo a onda uma esfera, possui as três dimensões do espaço; porém, esta esfera não está parada, estática, congelada, que, se isto fosse, seria matéria e não energia; ao contrário, ela se move abrindo-se no meio espacial. A onda é uma esfera de dilatação constante, se tivermos em vista só as ondas centrífugas. Por isso existe, para ela, não só as três dimensões do espaço, senão, também, o tempo, que é o quanto demora aquela dilatação em vencer distâncias. Toda a onda, pois, é um espaço em movimento, e a frequência da oscilação a individual, de modo a se não misturar com as ondulações de frequências diferentes.

E tendo feito uma pausa, concluiu:

– De maneira que, ao falarmos em tempo, nossa mente vê esferas dilatando ou retraindo-se no espaço, isto é, vê espaços-tempos movendo-se no espaço maior. Um espaço movendo-se no espaço, pode ser também um móvel qualquer deslocando-se em sua trajetória. Entretanto, ao pensarmos em espaço, vêm-nos à mente as três dimensões do volume, porque a isso estamos acostumados. E conquanto o não seja errado, é noção insuficiente que não permite maiores avanços no rumo da verdade maior, sempre, cada vez mais central, abstrata, metafísica. Devemos nos habituar a uma visão mais fundamental do fenômeno. Espaço e ondas se reduzem a um só conceito, e é este o de curvatura. Assim como ondas de frequências diferentes não se interferem, ainda que vibrem ou se propaguem no mesmo espaço, igualmente, espaços de curvaturas diferentes podem ocupar o mesmo lugar, sem se interatuarem. U'a matéria só é impenetrável à outra, quando ambas têm a mesma curvatura espacial; não se interferirão, todavia, podendo coexistir no mesmo lugar, se os raios de suas curvaturas espaciais forem diferentes. Por isso o espaço não é absoluto, como não o é o tempo. Portanto, o espaço é relativo, constituindo uma variável, exatamente como o tempo. Se, pois, o espaço é variável, relativo, inconstante, em que ele varia? Nas suas três dimensões não pode ser, que estas são constantes, e definem espaço. Pois se ele varia, e não varia nas três dimensões, então só pode ser na curvatura. Por conseguinte, há tantos espaços, quantas são as possíveis curvaturas deles. E como não existem espaços sem matérias, existem tantos tipos de matérias, quantos são os espaços que se interpenetram, como se foram esferas ondulatórias congeladas nos vários estágios de sua expansão dinâmica. Os espaços menos curvos abarcam os mais curvos, e todos coexistem enlaçados pelo *topos uranos* que é a mínima curvatura do sistema.

E após reflexões silenciosas, prosseguiu:

– De modo que, quando os espíritos desencarnados nos dizem que seus planos de vida são constituídos de u'a matéria mais rarefeita, mais tênue, mais quintessenciada, falam com impropriedade, visto como aquelas matérias apenas são menos curvas que a do nosso mundo material. Se aquelas matérias se encurvarem, e é o que sucede nas materializações, se aqueles espaços diminuíssem os raios de suas curvaturas, tornar-se-iam na nossa matéria densa, como a chamamos. Concentração e desconcentração de matéria significam apenas encurvamento e desencurvamento de espaços. As propriedades todas das matérias decorrem das curvaturas dos sistemas, cujo raios podem ser considerados como sendo os dos elétrons. Até as velocidades íntimas das matérias dos vários sistemas provêm das curvaturas. Podemos considerar o comprimento do raio eletrônico, como sendo o que mede a curvatura do sistema que o contém. Num sistema em que este raio eletrônico é mais longo, a matéria se torna mais rarefeita. Tal é o para que tende nossa matéria, quando submetida a altíssimas temperaturas. Ela, neste caso, pode passar-se para o estado radiante e atravessar as paredes da retorta que a continha.

– Pelo que vimos, prosseguiu o filósofo, não existe um tempo absoluto, básico, que possa servir de fundamento a aferições de outros tempos, visto como cada fenômeno tem o seu. Também não há um espaço definitivamente curvo, constante, fundamental, que pudesse servir de padrão de medida. O espaço é móvel, contrátil e expansível, e, sua curvatura, por isso, inconstante. Ele é menos móvel do que as esferas-ondas da energia, e nisto só reside a diferença entre matéria e energia. Onde ele se há restringido na matéria, as ondas de que aquela provém, se

reduzem a um latejar íntimo que, por sua vez, se propaga como outras ondas que são a gravitação. Este latejar se torna mais intenso no lugar ocupado pela matéria, donde se dizer que ela possui um campo gravitacional tão mais intenso, quanto mais próximo a ela. A gravitação consiste num latejar da matéria, e se propaga de dentro para fora, rumo ao espaço exterior. Todavia, os espaços estão em movimento, a seu turno, e primem contra a matéria com ondas gravíficas semelhantes às pulsações cinéticas provindas da matéria. Trata-se de pressões da mesma natureza, porém, de sentidos contrários. A onda gravífica, vinda dos espaços, é aquela energia que tende a se concentrar em matéria; contrariamente, as ondas gravíticas procedentes da matéria, não só tendem a se expandir, senão, também, a se degradar noutras formas de energia de comprimentos de onda cada vez mais longos, ou seja, em sistemas de ondas cada vez menos curvas. As ondas gravíticas dos espaços são centrípetas à matéria ou perifugas ao espaços, no mesmo passo que as da matéria são gravitação na sua fase expansionistas ou centrífugas rumo a comprimentos de onda cada vez mais longos, até sua completa retificação na corrente contínua da eletricidade, já nas bases da vida.

E tendo entrado em considerações silenciosas, tendo o olhar perdido no vazio, retomou o fio das idéias declarando:

– Vimos já, em um destes nossos estudos, que os espaços se movem formando fabulosos vortilhões galácticos. Ao redor e dentro desses vortilhões formam-se campos eletrônicos, em que os elétrons aparecem associados pelos seus campos particulares. Quando o movimento periférico é maior que o central, aparece uma componente gravítica que prime contra o centro do movimento. Qualquer coisa mais densa que esteja suspensa no espaço, convergirá para esse centro. Quanto mais inerte for a coisa, quanto maior for sua massa, tanto mais reagirá ao movimento do espaço, pela inércia, fugindo para o centro, que é de mais repouso. Não querendo (repisemos) mover-se, por causa da inércia, há de a massa ir para onde o movimento não existe, ou é diminuto. É compreensível, portanto, que qualquer coisa queira ir para o centro, na fase perifuga, e com tanto mais ímpeto, quanto maior for a sua inércia ou massa, e quanto maior for a velocidade periférica do meio. Quando, todavia, se forma um núcleo de matéria mais concentrada, no centro do vórtice, essa matéria, por causa do movimento de rotação que lhe imprimiu a periferia, emite correntes centrífugas contra as pulsações gravitacionais vindas dos espaços. Se as forças dos espaços forem maiores que as emitidas pelo centro, cada vez mais este se aperta, se contrai, se restringe, produzindo o calor e a pressão necessários à construção dos átomos pesados da matéria. Isto foi o que se deu na formação do Colosso Primitivo. Quando, entretanto, se afrouxam as constrições espaciais, e as ondas gravíticas exteriores, perifugas, se apoucam, como o centro está girando sobre si mesmo, começam a afastar-se os átomos mais pesados para fora, produzindo os anéis que se podem ver nas nebulosas aneladas ou planetárias. Os anéis, assim como depois as órbitas planetárias, são os lugares de equilíbrio das forças oponentes centrífuga e perifuga, que representam a tese e a antítese da síntese gravitacional. Gravitação, por conseguinte, não é atração da matéria, e sim, pressão originária do movimento; o centro prime para fora, pela força centrífuga, e o espaço pressiona para dentro pela sua força perifuga. E gravitação é este binário de forças oponentes e complementares. Como vocês vêem, os espaços não são coisas paradas, cuja medida sejam só as três dimensões que os definem; eles são móveis e dinâmicos, em menor proporção que a energia, mas são. Eles se encurvam e se desencurvam, e os vários tipos de matéria aparecem e se somem.

E dizendo isto, levantou-se de sua cadeira, indo até à estante, de onde retirou um livro. Folhando-o depois, achou o ponto indicado pelas suas notas. E após sentar-se, novamente, prosseguiu:

– Para que vocês não cuidem que estou teorizando no ar, que minha exposição não passa de quimera, chamo a atenção de todos para o trecho que vou ler, de Fritz Kahn, que é de onde partí para o desenvolvimento desta minha hipótese:

– “Einstein fundamentou a teoria dos fótons, dizendo: as oscilações que migram pelo espaço com alta energia apresentam propriedades materiais e podem ser consideradas como corpos. Como antítese ou quase que inverso desta idéia De Broglie desenvolveu o pensamento de que corpos que se movimentam com grande energia se conduzem como ondas. É possível calcular o número dos movimentos pela fórmula simples de

$$M \times C^2$$

h

isto é, a massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz dividido por h que é o símbolo dos quanta descoberto por Planck. Os elétrons que se movem 15.000 Km/seg. possuem o “comprimento de onda” dos raios Roentgen. Mas na realidade um corpo não se transforma em onda por meio de velocidade acelerada. A substância é ondulatória por sua própria natureza. Quanto menor a massa e quanto mais rápido o movimento, mais nítido se torna o seu característico ondulatório. Quanto maior a massa e quanto menos ela se movimenta, mais domina o seu característico de matéria. As ondas e a matéria são manifestações diferentes de uma única coisa, isto é, da energia-substância”⁴¹⁶.

E fechando o mestre o livro, e depondo-o sobre a mesa, concluiu:

– Então, do mesmo modo que, para a energia, há espaço e mais o tempo, em proporções diferentes, para a matéria, também há o tempo e mais o espaço. Por este motivo, podemos reduzir estes dois conceitos, espaço e tempo, a um outro mais geral ainda que, por isso mesmo, dimensiona a ambos com uma só medida, que é o raio de curvatura. Quando os espaços têm curvaturas de raios diferentes, suas matérias, porque possuem graus diferentes de concentração, não se interferem, podendo coexistir no mesmo lugar. A impenetrabilidade de um corpo por outro, só existe para os que possuem matérias de um mesmo raio de curvatura. Assim também com as ondas dinâmicas; se têm a mesma curvatura, isto é, o mesmo comprimento de onda, interferem-se, e não podem estar juntas no mesmo espaço, porque, ou se anulam, ou se somam. É baseado neste princípio de batimento, que as ondas sonoras se anulam no trombone de Quincke, nos silenciadores das armas de explosão e nos “silenciosos” dos automóveis; é fundado nele que as ondas hertzianas se anulam nos demoduladores radiofônicos, para que se evidenciem as ondas sonoras que vêm a cavaleiro da portadora. Se, todavia, as ondas possuem frequências ou curvaturas diferentes, propagam-se, perfeitamente, no mesmo espaço, sem interferências.

– Ora, concluiu o filósofo, sendo o círculo o retrato do espaço-matéria, e a sinuosa, o do espaço-onda, tanto a sinuosa se reduz a círculo, como este se abre naquela, e isto significa que tanto a matéria se torna energia, como a energia, matéria. Com isto, energia e matéria, tudo vem a ser círculo e curvatura, podendo ter o raio por medida. O raio do círculo da matéria dá, logo, de pronto, a curvatura do espaço em que ela se acha encurvada. Na onda, este raio representa um quarto do seu comprimento, porque, como já vimos, sendo a sinuosa um círculo desdobrado, o comprimento da onda representa dois diâmetros ou quatro raios. Basta, portanto, dividir o comprimento de qualquer onda por quatro, e já se obtém o raio de curvatura do sistema. Assim, energia e matéria, sendo, como vêem, manifestações de u’a mesma realidade, a substância, podem ser representados de um só modo que é a curvatura, cuja medida é o raio. Não há, pois, só um espaço a três dimensões da geometria, mas, na realidade, infinitos espaços, e todos dados pela presença da matéria e da energia em vários graus de encurvamento. E porque existem infintos tipos de energia, nos vários planos do universo, por isso mesmo há muitos tempos.

E concluiu o pensador, após pequena pausa:

– Posto que há, como tenho demonstrado, tipos diferentes de matéria, e tipos diferentes de energia, *tem que haver*, também, *diferentes graus de consciência*, ou seja, tipos diferentes de espírito. Já pela observação, sabemos haver graus de consciência diferentes, pelo que uma planta não é animal, nem este, homem. De igual modo sabemos que o som e os raios gama, conquanto ambos sejam ondas, pertencem a tipos diferentes de energia. Com a matéria se dá o mesmo, havendo tantos tipos dela, quanto os possíveis graus de concentração, significando isto, espaços de curvaturas diferentes. Uma é a matéria deste livro de que fiz citações há pouco, e outra, a do seu duplo etéreo que pode ser manuseado por um espírito desencarnado. Eis, pois, que por este encadeamento dialético, podemos chegar à verdade mais essencial que é o fundamento das coisas, a curvatura, cuja medida é o raio. Curvo é o Todo, o *topos uranos*, e curvas, as partes

416 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 38

constituintes dele. A máxima curvatura, de raio zero, é o ponto geométrico ou não-ser ou nada-essência. A mínima curvatura, de raio máximo, é aquela grande esfera do Deus imanente ou criacional, representado pelo *topos uranos*. Entre esses dois extremos, Tudo e nada, escalonam-se os vários existires, todos curvos, os quais tanto mais se autoafirmam, se positivizam, se manifestam em ser, quanto mais se desencurvam, isto é, se acercam por evolução (desencurvamento), da suprema Realidade, que é aquela de curvatura mínima. Evoluir é desencurvar-se, e involuir, encurvar-se. E tanto a evolução como a involução tem uma única medida que é o raio de curvatura e um limite superior que é Deus no seu aspecto imanente, representado pelo *topos uranos*, e um limite inferior que é Satanás, entendido este em toda a sua “plenitude” de não-ser.

– Pouco há dissemos, prosseguiu o mestre, quando tratamos das ondas, que elas são representadas por sinuosas serpenteantes ao longo do eixo do tempo. Esse eixo representa, por isso o espaço percorrido pela onda. Deste modo, o espaço ficou reduzido a uma expressão linear. É o espaço que se moveu, como se fora ele, agora, o ponto, de cujo movimento nasceu a linha no tridimensional anterior. O espaço é linear, aqui, porque representa o tempo. E do mesmo modo como, no tridimensional anterior, a linha moveu-se no sentido da perpendicular baixada sobre ela, e deste movimento nasceu o plano, e assim o tempo linear se move, também, neste sentido da perpendicular, e disto nasce a consciência planimétrica. Nos planos inferiores, a vida ainda é linear, porque, ainda sendo energia, mede-se pelo tempo. Esta linha-tempo, aqui, no plano da vida, é o eixo de câmbio orgânico. É o eixo do vórtice vital com suas duas extremidades, uma de assimilar e outra de expelir os resíduos. Mais adiante esta linha se engrossa e é instinto que conhece uma só direção de desenvolvimento para onde sempre se lança. Contudo esta linha do determinismo instintivo, de engrossar, passa a alargar-se numa faixa, como o estuário de um rio que cada vez mais se espalha, de sorte que o ser já é livre de oscilar dentro dessa faixa que, sempre, cada vez mais, se alarga, na proporção que a evolução avança pela escala zoológica. A domesticação e o aprendizado animal representa este alargamento, e o ser já pode escolher e decidir-se dentro desta pequenina consciência. É deste jeito que nasce a consciência planimétrica, pelo alargamento da linha instintiva do tempo. O tempo, aqui, como aconteceu com a linha no tridimensional anterior, desaparece absorvido pela dimensão consciencial planimétrica. Como aconteceu antes, em relação ao aparecimento do volume, este plano consciencial se desloca no sentido duma perpendicular levantada da sua superfície, com que surge o volume consciencial, ou consciência volumétrica, ou hiperconsciência, ou consciência cósmica. E do mesmo modo que a dimensão da consciência planimétrica é o raciocínio, aquela perpendicular levantada sobre o planimétrico da razão é a intuição.

– De maneira que, concluiu o pensador, assim como o animal não desenvolve sempre, indefinidamente, numa progressão linear, um único instinto, e antes, pelo contrário, cria instintos novos aos feixes, paralelos entre si, de modo a alargar aquela linha primitiva, também em nossa fase racional, não se há de multiplicar os conhecimentos e ampliar a consciência para todos os lados, por meio da erudição infinita. Não se há de fazer isto, mas sim, ganhar profundidade ou altura, ou seja, multiplicar tudo o que sabemos por outra dimensão, de modo a obtermos a consciência em volume, em síntese cosmonômica. Não mais ciência, porém, sabedoria. E esta dimensão pela qual a consciência se há de multiplicar é a intuição. Esta é a causa por que a intuição é visão de profundidade, visão integral do todo, visão sintética e instantânea como relâmpago. Não obstante, assim como na elaboração da fase racional, o ser, usando o ensaio-e-erro, apoiou-se nos instintos e tateou com a razão, também, ao elaborarmos a fase hiperconsciencial, precisamos apoiar na razão e tatear com a intuição. Este é o controle racional dos “dados imediatos da consciência” (Bergson). Intuição, por conseguinte, sem o lastro de racionalidade em que se fundamente, é pura imaginação. O gênio tem relâmpagos de intuição, e isto lhe dá o material para o labor consciencial de toda uma existência. Pois estes relâmpagos vão-se amiudando cada vez mais, até que, como ocorre com os seres dos planos mais altos da espiritualidade, a luz interior não pisca nem relampagueia mais, senão que se torna num esplendor contínuo. A consciência ter-se-á, então, tornado definitivamente volume, e a visão do absoluto se desvenda de vez e para sempre, para sossego da mente. Tal é como um arcanjo vê tudo do seu nível abaixo.

E prosseguiu o mestre:

– A fase pré-instintiva é comparável a uma folha de pergaminho virgem, sem nenhuma dobra: a fase instintiva é como quando, nesta folha, se fazem algumas dobras, viciando-as; a fase racional ou consciencial, como a do homem comum, é como quando o pergaminho se acha amarrotado ao infinito, e, de tão sovado, dobra-se em qualquer lugar. A consciência, então, torna-se numa superfície plana sobre a qual se podem tomar quantas linhas se quiser. O que, embaixo, era instinto, aqui é hábito; e como estes podem ser infinitos, pelo menos em teoria, temos que a consciência é a possibilidade de os instintos, reflexos condicionados, coordenações, memória, etc., se tornarem infinitos. Se tal consciência se expandir para todos os lados, teremos a erudição; porém, se ela se multiplicar pela vertical da intuição, adquirimos a sabedoria. É deste modo que se pode ser sábio, sem muita erudição, e, erudito, sem ser sábio. Deste modo, o conceito de curvatura, se pode estender à consciência, e a que for menos curva, de maior raio de ação, pode abarcar e compreender às de raio menor, mais curvas, mais fechadas, estreitas, restritas, sem que o inverso se dê. Daqui vem que o hiper-racional é tolerante com as limitações alheias, e toda a intolerância significa pequenez e estreitismo consciencial.

Dito isto, pôs-se o filósofo a meditar. Retomando, depois, o assunto, exclamou:

– Tornemos isto evidente, através de alguns exemplos: Stephan Leduc, no começo deste século, fez observações notáveis sobre os cristais líquidos, descrevendo-os, e com razão, como os precursores dos seres vivos. E quero que vocês observem, aqui, em “O Livro da Natureza” de Fritz Kahn, a figura 138 que se acha à página 315 do primeiro volume.

E todos se levantaram de seus lugares, e se postaram ao redor do mestre para seguirem, na figura, o que ele ia lendo no texto:

– “Na realidade é de espantar o que eles realizam em movimentos “vivos” e manobras. Eles se enroscam como vermes, arrastam-se como amebas, devoram como estas, crescem e dividem-se quando atingem determinado tamanho (Fig. 138).

Em 1 vê-se uma gota de clorofórmio que come uma “cobra”. Essa cobra é um fio de laca. A gota gira e desse modo enrola o fio de laca que a ela se cola. Depois ela o dissolve quimicamente e com isto fica maior. Em 2 vê-se como uma gota de clorofórmio se encontra com um pauzinho salpicado de grãos de cores. A gota absorve o pauzinho, dissolve os grãos e devolve o

pauzinho comido, esvaziado. Em 4 vê-se como uma gota assim crescida se reparte e, em 3, uma figura fragmentada, conforme aparece nas células quando estas se subdividem (veja Fig. 142).

Todos que se interessarem pela experimentação podem produzir essas imagens de Leduc por meio de misturas adequadas com tinta nanquim, corantes, óleos, sabões, lacas e, como na vida não importa o que se faz e sim o que se vive, podem-se obter através dessas brincadeiras biomecânicas estímulos valiosos. Por meio delas preparamo-nos para o encontro com os vírus e as bactérias, as células, os núcleos celulares e os cromossomos que se comportam exatamente como os cristais líquidos, e somos prevenidos contra a tentação de supor forças vitais onde, conforme aqui se vê, bastam reações físico-químicas para provocar “ações racionais” verdadeiramente inacreditáveis”⁴¹⁷.

E levantando os olhos para o grupo ao redor de si, concluiu:

– Como viram, ainda onde não há vida, observamos acontecimentos iguais aos deparados nos planos inferiores dela. E a ameba que lembra os cristais líquidos em todos os pormenores, “possui todos os três elementos fundamentais do comportamento psíquico: a recepção dos estímulos, a transmissão ou condução dos impulsos e a ação final de um órgão efetor. Nela, porém, todos esses três elementos são indiscriminadamente misturados e espalhados por todo o corpo. Não há definição de partes especializadas. E já que uma parte qualquer do corpo da ameba pode ser ora um órgão sensorial, ora um nervo, ora um músculo, seu protoplasma manifesta a falta de eficiência própria dos que querem fazer tudo a um tempo só”⁴¹⁸. Mais: “Há alguns anos, em Plymouth, Pantin mostrou que os movimentos da ameba têm muitas propriedades em comum com os movimentos da célula muscular; uns e outros são semelhantes nas suas relações com a carência de oxigênio, com a temperatura, com grande número de substâncias químicas. Em suma, uma fibra muscular é uma célula especializada no sentido de que a contratilidade primitiva da matéria viva se torne mais vigorosa e eficiente”⁴¹⁹. Mais isto: à primitiva forma de transmissão nervosa que se verifica numa esponja-do-mar, “Parker chamou “transmissão neuróide”⁴²⁰.

Neste ponto, todos já se achavam de novo em seus lugares, e Árago continuou falando:

– Depois disto a vida começa a complicar-se para além dos tropismos, começando a surgir os reflexos e os instintos. A simbiose, então, que se instala desde os mais baixos até os mais altos níveis, é tão generalizada e complexa, que foi preciso criar um ramo de ciência, a simbiótica, para estudá-la. Os simbiologistas chegaram até a supor que as criaturas superiores não resultam, como sempre se pensou, de colônias celulares, na qual se deu a divisão do trabalho. A última teoria neste sentido é de que “um bacilo alojou-se no plasma duma ameba e dessa união resultou a célula das criaturas superiores”⁴²¹. Seria paralelismo “que o esqueleto

417 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, Vol. 1 - 314

418 H.G. Wells, Julian Huxley e G.P. Wells, Ciência da Vida, 7 - 49

419 H.G. Wells, Julian Huxley e G.P. Wells, Ciência da Vida, 7 - 39

420 H.G. Wells, Julian Huxley e G.P. Wells, Ciência da Vida, 7 - 53

421 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, Vol. II, 21-22

humano é um coral arborescente; que, nos nossos ossos, vivem milhões de animais coralíferos; que estes, como os seus irmãos do oceano, extraem com tentáculos de plasma cálcio da linfa, tão semelhante à água do mar; e que os nossos ossos são troncos de coral?”⁴²². E para pensar, acaso não é necessário um cérebro? Pois “para compreendermos o reino animal inferior, cumpre libertar-nos da falsa noção de que, para pensar, o ser vivo precisa de cérebro. No curso da história, o cérebro ajudou-o a pensar melhor; não lhe deu, no entanto, a faculdade de pensar”⁴²³.

– Ué! Isso para mim é novidade, exclamou Hierão Orsoni.

– Novidade? E se eu lhe disser que até um verme-da-terra pode aprender?

– E vendo no rosto de Hierão um ar de descrença, tratou logo de folhar o volume “Ciência da Vida” de Wells e Huxley. E tendo achado o ponto, exclamou:

– Aqui está. As experiências foram feitas por Yerkes, e depois, confirmadas por Heck. Ambos construíram um tubo em T, colocando na parte inferior minhocas. Elas subiam, e ao chegarem na ramificação, tomavam, indiferentemente, para a direita ou para a esquerda. Porém, se tomam para a direita recebem um pequeno choque elétrico de um par de eletrodos aplicados às paredes do tubo. Se tomam para a esquerda escapam sem conseqüência. “As experiências mostram que o verme é suscetível de aprendizagem. A princípio, a escolha da rota se faz ao acaso, e o animal toma indiferentemente a direita ou a esquerda. Lentamente, porém, o fato de que o caminho da direita é perigoso se impõe à inteligência elementar do animal. Após uma centena de ensaios, aproximadamente, ele pende definitivamente mais para a esquerda do que para a direita; após cerca de cento e cinquenta ensaios, o animal tende para a esquerda dez vezes mais do que para a direita. A esta altura, trocam-se os eletrodos do lado direito para o esquerdo do tubo. E também, lentamente, o verme desaprende a primeira lição e aprende o novo caminho”⁴²⁴. A minhoca não tem cérebro, e sim, gânglios nervosos aos pares, um par para cada segmento; e aprende, apesar de não ter cérebro. Um ser primaríssimo invertebrado, como a siba, é capaz de atos inteligentes, sem possuir cérebro, como seja, empregar instrumentos exteriores ao seu corpo. “As sibas são, como os símios, os únicos animais que fazem alguma coisa do que é própria e especificamente humano; isto é: sabem usar instrumentos. A siba apanha uma pedra chata, aproxima-se traiçoeiramente dum marisco, enfia fulminantemente a pedra entre as valvas e suga o animal reduzido astuciosamente à impotência”⁴²⁵. Fritz Kahn afirma que a siba é o único invertebrado que faz isso? No entanto vemos aqui em seu livro, página 315, a figura 169, um crustáceo que ao mudar-se de moradia, leva sua actínia; em cima, na mesma figura, um caranguejo em luta com um peixe, desarraiga duas actínias, e com elas criva o adversário de setas causticantes. “Os próprios polvos hesitam em atacar o crustáceo que tenha em casa essa amazonas de braços urticantes”⁴²⁶.

422 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, Vol. II, 192

423 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, Vol. II, 197

424 H.G. Wells, Julian Huxley e G.P. Wells, Ciência da Vida, Vol. 7 - 64

425 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 227

426 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 314

Encarando Hierão, exclamou o filósofo:

– Viu, Hierão? como seres descerebrados são capazes de atos inteligentes, não instintivos? Não é muito, portanto, que os peixes aprendam, visto como estão muito mais acima na escala da vida. Porém, o peixe, e vai até às aves, exceto o papagaio, não tem córtex. E decorticado, por natureza aprende, por sua vez. “Triplett colocou num aquário um lúcio, junto a numerosos peixes menores, mas separados estes daquele por uma lâmina de vidro. Em pouco tempo o lúcio aprendeu que saltar sobre outro peixe significava levar forte pancada no focinho – embora não pudesse conhecer a razão, visto que a lâmina de vidro era completamente invisível. Mais tarde esta foi retirada, e o lúcio nadou em volta dos outros peixes, mas não fez mais nenhuma tentativa para agarrá-los”⁴²⁷. Mais: “Thorndike colocou um peixe numa extremidade de um tanque de vidro, armando na extremidade oposta um sedutor recanto sombrio, com alimento. Entre uma e outra dispôs várias divisões de vidro, cada qual com um orifício num ponto diferente. O peixe tentou abrir caminho até a outra extremidade do tanque, esbarrando nas lâminas de vidro; e, após um número considerável de erros, foi achando os orifícios e atravessando-os. Finalmente, depois de muitos ensaios, aprendeu onde estavam os orifícios invisíveis, nadando diretamente para o ponto desejado. Recentemente, Bull começou a analisar a capacidade de aprendizagem dos peixes, por meio do método dos reflexos condicionados de Pavlov (...), e ficou surpreso com os bons resultados obtidos”⁴²⁸.

– Aí está, Hierão! E se você quiser mais, leia como aprendem as tartarugas, à página 235, como aprendem os ratos, à página 272, como se comportam uma galinha, um cão e uma criança de três anos, à página 274 e 275. Leia, também, a página 306, as experiências de Koehler com macacos.

E prosseguiu o pensador após breve pausa:

– Os macacos já raciocinam, e por isso, conforme o expressou Bertrand Russell, “parece haver dois modos de aprender: um, mediante a experiência, e outro através do que Koehler chama “discernimento” (insight)”⁴²⁹. Mais: “Contudo, o problema real já está suficientemente delineado no trabalho de Koehler: é a análise do “discernimento” (insight) oposto ao método do reflexo condicionado”⁴³⁰. Os reflexos condicionados estão na raiz da razão, mas o discernimento que desponta no macaco, é já o meio caminho dela. Os reflexos condicionados são já uma forma de inferência, “inferência fisiológica” como a denomina Bertrand Russell, porém o discernimento é já inferência racional. E com isto, dou por demonstrada minha tese de que a razão é o alargamento em plano da linha do tempo que ainda vigora na fase puramente instintiva. Se a razão não houvesse superado o espaço e o tempo, não poderia conceber os objetos ideais que, por sua natureza são inespaciais, intemporais e incausais, como soem todos os objetos matemáticos e todas as essências. Mas ela não pára aqui, mas se projeta para a terceira dimensão deste tridimensional.

Dona Cornélia espera à porta que Árago encerrasse o seu pensamento, para ela entrar com o café. E tendo entrado na sala, foi distribuindo xícaras a todos. Tomado o café, a maioria se pôs a fumar, aproveitando a boca do café. Após afastar-se dona Cornélia, Árago se pôs, de novo, a falar:

– Koehler impôs a um de seus macacos o problema de puxar bananas para dentro de sua jaula com auxílio de duas varas curtas. E “após alguns esforços inúteis, seguidos de um período de silenciosa meditação, o animal introduziu a vara menor na parte oca da outra, construindo, assim, uma vara suficientemente longa”⁴³¹. E diz que “ficou o chimpanzé tão contente com o seu novo truque, que puxou várias bananas para a jaula, antes de comer qualquer delas. Procedeu, com efeito, como os capitalistas com relação à sua maquinaria”⁴³². Esta silenciosa meditação do

427 Wells e Huxley, *Ciência da Vida*, 7 - 219

428 Wells e Huxley, *Ciência da Vida*, 7 - 129-220

429 Bertrand Russell, *Delineamentos da Filosofia*, 54

430 Bertrand Russell, *Delineamentos da Filosofia*, 55

431 Bertrand Russell, *Delineamento da Filosofia*, 53

432 Bertrand Russell, *Delineamento da Filosofia*, 53

chimpanzé, não é semelhante à “mente concipio” de Galileu, pela qual descobriu estas leis de inércia, Bruco?

– Penso que a diferença é só de grau, e não de natureza do fenômeno psíquico.

– Isso mesmo, Bruco. O pensamento do macaco era estimulado pela presença física das varas. Em Galileu, tudo era abstração e cadeias de imagens mentais em operação. Nesta capacidade de abstração é que reside, como você disse, a diferença de grau. Quer dizer que Galileu era capaz de idéias abstratas, no passo que o macaco só as possuía concretas. E a idéia, Bruco; que é a idéia?

– Idéia, do grego, é imagem.

– Se a idéia é imagem, o conceito, que é ?

– É a generalização que se faz das imagens. Primeiro vem a percepção dos sentidos que é a intuição sensível. Esta experiência dos sentidos reflete-se no mundo interior como imagens que são cópias fiéis daquilo que se observou. A cavaleiro destas imagens estão os conceitos que são generalizações numa unidade mental, daquelas imagens. Os elementos fortuitos, as particularidades individuais, são eliminados, ficando só os caracteres essenciais ou fundamentais. O conceito é a essência, ou seja, aquilo que a coisa é.

– Posto, então, que há imagens e há conceitos, continuou o mestre, deve existir duas formas de pensar, sendo uma por imagens, ou imaginação, e outra por conceitos, ou abstração?

– Não há dúvida que há, tornou Bruco.

– E Galileu teria pensado por imagens, ou por conceitos ?

– Galileu pensou por imagens primeiro, porquanto viu um espaço, enxergou móveis deslocando-se nele, e foi concebendo, de olhos fechados, o conceito de tudo isso, nas suas leis de inércia.

– E o chimpanzé de Koehler teria pensado por imagens, como Galileu ?

– De modo algum. Aquilo que em Galileu era *intuição intelectual*, no macaco era *intuição sensível*, por isso que precisava da presença das varas e das demais condições concretas do ambiente, para poder pensar a solução. O macaco antecipou o que era evidente através das condições sensíveis. Ele viu a situação, consistindo nisto a solução do seu problema.

– Então, concluiu o mestre, o pensamento animal é feito de concreções; o humano, de Galileu, é produzido por imagens abstratas. O pensamento por conceitos ou por essências, como das matemáticas, é uma forma superior ainda, do que o pensamento por imagens. O pensamento concreto é material; o imagético, menos material; o produzido por conceitos, completamente imaterial. É isso, Bruco?

– Perfeitamente.

– E quando estudamos os objetos ideais, não ficou assente que eles são inespaciais, intemporais e incausais?

– Ficou.

– E as imagens, já o dissemos, não podem ser classificadas entre os objetos ideais, não é?

– Isso mesmo. Segundo já estudamos, os objetos psíquicos são reais, e por isso respondem às quatro categorias ônticas que são: ser, espacialidade, temporalidade e causalidade. Porém, há isto de distinto dos objetos reais: os objetos psíquicos não são espaciais em sentido objetivo, e sim só em sentido subjetivo. Esses objetos, os psíquicos, constituem, uma categoria ôntica regional do espaço, isto é, não possuem espaço objetivo, senão, só subjetivo.

– Aí está, concluiu o mestre; os objetos ideais têm ser, todavia, não possuem causa, nem duração, nem espaço. E estão conexos com os objetos psíquicos que possuem ser, causa e tempo, mas não, espaço objetivo. Já os objetos reais possuem ser, causalidade, espacialidade e temporalidade. O pensamento do chimpanzé se confunde com os objetos reais, possuindo as quatro categorias ônticas do real, representando a primeira fase do conhecimento, a do empirismo puro. No entanto, o pensamento de Galileu participa das três fases: a empírica, de quando observou os fenômenos de movimento; a psicológica, de quando imaginou tudo acontecendo em sua mente; finalmente a fase ideal em que abstraiu as leis de inércia, que são puras essências ou objetos ideais. Disto concluímos que há três formas de pensamento: o físico, o imagético e o ideal. O pensamento ideal se apoia sobre o imagético, e este, sobre o físico. Esta é a cadeia do conhecimento. E o das criações, das invenções, Bruco, como será ?

– Pois tem que ser essa cadeia pelo inverso. Toda a invenção nasce dum princípio que é pura idealidade; esta cria as imagens, pelo que o inventor enxerga sua máquina funcionando em sua mente; por fim, ele realiza a coisa no plano físico, e sua máquina estará criada para todos verem. É assim que o puro princípio que *é*, mas não *existe*, que não tem causa, nem tempo, nem espaço, passa a ter causa e existência, primeiro como pensamento imagético, depois como pensamento concretado na realidade objetiva.

Ponderando em silêncio, por algum tempo, prosseguiu o pensador:

– O pensamento do chimpanzé de Koehler é material; o mundo imagético de Galileu, sê-lo-á também, Bruco?

– Tem que ser... mas de matéria diferente. As imagens das coisas são matérias de outro plano da vida; as imagens serão feitas de *matéria mental*, menos curva que as do nosso plano físico.

– E é possível haver *matéria mental* sem sua correspondente *energia mental* ?

– De nenhum modo, tornou Bruco. Matéria e energia, sejam físicas, sejam mentais, formam o binômio da energia-substância que pode manifestar-se num plano ou noutro pelo encurvamento ou desencurvamento, segundo o senhor já expôs.

– Bom. E os conceitos, as essências, as idealidades puras, são constituídas de matéria mental?

– Não pode ser, pois, se o fossem, seriam causais, espaciais e temporais. Ora, os objetos ideais não possuem estas categorias ônticas. Eles são, somente. Não posso conceber que o princípio ou lei das alavancas, sobre que se repousam todas as máquinas mecânicas, possa constituir-se de matéria de qualquer espécie.

– Mas, prezado Bruco, quando pensamos um conceito, ele não se pinta em nossa mente como uma imagem do geral? Se digo: cavalo, que é que surge em nossa inteligência ?

– Pois surge uma imagem de cavalo que não é de nenhum conhecido; a imagem que se nos pinta na mente é diluída, difusa, sem cor, transparente, como se fôra feita de ar.

– E essa imagem conceito não possui espaço subjetivo com sua correspondente energia-substância mental?

– Deve possuir, porquanto não deixa de ser imagem. Porém, no correr de um raciocínio, o conceito de cavalo é pensado sem essa representação simbólica; aparece-nos fugaz, galopante, sem nos dar tempo para o pensarmos como ser isolado. Ele surge-nos na cadeia de relações de maneira furtiva, de modo a não podermos mais dizer que aquela forma ondulante e sumidiça, seja constituída de matéria mental. Sê-lo-á, porém, na forma última de quintessenciação.

– Esta certo, concordou Árago. Fixemos bem estes pontos: o pensamento pode ser pura idealidade, razão ou lei, fora do espaço, do tempo e da causalidade; pode ser imagético com matéria e energia mentais; e pode ser pura concreção ou físico, constituído da energia-substância encurvada de nosso plano material. Será, Bruco, que entre estas fases consideradas, há gradações, podendo haver o pensamento pré-macacóide, e pós genial?

– Isso não padece dúvida! Os reflexos condicionados dum ser rudimentaríssimo como as minhocas de Yerkes e Heck, têm que ser a forma de pensamento a que Bertrand Russell dá o nome de “inferência fisiológica”. A inferência fisiológica é um pensamento pré-macacoide. Por outro lado, o pensamento matemático puro, visto ser pura relação sem imagem alguma, deve ser semelhante ao pensamento pós-genial de um querubim em cuja mente os conceitos voam como ondas, enlaçando-se entre si em turbilhão mental de expressão volumétrica, global. A fulmínia visão intuitiva, de claridade solar, é a forma mais alta, segundo entendo, de pensamento.

– Bom. E haveria homens em que predomine o pensamento imagético?

– Como não! estes são os artistas.

– Haveria a classe dos de pensamento puro, isto é, que trabalham só com conceitos ?

– Pois esses são os matemáticos e filósofos.

– Em que, logo, se diferenciam os matemáticos dos filósofos ?

– As abstrações matemáticas são feitas por meio de símbolos, fórmulas e cálculos, e as das filosofias, de conceitos, juízos e relações. Como muito bem o expressou Huberto Rohden, aqui, nas minhas notas... deixe-me ver se acho o ponto... está aqui: “Pode-se considerar a filosofia como uma espécie de matemática, que soma e subtrai, combina e separa as coisas

suscetíveis dessas operações”⁴³³.

– E você, Bruco, declarou que o pensamento imagético, o pensamento-forma, consiste em matéria e energia mentais, do seu plano próprio, não é?

– Isso mesmo.

– Podendo ser o pensamento energia e matéria mentais, há de propagar-se por ondas, podendo estas, e a matéria que lhe é correspondente, reduzir-se a curvaturas?

– Exato.

– Logo, o pensamento pode ser mais ou menos curvo, conforme seja mais ou menos material, de sorte que o pensamento do chimpanzé de Koehler é fechado, restrito, limitado, e o de Galileu, desencurvado, amplo, aberto?

– Perfeitamente.

– E a idealidade pura, acaso é, também, curva?

Após meditar um pouco, respondeu Bruco:

– Como há pouco dissemos que o pensamento-lei, que o pensamento-idealidade, não possui matéria alguma, tenho de concordar, ele não pode possuir curvatura.

Meditando demoradamente sobre esta consideração de Bruco, Árago concluiu:

– Para a criação do cálculo integral e diferencial, Leibniz partiu do princípio de que o ponto de tangência entre uma reta e uma circunferência, possui definições geométricas diferentes. O ponto de tangência, ao mesmo tempo que pertence à reta, pertence, também, à curva. Pois ocorreu-me neste instante que Deus transcendente é uma curvatura de raio infinito. Essa circunferência ou reta mais que infinita, pois tem raio infinito, tangencia-se com a curvatura do *topos uranos*, de sorte que, no ponto de tangência, está o pensamento-lei de que participa tudo no universo, sendo este ponto o seu plano mais alto. Nesse ponto de tangência, o pensamento-lei possui duas definições ontológicas: uma que pertence ao transcendente, e outra, ao imanente de que tudo decorre. Todos os objetos ideais, deste ou de quaisquer planos, constituem este ponto de tangência, e é por isso que são incausais, intemporais e inespaciais. É neste ponto que o transcendente e o imanente se confundem. A imanência de Deus no universo é pura idealidade de que tudo participa, e sem a qual, nada é. E aqui meu pensamento se casa com o de Espinosa que dizia: uma ponte se sustem no côncavo da mão de Deus. Textualmente: “Este universo concreto de modos e coisas está para Deus como uma ponte está para sua planta, para sua estrutura e para as leis da matemática e da mecânica de acordo com as quais foi construída; estas leis são a base que sustenta, a condição sub-estante, a substância da ponte; sem elas nada se ergueria. E, como a ponte, o mundo é sustentado pela sua estrutura e suas leis; é mantido na mão de Deus”⁴³⁴. Defendendo-se da acusação de panteísta, escreve Espinosa em sua Epístola 21. “Tenho uma vista de Deus e da Natureza totalmente diversa da que os cristãos em regra propõem, porque afirmo que Deus é a causa imanente de todas as coisas e não causa externa. Digo: Tudo está em Deus; tudo vive e move-se em Deus. E isto mantenho com o apóstolo Paulo e talvez com cada um dos filósofos da antigüidade, embora de maneira diversa. Poderia ainda aventurar-me a dizer que minhas vistas são as mesmas dos velhos hebreus, como pode ser inferido de certas tradições por mais alteradas e falsificadas que tenham sido. Constitui, porém, erro completo dizer-se que meu propósito... é mostrar que Deus e Natureza (por este último termo entendendo-se uma certa massa de matéria corpórea) são uma e a mesma coisa. Nunca tive tal intenção”⁴³⁵. E diz mais Espinosa: “A substância pensante e a substância extensa constituem uma e a mesma coisa, compreendida agora através deste, agora através daquele atributo”⁴³⁶.

E fechando o mestre o livro, prosseguiu:

– Suposto que o pensamento pode ser idealidade pura, razão e lei em cima, na reta do transcendente, e a energia-pensamento embaixo, na curvatura do imanente, no *topos uranos* que tudo abarca, necessariamente, as ondas-pensamentos, constróem uma gama de frequências baixíssimas, de ondas muito longas, quase retificadas, próximo à reta do transcendente que é

433 Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, Vol. 2, 37

434 Will Durant, *História da Filosofia*, 184

435 Will Durant, *História da Filosofia*, 183

436 Will Durant, *História da Filosofia*, 186

razão e lei puras, e de frequências mais altas, mais curvas, no ponto em que estão situadas as ondas do pensamento-energia. Se as ondas se reduzem a curvaturas, como já estudamos, visto que representam círculos desdobrados nas sinuosas, ondas curtas, e raios mínimos, dão curvaturas máximas. Pela recíproca, quanto mais longas forem as ondas, maiores serão os raios de sua curvatura, até que, em se retificando a onda, seu raio se torna infinito. Por isso a reta do transcendente representa esta onda retificada de raio infinito. Deus, pois, criou o *topos uranos* pela ondulação desta reta, pelo encurvamento primeiro, do qual todos os demais encurvamentos se tornaram possíveis, inclusive o máximo, abaixo de nossa matéria grosseira *com e pela* queda das almas do lugar celeste. A reta é a Essência de Deus ou idealidade pura; e os pontos de que se constituem esta reta são a energia-substância primordial. Nenhuma coisa pode ser maior que esta reta, e nenhuma menor que os pontos da energia-substância constituintes dela. O máximo e o mínimo, pois, se encontram em Deus, sendo o primeiro a sua Essência, e o segundo, a sua Substância. Mas Deus não é uma, senão infinitas retas em todos os sentidos do espaço, o que vale a dizer que o espaço cheio de retas é o mesmo espaço real cheio da Substância. Esse, verdadeiramente, é o espaço euclidiano, sem curvatura alguma, e no qual, portanto, é possível se tracem retas que se dirijam para qualquer direção do infinito. A Energia-Substância constitui a Realidade primeira, e as retas, a Essencialidade por excelência, visto que guarda em si a possibilidade de criar infinitamente. Esta Energia-Substância é a Matéria incriada, conforme o viu a intuição de Aristóteles, e, por isso mesmo intemporal e incausal em si mesma. Eis como é possível uma Realidade sem ser coisa, visto lhe faltar as categorias de causa e de tempo.

E após ponderar um tanto, prosseguiu o pensador:

– Essa Energia-Substância punctiforme, possui velocidade de vibração infinita que a faz parecer parada, pois onde a velocidade se faz infinita, o tempo se reduz a zero. Os dois não tempos estão em Deus: na Essência pura não há espaço, nem tempo, nem causa. Na Substância há o infinito espaço euclidiano, porém, não há causa, por ser incriada, nem tempo, porque a vibração da partícula punctiforme possui velocidade infinita, com que seu tempo é zero. A Essência não possui tempo por natureza, e a Substância não o possui por movimento infinito, pois a natureza da Substância é a velocidade. Como tudo o que existe nasceu desta Potência pura, por ato da Essência, o último grau de desfazimento de qualquer ser é aquele antigo estado de Potência pura em nada ato, a que denominamos caos. A Substância primeira não é o Caos porque se acha jungida à Essência que desta Substância tudo cria. Todavia, se os seres formados se desintegrarem até o nível desta Substância, terão caído no Caos mais inteiro, porque, aí, não terão mais a presença da Essência-Lei a impor a ordem. Sem o Pensamento-Lei, esta Substância terá velocidade infinita, porém, semelhante ao movimento browniano, sem finalidade e sem meta, tendo de achá-las, por si mesma, pela integração ou evolução que vai eliminando, progressivamente, o caos. Em Deus transcendente a Substância se acha pronta a organizar-se segundo a forma que a suma Idealidade planear. Fora do *topos uranos*, estende-se, infinitamente, para todos os lados, o infinito oceano desta Energia-Substância, pronta a obedecer o imperativo criador da Mente divina. No centro do *topos uranos* para onde as almas, em desintegrando, caíram, reina o Caos, porque, aí, a Energia-Substância se acha desamparada do Pensamento-Lei. O trabalho de reconstrução da parte derrocada, corre por conta da própria unidade *topos uranos*, ou seja, do Deus imanente nele. O transcendente, ao dar-se na esfera do imanente, criou de cima para baixo: a evolução, ao contrário, como é reconstrução do desfeito, opera, por evolução, de baixo para cima. Esta é a diferença, e não há outra, de a Substância jacente no centro do *topos uranos* ser Caos, e de a que o cerca, pela periferia, ser a Substância ordenada na reta da Idealidade, pronta a dar-se em quantos *topos uranos* haja Deus criado, ou venha a criar. Tal é como o pôde enxergar minha intuição, dentro dos limites estreitíssimos e miseráveis da minha humana condição. E porque a parte derrocada terá de ser refeita pelo próprio Deus imanente ou *topos uranos*, por isso os serafins, como é Cristo, ajudados dos querubins, arcanjos, virtudes, tronos e anjos, não cessam de descer onde há desorientação, desespero, dor e morte, para ensinar o único caminho da subida, isto é, o da integração que quer dizer amor. Este é o significado cósmico da descida de Cristo ao nosso mundo, e de outros serafins, a outros.

E após descansar-se um pouco do esforço que estas acrologias lhe causaram, prosseguiu,

o filósofo:

– Do que expus, fica subentendido que naquele contínuo em que a Substância punctiforme constitui as retas da Idealidade, uma parte ondulou-se, ou seja, modulou-se na curvatura do *topos uranos*. Trincou, depois, a grande esfera do imanente, formando outras individualizações menores e mais curvas, as quais se deram, por sua vez, nos encurvamentos maiores, até que os seres angelicais se viram já criados, já integrados pelo amor nas curvaturas maiores do social, desde os órgãos coletivos próximos aos indivíduos, até o organismo total, pleno de luz e beleza do *topos uranos*. As almas, então, lançaram mãos dos elementos de seu meio, criando as coisas que desejavam, e porque eram perfeitas e sábias, o que fizeram possuía máxima perfeição, de tal modo, que Platão as dava por idéias arquétipos imutáveis e eternas. As ondas Pensamento-Lei, de retas que eram, ondulou-se em modulações longas, de baixa frequência, as quais possuíam, como todas as ondas, harmônicos de ordem. Ao encurvar-se as ondas longas em vórtices maiores, seus harmônicos, ao mesmo tempo, se encurvaram em vórtices menores. Mas a onda Pensamento-Lei continuava tocando sua melodia criadora, variando os acordes, e já as ondas fundamentais, já os harmônicos que davam timbre próprio à voz divina, continuaram a encurvar-se nas individualizações vorticosas, e estas criações, por sua vez, recantavam a música do Céu, e do seu canto, novas e menores formas surgiam. A voz única que, ao princípio, começara grave e profunda, entoando a Criação, foi logo seguida de miríades de vozes menores, mais penetrantes e agudas, até que o *topos uranos* total pôde encher os espaços das jubilosas modulações do amor; numa “Ode à Alegria” que Schiller gostaria de escrever, e Beethoven, de tocar. Aquela voz tonitroante e cava começara sozinha o seu canto, e este foi o “fiat lux”, e desta luz encheram-se os espaços dando cores e formas às coisas do *topos uranos* que nenhuma “Fantasia” de Walt Disney poderia pintar. As almas eleitas, como despertadas de um sono, se viram criadas, e, de pronto, puderam entender por sabedoria infusa, o que eram, e que lhes cumpria fazer. O amor, então, as irmanava a todas, e o gozo que sentiam era um êxtase contínuo. Na periferia do *topos uranos* que é a parte mais alta deste, os serafins, incendiados do amor divino, como baixos profundos, entoavam suas notas que se casavam, em acordes, às dos querubins de sons menos graves. Num plano mais interior, o coro das virtudes e dos tronos trinava suas respostas acompanhadas dos arcanjos e dos anjos cujos intelectos emitiam ondas agudíssimas da racionalidade pura, e iam destarte recriando mais para o centro formas e coisas que espantariam Platão. A Lei cuja reta marcava o compasso do todo sinfônico, cantava com todo o criado, o Hino da Criação.

E após um instante de pausa, prosseguiu:

– Vendo quão poderosos eram, quão agudas e penetrantes eram suas notas do intelecto, alguns anjos e arcanjos tentaram dominar a sinfonia, e destarte variar o tema central à sua moda, e criar, por sua vez, em stravinskyano estilo, algo que ao mais alto empíreo se opusesse. E como nossos jovens modernos, principiaram a tocar a rebelião, o rebate, aos altos e indevassáveis desígnios do Senhor dos altos Céus! E trocando o Amor que é o Ser e a existência, pelo egoísmo, pretenderam subverter a ordem, de modo que fosse a *Inteligência*, e não o *Amor*, a causa primeira da Criação. Com este pensamento louco, correndo a imaginação, voando a fantasia, principiaram a encurvar-se, e aquilo que lhes era conhecido, por intuição direta, peremptória e axiomática por direta sabedoria infusa, começou a descer de nível, caindo da hiperconsciência para o planimétrico da razão, com que tudo, então, problema se tornou. E em luta suicida, despenharam-se para o centro, fechando-se na animalidade bruta cuja vida se cifra na linha instintiva e egoística da própria conservação. Com se fecharem, perdiam eles energia, e estas se encurvavam e se restringiam cada vez mais, tornando-se espiritualmente pobres, conquanto mais potentes, se vistos do ângulo do puro dinamismo. E as ondas de energia, cada vez mais curtas, mais curvas, quais raios cósmicos, canhoneavam de partículas aquele ponto central em que surgiria, por fim, o Primitivo Colosso de Alpher, Bethe e Gamow. Outros e outros e mais outros encurvamentos, vindos da periferia, foram gerando o Caos em que a Substância, desamparada da Lei, se viu sozinha, isolada, naquele espaço punctiforme, de estrutura granulosa do Prof. March, que outra coisa não é, senão o éter. Ainda outros movimentos perifugos, a cavaleiro deste éter, concentraram-se nos grãos eletrônicos, de estrutura vorticosa. Ondas e mais ondas, cavalgando, agora, o oceano eletrônico do espaço, concentraram-se nos núcleos de hidrogênio que, prensados

uns contra os outros no seio do Colosso, deram nascimento aos átomos pesados que vão até os corpos transurânicos. As esferas perifugas da energia no seu tempestuoso abraço, arrastaram os núcleos de hidrogênio para o centro único, o qual, quanto mais se apertava, mais se aquecia, raiando a temperatura pelos milhares de milhões de graus.

E prosseguiu o mestre, após um suspiro:

– Esta foi a fornalha cósmica, única no universo, que possuía calor e pressão suficientes a forjar os átomos pesados, não só até o urânio, senão também os elementos, hoje artificiais, netúnio, plutônio, amerício, cúrio, berquélio, califórnio, einstênio, férmio, mendelévio, nobélio e laurêncio. O elemento químico califórnio se reduz à metade em cinqüenta e cinco dias. Observando o declínio da luz duma “Nova”, após a explosão, chegou-se à hipótese de que, ali, se desintegra o califórnio. Conquanto estes elementos tenham vida muito curta, a pressão e o calor reinantes no seio do Colosso agiam como freios do processo desintegrativos. Aqui foram feitos todos os átomos pesados e radioativos, e depois disto, nenhum calor e pressão se acharam suficientes a imprimir aos núcleos de hidrogênio tal velocidade, de sorte a metê-los dentro dos núcleos mais pesados. Mas, a energia periférica começou a arrefecer-se, tornando-se *inevitável a explosão* de tais e tantos átomos instáveis. Então, começou a esgotar-se o impulso periférico, que fazia concentrar-se a matéria; contudo, o Colosso estava animado do movimento que lhe imprimira a periferia. Deste modo, começou a inverter-se o impulso *perífugo* em *centrífugo*, porque o Colosso, continuando a girar sobre si, começou a ser mais rápido que o movimento periférico em fase de arrefecimento.

E querendo tornar mais claro o assunto, antes de prosseguir, tornou atrás, repisando o que fôra dito:

– Como vimos ontem, a equação da força centrífuga, num meio fluídico, é a mesma equação da força perifuga, porém, apresenta-se com sinal contrário, isto é, negativo. Por este motivo, tal como ocorre com a força centrífuga, a força perifuga também é proporcional à massa, à velocidade e inversamente proporcional ao raio do centro. Quanto mais curto for o raio ou distância do centro, maior se torna a força constrictiva do vórtice. Por isso, na primeira fase, os grãos etéreos, e depois os núcleos de hidrogênio mais se iam encaminhando para o centro, dando início à formação da grande massa que, mais tarde, passou a integrar todo o universo físico; nela, portanto, se concentravam todas as galáxias, e que deveria ter, segundo a hipótese do sacerdote belga La Mettrie, dez mil anos-luz de diâmetro. Somente nessa prodigiosíssima fornalha em que o universo se forjava, é que se poderiam construir os átomos pesados. O calor solar de seis milhões de graus na superfície do Sol, e de vinte milhões, no seu interior, só dá para construir o ciclo do carbono, cujo resultado final é a produção de hélio; só pode, aí, ser forjado o hélio, de núcleos de hidrogênio pesado. Quer dizer: a gênese, aí, só vai do hidrogênio ao hélio, conquanto o processo dê uma volta maior, passando pelo carbono. Disto conclui a física moderna, o que anota Fritz Kahn, em seu livro “O Átomo”, pág. 95:

– “A maioria dos núcleos atômicos comportam-se como o berilo: pesam mais que seus componentes e, por conseguinte, ao serem formados não libertaram energia, senão a consumiram”.

E levantando os olhos do livro, falou para os presentes:

– Viram, onde é que foi parar a prodigiosa quantidade das energias acantonantes, procedentes da periferia, do *topos uranos*?

E voltando para a página, continuou:

– “A quantidade necessária (de energia) para unir tantos e tão obstinados prótons quanto os do núcleo do ferro ou até do urânio, parece enorme. Para fazer um núcleo de 26 prótons de ferro, necessita-se de uma pressão de 7×10^{18} atmosferas e de mais temperatura de 8 bilhões de graus. Nunca, nem nas mais quentes épocas primordiais, pôde a Terra ter tido essa temperatura ou ter fornecido aquela pressão; uma esfera gasosa das dimensões da Terra, sob essas forças, explodiria num instante. Ao nascer, a Terra deve ter herdado os seus grandes átomos de pais mais poderosos, os quais, aliás, não sabemos quais tenham sido. Não foi o Sol, pois, este, também seria incapaz de tal façanha. Também não poderiam ter sido outras estrelas, pois mesmo as mais quentes da Via Láctea não fornecem tanta energia para poderem fazer “crescer o ferro”. E fechando o livro, comentou:

– Todas as galáxias do universo são vistas, hoje, afastando-se dum ponto comum, seguindo todas as direções do espaço, e com velocidade uniformemente acelerada, como ocorre nas explosões. Logo, esta fase evolutiva ou centrífuga, que ora vivemos, começou com uma ou mais explosões dos materiais radioativos. Sendo esta fase explosiva, evolutiva, centrífuga, houve uma anterior, implosiva, involutiva, perifuga. Esta fase atual começou, portanto, por uma explosão atômica dos corpos transurânicos que, em virtude de seus pesos, se acumularam no interior da proto-nebulosa. Todavia a impulsão explosiva, que procedia, então, do centro, lutava contra a pressão espacial das energias acantonantes, as quais eram absorvidas e transformadas em massa pelas formações atômicas. Este encontro de forças produziu, aqui e ali, nos blocos de nuvens projetadas pelas explosões, os turbilhões galácticos tal como os vemos hoje, em plano, parecendo-nos lentiformes, se vistos de lado, ou espiralados, se vistos pelos pólos. Com a explosão, os corpos densos se espalharam pelos espaços, cessando de estarem reunidos num bloco mais ou menos homogêneo. Os corpos químicos, antes das explosões, organizavam-se numa escala em que, no centro, ficavam os mais densos, e na periferia do Colosso, os mais leves. Com a explosão, tudo se misturou, para ser iniciado novo e inverso escalonamento, com base, agora, na força centrífuga. Formados, portanto, os átomos pesados, no interior da nebulosa pangaláctica, e espalhados, depois, no seio da massa total, por efeito da explosão, continuou-se o processo expansivo do universo, nesta atual fase, inversa da anterior, por ser evolutiva ou centrífuga. Como a força centrífuga é proporcional à massa, os átomos pesados de matéria foram sendo projetados para a periferia, em cada galáxia, permanecendo os mais leves no seu centro, de sorte que a escala dos corpos simples se organizou, de modo inverso do anterior, ou seja, do centro para a periferia, numa gradação que vai do hidrogênio ao urânio, tal como pode observar o espectroscópio, em todas as nebulosas. Se não tivesse havido explosões, nos começos, e antes a expansão do universo se devesse só ao movimento de rotação do Colosso, então o universo não seria esférico, mas, lentiforme ou elíptico. Ele seria um disco, um plano, em que a expansão se daria só em duas dimensões, como é o caso de qualquer galáxia, ou de qualquer sistema planetário. Todavia, porque sua expansão é esférica, segue-se que se originou de explosões cuja demora se relaciona com a quantidade de matéria deflagrável, e com a inércia das partes impulsionadas para fora. Por conseguinte, todo o material radioativo existente em todas as galáxias, em todos os sistemas planetários, nos planetas, na Terra, nasceram num mesmo berço e têm a mesma idade. Desde o tempo das explosões do Colosso, já o urânio começou a dissociar-se, rumando para o chumbo, que é onde pára o seu processo desintegrativo. Por que nas jazidas terrestres há mais de cinquenta por cento de urânio misturado ao chumbo, concluiu a ciência que a idade do universo é de três bilhões e quinhentos milhões de anos. Está errado: esse tempo é só o de quando o urânio se acumulou nas jazidas, por efeito da força centrífuga. Todavia, a desintegração dele começou desde as explosões da proto-nebulosa, e por todo esse tempo, que não é curto, o urânio não se tinha ainda acumulado nas jazidas. Mas tenho lido também que a idade do universo é de cinco a sete bilhões de anos, o que já é mais razoável. É assim que, como diz Fritz Kahn, “os aerólitos ou pedras meteóricas são os selos na certidão de nascimento do universo. Cai algo do firmamento, ardendo em brasa, chiando como lacre e imprime-se no globo terrestre como sinete. Corre-se para ver, e lê-se a gravação e eis que se sabe: nascimento do universo, há sete mil milhões de anos”⁴³⁷.

E trocando o livro de Fritz Kahn, por outros, já marcados nuns pontos, prosseguiu:

– Outro método de se contar a idade do universo, após seu nascimento, é o do afastamento das galáxias de um “ponto”, do qual depois se dispersou para todos os lados, como numa explosão. Um cálculo simples mostra que esse período deve ter-se situado há uns cinco ou seis bilhões de anos”⁴³⁸. Para termos uma idéia de como as galáxias são vistas, afastando-se de um ponto comum, e com velocidades progressivas, podemos empregar uma bexiga de borracha toda pintalgada. Deste modo “as nebulosas extra-galácticas afastam-se entre si, de modo análogo ao afastamento dos pontos de uma película esférica de sabão ao ser soprada”⁴³⁹. Por isto F. L. Boschke escreve: “Se considerarmos que há 5 bilhões de anos toda a substância se concentrava,

437 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 177

438 H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 53

439 Enciclopédia Prática Jackson, II, 363

em estado de densidade extrema, uma espécie de ovo primitivo, cumpre admitir certas coisas como explicadas⁴⁴⁰.

Fechando os livros, e depondo-os sobre a mesa, prosseguiu com o assunto que vinha tratando:

– Enfraquecidas as energias concentrativas, como já dissemos, teve início a fase de expansão cósmica, a começar pelas explosões; estas se continuaram na abertura das galáxias por efeito da força centrífuga originada do movimento rotativo ou vorticoso ocasionado pelo encontro de poderosas forças que eram as centrífugas e as das explosões, com as perifugas, ou seja, das energias convergentes. Contudo, quando as energias se concentravam, o espaço já se movia da periferia para o centro, trazendo, para aqui, tudo o que fosse denso, e por isso reagisse, ao movimento, com sua inércia, fugindo para a zona de menor velocidade. De maneira que a grande massa cósmica estava animada da rotação comunicada pela periferia, quando se deram as explosões. Ora, com as explosões, os blocos (galáxias) não só se afastaram do centro comum, como também rodavam em torno de si mesmos, e transladavam ao redor do centro, desenvolvendo, por isto, espirais logarítmicas. Tanto que principiou a sobrepujar a fase inversa, centrífuga, de expansão, por causa do esgotamento das energias constitutivas dos átomos, os corpos mais pesados foram, pela força centrífuga, expulsos para o equador dos vórtices galácticos. Deste modo, no centro, ficaram somente os átomos leves de permeio às forças dinâmicas ainda centralizantes. Estas forças se enfraqueciam, na proporção em que os átomos pesados se afastavam. É por isto que, no centro das galáxias, ficaram as estrelas mais quentes, azuis e brancas, formadas de hidrogênio e hélio, no passo que, em suas partes externas, se aglomeram as estrelas velhas, vermelhas, com grande número de raias metálicas. Avançando mais, rumo à periferia, deparamos com astros frios, escuros, cuja reunião produz o que se chamam “sacos de carvão”. Prosseguindo mais, as estrelas começam, de novo, a brilhar, agora, por desintegração atômica, e são as estrelas “novae”, visto como, nestas estrelas, é onde se concentrou a maior porção de átomos radioativos.

Dito isto, Árago principiou a procurar, num livro, um ponto que tinha em vista citar. E tendo-o achado, prosseguiu:

– “O nosso sistema solar situa-se numa formação que tem 100.000 anos-luz de diâmetro, de 1.000 a 5.000 anos-luz de espessura e que pode assumir, por fora, forma lenticular⁴⁴¹. Mais: “O nosso sistema solar gira, com milhares de outros sistemas solares, em torno de um ponto central da Via Láctea. Sabemos onde se encontra esse centro de rotação: na direção da constelação de Sagitário. Infelizmente, não o podemos ver⁴⁴². Mais isto: “Dentro do horizonte visível existem cerca de 100 milhões de sistemas de galáxias⁴⁴³. E “o sistema de galáxias mais próximo de nós dista da Terra 1.500.000 anos-luz. O que lá vemos, tão longe de nós, aconteceu, portanto, há 1.500.000 anos. E que ocorre ali atualmente? Só o saberemos, após o mesmo lapso de tempo. Toda a discussão a esse respeito é ociosa⁴⁴⁴.”

E fechando o mestre o livro, continuou:

– Quem observar a fotografia da “Nebulosa espiral N.G.C. 891”, tirada no Observatório de Monte Wilson, verá que esta nebulosa está rodeada de um anel de matéria escura”. “A de número 4.736 do *Novo Catálogo Geral* dá a impressão de uma sucessão granulada de núcleos brilhantes e escuros perfeitamente definidos; em compensação a de número 4.826 do mesmo *Catálogo*, em meio de uma série de espirais muito juntas e homogêneas, apresenta na região central uma sombra que dá a impressão de ter-se fraturado a nebulosa⁴⁴⁵. Essas faixas pretas no equador das nebulosas, dividindo-as, até, em duas partes, é onde a força centrífuga do sistema projetou os corpos mais densos e mais velhos. É nesses lugares escuros que, de quando em quando, aparece uma estrela Nova. Nem nosso sistema planetário solar foge a esta regra, pois, sendo o *Sol líquido e gasoso, feito de matéria leve, tem seus planetas sólidos e construídos de*

440 F.L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 83

441 F.L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 61

442 F.L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 62

443 F.L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 62

444 F.L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 63

445 Enciclopédia Prática Jackson, II, 348

material pesado. A análise espectral revelou existir, no Sol, ferro, cobre, magnésio, níquel, zinco, prata, chumbo, cálcio, hidrogênio, hélio, porém, não se encontrou nele ouro. Já nos planetas do seu sistema aparecem também os outros metais, do chumbo em diante, até o urânio, em jazidas. Por este raciocínio, Plutão deve ser o mais rico em metais pesados, havendo mais lá, do que em Mercúrio, tório, rádio e urânio. Com a Terra, teria acontecido o mesmo que com o Sol, em relação ao seu sistema. Os corpos radioativos estão na superfície da crosta planetária, nos terrenos velhos, e não, no seu centro, ou nos terrenos vulcânicos. Por isto a matéria do centro da Terra, assim como toda a do Sol é constituída de corpos mais leves, mais jovens que os corpos pesados e velhos, visto terem estes a idade do universo, e os leves podem não ter essa idade, pois muitos deles são ainda formados nas estrelas. Só a hipótese que venho formulando pode responder a esta proposição: se é tendência geral de os corpos densos irem para o centro da Terra, por que os mais pesados estão na superfície? “Extremamente improvável é que o calor derive de decomposição radioquímica: com efeito, neste caso, durante as erupções vulcânicas, deveria ser expelido material radioativo, o que nunca se observou, até hoje, em medida plausível”⁷⁴⁴⁶.

E tendo entrado a meditar profundamente, continuou, a seguir:

– Os corpos mais velhos, da idade do universo, mais pesados, estão sempre na periferia, em relação a qualquer sistema, seja ele a Terra, seja o Sol, seja uma galáxia qualquer, como nossa Via-Láctea. Logo, o centro da Terra pode não ser constituído de ferro e de níquel, como já aventou, correspondendo esta asserção mais uma concordância com a teoria de que a gravitação decorre do movimento, não sendo nenhuma propriedade incompreensível, misteriosa, inerente à matéria. Se no centro da Terra houvesse metais pesados, havê-los-ia, pela mesma razão, nos núcleos das nebulosas e no Sol. E assim como esses corpos densos saíram desses centros galácticos e estelares, por efeito da força centrífuga, igualmente, os metais pesados terrestres se mantiveram próximos à superfície, no tempo em que a rotação planetária era mais rápida, e **o dia durava apenas algumas horas** (Wells, História Universal, I, 26). Por este motivo, também, é completamente destituída de fundamento a hipótese do filho de Charles Darwin, segundo a qual a Lua ter-se-ia desprendido da Terra, quando a circunferência desta era duas vezes e meia maior do que é hoje, e tinha uma velocidade de rotação seis vezes maior. Se isso fosse certo, o material pesado da Terra ter-se-ia acumulado no equador, a ponto de, até, ser arremessado ao espaço, formando a Lua. Logo, a Lua seria constituída de material pesado, radioativo, o que não corresponde à verdade. Segundo Darwin Filho, a Terra expelira, de si, várias Luas, e em caindo uma delas, formou-se a África. Portanto, a África dever-se-ia constituir de materiais radioativos, em proporção assustadoramente maior do que qualquer outra parte do globo, o que as experiências não confirmam. A força centrífuga é proporcional à massa, e isto é demonstrável pela experiência; pois como a força centrífuga de Darwin, que chegou a lançar massas ao espaço, foi projetar os materiais leves, em vez de os pesados? E se uma das Luas caiu e formou a África, as terras africanas haviam de ser da mesma constituição lunar, o que também não corresponde à verdade. A Lua se constitui de material leve, não tendo, por isso, gravidade suficiente nem mesmo para reter sua atmosfera. Logo, não se desprendeu da Terra por efeito da força centrífuga, e antes foi (quem sabe ?) capturada pela Terra dos espaços.

– O lugar das jazidas uraníferas e plumbíferas terrestres, continuou o mestre, assim como de toda a massa dos metais pesados, estaria na faixa do equador, no lugar limite em que se equilibraram as forças centrífuga planetária, e perifuga do espaço, quando da formação do planeta. Talvez haja um cinturão metálico ao longo do equador. Pode não estar totalmente na superfície o lugar das jazidas uraníferas, porém, no centro é que também não está.

E tornando ao tema central, rematou o filósofo:

– Em conclusão, é na parte rígida das galáxias que aparecem as estrelas novas (velhas é como dever-se-iam chamar) e super-novas. Estas não são estrelas em formação, mas, em decomposição por desintegração atômica, pois, aí, se reuniram os átomos mais pesados do universo. Por conseguinte, há estrelas em formação, há estrelas mortas, obscuras, como os “sacos de carvão”, e há estrelas em decomposição, isto é, em fase de explosão atômica. Isto está conforme com a ciência que diz terem as estrelas um ciclo de vida, podendo apresentar luz, tanto

na sua formação, nascimento e vida, como, depois da sua morte, na desintegração. Só a análise espectral, a velocidade de afastamento da galáxia a que pertence a estrela, e ainda sua situação na galáxia, podem determinar se uma estrela nasce, se vive, se apaga, ou se desintegra.

Fez, o mestre, uma pausa meditativa, tendo o olhar perdido no vazio. Depois, tornando a si, continuou:

– Supõe a ciência que, há cinco ou sete bilhões de anos, o universo deveria achar-se num ponto só de matéria, que é o Colosso Primitivo. No entanto, esse é o tempo do nascimento do universo pelas explosões do Colosso. E quanto tempo gastou o universo nesta sua gestação? Quanto tempo levou a “chocar” o grande Ovo Primitivo? Seriam dez bilhões de anos? Seriam dezoito ou vinte? O certo é que, não sendo de toda a eternidade que a matéria existe, houve um tempo em que *nada material* existia no espaço em que se move hoje a matéria. E sendo que a matéria se formou pela concentração das energias, para esse ponto elas se canalizaram. Se elas se fecharam para esse ponto, reduzindo-se, cada onda, num grão de poeira impalpável, é por essa poeira, de estrutura granulosa (Prof. March), que começou o existir da matéria no espaço. Essa poeira é o éter pré-eletrônico, como já temos visto. E sobre que meio anterior as ondas cavalgaram, para reunir-se nesses pontos materiais? Seria num meio mais etéreo ainda que o próprio éter. É certo que tais ondas haviam de ser mais curtas e mais velozes que as mais curtas ondas nossas conhecidas, que são as produzidas pelas vibrações dos núcleos atômicos, ou seja, os raios gama. Então, já o espaço pré-material não estava vazio, porém, cheio de um fluído pré-etéreo que é aquela Substância punctiforme que constituía os pontos daquela reta da pura Idealidade, ou seja, do Deus transcendente. Só que, aqui no Caos cercado pelo *topos uranos*, a Substância se achava desamparada do Pensamento-Lei, e só por isto era Caos. Sobre este meio, pois, as ondas mais curtas dos raios cósmicos cavalgaram, ao serem projetadas contra o corpo do Colosso, penetrando neste, e indo formar os átomos mais densos do universo.

E consultando o relógio, exclamou:

– Puxa! como é tarde! Contudo eu queria deixar encerrado este nosso estudo de hoje. E tornando ao assunto, prosseguiu:

– Agora, já podemos saber de onde provieram as energias que se concentraram no Colosso Primitivo. Pois vieram da desintegração das almas em queda! Assim como na fase evolutiva cada integração representa consumo de energia, na fase inversa, quando as unidades se desintegravam, produziam energia. Estas foram as que se concentraram no Ovo Primitivo que, aliás, já representa uma nova forma de integração. Os átomos, ao se formarem, consomem aquela mesma quantidade de energia que produzem ao dissociar-se pela desintegração atômica. E todas as formações coletivas seguem esta mesma regra. No nível da matéria as energias transformam-se em massa reversível em formas dinâmicas; porém, estas energias oriundas da desintegração da matéria, não se tornam outra vez em matéria, em ciclo vicioso, como pretende o materialismo moderno. As energias se degradam do ponto de vista dinâmico, e esta perda de qualidades dinâmicas pode ser achada na vida, no psiquismo e na consciência. A evolução opera o inverso do que se deu com a desintegração e queda das almas. As ondas que, na queda, se encurvaram, agora, por evolução, se desencurvam, e é por isso que a cada transformação dinâmica, a energia se degrada, tornando-se em ondas cada vez mais longas, tendendo para aquela reta da pura Idealidade de que tudo partiu. O pensamento é onda, e onda é energia; por isso, no nível do espírito, as energias dinâmicas degradadas se transformam em psiquismo e consciência, também reversíveis, se o centro arregimentador de forças se resolvesse a desandar o caminho. Se fosse possível atormentar um santo, até que ele desejasse a extinção total de si mesmo, isto é, a morte do próprio espírito, estaria aí a fonte prodigiosa de energia, perto da qual a bomba da anti-matéria é nada! Esta é a técnica do demônio residual, isto é, o que ainda sobrou, e vive nos interiores dos orbes planetários, para conseguir o necessário para sua subsistência. Só que, ao atormentar-se um santo, ele se firma naquilo que o resiste, como a ave no ar, subindo-se de nível. Assim, só se lhe pode atormentar e destruir a carne, e com isto, o anjo alado desprende-se do seu pedestal de barro, e voa na direitura do infinito. Para que haja desintegração psíquica, preciso é que a rebelião se instale no centro, por uma decisão do próprio ser, e jamais, nunca, por violências exteriores. Assim como, para desintegrar o átomo, faz-se necessário introduzir-lhe perturbações no núcleo, para fazer a um espírito desandar o caminho palmilhado, faz-se

necessário mudar-lhe a filosofia da vida. É com idéia que se constrói ou se danifica um espírito, e não com a força. Faz-se mister mudar-lhe a direção, tanto para o bem, como para o mal, e isto se resume em dar-lhe nova filosofia. Tal a força duma idéia! Os inimigos duma idéia, por conseguinte, não são a força, porém, outra idéia que se lhe oponha. Conseqüentemente, a guerra desencadeada no *topos uranos*, antes de ser fluídica, foi de idéias; depois, antes de ser física, foi fluídica e nervosa. Os instrumentos de luta desceram da idéia para as emoções, para as descargas fluídico-nervosas, e, finalmente, para os choques físicos, porque, então, se criaram os instrumentos de ferir, também neste plano. E toda a prodigiosa energia dos desgastes e atritos da luta, se encaminharam para o centro da esfera do *topos uranos*, que é o centro, também, do universo físico, ou lugar onde principiou a formar-se o Colosso Primitivo. Primeiro as ondas de energia se condensaram no éter, e para fazerem isto, movimentaram-se no pré-éter da Substância incriada; depois, cavalgando o éter, condensaram-se nos vórtices eletrônicos e nas partículas satélites dos núcleos atômicos. Formado o campo eletrônico do espaço, ondas eletromagnéticas desceram, furibundas, em remoinhos medonhos, num crescendo cada vez maior de forças potentes. No ar feito de núcleos, horrendos vendavais arrancavam à superfície do Colosso, furibundos macaréus, e os arrojavam léguas mil pelos espaços, enquanto coriscos chispavam entre as nuvens de férreos vapores. Ondeando a superfície do sinistro e ardente lago, os ventos de núcleos se enrodilhavam em vortilhões medonhos, prenes de hórridas energias desencadeadas, e gemendo e silvando, faziam suas furiosas danças ao compasso tremendo da mais que dantesca música de Satã. Do espaço periférico, abaixo logo do *topos uranos*, as ondas se moviam em tornados vorazes, levando de roldão tudo o que colhia nas suas voltas malignas, moendo tudo, anjos e armas de guerra. Os núcleos atômicos que se forjavam logo na periferia, eram atirados em chuvas torrenciais de raios cósmicos, como ígnios dardos, sobre a face do Colosso, e entranhando-se na matéria, iam construindo os átomos pesados. Estes, em criados, fugiam para o centro, desprotegendo a superfície para nova chuva de ardentes e irosos raios. E por bilhões de anos durou a maldita chuva torrencial de núcleos de hidrogênio sobre a face hedionda do Colosso. O movimento periférico fazia rodar o espaço, indo comunicar-se ao Colosso que rodava sobre si, no rodopio louco de um pião movido pela fieira de Deus. Os átomos pesados cada vez mais fugiam para o centro na busca tresloucada de um repouso impossível. O movimento era desigual, tanto maior, quanto mais para fora do sistema; então a inércia era a massa que fazia tudo concentrar-se. Os átomos de laurêncio, de nobélio e de mendelévio forcejavam por desintegrar; porém, as voltas dinâmicas eram frenadas pela pressão e pelo calor inimagináveis. Na dança frenética das partículas, a loucura do Caos deu para formar a anti-matéria; todavia, chocando-se esta com a matéria, transformava a massa de ambas em energia, fazendo rude estrondo que, abafado, morria antes mesmo de ter chegado à superfície. Corcoveava o monstro no seu inferno de luminosos fogos, e os calombos das explosões surdas, eram logo recalçadas para dentro pelas tremendas força periféricas. E deste modo o horrendo Caos esteve em ebulição por bilhões de anos, a gestar a matéria inteira do universo.

Descansando um pouco, tornou o mestre à descrição que tirava da sua facúndia:

– Assim foi, até que um dia de alguns milhares de anos, a energia periférica principiou a arrefecer-se. Então começaram a explodir-se as massas contidas pela pressão, e galáxias inteiras de núcleos atômicos eram atiradas nos espaços, e de novo caíam no lago ardente, borrifando sóis para todos os lados. Outras giravam a curta distância e com tal velocidade que se desfaziam em anéis rodopiantes, e pouco a pouco se afastavam quebrando-se em galáxias menores que continuavam a abrir-se pela força centrífuga de que estavam animadas. Por todas as direções do espaço as galáxias eram projetadas pelas explosões. Os núcleos pesados, abandonando o centro, agora cortavam a massa do Colosso, vindo arrebear-se na superfície como super-bombas atômicas, e, rompendo o espaço, iam entranhar-se nas galáxias que se afastavam rodando sobre si mesmas como ciclones. Nem todos os átomos explodiam ao mesmo tempo, porque não eram iguais quanto ao amadurecimento cinético. Só explodiam os átomos, como ainda é hoje, cuja velocidade interna do sistema superava o limite de estabilidade. Esta é a causa de uns átomos explodirem, e de outros, não. Nem todos os átomos tem a mesma idade, isto é, foram feitos ao mesmo tempo; a diferença de idade, traduzível em termos de crescente aceleração intrínseca do sistema, explica o que Bertrand Russell declara que ninguém sabe, ou seja: “por que razão, por

exemplo, num pedaço de rádio, certos átomos se rompem, enquanto que outros permanecem intactos⁴⁴⁷. Começou assim a separação da matéria pela expansão explosiva e vorticiosa ao mesmo tempo, e as primeiras galáxias feitas todas de material radioativo, explodiam, também, nas alturas, aumentando o horror do mais que Miltoniano inferno. E o universo se expandia, lento, tardonho, mantendo as massas sempre, como é hoje, na resultante das forças perifuga e centrífuga. E assim foi que nasceu o universo.

E tendo o mestre repousado numa pausa grave, profunda, prosseguiu:

– E no *topos uranos*, que se cogitava? O inimigo fôra despenhado do empíreo para sempre. Os que mais ardidados nas batalhas se mostraram, foram destruídos pela morte eterna, perdendo o ser no moinho do Caos. Outros, mais comedidos, quedaram-se a espreitar que mais convinha fazer: buscar a morte logo, ou retardá-la o mais possível? Logo abaixo do *topos uranos* ficaram estes, por longo tempo, vagando, até que lhes fosse possível habitar algum orbe do universo. E indo-se eles, quando foi possível, aí se meteram na matéria, o reino novo que criaram. Conforme as densidades, uns foram para os centros, e outros, para outros níveis, até a superfície, todos passando a habitar os vagabundos planetas que enxameiam as galáxias, circundando sóis.

E continuou após ponderosos pensamentos:

– A grande hipótese está lançada. Se ela corresponder à verdade, muito bem; se não corresponder, não tem nenhuma importância; o que interessa é tê-la lançado, visto como o saber não se constrói sem hipóteses. Já o disse antes, e o repito agora para vocês que me ouvem, e para a fita magnética que está correndo no gravador, para audições futuras. Quem não se arrisca a errar, por isso mesmo fica impedido de encontrar a verdade. Vocês têm de aprender comigo esta forma de coragem... a coragem de errar... que todos os pensadores tiveram. E foi errando e acertando, que eles construíram a filosofia. Os místicos são como os tenros filhotes das aves que, nos ninhos, tudo esperam de seus pais, ou como a infância nossa, de absoluta dependência materna. Os filósofos são como o adolescente rebelde que sai de casa, enfrenta o mundo e aprende a lição, quebrando a cabeça e esfolando as canelas. Sem esta coragem de errar, ninguém chegaria à idade adulta. É caindo e levantando, que se aprende a andar; é esquiando que se esquia e exercitando vôos que se voa. Ponham, vocês, em dúvida tudo o quanto lhes hei dito, e cada um, por si mesmo, procure achar a verdade em minhas palavras ou fora delas. Não quero que ninguém me siga como crendeiros, mas que cada um acenda suas próprias luzes como racionais. Não se fiem vocês da autoridade de quaisquer mestres; fiem-se da razão, forcem-na a trabalhar, de modo que a verdade não seja porque eu disse, senão porque cada um, por si, a achou. O alimento só é organismo, quando integrado nos tecidos do próprio corpo. Aquilo que era peixe, e ave, e cereais, é transformado pelo tubo digestivo em substância de homem, e é homem; a razão é esse tubo digestivo em que as idéias se digerem, e se assimilam, para a construção da mentalidade, do espírito. Submetam, vocês, tudo a essa digestão, a esse moinho que tudo desintegra para integrar de novo em substância de cada um. O mais puro, cândido e ingênuo misticismo que tudo aceita de fé, sem discutir, e tudo espera de Deus, é pobríssima coisa diante da rebelde racionalidade madura de um filósofo. A revelação é para as crianças, e a racionalidade, para os adultos do espírito. Eia! companheiros da jornada do saber! aceitem o risco de errar, saiam do ninho tépido e macio, abandonem o aconchego do lar paterno, andem, cada um, por suas próprias pernas, que este é o modo único de se chegar à idade adulta da razão. Os mestres são para a adolescência; um gênio não tem mestres; um querubim não pode guiar-se por sugestão. Esta é a grandeza dos filósofos, e por isso, me curvo, respeitoso, diante deles, não só pelos seus acertos, senão, também, por seus erros, pois tiveram esta coragem... a coragem de errar.

E dito isto, e após um descanso, interrogou o pensador:

– Será que me fiz suficientemente claro em toda esta minha exposição ?

Houve um silêncio prolongado, em que, os presentes, se entreolhavam, hesitantes. Até que enfim falou Benedito Bruco, por si e por todos:

– O senhor foi suficientemente claro, e o escuro que deixa entrever nossa hesitação, não provém do seu desenvolvimento, mas do assunto que, em si, é escuro.

447 Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 130

– Neste caso, tornou Árago, dou por terminado nosso estudo de hoje.

Capítulo III

Axiologia e Arte do Futuro

Em se dirigindo para a casa de Árago, à noitinha, o grupo de estudiosos, de longe, já começou a ouvir os acordes maravilhosos de uma música de Mozart, que estava sendo tocada pelo filósofo no seu aparelho de som altamente fiel. Chegados à casa, Árago respondia, prazeroso, aos cumprimentos dos companheiros, no ponto em que todos se acomodavam nos seus lugares costumeiros, sem que se dissessem uns aos outros muita coisa, para não perturbar a audição musical. Tanto que terminou o último disco caído no prato do tocador automático (era a suíte Aquática de Haendel) voltou-se o mestre para os presentes dizendo:

– Penso que estamos por terminar estes nossos serões, encerrando nossa Terceira Jornada Filosófica, pelo menos, provisoriamente. Depois, estudaremos outra coisa, ou isto mesmo, se vocês o desejarem, tendo em vista que a idéia é extensível até seu esgotamento total. Reservei para hoje um estudo muito discutível que é a axiologia, ou seja, a teoria dos valores. Feito isto, entraremos a estudar a estesia para descobrir como será a arte do futuro. Passei o dia hoje coligindo dados para documentar o que hei de dizer, seja no que diz respeito à axiologia, seja no que concerne à estética. Sobre a moral não falarei, porque ela é a atmosfera sob a qual estes nossos serões se desenvolveram, e por isto está suposta, ou sub-posta, ou dada, implicitamente, e, portanto, fácil de ser deduzida por qualquer de vocês.

E procurando um cômodo melhor na cadeira, continuou:

– Olhando a natureza circunjacente, como já o fizemos, notamos que ela se compõe de entes ou seres. E observando qualquer deles, verificamos que se compõe de um binômio que é *realidade e idealidade*. A essência da coisa é sua idealidade, no passo que sua substância é a realidade. Já vimos que toda idealidade é incausal, intemporal e inespacial; em oposição, a realidade é causal, temporal e espacial. Se pegarmos qualquer coisa, um caracol, por exemplo, notamos logo que sua essência não pode ter sido criada, sendo, por isso, intemporal, ao mesmo tempo que não ocupa lugar no espaço objetivo, pelo que não é coisa. Ela se acha manifestada na substância do caramujo ou da concha, de modo que, aí, passou a ter existência no tempo e no espaço, tendo tido causa. Não há coisa alguma que possa existir sem sua essência, sem aquilo que lhe dá o ser, e diga o que ela é. Por causa da natureza do nosso espírito de trabalhar com essências, e entender por essências, a idealidade pode ser abstraída das coisas pelo que continuam *sendo* sob este aspecto, porém, sem existência, que isto implica durar no tempo, ter causalidade e possuir espaço. Se, contudo, tiramos a essência à uma coisa, que sobra dela Chilon?

– Sobra sua substância. Moer uma concha ou caramujo é destruir-lhes as essências. O que sobra é um pó calcário. Se destruímos a essência deste pó calcário, sobra cálcio, oxigênio e carbono, pois aquele pó é carbonato de cálcio. E se continuarmos com esta análise e destruição das essências, iremos dar na Substância primeira de que tudo é feito, o puro movimento.

– Pelo visto umas essências são as substâncias de outras essências formando uma cadeia já estudada por Aristóteles, quando tratou da *forma* e da *matéria*. Mas, venham aqui, e olhem, e observem esta coleção que há tempos venho organizando, de coisas do mar.

A estas palavras de Árago, todos se levantaram para admirar aquelas formações variadíssimas de caramujos e conchas, além de outros seres e coisas. Havia até estatuetas de animais e homens, feitas todas de conchas coladas entre si. E pegando o mestre uma destas estatuetas, que representava um homem com um saco às costas, chamou a atenção de todos dizendo:

– Aqui está um homem feito todo de conchas. A essência é homem; a substância, conchas. Tanto a idealidade como a realidade estão presentes, não só no todo, senão também nas partes. O binômio ideal-real segue tanto para baixo, como para cima, nas formações coletivas ou essenciais; do homem para cima observamos as sociedades das quais, agora, o homem é a substância. E quando Cornélia comprou estas estatuetas, para enfeitar a casa, pagou preços diferentes. E se comprasse em época de “temporada” pagaria ainda mais, por que Chilon?

– Ora, porque há maior procura. A procura eleva o preço, no passo que a oferta, fã-lo baixar.

- E até que ponto o preço poderia baixar?
- Até à linha do valor; o preço pode descer abaixo da linha do valor, e, quando isso acontece, parte dos artesãos abandonam o campo, indo-se para outros quefazeres, e daí o preço sobe de novo, visto que, diminuindo a produção, rareia a oferta.
- Como define, então, você o preço, Chilon?
- Pois o preço é a oscilação em torno da linha do valor.
- Então que é valor? reperguntou o mestre.
- Valor é a condensação da mão de obra artesanal, mais o lucro que possa cobrir as demais e várias necessidades do artesão, como sejam: encargos de família, impostos, transportes, etc.
- E você acha que este caramujo gigante, vale alguma coisa?
- Como não? Acaso o mergulhador, que é um profissional, não teve de ir buscá-lo ao fundo do mar? E para isto não usou seu escafandro autônomo? E quanto mais fundo desceu, não gastou mais oxigênio ou ar? Pois por tudo isto, esse caramujo tem o seu valor, e mais vale ainda pela raridade. Agora, o preço, é outra coisa: vai depender da oferta e da procura.
- Então, tornou o mestre, este caramujo vale pela raridade, pela beleza, e pelo trabalho e despesa que teve o mergulhador em pegá-lo. E tanto que o mergulhador o trouxe do fundão à superfície, todos exclamaram encantados: que beleza! Por conseguinte, meus caros, surgiu um elemento novo em nosso mundo: a beleza, o valor. Então tenho agora que este caramujo possui essência que é ideal; possui objetividade, coisidade, pelo que ele é real; e possui valor. Como classificar a beleza em nosso quadro ontológico, Bruco? Acaso a beleza é uma coisa?
- Não... a beleza não é um coisa.
- Então é um objeto ideal?
- Não é também, tornou Bruco, por carecer da sua contraparte realidade. A beleza é causal, pois foi feita; não tem existência no tempo, de modo a que começa a ser bela, e depois deixa de o ser; também não existe, isolada da coisa, não passando de qualidade dela.
- Muito bem, Bruco. Mas o valor, a beleza, acrescenta ser ao caramujo? Ele é mais ser por ser belo? Acaso um caramujo belo, ornamentado de pontas, de saliências e reentrâncias, de cores que vão do branco, ao creme e ao róseo, possui mais ser do que um caramujo feio, simples, desataviado?
- Após refletir maduramente, respondeu Bruco:
- Não acho que o caramujo belo possua mais ser do que o feio, visto como, esta questão de belo, de feio, de valor, de desvalor, é subjetiva, psicológica, não passando de qualidade atribuída ao caramujo. As qualidades não acrescentam ser.
- Logo a beleza e o valor, não são?
- Não... não são; mas valem!
- Está certo Bruco. Um caramujo feio não é menos ser do que um belo. Então, temos a considerar que em nossa vida há objetos ideais que são; há os objetos reais que também são; e há os valores que não são, mas que valem. Então, como definiria, você, o valor?
- O valor que empresto a determinada coisa, guarda relação com o desejo que tenho de possuí-la. Às vezes a coisa não vale nada, para mim, mas vale para outros; portanto, eu posso trocá-la com esses outros por coisas deles que valem para mim. Direta ou indiretamente, o valor duma coisa se mede pelo seu grau de desejabilidade, seja direta, seja indiretamente.
- Bom. E o diamante vale mais do que os cascalhos?
- Deixe de zombaria, Árago; essa não é pergunta que se faça, visto como a resposta é óbvia.
- Falo sério, meu nego. Se você fosse Davi, a enfrentar Golias a brandir sua danosa lança, que mais lhe valia: cinco pedras redondas e lisas dum riacho, ou um diamante precioso?
- Ah! neste caso mais me valeriam as cinco pedras que todas as pedras preciosas do mundo, porque elas me garantiriam a vida, que sem esta nada há que valha.
- Portanto, a desejabilidade duma coisa varia de indivíduo para indivíduo, e ainda varia para o mesmo indivíduo, conforme as circunstâncias. Ora, sendo o valor uma variável, não tem medida absoluta, não se podendo falar em valor real, verdadeiro, universal, inerente a determinada coisa.

A estas conclusões de Árago, Bernardo Jasão interveio dizendo:

– O ouro tem valor universal, e por isso pode servir de padrão de medida dos valores.

Encarando a Jasão, argumentou o mestre:

– Os faraós acreditaram nisso, cuidando que as riquezas tinham valor, não só nesta vida, senão também na outra. Por isso, roubavam túmulos, amealhavam riquezas imensas, e decretavam que tudo havia de ser posto ao lado de suas múmias nas pirâmides complicadas, interiormente, por labirintos e caminhos falsos. E todo o Egito antigo foi sacrificado à esta idéia de fazer pirâmides custosas. Todavia, o que um homem faz, outros desfazem, donde vem que nenhuma pirâmide deixou de ser violada, roubada, e de serem as múmias desfeitas em pedaços. Houve um tempo em que se vendiam múmias verdadeiras e falsas nas boticas, de sorte que este comércio mais forçou ainda a violação dos túmulos egípcios. Quem tem muitas riquezas anda cercado de ladrões que roubam por todos os meios, e isto vocês poderão ler, por miúdo na “Arte de Furtar” atribuída, outrora, ao padre Vieira, porém, que o estudo crítico deu como sendo de Antonio de Souza de Macedo. Creso é hoje figura de retórica para designar o que seja um homem rico. Contudo, depois que este rei foi subjugado por Ciro, desenganado de tudo compreendeu as falas do oráculo de Apolo, que lhe sentenciara: “Conhecei-vos, Creso, e vivereis feliz”⁴⁴⁸. Ele pensava, então, conhecer-se, e que ser poderoso, era ser rico. E neste pensamento, aceitou o generalato que lhe ofereciam seus aliados na guerra contra Ciro. E aí esteve o seu erro e desconhecimento de si, porque cuidou que era o que não era. Gobrias, sim, é quem tinha razão, ao dirigir a Ciro estas palavras: “Não me admiro que possuindo nós maior porção de taças, de vestidos e de ouro, sejamos contudo inferiores a vós. Nós curamos de amontoar riquezas; vós de vos fazerdes mais valorosos”⁴⁴⁹. Aperto o ponto agora Jasão: Os faraós egípcios e Creso cuidaram ser valor as riquezas; Ciro, pelo contrário, demonstrou por obras, que ser valor é desprezar as riquezas trocando-as pelo cultivo das virtudes. Os faraós, em querendo uma coisa, obtiveram o oposto; e em vez de ficarem suas múmias guardadas para sempre junto de vastas riquezas, tiveram-nas destruídas e as riquezas roubadas. Creso pensava alcançar a imortalidade, a glória pelas riquezas, e foi, contudo, reduzido a servir a Ciro como seu conquistador. Os faraós e Creso criam nas riquezas, cuidando que só estas trariam bem estar; Ciro cria na força, na simplicidade da vida virtuosa que fazem o bom soldado. O que é valor, então, Jasão? as riquezas, ou a força? É o mesmo Ciro o que dizia para Gobrias: “O resultado de nossa avidez de riquezas seria dar-nos uma posse efêmera; entretanto que, se desprezando-as, nos fizermos senhores dos territórios que as produzem, adquiriremos uma posse constante”⁴⁵⁰. Que me diz a isto, Jasão?

– É, de fato... a teoria dos valores é complexa; já não posso mais dizer que o ouro é padrão axiológico de medida...

– É por causa destas coisas, concluiu Árago, que Bertrand Russell escreve: “De todas as ocupações reconhecidamente úteis, a mineração do ouro é a que parece mais absurda”⁴⁵¹. Todos os ouros do mundo, exceto algum que se perdeu nalgum naufrágio, estão como dantes, intactos. O aplicado em jóias, anéis, brincos, broches, pulseiras, ainda se compreende que são úteis, pois são para excitar a cobiça dos ladrões, e a inveja dos que podem menos. A desejabilidade de tais coisas guarda paralelo com a vaidade e a ostentação que não são virtudes, senão vícios da alma. Dou, enfim, que o ouro valha para isto. Porém, os lingotes de ouro que atulham os bancos britânicos, para que servem? a quem beneficia? Que diferença faz ficar esse ouro nos porões dos bancos da Inglaterra, altamente guardados por homens armados e máquinas, ou ficar entranhado na terra? Se fosse o ouro tão abundante como é o ferro, que valor teria, senão para fazer fios elétricos, painéis e caldeirões em substituição do alumínio, do cobre e do ferro?

– O senhor tem razão, concordou Bernardo Jasão.

– Se a tenho, toquemos por diante. O valor, portanto, não é ser, não se podendo dizer contudo, que seja não-ser; ele é qualidade atribuída ao ser. Eles estão em nossa vida, em nossa existência cotidiana, obrigando-nos a uma atitude de os desejar, ou de não os desejar, e até de o desprezar. Há entre eles gradações, pelo que os podemos considerar melhores ou piores, bons ou

448 Xenofante, Ciropedia, Clássicos Jackson, I, 270

449 Xenofante, Ciropedia, Clássicos Jackson, I, 181

450 Xenofante, Ciropedia, Clássicos Jackson, I, 147

451 Bertrand Russell, O Elogio do Lazer, 59

maus, belos ou feios, úteis ou inúteis, santos ou profanos. Está certo Jasão?

– Está. Não somos indiferentes aos valores, visto que eles nos forçam a um atitude de agrado ou desagrado; nossa atitude, em relação a eles é negativa ou positiva ou neutra, donde vem que os valores são subjetivos, sendo a ação de agrado ou desagrado que as coisas produzem em nós, ou que nós sentimos frente a elas.

Antes que Árago falasse, rompeu Hierão Orsoni com este argumento:

– Neste caso, Jasão, os vícios são bons, e as virtudes, mas; porque os vícios causam agrados aos pecadores, e as virtudes, desagrado. Ora, se o valor é o que agrada, e o não valor, o que desagrada, os vícios são valores, porque agradam, no passo que o cultivo das virtudes, porque desagradáveis de as praticar, são valores negativos. São Paulo a si se dava por miserável, tendo dito: “Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço” (Rom 7, 19). Acha certo isto, Jasão?

– Agora empaco! exclamou Bernardo Jasão.

– Ora, prosseguiu Hierão, se o que me é desagradável e doloroso pode ser bem, e, ao contrário, o que me agrada e deleita pode ser considerado mal, não podemos classificar os valores como impressões subjetivas de agrado ou desagrado, como você o fez. Ninguém pode discutir se uma impressão me agrada ou desagrada, porém, sobre o valor duma tela de arte pode discutir-se, e saber se é bela ou feia. Tal como uma tese científica, um quadro de arte pode suscitar discussões, e é óbvio que o só subjetivo, não admite discussões. Há o que mostrar numa tela, há um descortinar do que o outro não enxergou, há um assinalar pormenores, e um chamar a atenção para a perspectiva, e por fim, há uma visão de conjunto ou intuição de beleza. Uma vez que os valores podem ser discutidos, são objetivos, e por isso a virtude é boa, embora me desagrade, e o pecado, mau, ainda que cause prazer. Por isso, os valores são descobertos a quem os não enxergou, e isto se faz pela educação.

A estas conclusões de Hierão, Bernardo exclamou:

– Ainda não me saí do impasse. Porque, ou os valores são objetivos, e, por conseguinte, coisas, ou são impressões subjetivas, e, por isso, não-coisas. O que não pode ser é serem objetivos sem ser coisas.

– Os valores, Jasão, argumentou Orsoni, são qualidades das coisas, estão nelas, e delas chegam a nós, e não que nós emprestamos a elas. São objetivos porque se acham nas coisas. A idealidade é ser, as impressões subjetivas também são ser; todavia, os valores não o são, mas *valem*.

– Como é que me hei de sair do impasse?! exclamou Jasão; você declarou que as impressões subjetivas são, e que os valores não são; e que estes valores que não são, enviam-nos as coisas. Aquilo que não é, quando está na coisa, muda-se em ser, quando se transforma em impressões subjetivas? Aquilo que não é, estando na coisa, passa a ser, quando nos vem a nós. Como pode ser isso?

Hierão Orsoni ficou pensativo, sem, contudo, dar resposta alguma. Alcino Licas, porém, entrando na discussão, começou assim:

– Acho que posso dirimir essa dúvida. A questão se resolve se considerarmos com B. Russell que os valores não são independentes das coisas, não tendo substantividade. Os valores são qualidades que não se podem separar das coisas, como as demais qualidades em geral. Estão aderidos às coisas de modo inseparável. Esse caramujo é branco, e podemos conceber a qualidade *ser branco* separada dele; sabemos o que seja a brancura. Porém o ser belo dele não se lhe pode separar, nem por abstração. Tirar de uma parte a beleza do caramujo para examiná-la, como fazemos com os objetos ideais, ou com as qualidades substantivas, é impossível. O valor é uma qualidade que tem isto de característico e distintivo das demais qualidades: estas são separáveis idealmente das coisas, são independentes delas, no passo que o valor é uma qualidade inerente à coisa, inseparável, até idealmente, dela. Trata-se, o valor, de uma qualidade irreal, porque não é coisa; também não é ideal, visto que, nem idealmente, a podemos separar da coisa. Não podemos separar a beleza do que é belo; por isso a beleza não é. Assim, também, não podemos separar o valor daquilo que vale. E não podemos considerar a beleza, o valor como objetos ideais, porque estes são incausais, intemporais e inespaciais; o ideal é o que tem antecedente e conseqüente, e estes termos se acham ligados por implicações ideológicas, do

mesmo modo como as conseqüências de uma premissa estão implícitas nela. As conexões entre os objetos ideais não são de causa e efeito, porém, por fundamento e conseqüências como no silogismo. Logo, se a beleza, o valor fossem desta espécie, isto é, objetos ideais, poderiam ser demonstrados, como se demonstram as propriedades dos triângulos, ou os teoremas matemáticos. O máximo que se pode fazer das qualidades beleza, valor, bondade, é *mostrá-las, exemplificá-las, descortiná-las* às vistas. Se fossem objetos ideais cairiam, inevitavelmente, sob as férreas leis da demonstração. Não obstante, essas qualidades específicas, são também inespaciais e intemporais. Quando um quadro é belo, não começa a ser belo, ou deixa de o ser; um gesto caridoso, um ato de justiça, não começa a ser justo, para não o ser depois, do que vem a não estar jungido ao tempo. Um ato de bondade não está sujeito ao espaço, podendo não o ser nalgum lugar do universo, nem pode ser contado por quantidade, e portanto, divisível por número, podendo-se dizer, de um quadro, que é duas vezes mais belo que outro. Disto, decorre a conseqüência natural que os valores são absolutos, e não relativos, pois não podem ser valores para uns indivíduos, e não, para outros; ou para umas épocas, e não, para outras. Sendo alheios ao tempo e aos lugares (espaço) são absolutos.

– E como é que se explica, tornou Jasão, que o ato de justiça praticado contra Sócrates, contra Cristo, foram considerados injustos, depois? Acaso não há obras que ficam dormindo no esquecimento, para virem à luz mais tarde?

– Isso não é objeção, contrargumentou Licas. As verdades das ciências, não o são menos por não terem sido descobertas. Antes da queda da maçã de Newton, a lei da gravidade estava aí, governando o mundo, mas ninguém a enxergava. Os teoremas matemáticos de Tales e os descobrimentos físicos de Arquimedes e de Galileu, estavam aí, no nariz de todo mundo, contudo ninguém os via. Assim com os valores: podem ser conhecidos ou não dos homens; não é porque há cegos, que não há luz. Como os homens são relativos, e os valores, não, por isso, em certas épocas e certos homens não podem descobrir, para si, os valores. E há mais isto a considerar: os valores têm polaridade, e podem ser postos na escala relativa dos valores algébricos, que, partindo de zero, possui gradações positivas para a direita, e gradações negativas para a esquerda. O ponto zero seria o da indiferença, e existe, de fato. Conseqüentemente não há valor que não tenha o seu contrário, o seu contra-valor. O bem contrapõe-se ao mal, o belo, ao feio, o justo, ao injusto, o generoso, ao mesquinho, o sublime, ao ridículo, e assim por diante. Daí os valores confundirem-se com as impressões subjetivas, com os sentimentos, visto que estes também possuem polaridade. A diferença entre a polaridade dos valores, e a dos sentimentos, está em que estas são psicológicas, e as dos valores, axiológicas. Conquanto os valores sejam irrealis, fundam-se nas coisas das quais não se podem separar; já os sentimentos não se fundam nas coisas, não passando de vivências psicológicas, estados internos da alma. Como, na alma, valores e sentimentos se confundem, por isso foi tomado um pelo outro. Paro, ou continuo, Árago?

– Continue... continue!

– E há ainda a hierarquia dos valores, pelo que eles se podem classificar em úteis, vitais, lógicos, éticos, estéticos e religiosos. Partindo, portanto, do zero da escala algébrica, o zero da indiferença, os valores se escalonam, para à direita, como positivos, na ordem que enumerei. Entrando nós numa casa em chamas, salvamos primeiro um criança, por ser um valor moral, e só depois retornaremos às chamas para pegar um quadro de Rafael; se nos for dado retornar à cena do incêndio, salvaremos um livro precioso, antes que uma réstia de cebolas. E Scheler coloca no ápice os valores religiosos, e eu me fico a perguntar: será que os valores éticos são mesmo inferiores aos religiosos? Salvar a hóstia consagrada de uma inundação, seria ato mais louvável, mais desejável, do que salvar uma criança que não sabe nadar? Eis como cada uma destas hierarquias de valores dá nascimento a uma ciência, sendo a economia, a que trata dos valores úteis; as ciências antropológicas, “lato sensu” a que trata dos valores vitais; os valores lógicos, fundamentam a lógica; os estéticos, alicerçam a estética; a ética se lastreia sobre os valores morais; também os valores religiosos é que se hão de servir de base à religião.

Fez silêncio Licas. E vendo Árago que ninguém se dispunha a contraditá-lo, começou o exame do que dissera ele, fazendo-o responder a um interrogatório.

– Diga-me caro Alcino: Se bem entendi o seu arrazoado, você declarou que os valores são

absolutos, e não, relativos. É isso?

– Perfeitamente.

– A quais valores você se referia ?

– A todos, que se houvera eu de criar exceções, seria necessário reclassificar o quadro inteiro dos valores.

– Logo, os valores úteis também são absolutos?

– Dado o que afirmei antes, são.

– E também você deu que o homem é relativo, sendo essa a causa acharem eles justa, na época, a sentença lavrada contra Sócrates. E das obras de arte que ficam esquecidas, para ressurgirem mais tarde, você admitiu que foi por que os homens, contemporâneos do artista, não descobriram o valor delas, não é?

– Exato.

– E os artistas, você os tem por homens ou deuses ?

– Ora essa, Árago! claro que são homens.

– Logo, são relativos?

– Sim, pois claro !

– E como se explica que este relativo pode criar o absoluto, visto que o valor da obra é um absoluto? como pode a criatura, a obra, ser maior que seu criador? Você não deu que a esfera dos valores é estritamente humana, visto que os valores não existem para o homem enquanto ele os não descobre? Seja pela criação dos valores úteis, vitais, lógicos, estéticos, éticos e religiosos, seja pela descoberta deles, não de estar jungidos à relatividade humana; como, pois, são absolutos, intemporais e inespaciais? Os valores variam de povo para povo, de época para época, havendo mil e uma escolas de religiosos, éticos, estéticos etc., de modo que se estafam os chineses por mostrar aos europeus as suas belezas, e estes, as suas, àqueles, sem se entenderem; e cada um acaba concluindo que o outro é, decerto, cego, para não enxergar. A mim já me aconteceu de um pintor moderno suar para me fazer “ver” a beleza em suas borreiras, e eu, por mais que me esforçasse, nada enxerguei. De maneira que eu classificaria os borrões de Van Gogh ou Picasso de feios, e os poria do lado negativo dos valores, e outros, os colocariam do lado direito de zero, entre os valores positivos. Quem tem razão, Licas?

E como Alcino Licas não desse mostras de ir responder, Árago continuou perguntando:

– E os valores éticos? Há três sistemas de éticas no mundo: para Cristo, a justiça é o amor, a bondade e o perdão; para Platão e Sócrates, é a sabedoria; para Trasímaco, Machiavel e Nietzsche, ser justo é ser forte. Como é então a escala de valores, tomado por base qualquer destas filosofias? Suposto que o homem é relativo, nenhuma coisa que cria ou compreende pode ser absoluta. Por isso como escreveram Wells e Huxley, “em nenhuma outra coisa se baseia a dignidade humana, senão nela própria; e as atividades do homem precisam valer por si mesmas e pelos seus fins, se tiverem que ter qualquer valor”⁴⁵². Por isso “a sua insignificância no tempo é tão opressiva como no espaço”⁴⁵³. Logo, os valores são relativos, contingentes, temporais, espaciais. Não se relacionam eles com agrado ou desagrado, senão com a *desejabilidade*. É o desejo, e não o agrado, que nos força a procura dum valor, donde vem que o desejo pode corresponder ao agrado, tanto como ao desagrado. Desejamos o remédio que cura, embora nos cause desprazer, e nos desagrade o seu amargor; e repelimos, repudiamos, o veneno que nos mina e destrói, ainda que nos proporcione sumo deleite. Pensando assim, dizia Santo Agostinho, o que escreve Vieira: “No céu há tudo o que quiserdes, e só não há o que não quiserdes. Logo, parece que o céu e feito pela medida da nossa vontade? Não. A nossa vontade é feita pela medida do céu. E por que? Porque o objeto da nossa vontade, enquanto quer, é o bem, e o objeto da mesma vontade, enquanto não quer, é o mal; e como tudo o que há no céu é o bem, e o que não há no céu é só o mal, por isso há no céu tudo o que quisermos, e só não há o que não quisermos”

⁴⁵⁴

E fixando o olhar em Licas, a ver se ele queria falar, mas vendo-o quieto, prosseguiu:

– E você, Licas, concordou em que os valores úteis também são absolutos, porque, de

452 Wells e Huxley, *Ciência da Vida*, 5, 29

453 Wells e Huxley, *Ciência da Vida*, 5, 29

454 Vieira, *Sermões Ed. das Américas*, 13, 35

outro modo, teria de abrir uma classe nova para eles. No entanto é elementar que Davi, tendo o gigante Golias pela frente, a honra por trás e a própria vida em meio, não hesitaria jamais, nunca, em pegar os cinco seixos rolados do riacho com que armaria a sua funda, do que todos os diamantes e brilhantes do mundo. Para o que morre de sede num deserto, mais lhe vale um litro d'água potável, que os mais apreciados e caros perfumes de Paris. Logo, os valores dependem das circunstâncias, e o que é circunstancial é relativo. Sempre foi apreciado o ouro, e por que? Não por outro motivo, senão pelo de ser bonito. Acaso é mais útil o ouro do que o ferro? O ouro é o motivo, mas o ferro é o instrumento das guerras; o ouro foi o motivo que levou os alquimistas às primeiras descobertas da química, em sua ânsia de descobrir a pedra filosofal; o ouro foi o motivo de se construírem pirâmides para o guardar junto às múmias dos faraós, porque ninguém iria violar túmulos para nada, e estas pirâmides foram a miséria, e ruína, e destruição do Egito! O ouro foi o motivo das navegações, com que se expandiu o mundo conhecido, e foi o das bandeiras, para fazer crescer o Brasil para além das Tordesilhas ! As riquezas são a meta dourada que põe em movimento a massa total dos homens que de noite e de dia não cessam de trabalhar, de roubar e de explorar os mais fracos, e só um aqui, outro acolá curam de conseguir a sabedoria e as virtudes. Se o ouro vale tanto, Licas, há de ele ser posto por padrão supremo da deseabilidade. Acaso, então, gostaria você de sofrer a punição imposta pelo deus Baco ao rei Midas? Avivo-lhe a memória: o rei Midas sofreu a punição de ver transformado em ouro tudo o que tocasse... E é crível que todos os homens estejam errados em seus motivos, e só um Sócrates, um Platão, um Cristo, certos? É admissível que um simples pedaço de metal, no meio de tantos outros, produza tamanho reboliço no mundo, escrevendo a história, até nossos dias? Pois por tudo isso eu o desculpo de haver asseverado que os valores são absolutos, pois assim também pensaria a saúva que leva à cabeça um retalho de folha!... Que me diz a tudo isto?

Licas ficou, pensativo, sem nada retrucar. Vendo-o silente, prosseguiu o pensador:

– Visto que você não me faz oposição, redigo que os valores são relativos, contingentes, porque decorrem das filosofias numa conexão de antecedentes e conseqüentes como ocorre com os objetos ideais. Cada filósofo cuida que descobriu a verdade, e é a que expõe na sua doutrina. Em relação a esse “absoluto” que ele cuida ser, os valores todos decorrem. Todos nós estamos absolutamente certos numa coisa: **há verdade**. Esta é uma intuição axiomática, peremptória para todo o homem sem exceção. Por isso todos buscam descobri-la, e os que não a buscam, aceitam, de fé, religiosamente, o que disseram suas autoridades no assunto. Como cada filósofo padece desta ilusão de ter encontrado a verdade, eu não faço exceção à regra. Também acho que encontrei a verdade, e é a que exponho aqui, a vocês. E pode ser que a tenha encontrado mesmo; porém, o fracasso de tantos outros nesta tarefa, me põe receoso de fazer esta afirmação, e por isso, modestamente, dou tudo como pura hipótese, que fica na dependência de comprovações futuras. Sei que isto não serve para criar prosélitos, visto que estes gostam de seguir, de fé, ao que têm por absolutamente certo. Para fazer escola, precisaria eu afirmar tudo isto, como sendo a verdade que descobri, de uma vez para sempre. Aí os crendeiros iriam repetir-me, far-me-iam um trono dando-me a antonomásia de **o infalível**, como ocorre com o papa. Nada disto, porém, me interessa; o que quero é a verdade... para mim; e para vocês, dou tudo como hipótese; havenham-se vocês com elas. Depois que digo tudo isto, torno a afirmar: **a verdade há**. Em relação a esta verdade que há, os valores são absolutos, e vale tudo o que disse, há pouco, nosso prezado Alcino Licas. Deste modo, no **topos uranos**, aquela doutrina é válida. Mas suponhamos que o **topos uranos** não passa de um belo sonho, que Deus é da espécie de Moloch amonita, que a dor e o mal são positivos (Schopenhauer), e que ser bom é ser forte (Nietzsche), e que há o eterno retorno das coisas, da perfeição ao caos e deste àquela, como entendia Nietzsche? Basta seja aceito isto como **a verdade**, e todos os valores se invertem. Por isso, os valores são decorrentes das filosofias, sobretudo os religiosos, os éticos e os estéticos. Os valores lógicos e úteis também decorrem, mas continuam sofrendo a contingência de outros fatores. Um exemplo para ilustrar o que digo: o carbono é o corpo fundamental da matéria viva, donde vem, que não há vida sem carbono; seguem-no, de perto, o oxigênio e o hidrogênio, já como água, já como outros compostos. E sucede, suponhamos, que começou a faltar o gás carbônico na atmosfera, donde veio começarem a morrer as plantas, que, de fato, sentem já grande carência desse gás valioso... para elas. Não havendo o gás carbônico, nem vegetais que o decompusesse, viria a falta

de oxigênio para os animais. Pois sucederia que o oxigênio teria de ser extraído da água, vendido em ampolas, e todos os homens trariam às costas suas garrafas do ar vital. Dormindo ou acordado, no trabalho, nos veículos (elétricos e atômicos), nos folguedos e nas festas, todos estariam munidos de suas garrafas. Os animais todos teriam desaparecido, inclusive os peixes, tornando-se o homem artificiariano, tecnívoro ou tecnífago, que tudo vem a ser que se nutre de produtos artificiais. Imaginem vocês, por si mesmos, que não me quero perder nisto, quais as modificações na economia, nas finanças, nas políticas, nos vestuários, na arte, na ética e na religião! Logo, os valores são contingentes, e quanto mais contingentes, como os valores úteis, mais variáveis. Cada mundo tem os seus valores, valendo isto para os deuses no *topos uranos*, para os homens na Terra, e para as formigas debaixo da terra. Nesta degradação dos valores do absoluto para o nulo, o homem, no meio da escala, os considera relativos, como é ele próprio.

Fazendo uma pausa, o mestre, aproveitou-a Chilon para perguntar:

– Quer dizer que os valores são subjetivos, não estão nas coisas, e sim que o homem lhes põe a elas?

– Sim e não, respondeu Árago.

– Como sim e não? acaso os valores não são vivências internas da alma, tal como os sentimentos?

– São e não são, respondeu Árago.

– Como diferenciar, então, reperguntou Chilon, os sentimentos dos valores?

– A diferença entre uns e outros é a mesma entre *sentimento* e *sensibilidade*, respondeu o mestre. Os sentimentos estão para as vivências internas, assim como a sensibilidade está para os valores atribuídos às coisas, ou que nos vem delas. A sensibilidade consiste em sentir ou experimentar impressões físicas. Troquem-se, nesta frase, *impressões físicas*, por *impressões morais*, e ter-se-á definido o que seja o sentimento. Por isto, o sentimento é só subjetivo, no passo que a sensibilidade possui, também objetividade. Se digo que uma obra de arte é bela, posso mostrá-lo, apontando, expondo, discutindo o que o outro pode, por sua vez, intuir; todavia, quando, no Getzemani, Cristo disse que sua alma estava numa tristeza mortal, só o pôde *declarar*, porém, não, *mostrar*. Posso me extasiar ouvindo uma sinfonia de Beethoven ou Mozart, ou vendo uma tela de Ticiano, e defino: isto é sensibilidade. Posso, depois, chorar de emoção, ao ver o generoso e heróico ato de um soldado bombeiro que se mete nas chamas, em vestes de amianto, para salvar das chamas uma criança, num aposento cercado pelo fogo. Até uma galinha que acoberta os seus pintos com as asas, ou investe, furiosa, contra mim que lhe passo perto, causa-me emoção do sentimento. Aconteceu-me, numa caçada, de sair contra mim um inhambuzinho choco, e todo arrepiado, parecendo uma bolinha, arremetia-se contra mim, arrastando as asas sobre as folhas secas. Enquanto que esta cena me enternecia o coração, um colega de caçada projetava dar-lhe um chute, e só o declarar-me isso, fez-me repreendê-lo, com pena de ele ficar magoado comigo. Vejam vocês: eu me enternecia com a cena, enquanto meu companheiro se propunha a praticar uma crueldade. Dois sentimentos opostos: o meu, de compaixão, e o dele, de malvadeza. Ora, a cena era a mesma para estes dois sentimentos polares. Se, contudo estivéssemos a observar um quadro de Leonardo da Vinci, seria quase impossível que de novo divergíssemos quanto à sensibilidade. Por este motivo declarei que o sentimento é só subjetivo, enquanto que a sensibilidade não o é, totalmente. Também propõe Cristo a parábola do samaritano que acudiu e amparou o pobre homem que fôra espancado por ladrões, a ponto de ficar semimorto. E conta que antes do samaritano, primeiro um sacerdote, depois, um levita, passou de largo. Aí está, de novo, três sentimentos: o de crueldade, dos ladrões, o de indiferença do sacerdote e do levita, e finalmente, o de compaixão, do samaritano. Fossem que estes homens diferentes quanto ao sentimento, estivessem a contemplar uma tela em que o pintor exaltava a bravura de um javali enfrentando um tigre, já todos, para esta cena, teriam a mesma disposição de ânimo, a mesma intuição ou sensibilidade. Assim, os valores possuem algo de objetivo. Além da mensagem intelectual que o artista nos transmite através da sua linguagem própria, junto a esta mensagem, a tela nos envia à sensibilidade outra mensagem, que é a de valor, entrevista na ordem do conjunto, na harmonia das partes, na proporção dos elementos, na coerência do todo, no equilíbrio de tons, na espontaneidade do desenho, na impressão que nos causa, e tudo isto pode ser discutido e mostrado com o dedo, pelo que não há só o nosso subjetivo a ser

considerado, senão, também, esse algo objetivo que, não somente a tela, mas todas as coisas nos enviam. Esse algo que nos vem das coisas, pelo que elas se nos tornam desejáveis ou desprezíveis, é o valor que nos pode vir na forma de agrado, ou na de desagrado. E harmonia, proporção, coerência, etc., podem ser consideradas como coisas, Bruco?

– De modo nenhum. Tais qualidades dos objetos não constituem partes integrantes deles sem as quais eles seriam menos ser. E não podem ser confundidas com os objetos ideais, porque estes podem ser separados, idealmente, dos objetos reais em que têm sede. Já não se pode, em relação às qualidades-valores, fazer esta dicotomia, visto que elas não têm sentido fora dos objetos a que se referem. Portanto, a harmonia, a ordem, a coerência, o equilíbrio, a proporção, a expressão, etc., são qualidades que hão de estar a cavaleiro dos objetos, sejam reais, sejam ideais. A ordem e a harmonia de idéias num todo lógico, são qualidades axiológicas de categorias ideais. E assim, as qualidades de valor não podem ser consideradas nem como objetos reais, porque não são coisas, nem como idealidade, visto que não podem ser isoladas, como ocorre com os objetos ideais, para um exame abstrato, em separado.

– Está certo, Bruco, tornou Árago. Os objetos reais têm causa, estão no tempo, e implicam espaço; os objetos ideais estão isentos destas três contingências. E a harmonia, a beleza, por exemplo têm causa?

– Sim, têm, respondeu Bruco. Elas resultam da disposição das partes num todo; portanto elas surgem e desaparecem com ele. No cosmo há harmonia e beleza, e no caos não as há; logo, elas surgem e desaparecem com o cosmo.

– Porém, esse cosmo de que você fala, não possui sua contra-parte ideal, a sua essência?

– É certo que possui; e percebendo já onde o senhor quer chegar, vou facilitar-lhe a tarefa. As qualidades de ordem, de harmonia, de beleza, etc., existentes nos objetos reais, por isso mesmo também estão nas essências destes objetos. E como as essências são objetos ideais, independentes de causa, de tempo e de espaço, as qualidades, que também estão nessas essências, tal como essas, são incausais, intemporais e inespaciais.

– Isso mesmo, Bruco! Aí é onde eu ia chegar, e você, poupou-me o esforço, atalhando-me o caminho. Por conseguinte, os valores não são, mas valem, estando a cavaleiro dos seres que podem ser considerados sob o aspecto de objetos reais, e de objetos ideais; segue-se, disto, que os valores correspondentes a estes objetos, participam das propriedades deles, podendo ou não, ser contingentes. Deste modo, temos de falar em *valores dos ideais* e *valores dos reais*, visto que acompanham os objetos ideais e os objetos reais. Os primeiros não estão sujeitos ao espaço, ao tempo, e à causalidade, no passo que os segundos, sim, estão. No *topos uranos*, que é o mundo das *idéias-arquetípos*, como tudo é perfeito, os valores, mesmo os dos objetos reais, são intemporais e universais, no sentido em que valem para todas as épocas, e em qualquer lugar daquele plano de vida. E certo, como é, que o homem se está encaminhando para lá, por evolução, como seria a arte do futuro, Chilon?

Colhido de surpresa, Chilon remexeu-se na cadeira, tossiu para limpar do pigarro a garganta, e depois disse:

– Suposto que o homem do futuro será o homem cósmico, de vistas largas, de vasta inteligência, de sensibilidade imensa, de alta moralidade, irá, na certa, tratar de temas globais, que abarquem, na sua esfera, tudo o que há e o que existe. Modernista não há de ser o homem do futuro, porque esta escola de arte, além de regionalista, não criou nada de substancial, pelo que o seu protesto é oco, vazio. Na obra “Literatura no Brasil”, Vol. III, T.1, pág. 80, escrita por vários escritores sob a direção de Afrânio Coutinho, pergunta-se, em referência à “Semana da Arte Moderna”: “Quais os caracteres, objetivos e resultados da Semana?” E vem a resposta: “A idéia central da Semana é a de destruir, fazer escândalo. O sentido principal é crítico. “Não sabemos definir o que queremos, mas sabemos definir o que não queremos”, foi a frase de Aníbal Machado, que podia ter sido a plataforma”. Ora, quem não sabe o que quer, como pode chegar a algum fim, exceto o da destruição? que há de construir? Romântico, também não pode ser o homem do futuro, por causa da natureza do romantismo em perder-se em pormenores, e em choradeiras literárias. Clássicos, então? Mas o clássico é individualista, esmiuçador, além de apresentar o todo fragmentado em planos e partes independentes. Barroco! agora é que atinei! há

de ser barroco, visto que esta forma satisfaz os requisitos da unidade na variedade, da convergência para um ponto central, uma vez que não pode ser outra a visão do homem cósmico.

– É isso mesmo Chilon. Bem se vê que você assimilou bem o que expus, estando nós, à noite, ao pé do fogo, naquela caçada da Serra do Taquari. Num destes nossos serões, fizemos um triângulo entre Platão, Aristóteles e Kant; hoje poderíamos fazer um paralelo entre Aristóteles e Platão, vendo-os por um outro prisma que é o estético. Antes, todavia, de tocar por diante, gostaria me dissessem o que é arte?

Depois de uma longa pausa, em que todos se puseram intensamente a lucubrar, adiantou Chilon:

– Para mim, arte é meio de expressão; é a necessidade da intercomunicação que a cria e a conserva. Por isso, a arte está no expressar, seja o pensamento, seja o sentimento; e tanto que o consiga, está feita a arte que será tanto maior, quanto mais puder preencher a esta finalidade. Por este motivo, tenho que a arte deve ser simples, precisa, exata, devendo ir direto ao seu objetivo sem rodeios.

– Neste caso, tornou Árago, quando olho a natureza nesta linda Cananéia, o céu, o mar, as aves brincando no espaço, os pescadores movendo-se com seus barcos no grande cenário natural, e me emociono, me comovo, até aí não houve arte nenhuma, pois não há ninguém me comunicando nada?

A isto Chilon franziu a testa, reflexivamente, e respondeu, meio encabulado:

– Bom... a natureza é expressiva... e comunica ao observador a sua beleza!

– Mas há pouco você declarou que a arte é comunicação de pensamento e de sentimento; agora, com afirmar que a natureza me comunica sua beleza, tiro estas conseqüências: primeiro, que a natureza é artista, visto que me comunica algo; segundo, que esse algo, comunicado é a mesma beleza. Então a natureza é uma artista que nos comunica belezas, em vez de, como você disse, comunicar pensamentos e sentimentos?

– Você, Chilon, atalhou Bruco, entrou por um caminho errado. Na natureza não há preocupação estética; ela cria suas belezas indiferentemente, sem o objetivo de comunicar nada; uma alvorada ou pôr de sol, no mar, é sempre uma sinfonia de cores, quando há nuvens, e por isso existiu desde a aurora do mundo, quando não havia quem a observasse. Se mo permite Árago e os companheiros, posso reforçar esta minha tese, lendo em Fritz Kahn, um trecho.

Vendo, pelas expressões fisionômicas, a anuência de todos, Benedito Bruco tirou da estante “O Livro da Natureza” de Fritz Kahn, e, depois de folhá-lo um pouco, acrescentou:

– Está aqui. “A natureza não quer nenhuma beleza, entretanto a cria. Por isso a questão sobre a finalidade da estética não tem sentido. Os corais são bonitos. Eles crescem debaixo da água e ninguém os vê. A estrela-do-mar que também é bonita e que se arrasta por cima deles não pode admirá-los. Nem o peixe. Eles existem cem milhões de anos antes dos peixes e mil milhões de anos antes do aparecimento do homem que os levou para casa encantado. Durante o crescimento ficam belos, porque crescimento é acréscimo de átomos e os átomos se agrupam nos tecidos em formação, de acordo com determinadas leis. A beleza surge na natureza independente de sentido e exibição como ordem objetivada das coisas no espaço e no tempo, segundo o princípio de menor resistência. A inquietação reina até o ponto em que se cria a ordem, e o caos reina até que se cria o cosmo⁴⁵⁵.

– Ora, continuou Bruco, se a “questão sobre a finalidade da estética não tem sentido” como nos vem Chilon dizer que a natureza é artista, e que nos comunica sua beleza? E já, agora, é beleza que ela nos comunica, e não pensamentos e emoções, como dissera de começo ?

– Em primeiro lugar, sentenciou Árago, a estética tem aquela finalidade de produzir aquele estado de encantamento que há pouco eu estava sentindo ao ouvir Mozart e Haendel, e que continuo sentindo ao observar o entusiasmo curioso, indagador, de vocês todos. Nós, também, aqui, compomos um quadro de arte, se bem que não fosse esse nosso objetivo ao reunirmos. Esse estado de embevecimento, de descanso espiritual, que a arte nos proporciona, não está nas coisas, no mundo, mas, no espírito que o observa e o sente. E este sentimento do belo, de sublimidade, que se dá o nome estese ou estesia, está em nós, e não nas coisas observadas. Quem não tiver esta receptividade, esta sensibilidade, nada sentirá, e por isso é que Fritz Kahn declarou

455 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 292

que a estrela-do-mar não pode sentir a beleza dos corais, nem os peixes a destes e daquela. De maneira que não é a natureza que nos comunica, como disse Chilon, sua beleza, senão que nós a entendemos, a sentimos, a refletimos em nosso espírito, a comungamos, através de nossa sensibilidade. É certo que a estrela-do-mar e o peixe não podem admirar os corais; porém, o homem os leva “para casa encantado”. A estética da natureza não tem, por certo, esta finalidade de produzir encantamento no homem; contudo, como o homem pode extasiar-se com a visão das belezas naturais, cumpre à arte, como finalismo, fixar estas maravilhas para repetir e prolongar os êxtases. E nisto se cifra a arte.

Feita uma pausa, prosseguiu o filósofo:

– Quer dizer que o artista recebe em si a natureza, e a expressa na sua arte cuja fórmula, portanto, pode ser: natureza + artista; ou, de outro modo: natureza + alma + expressão. A arte mostra a natureza como o artista a enxergou e a sentiu.

– Neste caso, todo mundo é artista, adiantou Bruco, visto que todos podem sentir e expressar o que sentem; acho muito vaga sua fórmula...

– Ainda não terminei meu pensamento que se está movendo no espaço conceptual; e como o desenvolvimento volumétrico da razão assemelha-se a um expandir-se para todos os lados, repetirei o tema, variando-o sempre, como se fôra este nosso estudo a variação de um tema musical. Repetir é tornar ao ponto de partida, mas sempre numa relação diferente, visto que os raios da esfera expandem-se do centro para todos os lados, ou convergem destes para o seu centro. Procedamos por partes, vindo do geral e da universalidade, para o particular, como manda o método dedutivo. Aquela fórmula é vaga, portanto, por ser geral. Você, prezado Bruco, disse que neste caso todo mundo é artista, e eu dou que o seja, de fato, porém, em estado potencial; se assim não fôra, não se poderia transmitir nada a ninguém; a receptividade é já meio caminho andado no rumo da arte; quem não sente nada é como um bacurau. Mas não está certo que se possa fazer as coisas de qualquer jeito, de modo que todo mundo seja artista, tendo por técnica a regra do Miguelão de como sair saiu. A própria natureza não age assim, e antes, segue certas leis no agrupar os átomos, como ouvimos da leitura de Fritz Kahn. Esta harmonia e ordem é que produz a beleza dos corais, da estrela-do-mar, dos pólipos, das flores, etc. Ora, se a própria natureza não age ao azar, às cegas, como pode fazer arte quem agir ao acaso? Se a natureza opera segundo certas leis, cumpre ao homem fazer arte de acordo com certas regras de estesia; estas regras são a técnica. Conquanto a técnica pura não seja arte, esta não pode realizar-se sem aquela. Por isso, em nossa fórmula ter-se-á que acrescentar mais este fator, donde vem que a arte é igual a assunto + sensibilidade + técnica. Está certo agora, Bruco?

– Agora está. Só que ainda tenho uma dúvida.

– Qual?

– Constituiria a arte, então, na cópia fiel da natureza? ou seria a natureza melhorada?

– Para entendermos esse ponto, continuou o filósofo, estudemos o assunto numa arte bem objetiva como é a fotografia ou pintura, e depois, ser-nos-á fácil entendê-la nas mais abstratas como a literatura ou a música. Um fotógrafo, munido da sua câmara, sai-se a colher cenas de belezas naturais. Um cão estava bebendo água num lago tranquilo, e o movimento de sua língua produzia ondulações concêntricas na água. Colhida a cena, verificou o fotógrafo que o céu estava azul, ficando branco e inexpressivo na fotografia. O artista sai-se, de novo, noutra oportunidade a procurar um céu rico de nuvens belas, e o fotografa. De passagem, pelo jardim, fixa, na gelatina, um galho de flores pendido sobre o passeio. De posse destes três assuntos, executa uma fotomontagem de sorte que os três negativos, convenientemente preparados, vão para o ampliador a serem projetados no papel sensível. E o resultado é uma bela fotografia do cão bebendo água, com um céu cheio de nuvens formosas, emoldurado por um primeiro plano que é o galho de flores. Aquele conjunto é inatural, embora seja formado de partes naturais. A natureza não mostrou ao fotógrafo aquele quadro; mas, poderia ter mostrado; não se trata de um absurdo estético, porém, dum acontecimento que poderia ter-se dado do modo como no-lo mostra a fotografia. Quer dizer que a arte superou a natureza, sendo uma supernaturalidade ou supra-realismo, neste sentido, que não no de escola. Então a arte não deve ser naturalista, porém, supra-naturalista. Quem é que me diz, por exemplo, que a cena do Calvário é como no-la pintam os artistas? Onde é que está o natural e prosaico no arte de todos os tempos? Por que se enfeitam as

mulheres, e aparam os cabelos e raspam as barbas os homens? Por que se vestir elegante além de funcionalmente? Por que há uma estesia norteando tudo? Acaso deve o homem tornar à bruteza natural, como o desejaria Rousseau, ao invés de fugir dela, artificializando-se, como fazemos todos? O homem, que disciplinou a natureza bruta e a forçou a trabalhar para os seus objetivos artificiais, é, já, em si mesmo, supernatural. Sua arte, por conseguinte, não pode ser natural, visto que nem ele o é. Espere Chilon; ainda não terminei meu pensamento, e você dá mostras de me querer argüir sobre o que, de certo, ainda vou tratar. Falo duma arte que não é, por certo, uma criação arbitrária, convencional, porém que corresponde à realidade interna da natureza, e às forças imanentes no próprio homem; estas forças imanentes no homem, esta realidade interior é que devem gerar e dirigir a arte. Tudo é a natureza; todavia, esta possui um aspecto bruto e inferior, e outro divino e superior: falo do divino que é o ideal. Deste modo, o homem é supranatural, se o considerarmos em relação à natureza bruta; todavia, é natural, se por natural entendermos natural aquele aspecto profundo da natureza. Uma criação artística arbitrária não estaria de acordo com este aspecto profundo que é a verdadeira Realidade. É neste sentido, e não noutra, que o homem e sua arte são supra-naturais.

E olhando para Chilon, e vendo-o satisfeito, prosseguiu:

– Uma escultura grega possui formas, linhas e proporções impecáveis. Não há ninguém com aquela perfeição, porém, poderia haver, e as há, de fato, nos planos superiores da vida, antes mesmo de chegar ao *topos uranos*; as perfeições parciais, em nosso mundo, acham-se espalhadas pela natureza, e aqui há uma, ali, outra, e naquela forma grega todas se acham reunidas. Não se trata, portanto, de um absurdo estético, e sim duma estilização. Acontece que, sendo o homem um produto da natureza no seu mais alto grau, ele pode superá-la nos pontos em que ela lhe fica abaixo. É preciso convir, todavia, que se a natureza criou o homem, o gênio, por exemplo, é porque ela lhe é superior, visto como só o mais pode produzir o menos, e não vice-versa; logo, em criá-lo, não se superou a si mesma, porém apenas revelou um pouco mais da sua inexaurível possibilidade. Neste sentido, as criações artificiais (não as arbitrárias, que são aberrações), também são naturais, visto como, sendo o homem um produto da natureza, aquilo que ele fizer, fê-lo ela. Então as superações da natureza são efetuadas pela mesma natureza imanente no homem; trata-se, como estão vendo, de que o aspecto mais alto pode superar o mais baixo, sem se sair da natureza. Neste sentido, não há o super-realismo que anotei há pouco, quando ainda o pensamento se equacionava, e sim, somente, o realismo ou naturalismo. É assim, de certo, que raciocinava Platão, cifrando-se nisto o seu Idealismo Realista. Realismo, portanto, para nós, nestes estudos, é o de Platão, e não o da escola que descreve o natural de aspecto inferior.

Fez o mestre uma pausa meditativa, depois do que continuou:

– O ideal é aquilo que poderia ser, e o será alhures, porém, o não é ainda aqui na Terra. O ideal é o perfeito, segundo o conceito de perfeição já visto nestes estudos. Observando a linha de perfeição que a natureza material nos mostra, podemos avançar para além do limite em que ela pára, e extrapolando este ponto, sairmos do baixo e inferior, alcançando o ideal e superior, concebendo o belo para além do real-material, no reino do real-espiritual. Platão por este modo, todos o tinham por sonhador de utopias; contudo, não sei que haja outro modo de falar. Na música, por exemplo, não se pode muito copiar a natureza bruta; os sons naturais são pobríssimos, hajam vistas algumas poucas frases musicais dos pássaros. Somente o homem pôde descobrir as leis de harmonia sonora, os efeitos emotivos dos estacatos, das interrupções, das notas sincopadas, das dissonâncias bem ordenadas, das variações imprevisíveis de uma única frase musical num todo sinfônico. Como a música, também a linguagem não acha paralelo na natureza inferior. Por isso a língua e a música são, em si mesmas, supra-naturais ou, se quiserem, ideal-realista do tipo platônico. Aqui tem começo a natureza superior; e esta natureza que criou um Mozart, um Cícero, um Ticiano, um Goethe, há de ter seus pontos acrológicos de nós ignorados, onde tudo são perfeições, tudo belezas, tudo ordem, tudo harmonia. Esse é o mundo Real de Platão, sendo este nosso cópia caricata e efêmera daquele. Como vêem, podemos chegar à ética partindo da estética, e isto, porque em Deus, todos os caminhos se encontram.

E refletindo, longamente, prosseguiu o filósofo:

– Suponhamos que Platão e Aristóteles estão lá no topo do morro de São João, observando a natureza, o sol, o mar, o céu... Cada um destes gênios vê coisas diferentes na

mesma coisa. Platão enxerga a Realidade na essência das coisas, em suas profundezas, que são aqueles protótipos formais, ou idéias-arquétipos eternas, feitas de pensamentos-formas. Sua visão é convergente para o Ser essencial do qual tudo promanou, e em torno do qual tudo gravita; seu Universo construído por partes que se concertam, que se afinam, de linhas que se concentram para esse ponto. Para ele há a unidade na variedade, a constante na variação, a lei na profusão infinita dos fenômenos. Para ele, como para Vieira, “o mesmo mundo está fundado em uma concórdia discorde, e não há coisa nele que não tenha o seu contrário”⁴⁵⁶. Ou então, como escreve Huberto Rohden: “*Universo*, composto de *unus* (um) e *versus* (radical de diverso, vários) indica maravilhosamente a unidade e a diversidade do mundo. A palavra grega *Kosmos* (ordem) e o termo chinês *Tao* (caminho) têm fundamentalmente o mesmo sentido, simbolizando a unidade central latente na pluralidade periférica do mundo”⁴⁵⁷. É assim que Platão, em vendo as coisas, enxerga-lhes a essência fundamental nas profundezas; enxerga a unidade, no momento mesmo que tem os olhos postos na pluralidade.

E respirando numa pausa, continuou:

– Já Aristóteles vê o mundo em planos paralelos, superpostos e estanques. A matéria, para ele, é eterna, como todas as coisas, cada uma no seu nível. Deus não criou, mas move o mundo, diz ele. Os animais foram criados em espécies separadas e incomunicáveis, geneticamente, como já o vimos numa destas nossas tertúlias.

E de olhar perdido no vazio, prosseguiu o mestre, no tom de quem se sente oprimido pelo passado.

– Lá está o gênio de Stagira sobre o monte, recostado ao tronco duma árvore, meditando... foi na Grécia... e já vai para mais de dois mil anos... que esta lince do pensamento enxergou claro o que muitos doutores não vêem ainda hoje. Observou o stagirita que as aves são aparentadas com os répteis, e os macacos, com o homem. E quando se esperava que ele fosse falar de evolução, priscando para um lado, saiu-se com o seu sistema biológico, segundo o qual as espécies se escalonam por planos paralelos e superpostos. As espécies são, para ele, criações separadas, isoladas, sem passagem evolutiva entre elas. Por que o concebeu, assim Aristóteles? Aqui está o busílis! Porque enxergou que, se admitisse a evolução, necessariamente teria de aceitar que o homem procedeu de um tronco ancestral comum aos homens e aos macacos. Este é o pré-chimpanzé, como o chamam hoje os biólogos, que veio, por evolução, de outros mamíferos inferiores os quais se originaram dos répteis, dos anfíbios, dos peixes, dos invertebrados, dos seres coloniais, dos unicelulares, da monera de Haeckel que se supõe ser a matéria organizada primordial, gelatinosa, oriunda da matéria bruta que se agitara no caos das nebulosas... Logo, “a matéria viva é apenas um arranjo especial da matéria ordinária e a evolução da vida não é mais que um remoinho peculiar e local, em meio da evolução cósmica”⁴⁵⁸. “E a série é esta: matéria em forma de núcleos atômicos nús e eletrônios livres e vagabundos (é o estado em que ela se encontra mais comumente); – matéria em forma de átomos; – matéria em forma de misturas simples; – matéria em forma de misturas especiais, que precisam de água para se formarem (é o estado mais raro); – finalmente, matéria em forma de unidades bastante complexas e dotadas de auto-reprodução, a que chamamos matéria viva”⁴⁵⁹. Mais: “A matéria viva é matéria – mas uma espécie de matéria espantosamente complicada, muitas vezes mais complexa na sua construção do que qualquer outra substância até hoje conhecida no universo”⁴⁶⁰. A vida, então, procedeu da matéria, e o espírito, da vida, donde vem que o espírito é um produto da matéria... Esta conclusão é definitiva, iniludível, necessária, a qualquer ser pensante... Por conseguinte, o primeiro ato de Deus foi criar o Caos donde tudo promanou. É por esta causa que, em nosso mundo, a treva, o dano, a dor, o mal e a morte imperam; é que o mundo é filho do Caos, do não-ser, da negação extrema do Ser. Eis por que está o Universo fundado sobre a dor, sobre a força, sobre a mentira, sobre a astúcia e a violência, sobre a vitória, enfim, incondicional do mais forte... Nietzsche é quem, então, estava certo, e não, Cristo... Para não vir dar consigo,

456 Vieira, Sermões, Editora das Américas, 19, 312

457 Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 16

458 Wells e Huxley, Ciência da Vida, 5, 17.

459 Wells e Huxley, Ciência da Vida, 5, 34

460 Wells e Huxley, Ciência da Vida, 5, 38

nestes infernos mais que infernais, resolveu-se a formular o stagirita, uma concepção em que o Universo estivesse construído em planos paralelos, separados e eternos. Cada coisa, segundo este modo de ver, foi objeto de um ato especial do Criador, não havendo derivação nem passagem entre as partes, nem entre as espécies. Estas mesmas razões, como já o vimos há tempos, forçaram Lineu e Cuvier a pisarem nos rastros de Aristóteles. A idéia de evolução, por este mesmo motivo, foi tida por Kant, como “uma perigosa aventura da razão”, e Goethe, ao escrever sua “Metamorfose”, declarou que ia efetuar a “perigosa aventura”.

Fez uma pausa o pensador, depois do que, prosseguiu:

– Aceitar, por conseguinte, a evolução implica em aceitar um Deus negativo que cria o Caos, o mal, a dor, ao invés de a ordem, o bem e a felicidade. E um Deus negativo é um não-Deus, um Anti-Deus, um Satanás. É por esta razão que os religiosos de todos os tempos, para não perderem a fé, aristotelicamente, negam a evolução que, no entanto, se demonstra irrefragavelmente, por seis ordens de provas que são: as paleontológicas, as anatômicas, as embriológicas, as dos órgãos residuais, as sorológicas e as geográficas. Contudo os religiosos negam-se a aceitar estes fatos, e com muita razão, para não perderem a fé, porquanto é absurdo aceitar a evolução e ter fé. Por isso, quando um cientista, um médico, por exemplo, se diz materialista, está coerente consigo mesmo, visto como, sendo aristotélico e aceitando a evolução, foi dar consigo exatamente naquele ponto que Aristóteles refugou... Como a teologia de Aristóteles saiu da sua biologia, acima da prateleira de todos os planos fica seu Deus, calmo, apartado da sua criação com a qual não se mistura nem se contamina; esse Deus aristotélico permanece em sua torre de cristal, distante, indiferente, impassível, servindo de modelo para o rei inglês que reina mas não governa (Will Durant). Conquanto possa estar assim apartado, Deus também se acha na essência das coisas; e quando, outra vez, se pensa que o arguto stagirita vai dizer que essa essência é a Realidade feita de Idéias-Formas, como o quer Platão, priscando de novo, absurdamente afirma que a realidade são as coisas em si, e não as idéias-arquétipos. Estas idéias, segundo ele, viriam depois das coisas feitas, sendo o reflexo delas em nossa consciência; do mesmo modo como a imagem dum objeto refletido num espelho, não é o objeto real, senão o aparente, assim as imagens mentais, os pensamentos-formas, não são realidades, e sim aparências. Não é à-toa que Huberto Rohden afirma que “Aristóteles é, na história da filosofia ocidental, o rei dos acróbatas”⁴⁶¹.

E prosseguiu o pensador, após refletir um tanto:

– Para Platão, o primeiro ato do Criador foi formar, com sua Mente, aqueles modelos-arquétipos eternos e perfeitos, aqueles como pensamentos-formas, pelos quais se modelaram, posteriormente, todas as coisas do nosso mundo, donde vem que estas não são absolutamente reais, e sim cópias imperfeitas e efêmeras daquela Realidade essencial. Deus criara modelos mentais perfeitos, os quais, em parte, ruíram no caos da imperfeição, das trevas, da dor e da morte, de onde agora tudo retorna para Deus, pela evolução. Segue-se daqui, como estamos vendo, que o Universo de Platão é convergente para Deus que é a origem. Então, tornando, de novo àquele quadro do morro de São João, onde deixamos Platão e Aristóteles contemplando a natureza, se lhe pedíssemos nos descrevessem o que viram, que sucederia?... Considerando o que assentamos, de começo, que o artista vê o mundo e o interpreta no seu espírito e o revela na sua arte, estes dois artistas do morro hão de declarar coisas diferentes, pois suas visões são polarmente opostas em relação à realidade. Conquanto ambos estejam no mesmo local, e vejam a mesma coisa, e na mesma hora, contudo, enxergam-na de dois pontos de vista encontrados ou opostos. O homem vê com os olhos internos da abstração, e por isso de nada nos valeu colocá-los no mesmo lugar e na mesma hora, cuidando que ambos, em vendo o mesmo espetáculo, fizessem u’ a mesma declaração. Cada artista, pois, revela a visão que tem do mundo, e esta visão é diferente para cada um deles, e por isso, cada um deles busca uma técnica pela qual possa expressar-se. Disto decorre que, conquanto seja sempre o mesmo o mundo, as artes são muitas. A cada visão renovada do mundo, do cosmo, um conceito novo de estesia surge. Quanto mais alta for a cosmovisão do artista, tanto mais profunda e complexa será sua arte. Esta é a causa de a arte de um gênio, como Goethe, não se poder comparar com a do medíocre; naquele está a profundidade e a qualidade, no passo que neste predomina, invariavelmente, a vulgaridade e a

461 Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, I, 115

quantidade. Enquanto Goethe, no seu “Fausto”, canta, com ironia, os mistérios profundos de uma caveira que se ri dele e dos seus esforços vãos, para atingir a essência das coisas, a luz que vivifica, o medíocre modernista se dá por feliz, por plenamente pago, ao cantar a beleza... “de uma réstia de cebolas” dependurada à porta do armazém do Guilhermino! Se tais podem ser os assuntos, muitos serão os versos e os poetastros...

E refazendo-se do esforço, prosseguiu:

– Desde que existiram esses dois grandes gênios gregos, galhos do tronco socrático, os homens, ou são platônicos, ou são aristotélicos, no dizer de Friedrich Schlegel; ou são místicos e intuitivos, ou são racionalistas e positivos; ou são dedutivos, condoreiros, habitantes das escarpas inacessíveis das montanhas altíssimas, ou são indutivos e habitantes das planuras e dos valados; ou são seres voadores, como as aves, ou são reptadores como as cobras. Ver por intuição, é ver platonicamente; ver racionalmente é ser aristotélico, científico, esmiuçador. O primeiro vê global e instantaneamente o todo, porém, não, as partes; o segundo enxerga as partes com as quais mantém um contato próprio dos animais reptantes que têm os olhos, e a boca, e o nariz, e o tato, tudo posto no solo sobre que rojam. Para a cobra que roja sobre a terra, assim como para os homens só de razão, o mundo possui só duas dimensões; a serpente não conhece a terceira dimensão do espaço, não tem vivência dele, e o puramente racional, desconhece a razão volumétrica, a hiper consciência. Todavia, isto não significa que os homens sejam assim tipos extremados, sem possibilidade de passagem de uma para outra espécie. O racional pode ser também intuitivo, e vice-versa; o que não pode ser é as duas coisas ao mesmo tempo pela mesma razão de não correr a ave, enquanto voa, nem voar, enquanto corre. Do rojar de répteis vem o correr dos quadrúpedes, e finalmente o deslocar-se, aos saltos, da corça, aqui acabando o ciclo das pernas, para começar o das asas. O réptil cria asas, por evolução, começando o voar curto e rasteiro daquelas aves pesadas e primitivas; depois cresce a envergadura das asas, o corpo se afila e emagrece, o externo se estende para frente, como quilha, e sobre ele cresce a musculatura do vôo. Esta modificação anatômica mostra a escala das aves quanto ao vôo, que vai do pesado e tardonho réptil primitivo, alado já, mas quase não voador, à águia subestratosférica. Tais as gradações conscienciais que levam do racionalista ao intuitivo, da ciência fragmentária e analítica à unidade sintética. O vôo intuitivo tanto mais é seguro, quanto mais for veloz; e como a velocidade, neste caso, guarda relação com o tamanho e potência das asas, quanto mais forem estas grandes e fortes, tanto mais se poderá subir no rumo das rarefações estratosféricas, voando, seguro, sobre os abismos vertiginosos. E quando ainda a sombra está nos vales, onde a maioria dorme na inconsciência, já se banham as águias na luz das madrugadas das idéias... Os gênios, assim como as águias, hão de ver primeiro o Sol; elas, o Sol dos dias; eles, o das idades. São quais auroras de luz, as madrugadas de idéias; que, banhando primeiro os montes, atingem primeiro as águias.

– E sabe você, Chilon, interrogou o mestre, como se chama este estilo em que, dissertando, faço minha arte ?

– Se não for barroco, não sei como chamá-lo !

– É isso mesmo; é o barroco conceptista, como o que empregava Vieira nos “Sermões”. Este é o estilo das grandezas, dos assuntos cosmonômicos e acrológicos. A língua ou a pena, aqui, têm de se movimentar céleres, porquanto os conceitos se amontoam, compactos, atropelando-se, na única porta que dá para o mundo, e isto, porque tudo é volumétrico na intuição. Não mais aquela clareza e rigidez da lógica conclusiva que noutros dias usei, porque tudo é globalizante aqui, e não sólido, mas fluídico. Esta linguagem compacta de conceitos esféricos, e de esferas em dilatação como ondas no espaço, é platônica ou barroca, e por isso é que, em Platão, sonho e realidade, lógica e poesia e musicalidade se baralham. Ele é o filósofo do futuro, e por este motivo a sua filosofia “é antes uma filosofia para a humanidade de amanhã do que para a humanidade de hoje”⁴⁶². É, pois, preciso pertencer-se ao futuro, como ele, ou ser da sua estirpe, para o entender. Falo do espírito do barroco, da teoria do barroquismo, que não da forma que este pudesse ter assumido nos seus altos e baixos. As formas estilísticas têm, como os seres vivos, um ciclo de vida que vai do berço ao túmulo. Também no classicismo há cristas e fundos em sua ondulação evolutiva; e também os há nas formas de transição que, a seu turno, se

alteiam ou se rebaixam; os próprios estilos e escolas mais não são do que manifestações de duas realidades essenciais, de duas escolas básicas (barroquismo e classicismo), das quais todas as outras são variantes, porque duas somente são as visões extremas do Universo. Entre esses extremos marcados por Aristóteles e Platão, os vários estilos se escalonam, visto que o homem, com sua visão, pode estar em qualquer ponto ao longo do eixo que liga aqueles dois pólos. Por esta razão, quando falo de barroquismo e de classicismo, refiro-me ao espírito, à filosofia destas duas escolas polares, nada tendo a ver com épocas. E qualquer destes dois estilos tomados isoladamente, também é bifrontal, visto como, em qualquer deles, há duas coisas a se considerar, que são conteúdo e forma. Toda unidade é bipolar, e a do estilo se constitui de um eixo cujos extremos são conteúdo e forma; ao longo deste eixo oscilam os modismos de um mesmo estilo. No nascimento, o estilo é simples, preciso, vigoroso, talhado a golpes rápidos, cheio de arestas, sem aplainamento nenhum, chegando às vezes a ser lacônico. Depois, com o correr dos tempos, vem o lavor, o artesanato progressivo, o rebuscamento, e a forma se torna pomposa, complexa. Finalmente a forma se enfuna de todo, e, enchendo-se de vento, invade tudo num açambarcamento e pompa formal, ficando o conceito, como esqueleto que é, perdido nas custosas vestes. Antes era só esqueleto; agora é só vestido, tuba de bronze nas letras, gongo fraseológico, que dá muito som, mas não diz nada. A grande mensagem da Cruz, por exemplo, é simples; pode ser lida nos quatro Evangelhos; depois o conceito começou a ser trabalhado pelos artistas através dos tempos; primeiro vem o estilo clássico preciso e simples, até seu estiamento no fim da Idade Média; depois do humanismo renascentista, que continua avançar no rumo da matéria, surge, como reação a este e à Reforma, o barroquismo conceptista, simples e preciso também, como o é o belo estilo senecano; mas a tendência transforma-o no gongorismo campanudo, arrebicado e colorido, até sua diluição total no rococó. Eis o esplendor e a decadência de dois estilos opostos. É que, não podendo variar o conteúdo da mensagem, só se pode trabalhar a forma; cada século trouxe uma peça a mais, até que a mensagem se perdeu nas vestes...

Fez uma pausa, o mestre, depois do que, concluiu:

– Considerando que toda a unidade é bipolar, se a unidade tomada for a Arte, como um todo, os dois pólos são Platão e Aristóteles, correspondentes, respectivamente, a barroco e classicismo. Se a unidade considerada for um estilo, seja o clássico, seja o barroco, isoladamente, então seus extremos são conteúdo e forma; e quando se ganha em forma, perde-se em conteúdo e vice versa; e isto é lei... que pode ser expresso pela fórmula: estilo = conteúdo \times forma; abreviado: $e = c. f.$ Não se espantem pois, vocês, de eu dizer que sou barroco; não se trata, como vocês podem ver, de um barroco feito de rebuscamento, de verbalismo próprio do cultismo ou preciosismo como o de Rui Barbosa, como o de Coelho Neto, como o de Euclides da Cunha; nem é ainda barroco sintático, de rebuscamento ideológico, como o de Vieira. Todavia, não deixa de ser barroco, porque conserva o espírito do barroquismo, a convergência para um ponto central, ou divergência dele para todos os lados da esfera de conceito. Aristóteles tinha as vistas voltadas para os fenômenos da natureza, para o particular, para a minudência. É individualista, observador, e exaustivamente perquiridor. Com a helenização do mundo, a ciência dos gregos, e sobretudo a deste grego, espalhou-se impregnando tudo. Cai o Império Romano sob o domínio dos bárbaros, e estes começam a aceitar o cristianismo com Constantino. Vem a Idade Média, surgindo grandes filósofos como Santo Agostinho, de linhagem platônica, mas só quanto à forma, e São Tomás de Aquino, de linhagem aristotélica. Porém, Santo Agostinho desgarrou-se de Aristóteles, concebendo o Universo como criado do nada, “*creatio ex nihilo*”. Esta concepção, mais psicológica, pedagógica e política do que lógica e filosófica, serviu, magnificamente, aos fins da Igreja, pois sendo Deus exterior à sua Criação, apartado dela (Aristóteles), e sendo o homem nada, porque feito de nada (Agostinho), precisaria este homem de intermediários que são os padres, os bispos e o papa. É neste ponto que Platão ficou esquecido, esperando pelo futuro que é daqui por diante. São Tomás aceita a criação do nada de Santo Agostinho, e constrói um vasto edifício ideológico levantado sobre Aristóteles. Surge, então as três ciências: a ciência de Deus fundada na Bíblia; a ciência do Homem, em Patrício; e a ciência da Natureza, em Aristóteles. Esta trilogia de valores repete-se, ampliando-se, em Dante, Petrarca e Bocácio. Platão, como todos os demais filósofos da linhagem socrática, é sempre

relembrado exceto na parte relativa ao Realismo das Idéias.

Fez pausa o mestre, para tomar um fôlego; depois continuou:

– O estilo para as idéias medievais é o clássico, isto é, de autores lidos e estudados em classe, para serem imitados. Este conceito de perfeição estilística dominou durante toda a Idade Média, quando se procurava galvanizar os deuses pagãos com os elementos do cristianismo. Com o Renascimento, todo o mundo greco-romano foi trazido à luz; tudo o que os escolásticos rejeitaram, foi incorporado à cultura e altamente difundido pelos humanistas. Dominava, então, ainda, o signo de Aristóteles, visto como o humanismo renascentista é fundamentalmente racionalista, individualista, cientificista, logo, aristotélico. O reexame de tudo atingiu também a Igreja, surgindo no seio desta os reformadores, os quais, rechaçados, foram fundar outras agremiações religiosas, cifrando-se nisto a Reforma. Reage, então, a Igreja de Roma, levantando-se não só contra a Reforma, senão também contra o humanismo materialista. Contra a idéia do homem fechado, geocêntrico, voltado para a Terra, para o mundo, a Contra-Reforma opôs o conceito oposto, platônico, do homem aberto olhando para o céu e para a imensidade sem lindes. Este estado de espírito, correspondendo à forma aberta do barroquismo, vai contra a forma estilística fechada do classicismo. Mas Platão tinha ficado esquecido, sepultado no tempo; por isso, conquanto o barroco seja essencialmente platônico, este platonismo foi alcançado por via aristotélica.

– Poder-nos-ia o mestre explicar melhor este ponto? atalhou Bruco. Por que dizer que o barroco é platônico, e não, aristotélico, se a doutrina vem de Aristóteles, e não, de Platão?

– Porque, retrucou Árago, segundo o mesmo Platão, Aristóteles procedeu com ele como o potro que escoicinha a mãe, após mamar-lhe o leite. Aristóteles discrepou de seu mestre Platão, evadindo-se para o extremo oposto. A presença de Platão num dos pólos do saber, forçava a fuga de Aristóteles para o outro. Por conseguinte, para Aristóteles ser coerente consigo mesmo, havia de contrastar Platão em toda a linha. Por este motivo, quando Aristóteles adota Platão, ainda que o que fala é Aristóteles, quem diz, por ele, é Platão. Além disso, esta é uma das muitas incoerências de Aristóteles: se seu universo é construído segundo planos paralelos, como poderia afirmar, depois, que um ser vivo é uma unidade feita de variedades coordenadas num todo? Pois por que não são também os seres armados em planos paralelos, com todas as células independentes entre si, geneticamente, guardando só uma relação de funções?

– É que isso lhe veio da observação dos fatos, acrescentou Chilon, visto como Aristóteles observou, nas várias fases de embriões de pintos, que uma célula única se muda e se transforma em todas as que compõem um ser vivo.

– Logo, tornou Árago, deveria ter visto, através desses mesmos fatos, como o enxergara Platão, que qualquer ser vivo é um esquema do Universo... por isso é que esse é, também, o esquema do barroco conceptista, que não do culteranista.

– Todavia, ponderou Chilon, há os que se insurgem contra essa classificação que é de Menendez Y Pelayo de cultismo e conceptismo. O próprio Vieira, que, segundo Antônio Sérgio, “é um exemplar perfeito do barroco conceptista que não é nada cultista”⁴⁶³, não deixou de incorrer no vício de preciosismo que condenava. Haja vista, por exemplo, o ponto do “Sermão da Sexagésima”, em que Vieira se encanzina contra o cultismo, dizendo que quem faz sermões não há de proceder como quem “ladrilha ou azuleja”, ou forma “xadrez de palavras”. A isto diz o crítico que figura na obra “Literatura no Brasil”, Vol I, T. 1, pág. 335, já citado pelo senhor: “No primeiro caso, ao condenar “o xadrez de palavras”, Vieira era logicamente impelido a excluir do discurso o jogo de antíteses, pelo qual o Branco e o Negro, o Dia e a Noite, a Luz e a Sombra, o Subir e o Descer podem figurar lado a lado numa só e mesma peça, harmonizando-se desse jeito os contrários”.

– Lembra-se você, Chilon, de quando falamos do tempo da vida, que é o contrário do tempo astronômico? Porque, neste, o futuro se constrói pelo passado, enquanto que, na vida, o presente se forja pelo futuro. Nós queremos ser o que ainda não somos, e este impulso para o que será, faz desenvolver-se nossa atividade presente. Todavia, o passado não está morto, visto que lhe somos consequência. O presente é o futuro do passado, e o passado do futuro. Somos, agora, o que quisemos ser; mas este nosso ser presente não nos satisfaz, pelo que desejamos ser o que

463 Vieira, Obras Escolhidas, I, Cartas, Prefácio

ainda não somos. Assim não há nenhum homem que viva o que pensa, o que prega e que escreve, porque, este labor se desenvolve tendo em vista o porvir, que não é presente. É assim que Platão se insurge contra os poetas e contra os mitos, e, contudo, faz crescer consigo o número dos que fazem poesias e mitos. Como diz Will Durant, “deplora haver sacerdotes que se vão correndo terras a falar sobre o inferno e a oferecer a redenção, em troca de alguma dádiva (confronte-se com *A República*, 364), mas é ele, por sua vez, um sacerdote, um teólogo, um pregador, um supermoralista, um Savonarola a malsinar a arte e a receitar a fogueira para as vaidades do mundo. Reconhece, como Shakespeare, que “as comparações são resvaladias” (*O Sofista*, 231), mas resvala a cada passo em comparações sucessivas; anatematiza os sofistas como discutidores, mascates de frases, mas não se põe fora de maltratar a lógica como um sofomoro”⁴⁶⁴. Por este motivo, Platão, com Vieira, condenam o que praticavam, porque eram, então, o produto do seu tempo, da sua época. Contudo, a doutrina de um e de outro tinham em vista criar novas condições futuras. No entanto, é só pelo gosto de discutir que você levantou esta questão, pois não me cabe na cabeça, que você não tivesse percebido a distinção das duas antíteses. Umas são artificiais, forçadas, como o xadrez de palavras do culteranismo; outras, as naturais (dia-noite, claro-escuro, belo-feio) e não inventados pelo homem para causar efeito. E dá Vieira como exemplo do pregar o céu. “Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras”⁴⁶⁵. E olhe você, Chilon, o Branco e Negro, o Dia e Noite, a Luz e Sombra, o Desceu e Subiu de que se compõe o céu, e diga-me, se isso se parece com xadrez? Até o presente, sempre que olhei para o céu, enxerguei tudo isto apontado por Vieira, porém, jamais, nunca, me ocorreu que essas antíteses formavam um xadrez! Tal deve ser o sermão, feito de antíteses naturais, porque a natureza é antitética; todavia, não forçar o xadrez com arranjos forçados de palavras! O sermão que faz efeito por si mesmo, é como o sermão do primeiro pregador que foi o mesmo céu, no dizer de Vieira. E já, meu caro Chilon, que se referiu você a essa obra escrita sob a direção de Afrânio Coutinho, veja se aquele preciosismo de Rui pode ser imputado a Vieira? É aquele exagero, veja bem, exagero, que é condenável, “sobretudo em Rui, em quem o gosto da palavra, da sonoridade verbal, do rebuscamento e inusitado no estilo, são bem o exemplo, na prosa política, da concepção estilística que domina os espíritos nos dois decênios à volta de 1.900, e que levava escritores como Coelho Neto e Euclides da Cunha, além do próprio Rui, à técnica da coleção de palavras raras (registradas em caderninho e mesmo no punho da camisa) para uso oportuno, ou que fez Rui Barbosa ler o dicionário de Cândido de Figueiredo, traindo nos seus discursos no Senado, pelo predomínio das palavras de inicial igual, a marcha da leitura” (op. cit. Vol. III, T. 1, 263). Por acaso você me pode dizer que Vieira fazia destas coisas?

– Não... não fazia, obtemperou Chilon.

– Logo, concluiu o mestre, o preciosismo está para as palavras, assim como o conceptismo está para as idéias. Acredito que fosse preciosista, vez por outra, hajam vistas os seus trocadilhos, alguns até de mau gosto; ele próprio se penitenciou destes pecados, confessando, certa vez, ter pregado só palavras, prometendo que noutra dia haveria de pregar pensamentos. Conquanto combatesse uma tendência, não podia deixar de ser produto de sua época. Por isso, como já disse, os homens não são o que pensam e o que dizem, senão o que fazem. No entanto, o que pensam e o que dizem plasmam as tendências futuras. Deste modo podemos afirmar que tanto o cultismo como o conceptismo, em sentido absoluto, não passa de presunção. Todavia, se há dois barrocos que se opõem dentro do mesmo barroco, sendo um de idéias, e outro, de palavras (e = c. f.), não há negar que precisamos de dois nomes para os diferenciar. Esta distinção de conceptismo, conquanto Vieira não a seguisse por inteiro, no-la deu ele próprio ao dizer: pregar palavras e pregar pensamentos. Será que não está claro como o dia este assunto Chilon?

– Sim, está. Pode o senhor tocar por diante com o que ia dizendo, quando o interrompi.

– O que eu estava por dizer é que Aristóteles observava que um ser vivo é uma coordenação orgânica de partes, e o todo só funciona, quando se apresenta como unidade indestrutível. A retirada de qualquer peça essencial acarretaria a destruição do ser. Por esta causa

464 Will Durant, *História da Filosofia*, 36

465 Vieira, *Sermões*, Ed. das Américas, 1, 61

o padre Vieira, no “Sermão das Sexagésima”, compara o sermão à árvore, ou seja, uma unidade formada de variedade. Isto vem de Platão, como dizia, por via aristotélica. Numa parte, o empréstimo vem de Platão por meio de Plotino, e este é o que dá ao barroquismo aquele tom de mistério, de esoterismo, de obscuridade, aquele claro-escuro que faz Vieira sentenciar: “Tal pode ser o sermão: estrelas, que todos as vêem, e muito poucos as medem”⁴⁶⁶. Sendo platônico e intuitivo, o conceptismo fala mais ao sentimento, através dos sentidos, sobretudo o da vista, em vez de falar à inteligência claramente. É sugestivo, isto é, sugere, antes de persuadir. Fixa o geral, de onde desce aos pormenores, pelo método dedutivo ou analítico. Conserva um que de vôo, que não pode ser interrompido a todo instante com paradas de ponto final; por isso emprega ponto e vírgula e dois pontos, em vez de ponto. Conserva a constante mística do iluminismo (de iluminado-místico), do mistério, do sonho e da fuga do mundo derrocado e mau, e feio, e diabólico. Este mundo nosso é cópia do real e verdadeiro (Platão); aquele é a fôrma, e este, o formado, e por isso, negativo e invertido em relação àquele; tudo aqui é às avessas do real, e por isso, quando lá diz: branco, aqui diz: preto; lá: luz, aqui: treva; lá: espírito, aqui: matéria; lá: alegria, aqui: sofrimento; etc. Esta é a causa de Cristo declarar que seu reino não é deste mundo, e de S. João afirmar “que todo o mundo está posto no maligno” (II João, 5, 19). Por esta razão a alma barroca quer evadir-se, quer fugir para esse outro reino, e isto só pode ser feito pela boa morte, morte de quem morreu antes de morrer, ou seja, morreu para o mundo; daqui vem a ênfase que se dá à morte, ao fúnebre, ao túmulo, à caveira, ao esqueleto, ao lôbreco, à arte do feio – o feísmo. É preciso enfatizar os aspectos cruéis, dolorosos, sangrentos, sórdidos, formidandos, medonhos deste mundo derrocado e invertido, que destrói os justos como Cristo e como Sócrates, e premia a força, a astúcia e a maldade, para que todos, desenganados dele, se queiram evadir para o outro, aquele de Platão e de Cristo, que é perfeito, por ser o avesso deste. Satanás tem de ser mostrado junto deste mundo que é seu, e porque seu, por isso, nele, no mundo, abunda a mentira, a ignorância, a treva, a dor, a danação, o mal; é necessário apresentar no teatro, e por todos os modos possíveis, o relâmpago e o trovão, os coriscos vermelhos, a boca do inferno vomitando fogo e lavas ardentes; é preciso mostrar as almas penadas escabujando nessas lavas, e urrando de suas dores imortais, como de fato são as dores deste mundo (Schopenhauer), pois, na verdade, é ele um vale de lágrimas, como reza, a prece da Igreja de Roma a “Salve Rainha”... É imprescindível criar e alimentar o conflito entre o homem e o mundo, tornando patente o dualismo bem-mal, positivo-negativo, belo-feio, etc., reinantes em todo o universo derrocado, e a luta mais que dantesca de Jesus contra os dragões. É indispensável cultivar o heroísmo e o martírio, o gosto do sacrifício e da renúncia total, a fuga no isolamento ascético, para o retempero das energias, antes de nova arremetida contra as forças do mal. Se o artista barroco volta para o mundo suas vistas, é com desdém e asco, e por isso, não para abraçá-lo, senão para o combater, como fazem quaisquer profetas que são sempre contra. Deus dizia: profetiza *contra* meu povo; por isso, ser profeta, é ser contra.

E fazendo uma pausa, para um fôlego, prosseguiu:

– O perspectivismo barroco vem de Platão, e que fez Sócrates desejar e apressar sua morte, não só para fugir do mundo, como para ir logo conhecer mais um pouco daquilo que só sabe Deus, pois a verdade total só Ele a tem, da qual apreendemos aparências somente, vista de perspectivas diferentes, e que, por isso, se nos mostra contraditória. E para fazer o mundo entender estas verdades (e o são, de fato), necessário se faz falar-lhe num estilo prismático, caleidoscópico, comunicando as impressões através de variadas facetas, porque tais são os vários aspectos de um mesmo fenômeno, que se unem, que se concentram, que convergem para a Mente de Deus. É indispensável que se fale num estilo de relativismo e de relatividade, como é o barroco, e não no estilo pretensamente absoluto, como é o clássico. É imprescindível, então, tomar um só assunto, dividi-lo, ampliá-lo, prová-lo, faze-lo remoinhar em vórtice de abertura e ascensão constante, indo para o infinito, e depois, apertá-lo de novo no princípio de que hão de nascer as conseqüências necessárias, que são as varas, no dizer de Vieira. É forçoso que se dê largas à imaginativa deixando-a progredir em movimentos espiralóides, numa constante imprevisibilidade e suspensão, como na música, o que se consegue pelo uso duma sintaxe, em

que predominem orações participiais absolutas, onde figurem as paramétricas, e onde o encadeamento dos períodos se faça por meio da progressão livre das sentenças sempre abertas, suspensas, para o alto, para o infinito, para Deus. Não deixar completar o pensamento senão no fim, e fim distante, feito por parágrafos e períodos longos, entremeados de orações curtas, conectivas, parentéticas, para dar a sensação de assimetria; como, aliás, neste momento mesmo, estou fazendo.

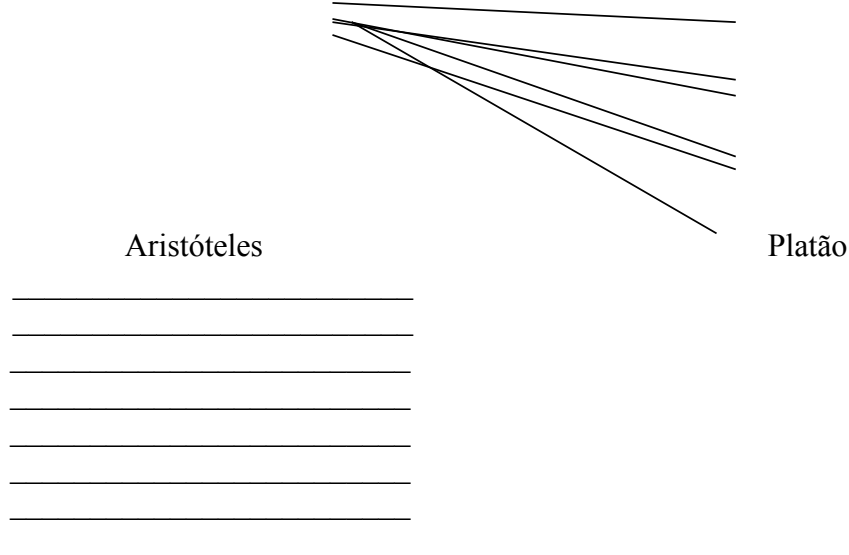
E feita uma pausa, para descanso, continuou o mestre:

– Isto é conceptismo, porque a concepção do Universo é de Platão, feita de dualismo, de instabilidade, onde todas as coisas, ao mesmo tempo que são, deixam de o ser; tudo neste nosso mundo de mutabilidade é um vir-a-ser, um devir, um tornar-se, em demanda daquele repouso que só o cosmo ou a perfeição pode dar, lá no *topos uranos, onde idealidade* e realidade se confundem. Afirmar com Friedrich Schlegel que “cada homem nasce platônico ou aristotélico”, equivale a dizer que ou são barrocos ou renascentistas, dedutivos ou indutivos, analíticos ou sintéticos, intuitivos ou racionalistas, particularistas ou cosmonômicos, nominalistas ou universais. Por isso o barroco não só é universal, senão também omnitemporal, visto que existiu sempre para atender à necessidade do tipo de homem místico, intuitivo, universalista, cosmonômico. Por esta razão Eugênio de Ors propõe o termo pan-barroquismo para designar a tendência histórica de o barroco surgir em qualquer tempo, em qualquer lugar e em qualquer cultura. No Vol. I, T. 1, pág. 219 da obra “Literatura no Brasil”, lê-se o seguinte: “Na alma espanhola existe, aliás, um Barroquismo permanente e inconsciente, que remonta à Espanha romana, como testemunham os escritores hispano-romanos Lucano, Sêneca e Marciel”. Então tem razão Eugênio de Ors em falar em pan-barroquismo. E noutro lugar diz mais a obra dirigida por Afrânio: “... há sobretudo, em todas as épocas, o tipo ideal do homem daquela época, o homem medieval, o homem renascentista, o homem barroco, o homem classicista, o homem romântico; e esses homens seriam mudos, e, por conseqüência, esquecidos, se certos entre eles não tivessem o dom individual da expressão artística, realizando-se em obras que ficam” (op. cit. Vol. I, T. 1, 32). E para que fique definitivamente demonstrada minha tese, abro de novo o livro de Afrânio a fim de mostrar a vocês o paralelo que ali se acha entre renascimento e barroco. Está aqui; é no Vol. I, T. 1, pág. 209:

Renascimento	Barroco
1) linear - sentido pela mão	1) pictórico - sentido pela vista
2) composto em plano, de jeito a ser sentido	2) composto em profundidade, de jeito a ser seguido
3) partes coordenadas de igual valor	3) partes subordinadas a um conjunto
4) fechado, deixando fora o observador	4) aberto, colocando dentro o observador
5) claridade absoluta	5) claridade relativa

E trocando o livro de Afrânio pelo de Huberto Rohden, prosseguiu:

– Estas categorias tomadas a Wolfflin, mostram o fato, porém não, o porque dele, que, entretanto, salta à vista, quando expresso na síntese destes poucos traços tirados da obra “Filosofia Universal” Vol. 1, pág. 107, de Huberto Rohden :



E fechando o livro, e depondo-o sobre a mesa, prosseguiu:
 – Quando falamos de Fichte, Schelling e Hegel, dissemos com o comum dos estudiosos do assunto, que eles eram românticos. Agora, porém, depois desta visão, podemos assentar que eles eram barrocos, e não românticos, visto como suas filosofias assemelham-se a leques como a de Platão. Não importa que eles tivessem florescido na época do romantismo; o que interessa é que aquelas filosofias são absolutistas ou divergentes, e não individualistas e minudentes como é o romantismo. E se eu merecesse o nome de filósofo, havia-me de classificar entre os filósofos barrocos, e meu novo estilo seria o do futuro; não historicamente novo, todavia, novo, porque chegado é o tempo de o desenvolvimento helicoidal evolutivo tocar neste ponto das espiras, correspondente ao passado, porém, mais alto, ao longo do eixo do tempo; não será o barroco do pretérito, porque a volta da espiral, aqui, está mais afastada do centro genético do movimento helicóide, não como o expresso por Bergson, e sim, aberto, para cima, como objetiviza meu desenho posto ali na lousa:

Por este gráfico se vê que os pensamentos e os estilos se repetem, todavia, cada vez menos curvos, podendo abarcar cada vez mais substância no seu âmbito. Este velho e, contudo, novo estilo que virá é o barroco, visto como só ele possibilita vôos altíssimos, por ser dinâmico, aberto, em vez de estático e fechado como o clássico. É, o barroco, “um estilo prismático, em que as impressões são comunicadas através das diversas facetas, os vários aspectos de uma ação, que se unem na mente de Deus. Daí a preferência pelos verbos prismáticos, por meio dos quais, como define Hatzfeld, uma ação é privada de sua análise imediata, aparecendo quebrada em multidão de impressões desconexas ou não relacionadas; tal como um raio de luz dividido por um prisma, há, entre o autor e a descrição, um olho, um ouvido, ou outro receptáculo sensorial do herói que influa na expressão” (op. cit. Vol. I, T. 1, 230).

E após uma pausa meditativa, prosseguiu:

– Houve uma época em que se quis ser barroco, por estar isto em moda. Entretanto, o barroco é mais psicológico do que histórico, como o afirma Antonio Sérgio ao escrever: “Podem aparecer mentalidades barrocas em todos os momentos da história de um povo: mas topamos um período em que estiveram em moda, em que se quis ser barroco – período mais longo nas nações

hispânicas (de 1.580, digamos, até 1.680) do que no centro norte do continente da Europa⁴⁶⁷. É da mesma opinião Afrânio Coutinho, como já vimos. Mas fale ainda Afrânio: “Hatzfeld teve o ensejo de aventar que Raimundo Lúlio foi o típico precursor do conceptismo e, de fato, o Doutor Iluminado do século XIII, já explora um mundo metafórico, que era a antecipação natural daquela que veio florir como uma constelação de espantos na Espanha de Paravincino e de Calderon de Barca⁴⁶⁸. Mais: “Assevera Hatzfeld que, se o italiano Miguel Ângelo foi o pai do Barroco formal, o espanhol Santo Inácio fez-se o inspirador do espírito da Contra-Reforma, de modo que o problema da origem do Barroco se resume, *relativamente à história das idéias*, no problema da influência espanhola na Itália entre os anos de 1.530 e 1.540, quando o papa Paulo III estava sob a inspiração de Inácio de Loiola⁴⁶⁹. Eu grifei, aqui no livro, o lugar que diz: “*relativamente à história das idéias*”, porque, para mim, como para Antônio Sérgio, o fenômeno vem de trás, sendo mais psicológico do que histórico. Por isso é que até existem “alguns defensores de um pan-barroquismo (Eugênio de Ors), para designar um tipo de expressão que pode ocorrer em qualquer cultura e em diversos momentos como uma tendência universal e permanente, uma constante histórica⁴⁷⁰. Isto é um modo geral de ver o fenômeno, conquanto o termo possa ser empregado em sentido restrito, para época definida, para ter validade na crítica literária, como quer Afrânio Coutinho, neste mesmo parágrafo, na parte que não li. Tão grande foi a influência do barroco no pensamento humano que “nenhum gênio literário do Renascimento, do Barroco e do Neo-Classicismo, escapa ao tributo: Shakespeare, Montaigne, Cervantes, Gongora, Quevedo... Há páginas inteiras de Sêneca em Montaigne, e seria tempo perdido pretender rastrear os passos de Sêneca e Plutarco em Shakespeare⁴⁷¹. E “estudos recentes incluem Camões na obra barroca⁴⁷²”.

E fechando o livro, prosseguiu:

– Só o barroco possui recursos imensos, e por meio das teses, antíteses e sínteses, pode desenvolver-se num vôo que todo é arrojo, e força, e convergência; só ele poderá trabalhar com e sobre opostos, alcançando a maravilhosa unidade na variedade como farão os Berninis, os Caravaggios, os Velásques, os Rubens, os Beethovens e os Vieiras do futuro. O barroco é um instrumento de gigantes, e não de pigmeus; estes, quando muito, poderão ocupar-se do culteranismo, não, porém, do conceptismo. Não serve o barroco para a prosa política, como fazia Rui, nem para cantar insignificâncias como fazia Botelho de Oliveira, quando compara ao Sol, o nada que é o rosto de Anarda, em suas redondilhas. Só a dialética conceptista poderá alcançar a verdade mais central e unitária, através das verdades periféricas, que de nenhum modo são estáticas. Estou aqui a falar do barroquismo na sua expressão mais alta, e não, certamente do churriguerismo, não do gongorismo, não do arcadismo, não do rococó; não barroco para ostentar, para impressionar pelas agudezas e engenho. Não falo do barroquismo que tem em vista causar efeito, porém do que permite ser unitário na multiplicidade, sintético na análise, convergente na variedade, e, sobretudo, poderosamente cortante no rumo da Verdade total. Ele é, e há de ser, um grandíssimo clamor que abale a inteligência e o coração, despertando o espírito dementado pelo materialismo, e por isto mesmo ateu. O mundo materialista pede ciência e racionalidade! Eia, pois, companheiros! armemo-nos da racionalidade e da ciência mais atual, e depois voemos nas asas da intuição que sempre vem inflamada do mais profundo sentimento. A alma deve estar incendiada de paixão para que suas vozes sejam tormentosas e dantescas; só poderão fazer que se tremo o mundo inteiro, aqueles cujo fabuloso verbo seja todo feito de luzes celestiais, que mais firmam o sentidos do que deixem ver. Tais coisas se dirão, e em tal estilo, no momento histórico da pós-hecatombe, quando se tiver verificado o desengano do mundo em relação à matéria e ao materialismo, com a conseqüente volta para o espírito, para Deus. A razão deve incendiar-se do sentimento, para que o estilo apaixonado e dorido seja trombeta apocalíptica para aviso do mundo... “Com brio”, em música, significa que o trecho deve ser executado com força, com

467 Vieira, Obras Escolhidas, I, XXXV - XXXVI

468 Afrânio Coutinho, Literatura no Brasil, Vol. I, T. 1, 342

469 Afrânio Coutinho, Literatura no Brasil, Vol. I, T. 1, 220

470 Afrânio Coutinho, Literatura no Brasil, Vol. I, T. 1, 215

471 Afrânio Coutinho, Literatura no Brasil, Vol. I, T. 1, 204

472 Afrânio Coutinho, Literatura no Brasil, Vol. I, T. 1, 233

veemência; por isso se deve falar ou escrever “com brio”; toca-se por diante a pena ou a língua, sem pensar, impulsionada só pelo fogo sagrado que arde dentro do peito! Esse modo “com brio” é o que ressalta do estilo conceptista; Rubens e Franz Hals pintavam “com brio”; Beethoven usou-o, e também Tchaikovsky, na música; Guerra Junqueiro e Castro Alves, na poesia, e Vieira e Cícero, na oratória! A premissa, no classicismo, tem de ser um ponto sólido, imóvel, dogmático, absoluto; aqui não há absolutos, e as premissas se movem; elas são ao mesmo tempo que deixam de o ser; são provisórias, relativas, dinâmicas, como o impõe o pensamento conceptista. Só quem fizer síntese, e em conceptismo, poderá escrever para o futuro. O barroco não é estático, mas dinâmico, olímpico, calidoscópico. A afirmação, quando encerra em si um devir ou tornar-se, quando é feita de dinamismo, quando possui, em si, a beleza suprema do movimento, ao mesmo tempo que é fala de Vieira, é música beethoveniana que sacode, com violência, a imaginação, é conceito que se extravasa da forma, dizendo muito mais do que aquilo que está escrito. Ninguém poderá esgotar o conteúdo ideológico, quando este vem vazado na forma simbólica como fez Vieira. A alegoria, a figura, são expressões que, como as da matemática, falam a todos os tempos e a todos os planos, e quanto mais se atenta para elas, tanto mais se expandem pelos ramos da parábola, da hipérbole, assumindo caráter cósmico, infinito. Tais são as figuras: “estrelas que todos vêem, e muito poucos as medem”⁴⁷³. As palavras, na forma, hão que manter o momento clássico de propriedade, clareza, naturalidade, rigorismo, precisão; porém, o pensamento há que ser volumétrico, e não linear ou planimétrico; pictórico, visual, intuitivo e profundo, em vez de superficial e tátil. No barroco há o “desenvolvimento do superficial em direção do profundo. Na arte clássica as partes do todo, são uma seqüência de planos. O barroco dá ênfase à profundidade”⁴⁷⁴. “Classicamente, o objeto tem contornos bem definidos e no campo ético, bem e mal estariam apartados, como num quadro da Renascença, as figuras mantêm a sua autonomia unidas por mero nexo de coordenação. Mas esta nitidez de contornos esbate-se no barroco”⁴⁷⁵. “Barroco é o ciclo das bandeiras como das navegações. Marcados ambos do mesmo sentido de hipérbole e infinito”⁴⁷⁶.

Fez uma longa pausa, o mestre, em que se aprofundou em meditações. Depois, prosseguiu:

– O estilo do futuro há, pois, que ser uma síntese de Aristóteles e Platão: clássico quanto à forma, isto é, claro, simples, próprio, preciso, porém conceptista quanto à idéia, porque só deste modo se poderão resolver os formidáveis problemas da síntese, alcançando o infinito e o absoluto, ainda que por meio da precária linguagem humana. Só o barroco pode confundir extremos, conseguindo a unidade na variedade; “jamais como no barroco se viu tão intenso o sestro da confusão das diversas artes entre si”⁴⁷⁷. Mas isto é por que? Diga-o Matias Aires que tinha “a idéia do mundo, não como realidade estática, mas, barrocamente, como movimento e mudança”⁴⁷⁸. Se o próprio mundo que nos rodeiam, é barrocamente calidoscópico, e, no seu devir, jamais é o que foi, ou será o que é, impõe-se, clara e inexoravelmente, que só o estilo barroco pode explicá-lo. Afrânio Coutinho e outros, na obra “Literatura no Brasil”, Vol. I. T. 1, Pág. 48, citando Machado de Assis, anotaram o seguinte: “o que se deve exigir de um escritor, antes de tudo é certo sentido íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”. Esta doutrina está certa, relativamente a quem fala, e para quem fala. De acordo com este relativismo que considera o grau de consciência do autor e o de seu público, isto é, a idade mental cósmica de quem fala e de para quem fala, podemos também dizer: “o que se deve exigir de um escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem” de todos os tempos e de todos os países, ainda quando trate de assuntos locais e próximos no espaço e no tempo. Uma consciência cósmica adulta não pode servir exclusivamente a uma época e a um local. Em Cristo temos o exemplo disto, pois, falando ele a seu povo, em época e tempo definidos, falou para todas as épocas, para todos os

473 Vieira, Sermões, I, 17 - Livraria Lello e Irmãos - Lisboa

474 Jamil Almansur Haddad “Sermões” do Pe. Vieira, 36 - Cia. Ed. Nacional.

475 Jamil Almansur Haddad “Sermões” do Pe. Vieira, 68 - Cia. Ed. Nacional.

476 Jamil Almansur Haddad “Sermões” do Pe. Vieira, 65 - Cia. Ed. Nacional.

477 Jamil Almansur Haddad “Sermões” do Pe. Vieira, 61 - Cia. Ed. Nacional.

478 Jamil Almansur Haddad “Sermões” do Pe. Vieira, 67 - Cia. Ed. Nacional.

lugares e para todos os povos. O sentido da vista, e não do tato, é que criou, nutriu e guiou o barroquismo passado; no futuro que se antevê por intuição, será ainda o sentido da vista que há de guiar o superbarroquismo pan-barroco; se, pois, o do passado nasceu da vista, e o do futuro, também, em que, logo, residirá a diferença entre um e outro, para que os pósteros, avançando pelo futuro, retornem ao passado, seguindo as voltas da espiral helicoidal aberta? A diferença estará em que o barroquismo passado viu o mundo mais com os olhos da carne, no passo que, o futuro, vê-lo-á com os olhos do espírito, e isto quer dizer intuição. Intuição é a vista subjetiva, interior, substancial, das bases que subjazem, isto é, que jazem por debaixo, sobre as quais tudo se edifica. Esta visão sintética do conjunto é aquela que a águia tem, contra os tateios e reptações da objetividade múltipla, que, porque sensorial, e não metafísica, se perde nos pormenores. Por isto, o supra barroquismo futuro será só cosmo-conceptista, e não, geoculturalista, para não dizer antropocultista. Cuidará ele só de pensamentos, sendo, por aqui, complexo e profundo, sem, contudo, possuir forma rebuscada. Trata-se de um barroquismo sem os vícios do barroquismo, isto é, um barroquismo só conceptista, sem palavras ociosas e simbolismos vãos, ou seja, cheios de vento. Escoime-se de Vieira (dos Sermões), todos os defeitos, e ter-se-á construído o fundamento do estilo do futuro. Em tal se resume os meus esforços nestes serões, conquanto, nem sempre, tenha eu sido feliz em meu desiderato. Eia! ó companheiros de estudo! aqui está o caminho da grande arte do porvir! Vieira se fundamentava na Bíblia, e sendo esta barroca, constituía em fonte inesgotável de figuras; fundamentem-se, os pósteros, também, na ciência; e como o universo se acha regido pelo princípio da unidade que se diversifica na variedade, os extremos se entrelaçam, à força de se afastarem, possibilitando reencontrar, depois, a unidade na variedade. A lei dos vórtices, reitora do Cosmo, possibilitará a correspondência analógica e também simbólica pelo paralelismo existente entre planos diferentes, porém, do mesmo setor. Esta é a técnica barroca e o método por excelência usado pelo maior de quantos mestres já existiram, absolutamente ímpar entre todos – Jesus Cristo. O barroco passado é o de uma adolescência cósmica que se cuidou adulta; tratou-se de um grande estilo usados por meninos, ou por aqueles que, não sendo meninos, a tais tinham de falar; assuntos de nada pediam extravagâncias de estilo para se tornarem atraentes. O barroquismo verdadeiro buscará não fazer efeitos pelo aguçamento do engenho, porque estará ocupado em buscar uma grande verdade central, por meio de seus pólos opostos téticos e antitéticos. “Assim o Barroco foi uma forma estilística que se desenvolveu para explicar uma nova concepção do mundo, que só através dele encontraria o modo ótimo de realizar-se”⁴⁷⁹. E o grande mundo está aí, tão complexo e desconhecido, e vário como dantes, a espera dos seus explicadores. A visão futura do mundo será paramacrocósmica, e o estilo que o explique, meta-barroco, profundo, não pela ampliação de insignificâncias regionais, como fez o ufanismo seiscentista e setecentista, mas, pela natureza mesma do assunto que é sintético cosmonômico. O barroquismo passado fez a descrição de modas em grande estilo; agora é o estilo que se apouca e empobrece diante das gigantescas premissas que terá de desenvolver. Só com o barroco se poderá conectar, organicamente, em síntese viva, o Ser, o Todo, com sua antítese, o não-ser, o nada, ou seja, o vortilhão do Deus imanente, do *topos uranos*, com a sua última projeção no relativo como ínfimo infra-microgiroscópio eletrônico. Com esta linguagem, pois, e com este estilo, podemos dizer que a Substância subjaz a tantas realidades diferentes, quantos são os planos de vida do Universo. Deste modo a matéria pode ser tão fechada, como aquela em que se deu o colapso dos átomos, tornando-se, por isso, em pasta nuclear, de tal maneira densa e compacta, que uma agulha de coser pesa como um arranha-céu (Fritz Kahn, O Átomo, 48); pode, por outro lado ser tão desencurvada, diáfana, invisível, desmaterializada e luminosa, que nela tudo são luzes e esplendores divinais, não se podendo quase distinguir os limites da forma, visto como eles se esfumam, se esbatem e se perdem na policrômica luz do *topos uranos*.

E consultando o relógio, Árago pediu para deixar o resto para outro dia.

Capítulo IV

Economia

O crepúsculo da tarde envolvera Cananéia, percebendo-se do Sol uns tons vermelhos, lá para as bandas da serra do Cadeado. Árago seguira, de manhã, com alguns pescadores, rumo ao alto mar, numa lancha, e só retornara, à tarde, com a pele cozida pelo Sol. Tomara já seu banho, e após o jantar, fumava o seu cigarro, enquanto aguardava a vinda dos companheiros de estudos. E um a um, todos se encontraram reunidos na sala da biblioteca, fartamente iluminada. Jogando fora a ponta do cigarro, Árago principiou a falar:

– Em nosso estudo passado ocupamo-nos da axiologia, que estuda a teoria dos valores. E ficou assentado que os valores não são, mas valem; e também que eles podem ou não ser absolutos, conforme se refiram a objetos ideais, ou a objetos reais; e ainda, que os valores possuem subjetividade e objetividade ao mesmo tempo. Dissemos que os *sentimentos* estão para as vivências internas da alma, assim como a *sensibilidade* está para os valores atribuídos às coisas, ou que elas nos enviam. A sensibilidade consiste em sentir ou experimentar impressões sensíveis do que é belo, no passo que os sentimentos são impressões morais, subjetivas. Disto resulta que o sentimento é só subjetivo, enquanto que a sensibilidade possui, também, objetividade pelo que faz a beleza discutível e mostrável. Dissemos, ainda, que os sentimentos são categorias psicológicas, no passo que os valores o são axiológicas. Vimos ainda que os valores têm polaridade e hierarquia, sendo esta úteis, vitais, lógicas, estéticas, éticas e religiosas. Os valores éticos são os mais altos, relativamente ao homem, e os religiosos dizem respeito a Deus. Hoje podemos discutir e ver, primeiro, qual a relação entre *ser* e *valor*. Dissemos que os valores não acrescentam nem diminuem ser às coisas, não foi Bruco?

– Isso mesmo.

– E você está firme nisso ainda, ou já modificou esse modo de pensar, depois que teve tempo de meditar sobre o assunto?

– Não pensei nada que viesse a mudar esse parecer.

– E qual é a coisa mais valiosa para o homem ?

– Bom... Se eu fosse religioso, diria que é Deus. Mas isto, além de tudo, me levaria a tratar dum assunto que transcende minhas capacidades cognoscitivas. Arrisco, então: os valores máximos são os morais.

Meditando um pouco, comentou o mestre:

– Moral é tudo o que se refere a alma; ora, os sentimentos são vivências da alma; logo, estas vivências psicológicas e morais se confundem com os valores que são objetivos, axiológicos.

– Neste caso, tornou Bruco, reduzo a amplidão do vocábulo moral, e ponho a questão nestes termos: os valores máximos são os éticos, visto como estes dizem respeito à conduta. O homem é o único ser, na Terra, portador de valores éticos. Por isso, de todos os seres, o homem é o mais alto.

Surpreendido pela conclusão de Bruco, maliciosamente, reperguntou Árago a sorrir:

– Logo, o possuir valores éticos faz do homem o ser mais alto que todos os demais seres?

– O senhor já me está encurralando! Se digo que os valores éticos dão ao homem mais ser que os demais seres, torno-me incoerente, pois afirmei antes que os valores não acrescentam ser.

Se digo que os valores éticos não acrescentam ser ao homem, o senhor concluirá que todos os homens têm igual ser, seja ele um pré-homem macacóide, seja um gênio, seja um serafim. Admitido que há uma escala de seres que vai do não-ser a Deus, todos os seres estarão distribuídos por essa escala, não fazendo exceção o homem. Como os homens são diferentes quanto às qualidades, tenho de admitir que o são quanto ao valor. Evoluir é valorizar-se; é adquirir valores cada vez mais altos, intelectuais, estéticos e éticos. Por conseguinte, o gênio, porque possui estas qualidades, tem mais valor do que o pré-homem pitecóide, na proporção em que um galo vale mais que um ovo. Portanto, sou forçado a retificar minha afirmação anterior, e dizer que os valores acrescentam ser.

Sorrindo, astutamente, comentou o mestre:

– Você quer dizer, então, que as verdades são relativas, e uma afirmação nossa nunca é um absoluto. Provisoriamente você disse que os valores não acrescentam ser, porque, dizer o oposto, implicaria em ter de provar uma coisa para a qual não se tinham ainda feito os desenvolvimentos necessários. É isto?

– Perfeitamente.

– Então, afirmar que os valores não acrescentam ser, foi mero recurso dialético semelhante aos artificios matemáticos sem os quais algumas equações não se resolvem. É assim?

– Exato.

– Diria você, então, que o valor duma árvore, por exemplo, começa na semente que nasce, cresce, desenvolve-se, chega à plenitude de ser, depois decai, envelhece, morre em pé, e finalmente cai, apodrece, desfazendo-se em adubo para nutrição de outras árvores; a escala do seu valor acompanha todo este desenvolvimento natural, de modo que o máximo valor da árvore coincide com a sua plenitude de vida, de ser. E tal como ocorre com as árvores, os pré-homens das cavernas fizeram instrumentos, descobriram o fogo que o raio acendeu na floresta, viveram dos achados, criaram riquezas com as próprias mãos, desenvolveram as trocas de utilidades, forjaram o dinheiro, organizaram civilizações, valorizaram-se pelas técnicas, pelas artes, pelas ciências, imaginaram filosofias e religiões, legislaram códigos de ética e de direito, tornaram-se, alguns, gênios, heróis e santos, e rumam agora para as mais altas criações do espírito. E pondo lado a lado um troglodita e um Einstein, este vale mais que aquele, apesar de ambos serem homens. Está certo isto, Bruco?

– Claro que está.

– Logo, São Francisco de Assis é mais ser do que um pré-homem simiesco, porque vale mais?

– Que dúvida!

– Então os valores acrescentam ser?

– Isso é axiomático!

– E como se explica que os valores, não sendo ser, acrescentam ser às coisas ?

Benedito Bruco ficou pensativo, por certo tempo, respondendo a seguir:

– É mais fácil perguntar que responder. Vejamos como se sai o senhor dessa enrascada!

– Saber perguntar, prezado Bruco, é já saber por metade! Adquirir valores é o mesmo que subir na escala do ser, mas a primazia não está nos valores e sim no ser, neste recaindo o acento enfático; não são os valores que fazem o ser, senão que este faz os valores, isto é, em se fazendo a si mesmo pelo trabalho, pelo esforço contínuo, ascende na escala dos seres que corresponde à dos valores. Uma árvore vale mais do que uma semente, porque incorporou mais seres na sua organização, no seu ser; tudo o que está na árvore, e falta na semente, acrescenta ser àquela, e o valor segue em paralelo a esta aquisição crescente de ser, até sua plenitude. O que se juntou à semente não foram valores irrealis, porém coisas autênticas, mensuráveis e pesáveis; e cada coisa incorporada tinha já seu valor em separado, e, com a organização, mais se exaltaram. A árvore apresenta-se, finalmente, como um valor-produto, e não como um valor-soma. Assim, também, com o homem-símio que, em milhões de anos, se transforma em gênio. Ele incorporou, em si, experiências, construiu-se nas lutas e tribulações, ampliou a inteligência, desenvolveu a técnica, forjou códigos, organizou-se em ser social, em sociedades, em Estado, conheceu-se como substância das formações coletivas superiores das quais ele é simples célula. E ninguém vai pensar que todas estas aquisições não tenham ser. Uma bactéria está para um homem primitivo,

assim como uma célula especializada e integrada de um organismo vivo está para você, prezado Bruco; uma célula nervosa do nosso córtex cerebral tem que valer mais do que uma ameba, e esta mais valia guarda relação com o mais ser da célula nervosa. O mais ser da árvore, em relação à semente de que proveio, pode ser averiguado com a balança e com o metro; o mais ser de Goethe em relação a um homem-símio, não pode ser demonstrado com a balança nem com o metro, mas pelo poder da inteligência, do coração, da sensibilidade, da moral, da organização, enfim, do ser gênio, e não, macaco. Não é, logo, o mais valor que acrescenta mais ser, porém, o mais ser que representa e lastreia a mais valia. O mais valor decorre do mais ser, e não, vice-versa; não é o ser que nasce do valor, senão o valor que brota e se sustenta do ser. De maneira, prezado Bruco, que minha proposição que o embarrancou, era capciosa; eu disse: como é que os valores, não sendo ser, acrescentam ser às coisas? Não é assim que eu deveria perguntar, – e cuidado com as ciladas que algumas perguntas armam... Não são os valores que acrescentam ser, senão que os seres, em crescendo na escala, em se fazendo, em se subindo, adquirem mais valor. Acha ainda, Bruco, que os valores acrescentam ser às coisas ?

– Ah! agora o senhor não me pega mais! Os valores não acrescentam ser, porque não são. A mais valia dum coisa *decorre* do seu mais ser. Uma árvore bela possui mais ser do que uma feia, depauperada, exausta de vida, prestes a morrer. E duas árvores plenas de vida, uma bela e outra feia, hão de pertencer a espécies diferentes, sendo a mais bela mais ser, porque mais evoluída, mais complexa, mais realizada no reino vegetal.

– Muito bem, Bruco. Agora está completo aquele pensamento que progredia e ficou interrompido em nosso estudo passado, a espera de ulteriores desenvolvimentos de que dependiam. Então, qual é o ser mais valioso em nosso mundo ?

– O homem. Agora não temo ciladas. Considerando que nenhum ser na Terra é maior que o homem, este é o princípio e o fim de todos os valores, e é em relação a este padrão supremo, que todos os demais valores hão de ser considerados.

– Vamos ver, então, como esse homem concebe o seu mundo de valores?

– Vamos.

– Por onde me aconselha devemos começar?

– Proponho comecemos pelos valores úteis, por serem mais objetivos.

Árago se pôs profundamente a pensar, depois do que exclamou:

– Seja então. Que são os valores úteis?

Após considerações silenciosas, Bruco arriscou um definição:

– No próprio nome acho que temos a definição, pois se são *valores úteis*, não podem ser senão *utilidades*. O que não serve para nada, não pode ser considerado *valor útil*. O valor dum coisa sugere ao homem o desejo de possuí-la; a desejabilidade dum coisa guarda estreita relação com a utilidade, com a usualidade dela; por isso, desejabilidade, utilidade, usualidade, valor útil, conquanto não sejam palavras sinônimas, são palavras afins.

– E acha você que os valores úteis possam ser absolutos, isto é, válidos para todos os homens e para todas as épocas, e ainda para todos os momentos de nossa vida?

– De modo nenhum. Os valores variam de acordo com a psicologia dos indivíduos, e ainda, de conformidade com os momentos psicológicos de um mesmo indivíduo. A realidade dos valores é aparente ou puramente psicológica, não estando neles próprios, senão no espírito que os considera ou não como valores. Nenhum bem útil pode ser mais desejável do que um cantil d'água, para quem morre de sede num deserto. O Cavalo de Tróia foi considerado como um valor religioso, ou seja, uma dádiva dos gregos à deusa Palas, e, por isso, em procissão, os troianos o conduziram para dentro das muralhas da cidade; porém, depois que se viu Tróia em chamas, e depois, em cinzas, que troiano havia de confirmar que o presente dos gregos era valor? Tornando ao teatro da vida, para castigo seu, que juízo faria dos valores o espírito de um faraó, ao ver violada sua pirâmide que julgara inexpugnável, suas imensas riquezas roubadas e sua múmia sacrilegamente desfeita em pedaços? Tanto suor, e sangue, e lágrimas de milhares de escravos, e sobretudo tantas mortes, para nada? O Egito foi uma dádiva do Nilo, e as pirâmides consistiram no “presente de grego” do mesmo Egito, pois elas, em massacrando e matando o povo, foi a causa de sua ruína e destruição. O que o Nilo generoso deu, as pirâmides do egoísmo tiraram para lição e exemplo de que os valores hão de ter um sentido social, ou serão desvalor!

No individualismo, portanto, reside todo o mal social do mundo, e no socialismo democrático ou no comunitarismo cristão, todo o remédio. E faço a seguinte distinção entre socialismo e comunismo: no primeiro o capital é democratizado de fato, e este ponto é alcançado sem violência, e, portanto, lentamente, pela educação que desenvolva a consciência da divisão do trabalho; no segundo, objetiva-se alcançar isto mesmo, porém, por meios violentos de revolução. O socialismo segue um processo natural de desenvolvimento, e nasce do próprio capitalismo pela ingerência progressiva nele do intervencionismo estatal. Não se pode dizer que o socialismo seja uma doutrina econômica, como o não é o capitalismo; ambos representam estágios de evolução do processo econômico. Já o comunismo é uma doutrina econômica, visto que elaborada, a priori, e imposta, depois, pela força; por isto não passa de variante do desenvolvimento histórico que, se deixado livre, iria dar no socialismo, e não, no comunismo antinatural, artificial. Daí o revisionismo russo da Doutrina de Karl Marx, que tanto tem escandalizado a China. O capitalismo é a exploração de muitos por poucos; o comunismo, fazendo praça de acabar com a exploração do homem pelo homem, criou uma terrível máquina estatal em que alguns exploram todos. Anulando o estímulo da propriedade privada, a produção agrícola caiu, obrigando as nações comunistas a se fazerem importadoras de quase tudo. Corre até uma piada a este respeito: se todas as nações se fizerem comunistas, dizem os russos, onde obteremos alimentos? Isto obrigou os dirigentes soviéticos a tornar atrás, criando, de novo, o estímulo da propriedade, e isso é o que a fanática China não tolera. O governo é impotente para fazer justiça, premiando o esforço dos melhores, porque ele só pode saber quem é o melhor por informação – boletins de merecimento –, e esta informação é subjetivamente dada pelo chefe imediato. Disto decorre que mais vale ser bajulador, e tornar-se afilhado, protegido, favorito do chefe, do que esforçar-se, valorizar-se pelo estudo e pela dedicação. E não me queiram vocês ouvir-me sobre o que sei a este respeito; não esquecer que sou íntimo amigo de um funcionário público, por sinal, professor e escritor, pertencente à União Brasileira de Escritores. E deu ele disto conhecimento aos seus superiores hierárquicos; pois toupeiras eram postas nos cargos de chefia, enquanto que ele, apesar dos elogios que se podem ler, ainda agora, no Livro de Termos de Inspeção de sua agência, e das notas máximas que sempre recebeu em seus boletins, continuou sempre como simples agente postal, sem nunca, ao menos, ter sido convidado para um cargo de mais relevância. Sua inteligência, e cultura, e dedicação, foram desperdiçadas pelo serviço público. É, ou não é, que mais vale uma boa puxada de saco, do que o esforço e a dedicação de toda uma vida? Se tal acontece num simples órgão socializado como são os Correios e Telégrafos, que será numa nação inteira? Se fazer justiça é impossível num simples órgão socializado, como fazê-la num país? Conheço um moço que é músico da Banda da Força Pública. Perguntei-lhe se continuava dedicado, como antes, aos estudos do seu instrumento, ao que me ele disse que não. Ora, por que? Porque, respondeu-me ele, se me dedicar, primeiro, serei invejado e perseguido pelos colegas, e logo-logo posto na rua por falsos testemunhos de má conduta, como já vi acontecer; segundo, se não suceder isto, ficarei como solista, com enorme responsabilidade, sem maior ordenado, e sem licenças, visto que os solistas são sempre os indispensáveis. Assim a regra é ser medíocre... e é o que tenho me esforçado por ser. Eis que, a custo, consegui sufocar os meus anseios, tendo eu o cuidado de enterrar o meu talento... no lenço, como o homem da parábola; só que lá, foi pedido contas, premiando o melhor e punido o vadio; na Banda, pelo contrário, quem se expõe e aparece não tem prêmio; e o que se oculta, livra-se da responsabilidade do solista, ganha a mesma coisa que este, e pode, vez por outra, entrar de licença. Depois disto, quem ousaria falar-me de comunismo? – interrogou Árago, alteando a voz, a Benedito Bruco.

Fez silêncio o socialista Benedito Bruco, e Árago fez-lhe nova pergunta:

– E quais são os valores úteis primaciais?

– Os valores basilares são os que sustentam e garantem a vida. Por isso é que se fala em artigos de primeira necessidade, e em artigos de ostentação cuja finalidade é só a de agradar a vista, ornamentar a pessoa que o usa, suscitando a admiração, o respeito e a inveja dos demais. Já o vestuário de pele de urso e as gorduras de focas são utilidades necessárias, vitais, para os esquimós, de nada servindo para os africanos que vivem sob um sol abrasador.

– E as riquezas, Bruco, como as define você?

– Riqueza é tudo o que significa valor; são coisas materiais de utilidade para os seres humanos. Enquanto que os valores não têm ser, mas valem, as riquezas têm ser, são realidades objetivas sobre que se apoiam seus valores. A riqueza é o sustentáculo dos valores, que por isso subestá a eles. Riqueza é tudo o que pode ser possuído pelos seres humanos. Os valores dão validade às riquezas, porém estas são coisas objetivas, palpáveis, mensuráveis, concretas, materiais. A riqueza é a posse, a propriedade, à qual se atribui valor.

– E quais os meios de se obter riqueza?

– Pela ordem da evolução da humanidade: achando, roubando, recebendo em dádiva, fazendo e comprando. Os homens primitivos saíam a procurar os frutos naturais da terra e a caçar; e dado que encontravam alguém com boa provisão de achados, roubavam-nos, ainda que, para isso, tivessem que tirar a vida a esse alguém. Os homens das cavernas faziam como fazem os animais, que vivem de achados e de rapinas. Depois aprenderam a trocar parte de seu achados, por parte dos achados de outrem, formando destarte pequenas comunidades, comunidades tribais, em que a divisão do trabalho de achar coisas ficava dividido entre os membros da tribo. Para capturar as presas de grande porte, agiam em conjunto, e dividiam-nas entre si. Para isto usavam machados e facas de sílex, acontecendo que alguns se ocupavam de procurar estas coisas já prontas, nas pedreiras. Assim, nasceram os primitivos artesãos que com umas pedras rachavam outras, até que algumas lascas saíssem com formas apropriadas ao uso. Estes utensílios tinham valor pelo que serviam, e por isso eram trocados por frutos e caças. A classe dos artesãos se especializava, e os machados e facas toscos de pedras lascadas, foram superados pelos instrumentos de pedras trabalhadas primeiro, e polidas depois. Todavia, as condições de umas tribos não eram iguais às de outras; e como o roubo era uma forma perigosa de prover-se, porque cada uma defendia o seu, as tribos começaram a trocar entre si suas utilidades, dentre as quais, as mulheres. Deste modo as mulheres eram vendidas, isto é, trocadas por outros artigos de consumo; porém, sempre que o forte de uma tribo encontrava o fraco de outra, o roubo era inevitável, fosse de utilidades, fosse de mulheres, fosse do próprio fraco que era apesado e ia servir de escravo... ou de comida... ou de hóstia sacrificada ao deus tribal.

– E o dinheiro, Bruco, como surgiu? interrogou o mestre.

– Surgiu da necessidade de se encontrar um denominador comum de valor, universalmente aceito por todas as tribos. Pontas de lança, facas, machados, carneiros e sal (de onde salário, soldo, soldado, etc.) eram utilidades comuns que a todos serviam. Então, possuir bastante destas coisas era ter dinheiro. Mas o homem é um animal vaidoso que sempre quis melhorar sua aparência; por isso, paralelamente ao *dinheiro-utilidade*, surgiu o *dinheiro-adorno*, feito de conchas, pedras especiais, dentes de porco-marinho, penas, peles e dos metais preciosos como ouro e prata nativos.

Silenciou Benedito Bruco em sua exposição, e Árago se pôs a meditar longamente. Rompendo depois o silêncio, interrogou.

– Você não declarou ser o homem a coisa mais valiosa em nosso mundo?

– Sim.

– E como foi considerado esse valor, o homem, através da história?

– Bom. O homem é um egoísta, e seu mundo é o da força e o da astúcia, tudo eufemizado por belas palavras de efeito retórico. Nisto, estou plenamente de acordo com seu irmão Aristides Pandagis. Quando expomos a ele uma idéia social qualquer, um plano econômico, por exemplo, ele arregala seus grandes olhos perscrucientes e pergunta:

– Mas quem é que vai tomar conta de tudo isso? é gente?

– Pois claro que é – respondemos.

– Então não presta, torna ele, porque gente possui os defeitos de gente, e o maior deles é o egoísmo. Ninguém organiza um plano para proveito de outrem; de maneira que toda aquela beleza do plano, se posto em prática, redunde em fracasso. O mundo está cheio de belos e bons planos, assim como de boa intenção, dizem, está forrado o inferno; ou, pelas palavras de Vieira, “o inferno está cheio de bons propósitos”⁴⁸⁰.

E depois de pensar um pouco, prosseguiu Bruco:

– Desde os começos dos tempos, os fortes dominaram sobre os fracos que eram

480 Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 2, 248

escravizados ou comidos. Assim surgiram as nobrezas de sangue, e para se reforçarem no poder, criaram leis que sempre foram os códigos de direito dos leões. A natureza egoísta do homem provém de ele ter-se originado dos animais inferiores, e estes, de outros, até a mais remota origem no caos primeiro. A psicologia do homem, decorrente desta sua história cósmica, telúrica, biológica, não pode ser subestimada em assuntos econômicos; por isso, tenho para mim, que a ciência chamada *psicologia econômica* deve lastrear todo o conhecimento de economia. Como diz P. L. Reynaud, “*a nova ciência independe na mesma proporção tanto da Psicologia quanto da Economia*, pois utiliza as aquisições das duas ciências vizinhas sem estar mais particularmente adstrita a qualquer uma delas”⁴⁸¹. Este é o fundamento, e não há fugir. Não adianta nada imaginar belos programas, e construir maravilhosas doutrinas, visto como os próprios doutrinadores apresentam, com suas vidas, a réplica daquilo que escrevem. Conforme já estudamos num destes nossos serões, o homem pensa de conformidade com os ideais superiores, mas age em concordância com os seus instintos. A eterna luta do Bem e do Mal, do Espírito e da Matéria, do Anjo e da Besta, do Ideal e da Prática, do Pensamento e da Ação, encontra eco no recôndito da consciência, que, não raro, explode na fala de São Paulo que a si se chamava miserável, e dava o porque: “porque (como dizia), não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço” (Rom 7, 19). Também de Sêneca é voz corrente que, de par com o grande pensador que foi, se encontrava um grande corrupto. E conquanto possa ser verdade que ele seja vítima de uma injúria histórica, que “faz dele o modelo de todas as baixezas” no dizer de G. D. Leoni, também pode ser verdadeira a opinião comum a este respeito, porque o pensamento que corre com a pena não tem paralelo com as ações que fazem a vida. Provo.

E consultando algumas notas, continuou Bruco:

– Wagner, “realmente um dos mais estupendos gênios musicais que o mundo já viu” (Album “Aventuras no Mundo da Música Clássica Ligeira”), tinha a pretensão de ser Shakespeare, Beethoven e Platão em uma pessoa só” (op. cit.); contudo a história o revela por documentários de jornais, por arquivos da polícia, pelo testemunho de pessoas que o conheceram e por suas cartas, como “um monstro de presunção” (op. cit.), além de quase irresponsável, inescrupuloso, velhaco e devasso. E por que? Porque, se no gênio se asilava o anjo, no homem comum se acoitava a besta. A boca falava do que tinha em si de anjo, no passo que a vida, a conduta, revelava o rastejar do animal. O mesmo aconteceu com Salomão que deixou, ao morrer, a par de seus “Provérbios” profundos, como coisa que pensava, um harém de mil mulheres como atestado de sua vida de orgias. Até um templo a Astarte edificou esse rei lascivo na montanha do Escândalo, como prova do divórcio entre o que se pensa e o que se faz. Por esta causa, quando a João Batista perguntaram quem era, declarou-se ele como sendo a voz que clama no deserto. Perguntaram-lhe quem era, e ele mostrou o seu ofício, porque o homem não é o que pensa, senão o que faz. “O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é?” pergunta Vieira; e responde: “É o conceito que de sua vida têm os ouvintes”⁴⁸². Pode-se pregar uma coisa e viver outra, porque o homem pensa com a camada cortical, com o seu cérebro recente, mas age com o seu cérebro antigo, primitivo; daí a incoerência entre o ideal e a prática, e o divórcio que divide o homem em si mesmo, tornando-o uma criatura paradoxal “em que o cérebro recente, pensante, “moral” timbra em arrebatá-lo ao poder ao cérebro primitivo, afeito a operar com instintos – um ser em que vivem conseqüentemente dois seres: o animal e o superanimal; que se empenha em se libertar da animalidade e, em virtude desses dois cérebros no seu crânio e da rivalidade entre ambos, é um ser contraditório, “esquizóide”, a primeira criatura em vias de se desanimalizar”⁴⁸³. É por isso que Paulo se considerava miserável, como já disse, e de Goethe ter exclamado: “Ah! Moram duas almas, no meu peito!”. Todavia fale ainda Fritz Kahn:

E folhando “O Livro da Natureza”, e achando o ponto, leu, para todos:

– “Atrás do cérebro recente, ou cérebro anterior delicadamente cinzelado, no fundo da abóbada craniana, jaz como um dragão o cérebro primitivo, ou cérebro posterior: o “bruto no homem”, o centro dos reflexos, a sede dos instintos e das sensações obscuras: fome, sede, fadiga, impulso sexual, instinto de conservação, instinto gregário, todos os instintos englobados na

481 P.L. Reynaud, A Psicologia Econômica, 10

482 Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 1, 54

483 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 438

qualificação de “maus”, como a vaidade, a inveja, avareza, a cobiça, a crueldade, a astúcia”⁴⁸⁴. Mais: “Só quem conhece a fórmula de esquizóide possui a chave para entender, em si próprio e à sua roda, a vida em todas as suas contradições gritantes. O assassino não faz uma questão de consciência de partir a marteladas o crânio da velha compassiva que lhe deu pousada, para lhe furtar alguns vinténs. Ao fechar a porta, porém, o olhar cai-lhe no canário; o homicida volta atrás, despeja o cartucho de alpiste e põe uma xícara de água limpa na gaiola. Uma envenenadora, julgada em 1950 na Alemanha, no espaço de quinze anos despachara desta para a melhor vida, uma dezena de “amigas”, com uma xícara de café. O pastor conhecia-a como pessoa caridosa, freqüentadora assídua do templo. Na cadeia, essa mulher empenhava-se em converter à fé as companheiras. Frederico, o Grande, foi preso por seu pai, pelas suas atividades antimilitaristas. Não podendo ser paladino da paz, tornou-se herói guerreiro; empreendeu guerras de expansão e estimulava os seus soldados, nas batalhas, empunhando o bastão, com a frase que se tornou clássica: “Pretendem não morrer nunca, “seus” malandros?”⁴⁸⁵. Mais: “Bernard Shaw dedicou a sua vida ao ideal de redimir a sociedade humana das suas fraquezas sociais e morais. Ele próprio não só era interesseiro, mas pouco se lhe dava mostrar que o era. Acumulou uma grande fortuna de que – outra vez, o esquizóide – não soube fazer uso; vivia frugalmente como um monge. Nem mesmo os seus subalternos fiéis e dedicados, aproveitaram o que quer que fosse dessa riqueza. Shaw pagava-lhes, pelo contrário, “salário de fome”, contra os quais reclamava nas suas obras. “Ele era o último homem a quem poderia ocorrer a idéia de aumentar ordenados – diz uma sua biógrafa”. – Ocupava-se demais de escrever sobre economia”. “Os ideais dos homens estão, em primeiro lugar, no papel (Bernard Shaw)”⁴⁸⁶. Mais isto: “Shaw lembra muito Schopenhauer de quem tinha quer o senso crítico acerado e a elegância de expressão, quer a extravagância e o egoísmo mesquinho. O filósofo do pessimismo dormia, com o revólver carregado na mesa de cabeceira. Pregava nos seus escritos a futilidade dos bens materiais; era, no entanto, impiedoso na cobrança dos aluguéis; e, no aposento onde escreveu de maneira incomparável sobre triunfar das paixões, atirou uma inquilina escada abaixo, de maneira tão desastrada, que teve de lhe pagar uma indenização”⁴⁸⁷.

E fechando Bruco o livro de Fritz Kahn, falou, olhando para Árago:

– Eis, aí está, o retrato do homem por dentro e por fora, aliás, como o senhor já o fez noutra oportunidade, nestes nossos serões. Pelo visto, de nada vale escrever belas doutrinas econômicas, que só são bonitas no papel. Varrão teve a desfaçatez de confundir o escravo com os instrumentos de trabalho, classificando-o como sendo o de “gênero falante” (o escravo), o “gênero de voz inarticulada” (os animais), e o “gênero mudo” (os instrumentos de madeira e ferro)”⁴⁸⁸. A chamada “Revolução Industrial”, iniciada no século dezoito, foi possível graças ao advento das máquinas automáticas que suprimiram todo o trabalho rotineiro artesanal; e como para operar tais máquinas não era necessário um tipo especial de trabalhador, crianças foram jungidas a elas. “Uma vez que os asilos de menores da Inglaterra e a numerosa prole da classe operária forneciam abundante suprimento desse trabalho a preços muito baixos, sucedeu que as novas fábricas foram largamente providas com meninos e meninas de tenra idade, enquanto os pais deles, privados de mercado para as aptidões que lhes haviam assegurado outrora a prosperidade e a independência, se quedavam em casa, reduzidos à modesta função de cozinhar para os filhos e manter a casa mais ou menos em ordem. As crueldades e barbaridades que se acumularam sobre esses trabalhadores juvenis e os aparelhos inimigos inventados para jungir ao trabalho os seus corpos frágeis, constituem uma das páginas mais negras da história da civilização ocidental. Os salários pateticamente baixos que eles recebiam determinaram um padrão, cujos efeitos práticos e psicológicos nunca puderam ser ainda inteiramente dominados”⁴⁸⁹.

E trocando este livro por outro, prosseguiu Benedito Bruco:

484 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 494 - 495

485 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 495 - 496

486 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 496

487 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 497 - 498

488 P. L. Reynaud, A Psicologia Econômica, 17 - 18

489 Henry Pratt Fairchild, Economia para Milhões, 42

– O campo econômico, como se vê, é o mesmo da natureza bruta, em que os fortes e os astutos levam a palma da vitória e da vida, e os fracos e indefesos, a nódoa da escravidão. Os escravos, como os animais, precisam ser alimentados; os operários, como são “livres” podem esgotar-se de todo e morrer. Assim pensava Charles Dunoyer para escrever: “Os operários são responsáveis por sua miséria, que é muito útil”⁴⁹⁰. E também Molinari: “Do ponto de vista econômico, os trabalhadores devem ser considerados como verdadeiras máquinas que fornecem certa quantidade de força produtora e que exigem recompensa, certas despesas de conservação, a fim de poderem funcionar de forma regular e contínua”⁴⁹¹. J. S. Mill é pela livre concorrência, porque esta “assegura a eliminação dos incapazes pelos mais aptos e constitui um fator de progresso”⁴⁹². Olhar o mundo econômico é o mesmo que fixar as vistas no mundo animal; e assim como Rousseau via no mundo bruto harmonia e beleza, “Bastiat julgava discernir, no mundo econômico, uma harmonia preestabelecida e concede à sua principal obra este título característico: *As Harmonias Econômicas*”⁴⁹³. É assim que Rousseau se expressa: “A natureza oferece-me um quadro de harmonia e proporções, enquanto o gênero humano só me dá confusão e desordem! Reina a concórdia entre os elementos, e nos homens o caos! Os animais são felizes; só o seu rei é desgraçado!”⁴⁹⁴. Os animais, porque se comem uns aos outros “são felizes”, tanto como os homens, pela mesma razão, segundo Bastiat.

Fez uma pausa Bruco, em sua dissertação, depois do que perguntou:

– Continuo?

– Continue... continue... tornou Árago.

– Vieira, fundando-se na doutrina pauliniana da predestinação, deste modo se exprime: “Todos os homens quantos há, e houver, e há de haver no mundo, ou são predestinados que se não de salvar, ou são precitos que se não de perder”⁴⁹⁵. E comenta noutro lugar: “Se os homens soubessem que eram precitos, como desesperados haviam-se de precipitar mais nas maldades; se soubessem que eram predestinados, como seguros haviam-se de descuidar na virtude; pois, para que os maus sejam menos maus, e os bons perseverem em ser bons, nem os maus saibam que são precitos, nem os bons saibam que são predestinados. Não saibam os maus que são precitos, para que não se despenhem como desesperados, nem saibam os bons que são predestinados, para que não se descuidem como seguros”⁴⁹⁶. Assim resolve Vieira, e com ele todos os teólogos católicos, que é impossível saber-se quais os predestinados, e quais os precitos. Mas vem Calvino, e assenta sua doutrina mais no Velho Testamento que no Novo, dizendo que os predestinados à salvação são os que têm riquezas, no passo que os réprobos, os condenados, os perdidos são os pobres que as não têm. A razão é manifesta: sendo Deus onisciente, sabe, de antemão, quais os que se não de salvar, e quais os que se não de perder; e como é impossível que Deus se engane em seus pré-juízos, uns já não de estar condenados, e outros já não de estar salvos.

E depois de refletir um tanto, continuou Bruco:

– Até há bem pouco tempo, acreditava-se que a causa do desenvolvimento dos Estados Unidos em progressão geométrica, e o do Brasil em progressão aritmética, se devia à raça superior dos anglo-saxões que povoaram a América do Norte, e a inferioridade resultante da mistura racial ocorrida na América Latina, seja na parte portuguesa, seja na espanhola. E vem Vianna Moog com uma argumentação irrefragável, e prova, em sua obra “Bandeirantes e Pioneiros”, que o fenômeno nada tem a ver com raça, e se deve a um conjunto de fatores dentre os quais se destacam a orografia, a hidrografia, o clima, a natureza do solo, o passado histórico de ambos povos e a religião. Contra a etnografia Vianna Moog opõe, vitoriosamente, a antropogeografia.

E abrindo Bruco o livro “Bandeirantes e Pioneiros”, começou a citá-lo, ao tempo em que argumentava:

490 Joseph Lajugie, *As Doutrinas Econômicas*, 32

491 Joseph Lajugie, *As Doutrinas Econômicas*, 33

492 Joseph Lajugie, *As Doutrinas Econômicas*, 30

493 Joseph Lajugie, *As Doutrinas Econômicas*, 29

494 Clássicos Jackson, XII, 273

495 Vieira, *Sermões*, Ed. das Américas, 2, 400

496 Vieira, *Sermões*, Ed. das Américas, 6, 399 - 400

– Em toda a Idade Média, que pode ser definida como o milênio da formação da consciência do bem e do mal, a cobiça, a ganância era considerada pecado grave. “Feio como era o pecado do *turpe lucrum*, havia um outro ainda mais condenável: era o pecado danado da usura, isto é, o pecado da cobrança de juros para a formação e acumulação de capitais. Aqui os teóricos da Idade Média eram implacáveis. Equiparavam a usura ao adultério e à fornicção. Monstros de iniquidade, eis a conta em que eram tidos os emprestadores de dinheiro a juros, antes que aparecesse Calvino no plano da história”⁴⁹⁷. Acontece que, “na predestinação calvinista, Deus envia sinais desta prova (a da salvação) com as recompensas que concede ao trabalho, seja em termos de êxito, seja em termos de riqueza. Ora, como ninguém gosta de presumir de condenado, a busca da prova de eleição se torna geral, numa aceleração de trabalho e de procura de riqueza como jamais o mundo conheceu”⁴⁹⁸. Eis como “a religião dominante, que endossava a idéia de que o Senhor recompensa os seus fiéis não só na vida futura mas também neste mundo fortalecendo a doutrina com preceitos tais como “na casa do justo há muitos tesouros”, “a sua alegria está na lei do Senhor... e tudo que ele fizer prosperará”, exaltou ainda mais a posição do homem que granjeia fortuna na comunidade”⁴⁹⁹.

Fez uma pausa Bruco, e vendo que Árago se agradava em ouvi-lo, prosseguiu:

– Num destes nossos serões, eu disse que os homens primitivos, observando a natureza, acabaram concluindo que Deus é Força e é Astúcia, visto que confere a palma da vitória e o prêmio da vida ao forte e ao matreiro; a dor, a tragédia e a morte cabem, invariavelmente, ao vencido, ainda que dócil, meigo e bom. Deus, logo, se compraz na dor, no sacrifício e na morte do fraco, e goza com os vitoriosos das suas vitórias. Então é preciso fazer-lhe holocaustos para que ele esteja saciado, e não venha a enfurecer-se contra todos indiscriminadamente, assolando-os com a seca, com a fome, com a peste e com os cataclismos. Desta idéia surgiu a figura formidanda de Moloch, o deus amonita, ao qual se sacrificavam criancinhas, jogando-as vivas à fomalha aquecida ao rubro, que era a boca do deus. Passaram-se os tempos, porém o homem não passou, continuando a crer no deus da força, no deus que vence, no deus que tem por seus eleitos os ricos e os poderosos da Terra. Estes é que são os puros, os eleitos, no passo que os pobres e desvalidos são os proscritos, os réprobos, os perdidos contra os quais sempre foi lícito praticar toda sorte de barbaridades, como as fizeram os Norte Americanos contra os índios, dizimando-os às duas margens do Mississipi. Por causa da doutrina calvinista de que estavam imbuídos, “a grande maioria, a quase unanimidade, via no índio o filho do demônio, o “homem diabólico que não serve a ninguém senão ao diabo”⁵⁰⁰. “Calvino, pontífice supremo do “levante dos ricos contra os pobres”, dos fortes contra os fracos, dos puros contra os pecadores, é furiosamente contra o pobre”⁵⁰¹. Deste modo, “para o protestante calvinista a fraternidade é irrealizável, porque o mundo está desde sempre dividido entre *eleitos* e *condenados*, entre *puros* e *pecadores*, cabendo aos eleitos e puros descobrir os sinais da condenação e segregar ou eliminar os condenados” E prossegue Vianna Moog:

– “Daí à justificação e aceitação, como fatos naturais, da desigualdade econômica, da doutrina da desigualdade das raças, e, mais tarde à aceitação de forças ocultas mais poderosas do que a vontade e a razão (freudismo), e à concepção da luta de classe, em que triunfará o mais forte (Hobbes, Darwin, Nietzsche, Marx), em contraste com a crença católica e pré-capitalista na possibilidade da fraternidade universal e da justiça social sob a égide da Igreja, a passagem será rápida. E historiadores, sociólogos e poetas para entrever as guerras, a matança de índios, não somente como fatalidade inevitáveis, mas como mandatos da Divina Providência ou do determinismo que traça para os povos “destinos manifestos”, no sentido de que triunfe o mais forte e o mais capaz, nunca mais hão de faltar”⁵⁰².

– É ou não é, concluiu Bruco, que os tempos passaram, mas o homem não passou? O deus que inspira ainda os homens, acaso não é o Moloch amonita? Para Calvino, “a melhor maneira

497 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 58

498 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 65

499 Henry Pratt Fairchild, *Economia para Milhões*, 50

500 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 154

501 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 64

502 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 66

de ser agradável a Deus (que deus?) é acumular riquezas”⁵⁰³. Conquanto o calvinismo nasça do Velho Testamento, o empréstimo ao pobre, sem juros, que Moisés recomenda e Calvino transcreve, não tem absolutamente sentido. Na verdade, de fato, “este empréstimo sem juros aos pobres é letra morta no calvinismo, dada a veemência com que Calvino reprova a caridade e a pobreza. Nisto Calvino é um perfeito banqueiro: só empresta a quem realmente não precisa”⁵⁰⁴.

– “O horror que ele tem ao pobre! Pobreza para ele é sinal de danação”⁵⁰⁵. Calvino “vê na pobreza algo intrinsecamente malsão, sinal invariável de ociosidade. E como deblatera contra a esmola! Condena-a com veemência em quase todas as circunstâncias. A ociosidade do mendicante era ao mesmo tempo um pecado contra Deus e um mal social, e devia ser reprimido com toda violência quanto o jogo, a blasfêmia, os excessos no comer e no beber. As casas deviam ser varejadas pelos censores da comunidade para que não dessem abrigo aos vagabundos e aos viajantes. Na sua guerra ao pobre, ele não distingue as razões morais das razões econômicas”⁵⁰⁶. Cristo disse ser mais fácil passar um camelo pelo fundo duma agulha, do que entrar um rico no céu: pois Calvino inverte os termos da proposição, trocando a palavra **rico** por **pobre**, porquanto estes são os que não entram no céu, por serem já precitos, amaldiçoados por Deus já nesta vida, e depois, na outra. Estes “salvos” já nesta vida, aquinhoados pelo deus Moloch ou deus da força e da astúcia, desenvolveram e aplicaram a doutrina do *laissez faire*, “a qual foi tão entusiasticamente aclamada no início do século passado. Os feios aspectos dessa doutrina econômica são-nos a todos familiares – miséria, pauperismo, os cortiços, greves, moléstias industriais, o crime, o vício, a guerra, e agora “a pobreza em meio da abundância”, e a par de tudo isso, sentimentos crescentes de azedume e hostilidade entre os vários elementos da sociedade”⁵⁰⁷. O deus da força e da astúcia está agora satisfeito, saciado (estaria mesmo?), pois viu postos em prática pelos seus eleitos os seus altos decretos; assim, como ele o quis, “as qualidades que habilitam um homem a lograr êxito econômico em condições de livre concorrência não são necessariamente, nem geralmente, as que fazem dele um membro útil da sociedade. Em vez de a uma excepcional atividade, habilidade e capacidade de administração, é por demais freqüente à excepcional cobiça, astúcia e insensibilidade que um homem deve o seu êxito neste sistema. Ele o deve, particularmente, à sua habilidade e resolução de explorar, tanto os recursos naturais como os seus semelhantes. Na maioria dos casos, verifica-se que o que determinado homem sabe fazer melhor é enganar o próximo”⁵⁰⁸. Isto é o oposto do que sonhavam os Enciclopedistas ao exaltarem a idéia da liberdade, a fé na onipotência da razão, a confiança na bondade natural do coração, e do instinto humano voltado para o bem. Achavam que, “assim, ao buscar o seu próprio interesse, todos agem de conformidade com o interesse geral. Basta, pois, dar liberdade aos homens para que o mundo avance em direção da ordem e da harmonia”⁵⁰⁹. Seguindo nesta linha “Adam Smith, professor da Universidade de Glasgow, publica, em 1776 um *Ensaio sobre a Natureza e a Causa da Riqueza das Nações* que se tornará a Bíblia da Escola Liberal”⁵¹⁰. “Sua *teoria econômica* possui um fundamento psicológico: o interesse pessoal. O motor de toda atividade econômica reside no princípio hedonista que impele os homens à busca do máximo de conforto com o mínimo de esforço”⁵¹¹. “S. Mill preconiza o conceito de *Homo oeconomicus*, este homem abstrato e esquemático, movido exclusivamente por seu interesse pessoal e atuando num mundo de perfeita concorrência. O princípio hedonista incita-o à busca do máximo de satisfação com o mínimo de esforço; esta sistemática procura de seu interesse pessoal concorda com o interesse geral e o seu exercício não deve sofrer quaisquer entraves”⁵¹².

503 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 57

504 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 64

505 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 64

506 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 64 - 65

507 Henry Pratt Fairchild, *Economia para Milhões*, 113

508 Henry Pratt Fairchild, *Economia para Milhões*, 115

509 Joseph Lajugie, *As Doutrinas Econômicas*, 20

510 Joseph Lajugie, *As Doutrinas Econômicas*, 23

511 Joseph Lajugie, *As Doutrinas Econômicas*, 23

512 Joseph Lajugie, *As Doutrinas Econômicas*, 30

E suspirando sentidamente, rematou Bruco:

– Aí está, prezado Árago, a lei da luta pela vida preconizada por Darwin, e a forma que assumiu em nosso mundo cão da economia. Penso não precisar mais desenvolver este assunto ingrato, que me desagrada.

E dizendo isto, fez silêncio, Bruco, pesando seu silêncio sobre todos. Árago ficou por certo tempo pensativo, de olhar perdido no vazio. Recobrando, porém, novo alento, principiou a falar:

– Chegou um dia aqui em Cananéia um homem que dizia chamar-se Pompilio Gerião. Contou-me ele que fora raptado num disco voador, quando caçava perdizes nos campos de Santa Bárbara do Rio Pardo. Deslumbrado pela visão do enorme aparelho circular que vinha ao seu encontro, perdeu os sentidos, vindo a saber, mais tarde, que fora atingido por uns raios hipnogênicos. Quando deu por si, estava já dentro da nave espacial, e esta muito afastada da Terra. Por uma janela ampla enxergou a curvatura do nosso globo verde-azulado, que cada vez mais se tornava menor e visível em seu todo esférico. Até que, após muitos dias de viagem, a uma velocidade vertiginosa, o aparelho bizarro parou na superfície de um planeta desconhecido, cujos habitantes guardavam semelhança com os nossos polvos e lulas. Esses seres superconscientes possuíam apenas quatro tentáculos, dois maiores e fortes como pernas, e dois menores, mais delicados, como braços; todos os membros terminavam por três dedos fortes e flexíveis, como se foram minúsculas trombas elefantinas. Esses seres altamente inteligentes locomoviam-se, em terra firme, sobre os dois tentáculos maiores, fazendo lembrar às nossas bailarinas clássicas. Quase tudo neles era cabeça; a coloração da pele camurçiosa e sem nenhum cabelo, era azul-celeste.

E após tomar novo cômodo na cadeira, continuou o mestre:

– Muitas coisas contou-me Pompilio Gerião a respeito de suas experiências nesse planeta desconhecido; mas, o que importa, para nossos estudos é só isto: havia um computador eletrônico que traduzia sua linguagem para a dos lulóides – assim os nomeara Gerião, por causa da semelhança deles com as lulas. As perguntas dele eram feitas, por escrito, em português, em letras de forma, e o computador as traduzia para a linguagem dos lulóides, e estes também formulavam suas questões por meios gráficos, traduzindo-as a máquina para um português meio esquisito, porém que dava para ser entendido. Ao que tudo indica, Gerião fora seqüestrado para fins de estudo por parte dos lulóides, porquanto fizeram com ele toda a sorte de experiências, sobretudo no que se refere à inteligência, à psicologia e aos reflexos, sem, no entanto, lhe causarem danos nem físicos nem morais. Sua inteligência fora testada exaustivamente, e também o alcance de seus conhecimentos e o limite de sua cultura. E tudo o que ele perguntava, lhe respondiam, pois seu interesse era motivo de estudo e muita discussão ao seu redor, do que ele concluiu que os lulóides inferiam muitas coisas das perguntas que formulava. Pompilio Gerião era economista, e andava aturdido, como nós aqui, com as muitas doutrinas econômicas que acabam por não solucionar a questão da felicidade do homem sobre a Terra. Orientando suas indagações para este lado, explicaram-lhe que, também, como os terrícolas, nunca puderam entender-se quanto à economia política, até o advento da “Máquina Suavizadora” dos instintos. Até então, haviam experimentado todas as possíveis doutrinas econômicas, mas nenhuma dava o resultado esperado, por causa do egoísmo natural, sempre à espreita para burlar os esforços. Depois, um gênio chamado Kákio Kudinger inventou u’a máquina sumamente complicada, que produzia uns raios invisíveis; submetido às suas radiações, o egoísmo era cerceado pela inibição das fibras associativas cerebrais, que comandam o impulso egoístico, e esta operação se fazia até o limite vital; além deste limite, havia o perigo da destruição da personalidade pela ausência total do egoísmo; neste caso, o paciente nem sequer se defendia contra qualquer destruição, visto como se extinguiu nele, com o egoísmo, o próprio instinto da autoconservação. Deslumbrado com esta maravilha, Pompílio pediu para ser submetido aos tais raios, no que foi prontamente atendido; verificou, daí em diante, que lhe era completamente indiferente viver ou morrer, estar na Terra ou junto dos lulóides. Faltava só, como lhe explicaram, ser reeducado em base do altruísmo, porém, os lulóides desfizeram o feito, para que Gerião, ao tornar à Terra, pudesse conviver com os terrícolas egoístas. Explicaram-lhe que se ele fosse devolvido à Terra naquele estado consciencial próximo ao dos anjos, seria, sem remédio, explorado e destruído. Tal é o

que acontece em seu mundo, disseram-lhe, aos que, pelo esforço da mente, conseguem chegar à angelitude. Pelo estudo que fizemos da sua pessoa, e pela ciência que temos da vida primária como é a do seu mundo, concluímos que, na Terra, vigora ainda a lei natural da força e da astúcia, tudo arditamente velado pelos refinamentos e eufemismos. A justiça, conforme nos foi dado observar através de nossa pesquisa, se apoia na força, e o vértice, em que se equilibra a balança do direito, é a ponta aguda duma espada. Em seu mundo, disseram-lhe, quem for astucioso e forte vence, visto como forja situações e compra falsos – testemunhos. Em economia política, o capitalismo é a exploração de muitos por alguns, e o comunismo, também, ou seja: não passa da exploração de todos por uma classe oligárquica, que não abre mão, do poder discricionário. Por tudo isto, nossa “Máquina Suavizadora”, tornando atrás no feito, repôs sua personalidade no egoísmo anterior, indispensável à convivência com outros egoístas do mundo como é o seu. Isto me contou Pompílio Gerião.

Fez silêncio o mestre, e ficou a esperar se alguém se dispunha a defender a tese contrária. Todavia ninguém ousou impugnar ou refutar esta doutrina dos lulóides. Então, retomando o filósofo a palavra, prosseguiu:

– Esta, a dos lulóides, é a quarta inversão copernicana. A primeira foi a do próprio Copérnico que argumentava: uma vez que, considerando a Terra como centro do sistema planetário, os problemas astronômicos não se resolvem, basta inverter e considerar o Sol, e não a Terra, como centro, e tudo o mais se aclara. Vem depois Kant com a segunda, e diz: visto como não pode ser que as coisas nos enviem as suas essências, temos de inverter o enunciado e dizer que nós é que pomos às coisas as suas essências. A terceira inversão nossa é a que diz: desde que a evolução se positivou como fato irrefragável, demonstrado, sem contestação racional, que tudo procedeu do caos, ou a involução e queda do espírito se impõe, e a moral se mantém, ou não há Deus, ou há, e ele é Moloch do qual não pode decorrer outra moral que não seja a de Trasímaco, Machiavel e Nietzsche. A quarta inversão copernicana (como quaisquer outras) decorre da terceira, e pode ser assim enunciada: se, como ficou demonstrado, dentro do egoísmo não há salvação possível para o mundo, e todas as doutrinas econômicas redundam em estulto palavrório, não há outro remédio senão aceitar a doutrina oposta à do egoísmo, que é a do amor. Amor quer dizer altruísmo, e só por aqui o mundo se há de salvar. Deste modo o antigo problema dos escolásticos de novo se coloca, porém de forma diferente.

– Mas isso é uma utopia, prezado Árago, tornou Bruco, visto representar a inversão do egoísmo natural do homem!

– Utopia ou não, este é o caminho, e não há outro. Ademais, como já o disse Fritz Kahn, “a utopia de ontem é a isotopia de hoje”⁵¹³. A realidade vai ocupando o lugar das fantasias de outrora. O que afirmo acontecerá infalivelmente, não a curto, senão a longo prazo, na medida em que o homem se for desanimalizando. Como já o expôs, aí, o nosso Bruco, na Idade Média, a propriedade, a usura, o apetite de ganho, a cobrança de juros por dinheiro emprestado, tudo era considerado imoral. Refutando Karl Marx, pergunta Vianna Moog: “Não será antes o caso de afirmar que não são os fatores econômicos os que governam a história, senão os religiosos, uma vez que foi o protestantismo e sobretudo o calvinismo que, modificando os conceitos escolásticos sobre a propriedade, o dinheiro, o trabalho, a usura, possibilitaram o advento do capitalismo?”⁵¹⁴. A ética é que disciplinava a economia e não vice-versa. Jamais, nunca, passou pela cabeça dos escolásticos que a economia viria tornar-se numa ciência autônoma, numa ciência do egoísmo, completamente desligada e despreocupada dos aspectos morais. Preocupados só com os problemas de Deus, os pensadores medievais se postavam no pólo oposto ao da matéria em que a economia política se lastreia. Os bens materiais, porque servem ao corpo, como este, eram tidos como meros instrumentos para alçar-se a um fim mais alto – a salvação da alma. Tudo havia de ser para a glória de Deus – *ad majorem Dei gloriam*. Lá está a escultura, a pintura, a literatura, a música e a filosofia para o atestarem. Toda a Idade Média é uma réplica iniludível ao princípio de Karl Marx segundo o qual “a história se processa preponderantemente em torno dos fatores econômicos”. Se o estudo de uma simples fase histórica, como é a do capitalismo, nos autoriza fazer tais generalizações, poderíamos apresentar

513 Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 68

514 Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 67

o enunciado marxista nestes termos: *a história se processa preponderantemente em torno dos valores religiosos*. E dito isto, poderíamos ir à mais remota antiguidade buscar as provas antropológicas, pois o que diferenciou o homem dos símios é o misticismo. A antropofagia que serve hoje como caráter específico tipicamente humano, para classificar os achados antropológicos mais antigos, tinha suas raízes no misticismo. Não foi só a capacidade de fabricar instrumentos – *homo faber* (Bergson), nem a linguagem – *homo loquens* – pela qual se capacitou o homem a transmitir idéias por palavras articuladas e símbolos; não foi, torno a dizer, só estas duas qualidades que caracterizaram o humano, mas, sobretudo, a *antropofagia mística* pela qual se incorporavam, conforme se acreditava, as qualidades do morto. O homem místico coexistiu sempre como o *homo faber* e com o *homo loquens*. Não, Henry Berr, não são só a mão e a língua que fizeram a humanidade! sobretudo a fé a fez!... Nós agimos segundo uma fé... como diz Ortega Y Gasset: nós sempre estamos nalguma crença; ou cremos em Deus, ou cremos na matéria; mas, sempre, nalguma coisa cremos. Tem razão Levy Bruhl: o primitivo se debatia na fase mística da pré-lógica, e desta se passou de “grau em grau” (Durkheim) para a fase lógica dos povos superiores. Não querendo admitir por verdadeira a hipótese que Augusto Comte deu como sendo a lei dos três estados, temos, contudo, de admitir que o estado teológico foi o primeiro da humanidade nascente. De onde é que Vianna Moog foi desencavar isso, de que há “tribos e povos” que transitaram do estado metafísico para o positivo sem conhecer o teológico? (Bandeirantes e Pioneiros, 48). Teria ele chutado isso? Essas “tribos e povos”, acaso, não tiveram passado? A ser verdade isso, essas “tribos e povos” não surgiram do pitecantropo, e por isso não deveria ter praticado a antropofagia, pelo que se conclui que devem ter tido sua origem nos deuses... e só por isto não conheceram o estado teológico (!)...

E concluiu o filósofo após suspirar numa pausa:

– Onde é que está, então, que a “história se processa preponderantemente em torno dos valores econômicos”, segundo Karl Marx? Não é mais acertado, então, trocar, na frase, a palavra “*econômicos*” por “*religiosos*”? tendo em vista que a fase mística da humanidade durou muito mais tempo que a econômica? Como temos visto, a Idade Média é pré-capitalista; depois vem Calvino e estabelece que “a melhor maneira de ser agradável a Deus é acumular riqueza!”⁵¹⁵. Eis de novo, aí, economia confundindo-se com a religião. Todavia, não preciso me adentrar nisto, por já tê-lo feito, Bruco. Mas, que é economia política, Bruco?

– Ora... ora... Está tão bom ficar só aqui a ouvi-lo..., e o senhor me obriga ao esforço de definir? Contudo... vá lá; é a ciência que trata da produção, distribuição e consumo das riquezas. Todavia, como a doutrina do *laissez faire* produziu frutos desastrosos, por causa do egoísmo natural do homem, da economia política brotou o galho da *economia social* cujo principal objetivo consiste em defender os direitos de cada um, em dar ao trabalhador melhor salário, aos menos aquinhoados da sorte, os meios de trabalhar, e aos fracos, indefesos e doentes, assistência e proteção. Hoje o crescente intervencionismo estatal substitui a doutrina do *laissez faire*.

– Bom. Isso que se procura hoje alcançar pela justiça social, pelas leis que procuram pôr cobro aos abusos, um dia será alcançado pela compreensão e pelo amor. E há, neste sentido, o exemplo de iniciativas individuais, como é o caso de Henry Ford. Diz Vianna Moog que os americanos “reconheciam nele o pioneiro, o ianque, o industrial que, com seu novo tipo de capitalismo, tornara o comunismo algo obsoleto no momento mesmo que nascia, uma vez que tudo quanto a Rússia prometia aos trabalhadores para o futuro distante – salários altos, preços baixos, igualdade civil, fraternidade econômica – com o sacrifício das gerações atuais e das liberdades já conquistadas – Henry Ford, com o sangue novo que injetara no capitalismo, já estava dando às gerações atuais, sem sacrifício da liberdade. Só mesmo sujeitos irremediavelmente perdidos para a capacidade de admirar e aplaudir podiam ter dúvida e restrições quanto à contribuição de Ford para o melhoramento geral da humanidade”⁵¹⁶. Deste modo Henry Ford mostra, na prática, em que sentido deve ser orientado o intervencionismo que é “a corrente de pensamento desencadeada pelas misérias da Revolução Industrial e geradora da moderna legislação de defesa dos trabalhadores”⁵¹⁷. “O industrialismo assemelha-se ao aprendiz

515 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 57

516 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 24 - 25

517 Joseph Lajugie, *As Doutrinas Econômicas*, 41

de feiticeiro da lenda, que liberta, na ausência do seu mestre, os gênios malfazejos, e não sabe como detê-los”⁵¹⁸. Pois Henry Ford é o mago, o mestre consumado, que põe cobro aos abusos dos gênios do mal. Com Ford, o liberalismo deixou de ser uma utopia, desde o momento em que esse grande homem trocou o princípio do *interesse pessoal* pelo do *interesse coletivo*.

E pondo Árago de novo os olhos no livro, continuou a lê-lo para os presentes:

– “O *liberalismo* é uma utopia, pois baseia-se em quatro princípios contraditórios: o interesse pessoal, liberdade, concorrência, responsabilidade. Ora, o interesse pessoal pode levar os homens a usar a liberdade para restringir a concorrência e evitar as responsabilidades. Portanto, abandonado às suas próprias forças, o sistema não se apresenta em equilíbrio. Urge a intervenção do Estado no campo da produção, da moeda, do comércio internacional e do salário. Mas é preciso ir até o socialismo? Não.”⁵¹⁹. Ford o demonstrou que não, simplesmente com trocar o *interesse pessoal* pelo *interesse coletivo*. Esta consciência norteará o homem do futuro, e a concorrência também será trocada pela colaboração. Este, o humanismo econômico. “Tal concepção leva, em essência, a encarar o homem, não só como mero indivíduo e não só como mera célula social. Opondo-se ao individualismo liberal, apenas preocupado com o interesse egoísta, do homem tomado separadamente, e com as suas necessidades materiais, ela procura considerar as suas necessidades morais e intelectuais, sem isolá-lo das comunidades naturais a que pertence (família, profissão, nação). Combate, igualmente, os totalitarismos materialistas que vêem no homem um simples meio de produção e para os quais a sociedade constitui o exclusivo fim; ela considera, ao contrário, que a pessoa humana tem finalidades próprias e o direito de florescer plenamente e que, para tanto, deve receber a ajuda da organização econômica e social”⁵²⁰. Isto já está deixando de ser utopia, precisamente onde floresceu com mais força o capitalismo. A este respeito recomendo a que vocês leiam o capítulo V da obra *Bandeirantes e Pioneiros* de Vianna Moog, sobretudo do tópico 4 em diante. Alguma coisa disso, todavia, vamos ver aqui, se bem que de modo fragmentário. Aqui esta: “Atente-se, para não ir longe, no violento contraste entre o pessimismo da civilização americana dos primeiros tempos coloniais e o otimismo aparentemente definitivo da civilização americana atual. O contraste entre o pessimismo calvinista e a atual crença na possibilidade de aperfeiçoamento do homem e da humanidade, por sua própria iniciativa e diligência, não podia ser maior. Chega a ser chocante”⁵²¹. Intransigentes em matéria de negócios, “acene-se-lhes, porém, com um princípio humanitário, e os rochedos, abalados, vão verter a longa distância, na Europa, na Ásia e até na América Latina e na África, a cornucópia dos seus dólares”⁵²². Enquanto no mundo dos negócios vigora a férrea lei darwiniana da vitória do mais forte, o norte americano sonha com algo muito mais alto, qual seja a “possibilidade de aperfeiçoamento moral, com a conseqüente aceitação dos princípios cristãos de fraternidade, humildade e igualdade”⁵²³. É assim que “de George Washington a Eisenhower, nenhum galgou o poder tão-somente com os seus títulos de sucesso mercantil. Vale isto dizer que, paradoxalmente, “na civilização talvez mais dominada por homens de negócio, estes têm de renunciar à esperança de serem reis”⁵²⁴. Conquanto Polk tivesse adquirido o Estado do Texas ao México, “nem por isso o seu nome é um nome maiormente reverenciado. E Jefferson, certamente não é por ter comprado a Luisiana a Napoleão que é lembrado, senão por ser o autor da Declaração dos Direitos do Homem. Não são, pois, os presidentes da fase dos grandes negócios os que a América reverencia e ama. Os seus grandes presidentes são os das mensagens morais – George Washington, Andrew Jackson, Abraão Lincoln, Woodrow Wilson, Franklin Delano Roosevelt. Neles é que a América se revê”⁵²⁵. “No terrível debate da Liga das Nações, em que os Estados Unidos e a Europa são chamados a definir-se acerca dos problemas da paz, Wilson é o antimachiavélico por excelência, o homem novo da América. Ele não parte para a Conferência da Paz com palavras de ressentimento ou de

518 Joseph Lajugie, *As Doutrinas Econômicas*, 42

519 Joseph Lajugie, *As Doutrinas Econômicas*, 99

520 Joseph Lajugie, *As Doutrinas Econômicas*, 144

521 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 208

522 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 209

523 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 209 - 210

524 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 210

525 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 211

ódio para com o vencido. Pelo contrário, todo ele é um apelo em favor do entendimento sincero entre os homens e as nações. O tempo não era para retaliações ou reparações, mas para sarar as feridas da guerra. Em lugar de exprobrar o vencido, estava empenhado numa missão mais alta: cuidar das viúvas e dos órfãos, amparar os necessitados, assistir aos enfermos e estabelecer a segurança e a paz entre as nações. A sua mensagem: esquecer o passado e construir tudo de novo, à base dos seus catorze princípios, os famosos princípios wilsonianos. Tinha tanta confiança na força persuasiva desses princípios que, aconselhado a fazer-se acompanhar por senadores republicanos, homens práticos e de grande experiência em assuntos internacionais, medida política que lhe asseguraria o apoio da retaguarda, repele terminantemente a sugestão: “já há tratados demais feitos por homens práticos”⁵²⁶. As raposas da maquiavélica e velha Europa, “certo, já tinham ouvido falar vagamente num país onde existira um certo Abraão Lincoln e um certo Thomas Paine, e onde os visionários podiam amanhecer no poder. Mas agora era diferente. Estavam em presença de um desses raros exemplares da fauna americana. E não acabavam de acreditar no que viam, pois um tal homem não podia existir”⁵²⁷.

– “Entretanto (continua Moog), o homem existia, e era apenas o presidente dos Estados Unidos da América. Mas, apesar de todas as evidências, após os primeiros encontros com Wilson, Clemenceau ainda teimava: “Wilson está blefando”. E, quando ele e Lloyd George por fim se capacitaram de que tudo aquilo não era blefe, mas a projeção sincera de profundas convicções, quase se dão ao desespero”⁵²⁸.

– “Logo, porém, se refazem. Ei-los agora, astutos e formidáveis estrategos de combinações políticas, a solapar o plano de Wilson. Daí a luta lenta, pertinaz, esgotante, em que Wilson, combatendo em duas frentes – de um lado contra os maquiavéis da Europa e do outro lado contra os isolacionistas e reacionários da América – não levaria a melhor. As reservas de energia física de Wilson acabariam esgotando-se. Sobreveio o primeiro colapso. Uma primeira transigência, arrancada a um homem enfermo, acarretaria a segunda. E, assim, de transigência em transigência, de capitulação em capitulação, chegar-se-ia ao Tratado de Versalhes, no qual do majestoso edifício dos princípios wilsonianos não ficou pedra sobre pedra”⁵²⁹.

E deixando o dedo indicador dentro do livro fechado, para marcar a página, prosseguiu o mestre:

– A civilização Norte Americana teve e tem seus altos e baixos, como todas as demais. Mas, se o Norte-Americano, afeito como é ao trabalho e ao ganhar dinheiro e, sobretudo o do passado vivia puritanamente, logo, sem muitos gastos, que era feito do dinheiro acumulado? Acaso ia para fazer mausoléus ou pirâmides? “Nada de mármore imponentes, de legendas dilacerantes, de saudades irreparáveis. Em lugar do cemitério tradicional, evocativo, grave, oprimente, um simples campo repousante, dificilmente distinguível de um parque ou de uma pista de golfe”⁵³⁰. Então, que é do dinheiro? Pois todo ou boa parte do dinheiro foi para a fundação e manutenção de universidades, em cuja fachada vai as iniciais do nome do morto. “Ao morrerem, esses duros capitães de indústria, esses impermeáveis banqueiros, esses autocratas para quem o dinheiro parecia a única preocupação, legam toda a fortuna ou parte dela a hospitais, a universidades, a obras de benemerência social indiscutível”⁵³¹. É assim que, juntamente com um George Washington, com um Abraão Lincoln, com um Woodrow Wilson, com Franklin Delano Roosevelt, se perpetua a memória de um Henry Ford, de um Andrew Carnegie, de um John Rockefeller. Inútil será procurar seus nomes nos mausoléus de Cária, nos caixões de pórfiro posto às costas de elefantes... E na vida social ou privada, o norte americano é alegre, comunicativo, não fala nem de miséria nem de doenças; suas alegrias são partilhadas coletivamente, porém as dores, não. “Valente, piedoso, ágil, trabalhador, dócil e brando com os humildes, amigo e protetor dos animais – não esquecer este aspecto, que é importante – arrogante até à insolência com os poderosos, nenhuma virtude lhe deve faltar”⁵³².

526 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 211 - 212

527 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 213

528 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 213

529 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 213

530 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 215

531 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 209

532 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 219

E após uma pausa para a reflexão, em que o pensador reunia novas idéias, continuou:

– Até o fim da Idade Média, economia e ética não se excluíam, e antes, a economia estava subordinada à ética. “Compreende-se: o capitalista, enquanto capitalista, só pode ser católico pela metade. Um católico, como capitalista, será sempre um capitalista canhestro. Em ambos os casos estaremos em presença de um *cisma da alma*, este cisma que, além de dar lugar ao triunfo do capitalismo dos povos protestantes, será o grande responsável pela decadência dos povos peninsulares. Paradoxalmente – e este é um paradoxo que o materialismo histórico não explica – esta tendência vai começar no momento exato em que portugueses e espanhóis põem a mão nas mais fabulosas fortunas que o Ocidente jamais conheceu”⁵³³. “Enquanto os protestantes, sobretudo os calvinistas, com a colaboração dos judeus expulsos da Península, na Inglaterra, na Alemanha, nos Países-Baixos, na Suíça e, em menor escala, na França e na Bélgica, vão estabelecer a lei da oferta e da procura, da livre concorrência, inventar a letra de câmbio, os títulos ao portador, reabilitar os juros, fundar as companhias por ações, enfim, plasmar as condições econômicas do mundo moderno, a alma católica de portugueses e espanhóis, preparada para o heroísmo e a fé, vai debater-se entre a ambição de riqueza, cuja manipulação entregara anteriormente aos judeus para não por em risco a própria salvação, e o direito canônico, numa indecisão que deveria durar quatro séculos e que só acabaria – se é que tenha de todo acabado – quando, pela internacionalização do capital, os povos protestantes, sob pressão, obrigassem Espanha e Portugal a aceitar as suas regras”⁵³⁴. Por esta época, em assuntos econômicos, “dir-se-ia que Portugal e Espanha estavam apostando em ver qual dos dois praticaria maiores desastinos”⁵³⁵. Essa consciência francamente ainda medieval dominou os primórdios de nossa colonização. “Era a Idade Média, superada na Europa, que se prolongava de mil formas na América Latina: na arquitetura, na escultura, na pintura, na legislação, nos costumes”⁵³⁶. Com a Renascença, o individualismo se alastrou de maneira nunca vista, e foi então, que surgiu o amoralismo econômico em substituição da norma do lucro moderado medieval. O Renascimento e a Reforma, sobretudo a de Calvino, são responsáveis por isto: “Pela primeira vez, vemos o pensamento econômico abstrair-se das considerações éticas”⁵³⁷. Todavia, o mundo, inclusive o econômico, não pode caminhar sem uma ética, e a ética nasce, ou da religião, ou da filosofia. Ora, as filosofias realistas e idealistas não podiam fornecer uma ética que perdurasse depois de Darwin e Spencer cujas doutrinas, logicamente, não conduzem a moral nenhuma, a não ser a de Nietzsche. Como se vê, a descoberta dos fatos e provas da evolução pôs em cheque os princípios religiosos, cavando um abismo entre fé e ciência. E as filosofias atuais, chamadas novas, não são sistemáticas; aprofundam muitos assuntos sumamente interessantes, porém, não fornecem base nenhuma para a ética. Muitos são até pessimistas quanto ao fim da humanidade, achando que tudo vai levar a breca, e que mergulharemos, de novo, na barbárie.

E recostando-se, contente, na cadeira giratória, e com um sorriso nos lábios, prosseguiu o filósofo.

– De agora em diante, todavia, não será assim, pelo menos para vocês que me ouvem. Uma vez que a evolução se positivou como fato incontestável, a queda dos espíritos do *topos uranos* se impõe como uma necessidade inexorável para a sobrevivência da ética. Vista por este prisma, a economia terá de reformular-se, não mais em base do egoísmo, mas sobre os fundamentos do altruísmo. O interesse individual terá de harmonizar-se com o interesse coletivo. Viver para outrem não será uma frase oca, vazia, suspensa no ar, como ocorreu na doutrina de Augusto Comte. Será uma imposição a todo o sujeito que pensa, porquanto a sua desinversão, a sua salvação, a sua felicidade não se realizará a não ser através do amor. Tudo o que provocou a queda e mantém os homens separados, em conflito, em pé de guerra, será, paulatinamente, substituído pelos valores contrários. Isto é o que faltava: uma visão do mundo que abarque os dois meios ciclos, o involutivo ou da queda, e o evolutivo ou da volta para o *topos uranos*, para Deus. Realizada a reforma do homem, operada a sua desinversão de dragão em anjo, qualquer

533 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 84

534 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 84 -85

535 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 85

536 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 87

537 Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, 16

doutrina econômica, ou política, ou religiosa será boa, porque o egoísmo, este pecado original por excelência, estará superado pelo seu princípio contrário, o altruísmo, que quer dizer amor. Então podemos antever uma humanidade sem pátrias que as separem, unificadas por uma só língua, o Esperanto, sem guerras, e com uma só bandeira que enxergo branca, com um estrela verde ao centro, e no meio desta a pombinha branca da paz com seu ramo de oliveira no bico. Cada povo terá duas línguas: a nacional e o Esperanto; a primeira para uso cotidiano, sujeita às inovações e acomodamentos; o Esperanto será fixo, como o quis, sabiamente, Zamenhof, e só se enriquecerá de novos e necessários termos, depois de propostos e aprovados pela academia mundial. Ninguém terá o direito de criar vocábulos novos, exceto aqueles das combinações, já previstos pela própria língua internacional. E quando se diz que o Brasil será o coração do Mundo e a Pátria do Evangelho, não se faz uma afirmação gratuita. “De efeito, se nos perguntassem qual o aspecto mais alto, mais edificante e significativo da civilização brasileira, não teríamos a menor dúvida em indicar a quase inexistência de problemas raciais intransponíveis”⁵³⁸. E este, que quase inexistente para o Brasil, é o maior problema dos Estados Unidos, porque será impossível que os brancos lá se miscigenem com os pretos, ou que estes sejam, de novo, devolvidos à África. Neste sentido de discriminação racial, o Brasil desenvolveu-se em progressão geométrica, no passo que os Estados Unidos não o fizeram, efetivamente, em quase nenhuma progressão. Não há dúvida nenhuma que a formação católica do Brasil, quanto à confraternização racial, o colocou na dianteira em relação à América do Norte de formação protestante calvinista. A América do Norte pode ser mais rica, mais poderosa, do ponto de vista material, do ponto de vista econômico, pronta, por isto, para lutar e vencer no sentido darwiniano da força. Acontece, porém, que o homem terreno está em via de desanimalizar-se – este, o seu destino – donde vem que ser maior no mundo do bruto, é estar atrás. Trocando-se os sinais da equação, o que era mais fica menos; e quanto maior era no mais, tanto maior fica no menos, o que vale dizer, mais próximo da nulidade absoluta, que é o menos infinito da escala relativa de valores. E há mais isto: como o Estados Unidos acreditaram na força do seu ouro, das suas armas, da sua técnica, criaram este determinismo histórico que tem de ser esgotado, agora, na terceira guerra, a maior e mais calamitosa que o mundo jamais viu. E porque a grandeza do Brasil se mede noutra dimensão, pouco ou nada terá a ver com essa guerra que virá. O Brasil sempre foi pela paz, e todos os seus problemas de fronteira foram resolvidos pacificamente; até a dívida de guerra do Paraguai foi perdoada, e não há nenhum ressentimento contra aquele povo irmão.

– Mas essa guerra não poderá ser evitada, perguntou Chilon Aquilano.

– Não.

– Por que?

– Porque um recipiente prestes a derramar-se, não se esvazia pondo-se nele mais água.

Resolver o problema da paz pela força, pela corrida armamentista, é pôr mais água no vaso já cheio. A máxima romana que diz: “se queres a paz, prepara a guerra”, já mostrou, na história, o seu resultado. Por isso a terceira guerra é inevitável. Os povos que acreditaram na força, serão traídos por ela, porque a força é a fantasiosa crença do demônio. Conquanto a história não possa ser prevista, por causa de nela não haver exatidão, nem clareza, nem lógica, nem calculabilidade, em grosso, porém, ela se prevê. Uma vez postas em ação as causas, os efeitos não poderão ser evitados, assim para os indivíduos, como para as sociedades, povos e nações. O mundo creu demais na força e na astúcia, para que agora não colha os frutos inexoráveis. Todos tremem de medo da guerra, mas o caminho para evitá-la, está errado. As discussões pró desarmamento ficam só em palavras, causando riso a toda gente, porque, no fundo, o que cada um quer é enganar o outro, donde vem este paradoxo: a par dos tratados pró paz, armam-se, cada vez mais, as nações. Logo, o que cada um quer é que o outro acredite na mentira, e se desarme. “Jogue o teu pinga fogo no chão, e brigue que nem homem!” – disse um bandido ao outro. E pensando este que a briga era para ser corpo a corpo, por meio de socos e pontapés, jogou fora o revólver. Então, o primeiro muito comodamente, sacou de sua arma e disparou, matando o adversário. Deste modo, quando as forças se igualam, o desempate terá de fazer-se pela astúcia... pela mentira. Todavia, sendo os dois matreiros, ardilosos, um recurso só se lhes antolha: o choque, a

destruição e a morte de ambos. Por tudo isto, meu Chilon, acho que a terceira guerra será inevitável.

– O senhor é muito pessimista – interveio Alcino Licas.

– Sou-o, e não o sou. Ninguém mais pessimista que eu, no que concerne à vitória pela força, se considerada a longo prazo; e ninguém mais otimista, no que se refere à vitória da justiça e do amor. Por muito tempo ainda teremos o desgosto de ler nos jornais cabeçalhos assim: “Vila Guilherme, Século XX: homem apodrece sob a ponte”. Trata-se de um tuberculoso, abandonado pelo poder público, cheio de bernes e de bicheiras. (Diário da Noite Nº 12.886 – 20-09-67). Ou então, pelo mesmo jornal: Criança de três anos morta pela própria mãe, com três foçadas, uma no pescoço e duas na cabeça, porque... mexeu na lata de açúcar.

E por certo tempo Árago manteve no rosto a expressão de asco, de nojo; porém, depois, tornando pouco a pouco ao seu normal, prosseguiu, com o que vinha dizendo:

– A guerra é inevitável, porque a besta humana, o homem dragontino que somos, terá de ser virado pelo avesso. Contudo, um dia, as técnicas estarão tão evoluídas, que não será mais necessário, como agora, a matança dos animais, pelo menos dos animais; gigantescos laboratórios industriais farão a síntese dos compostos químicos, produzindo todos os alimentos artificialmente. Não haverá estradas longas como agora, porquanto todo o tráfego far-se-á pelo ar. Florestas imensas cobrirão a face da Terra, e nelas habitarão animais respeitadores do homem. A superprodução industrial será eliminada por menos horas de trabalho, e todos terão tempo para enriquecer-se da cultura, da estética e dos valores morais. A jardinagem será “*hobby*” de milhões, e ninguém será obrigado a um trabalho de que se desagrada. Todo o trabalho será um flunar criador, como já o disse num destes nossos serões. Nenhum sentimento será maior do que o profundo respeito pela dignidade humana, e o da certeza de que os homens são e serão diferentes para se integrarem como unidades complementares na formação de novas unidades coletivas mais altas, mais complexas e maiores. Haverá também, depois disto, o respeito profundo pela vida, e o homem se envergonhará no dia em que, fazendo uma violência contra um animal, com isto dê a si mesmo prova de força. A força estará banida, para sempre, e em seu lugar reinarão, entronizadas, a Justiça e o Amor. Neste mundo que virá, tenho disto a mais absoluta certeza, Cristo será o modelo do super-homem, a ciência e a fé estarão para sempre irmanadas, e os templos da veneração a Deus, serão vastas universidades, circulares, rodeadas por jardins floridos. Tratar-se-ão ali de todos os saberes, e a filosofia estará, de novo, no pináculo, como rainha de todas as disciplinas do espírito. Da escola de filósofos sairão os melhores para todos os postos de comando político, como sonhara Platão, o filósofo do futuro (Huberto Rohden). O mais alto poder estará enfeixado nas mãos dos detentores da mais alta sapiência, não particular, específica, filamentar, porém geral, enciclopédica, no mais vasto humanismo que possa a mente humana de então suportar; não se trata de erudição assombrosa, somente, de portentosa memória, mas de síntese suprema que tudo abarca e converge para a unidade Deus. E como a filosofia, todas as artes terão este sentido barroco de unidade e grandeza, porém, sem os aspectos negativos do barroquismo. Será um mundo sem misérias, sem dor nem guerras, o que nos espera em futuras reencarnações. Um mundo sem doenças, sem câncer, sem ladrões nem desonestos, em que os poderes psíquicos parapsicológicos e espíritas serão corriqueiros. O contato entre vivos e mortos será comum, e os fenômenos das aparições e materializações serão filmados com material infra-vermelho. Os fenômenos de voz direta dar-se-ão com o auxílio de sensíveis amplificadores eletrônicos, de modo que a potência das vozes poderá ser mínima. A morte será, para todos, um plácido adormecer, sem o desespero nem o medo animal. A genética terá penetrado o mistério dos gens, e nesta especialidade não haverá mais segredo algum. Banco de ovos humanos estarão abertos para os fornecer a quem os queira incubar, pois será melhor gestar um ovo bem dotado, geneticamente, do que gerar os filhos próprios geneticamente defeituosos. Este é o mundo róseo dos meus sonhos, e para lá me dirijo desde agora, conforme me permitem as contingências humanas atuais. Oxalá, vocês, aqui, me queiram acompanhar!

E dizendo isto, deu o mestre mostras de ter concluído os estudos deste dia. Então, a pequena assembléia tumultuou-se, por causa dos vários assuntos que os grupos isolados passaram a tratar. Pouco a pouco cada um se foi embora, e, por último, Chilon. De longe, este,



ainda, olhando para trás, via a sala de Árago toda iluminada, pois o filósofo se deitava sempre muito tarde. De certo ficara meditando no belo mundo dos seus sonhos, na sua linda utopia cor de rosa.

AUTORIZAÇÃO

A Associação Filosófica "Luiz Caramaschi", na pessoa de seu Presidente, Senhor Douglas H. Ribas autoriza a publicação, ou seja, a inserção da obra escrita pelo Professor e Filósofo Luiz Caramaschi, por meio eletrônico na página www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal, onde poderá reproduzi-la, em particular mediante cópia digital, impressa ou qualquer que seja o meio a ser utilizado, sendo que também autorizo armazená-la permanentemente na biblioteca digital do Domínio Público, sem restrições de acesso pelos visitantes do site, objetivando colocá-la ao alcance do público e permitir a quem a ela tiver acesso que a reproduza, seja extraíndo cópia ou conforme critério estabelecido pelo administrador do site www.dominiopublico.gov.br

do Governo F



Associação Filosófica "Luiz Caramaschi"
Praça Arruda, 54 – Caixa Postal 44 – Fone (14) 3351.1900
18800-000 – PIRAJU – SP
CNPJ – MF – 50.846.096/0001 – 81

Est

AUTORIZAÇÃO

A Associação Filosófica "Luiz Caramaschi", na pessoa de seu Presidente, Senhor Douglas H. Ribas autoriza a publicação, ou seja, a inserção da obra escrita pelo Professor e Filósofo Luiz Caramaschi, por meio eletrônico na página www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal, onde poderá reproduzi-la, em particular mediante cópia digital, impressa ou qualquer que seja o meio a ser utilizado, sendo que também autorizo armazená-la permanentemente na biblioteca digital do Domínio Público, sem restrições de acesso pelos visitantes do site, objetivando colocá-la ao alcance do público e permitir a quem a ela tiver acesso que a reproduza, seja extraíndo cópia ou conforme critério estabelecido pelo administrador do site www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal.

Estância Turística de Piraju, 10 de maio de 2010.

DOUGLAS H. RIBAS
Presidente da Associação Filosófica
"Luiz Caramaschi"

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)